R
5549

# PRIMICIAS EVANGELICAS,

OU

## SERMOENS, E PANEGYRICOS

Do P. D. RAFAEL BLUTEAU, Clerigo Regular da Divina Providencia, Doutor na sagrada Theologia, Prègador da Mageſtade da Rainha Mãy d'Inglaterra, & Calificador do Santo Officio no Reyno de Portugal.

## PARTE SEGUNDA.

*OFFERECIDA*

A HUMA

DOUTISSIMA, PODEROSISSIMA, E VIRTUOSISSIMA PRINCEZA.

Boa Viage
R/ 5549
BIBLIOTECA REGIONAL DE LISBOA

LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES.

Na Rua da Figueira. M. DC. LXXXV.

*Com todas as licenças neceſſarias, & Privilegio Real.*

# PRIMICIAS EVANGELICAS;

OU

SERMOENS, E PANEGYRICOS

DO P. D. RAFAEL BLUTEAU, Clerigo Regular da Divina Providencia, Doutor da Sagrada Theologia, Prégador da Magestade da Rainha Mãy d'Inglaterra, & Calificador do Santo Officio no Reyno de Portugal.

## PARTE SEGUNDA.

OFFERECIDA

A HUMA

DOUTISSIMA, PODEROSISSIMA, E VIRTUOSISSIMA PRINCEZA.

LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES.

Na Rua da Figueira. M. DC. LXXXV.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.

# A LIVRARIA

DO

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

# LVIS DE SOVSA,

ARCEBISPO DE LISBOA,
Capellaõ Môr de S. Mag. do ſeu Conſelho de Eſtado, &c.

## ORAÇAÕ DEDICATORIA.

*DOVTISSIMA, PODEROSISSIMA, E VIRTUOSISSIMA PRINCEZA.*

SE he licito aos Coſmografos, repreſentar nos A.
ſeus Mapas a Europa, a Aſia, & as mais partes do Mundo, com figura de molheres, & com Mageſtade de Rainhas, naõ me pòde a Arte Oratoria negar, que debaxo de outra ſemelhante metafora, manifeſte a ſoberania das voſſas prerogativas, & juntamente os motivos, que me obrigaõ, a que buſque a ſombra do voſſo illuſtriſſimo patrocinio.

trocinio. Com profunda ſumiſſaõ pede eſte Livro ſer admitido no numero dos voſſos ſubditos, reconhecendo, & confeſſando, que para conſeguir eſta gloria, naõ tem outro merecimento, que o ſer Livro. Mas ſe o mais infimo Plebeyo, naõ he menos ſubdito de ſeu Principe, que os Magnates da Republica; no meyo deſſes mageſtoſos volumes, que ſaõ como as columnas de voſſa diſcreta Monarquia, naõ perde eſte humilde vaſſallo, o merecimento de ſua obediencia. No vaſtiſſimo entendimento de Salamaõ, que foi huma viva livraria de tudo oque ſe pòde ſaber, teve a humildade do Hyſopo, o ſeu lugar entre os Cedros do Libano, & dos ſeus livros, em que ſe repreſentaõ as Aguias, naõ ficáraõ excluidas as formigas. Naõ eſtranharâ o titulo de Princeza, com que meu reſpeyto vos venera, quem ſouber, que illuſtre, & antiga he a origem dos livros. O ſaber, he a luz do Entendimento, & eſta fecunda luz, he a mãy, de que todos os livros ſaõ filhos. Nacem os livros como os homens: Primeiramente com idéas confuſas, ſe começa a delinear nos borradores, o Embriaõ, que com o calor da imaginaçaõ ſe anima, & com ſolidas eſpeculaçoens ſe alimenta, & vai crecendo; diſtingue o juizo as partes, & com erudita proporçaõ as organiza. Formado pois, & acabado o livro, ſahe à luz, tendo por cabeça, o frontiſpicio; por corpo, a materia de que trata; & por alma, a verdade. As regras, ſaõ as veas, a tinta, he o ſangue, a Imprenſa, he o berço, & as folhas ſaõ as mantilhas. As noticias, que encerra, ſaõ os ſeus olhos; a doutrina, he o ſeu leite; & o Doutor, que o approvou, he o ſeu padrinho; falla, ſabe, & enſina deſde a infancia, & aindaque velho, naõ caduca. Naõ eſpera, que lhe façaõ perguntas; reſponde primeiro, que o conſultem. Sempre diz o meſmo em todo o tempo, & por muito que o importunem, naõ ſe moleſta; a todos abre igualmente o peito, & he taõ ſincero, que nelle ſe fazem viſiveis os penſamentos. Eſtas ventajens levaõ as producçoens d'alma ás do corpo, & por iſſo diſſe Plataõ, que os livros ſaõ partos

Plato lib. 7. Epiſt.

tanto

tanto mais nobres, quanto ſuperior he ao corpo, o entendimento. Naõ há logo origem mais illuſtre, que a dos livros, porque o ſaber lhe dá o ſer, & o ſaber he a luz d'alma, ſem a qual nada ſe vé, porque nada ſe ſabe.

Em quanto pois à antiguidade, he certo, que houve livros, deſde que houve entendimentos. Naõ fallo de Deus, que he hum livro eterno, em que ſe encerra tudo o que ſe pôde ſaber; nem fallo dos Anjos, em que Deus, no inſtante em que os criou, imprimio todas as ciencias. Mas digo, que Adaõ, que neſte Mundo elemental foi o primeiro inventor das ciencias, & das letras, foi o primeiro author dos livros, porque deixou eſcritas muitas leys, & documentos para a inſtrucçaõ da ſua poſteridade; & eſcreve Joſeph no primeiro livro de ſuas antiguidades, que os filhos de Seth (que foi filho de Adaõ) eſcrevéraõ em duas columnas os principios, & regras fundamentaes da Aſtronomia. Eſcrevéraõ depois os Antigos a ſua doutrina nas caſcas das arvores, & nas pelles dos animaes, & eſtas caſcas, & pelles tinhaõ lugar de livros, que ſe naõ eraõ taõ commodos para o uſo, como os noſſos, naõ eraõ menos cientificos para o enſino. Muitos annos antes que foſſe inventado o papel, ſe fizeraõ muitas livrarias, de que ainda hoje faz mençaõ a Hiſtoria. O primeiro Rey, que teve eſta utiliſſima curioſidade, foi Oſymanduas Rey do Egypto. Na Perſia, foi celebre a Livraria Syſiana; naõ foi menos memoravel a Livraria Attalica na Aſia menor, a Alexandrina no Egypto, & a de Piſiſtrato na cidade de Athenas. No principio de ſeu Imperio, prevaleceo nos Romanos a profiſſaõ das armas, à liçaõ dos livros; naõ attendéraõ a enſinar, mas a ſojugar o Mundo, preferindo ſua bellicoſa ambiçaõ, a eſtrondoſa conquiſta dos Reynos, à pacifica milicia dos entendimentos; mas conhecendo no progreſſo





*Adam, ut homo Dei manu effictus, & hujus ſunt Artes, & litteræ, hujus ſcientiæ rationales. Et* Suidas, *verbo, Adam.*

*Primus homo, & Patriarcha totius generis humani, litteras divinâ inductione reperit.* Theodorus Bibliandus *Commentar. de litteris cap. de Gr. gramat. & litteris In Bibliotheca Vaticana, è regione primæ columnæ Paraſtaticæ à tergo introitus Bibliothecæ, pictus eſt Adam, & ad ejus pedes inſcriptio Latina in hanc legitur verborum formam: Adam divinitus edoctus, primus ſcientiarum, & litterarum inventor.* Angelus Roccha, *à* Camerino, *commentar. in Biblioth. Vatican. Reperimus ante diluvium Noe, apud eos omnino fuiſſe uſum litterarum, Joſeph enim in 1. Antiquitatum cap. 4. tradit filios Seth, qui fuit filius Adæ, in duabus columnis diſciplinam rerum cæleſtium conſcripſiſſe.* Polydorus Virgilius lib. 1. cap. 6.

Diodor. lib. 1. Metasthenes in Histor. *Patebant enim omnibus Bibliothecæ, & in porticus adjectas, atque exedras, Græci præsertim recipiebantur, qui velut ad musarū ædem eò ventitabant, tempusque inter se jucundè traducebāt ab alijs curis liberi.* Plutarchus & Lucianus *ad indoctum.*

dos annos, a utilidade das letras, convertéraõ as praças de Roma em publicas livrarias, em que todas as naçoens, & principalmente os Gregos vinhaõ a refazerse dos tributos, que pagavaõ, com as noticias, que acquiriaõ, & com engenhosas competencias enganavaõ a dôr da perdida liberdade. Estas antigas Livrarias foraõ como os Chefes da geraçaõ, & os troncos da descendencia de todas as Livrarias, que hoje vemos na Europa, taõ crecidas no numero, & taõ pomposas na magnificencia, que nellas naõ tem os olhos menos que ver, que os engenhos. Entre todas as deste Reyno, as vossas préminencias vos daõ a coroa, & a minha admiraçaõ vos tributa os encomios, com que tenho celebrado o lustre, & a antiguidade da vossa nobreza, & agora começo a formar o Panegirico, da doutrina, poder, & virtude, que em vós reconheço, paraque conste, que a verdade, & naõ a lisonja, vos deu nas minhas primeiras palavras, o titulo, de Doutissima, Poderosissima, & Virtuosissima Princeza.

C.

*Salamon enim sapientiam, nec principio sui habuit, nec in fine possedit; &c. Postea aversus à Deo nō quasi sapiens, sed quasi insipiens, lapsus est, ut offende-*

Primeiramente, taõ douta sois, que nem Pythagoras, nem Plataõ, nem Aristoteles, souberaõ o que sabeis, porque com a doutrina dos Padres da Igreja, dos Escriturarios, & dos Theologos, alcançais os mais profundos misterios da Fé, ignorados de todos os Filosofos da Gentilidade; & he taõ grande o vosso saber, que naõ só estais capaz para soltar os Enigmas de outra Rainha Sabâ, mas podeis satisfazer à curiosidade de todos os sabios, & o mesmo Salamaõ, se vivera, podéra envejar a vossa doutrina. Salamaõ, naõ naceo douto, só depois de adulto, teve ciencia infusa, & antes de morrer, ficou eclipsada a luz do seu saber, em castigo das suas culpas; naõ assim a vossa doutrina, porque nacestes com ella, & taõ fóra está de se diminuir, que sempre vai crecendo com a multidaõ dos livros, que continuamente vos communicaõ novas, & peregrinas noticias. Naõ seguistes já a errada opiniaõ, dos que imaginaõ, que poucos livros bastaõ para hum sabio, & que huma grande Livraria, he hum Caos, em que só

reyna

reyna a desordem, & a confusaõ. Foi o Caos, hum borrador dos debuxos da natureza, huma junta de entidades imperfeitas, hum embaraço de formas errantes, & huma muda tempestade de calidades opostas; este (dizem elles) he o retrato de huma grande Livraria, em que a diversidade dos Authores, & das opinioens torna a pôr toda a natureza em confusaõ: Huns enganaõ a razaõ com sofismas, & saõ os Logicos; outros suspendem o juizo com controversias, & saõ os Theologos; definem os Fisicos em muitas maneyras a mesma essencia; os Medicos mais sagazes, naõ conhecem bem os simples; os Metafisicos fazem das realidades, quimeras, & os Astrologos fazem mentir as estrellas. Contaõ os Chronistas o tempo, por Lustros, por Olimpiadas, por Cyclos solares, & lunares, por indicçoens, por seculos, & com os seus computos, & Ephemerides opprimem a memoria, & saõ tantos, & taõ variamente interpretados, os Textos, os Codices, os Canones, Estatutos, Ordenaçoens, Pragmaticas, pontos Legaes, Digestos, & Pandectas dos Jurisconsultos, que no meyo de todas as suas Leys, se naõ sabe, que Ley se hâ de seguir. Quanto melhor lhe estivera ao sabio, o estar fóra destes curiosos embaraços, & naõ entrar em hum laberinto, de que nem com o fio de huma vida dilatada, poderá finalmente achar a sahida.

*ret, offendit in tantum, ut quod meruerat, amitteret.* Ambrosius Apolog. 2. pro David.

Estes, & outros semelhantes argumentos, solidos na apparencia, mas na realidade vaõs, & aereos, saõ nevoas, que a ignorancia levanta, & a enveja espalha, para offuscar a vossa gloria; mas como taõ entendida, naõ podeis ignorar, *Doutissima Princeza*, que o entendimento do homem he taõ vasto como o seu coraçaõ, & que assim como todas as riquezas da terra, naõ podem satisfazer à ambiçaõ do coraçaõ humano, assim todas as noticias do Mundo, naõ podem encher a capacidade do humano entendimento. He a multidaõ dos livros taõ necessaria, que o Author da natureza fez neste Mundo, huma livraria taõ grande como o mesmo Mundo, porque todas as criaturas,

D.

saõ livros em que se lem, & se divisaõ os attributos da Divindade, & as mais pequenas, saõ como Epitomes, & compendios (admiraveis, ainda que imperfeitos) de alguma das infinitas perfeiçoens divinas. Muitas cousas no Mundo saõ necessarias, que a nossa ignorancia podéra julgar superfluas; para alumiar a noite parece que bastava a luz da Lua, mas para este effeito sabía Deus, que tambem as estrellas eraõ precisas, porque alumiando ensinaõ aos navegantes as distancias, & as alturas, aos Medicos a tempestiva applicaçaõ dos remedios, & com douto silencio manifestaõ aos Agricultores o tempo, em que devem exercitar a arte de repartir, quando semeaõ; de acquirir, quando colhem; de fundar, quando plantaõ; de confederar, quando enxertaõ, & de castigar, quando podaõ; & ainda que muitas estrellas naõ servissem para outra cousa, que para fazer numero, este numero innumeravel de celestes luminarias, he huma lustrosa demostraçaõ das infinitas excellencias divinas: Atè as Estrellas de malignas influencias, ainda que nocivas, naõ saõ superfluas, mas antes saõ necessarias, como instrumentos da divina justiça, & executoras dos castigos, que merecem as nossas culpas. Tambem naõ hâ livro totalmente superfluo, porque (como advirtio Plinio) naõ hâ livro taõ mao, de que naõ possa o leitor tirar alguma utilidade, aborrecendo o mal, que nelle descobre, ou descobrindo nelle alguma noticia, que ignorava.

*Luminare minus, ut præesset nocti, & stellas. Genes. 1.*

Plin. de Avunculo suo lib. 3. Epist. 5.

E. A estas razoens se acrecenta, que sendo tantas as Ciencias, & Artes liberaes, & mecanicas, sobre que se pôde escrever, quantas saõ as em que se póde fallar, qualquer palavra, qualquer syllaba, & letra póde dar materia para muitos volumes. Naõ pôdem os homens imitar a Deus, que diz tudo em huma palavra. Na palavra eterna, que he o Verbo, diz o eterno Pay tudo o que se pôde dizer, mas nem todos os livros dos homens, nem dos Anjos (se quizessem escrever) pôdem explicar o que nesta unica Palavra Divina se encerra. Demaneira que entre os

livros

livros de Deus, & os dos homens, hâ eſta differença, que huma ſô palavra de Deus, he hum livro, que diz tudo, & hâ palavras, que os homens naõ pôdem explicar com muitos livros. Qualquer aſſumpto, por vaõ, & frivolo que pareça, pôde ocupar toda a Arte, & eſgotar toda a facundia dos mais inſignes Eſcritores. Que couſa mais eſteril, que o nada? Em o nada achou Scockio ampla materia para hum livro; que couſa mais pequena, que hum ponto? Sobre os louvores do Ponto, eſtendeo Martinho del Rio, a circumferencia de ſeu vaſtiſſimo engenho. Illuſtrou Jano Douſa o ſeu nome, com o Panegyrico, que fez à ſombra. Nos encomios do lodo, apurou Antonio Majoragio a ſua eloquencia, & entre as obras, que hoje celebra a fama, ſe lem os Elogios, que o engenho de Celio Calcagnino fez à Pulga; a erudiçaõ de Ericio Puteano, ao Ovo; & a ſutileza de Felipe Melancton, à Formiga.

Martinus Delrius in Panegyr. 3. de Matre Dei in Cœlum aſſumpta.

Com eſtes, & outros deſpreziveis objectos, acreditáraõ muitos a gloria do ſeu ſaber, & em materias de muita utilidade, & importancia, oſtentáraõ outros a ſua engenhoſa fecundidade, com taõ prodigioſo exceſſo, que ſe a Hiſtoria naõ engana a noſſa credulidade, apenas baſta a vida de hum homem para ler as obras, que compuzeraõ. Affirma Laercio, que Teophraſto eſcreveo trezentos volumes. Eſcreve Suidas, que Chriſyppo compoz mais de ſetecentos; teſtemunha Seneca, que Didimo Grammatico fizera quatro mil, & Triſmegiſto compoz trinta & ſeis mil & quinhentos & vinte, & cinco livros (ſe queremos dar credito ao que diz Jamblico no primeiro livro dos Miſterios do Egipto.) Na minha opiniaõ, cada livro deſtes de Triſmegiſto, naõ era mayor que hum capitulo dos noſſos livros; mas como entaõ ſe naõ uzava de papel, eſcreviaõ os Antigos as ſuas obras nas membranas das Arvores, ou em pelles delgadas, & enrolandoas, cada huma por

F.

Laertius de Theophraſto. Suidas. Seneca Epiſt. 88.

*Quoniam verò libri, hoc eſt, tenuiores arborum cortices, chartarum olim uſum præbebant, codices ex iſtis corticibus compacti, libri dicti ſunt.*

*Veteres loco librorum, membranis utebantur, quas in Cylindrum convolvebant, ad caput, vel initium libri, id eſt, membranæ, eaſque cum legere vellent, revolvebant, & inſtar tabularum Geographicarum explicabant.*

Laurent. Beyerlinch. tom. 4. verbo liber, pag. 71. & 72.

*Libri enim antiquitus apud Hebræos unico folio cõstabant, erantque unica membrana oblonga circa axem ligneum circumplicata.*

Thomas Gianninius parte 2. cap. 17. de Cœli natura.

por si fazia livro, que de outra sorte, seria naturalmente impossivel, que no breve espaço da vida humana, se podesse compor huma taõ grande quantidade de livros, iguaes aos que hoje vemos. A estes livros dos Antigos, que a sua mesma antiguidade acabou, perdeo o Mundo as saudades, quando se vio succeſſivamente illustrado com as obras de muitos outros Authores, que escrevéraõ taõ bem, & tanto, que parece que a sua penna foi mais veloz que o tempo, & que cada instante da sua vida, foi hum relampago da sua doutrina. Naõ he preciso, que eu vos faça aqui o catalogo delles, *Doutissima Princeza*, porque consta, que os conheceis todos, & todos juntos formaõ dentro de vós hum espelho, em que os olhos, & os entendimentos vem, tudo o que humanamente se pôde ver.

G. Vemos a figura, & grandeza da terra, nos Geografos; os graos do Zodiaco, & o movimento dos Ceos, nos Astronomos; as varias impressoens do Ar, nos Meteorologicos; o nacimento das Fontes, o curso dos Rios, & a communicaçaõ dos Mares, nos Idrografos, & o Mundo todo nos Cosmografos. Vemos nos Herbolarios as virtudes dos simples, as essencias dos mixtos nos Quimicos, & Spagiricos, & a organizaçaõ dos corpos, nos Anatomicos. Vemos a origem, & a descendencia das familias, nos Genealogicos; as leys dos Reynos, nos Jurisconsultos, os succeſſos das idades passadas, nos Croniſtas, & os governos das Monarquias nos Politicos, & nos Poemas epicos, as illustres acçoens dos Heroes. Vé a Rhetorica as suas figuras nos Oradores; a Logica seus argumentos; & a Metafisica suas abstracçoens, nos Filosofos; a Fabula suas moralidades, nos Mythologicos; a erudiçaõ suas flores, nas Poliantheas; & a dirivaçaõ das palavras nos Etimologicos, & acha a innocencia as suas desculpas, nos Apologeticos; contempla a Architectura seus planos, nos Ichnografos; a Optica, Dioptrica, & Catoptrica, suas proporçoens, & distancias, & suas linhas diagonaes, & radicaes, nos que trataõ dos artificios da Perspectiva.

Apren-

Aprendeſe o uzo, & applicaçaõ de todos os medicamentos, dos Electuarios, Antidotos, & Alexifarmacos, nos livros da Farmacia, da Terapeutica, & nos da Medicina', Empirica, Methodica, & Dogmatica. Nos livros Theologicos eſtá patente toda a Theologia Natural, Poſitiva, Scolaſtica, & Moral, a Theologia Ortodoxa, a Canonica, a Exegetica, a Polemica, a Symbolica, a Myſtica', & a Demonſtrativa. Vemſe finalmente as determinaçoens da Igreja, nos Concilios; os Decretos dos Pontifices, nos Bullarios; as virtudes dos Santos, nos Agiologios; os documentos da vida eſpiritual, nos Aſceticos; a emenda dos coſtumes, nos Predicativos; as duvidas da conſciencia, nos Caſuiſtas; as provas da Fé, nos Controverſiſtas; os varios ſentidos da palavra de Deus, nos Interpretes; & o meſmo Deus, nas Biblias.

Todas eſtas couzas taõ diverſas na eſſencia, nas propriedades, nos accidentes, & nas circunſtancias dos tempos, dos lugares, das cauſas, dos meyos, inſtrumentos, & peſſoas, naõ cabem em todos os livros, que atè agora ſahíraõ a luz, & aindaque muitos delles tratem a meſma materia, em todos ſe acha alguma variedade, de que ſe pôde tirar algum proveito. Cada ciencia he hum mar, que os Authores navegaõ por differentes rumos, & alturas; huns largaõ as velas, & em profundas eſpeculaçoens engolfados, ſe fazem ao alto; outros menos confiados vaõ coſteando, & da terra firme de huma ſolida doutrina, naõ ſe apartaõ; huns abaxando as antenas, correm à arvore ſeca, ſem ornato de palavras, & outros com galhardetes, & com vellas Latinas, oſtentaõ a elegancia do Eſtilo. Eſtes dobraõ os cabos, acabando com todas as difficuldades, que ſe lhe oppoem, & aquelles vaõ dando voltas, & fugindo as contendas, continuaõ a viagem com bonança. Eſtes levaõ as drogas mais finas, para ſatisfazer à curioſidade dos Genios, & aquelles com mercadorias mais baratas, ſe acommodaõ à capacidade dos engenhos. Logo eſta taõ grande diverſidade de Authores ſobre a meſma materia, naõ



ſô

ſò naõ he ſuperflua, mas neceſſaria, & quizera eu, que os que neciamente a condenaõ, converteſſem o rigor da ſua cenſura, contra criminoſas ſuperfluidades, que o Mundo cegamente acredita. Quantos exceſſos introduzio o luxo, & quantas demaſias excogitou a gula? Pouca laã fiada, & tecida, baſta para veſtir hum homem, & hoje para eſte effeito, naõ baſtaõ, nem ſedas mais finas, que as obras de Arachne, nem telas mais ricas, que o vello de Jaſon, nem bordados em que os primores da arte, ſaõ mais precioſos que o ouro. O veſtir, que foi dado ao homem para huma luctuoſa lembrança da perdida innocencia, he agora o eſtandarte da ſoberba, & o abrigo de muitas culpas, & he eſpectaculo digno de laſtima ver criaturas racionaes, prezas com manilhas, com gargantilhas, & cadeas, fazer gala da eſcravidaõ, em que vivem debaxo da tirania de ſua vaidade.

I. Para o ſuſtento pois do corpo, pouco baſta, & pouco mais que nada, em comparaçaõ do que conſome a inſaciavel voracidade da intemperança. Naõ há Elemento, de que a gula naõ tire víctimas para as ſacrificar ao goſto; ao Ar tira as Aves, à terra os frutos, ao mar os peixes, & o fogo he o miniſtro, & o verdugo, que com proporcionados tormentos ſazona as delicias da boca. Regalaſe finalmente, & fartaſe o corpo, & fica a alma em jejum, ſem alimentos, porque ſem noticias, & ſem noticias porque ſem livros; naõ ſe repara em gaſtar patrimonios em banquetes, ſò ſaõ curtos os bens da fortuna, quando ſe trata do ſuſtento d'alma. Que glorioſamente condenáraõ os ſabios a necedad deſta avareza! Comprou Plataõ os livros de Filolao Crotoniata, com o dinheiro de que neceſſitava para o ſeu proprio ſuſtento, & naõ reparou Ariſtoteles em comprar caro, os poucos livros de Speuſippo Filoſofo; celebra Plutarco a liberalidade, com que Lucullo gaſtava em livros, os ſeus teſouros. Affirma Cicero, que mais eſtimava huma copioſa livraria, que todas as riquezas de Craſſo, & eſtranhando o Emperador Antonino, a bruta curio-

Plato in magna rei numerariæ difficultate, Philolai Crotoniatæ libros, centum nummis mercatus eſt. Gellius lib. 3. cap. 17.

M. Craſſus P. Craſſi Conſoris fi-

curioſidade dos que ſe recreaõ com caens, paſſaros, & cavallos, dizia, que ſô os Livros tem cabedaes para ſolidos, & engenhoſos alivios. Eſtes ſaõ, *Doutiſſima Princeza*, todo o voſſo entretenimento, & juntamente todo o voſſo ſer, & em vós eſtá o ſer, taõ identificado com o ſaber, que o voſſo ſaber, he o conſtitutivo do voſſo ſer. E na verdade, que outra couſa ſois, ſenaõ hum theſouro, huma mina, hum theatro, huma ſcena, huma repreſentaçaõ, & hum hoſpicio de todas as ciencias? Nas caſas, que occupais, vemos todas as faculdades repartidas em claſſes; todas as diſciplinas vos pagaõ tributo, & todas achaõ em vós, o ſeu Azilo. Illuſtrais as idéas dos Antigos, com as experiencias dos modernos; naõ ignorais, ſenaõ o que naõ he digno de ſer ſabido, & naõ ſabiaõ os ſete Sabios da Grecia, o que ſabeis, nem o Areopago de Athenas, nem Minerva, nem Apollo, nem as Sybillas, nem todas as Muſas do Parnaſo, podem fazer paralelo com a immenſidade do voſſo ſaber; naõ neceſſitais de meſtre para aprender, & ſem memoria, & ſem lingua, eſtais ſempre repetindo, o que no ſeu tempo diſſeraõ os mayores homens do Mundo. Com ſeres taõ grande, & taõ vaſta, parece que ſois hum puro eſpirito ſem corpo, porque até os Livros, que chamais corpos, ſaõ partos do entendimento, & muytos Livros do meſmo Author, no voſſo eſtilo, ſaõ hum jogo, como ſe o enſinar a todos, fora para vós hum paſſatempo. Mas já he tempo, que dos encomios da voſſa doutrina paſſemos à admiraçaõ do voſſo poder.

lius, Romanorum omnium ditiſſimus. *Plutarch. in ejus vita.*

Corpus Juris Civilis.

Corpus Juris Canonici, &c.

Em duas couſas conſiſte o poder dos Principes, nas riquezas, & nas armas, & ſendo eſta verdade taõ evidente, que naõ neceſſita de prova, para julgarmos da grandeza de voſſo poder, baſta, que vejamos as riquezas, que poſſuis, & as armas com que eſtais fortalecida para a defenſa da Republica. Em quanto ás riquezas, he certo o que advirtio Ariſtoteles no primeiro Livro de ſuas politicas, que a prata & o ouro, ſó na eſtimaçaõ dos que uſaõ deſtes metaes, ſaõ riquezas, & naõ por ſua natureza,

Ariſtoteles 1. Politicorum cap. 9.



porque

porque com muita prata, & ouro, pòde o homem neceſſitar de tudo o que he preciſo para o ſuſtento da vida, como ſuccedéo a Midas, que convertendo em ouro, tudo o que elle chegava a tocar com as maõs, no meyo de hum mar de ouro, carecia de huma gota de agoa para apagar a ſede; as riquezas naturaes, & verdadeiras ſaõ, como affirma o meſmo Ariſtoteles, todas aquellas couſas, que ſervem para alimento, conſervaçaõ, & regalo da vida humana, como campos, vinhas, gados, caſas, & alfayas, & a eſtas acrecento os Livros, porque para a lavoura dos campos, & adubíos das vinhas, ſervem os Livros da Agricultura; para a criaçaõ dos gados, os Livros que tratáõ da natureza, & propriedades dos Animaes; para a fabrica das caſas, os Livros da Arquitectura; & para a curioſidade dos moveis, & Alfayas, todos aquelles Livros, em que a induſtria dos mecanicos apurou, & enſinou a perfeiçaõ de ſuas Artes. De ordinario naõ procuraõ os ricos eſtas noticias, porque na mayor abundancia dos bens da fortuna, ſaõ taõ pobres de eſpirito, que ignoraõ o de que neceſſitaõ. Perguntando Dionyſio Tirano, porque razaõ os Filoſofos frequentavaõ as caſas dos ricos, & pelo contrario naõ buſcavaõ os ricos aos Filoſofos, diſcretamente reſpondeo Ariſtippo: os Filoſofos conhecem o que lhe falta, mas naõ ſabem os ricos o de que neceſſitaõ; aquelles conhecem, que lhe falta o comer, & nas caſas dos ricos buſcaõ o ſeu remedio, & eſtes naõ ſabem, que lhe falta o ſaber, & por iſſo deſprezaõ a companhia dos Filoſofos. Eſta he a razaõ, porque os grandes, em cujas caſas tudo abunda, & ſobeja, tem taõ grande falta de Livros; naõ trataõ de curar o ſeu achaque, porque naõ o conhecem, & ſabem taõ pouco, que ignoraõ a ſua propria ignorancia. Os Doutos os conſideraõ como o cavallo de Caligula cuberto com a purpura real, & declarado Collega do Imperio; que tambem a fortuna tem ſeus cavallos, em que os jaeſes das riquezas, & das honras, ſaõ o diſfarce de huma ſoberba irracionalidade; eſta pompoſa ſuperficie, cobre,

Ariſtoteles 1. Rhetoricorum cap. 5.

Laertius lib. 2. pag. 139. A.

cobre, mas naõ remedea as faltas do juizo; huma moldura dourada, naõ acredita as groſſarias de hum ruſtico pincel, & o ouro, aindaque potavel, naõ affina a rudeza do entendimento.

No meyo de ſuas riquezas, vive o rico ignorante em huma ſumma pobreza, naõ ſe podendo ſervir do que he ſeu, porque naõ ſabe; a ſua caſa, he hum navio cheo, & abarrotado, ſem leme, & huma fortaleza com a artilharia encravada; a ſua peſſoa naõ he menos inutil, que deſprezivel; naõ he capaz para exercitar officio algum militar, ou politico; he huma planta infructuoſa no jardim deſte Mundo, & huma citara deſtemperada, que perturba a harmonia da Republica; he hum ſino quebrado, que atroa, & naõ tange, & hum Relogio deſconcertado, que dá horas fóra de tempo; he o diſcredito da ſua familia, o eſcandalo dos amigos, a fabula do povo, o eſcarneo da Corte, & ſó pôde ſervir para mover a riſo, os que tem paciencia para o ouvir. O ſeu diſcurſo, he hum perpetuo delirio, com mais abſurdos, que palavras, & he taõ neciamente credulo, que facilmente ſe lhe dará a entender, que Penelope foi hum famoſo Capitaõ, que Catilina era huma mulher, & Triſmegiſto, hum monſtro; naõ fará eſcrupulo de crer, que os Cyclopes ſaõ hereges, & os Penates, almas do Purgatorio; que as Amazonas, ſaõ feiticeiras, & os Antipodas, Demonios. Em ouvindo nomear os Emperadores, & Authores antigos, imaginará, que Trajano, foi algum guapo; que Valente, & Valentiniano, foraõ dous eſpadachins; que Papiniano, era hum comilaõ, Farinacio, hum moleyro; Gordiano, hum balofo; & Marco Bruto, hum animal; acontecendo que ſe falle em Cidades, perſuadirſeha que Pera, he hum fruto; Damaſco, hum pano; & Praga, huma maldiçaõ; aſſim como houve, quem imaginou, que Donquerque, era hum Fidalgo Framengo. Chegandoſe a fallar em Rios, crerá que o Pactôlo, he algum mentecauto, que o Rhin, he huma parte do corpo humano; & o Tigris, huma fera. Naõ ſeraõ menores os deſacertos do ſeu juizo nas practicas, em M.

que

que ſe tratar das Hiſtorias, & das Fabulas; cuidará, que a batalha de Canas, foi hum jugar as canas; que o Cavallo de Troya, era hum galhardo Ginete; que as Furias ſaõ arremeços; & as Graças motejos; que a Ambroſia de Jupiter era huma Chriſtaã bautizada; & que os ſete Milagres do Mundo, foraõ prodigios obrados por algum Santo da primitiva Igreja.

N. Eſtas, & outras necedades, que parecem encarecimentos, ſaõ verdades, que a meſma experiencia manifeſta. Eſcreve Fulvio Frugoni, que conheceo peſſoalmente hum deſtes, que nomeando a Dionyſio Cartuſiano, dizia Dionyſio Cartaginez, & nomeando a Hannibal, dizia, Hannibal Cartuſiano, & demais tinha para ſi, que o Dionyſio, a que elle chamava Cartaginez, fora o inventor do papel, a que os Italianos chamaõ, *Carta*. A mim me ſuccedeo, que hum tal preſumido de Geografo, me diſſe, que Hollanda era huma linda Cidade, & Amſterdaõ, huma bella Provincia. Outro me perguntou, ſe Roma era muy diſtante d'Italia. Neſtes dias, em que ſe falla da guerra do Turco contra o Emperador, foi perguntado a hum amigo meu, em que parte de Roma, eſtá a Hungria: & ſei, que outro deu credito, aos que zombando affirmavaõ, que em Veneza, há hum palacio fabricado com taõ engenhoſa arquitectura, que accomphando o curſo do Sol, ſe vira todos os dias, do Oriente para o Occaſo, como Heliotropio. Que lindo papel fizera hum deſtes bromas em hum congreſſo academico? Que diſcretamente arrezoára, ſobre as Idéas de Plataõ, ſobre a Metempſicoſis de Pytagoras, os Atomos de Democrito, os Elementos de Euclides, a Theogonia de Heſiodo, a Ciropedia de Xenofonte, a Odyſſea de Homero, a Taumatografia de Plempio, & a Arquipatologia de Montalto? Que doutamente interpretára os Emblemas de Alciato, os Jeroglificos de Pierio, a Stenografia de Trithemio, a Chriſopea de Augurello, o Syſtema de Copernico, o Almageſto de Ptolomeo, a Eſfera de Sacroboſco, a Antologia de Billio, a Empireologia

de

de Henao, a Tropologia de Bercorio, a Doxoſcopia de Jungio, a Antropoſcopia de Odon, a Algebra de Clavio, & de Nicolao Tartalea, & a Enciclopedia de Alſtedio, de Liceto & de Morreſtello?

As inſtrucçoens, que neſtes, & em outros infinitos Liyros ſe encerraõ, ſaõ frutos, que o rico ignorante naõ nacem nas terras da ſua lavoura; ſó ſabe viver dos alimentos, que lhe vem dos campos, vinhas, & pomares, que cultiva; & vive com taõ inſulſa, & eſtupida deſcurioſidade, que naõ quer, nem ſabe colher, do Campo da Eloquencia de Balzarano, hum fruto; do Jardim dos Paſtores de Marcancio, huma flor; da Vinha de Chriſto de Aquino, hum bago; do Florigelio Biblico, huma bonina; nem huma roſa, do Roſal Eſpiritual de Mauburno; nem hum ramo verde, da Sylva das Allegorias de Laureto; nem do Viridario Mariano de Hensbergio, huma folha: Em baxela de prata, & ouro, em eſpelhos de Veneza, panos de Flandes, Relogios d'Inglaterra, Contadores da India, & outros precioſos embaraços, deſperdiça inutilmente o cabedal, quando com menos gaſto, & mais proveito, podéra tomar das guardaroupas da ſabedoria, o Eſpelho dos Princepes de Belluga, & o Eſpelho de todos os eſtados do Mundo de Goldaſto, o Relogio dos Princepes de Guevarra, o Caſtiçal de ouro de Vivaldo, as Lucernas dos Antigos de Lyceto, as Medalhas dos Emperadores de Antonio Aguſtinho, as Cadeas Theologicas de Orengio, a Chave da Filoſofia de Tatingo, & as Tapezzarias de Hegecio, no ſeu *Peripetaſma argumentorum.* O.

Que comparaçaõ tem as delicias da gula (agradavel veneno do corpo, & d'alma) com o goſto, que podera tomar no Banquete de Plataõ, no Mellificio Hiſtorico de Pſello, na Medulla da Republica de Bodino, na Subſtancia da Mundo de Vitigioſo, na Meza Eſpiritual de Lopes, no *Alvearium Iuris* de Borreo, no *Panarion* de Buſeo, & em outros ſaboroſos manjares, que com gra- P.

ta variedade tiraõ o faſtio, & perpetuaõ o goſto? E ſe elle ſe deleita da Muſica, que melodía mais ſuave, que a Harmonia do Mundo de Jorge Veneto, a Harmonía Theologica de Victorino Manſo, a Harmonía do Velho, & Novo Teſtamento de Rafael Caſtrucio, as conſonancias, & differenças do Direito, de Joaõ Caſparo Wagnero, o Orfeo Chriſtaõ de Bilſtein, & a conſonancia dos Evangeliſtas de Verrato? De nenhuma deſtas delicias he capaz o rico ignorante, & como em tudo he ridiculo, toda a ſua inclinaçaõ propende para o jocoſo das Comedias, & em todo o *Theatrum Vitæ Humanæ*, naõ há huma Scena de ſeu genio. As ruas, & praças da Cidade, ſaõ a Eſfera de ſeus paſſeos, & naõ ſabe dar hum paſſo em Roma ſotterranea, na *Italia Sacra*, na *Gallia Chriſtiana*, na China Illuſtrada de Kirker, & nas Topografias, & Coſmografias, em que ſem canſar o corpo, ſe faz em breve tempo, o circuito do Mundo. Finalmente a ſua converſaçaõ he taõ pobre, & taõ eſteril, que nella ſe naõ faz mençaõ de hum ſô Problema de Ariſtoteles, de hum Dialogo de Luciano, ou de huma Fabula de Eſopo, & naõ contém o ſeu diſcurſo, da Pantologia de Jonino huma palavra, nem das Rapſodias hiſtoriaes de Cocco, nem dos *Centones* de Auſonio, hum ſô fragmento: Nas caſas do jogo paſſa os dias, & as noites, perdendo o cabedal, & o tempo, & naõ ſe ſabe aproveitar de huma hora dos Dias Caniculares de Mayolo, nem de hum ſô inſtante das Noites Attiças de Gellio, ou das Noites Geniaes de Nardio.

Q. Pello contrario, que rica he a converſaçaõ de hum homem ciente, aindaque pobre, & mal afortunado! Melhores ſaõ as ſuas lettras, que as de cambio, porque todos ſe pódem ſervir dellas; em todas as materias he mais corrente, que a prata de boa ley, & tudo o que diz, ſaõ bocados de ouro, porque tem convertido em ſubſtancia todos os theſouros,

fouros, o Thesouro Gramatico de Buxtorfio, o Thesouro das varias Liçoens de Pancirolo, o Thesouro Filosofico de Fabricio, o Thesouro Geografico de Ortelio, o Thesouro Practico de Besoldo, o Thesouro Indico de Avendanho, o Thesouro Poetico de Luciembergio, o Thesouro Politico, o Thesouro Critico, o Thesouro dos tempos de Eusebio Pamphilio, & o Thesouro da Lingua Santa de Pagnino.

De quantos thesouros sois Senhora, *ô Poderosissima Princeza*, que supposto naõ fazem todos os Livros pompa deste titulo, cada Livro se pòde chamar thesouro, porque nelle se ajuntaõ, & se conservaõ as noticias, que o tempo leva, & o esquecimento apaga. Que seria da gloria dos Heroes, se os Livros naõ foraõ os pregoeiros de suas façanhas? Que sequito teria a doutrina dos Sabios, se os Livros naõ explicáraõ os seus Oraculos? Que fruto fariaõ hoje as virtudes dos Santos, se os Livros naõ persuadissem a imitaçaõ de seus exemplos? E se a gloria he mais preciosa que a vida, que cousa pôde haver mais preciosa que os Livros, em que a memoria das acçcens illustres, he o antidoto da morte, & o balsamo da immortalidade, com que a fama se eterniza? Naõ será possivel, o persuadir a hum Idiota estas admiraveis prerogativas dos Livros, porque ninguem faz caso do que lhe naõ serve, & a hum Idiota, tanto lhe serve hum Livro, como hum espelho a hum cego, hum pentem a hum calvo, huma trombeta a hum surdo, hum navio a quem está longe do mar, & a hum mareante hum arado. De hum destes ouvi dizer, que tendo alguns Livros de differente grandeza, mandára cortar os mayores, à medida dos mais pequenos, & com barbara symetria os reduzíra todos a huma mesma estatura. Que de Authores descabeçára hum verdugo destes na Biblioteca Vaticana? Escrevem de outro, que tinha aos Livros huma taõ grande antipathia, que naõ podia ler huma pagina, sem que lhe viesse hum desmayo: Desta antipathia nace o

R.

*Vsus litterarum repertus est propter memoriam, nam ne oblivione fugiant, literis alligantur.* Isidor. Origin. lib. 1. cap. 3.

aborrecimento, que os ignorantes tem aos doutos; naõ ſe adjectivaõ as Corujas com Aguias, naõ ſe germanaõ as Toupeiras com os Linces, & os ignorantes ſaõ como as gralhas, que fogem do Loureiro, ſymbolo da Ciencia, porque foi conſagrado a Apollo.

S. Nas Lettras vê o ignorante, como El Rey Balthazar, a ſentença da ſua condenaçaõ, & por iſſo as naõ pôde ver, ſem ſe perturbar; hum que naõ ſabia ler, raſgava todos os Livros, que lhe vinhaõ ás maõs; outros perſeguíraõ aos Letrados, como os Tiranos aos Martyres, & pondo fogo ás Livrarias, ſacrificáraõ a innocencia de Minerva ao furor de Vulcano; mas naõ he muito, que ſe executem tiranias, quando faltaõ as humanidades. Que infelice he o deſtino das Letras! Todos os dias as vemos, comidas do tempo nas pedras, roidas da traça nos pergaminhos, cerceadas nas moedas, & piſadas nos Epitafios; neſte perpetuo eſtrago das Letras, ſe repreſenta a triſte ſorte dos Letrados, perſeguidos da ignorancia, como a luz da ſombra. Com as azas nos pés pintáraõ os Antigos a Mercurio, porque naõ tem hum douto, aonde firmar os pés no Mundo. Deſde os principios da Gramatica, ſe ſignifica aos que eſtudaõ, que naõ poderáõ ſubir, porque começaõ, declinando, & por activo que ſeja o ſeu ſaber, ſempre eſtaõ no paſſivo. As noticias em hum diſcreto, ſaõ como flores em hum lambique, que exhalando fragrancias, ſe derretem em lagrimas, nem eſtas lagrimas tem virtude para mover a piedade, porque neſta vida, que he huma comedia, as facecias dos chocarreiros naõ deixaõ ouvir as queixas dos Filoſofos, & he muito para ſentir, que no Chriſtianiſmo, como em alguns Templos da Gentilidade, ſe degolem os homens, & ſe adorem os bugios. Finalmente as ciencias ſaõ as victimas da ignorancia, & quando naõ houvera diſto, muitas provas, & exemplos, baſtava conſiderar, que a ignorancia humana, foi a que crucificou a Sabedoria Divina encarnada. Se ſempre as riquezas ſe uniraõ com o ſaber, como

Pater, dimitte illis: non enim ſciunt quid

como o ouro ſe mete no Azougue, & com generoſa ſympathia o penetra, acendéra a ciencia o amor de ſi meſma nos coraçoens mais eſquivos, mas porque parece, que a ciencia, & a pobreza naceraõ debaxo do meſmo Aſcendente, com aſpectos infauſtos, & com à fortuna quaſi ſempre retrograda, he muy rara no Mundo a ambiçaõ de ſaber, & a mayor parte dos homens ſaõ como os Egipcios, que antes tributaráõ adoraçoens ao bezerro de ouro, que ás taboas da Ley, em que nos preceitos do Decalogo, eſtavaõ eſcritos os documentos da mais profunda, & mais ſublime doutrina. Se he verdade (o que affirmaõ os Profeſſores da Alquimia) que o vello de ouro era hum Livro, que enſinava a Arte de fazer a Pedra Filoſofal, naõ he maravilha, que Jaſon, & Theſeo, ſe expuzeſſem a tantos trabalhos para a precioſa conquiſta deſte Livro, porque para a cobiça humana naõ podia haver mayor theſouro. Mas he muito para admirar, que havendo hoje no Mundo tantos Livros de muito mayor utilidade, ſejaõ taõ poucos os Jaſoens, & os Theſeos, que ſe lhe affeiçoem. O Santiſſimo Pontifice Pio Quinto, aos que lhe encareciaõ a fineza de humas pedras precioſas, diſſe, pondo as maõs ſobre huns Livros: Aqui ſe achaõ perolas, & diamantes mais finos, & mais baratos. Naõ he ſem myſterio, que as ciencias ſe chamaõ Lettras, porque as Lettras ſaõ 24, & o ouro de 24 quilates he o mais ſubido, & naõ há theſouro de mayor eſtimaçaõ, que o das Lettras. Chriſto Senhor Noſſo, em que eſtaõ todos os theſouros da Sabedoria Divina, deu tres vezes a definiçaõ de ſi meſmo com duas Lettras, como ſe pellas Lettras ſe houveſſem de definir os theſouros. Dizia Socrates, que de todos os bens deſta vida, ſô hum he verdadeiro bem, que he o ſaber; & que de todos os males, ſô hum he verdadeiro mal, que he o ignorar; & nós os Chriſtaõs podemos dizer, que fóra do peccado, a ignorancia he a mayor pobre-

faciunt. *Lucæ cap.* 23. *v.* 34.

Argentum vivum cum ſit fluxum, amicum eſt auro, & cum cæteris metalla ei innatent, aurum in eo mergitur. *Munſter Coſmograph. lib.* 1. *cap.* 10.

Beyerl. in Apopht. Chriſtian.

Chriſti Jeſu, in quo ſunt omnes theſauri ſapientiæ, & ſcientiæ. Epiſt. ad Coloſſ. cap. 2. verſ. 3.

Ego ſum Alpha, & Omega. Apocal.



cap. 1. n. 8. & cap. 21. n. 6. & cap. 22. n. 13.

Socrates dicebat unicum eſſe bonum ſcientiam; malum contra unicum, inſcientiam. *Diogen. Laert. lib. 2. pag.* 108. *D.*

pobreza, & que abaxo da graça de Deus, a ciencia he a mayor riqueza. Affonſo Decimo Rey de Aragaõ era taõ perſuadido deſta verdade, que coſtumava dizer, que antes queria perder o ſenhorio dos ſeus Eſtados, que o fruto dos ſeus eſtudos. No Reynado daquelle Principe, os que mais ſabiaõ, eraõ os mais valídos, & com muita razaõ, porque cada hum tanto val, quanto ſabe, & como o ſaber ſe acha nos Livros, mais val huma boa Livraria, que muitos theſouros; com notavel elegancia exprimio eſta verdade o Poeta, que ornou o frontiſpicio da Livraria do Duque de Urbino com eſta inſcripçaõ.

*Sint tibi divitiæ, ſint aurea vaſa, talenta*
*Plurima, ſervorum turbæ, gemmæque nitentes,*
*Id totum, hæc longè ſuperat præclara ſuppellex;*
*Sint aurati etiam niveo de marmore poſtes,*
*Et varijs placeant penetralia picta figuris,*
*Sint quoque Troianis circumdata mænia pannis,*
*Et miro fragrent viridaria picta decore,*
*Extra, intraque domus regali fulgida luxu;*
*Res equidem mutæ, ſed Bibliotheca parata*
*Iuſſa loqui facunda nimis, vel juſſa tacére,*
*Eſt prodeſſe potens, & delectare legentem,*
*Tempora & ipſa docet, venturaque plurima pandit,*
*Explicat & cunctos cæli, terræque labores.*

Eſtas meſmas riquezas (Poderoſiſſima Princeza) ſaõ
T. armas, com que ſempre eſtais aparelhada para a defenſa, & conſervaçaõ da Republica. Nas officinas de Marte ſe formaõ os inſtrumentos neceſſarios para a guerra, mas Minerva dá os conſelhos para o uzo deſtes bellicos inſtrumentos, & para os bons ſucceſſos da Arte militar, naõ ſaõ menos preciſas as ciencias, que as armas. Da cabeça de Jupiter ſahio Pallas, taõ guerreira, como diſcreta, porque ſahio armada, & por iſſo diſpoſta para preſidir ás academias juntamente, & aos conflictos. Pouco importa o valor do animo ſem o acerto do juizo. Na guerra de Troya, mais

fiava

fiava Agamemnon da induſtria, & eloquencia de Neſtor, que da robuſteza, & esforço de todos os ſeus ſoldados; & no cerco, que Marcello poz à Cidade de Syracuſa, o engenho de Arquimedes triunfou de todo o poder dos Romanos. No fabuloſo Banquete dos Deoſes, diz Luciano, que vira a Eſculapio inventor da Medicina, aſſentado em hum lugar ſuperior ao de Hercules domador dos monſtros, porque primeiro he inventar, que executar; & eſta deve ſer a cauſa, porque as coroas ſe daõ ſô à cabeça, em que preſide a razaõ. Naõ vence, quem peleja, mas quem peleja bem, & na Arte de bem pelejar, naõ há quaſi ciencia, que naõ influa. A Theologia, & a Juriſprudencia declara a juſtiça da guerra, que ſe move para a defenſa da Fé, ou da Patria, & os Generaes, & Capitaens ſahem a campo, taõ fiados na força da razaõ, como na das armas. A Geografia reconhece a calidade das terras, & dos ſitios mais aventajados; a Geometria, a Planimetria, & a Trigonometria medem o comprimento, a ſuperficie, & as diſtancias dos lugares inacceſſiveis. A Arquitectura levanta baluartes, caſtellos, fortalezas; a Eloquencia anima a deſconfiança, reprehende a temeridade; & reprime a inſolencia dos ſoldados; a Hiſtoria offerece os conſelhos, os exemplos, & os eſtratagemas, que facilitáraõ as victorias, & até a Aſtronomia he neceſſaria, por naõ ſe achar em perigo de perder (como ſuccedéo no tempo de Sulpicio Gallo) huma batalha, & hum exercito, pello pavor, que cauſou aos ſoldados Romanos, hum eclipſe da Lua.

Lucianus in Dialogo Deorum, Æſculapij, & Herculis.

Coronæ imponuntur capiti, in quo viget ratio. *Athen. lib. 15. cap. 5.*

Valerius lib. 8. cap. 11.

Plin. lib. 2. cap. 12. *Et Plutarchus in Æmilio.*

Verdade he, que deſtas noticias neceſſitaõ ſô os Cabos, & naõ a plebe dos ſoldados, porque no corpo de hum exercito, como no corpo humano, à cabeça, que he a que governa, lhe toca o ſaber, & aos membros, que lhe eſtaõ ſogeitos, baſta, que tenhaõ força, & deſtreza para executar, o que ſe lhe manda. A hum ſoldado razo, naõ lhe eſtá melhor o ſaber, o Direito Civil, & Canonico, a Filoſofia, & a Theologia, do que a hum Bacharel, o jogar da eſpada; a hum Catedratico, o picar hum cavallo; & a hum Padre

V.

Meſtre, o aceſtar a artelharia, & diſparar bombardas. Aſſaz ſabe o ſoldado, que ſabe ſofrer com paciencia as inclemencias dos Ares, as aſperezas dos caminhos, a fome, a ſede, & os trabalhos das jornadas; andar de dia, & de noite com as armas ás coſtas, ſaltar foſſos, eſcalar muros, arroſtar os perigos, romper pellos batalhoens, enveſtir com o inimigo, pelejar a pé quedo, cortar, ferir, degolar, & matar ſem piedade, piſar montes de cadaveres, paſſar rios de ſangue, & ſem medo da morte, entregar a mil mortes, a vida. Eſta deve ſer toda a ciencia de hum ſoldado; mas os Cabos da Milicia, que ſaõ as almas, & as cabeças dos Exercitos, que com o conſelho, & a prudencia regulaõ os impulſos do eſforço, neceſſitaõ de muita ciencia para proſperar os ſucceſſos das armas: quantas couſas ſe haõ de prever antes que ſe intime a guerra, & a quantas ſe ha de dar fórma, & diſpoſiçaõ, primeiro que ſe dé huma batalha. Tem o campo como o mar, ſuas tormentas, & ſeus naufragios, tormentas de fogo, & naufragios de ſangue, & a hum General de exercito, he taõ neceſſaria a ciencia para combater, como a hum piloto a carta para navegar. Por iſſo Alexandre Magno, Julio Ceſar, os Scipioens, os Lucullos, & os mais celebrados Capitaens, naõ ſe applicáraõ menos ás Lettras, que ás Armas; & ſe outros ſem doutrina alguma ſe aſſinaláraõ com victorias, como os Manlios, os Decios, & os Marios, a experiencia, & o talento natural ſuprîraõ as faltas da ciencia, & muitas vezes permitio Deus, que a fortuna foſſe a cega diſpenſadora das palmas, que colhéraõ nos campos de Marte. Das ciencias proprias de hum Capitaõ faz Polibio mençaõ no Livro nono, & Plataõ no Livro ſettimo da ſua Republica, Flavio Vegecio, Pedro Creſpecio, Celſo Mancino, Joaõ Bautiſta Campofulgoſio, Jorge Valla na ſua Politica, & Franciſco Patricio nos ſeus Parallélos militares. Eſtes, & outros Livros, ſaõ os oraculos da milicia, de que os ſoldados apprendem como ſe haõ de haver nos aſſedios, nos aproches, nos choques, nas correrias, baralhas, facçoens, emboſcadas,

das, eſcaramuças, nos aſſaltos, & nas retiradas, & em todas as emprezas, & entreprezas, em que o valor, & o zelo ſe empenhaõ para a defenſa da razaõ, & da juſtiça. Por iſſo Claudiano exhortava a Honorio a que leſſe as vidas daquelles Romanos, cujas acçoens foraõ os melhores exemplares da heroicidade.

*Antiquos evolve duces, aſſueſce futuræ* Claud. in Hon.
*Militiæ, Latium retro te confer in ævum;*
*Libertas quæſita placet, mirabere Brutum;*
*Perfidiam damnas, Metijs fatiabere pœnis;*
*Triſte, rigor nimius, Torquati deſpice mores,*
*Mors impenſa, bonum, Decios mirare ruentes,*
*Vel ſolus quid fortis agat, te ponte ſoluto*
*Oppoſitus Cocles, Mutij te flamma docebit;*
*Quid mora perſringat, Fabius, quid rebus in arctis*
*Dux gerat, oſtendet Gallorum ſtrage Camillus.*

X. Se o homem perſeverára no eſtado da innocencia, naõ neceſſitára da ciencia da guerra, porque ſem ambiçaõ, & ſem perigo, lográra as tranquillas delicias de huma paz univerſal; mas o peccado, que introduzio no Mundo a morte natural, deu entrada à morte violenta, por tantas portas, quantas ſaõ as bocas de fogo, & armas offenſivas, inventadas pella crueliſſima Arte de matar. He hoje o matar, huma ciencia taõ neceſſaria, que naõ reparou Maximo Tyrio em affirmar, que a guerra he mais preciſa para a conſervaçaõ do genero humano, do que a Agricultura, porque naõ ſervira lavrar, & ſemear as terras, ſe ſe naõ ſoubera reſiſtir ao inimigo, deſtruidor das ſearas, & aſſolador dos campos; & o meſmo Author affirma, que por eſta razaõ, chamou Homero aos ſoldados, paſtores dos povos, porque defendem as caſas, os gados, & terras contra as invaſoens dos adverſarios. Dos ſeus Eſtados deſterrou a Republica dos Lacedemonios todas as ciencias, & ſô permitio a Arte militar, entendendo, que ſô ella conſerva a liberdade, ſuſtenta o credito, & acrecenta o Imperio; porèm já tem moſtrado a experiencia ás mais bellicoſas naçoens, a gran-

Maximus Tyrius diſſertat. 13.

Idem diſſertat. 13 pag. 128.

*Quis dubitat Artem bellicam rebus omnibus eſſe potiorem, per quam libertas reti-*

*netur, & dignitas propagatur, provinciæ conservantur, & Imperium. Hanc quondam relictis omnibus Lacedemonij, & post coluere Romani.* Veget. lib. 3. cap. 10.

a grande utilidade, que ſe tira das lettras, & quando a penna naõ ſervíra para outra couſa, que para celebrar as proezas da eſpada, & para fazer preſentes à poſteridade as façanhas dos Antigos, ficára a eſpada dos guerreiros obrigada à penna dos ſabios: De mais do que, quantas noticias nos deixáraõ os Eſcritores, com que ſe ganhaõ as batalhas, & ſe aſſeguraõ as victorias? Da milicia antiga eſcreveo Rafael Valaterrano, Joaõ Antonio Valtrino, Joaõ Roſino, & Juſto Lipſio. Deu Henrique Breuleo os documentos da Politica Militar; Sexto Julio Frontino enſinou o modo de pôr os Batalhoens em ordenança; deſcobre Buridano as ciladas, que ſe armaõ na guerra; trata Daniel Santbech da Artilharia; Miguel Peres de Xea, da Infanria, Hermaõ Hugo, & o Cavalleiro Melſo, da Cavallaria, & da Cavallaria Ligeira, Jorge Baſta; Hero Mecanico, & Gaſpar Facio, das Maquinas Bellicas; Coſmo Bartolo, dos cercos das Cidades; Dogen, da Architectura Militar; Jeronimo Villa, da defenſaõ das Praças; dos Officiaes da guerra, Henrique Bocero; & da Fortificaçaõ, Luis Serraõ Pimentel, Coſmografo, & Engenheiro Môr deſte Reyno. Naõ fallo em muitos outros Authores, que aindaque eſcrevéraõ da milicia em geral, naõ deixaráõ de fazer particulares advertencias mui proveitoſas, & neceſſarias aos Profeſſores deſta Arte, como ſe pôde ver nas obras de Beliſario Aquivivo, de Claudio Cottereo, de Anſelmo Stekelio, de Conſtancio Porphyrogenito, de Dionyſio Longino, Domingos Cyllenio, Jorge Acacio Enenckelio, Julio Ferreto, Jacome Lanterio, Honorio Fraumano, Jeronimo Spartano, Leonardo Forcio, Zacharias Lechnero, Joaõ Geneſio Sepulveda, Joaõ Bautiſta Goyneo, Godeſcalco Sterrechio, Auguſto Ramello, & Jeronimo Cataneo, & ultimamente na Arte Militar de Luis Mendes de Vaſconcellos.

Y. Sendo pois a Hiſtoria, o ſecretario do tempo, & o Meſtre da experiencia; nas Hiſtorias, que narraõ as cauſas, os progreſſos, & os fins das guerras paſſadas, podem os olhos

olhos ver no eſpaço de poucos meſes, mais ſucceſſos, do que muytos homens podem ſucceſſivamente experimentar na guerra, em muytos annos de vida. Tarde medra a prudencia, & o juizo, que depende da propria experiencia, & os que ſô ſe governaõ pellos caſos, que lhe acontecéraõ, naõ podem ſer prevenidos para os mais caſos, que lhe podem acontecer; mas ſempre com a liçaõ, ſe anticipa a prudencia, & os livros ſaõ os Adaís, & as guias, que vaõ diante com a luz, que nos daõ; vemos à cuſta alhea, os perigos, achamos os preſervativos para as futuras deſgraças, & com as cauſas da declinaçaõ, & ruina das Reſpublicas, & dos Imperios, ſe acautela, & ſe inſtrue a politica para a conſervaçaõ, & augmento dos proprios Eſtados. Perguntando Ptolomeo a hum dos ſetenta Interpretes, em que couſa ſe havia mais de exercitar a curioſidade de hum Princepe, na liçaõ, reſpondeo elle, dos ſucceſſos alheos, na proſpera, & adverſa fortuna das armas. De Alexandre Magno eſcrevem, que naõ largava das maõs a hiſtoria das victorias de Achilles eſcrita por Homero, & a noticia das guerras de ſeus Anteceſſores, fez a Lucullo taõ grande Capitaõ, que com poucas tropas desbararou os numeroſiſſimos exercitos de Mithridates, & Tigranes com admiraçaõ, & terror de toda a Aſia. Para a inſtrucçaõ dos vindouros, & para continuamente formar novos Heroes foi a fama conſervando a memoria das façanhas dos Antigos, & as Livrarias ſaõ Eſcolas, em que ſe pôde aprender a fazer guerra em todas as partes do Mundo, porque ſe achaõ eſcritos os eſtilos, os genios, o poder nas armas, & as guerras de todas as naçoens. Nas obras de Coriolano Cippico vemos os ſucceſſos da guerra da Aſia, & nas de Marcos Fauniano as guerras de Africa. Eſcreveo Joſeph Hebreo as guerras dos Judeos, Appiano Alexandrino as dos Romanos, & Guido de Ravenna as dos Godos. Temos as guerras de Valachia eſcritas por Leonardo Gorrerio, as de Livonia por Tilemanno Brendabach, as de Moſcovia por Rheinoldo Heindenſtein, as de Germania por Luis de Avila,

Demetrius Phalereus Regi Ptolomæo ſuadebat, ut libros de Regno, & Principatu pararet, ac legeret. *Plutarch. Apophtegm. pag.* 189. *D.*

Adeò enim homericâ lectione delectabatur Alexander, ut rarò depoſuerit è manu ejus Poeſim. *Plutarch. in vita Alexandri.*

Plutarch. in Lucullo.

Avila, as de Tranſilvania por Aſcanio Ventorio, as de Suecia por Nicolao Aſclepio, as dos Turcos por Levino Torrencio, as de Rhodes por Jacome Frontano, as de Chypre por Pedro Bizaro, as de Eſpanha por Jacome Bracello, as de Italia por Miguel Coccinio, as de Polonia no Floro Polonico, as de Inglaterra no Floro Anglico, & as de França no Jano Gallico. Paſſo em ſilencio outros infinitos Authores mais modernos; & naõ fora preciſo nomear os que eſcrevéraõ as guerras de Portugal, porque as quatro Partes do Mundo, ſaõ as quatro Partes do grande Volume, em que com praças, & fortalezas rendidas, com Provincias conquiſtadas, & Reynos ſojugados, deſde o berço até o ſepulcro do Sol, eſtaõ regiſtradas, & patentes ao Univerſo, as victorias dos Portuguezes. Naõ ſatisfeita deſtas evidencias, publicou a fama as glorias deſta bellicoſa naçaõ, nas Decadas de Joaõ de Barros, & de Diogo de Couto; na Hiſtoria da India do Padre Maffeo; na vida d'El Rey D. Manoel eſcrita por Oſorio; na Monarquia Luſitana do Padre Frey Bernardo de Britto; na Europa, Aſia, & Africa Portugueza de Manoel de Faria; na vida do grande Vice Rey da India D. Joaõ de Caſtro, eſcrita por Jacinto Freyre de Andrade; & D. Luis de Menezes Conde da Ericeyra, para narrar com generoſa liberdade as contemporaneas verdades do ſeu Portugal reſtaurado, empreſtou à ſua penna, o valor da ſua eſpada.

Z. Sendo pois a guerra, taõ incerta nos ſucceſſos, taõ perigoſa nas conſequencias, & taõ importante para a conſervaçaõ dos Reynos, quem poderá negar, que eſtes, & outros ſemelhantes livros, ſaõ ſummamente neceſſarios para as inſtrucçoens, cautelas, violentas irrupçoens, diſſimuladas violencias, & ardiloſos empenhos; com que he preciſo prevenir os conſelhos, fruſtrar os intentos, & rebater as forças do inimigo? Até no tempo da paz, he agradavel, & proveitoſa a liçaõ das hiſtorias das guerras. Nellas ſe vé, como leves diſſabores, foraõ preambulos de ſanguinolentas diſcordias; como naçoens pequenas, mas inquietas,

& bellicoſas, ſe apoderáraõ de grandes Imperios; & como grandes, & poderoſas Monarquias, ficáraõ avaſſaladas, & extinctas; ponderaõſe as razoens, porque ſe deraõ, & ſe recuſáraõ as batalhas; eſtranhaſe a pouca conſtancia dos que levantáraõ o campo, & fugindo de huma glorioſa morte, ſe entregáraõ a huma eterna ignominia; condenaſe a vileza dos que com indignas condiçoens compráraõ as pazes; deſprezaõſe as conquiſtas, & naõ ſe eſtimaõ as victorias, em que a fortuna teve mais parte, que o valor; conſideraõſe as deſordens da guerra, a ſuſpenſaõ das leys, o interdicto das lettras, os campos, & os engenhos ſem cultura, os paſſos fechados à communicaçaõ, & ao commercio, ſacos de Cidades, demoliçoens de fortalezas, profanaçoens de lugares Sagrados, correrias, roubos, hoſtilidades, rebellioens, & conjuraçoens de povos amotinados, diluvios de fogo, inundaçoens de ſangue, & no meyo de taõ crueis, & horrendos eſpectaculos, naõ ſe aſuſta a curioſidade do Leytor; vé os conflictos ſem medo, as enveſtidas ſem perigo, os eſtragos ſem detrimento, & com generoſa emulaçaõ, ſe vai animando a ſacrificar a vida ao ſerviço da Patria.

Naõ ſaõ menos preciſas as armas da razaõ, que as da milicia, porque ſe há guerras contra os inimigos do bem commum, tambem há batalhas contra os erros, que ſaõ os inimigos da verdade, & contra os vicios, que ſaõ os inimigos da virtude. Contra huns, & outros eſtais taõ bem armada, *Poderoſiſſima Princeza*, que aos que ſe valerem de voſſas razoens, & argumentos, eſtá certa a victoria. Com os livros da Filoſofia natural, deſterrais os erros da ignorancia, & com os da Filoſofia moral, atropellais os vicios da natureza, & em tres caſas como em tres campos tendes dividido o arrayal, & aſſentado bataria contra todos os inimigos da razaõ. Todos eſſes Livros ſaõ como ſoldados, trincheirados, aquartelados, & alojados nas eſtantes, os primeiros na Vanguarda, os do meyo no Corpo do Exercito, & os ultimos na Retaguarda; de dia & de noite eſtaõ em

em pé, com inimitavel conſtancia; nunca mudaõ de roſto, & aindaque virem as coſtas, naõ fogem, mas antes moſtraõ o ſeu valor intrinſeco na ſuperficie dos titulos, & com intrepida confiança, a todos igualmente inculcaõ a efficacia de ſuas razoens. Deſtes ſoldados, & deſtas armas, fazia El Rey Affonſo (de que já fallámos) taõ grande eſtimaçaõ, que ficando vencedor, deixava à ſoldadeſca os mais ricos deſpojos, & tomava para ſi os Livros, em que na ſua opiniaõ, conſiſtia o mayor poder de ſeus inimigos. Naõ há armas mais poderoſas, que as da ciencia, & da razaõ; por iſſo o Emperador Juliano depois de apoſtatar, fazia queimar todos os Livros dos Chriſtaõs, affirmando que eſtas eraõ as armas, que lhe faziaõ mayor guerra. O meſmo fez o Emperador Licinio, procurando extinguir as lettras, & os livros, para abater as forças da Chriſtandade, & o Emperador Leaõ Iſaurico, vendo que a doutrina dos Catholicos, prevalecia à ſeita dos Iconoclaſtas, de que elle era acerrimo protector, mandou pôr fogo áquella taõ celebrada Livraria de Conſtantinopla junto do Templo de Santa Sophia, & em breves horas reduzio a cinzas trezentos mil volumes, que eſte barbaro conſiderava como trofeos da Sabedoria Chriſtaã, & açoutes da ſua perfida ignorancia.

Anton. Panormit. lib. 2. de dictis, & factis Alfonſi cap. 15.

Sozom. hiſt. Tripart. lib. 6. cap. 17.

B b. As Livrarias ſaõ os armazens das ciencias, em que há razoens para tudo o que ſe quer provar, & razoens contra tudo o que ſe quer negar. Atè com os titulos dos ſeus Livros, oſtentaõ muitos Authores as ſuas armas, & as ſuas victorias; & ſenaõ, vejaſe a Panoplia Evangelica de Lindano, o *Armamentarium Evangelico Thomiſticum* de Zeuvero, o *Propugnaculum Fidei Catholicæ* de Marra, o *Palmetum Cœleſte* de Nakateno, os tratados da Milicia Eſpiritual de Ceſario Arelatenſe, & de Trithemio, a Milicia Sagrada de Jeronimo Perbon, a Milicia Chriſtaã de Affonſo de Soria, a Felicidade da Victoria Chriſtaã de Bartholdo, o Triunfo da Cruz de Boſio, & o Triunfo da Morte de Anjo Venario. Aſſim ſe combate, aſſim ſe vence, & ſe

triunfa

triunfa com as armas da razaõ, & ſem effuſaõ de ſangue, ſe desfazem opinioens erroneas, ſe rendem, & ſe fugeitaõ perniciosas contumacias, & finalmente ſe deſtroe a tyrania da ignorancia, & conquiſtando rebeldes entendimentos, ſe dilata o imperio da verdade. Por iſſo o Emperador Julio Ceſar, naõ ſatisfeito das victorias, que alcançára com a eſpada, procurou illuſtrar o Imperio Romano com os triunfos da razaõ, dando a Marco Varro o cuidado de mandar vir de todas as partes do Mundo, todos os Livros Gregos, & Latinos, que ſe achaſſem, para conſtruir huma publica Livraria, que ſerviſſe a Roma de fortaleza inexpugnavel, & de praça d'armas para todos os que quizeſſem militar debaxo do eſtandarte das ciencias. Porèm a morte, que como envejoſa da gloria dos homens, afoga no ſeu naſcimento as mayores emprezas, cortou com o fio da vida daquelle Emperador, as linhas, que ſe hiaõ lançando para a execuçaõ deſte glorioſo intento, & morreo Ceſar com o ſentimento de naõ deixar a ſua patria, taõ invencivel com o poder das lettras, como inſuperavel com a força das armas.

Deſtinabat Bibliothecas Græcas, & Latinas, quam maximas poſſe publicare, datâ Marco Varroni curâ comparandarum, atque dirigendarum, &c. ſed deſtinavit Cæſar, non perfecit. *Sueton. de Iul. Cæſ.*

Mas porque a virtude he a coroa da ciencia, & do poder, ás voſſas lettras, & ás voſſas armas, faltára o diadema da ſua perfeiçaõ (*Sereniſſima Princeza*) ſe deixára de as rematar com o precioſo eſplendor das voſſas virtudes. A que como mais facil, & trattavel ſe offerece a primeira, he a humildade, com que ſem embargo de que eſtais capaz para enſinar os mayores Meſtres do Mundo, ſempre eſtais aprendendo como diſcipula, & naõ cabendo em vós a voſſa doutrina, com humilde complacencia, & cortezania vós vos apertais, & deſaccommodais, para dares lugar a novos livros, & para hoſpedares peregrinos Authores, que continuamente vos vem communicar tudo o que ſabem, & tudo o que vós vos naõ envergonhais de naõ ſaber. Naõ há peſſoa, por douta que ſeja, que naõ ignore alguma

Cc.

Scientiæ finis ne contingit quidem hominibus, nemo enim abſolutus eſt in ulla ſcientia, ſed re verâ perfectiones, & faſtigia unius ſolius ſunt, itaque nos verſamur in ſpatio medio, finem inter, & principium diſcendo, docendo. *Philo Hebræus de hærede rerum divinarum, mihi paginâ* 389. *A*

alguma couſa na meſma ciencia, que ſabe. Só Deus, que tudo poſſue com ſumma perfeiçaõ, ſabe perfeitamente tudo o que ſe pôde ſaber. Nunca chegaõ os homens ao ultimo fim de huma ciencia, mas ſempre eſtaõ no principiò, ou no meyo, aprendendo, ou enſinando, & muytas couſas ſe podem enſinar áquelles meſmos, que enſinaõ. * Demaneira que he preciſo aprender em quanto ſe vive, porque como advertio Celio Rhodigino, naõ ſe pôde aſſaz fazer, o que nunca ſe faz com demaſia, & naõ pôde haver exceſſos no aprender, porque ſempre reſta que ſaber. Por iſſo nos que mais ſouberaõ, ſempre foi crecendo o dezejo de ſaber mais. Na idade de outenta & hum anno, lia Plataõ as obras de Sophron Syracuſano com taõ curioſa conſtancia, que dellas ſô tirou os olhos, quando a morte lhos fechou, & como inſtrumentos do ſeu ultimo deſcanço, foraõ achadas debaxo da cabeceira da cama, em que acabou a vida: Morreo Carneades de noventa annos, taõ cançado de viver, como incançavel no aprender: Poucas horas antes de morrer, levantou Solon a cabeça, para ouvir a deciſaõ de huma queſtaõ ventilada pellos amigos, que lhe aſſiſtiaõ, dizendo que queria ſahir deſte Mundo com alguma noticia mais das que levava; & parece que houve quem quiz eſtudar ainda depois de morto, como Celio Calcagnino, que fazendoſe enterrar na ſua Livraria, recolheo a ſua poſthuma curioſidade em huma douta ſepultura, & a peſar da morte, perpetuou nos ſeus oſſos, as ſaudades dos ſeus Livros.

* Tamdiu diſcendum eſt, quamdiu vivimus, neque enim fieri poteſt nimis, quod ſatis nequit fieri. *Cæl. Rhodigin. lib. 20. cap. 13. f. p. 1355.*

Valer. Maxim. lib. 8 cap. 8. n. 3.

Id. ibid. n. 5.

Id. cap. 7. n. 14. & Lipſius in monitis, & exemplis politicis lib. 1. cap. 8. n. 1.

Dd.

No frontiſpicio das ſuas Livrarias, coſtumavaõ os Antigos pôr a Eſtatua de Mercurio, Deus do ſaber, & a de Cupido, Deus do amor, porque, ſabendo, ſe faz o homem amigo do ſaber. Quanto mais ſe conhece o que ſe ſabe, mais ſe deſcobre o que ſe ignora, & com o conhecimento deſta ignorancia, os diſcretos ſe vaõ humilhando, ao meſmo paſſo, que vaõ aprendendo. Até as Serpentes, que ſaõ o ſymbolo da prudencia dos Sabios, andaõ de peitos pello chaõ, & quando ſe adiantaõ, ſe arraſtaõ. Que ridi-

Pauſanias in Atticis.

ridicula he a preſumpçaõ dos que chegando a ſaber alguma couſa, imaginaõ que ſabem tudo. A eſtes taes ſe repreſentaõ os Atomos da ſua ciencia, taõ grandes como o monte Parnaſſo, effeito do amor proprio, ſemelhante ao dos oculos, a que chamaõ Microſcopios, que engrandecem os objectos, & repreſentaõ as moſcas, & as formigas com extraordinaria corpulencia. Pretendeo Aleſſarco, que o adoraſſem como Deus das ciencias, & eſte Aleſſarco era hum Grammatico, que quando muito ſabía as regras da Syntaxe; mas declinando os nomes, & conjugando os verbos, lhe parecia, que dava movimento ás Eſferas, & ſuſto aos Elementos, & era taõ loucamente deſvanecido, que naõ queria que os ſeus diſcipulos ſe atreveſſem a olhar para elle, ſenaõ peſtanejando, como quem olha para o Sol. Da ſoberba inchaçaõ da ignorancia, nacem eſtas monſtruoſas vaidades, & há muitos, que com a ſuperficial noticia dos termos das Eſcolas, propcem, & reſolvem queſtoens mais confiada, & magiſtralmente, que Ariſtoteles no Lycéo, & Cicero no Senado. Perſuademſe, que a ſua cabeça, he o lambique por onde ſe diſtillaõ as agoas da fonte Hippocrene; canonizaõ os abortos do ſeu juizo por oraculos irrefragaveis, & cuidaõ que ſaõ capazes para dar liçoens a Plataõ, quináos a Pythagoras, & mate a todos os Filoſofos. Cl. Al. in Protr.

A mais craſſa ignorancia, he a de preſumir, que naõ há couſa que ſe ignore. Todas as ciencias ſe daõ a maõ humas ás outras, formando huma cadea, que naõ tem fim, porque as ciencias practicas eſtaõ avinculádas com as eſpeculativas, humas naturaes, & outras ſobrenaturaes; as naturaes nos encaminhaõ ao conhecimento de Deus, em quanto author da natureza, & as ſobrenaturaes nos levaõ ao conhecimento de Deus, em quanto author da graça, & Deus aſſim na natureza, como na graça he hum objecto infinito. Eſta he a razaõ porque o engenho humano anda ſempre em buſca das verdades, ſem as poder alcançar todas. Começamos, por onde os noſſos antepaſſados Ee.

* * *

aca-

acabáraõ, o que neſtas ultimas idades foi deſcuberto, ſervirá ás futuras de principio para novos deſcobrimentos, & ſucceſſivamente iráõ ſahindo Livros ſempre mais noticioſos, porque a Arvore da Ciencia, tem como as mais Arvores, o ſeu Inverno, em que cahem como folhas, os erros antigos, & a ſua Primavera, em que brotaõ como flores, verdades nunca dantes conhecidas. A Geografia ficaõ terras que deſcobrir no Pólo Antartico, & a Hydrographia ainda naõ paſſou além do mar congelado nas eſtremidades do Septemtriaõ; anda a Mathematica inveſtigando demoſtraçoens do movimento perpetuo, & da quadratura do circulo; poderá a Aſtronomia deſcobrir novas eſtrellas, a Phyſica novos ſegredos, a Medicina novos remedios, & a Anatomia novos ligamentos, panniculos, & commiſſuras na fabrica do corpo humano; & o ſentido Myſtico, Anagogico, Allegorico, & Tropologico, da Sagrada Eſcritura; ſaõ minas inexhauſtas, em que os engenhos dos vindouros trabalharáõ atè o fim do Mundo. Eſtas ſaõ, *Virtuoſiſſima Princeza*, as razoens da docilidade, & ſummiſſaõ, com que vos ſogeitais a aprender de novos Authores, novas doutrinas, Meſtre juntamente, & diſcipula; chea, mas naõ inchada; magnifica, mas naõ altiva; diſcreta ſem preſumpçaõ; douta ſem jactancia, & naturalmente taõ modeſta, que ſobre todas as queſtoens, que nas Eſcolas os doutos agitaõ com eſtrondoſas altercaçoens, eſtais arrezoando com ſilencio. Taõ longe eſtais de vos dares por ſatisfeita de vós, que o muito, que poſſuis, vos parece pouco, em comparaçaõ do que vos falta; mas ſe continuarem os voſſos augmentos, naõ terá a voſſa grandeza limites, & algum dia, mayor admiraçaõ dareis à poſteridade, do que deu aos Antigos a Livraria dos Reys do Egypto, compoſta de ſetecentos mil volumes, que diſpoſtos com ſumma perfeiçaõ, & ordem, formáraõ o mais amplo, & auguſto theatro, em

Inter Templa eminet Serapeum, in quo Bibliothecæ fuerunt inæſtimabiles, & loquitur monumentorum veterum concinens fides, ſeptingenta voluminum millia, Ptolomæis Regibus vigilijs intentis compoſita. *Ammian. lib.* 22.

em que atè agora se representáraõ os actos do entendimento, & as idéas da fecunda imaginaçaõ dos homens.

Considerando, que a Caridade, he a virtude, por meyo da qual as cousas separadas se unem, as confusas se poem em ordem, & as contrarias se germanaõ, naõ posso deixar de admirar, *Serenissima Princeza*, a perfeiçaõ com que exercitais esta virtude, tendo em summa paz, ordem, & uniaõ, Authores taõ differentes nas opinicens, na doutrina, & no estilo. Que mayor proximidade, que a com que todos estaõ chegados huns aos outros sem contenda, & sem competencia alguma? Todos estes Livros, aindaque filhos de differentes pays, parecem irmaõs, & com a igualdade da encadernaçaõ, se vaõ fazendo taõ semelhantes no traje, que à primeira vista, naõ os poderáõ os olhos distinguir, senaõ pella differença dos titulos (que tambem os irmaõs tem differentes nomes) & se o ouro, & o fogo, saõ os symbolos da caridade; na superficie do seu vestido, arde o fogo, & o ouro brilha, o fogo na côr, & no lavôr o ouro. Na Sagrada Escritura, o Ceo he chamado Reyno, & Cidade; Reyno pella magnificencia, & Cidade pella uniaõ de seus habitadores, porque com os differentes graos de gloria, que possuem, estaõ vivendo com huma imperturbavel concordia. Que outra cousa he esta paz, amizade, & perpetuo socego de tantos hospedes de diversas naçoens, pareceres, talentos, & prerogativas, senaõ hum Paraizo aberto, & hum Ceo na terra, com muitos coros, & gerarquias, em que os mais pequenos, naõ envejaõ a grandeza dos mayores, porque todos estaõ cheos, & satisfeitos? Fallaõse por conceitos como os Anjos, porque naõ pronunciaõ as palavras, com que se explicaõ, & aindaque altamente discorraõ, ninguem os ouve. Fallaõ todos juntos, sem hum interromper a outro; affeiçoaõ a si os que os entendem, & entendellos he huma bemaventurança, a que sô os que naõ tem juizo, naõ aspiraõ.

F f.

Charitas, divisa unit, confusa ordinat, inæqualia sociat. *Ioannes Papa 8. Epist. 94.*

Tambem ſe a caridade ſe transforma em todas as figuras, para ſe conformar com todos, que outra couſa he eſta copioſa variedade de Livros, *Virtuoſiſſima Princeza*, ſenaõ huma caritativa transformaçaõ da voſſa ſabedoria para o goſto, & utilidade de todos? Do meſmo modo que o Elemento da agoa ſe faz orvalho para as flores, chuva para as plantas, fonte para os jardins, rio para os campos, & mar para o commercio de todas as naçoens; neſſa perenne affluencia de voſſa doutrina, há agoa taõ ſutil como o orvalho, para os diſcretos; taõ fecunda como a chuva, para os Oradores; taõ pura como a das fontes, para os cultos; taõ peregrina como a dos rios, para os curioſos; & para os Theologos, taõ profunda como o mar. O meſmo alimento, que o homem toma para o ſeu ſuſtento, no eſtamago ſe faz Chilo; no figado, ſangue; miolo no cerebro, & medulla nos oſſos, tomando a côr, & as calidades das partes por onde paſſa; & para a ciencia ſer alimento d'alma, he preciſo outra ſemelhante transformaçaõ proporcionada à diverſidade dos engenhos. Os engenhos naõ ſaõ menos differentes entre ſi, que os corpos. Tres generos de corpos vemos no Mundo, huns reſplandecentes, outros opacos, & outros diafanos: Corpos reſplandecentes, ſaõ o Sol, & o Fogo. Corpos opacos, ſaõ a Lua, & a Terra; & corpos diafanos ſaõ o Ar, & a Agoa. A eſtes tres generos de corpos, correſpondem tres generos de engenhos, conforme a diverſidade dos temperamentos, o engenho dos colericos, dos melanconicos, & dos ſanguinhos; (do engenho dos pituitoſos, & flegmaticos, naõ falto, porque de ordinario tem pouco, ou nenhum engenho, ficando a faculdade intellectiva offuſcada, & quaſi extinta, pella grande copia do humor pingue, & craſſo, que nelles abunda.) O engenho dos colericos, he como o Sol, & o Fogo, todo luz, & todo ardor, & eſtes levados do brilhante da eloquencia, & do furor da Poeſia, buſcaõ os Livros dos Oradores, & dos Poetas. O engenho dos melanconicos, he como o globo da Lua, & da Terra,

In prato Apis colligit mel, ovis herbam in alimentum, porcus radicem, aves grana. Sic in Authorum lectione, quisque quod ſibi conveniens eſt, excerpit, Eloquentiam, Moralem, Phyſicam, &c. *Plutarch. libro quomodo legendi ſint Poetæ.*

Terra, ſuſpenſo, & peſado, porque ſaõ triſtes, ponderativos, & por conſequencia aptos para as ciencias mais graves, & tem paciencia para inveſtigar os ſegredos da natureza nos Livros Philoſoficos, & os miſterios da Fé nos Theologicos. O engenho dos ſanguinhos he como o Ar, & a Agoa, claro, & flexivel, em que facilmente ſe recebem todas as impreſſoens, & figuras, & eſtes ſe affeiçoaõ ás ciencias, que dependem da memoria, como a Arithmetica, a Hiſtoria, & a noticia das lingoas.

As differenças pois dos eſtilos, de que uſaõ os Authores, ſaõ neceſſarias para ſatisfazer eſta diverſidade de engenhos, porque ſô cada hum ama, o a que naturalmente ſe inclina, & ſempre há razoens em favor deſta natural inclinaçaõ. Por differentes modos faráõ os homens huma meſma couſa, & todos daráõ razaõ da differença, com que obraõ. Até na acçaõ de eſcrever uſaõ algumas naçoens de modos bem differentes, & todos tem ſua razaõ. Os Hebréos, que eſcrevem começando da parte direita para a eſquerda, diraõ que imitaõ o curſo natural dos Planetas, que andaõ do Occaſo para o Oriente; nós os Chriſtaõs, que eſcrevemos começando da parte eſquerda para a direita, podemos dizer, que ſeguimos o movimento do primeiro movel, que corre do Oriente para o Occaſo; & os Chins, que eſcrevem formando regras direitas de ſima para baxo, diraõ que ſe conformaõ com a eſtatura natural do homem, da cabeça para os pés; & aſſim como há razoens, que abonaõ as differenças, na acçaõ de eſcrever, tambem há razoens, que authorizaõ as differenças dos eſtilos no compor. Huns compoem com eſtilo Laconico, porque he breve, & ſubſtancioſo, outros com eſtilo Aſiatico, porque he diffuſo, & fecundo, & outros com eſtilo medio para ſe apartarem dos dous extremos, da eſteril ſecura do primeiro, & da viçoſa louçania do ſegundo, & com tudo há occaſioens, em que eſte viço naõ he vicio, & eſta eſterilidade pôde ſer miſterio. A huns agrada o eſtilo infimo, porque he lhano, & Hh.

a outros o eſtilo ſupremo, porque ſobrepuja. O eſtilo Epiſtolar, he differente do exornativo, o exornativo do hiſtorico, & os tres generos da Rhetorica, a que chamaõ deliberativo, judicial, & demonſtrativo tem ſeus differentes eſtilos. De donde ſe ſegue, que a meſma verdade, & a meſma doutrina, eſcrita com differentes eſtilos, he como hum paynel a muitas luzes, com que ſe recrea a curioſidade de differentes genios, & por iſſo ſaõ preciſos ſobre huma ſô materia muitos livros. Dous Pintores tiveraõ as idades paſſadas, em que a Arte na ſua ſingularidade, foi defeituoſa, porque hum, ſô pintava cabanas, & ovelhas, & o outro, ſô repreſentava Esferas, & Planetas; nos payneis do primeiro, ſô os Paſtores tinhaõ que ver, & nas obras do ſegundo, ſô os Aſtrologos tinhaõ que contemplar. Mas vós, *Sereniſſima Princeza*, aindaque ſingulariſſima, ſois taõ univerſal para o bem de todos, que em vôs ſe vê huma pintura de todas as ciencias humanas, & divinas, practicas, & eſpeculativas, ou mixtas da Theoria, & da experiencia. Naõ há entendimento taõ pobre, que naõ tenhais com que o enriquecer, nem taõ illuſtrado, que o naõ poſſais alumiar, nem taõ difficultoſo de contentar, que o naõ poſſais ſatisfazer. Alhanais todas as difficuldades, ſoltais todas as duvidas, & a todos podeis aproveitar com os conſelhos; fallais todas as lingoas para agradar a todas as naçoens; ſô naõ vos facilitais com os nécios; a elles vos fazeis aborrecivel ſem eſcrupulo, & ſem offenderes a caridade, ſois inimiga da ignorancia.

Pierico, & Serapiaõ.

Ii. Na voſſa liberalidade naõ fallo, baſta dizer, que ſempre eſtais offerecendo tudo o que poſſuis; ſois taõ liberal, que de vós ſe podem aprender todas as artes liberaes, & o achar dentro de vós hum theſouro, he taõ facil, como o abrir hum livro. Quando naceo Minerva, deixou Jupiter cahir huma chuva de ouro; porque chovem os beneficios, quando as ciencias ſe communicaõ. Naõ há mayor beneficio, que o enſinar, porque naõ há mayor bem, que o ſaber; por iſſo vendéraõ alguns Antigos

gos taõ caro a ſua doutrina: *(a)* Dos diſcipulos de Socrates, Ariſtippo foi o primeiro, que enſinou a Filoſofia por dinheiro; *(b)* vivia Protagoras do que ganhava lendo publicamente os ſeus eſcritos; *(c)* tomava Iſeo o ſalario, que lhe dava Demoſthenes ſeu diſcipulo; *(d)* & o meſmo Demoſthenes chegou a offerecer a Iſocrates todo o ſeu cabedal, paraque lhe enſinaſſe a quinta parte do que ſabia. Que iſenta eſtais de toda a cubiça, & intereſſe, *Liberaliſſima Princeza*, communicais as riquezas do voſſo ſaber, ſem proveito; aos que enſinais, naõ pedis por remuneraçaõ, hum agradecimento, & com ſeres taõ liberal, ſois taõ prudente, que naõ ſois prodiga, dando ſô o que a cada hum lhe cabe, porque do voſſo ſaber todos ſe aproveitaõ conforme a ſua capacidade; tomaõ ſô o que lhe baſta, & aindaque tomáraõ muito, nada lhe ſobejará, porque nas materias, que ſe devem ſaber, ninguem he ſobejo no que ſabe.

Sendo taõ benefica para com os vivos, naõ ſois menos piadoſa para com os mortos. Reſtituis a falla aos Authores, que a morte fez emmudecer, & a peſar da tirania do tempo, perpetuais a duraçaõ das obras, dos que ceſſáraõ de obrar. Na Epiſtola, que o Papa Celeſtino Primeiro eſcreve ao povo de Conſtantinopla, diz que o ſeu grande Biſpo S. Joõ Chryſoſtomo, ainda vive, & que hoje eſtá prégando em todas as partes do Mundo, em que ſe lem as ſuas Obras. Do meſmo modo poſſo dizer, que em cada hum deſſes volumes, vive o ſeu Author, & que ſois o domicilio em que continuamente S. Gregorio moraliza, S. Jeronimo interpreta, Santo Aguſtinho ſe confeſſa, & ſe retracta, & Santo Ambroſio renova os favos de ſua melliflua eloquencia. Depois de tantos annos, he hoje em vós Santo Thomás taõ Angelico, S. Boaventura taõ Serafico, Tertulliano taõ profundo, & Eſcoto taõ ſutil, como quando ſuſpendiaõ os ſentidos dos que os ouviaõ, & com a meſma propriedade, & excellencia, que em vida, eſtá S. Cyrillo Jeroſolimitano catequizando, Anaſtaſio Antioqueno

(a) Ariſtippus primus Socraticorum mercedem exegit, & quæſtu philoſophatus eſt. *Laertius pag.* 131. C.

(b) Idem lib. 9. p. 662. *A.*

(c) Iſæus Demoſthenem docuit à ſchola deductum mercede drachmarũ ccl000. *Plutarch. in vitis decem Oratorum. pag.* 839. *E.*

(d) Plutarch. in decem Oratorum vitis. pag. 839. *E.*



Chryſoſtomi ſermo aſtruens Catholicam Fidem, toto orbe diffuſus eſt; nuſquam per doctrinam ſuam defuit, quia ubicumque lectus eſt, prædicavit. *Tom. 5. Concilior. Anno* 431.

queno dogmatizando, Nicolao de Lyra glozando, Santo Irenéo confutando os Hereges, & S. Dionyſio Areopagita remontandoſe aos tronos das mais ſublimes Jerarquias. Sois o Jardim, em que as flores ſaõ perpetuas na duraçaõ, & mãravilhas na facundia dos Oradores, & dos Poetas. Huns arrezoaõ, oraõ, & peroraõ como Iſocrates, Cicero, Mureto, Gallandio, & Ubaldo; outros transformaõ as naturezas, como Ovidio; outros contemplaõ os Aſtros, como Manilio; & outros eſpeculaõ a natureza dos Elementos, como Lucrecio. Quintiliano declama, Luciano converſa, Marcial graceja, & pica, Propercio galantea, Lucano guerrea, Anacreonte canta, Terencio arremeda, Juvenal ſatiriza, Boecio conſola, Taſſo conquiſta, Camoens deſcobre, & triunfa. E ſe para a memoria dos defuntos ſe conſervaõ os ſeus retrattos, que outra couſa ſois, que hum continuado treſlado, & tranſumpto dos mais inſignes Authores, que a morte desfigurou, & cobrio com ſuas cinzas para apagar a ſua lembrança? Nos payneis, & eſtatuas, ſe repreſentaõ as feiçoens do roſto, mas como advertio Cardano, os Livros, ſaõ os eſpelhos, em que ſe vem os lineamentos do engenho, & ſe nas ſepulturas ſe desfaz a figura do corpo, nos livros perſevera a imagem do eſpirito, com cores taõ vivas, & taõ proprias, que podem aliviar os mais ſaudoſos affectos. Que ſatisfaçaõ, & que goſto naõ teriaõ os doutos, ſe hoje viraõ a Ariſtoteles, Arquimedes, Hippocrates, Herodoto, Tito Livio, Ulpiano, Virgilio, Horacio, Plutarco, Plinio, Seneca, Origenes, Lactancio, Theophilacto, Hugo Cardeal, Ceſar Baronio, Alexandre de Ales, Alberto Magno, & outros infinitos varoens, oraculos dos ſeus tempos, & hoje aſſombro da poſteridade? Mas que ſe veria na exterior figura de ſeus corpos, ſenaõ Simulacros de barro vivo, & eſtatuas de lodo organizado, ludibrios do tempo, & victimas da morte? E que comparaçaõ teria eſte eſpectaculo, com o que ſe nos offerece neſſes theatros, em que ſô ſe repreſenta o immaterial da ſua intel-

Scripta noſtra cum legimus, nos ipſos intuemur, velut in ſpeculo ipſo. Effigies corporis, ipſo abſente, decedit, at imago animæ manet in libris etiamſi homo ipſe non adſit, ſunt ut picturæ, & ſtatuæ, ſed quæ in omnium conſpectu ſunt, & augent authoritatem, tranſlata. *Cardanus de libris proprijs.*

Sidonius Apollinaris ſcribens amico ſuo Philagrio. lib. 8. Epiſt. 14. quia abſentis opera per-

intelligencia, & o incorruptivel da doutrina, com que nos Leitores ſempre fructifica a Arvore da Vida Moral, que a eſtampa lhe deu, com folhas, que nem ſe murchaõ nos ardores do Eſtio, nem cahem com os ventos do Outonno?

De maneira que, vivem eſſes mortos, & vivem para o enſino dos vivos, & ſe alguns delles ſe achaõ deſpidos, & nûs, experimentaõ logo os effeitos da voſſa miſericordia, *Virtuoſiſſima Princeza*, porque naõ permittis, que os a que o tempo, & o uzo conſumiraõ o veſtido, fiquem expoſtos ás indecencias de huma vergonhoſa pobreza. Affonſo Rey de Aragaõ, & de Sicilia vendo as obras de Vitruvio mal coſidas, & ſem ornato, as mandou ricamente encadernar, dizendo, que naõ era razaõ, que hum taõ inſigne Arquitecto, que nos enſinava a cobrirnos contra as injurias dos Ares, eſtiveſſe mal cuberto, & mal agaſalhado. Com eſta meſma piedade, & aggradecimento eſtais continuamente cobrindo a deſnudez dos a que os Annos tiráraõ a ſua primeira veſtidura, & com galas taõ luzidas os enfeitais, que muytos delles ſe vem mais luzidamente trajados nas ſuas obras, do que antigamente o foraõ as ſuas proprias peſſoas. Verdade he, que eſte beneficio naõ califica a ſubſtancia dos livros, mas com elle ſe honra a ciencia dos Authores, & a pompa exterior de huma obra, he hum luſtroſo accidente para a gloria do engenho de ſeu artifice. Das maõs de Deus ſahio o Mundo, como hum livro dividido em quatro partes, que ſaõ os quatro Elementos, & diſtincto em muitos generos, & eſpecies de viventes, vegativos, ſenſitivos, & racionaes, como em differentes capitulos, & paragrafos, & cheo de tantos caracteres, quantas ſaõ as criaturas, que nelle ſe encerraõ. Neſte miſterioſo Livro, as horas dos dias ſaõ os numeros das folhas, as correntes dos Rios, & os regos dos campos, ſaõ como regras; as prayas do mar, ſaõ as margens; as charnecas, & os deſertos, ſaõ os vaõs, & os eſpaços em que nada eſtá eſcrito;

legebat: Ego, inquit, illum Philagrium video, cujus ſi tacentis viderem faciem, Philagrium non viderem.

L l.

Non decet librum hunc, qui nos quomodo contegamur, inſtruit, detectum eſſe. *Panormitan. lib. 1. de Geſtis Alfonſi.*

*Univerſa hæc mundi moles, perinde eſt ac liber litteris exaratus palam conteſtans ac deprædicans gloriam Dei.* D. Baſil. Homil. una decima in Hexameron.

os

os montes, as Baléas, & os Elefantes, saõ as lettras cabidolas; nas areas, nos mosquitos, & nas formigas, se figuraõ os pontos, & as virgulas. Nos Arcos celestes, que de tempo em tempo apparecem, se representaõ parenthesis, ou clausulas da paz, que Deus antigamente fez com os homens. Os monstros saõ as erratas (da natureza, mas naõ do Author della) & as producçoens mais perfeitas, saõ as emendas. O tempo, que tudo descobre, he o index das materias, o homem he o Leitor, & a morte he o fim. Este grande Livro aberto à curiosidade dos nossos engenhos, está envolto em si mesmo, & forrado com as Esferas, & os Ceos, que (como advertio o Profeta Rey) saõ como pelles os pergaminhos, que se estendem para o cobrir. O Sol, & a Lua, saõ como duas chapas, ou brochas, que tem maõ nelle com o vigor das suas influencias; fórma a via Lactea huma filágrana de prata para o adorno, & as Estrellas parecem preguinhos de ouro em pasta azul, com imperceptivel artificio, & com estes esplendidos attavíos, só o Ceo podia dignamente vestir o Livro, de que Deus he o Author. Tambem aos Livros, com que o engenho humano, que tem sombras de divino, sahe à luz do Mundo, he devido algum genero de ornato, que naõ he justo, que se receba em hum vil aposento, hum taõ nobre hospede, como o engenho. De Sergio Galba, que tinha em hum corpo deforme hum bellissimo engenho, disse hum discreto, *Ingenium Galbæ male habitat*, mal agasalhado está o engenho de Galba: naõ poderá outro dizer o mesmo dos soberanos engenhos, que nesse pomposo hospicio se recolhéraõ, porque todos vaõ sahindo com adornos demostradores de suas prendas, & como os filhos dos antigos Emperadores, que recem nascidos eraõ enfaxados em Purpura, tornaõ em certo modo a nacer vestidos de graã, & misterioſamente vermelhos, porque os ignorantes perdéraõ toda a vergonha, & só nos discretos se acha huma modesta erubescencia.

*Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram.* Genes. 9. vers. 13.

Mundum tradidit disputationi eorum. Eccles. cap. 3. vers. 11.

Extendens Cœlum sicut pellem. Psalm. 103. vers. 2.

In Galbam eloquentiâ clarum, sed quem habitus corporis destruebat, M Lollij vox circumferebatur: Ingenium Galbæ malè habitat. *Macrobius lib. 2. Saturnalium cap. 6.*

Etiam in purpurâ nasci Imperatorum filios volebant. *Annal. lib. 7.*

No meyo de tantas virtudes, que se uniraõ para formar a vos-

a voſſa coroa, naõ achava (*Virtuoſiſſima Princeza*) a virtude da Religiaõ, que conſiſte no culto divino, porque no ambito interior da voſſa juriſdiçaõ, naõ há altares, naõ ſe frequentaõ os Sacramentos, & naõ ſe prega a palavra, nem ſe ouvem cantar os louvores de Deus; mas vejo finalmente, que nem eſta virtude vos falta, porque toda a voſſa occupaçaõ he enſinar, & enſinar aos homens, que ſaõ as imagens da Divindade, he huma eſpecie de culto, que ſe faz a Deus. No Templo, que he lugar de oraçaõ, ſe aſſentou o Senhor no meyo dos Doutores, & naõ reparou em ſe auſentar de ſeus pays para enſinar, porque enſinar o que Deus quer de nós, he dar gloria a Deus. Em muitos Lugares da Eſcritura ſe moſtra Deus aſſentado ſobre os Cherubins, que ſaõ como os Doutores das Jerarquias inferiores, porque em certo modo deſcança Deus nos que enſinaõ aos outros a ſua vontade. Se o enſinar aos homens naõ fora ſervir a Deus, quem exercitára eſte officio com os trabalhos, que comſigo traz o eſtudo, & ſem merecimentos para a vida eterna? Verdade he, que no caminho do Ceo, primeiro he o obrar, que o enſinar; porèm naõ ſe pôde obrar, ſe naõ ſe ſabe; naõ ſe ſabe, ſe naõ ſe aprende; & naõ ſe aprende, ſe naõ ſe enſina. Logo o que importa, he, obrar juntamente, & enſinar, & os que enſinaõ como convem, obraõ no meſmo tempo que enſinaõ. Por iſſo diz Gerſon, que a vida de hum Eſcritor, que compoem Livros uteis, & neceſſarios, he huma continua ſerie de obras meritorias, comprehendidas neſtes tres verſos. Gerſon lib. de Laude Scriptorum.

*Prædicat, atque ſtudet Scriptor, largitur, & orat,*
*Affligitur, ſal dat, fontem, lucemque futuris,*
*Eccleſiam ditat, armat, cuſtodit, honorat.*

O Eſcritor ſem ſubir ao pulpito, prega, naõ com a lingoa, mas com a penna, que faz as ſuas palavras mais duraveis, & naõ as faz ſoar na breve eſfera de hum auditorio, mas ſucceſſivamente as communica a todo o Mundo; o Eſcritor aindaque aperte a maõ, quando eſcreve, dá com largueza eſmolas a todos, & os mais ricos mendigaõ delle, o que naõ ſabem. O Eſcritor faz oraçaõ, pedindo a Deus, *Prædicat.* *Largitur.* *Et orat.*

que

que o alumée, para poder alumiar aos outros, busca o retiro para a contemplaçaõ, apartado dos homens, & unido com Deus, & na variedade dos Authores, procura conhecer melhor o unico Author de tudo; & esta, como adverte o mesmo Gerson, he a razaõ, porque os que dignamente se occupaõ em compor Livros, estaõ justamente izentos da frequentaçaõ dos Officios Ecclesiasticos: *Scribens est quasi orans, & hoc munus salvat, & absolvit ab officiorum Ecclesiasticorum frequentatione.* E no Concilio de Basiléa celebrado no Anno de mil & quatrocentos & trinta & outo, foi determinado, que os Theologos das Cathedraes, naõ fossem obrigados à assistencia dos Divinos Officios, & que a auzencia naõ prejudicasse ao emolumento temporal dos que trabalhavaõ para os espirituaes augmentos da Igreja. Tambem o Escritor, privandose de muitos gostos, & satisfaçoens da vida, mortifica o corpo para alentar o espirito, poupa para o estudo as horas, que tira ao sono, dá tratos ao engenho, inquirindo a verdade, & com agonias mais trabalhosas, que as da morte, porque menos lastimadas, dá finalmente alma ás suas obras. Em concluſaõ distribue o Escritor o sal da discriçaõ, abre as fontes da mais pura doutrina, communica a luz da verdade, & com a abundancia, firmeza, perspicacia, & authoridade da sua doutrina, enriquece, arma, guarda, & honra a Igreja.

*Gerson ibidem.*

Theologus in Cathedrali, ut liberiùs studijs vacare possit, nihil perdit cum absens fuerit à divinis. *Concil. Basileens. Sess.* 31. *Anno* 1438.

*Affligitur.*

*Sal dat, fontem, lucemque futuris.*

*Ecclesiam ditat, armat, custodit, honorat.*

Supposto isto, quem melhor que vós executa todos estes actos, *Virtuosissima Princeza*, que com a copiosa doutrina de Escritores em todas as materias concernentes à Religiaõ, & ao culto de Deus, ensinais aos Prelados, como haõ de governar as suas Igrejas; aos Parocos, como haõ de ministrar os Sacramentos; aos Ministros da Igreja, as ceremonias ecclesiasticas; & aos Directores das Almas, as regras da vida espiritual. Aos Prégadores dais assumptos, & conceitos para os Sermoens; aos Anacoretas, alivios para a soledade; aos Misticos, materias para a meditaçaõ; & aos Zeladores da Fé, argumentos para convencer a impiedade dos Atheos, a infidelidade dos Here-

Hereges, & a perfidia dos Judéos. No Levitico prohibio Deus aos Iſraelitas, que nos ſeus Sacrificios lhe offereceſſem animaes cegos, por ventura, porque nelles ſe ſignificaõ os ignorantes, & a cegueira da ignorancia, eſcurece a gloria do Sacrificio. Quantas victimas podeis offerecer, *Virtuoſiſſima Princeza*, gratas a Deus, porque com viſta. Todos os Argos da Theologia, & os Linces da Filoſofia vos eſcolhéraõ para Firmamento das ſuas luzes, & em vós eſtá Deus vendo os panegyricos da ſua gloria com caracteres mais ſignificativos, que as eſtrellas. Nos ſeus Templos guardavaõ os Antigos os ſeus Livros, como couſas ſagradas; Seſoſtris Rey do Egypto teve a ſua Livraria no Templo de Serapis. Faz Galeno menção de huma Livraria, que eſtava no Templo da Paz. Nas memorias da Cidade de Antioquia, acho outra Livraria no Templo, que foi dedicado ao Emperador Trajano. Mas que continhaõ eſtas Livrarias, ſenaõ profanas doutrinas, incentivos de huma vaã curioſidade, & alimentos da ſuperſtiçaõ do Paganiſmo? Vós pello contrario ſois como o Sanctuario de todas as ciencias celeſtes, & divinas, & até os Livros das ciencias naturaes, & humanas, ſaõ dignos de veneraçaõ, porque ſaõ as reliquias, & os depoſitos de felices, & milagroſos engenhos. Naõ he logo maravilha, que com tantas virtudes chegueis a obrar milagres; com os collyrios da voſſa doutrina, offereceis a viſta aos cegos, & a falla aos mudos, com eſſa grande copia de palavras. Qualquer parte de vôs eſtá juntamente em muitas outras partes do Mundo. Sois tratavel, aindaque ſem vida, & com muito eſpirito, aindaque ſem ſangue; naõ ſe diminue o manâ, que de vós ſe colhe, & parece milagre, que ſem prejuizo da voſſa modeſtia, eſtejais expoſta à curioſidade, dos que lograõ a dita da voſſa converſaçaõ: Mas huma açucena, aindaque cercada de Abelhas, naõ deixa de ſer flor; aſſim perſeverais inteira, aindaque communicada, & as aſſiſtencias, que permittis, naõ offendem os decoros do voſſo recolhimento.

Si cæcum fuerit, ſi fractum, & non offeretis ea Domino. Levitic. cap. 22. n. 22.

Cœli enarrant gloriam Dei. Pſalm. 25. v. 27.

Ammian. Marcel. lib. 22.

Galen. lib. 1. de Compoſitione Medicamentorum.

Suidas.

O bem,

Oo. O bem, que por ſua natureza he communicativo, naõ pára no principio, de que recebéo o ſer, mas com favoravel efficacia ſe eſtende, & ſe deixa lograr dos que ſe achaõ na Esfera da ſua actividade. Huma tocha naõ alumea ſô ao que a acende; o fogo naõ aquenta ſô ao que o atea; a fonte naõ lava ſô o valle em que naſce, nem a palavra ſe faz ouvir ſô da peſſoa que a pronuncia, & com eſſes Livros, que ſaõ tochas da verdade, lavaredas do engenho, fontes do ſaber, & ſubſtitutos da palavra, naõ ſô aproveitais ao Illuſtriſſimo, & Reverendiſſimo Prelado, que vos deu o ſer, mas com univerſal beneficencia eſtais tacitamente ſolicitando a utilidade da Republica. Eſcreve Eliano, que os Principes de Mitilene introduziaõ nos ſeus eſtados a ignorancia, para caſtigo dos povos, que ſe lhe rebellavaõ, & para eſte effeito deſterráraõ os doutos, & exterminaraõ as Academias, & affirma Plutarco, que Cyro deu o meſmo caſtigo aos povos da Lydia, & Xerxes aos de Babilonia. Se a proſcripçaõ das lettras he hum dos mayores caſtigos, que ſe pôde dar a hum Reyno, claro eſtá que o eſtabelicimento das ciencias com a abundancia dos Livros, he hum dos mayores beneficios, com que ſe pôde procurar a felicidade de huma Monarquia. Eſte zelo do bem commum he hoje o cuidado deſſe grande Prelado, que naõ ſatisfeito da gloria de huma taõ auguſta, como antiga aſcendencia, nem da fama de tantos Heroes, de quem herdou com o ſangue, & acrecentou com ſuas prerogativas, a gloria, fez do ſeu Palacio, o domicilio de todas as ciencias, para fazer da ſua Patria, o theatro de todas as virtudes.

Pp. E vós, *Sereniſſima Princeza*, juſtamente vos podeis gloriar, de ter debaxo da vóſſa juriſdiçaõ mayor numero de vaſſallos, que os mayores Monarcas do Mundo, porque em cada lettra, tendes hum ſubdito, & todos juntamente formaõ a idéa de hum feliciſſimo Imperio; porque ſaõ taõ leaes, que daõ cumprimento a todas as pala-

vras,

vras; taõ compoſtos, & bem diſciplinados, que com elles ſe fazem todas as regras; juntos naõ fazem confuſaõ, & apartados, naõ ſaõ deſavindos; todos eſtaõ contentes com o poſto, que a ſorte lhe deu, todos tem officio, & ainda que naõ ſe movaõ, naõ eſtaõ ocioſos, & taõ fóra eſtaõ de ambicioſas preſumpçoens, que hum delles, com que ſe ſignifica o Mundo, naõ repugna em ſer no Algariſmo, a figura do nada. Naõ fallo nos regalos da voſſa Corte, *Sereniſſima Princeza*; todos ſaõ taõ puros, que ſó o entendimento os gòſta. Com eſtas innocentes delicias cativaſtes os affectos do Author da voſſa grandeza. Lá diſſe Ovidio, que o Sol olhava ſó para a Nimpha, a que amava, ſem attentar pello reſtante do Mundo.

*Leucothoen ſpectas, & virgine figis in una,*
*Quos Mundo debes oculos.*

Ovid. 4. Metamorphos.

O meſmo podemos dizer do Sol, de que as voſſas prendas merecéraõ os aggrados. Naõ tem o Mundo objectos dignos da ſua attençaõ; ſó vós ſois o emprego de ſeus doutos deſvelos; & he todo voſſo com taõ primoroſa ſingularidade, que as ſuas maõs ſaõ o berço, em que naſceſtes, & muitas vezes ſaõ o trono, que vos ſuſtenta; a ſua memoria, he o voſſo retrato, a ſua comprehenſaõ, o voſſo Arquivo, & eſſas obras, em que ſe cançáraõ laboriоſos engenhos, ſaõ todo o ſeu alivio. Que exemplar, & que digna de imitaçaõ he a vida de hum Principe Eccleſiaſtico, divertida com taõ louvaveis entretenimentos? Aos Sacerdotes, & aos Biſpos prohibem os Concilios, todos os profanos paſſatempos do Mundo, &. ſó lhe concedem huma honeſta, & ſanta recreaçaõ, na liçaõ dos Livros; naõ podia eſte exemplariſſimo Prelado guardar eſte preceito mais ao pé da lettra, porque ſempre eſtá contemplando as voſſas lettras, *Sereniſſima Princeza*, & creyo, que muytas vezes vos falla com o meſmo affecto, & fineza, com que hum grande Miniſtro de Eſtado deixou patente ao Mundo, o amor que teve aos ſeus Livros.

Concilium Romano-Brittanicum anno 680. prohibet Epiſcopis, & omnibus Eccleſiaſtici ordinis, cytharædos, jocos, ludos, ut toti divinorum eloquiorum lectioni impendantur. tom. 16. Concilior.

*Salvete*

Henricus Ranzovius Regi Daniæ ab intimis Consilijs. Refert hos versus hondecasyllabos. *Natan Cythræus in delic. sui Itinerar.*

*Salvete aureoli mei libelli,*
*Meæ deliciæ, mei lepores,*
*Quàm vos sæpe oculis juvat videre,*
*Et tritos manibus tenere nostris!*
*Tot vos eximij, tot eruditi*
*Prisci lumina sæculi, & recentis*
*Confecere viri, suasque vobis*
*Ausi credere lucubrationes,*
*Et sperare decus perenne scriptis.*
*Neque hæc irrita spes fefellit illos,*
*Vestro præsidio per universum*
*Ævo perpetuo leguntur orbem.*
*Doctorumque volant per ora clari.*
*Vos estis requies honesta mentis,*
*Iucunda ingenijs bonis voluptas,*
*Rebus perfugium minùs secundis,*
*In lætis decor, & nitor refulgens.*
*Vos ætate puer virente, magno*
*Sum complexus amore; nunc vir autem*
*Multo prosequor impotentiore;*
*Et quam Fata diu sinent amare,*
*Vobis immoriar mei libelli:*
*Ac cum Rege lubens fatebor illo*
*Alfonso egregio, esse chariores*
*Vestras delicias mihi, benigna*
*Quam sors, quas mihi contulit caducas.*
*Salvete aureoli mei libelli,*
*Salvete, ex quibus hæc mihi voluptas*
*Ævum percipitur per omne grata,*
*Quàm vos intueor libenter, & quàm*
*Lubens colloquor! ecquid æstimandum est*
*Curis esse beatius solutis.*

D. RAFAEL BLUTEAU,
Clerigo Regular Theatino
da Divina Providencia.

# LICENÇAS,

HOc opus inſcriptum *( Primicias Evangelicas )* à R. P. D. Raphaele Bluteau noſtræ Religionis Theologo compoſitum, & juxta aſſertionem PP. quibus id commiſimus, approbatum; ut Typis mandetur, quoad nos ſpectat, facultatem concedimus. In quorum fidem præſentes litteras manu propria ſubſcripſimus, & ſolito noſtro ſigillo firmavimus. Datum Romæ 6. Maij 1684.

*D. Caietanus Paganus Præpoſitus Generalis Cler. Reg.*
*D. Jo. Baptiſta Peſcara Secretarius Cler. Reg.*

---

IUſſu admodum Reverendi Patris D. Caietani Pagani noſtræ Congregationis Præpoſiti Generalis opus inſcriptum *(Segunda Parte das Primicias Evangelicas )* à P. D. Raphaele Bluteau Clerico Regulari, & Luſitano idiomate elucubratum, perlegimus; & nihil in eo reperimus, quod Fidem Orthodoxam offendat, aut bonis moribus contradicat; imò ſolidiſſimam Doctrinam, eamque tum validiſſimis rationibus, tum graviſſimis SS. Patrum teſtimonijs, atque Scripturarum authoritatibus roboratam, ſumma animi jucunditate deprehendimus. Idcircò luce digniſſimum opus cenſemus, quòd profuturum omnibus ſit, Authoriſque felicem ingenij ubertatem, atque eruditionem abundè perhibeat. Datum Ulyſſipone in Ædibus noſtris Sanctæ Mariæ de Divina Providentia. Septimo Kal. Decembris 1684.

*D. Andreas Ciuffardus Cl. R. Sacræ Theol. Profeſſor.*
*D. Nicolaus Barby Cl. Reg. Sac. Theolog. Profeſſor.*

---

VIſtas as informaçoens, pódeſe imprimir o Livro das Primicias Evangelicas do Padre D. Raphael Bluteau, de que eſta petiçaõ faz menção, & depois de impreſſo tornará para ſe confe-

fir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa 7. de Janeiro de 1684.

*Manoel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel. Jeronimo Soares. Joaõ da Coſta Pimenta. Bento de Beja da Noronha.*

---

POdeſe imprimir eſte Livro do Padre Dom Raphael, & depois tornarà para ſe conferir, & ſe dar licença para correr, & ſem ella naõ correrà. Lisboa 11. de Janeiro 1684.

*Serraõ.*

---

## SENHOR.

LI o Tomo Segundo das Primicias Evangelicas, que compoz o Padre Doutor Dom Raphael Bluteau, & quando as experiencias do ſeu grande engenho, lhe naõ tiveraõ já, em o ſeu primeiro Tomo adquirido, ſe eſculpiſſe o ſeu nome em as duraçoẽs da Fama, o ſegundo lhe grangeára as maiores eſtimaçoẽs à ſua peſſoa; naõ ſõ pela gravidade do eſtilo com que perſuade, & ſingular eloquencia com que enſina as perfeitas leys da Oratoria, mas pela vaſtidaõ de noticias, em que faz preſentes ao noſſo conhecimento todos os ſeculos paſſados, deſcubrindo entre as ruinas da antiguidade o melhor theſouro, na erudiçaõ dos maiores homẽs daquelles tempos. E ſe o Emperador Gordiano teve a jactancia de juntar ſettenta & dous mil volumes, & ElRey Eumenes filho d'ElRey Atalo fez huã Livraria em Pergamo, compoſta de duzentos mil livros, & Ptolomeu Philadelfo outra de ſeis centos mil corpos de livros; & o Tacito, que com diſcreta ambiçaõ deixou a Athenas exhauſta, de quantos livros lhe chegáraõ à noticia; todos eſtes naõ tiveraõ a fortuna, de colher eſtas Primicias, para luſtre de taõ grandes Livrarias: pois qual outro Anaximandro, que com deſtro pincel foi o primeiro que à brevidade de hum mapa reduzio toda a extençaõ do mundo; neſte Volume ſe acha huã Univerſidade de todas as Artes, & Sciencias, pois de todas as divinas, & humanas ſe colhem nelle muitas doutrinas: de maneira que ſendo Philoſtrato o primeiro que chegou a fazer Livraria, ſe alcançára eſte ſeculo, ſõ deſtas Primicias a fórmára. Mas ſeu Author com inimitavel modeſtia, a priva da gloria de ſingular; porque reli-

religioſamente o dedica, a aſſiſtir em a companhia dos mais livros, achando, ficaria eſtranho a toda a eſtimaçaõ, ſe ſe naõ offereceſſe a taõ illuſtre congreſſo, em que ſe vem juntos os mais ſelectos, que na noſſa Europa tem ſahido a luz. Pelo que me parece mui digno de V. Mageſtade lhe dar a licença que pede para ſe imprimir. S. Bento de Xabregas em 16. de Fevereiro de 1684.

*O Doutor Luis da Annunciaçaõ*

---

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo tornará a eſta meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correrá. Lisboa 19. de Fevereiro de 1684.

*Roxas. Noronha. Marchaõ. Azevedo.*

---

VIſto conſtar conforme com ſeu Original, póde correr eſte Livro. Lisboa 23. de Outubro de 1685.

*Manoel Pimentel de Souſa. Manoel de Moura Manoel. Jeronimo Soares. Joaõ da Coſta Pimenta. Bento de Beja da Noronha.*

---

POde correr. Lisboa 25. de Outubro de 1685.

*Serraõ.*

---

TAixaõ eſte Livro em ſinco toſtoẽs. Lisboa 26. de Outubro de 1685.

*Roxas. Lamprea. Marchaõ. Azevedo.*

# INDEX

## DOS SERMOENS QUE SE contém em esta Segunda Parte.


SErm. I. *Do Nascimento do Senhor. pag.* 1.
Serm. II. *No Domingo da Septuagesima. p.* 19.
Serm. III. *No Domingo da Quinquagesima. p.* 37.
Serm. IV. *Da Quarta Quarta Feira da Quaresma. p.* 55.
Serm. V. *Da Quinta Quarta Feira da Quaresma. p.* 73.
Serm. VI. *Da Sexta Quarta Feira da Quaresma. p.* 93.
Serm. VII. *Do Mandato. p.* 114.
Serm. VIII. *Do Mandato. p.* 133.
Serm. IX. *No Nascimento de S. Joaõ Bautista. p.* 158.
Serm. X. *Na Festa do Nascimento do Bautista. p.* 181.
Panegyr. XI. *Do Glorioso Doutor da Igreja S. Jeronimo. p.* 202.
Serm. XII. *Nos desaggravos do Sacrilegio cometido na Igreja Parochial do lugar de Odivellas. p.* 223.
Serm. XIII. *Ao recolher da Procissaõ, com que a Irmandade da Misericordia vai buscar ao Campo de Santa Barbora os ossos das pessoas, que padeceraõ por justiça. p.* 244.
Serm. XIV. *No Passo dos Açoutes do Senhor, em que se mostra, que a lingua maledica, he o açoute do Mundo. p.* 262.
Serm. XV. *No Passo do Ecce Homo, em que se ensina o modo, com que cada hum ha de responder aos seus maldizentes. p.* 282.


## AS TARDES DOS TARDES.


I. Tarde. *Contra os que tardaõ em cumprir as promessas. p.* 302.
II. Tarde. *Contra os que tardaõ em pagar as dividas. p.* 323.
III. Tarde. *Contra os que tardaõ em fazer testamento. p.* 242.
IV. Tarde. *Contra os que tardaõ em satisfazer os legados dos defuntos. p.* 362.
V. Tarde. *Contra os que tardaõ em fazer penitencia. p.* 382.


BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

SER-

# SERMAM
## DO
# NASCIMENTO
## DO
# SENHOR

Prégado na Capella Real no Anno de 1679.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

---

*Gloria in altissimis Deo, & in terra pax.*
Luc. 2.

1.

O nascimento do Sol, os montes mais altos, saõ os primeiros, que recebem a sua luz (Muito altos, & poderosos Princepes, & Senhores nossos) no nascimento do Sol, os montes mais altos saõ os primeiros, que recebem a sua luz; felice presagio para os Princepes, que estaõ nos altos da soberania, & do Imperio: que aindaque o Sol encarnado, Christo Senhor Nosso, nasça para todos, parece que os seus primeiros resplandores

dores ſe communicaõ aos montes, quero dizer aos Princepes da terra: *Suſcipiant montes pacem populo, & colles juſtitiam.* Logre V. A. eſtas primeiras influencias do ſol da graça, com tanto mayor ventajem, quanto mais alto he o trono, em que V. A. ſobrepüja aos Aſtros das mais illuſtres Monarquias.

*Pſalm. 71.*

2. Para ajuſtar o Sermaõ com o tempo, digo que o portal de Belem, he huma Corte, em que tambem há Cortes. Neſtas mi-ſterioſas Cortes, os Anjos, ſaõ os procuradores do Ceo, os Paſtores, ſaõ os procuradores da terra, & no meyo deſtes cortezaõs angelicos, & humanos, eſtá o Princepe da gloria preſidindo aos Actos, em que ſe trata de hũa materia naõ menos importante, que a redempçaõ do mundo. Verdade he, q̃ eſte divino Princepe, naõ neceſſita de Conſelheiros, porque ſendo a meſma ſabedoria, ſó elle pode ſer Conſelheiro de ſi meſmo, & por iſſo lhe chama Iſayas, Princepe juntamente, & Conſelheiro: *Vocabitur nomen ejus, Conſiliarius, Princeps pacis:* & eſta he a razaõ, porque ſem dependencia alguma dos votos, & pareceres dos que lhe aſſiſtem, reſolve com ſilencio huma queſtaõ, que ſe hoje ſe ventilára nas Cortes, entendo que cauſára taõ grandes duvidas, que por muitos dias ficára indeciſa. Eſta queſtaõ taõ difficultoſa depende de huma ſuppoſiçaõ. Suppoſto que houvera hum Princepe, cercado de tres differentes inimigos, pergunto, que conſelho lhe daria-õ os cortezaõs neſte perigoſo embaraço? O perſuadirlhe, que offereça a paz a eſſes tres inimigos, he obrigalo a manifeſtar a inſufficiencia das ſuas armas, & pelo contrario, ſe o aconſelhaõ, que a todos tres mova guerra, expoem os ſeus Eſtados a huma inevitavel ruina. Logo que determinaçaõ tomaria-õ os Eſtadiſtas neſte caſo? Em quanto eſtais interiormente conſultando eſte ponto militar, & politico, quero declarar o motivo, que me obriga a propor

*Iſai. 9. 6.*

*Neſte tempo ſe celebravaõ as Cortes.*

eſta

eſta queſtaõ, que parece totalmente alheya do intento da Igreja, na ſolemnidade deſte dia.

3. Neſte mundo, tem Deus tres inimigos, hum antigo, outro novo, & outro muito antigo, & ſempre novo. Primeiramente o antigo inimigo de Deus, he o homem, porq̃ deſde o principio do mundo, fez o homẽ liga com o Demonio, & perſuadido das ſuas ſacrilegas promeſſas pretendéo igualarſe com Deus. Em ſegundo lugar o novo inimigo de Deus, he a morte; bem ſei, que a morte naõ he inimiga de Deus, em quanto Deus, mas antes he o mais poderoſo miniſtro da divina juſtiça; ſó a morte he inimiga de Deus, em quanto homem, porque Deus, em quanto homem eſtá ſugeito ás tiranias da morte, & por iſſo, chamo a morte, inimigo novo, porque Deus, que antes de ſe fazer homem, era immortal, depois de humanado, ſe fez paſſivel, & mortal em quanto homem, & no meſmo berço, em que hoje o adoramos, já começa a morte a formar dos inſtantes da ſua vida, os ſeus trofeos; finalmente o inimigo de Deus muito antigo, & ſempre novo, he o peccado, porque o peccado he taõ antigo como o mundo, & he taõ novo, que todos os dias ſe renova, & ſe multiplica; de maneira que, tem Deus humanado tres inimigos, o homem, a morte, & o peccado, & ſuppoſto o ſeu poder he taõ ſoberano, que a todos tres pudera mover guerra com certeza da victoria, obra ao modo humano, & conformandoſe com as leys da noſſa prudencia, enſina com o ſeu exemplo, o que ſe houvera de aconſelhar a hum Principe, no caſo que tenho propoſto. O melhor conſelho, que ſe pôde dar a hum Principe combatido de tres inimigos, he que faça pazes com hum, tregoas com outro, & guerra ao terceiro. Eſta he a ſoluçaõ da duvida, & nella temos toda a materia do Sermaõ, em que veremos como Chriſto Senhor Noſſo, no dia de ſeu Naſcimento, fez pazes com

com o homem, tregoas com a morte, & guerra ao peccado.

4. Estes tres assumptos parecem misteriosamente encerrados na ultima palavra do meu Thema: *Gloria in altissimis Deo, & in terra PAX*; porque esta ultima palavra PAX, he composta de tres letras, cada huma das quaes nos dará materia para hum discurso. O. P. significa paz; o A. composta de duas partes, nem totalmente unidas, nem totalmente separadas, he o symbolo da tregoa, em que as partes, nem totalmente se unem, nem totalmente se apartaõ, & o X. que se forma de hum talho, & de hum revez, he o jeroglyphico da guerra, em que huns, & outros se ferem, & se mataõ, com o talho, & o revez da espada. Já estou vendo, que alguns se anticipaõ em condenar a accomodaçaõ destas letras, como invençaõ pueril, & alheya da gravidade de hum Orador Evangelico, mas advirtaõ estes criticos, que na Sagrada Escritura, naõ sô as palavras, senaõ tambem os caracteres, com que he escrita, tem muita efficacia, & que as mais pequenas letras, servem tal vez para descobrir grandes misterios; de mais do que, razaõ he, que os mais sabios naõ tenhaõ pejo de soletrar as palavras como meninos, quando a Sabedoria divina entra na escola deste mundo em forma de menino. Comecemos pela primeira letra, em que se significaõ as pazes, que Deus humanado faz com os homens para exaltaçaõ da sua gloria: *Gloria in altissimis Deo, & in terra PAX.*

*Iota unum, aut unus apex non præteribit.* Matth. cap. 5. vers. 18.

*Nihil enim temerè vel fortuitò loquitur divina scriptura, sed & syllaba, & apiculus unicus reconditum habet thesaurum, nam in hunc modum se habent spiritualia omnia.* Chrysostom. Homil. 18. in Genes.

## I. PARTE.

5. Na paz, que hoje faz Deus com os homens, naõ sô os homens saõ os interessados, mas tem o mesmo Deus nesta paz singulares conveniencias. Notavel proposiçaõ! Convem a Deus que faça pazes com os homens? Sim: & que razaõ pôde haver na politica do Ceo para fundamento desta conveniencia? Apontou

Isaias

Iſaias a razaõ muitos annos antes da encarnaçaõ do Verbo. Chama Iſaias ao Verbo encarnado, Princepe da paz: *Vocabitur nomen ejus Princeps pacis:* & logo acreſcenta o meſmo Propheta, que ſe multiplicará o Imperio deſte Princepe da paz: *Multiplicabitur ejus Imperium.* Mas como pôde ſer, que hum Princepe acreſcente por meio da paz o ſeu Imperio? Os Imperios acreſcentaõſe com as conquiſtas, as conquiſtas fazemſe com as victorias, & as victorias alcançaõſe nas batalhas. Logo, ſe neſte dia ceſſaõ as guerras do Ceo, & ſe o Princepe da paz, deixa as armas, como pôde acreſcentar o ſeu Imperio? Daõ os Theologos outra razaõ deſta impoſſibilidade. Na divina eſſencia, que he infinita, ſe comprehendem todos os bens criados, futuros, & poſſiveis, & ainda que Deus criára mais mundos, que areas, naõ fora mais poderoſo do que he, porque já tem poder para os criar, & por conſequencia, he taõ Senhor delles antes da ſua criaçaõ, como fora depois, ſe os criará. Mas ſem embargo de todas as razoẽs naturaes, & theologicas, digo que Deus acreſcenta com a paz o ſeu Imperio: *Multiplicabitur ejus Imperium.* Provo o que digo. Primeiro que fizeſſe Deus pazes com os homens, naõ há duvida, que os homens eraõ vaſſalos de Deus; mas que vaſſalos? Vaſſalos rebellados, vaſſalos desleaes, & Reos de leſa mageſtade divina; vaſſalos por natureza, & por neceſſidade; mas naõ vaſſalos por amor; & com eſta ſuppoſiçaõ, podia Deus dizer, que naõ era Rey de ſemelhantes vaſſalos; porque o Rey a que falta o amor de ſeus vaſſalos, naõ ſe deve ter em conta de Rey.

*Iſai. 9.*

*Id. ibid.*

6. A eſte divino Rey humanado, perguntou o preſidente Pilatos, ſe era Rey dos Judéos: *Tu es Rex Judæorum?* Reſpondeo o Senhor: *Tu dicis.* Tu o dizes. Como ſe diſſera o Senhor, tu Pilatos dizes, que ſou Rey dos Judéos, eu naõ

*Matth. cap. 27. verſ. 11.*

naõ o nego, porque assim he; mas naõ o affirmo, porque he o mesmo, que se naõ o fora; que se os Judéos me negaõ a obediencia, se os Judéos blasphemaõ meu nome, & se os Judéos estaõ actualmente maquinando a minha morte, como queres tu, que eu diga, que sou Rey dos Judéos? *Tu dicis.* Hugo Cardeal neste lugar: *Tu dicis; quasi dicat, ego non dico, sed tu.* O amor dos subditos, he a coroa dos Reys, & os subditos naõ se contaõ pelo numero, mas pelo affecto. No inferno tem Deus debaxo do seu poder mayor numero de criaturas, do que em nenhuma parte do mundo; porque conforme a commua opiniaõ, mais saõ os condenados no Inferno, que os Anjos no Ceo, & os homens na terra; mas naõ achareis em toda a Sagrada Escritura, que Deus se chame Rey do Inferno? Pelo contrario, muitas vezes se chama Deus, Rey do Ceo, & Rey da Terra: & porque naõ Rey do Inferno? Porque no Ceo, todos os Anjos amaõ a Deus, & muitos homens amaõ a Deus na terra; mas no Inferno, nenhum dos condenados ama, nem póde amar a Deus, & aonde hum Rey, naõ he amado, naõ he Rey.

7. Antes do Nascimento de Christo, que era a terra, senaõ huma imagem do Inferno? Os seus habitadores eraõ todos, senaõ condenados, dignos da eterna condenaçaõ; porque exceituando a glorioſa Virgem Mãy de Deus, todos os homens estavaõ comprendidos na culpa de seu primeiro pay, & além da culpa original, que geralmente se estendia a todos, as culpas de cada hum em particular faziaõ guerra a Deus; a cegueira dos Gentios escurecia a sua gloria; a ingratidaõ dos Judéos atropellava os seus beneficios, & estavaõ os homens taõ tiranamente Senhores dos estados de Deus na terra, que pouco tempo antes de nascer, naõ achou Deus lugar, nos lugares de seu Senhorio: *Non erat eis locus*: & foi força que andasse

*Luc. cap. 2. vers. 7.*

daſſe por portas, porque as dos coraçoens eſtavaõ cerradas. Verdade he, q̃ Deus como criador do mundo, he Rey de todos os ſeus habitadores, mas ainda era preciſo, que eſte divino Rey fizeſſe novas conquiſtas para gloria, & acreſcentamento do ſeu Reyno. As conquiſtas de Deus, ſaõ os coraçoens dos homens, & cada coraçaõ he hum Imperio, em que acha Deus tantas coroas, quantas finezas, & tantos tributos, quantos affectos. Mas porque meio fará Deus a conquiſta dos noſſos coraçoens para augmento da ſua monarquia? Por meio da paz, porque a paz he cauſa da uniaõ, a uniaõ he effeito do amor, & para com os homens, mais pôde Deus com as ternuras de ſeu amor, que com as aſperezas de ſua juſtiça.

8. No Apocalipſe apparecéo o Senhor em duas differentes figuras, em figura de Leaõ, & em figura de Cordeiro, mas vejo que em quanto Leaõ, ninguem ſegue ao Senhor, & pelo contrario, todos ſeguem ao Senhor em quanto Cordeiro: *Hi ſequuntur agnum:* Deus com a formidavel mageſtade de Leaõ, fica ſô, & por iſſo ſô, porque temido; mas na benigna apparencia de Cordeiro, Deus he ſeguido, & por iſſo ſeguido, porque amado: *Hi ſequuntur agnum.* Suſpirando o Propheta Iſaias pelo Naſcimento do Senhor, pedia a Deus, que mandaſſe o Cordeiro dominador da terra: *Emitte agnum Domine dominatorem terræ:* mas ſe he Cordeiro, como há de dominar? Se he Cordeiro, como há de vencer? E com que armas poderá hũ Cordeiro ſojugar o mundo? Com a ſua propria manſidaõ: que como advertio S. Joaõ Chryſoſtomo, nenhuma couſa tem para com os homens mayor força, que a brandura: *Nihil manſuetudine potentius.* Que mal conhecem o temperamento do coraçaõ humano, os que pretendem rendello com violencias; o homem foi compoſto do lodo da terra: *Formavit hominem de limo ter-*

*Apoc. 14. verſ. 4.*

*Chryſoſtom. in Pſalm. 120.*

*Geneſ. 2. 7.*

*terræ*: por isso tem o coraçaõ do homem o mesmo temperamento, que o lodo, de que foi composto; ás ardentes setas dos rayos do Sol, se endurece, o lodo, & aos brandos borrifos do orvalho, se dissolve; assim o nosso coraçaõ, o rigor o endurece, & a clemencia o abranda. Ao Propheta Elias, quiz Deus mostrar as armas, com que costuma abrandar a dureza dos coraçoens humanos, & ouvio Elias espantosos tremores da terra; vio torrentes de fogo, que abrazavaõ os campos, & tormentas desfeitas, que arrebatavaõ os penhascos; naõ duvido, que Elias applaudisse estes estrondosos horrores, porque eraõ conformes à aspereza do seu genio, mas para o desenganar, disselhe o Anjo, q̃ nos terremotos, & nas tormentas, que ouvíra, naõ andava o espiritu do Senhor: *Non in commotione Dominus, non in igne Dominus:* socegou finalmente esta temerosa tempestade, & sentio Elias huma branda viraçaõ, & hum suave Zephiro, *Sibilus auræ tenuis:* para que entendesse, que esta brandura, & esta suavidade saõ as armas, com que Deus triumfa das nossas obstinaçoens: *Sibilus auræ tenuis; in quo Dominus*, acrescenta Hugo Cardeal. *Hug. Card. in 3. Reg. 19.*

3 *Reg. cap. 19. vers. 11.*

9. Esta pois he a razaõ, porque Deus offerece pazes aos homens, na mesma hora, em que nasce para os conquistar: *Pax hominibus.* Toda a razaõ de estado, que Deus tem nas pazes, que hoje faz com os homens, he que os homens se sogeitem ao imperio do seu amor, & sabendo Deus, quanto pôde para com os homens a humanidade de hum soberano, para todos se humana, & he taõ humano, que parece mais humano, que divino. Já naõ parece Deus, aquelle formidavel Rey dos Exercitos, porque trocou as suas bandeiras em mantilhas; converteraõse as suas setas em palhas; aquellas maõs, que antigamente fulminavaõ rayos, estaõ atadas, & enfaixadas no berço, & para ser mais amado, fez Deus de

de ſi meſmo o retrato do amor, porque tomou a figura de hum menino. Na opiniaõ de S. Aguſtinho, todos os homens naſcem meninos, porque naſcem em peccado, que ſupoſto todos os partos da natureza, ſaõ pequenos no ſeu naſcimento, & ſô com os progreſſos do tempo, ſe augmentaõ, ſenaõ eſtiveramos comprendidos no peccado de noſſo primeiro Pay: diz S. Aguſtinho, que acelerando a divina omnipotencia os augmentos da natureza, naõ eſtariamos ſogeitos ás imbecilidades da menenice, mas logo depois de naſcidos, lograramos os dotes de huma robuſta mocidade. Neſte felice eſtado, naſceo Adaõ, porque naſceo em graça, chegou Adaõ a ſer grande, ſem creſcer, & com prerogativas de Sol, teve o corpo de Adaõ a meſma grandeza, na aurora da ſua idade, que no meio dia da ſua varonia.

Ejus filios poterat omnipotentia creatoris, mox editos, grandes protinus efficere. *Aug. tom. 7. 271. col. 1. c. D.*

Huic propoſitioni reſpondemus, Adam propterea non talem creatum, quia nullius parentis præcedente peccato, nos ideò tales, quia illius præcedente peccato, nati ſumus in carne peccati. *Aug. tom. 7. 291. col. 1. c. D.*

10. Mas ſe as miſerias da infancia, ſaõ caſtigos da culpa, Chriſto Senhor Noſſo, que naſceo ſem peccado, porque razaõ naſceo menino? *Cur Chriſtus longe excellentior, & certè ſine ullo peccato natus ex virgine, in hac tamen infirmitate, atque ætate natus apparuit.* A eſta pergunta de S. Aguſtinho, já tenho dado a reposta. Para ſe fazer mais amavel, naſceo Deus na figura do amor. Lá dizem os Poetas, que o amor, he Deus, & os Pintores repreſentaõ o amor em fôrma de menino. Eſtas ſaõ as duas excellencias do amor, a divindade, & a infancia, a divindade para o poder, & a infancia para o agrado; com eſtas duas prerogativas naſce o noſſo divino Infante, porque he Deus, & he menino, logo eſte menino Deus, he o Amor, naõ o Amor dos Poetas, que he hum Deus fingido, nem o Amor que os quadros nos repreſentaõ, que he hum menino pintado, mas he o verdadeiro amor, porque he verdadeiramente Deus, & verdadeiramente menino. Agora entendo a razaõ porque o Propheta Iſaias começa o encomio de Deus huma-

*Auguſtin. ibid. 291.*

humanado por eſtas palavras: *Parvulus natus eſt nobis.* Antepoem o Propheta o nome de menino aos titulos, que propriamente competem a Deus, chamalhe Princepe, & chamalhe Rey, mas em primeiro lugar lhe chama menino: *Parvulus:* porque Deus em forma de menino, repreſenta o Amor, & o Amor tudo vence. A penas apareceo no mundo eſte divino Amor, que ſe viraõ a ſeus pés tres mageſtades rendidas, & eſte meſmo Deus, que apparecendo aos Hebréos no meio dos relampagos, dos trovoens, & dos rayos, apenas pode reduzir eſta unica naçaõ; fazendo pazes com os homens, & transformandoſe na figura do amor, ſojugou tantas naçoens, quantas ſaõ as que hoje o amaõ, & o adoraõ em todos os Imperios da Chriſtandade: *Parvulus natus eſt nobis, vocabitur nomen ejus, Princeps pacis, multiplicabitur ejus imperium.* Neſte primeiro diſcurſo temos viſto, porque razaõ o Redemptor do mundo faz pazes com os homens, vejamos agora, porq̃ capitula tregoas com a morte, ſegundo inimigo de Deus, em quanto homem.

*Iſaiæ 9. verſ. 6.*

*Iſai. ibid.*

## II. PARTE.

11. Saõ as Tregoas, hum Interdito militar, com que ſe fechaõ os Templos de Marte, ſocegaõ os combates, & ſe ſuſpendem as batalhas. Digo pois, que Deus humanado faz tregoas com a morte, porque dilata o mortal conflicto para a ultima hora da vida, em que inclinando no madeiro da Cruz a cabeça, dará com eſte aceno o final da batalha, & no mar de ſeu ſangue afogará a morte: *Ero mors tua, ô mors.* Duas couſas podia o Senhor fazer para bem do mundo. Para acelerar a noſſa Redempçaõ, podia o Senhor morrer, logo depois de naſcido, & para viſivelmente perpetuar no mundo a ſua preſença, podia eternizar a vida. Mas neſte mundo naõ quiz o Senhor huma morte acelerada,

*Oſe. 13. verſ. 14.*

rada, nem huma vida eterna, & com eſta determinaçaõ da ſua infinita ſabedoria, condenou o Senhor os dezejos de dous generos de homens. Huns quizeraõ, q̃ a morte os levára no primeiro inſtante do ſeu Naſcimento, iſto dezejou Job, quando diſſe: *Quare egreſſus ex utero, non ſtatim perij:* & outros dezejaõ perpetuar neſte mundo a vida; eſte he o dezejo dos que vivem affeiçoados aos bens da terra. E por iſſo os cortezaõs de Nabuco procuravaõ a ſua benevolencia, com lizonjas de immortalidade: *Rex in æternum vive.* Mas huns, & outros ſe enganaõ, porque ao homem naõ convem, morrer logo, nem viver ſempre. Primeiramente, naõ convem ao homem, que a morte ſe ſiga ao primeiro inſtante de ſeu naſcimento, porque o homem naſce para merecer, mas naõ pôde merecer ſem obrar, nem obrar ſem viver.

*Iob. cap. 3. verſ. 11.*

*Daniel. 3. 9.*

12. Chama S. Baſilio a vida do homem, Eſcola da virtude, & no meſmo tempo diz, que quem neſta Eſcola naõ ſe exercita, naõ vive. *Hominum vita, virtutis palæſtra eſt, ut vivere non videatur, qui ſe in virtutum palæſtra non exercet.* Quantos há, que no mundo, ſaõ vivos na apparencia, & na realidade mortos, vivos para as operaçoẽs da natureza, & mortos para as obras da virtude. A vida humana eſtá ſogeita a dous generos de morte, à morte natural, & à morte moral; a morte natural tira ao homem o uſo dos ſentidos, a morte moral tira ao homem os exercicios da virtude, & eſta morte moral ſe origina do ocio, & das delicias da vida.

*Baſilius Seleuciæ Epiſc. Oration. 1.*

13. Neſte mundo naſce o homem para o trabalho: *Homo naſcitur ad laborem:* & por conſequencia, deve o homem viver para trabalhar, & juntamente, deve trabalhar para viver, & ſe naõ trabalha, naõ vive, porque naõ vive com as condiçoẽs, com que naſce. Ninguem naſce com maiores obrigaçoẽs de trabalhar, que

*Iob. cap. 5. verſ. 4.*

que os Princepes, que ſupoſto naſcem para reinar, naõ podem reinar bem, ſem trabalhar; por iſſo o Rey dos Reys naõ aceitou o titulo de Rey, ſenaõ na Cruz, que foi o theatro dos ſeus trabalhos. Os Delfins, que ſaõ os Reys dos peixes, vivem nas amargoſas ondas do Oceano, & na agoa doce, morrem; naõ de outra ſorte os Princepes, dados aos goſtos, & paſſatempos da vida; naõ tem o ſeu ſceptro actividade, quando o ocio impera, & o mel das delicias, he o contagio das coroas. Inclinou o Princepe Ionathas a vara, que trazia na maõ, para hum favo de mel, & depois de haver provado a doçura deſte licor, diſſe que ſe ſentia morrer: *Guſtavi paululum mellis in ſummitate virgæ, quæ erat in manu mea, & ecce morior.* Naõ acho na Eſcritura, que Ionathas morreſſe neſta occaſiaõ; & naõ ſô, naõ morreo, mas nem adoeceo taõ pouco: logo com que razaõ diz, que eſtá morrendo? *Ecce morior.* Oh! naõ morreo Ionathas como homem, mas morreo como Princepe, porque a vara, que elle meteo no mel, era o ſeu ſceptro. *Virga, ſceptrum eſt*, diz Sanctio neſte lugar: & quando o ſceptro dos Princepes ſe inclina para os goſtos, quando ſe embebe no mel das delicias, & nos prazeres da vida, morrem os Princepes, porque faltaõ ás obrigaçoẽs com que que naſcéraõ, & o mel de que goſtaõ, he o veneno de que morrem: *Guſtavi paululum mellis, & ecce morior.* Deſde o primeiro inſtante do ſeu Naſcimento, vive o divino Jeſus como Princepe, porque morre ás delicias da vida, o ſeu Palacio he hum Preſepio, a ſua purpura ſaõ os pobres panos, que cobrem, as ſuas perolas ſaõ as ſuas lagrimas, & porque naſce com obrigaçoens de Princepe, cumpre com as ſuas obrigaçoens deſde o principio da ſua vida.

1 Reg. 14. verſ. 43.

14. Tenho para mim que os Princepes ſe chamaõ Princepes, porque o officio dos Princepes, he princi-

principiar; a vontade dos Princepes, he o principio das leys, o valor dos Princepes, he o principio das victorias, & a juſtiça dos Princepes, he o principio do bom governo das monarquias. Mas no principio da ſua vida, os meſmos Princepes, naõ ſaõ Princepes, porque neſta tenra idade, ainda naõ principiaõ a reinar. A aurora da ſua infancia, he o eclipſe da ſua authoridade, & nos ſeus primeiros annos, ſaõ taõ incapazes para governar, que neceſſitaõ de quem os governe. Só Chriſto Senhor Noſſo exercitou deſde menino o officio de Princepe, porque principiou a reinar, no meſmo inſtante em que principiou a viver, & eſte parece o miſterio, porque S. Ioaõ lhe chama Princepe, & naõ Rey: *Princeps Regum terræ.* Nos termos do Paço, o titulo de Princepe, naõ he taõ mageſtoſo, como o de Rey, mas na peſſoa de Deus humanado, o nome de Princepe he o eſmalte da ſua gloria, porq̃ taõ anticipadamente exercitou o officio de Princepe, que naõ ouve differença de tempo, entre o principio da ſua vida, & o principio do ſeu Reynado, & por iſſo lhe compete o nome de Princepe por antonomaſia: *Princeps Regum terræ.*

Apoc. 1. 5.

15. Obrou o noſſo divino Princepe maiores acçoẽs em poucos dias de idade, que os maiores Princepes do mundo em muitos annos de vida. As mais glorioſas acçoẽs de hum Princepe ſe reduzem a quatro. Conquiſtar Reynos, conſervar as conquiſtas, premiar os benemeritos, & caſtigar os crimonoſos. Tudo iſto fez o Senhor eſtando ainda no berço. Conquiſtou Reynos, conſervou as conquiſtas, premiou os benemeritos, & caſtigou os criminoſos; conquiſtou Reynos nos tributos do Oriente, que os Reys lhe offerecéraõ, & conſervou as conquiſtas; porque a eſtes monarcas tributarios, ordenou, que naõ tornaſſem para Jeruſalem, aonde Herodes os eſperava para lhe tirar a vida; os benemeritos

tos premiados, foraõ os Paſtores, porque deixáraõ as ovelhas no campo, & acháraõ o Cordeiro do Ceo, & ſubíraõ a hum taõ alto ponto de graça, que chegáraõ a ouvir os eccos da gloria; finalmente caſtigou eſte divino Senhor os criminoſos, permitindo, que no dia do ſeu Naſcimento cahiſſem, & ſe deſpedaçaſſem todos os Idolos da Gentilidade. Qual monarca houve no mundo, que chegaſſe a fazer em taõ breves dias, taõ grandes emprezas? E como podéra o Senhor obrar tantas, & taõ maravilhoſas façanhas neſta vida mortal, ſenaõ fizera tregoas com a morte? Duráraõ eſtas tregoas pelo eſpaço de trinta & tres annos, mas finalmente acabáraõ as tregoas, porque naõ convinha, que foſſem eternas. A vida he para os merecimentos, & a morte para os premios, porque no combate da morte, ſe alcançaõ os coroas da immortalidade; por iſſo, o Author da vida, que naſceo para viver, tambem naſceo para morrer, & baſtoulhe ſer do numero dos naſcidos, para entrar no numero dos mortaes.

16. Toda a razaõ do morrer, he o naſcer, lá o diſſe Tertulliano: *Forma moriendi, cauſa naſcendi eſt:* eſta pôde ſer huma das razoẽs, porque das tres peſſoas divinas, ſô o Verbo morreo: na Santiſſima Trindade, o eterno Pay naõ naſce, mas antes (para uſar dos termos da Theologia) o Eterno Pay he innaſcivel, porque naõ tem principio productivo do ſeu ſer; tambem o Eſpirito Santo naõ naſce, mas procede, ſô o Verbo, he o que naſce, & o morrer eſtá taõ naturalmente avinculado ao naſcer, que eſta divina Peſſoa, que unicamente naſce, he a unica que morre; verdade he que no ſeio do Eterno Pay pôde o Verbo naſcer ſem poder morrer, mas neſte mundo torna o Verbo a naſcer, para que poſſa morrer, torna a naſcer como homem Deus, para que poſſa morrer como homem; no ſeu Naſci-

*Tertullian. de Carne Chriſti cap. 16.*

Naſcimento eterno tem o Filho de Deus pazes com a morte, porque a morte naõ tem poder na Eternidade, mas no ſeu Naſcimento temporal, eſte meſmo Filho de Deus, emquanto homem, eſtá debaixo da juriſdiçaõ da morte, & os dias da ſua vida, ſaõ tregoas, com que dilata o combáte, para preparar a victoria: *Ero mors tua, ô mors.* O terceiro inimigo de Deus, he o peccado, & a eſte capital inimigo da Divindade, move Deus guerra para o deſtruir, porque na deſtruiçaõ do peccado, eſtá a gloria de Deus: *Gloria in altiſſimis Deo.*

## III. PARTE.

17. Neſta taõ juſta guerra, que hoje Deus intima ao peccado, he muito para advertir, que das tres Peſſoas divinas, ſó a ſegunda Peſſoa ſahe ao campo; peccou Adaõ contra Deus, & no meſmo tempo offendeo Adaõ as tres Peſſoas divinas, porque todas tres ſaõ hum ſó Deus, indiviſivel na eſſencia, & por conſequencia, inſeparavel na offenſa; mas ſe as Peſſoas offendidas ſaõ tres, porque razaõ ſó a ſegunda Peſſoa ſe arma contra o offenſor? Porque ao noſſo modo de entender, a ſegunda Peſſoa foi particularmente offendida. O peccado de Adaõ, foi hum dezejo de ſaber: *Eritis ſicut Dij, ſcientes:* & o ſaber, he o attributo da ſegunda Peſſoa divina. Naõ pretendeo Adaõ de ſe attribuir o poder, que he proprio do Eterno Pay, nem teve dezejo de ſe attribuir a bondade, que he propria do Eſpirito Santo, mas com temeraria ignorancia appeteceo Adaõ o ſaber, que ſe appropria à Peſſoa do Filho. S. Bernardo: *Scientiam, quæ Filij eſt, ſubripere homo voluit.* Logo ſe o primeiro peccado foi hum aggravo, que ſe fez à Peſſoa do Filho, razaõ era, que o Filho tomaſſe as armas contra o author deſte aggravo. Mas pergunto, que armas tomou eſte Deus aggravado, para inſtrumentos

*Geneſ. 3. verſ. 5.*

*Bern. Serm. 1. de Advent.*

das

das suas victorias? Lá o disse Ricardo de S. Lourenço: *Armaturam humanæ carnis sibi adaptavit.* Tomou o Verbo hum corpo humano por armas, & vestio de carne a sua Divindade. Notavel modo de se armar! Nas milicias da terra, os soldados, que vestem sayas de malha, & peitos de aço, para pelejar, poem estas armas sobre o corpo, & naõ poem o corpo sobre as armas; pelo contrario poz o Verbo divino a fragil substancia da carne, sobre o impenetravel escudo da Divindade, & cobrindo as armas, que o fazem impassivel, fez do seu corpo passivel, hum corpo de armas. Altamente S. Pedro Damiaõ: *Non sicut milites Deus, sed ipse loricâ Deitatis accinctus, carnem superposuit Deitati.* Mas porque razaõ, na guerra que Deus faz ao peccado, toma Deus hum corpo por armas? A razaõ he esta. Para ser a victoria mais gloriosa, era preciso que Deus vencesse ao peccado com as mesmas armas com que o peccado faz guerra a Deus, & para este effeito tomou Deus hum corpo para destruir o corpo do peccado. Pois o peccado tem corpo? Sim. Nestes termos falla S. Paulo lembrandonos a victoria, que Christo alcançou nà Cruz: *Crucifixus est, ut destruatur corpus peccati.* Rom. 6. v. 6.

*Ricard. S. Laurent in umbra Virgin. Novarin. lib. 4. n. 642. p. 186. col. 2.*

*Damian. in gliel. p. 2. p. 1. p. 101. col. 2.*

18. O peccado tem hum corpo fantastico, mostruosamente organizado; a soberba do ambicioso Lucifer, lhe inchou a cabeça, & a levantou taõ alto, que esvaeceo; a desobediencia de Adaõ, lhe estendeo os braços para colher o pomo vedado; a maldade de Cain lhe armou as maõs para matar a Abel; o Amor profano lhe rasgou os olhos, & juntamente os cegou; a curiosidade lhe espertou os ouvidos, a gula lhe abrio a boca, a detracçaõ lhe soltou a lingua, a enveja lhe destemperou o fel, a ira lhe acendeo o sangue, o odio lhe endureceo o coraçaõ, a Idolatria lhe dobrou os joelhos aos falsos Deoses da Gentilidade, & a impie-

dade

dade lhe deu os pés, com que calca todas as leys humanas, & divinas, em concluſaõ, o peccado naõ ſó tem corpo, mas he todo corpo, ſem alma, ſem eſpiritu, ſem diſcurſo, & ſem razaõ: *Corpus peccati.* Mas ſe o peccado ſe formou hum corpo para offender a Deus, tambem o Filho de Deus, tomou neſte mundo hum corpo, para deſtruir o corpo do peccado, & como ſeguro da victoria, feſtejou o Senhor no dia do ſeu Naſcimento, a organiſaçaõ do corpo, com que ſahíra armado. Prova deſta verdade ſaõ as proprias palavras do Senhor. Diz S. Paulo, q̃ Chriſto fallára na meſma hora, em que appareceo no mundo: *Ingrediens mundum dicit.* Naſceo o Senhor, & fallou; porèm naõ fallou de modo, que os que lhe aſſiſtiaõ o podeſſem ouvir, mas ſem proferir palavra alguma, fallou interiormente com ſeu Eterno Pay: *Ingrediens mundum dicit: dicit Filius Deo Patri:* interpreta Hugo Cardeal. E que diſſe o Senhor neſta ſua primeira entrada no mundo? Diſſe com demonſtraçoens de agradecido, que o Eterno Pay lhe armára hum corpo: *Corpus autem aptaſti mihi.* Pois feſteja o Senhor a materialidade do corpo com que naſce? Sim, porque com eſte divino corpo, deſtruirá o Senhor o corpo da Republica do peccado. A Republica, ou para melhor dizer, a familia, & deſcendencia do peccado, he eſta. O pay do peccado, foi o Demonio; a filha do peccado, he a morte, & a poſteridade do peccado, ſaõ todas aquellas acçoens peccaminoſas, que com impia fecundidade continuamente ſe multiplicaõ; mas contra o corpo deſta infernal Republica, ſe poz Deus em campo, armado de hum corpo, & eſte divino corpo crucificado vencerá o pay do peccado, que he o Demonio; eſte divino corpo reſuſcitado triumpharà da filha do peccado, q̃ he a morte, & eſtemeſmo corpo ſacramentado ſerá o eſcudo da Igreja Militante con-

*Hebr. 10. verſ. 5.*

*Hug. Card. in Hebr. 10.*

tra todos os inſultos do peccado: *Corpus autem aptaſti mihi, ut deſtruatur corpus peccati.*

*Hebr. 10. Roman. 6.*

19. Acabo o Sermaõ com as primeiras palavras do meu Thema: *Gloria in altiſſimis Deo:* Gloria a Deus no Ceo, & gloria a Deus na Terra, em que o berço da ſua infancia, he o carro do ſeu triumpho. Os inimigos, de que Deus triumpha, ſaõ o homem, a morte, & o peccado, porque ſuppoſto faz Deus pazes com o homem, tregoas com a morte, & guerra ao peccado, eſtas pazes, eſtas tregoas, & eſta guerra, ſaõ tres victorias, que Deus humanado alcança no ſeu naſcimento. Vence Deus aos homens no meſmo tempo, que lhe offerece a paz, porque a ſua clemencia rende a dureza dos noſſos coraçoens: vence o Senhor a morte, fazendo tregoas com ella, porque ſuſpende as armas, para lhe cauſar mayores eſtragos: finalmente vence o Senhor ao peccado deſde o principio da guerra, que lhe declara, porque em Deus, o combater, he o meſmo, que vencer. Unamos logo as noſſas vozes com as dos Anjos, & com ſanta emulaçaõ celebremos a gloria das victorias do Altiſſimo: *Gloria in altiſſimis Deo:* & celebrando na terra a gloria de Deus, nos dará Deus Graça, para chegarmos a lograr eſta meſma Gloria no Ceo: *Ad quam nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

# SERMAM
NO
# DOMINGO
DA
# SEPTVAGESIMA.

Prégado na Capella Real no Anno de 1680.

---

*Quid hic ſtatis tota die otioſi?* Matth. 20. n. 6.

Muito altos, & poderoſos Princepes, & Senhores noſſos.

20. HOmens ociosos, Eſtatuas da humanidade, embaraços da Republica, Antipodas da vigilancia, plantas eſtereis, troncos animados, fantaſticos frontiſpicios, ſimulacros do ſono, & da preguiça, deſpertai deſſe taõ profundo letargo, & dai attençaõ ás ſonoras vozes do Evangelho: *Quid hic ſtatis tota die otioſi?* Notavel ambiçaõ he eſta do ocio! Fez Deus o dia para o trabalho, & a noite para o deſcanço, & naõ ſatisfeito o ocio de reinar no ſilen-

cio da noite, chegou a uſurpar o Imperio do dia: *Totâ die otioſi.* No primeiro dia do mundo criou Deus a luz, & no meſmo tempo chamou Deus à luz, dia: *Appellavitque lucem diem.* E porque razaõ ſe chama a luz, dia? Paraque entendamos, que ſempre o dia há de ſer como a luz; nunca eſtá a luz ocioſa, porque a luz he toda olhos, & ſempre os tem abertos, para aſſiſtir a todas as obras, que ſe fazem no mundo: he a luz taõ inclinada a obrar, que do mais alto trono da ſua esfera, ſe inclina, & ſe abate à terra, para acudir a todas as operaçoens da natureza; ſendo pois huma meſma couſa, a luz, & o dia, naõ he verdadeiramente dia aquelle, em que o ocio domina. Verdade he, que no Evangelho de hoje, o tempo que os ocioſos gaſtaõ inutilmente, he chamado dia: *Totâ die otioſi.* Mas (ſe bem advertirdes) há huma grande differença entre dias, & dias. Aos dias deraõ os antigos nomes muito diverſos, & miſterioſos. Huns ſe chamaõ dias Intercalares, ou Biſſextos, & ſaõ os que ſobejaõ dos doze mezes do anno; outros ſe chamaõ dias Solſticiaes, quando o Sol eſtá nos Tropicos; outros ſaõ Equinocciaes, quando o Sol anda no equinoccio; & quando entra na Canicula, os dias ſe chamaõ, Caniculares. Tambem há dias Interciſos, em que as horas da manhaã ſe conſagraõ a Deus, & da tarde ſe gaſtaõ em outros exercicios. Nas memorias da antiguidade, acho que havia dias, a que chamavaõ, Preliares, porque em taes dias ſe davaõ as batalhas, & outros ſe chamavaõ dias Comiciaes, em que havia juntas para a eleiçaõ dos miniſtros. Deſtes taõ differentes dias, formáraõ os antigos differentes Kalendarios, ou Diarios, & com eſte exemplo formarei neſte Sermaõ, o Kalendario, ou para melhor dizer, o Diario da ocioſidade.

*Geneſ. 1.*

21. Neſte imaginado Diario, naõ há dias de fazer, porque todos ſaõ dias feria-

feriados: *Totâ die otioſi*; & aindaque foraõ dias de trabalho, nem por iſſo foraõ propriamente dias, porque propriamente fallando, naõ he dia, o em que ſe obra, ſô o dia em que ſe obra bem, he propriamente dia. Obrou o Patriarca Noe taõ bem, que acabou de fazer tudo o que Deus lhe mandára: *Fecitque Noe omnia, quæ mandaverat ei Deus*: & conforme a verſaõ Hebraica, acreſcenta a Eſcritura eſtas palavras: *In proprietate diei illius, ingreſſus eſt Noe.* Entrou Noe na Arca na propriedade daquelle dia, porque ſô he propriamente dia, o em que o homem faz a vontade de Deus, que he o Author de todos os dias. Todos os mais dias, que contra a Ley de Deus, o appetite ſacrifica aos goſtos, a cobiça aos augmentos, a ambiçaõ ás preeminencias, a vaidadade aos adornos, a intemperança aos regalos, a ſagacidade ao engano, a tafularia ao jogo, a comedia ao theatro, & o Amor profano ás laſcivias, ſaõ dias improprios, dias ſem luz, dias ſem dia, dias excluidos do Kalendario da virtude, & ſòmente apontados no Diario do ocio: *Totâ die otioſi.* Em tres differentes officinas, imprime o ocio o ſeu Diario. Na officina da pobreza, na officina da ignorancia, & na officina da culpa; porque como veremos nas tres partes do Sermaõ, de ordinario os ocioſos ſe fazem pobres, ignorantes, & vicioſos. Supoſto iſto, digo, que no Diario do ocio, há dias mingoados, dias eſcuros, & nenhum dia Santo. Primeiramente, há dias mingoados, porque o ocioſo deixa perder os ſeus negocios à mingoa, & fica reduzido a huma extrema pobreza. Em ſegundo lugar há dias eſcuros, porque o ocioſo naõ illuſtra o entendimento com as lettras, & fica ſepultado nas trevas da ignorancia; finalmente, no Diario do ocio, naõ há dias Santos, porque o ocioſo ſe entrega a todo o genero de peccados, & fica ſua alma precipitada nos

*Geneſ. cap. 6. n. 22.*

*In articulo diei illius, juxta Hebræũ habetur, in proprietate diei illius. Caietan. ib.*

abyſmos da culpa. Vamos à primeira officina, em que a pobreza imprime a folha dos dias mingoados, & eſta he a primeira parte do Diario do ocio: *Totâ die otioſi.*

## I. PARTE.

22. A hum eſpiritu Apoſtolico a pobreza voluntaria, he a ſua gala, mas a huma nobre familia, a pobreza forçoſa, he hum cruel martirio, & os verdugos dos filhos ſaõ os pays, que deſcuidados do governo de ſua caſa, poem todo o cuidado nos infructuoſos entretenimentos de huma vida ocioſa. Os primeiros, & mais ricos pays de familias, foraõ Adaõ, & Eva, & ambos foraõ taõ ocioſos, que gaſtáraõ as primicias dos ſeus diſcurſos na pernicioſa converſaçaõ de huma ſerpente, & como meninos parvoamente appetitoſos, foraõ apoz de huma maçaã. Neſta pueril ocioſidade, perdéraõ noſſos primeiros Pays todo o mundo, de que eraõ Senhores, & o meſmo mundo ſe perdéo todo na ſua deſgraça da poſteridade; mas naõ ſò faz o ocio perder os bens, que ſe poſſuem, tambem he cauſa, de que ſe percaõ os bens, que ſe houveraõ de acquirir, & aſſim duas vezes perdéo Adaõ o Paraizo, porque foi lançado do Paraizo em que eſtava, & juntamente ſe fez indigno do Paraizo, para que Deus o criára; perdéo Adaõ o Paraizo terreal, como deſterrado, & perdéo o Paraizo Celeſtial, como criminoſo. Oh quantas perdas occaſiona hum inſtante de ocio! Pelo contrario a mais deſemparada pobreza ſe pôde enriquecer com o trabalho, & tem os pobres eſta ventajem, que o ſerem ricos, & abaſtados, eſtá na ſua maõ, porque naõ há grandeza, a que naõ poſſa ſubir o trabalho de huma maõ induſtrioſa.

23. Entre os mais engenhoſos inſectos da terra, poem Salamaõ o Eſtellio, que he huma eſpecie de lagarto, que trepando com

as

as maõs sobe insensivelmente pelas paredes, & se levanta taõ alto, que chega aos tectos dos palacios dos Reys: *Stellio manibus nititur, & moratur in ædibus Regis.* Este he o jeroglyphico de huma artificiosa pobreza, que naõ tendo azas para se levantar, se ajuda com as maõs: *Manibus nititur*: & até nos palacios dos Reys, introduz as obras do seu industrioso trabalho: *Moratur in ædibus Regis.* Nas artificiosas maõs dos homens, está o seu cabedal, & o seu alimento, & foi providencia do Author da natureza, que a maõ do homem levasse à boca o comer, porque a maõ he o instrumento, de que o homem se serve para trabalhar. Neste sentido se podem entender as palavras do Propheta: *Labores manuum tuarum, quia manducabis, beatus es.* He o homem taõ venturoso, que a mesma maõ, que lhe foi dada para o exercício do trabalho, lhe serve para a satisfaçaõ do gosto; todos comem com as maõs, porque todos com as maõs trabalhaõ, & assim vemos as maõs de todos diversamente occupadas; a maõ do Agricultor com o arado, a maõ do Soldado com a espada, a maõ do Letrado com a penna, a maõ do Juiz com a vara, a maõ do Ministro com os despachos, a maõ do General com o bâstaõ, a maõ do Prelado com o Bago, & até as maõs dos Reys com o sceptro, & he taõ proprio das maõs do homem o trabalho, que huma maõ ociosa, he maõ perdida.

*Proverb. 30. 28.*

*Psalm. 127. vers. 2*

24. Na Sinagoga achou o Senhor hum homem com a maõ tolhida, & seca: *Erat ibi homo habens manum aridam.* Applicou o Senhor o seu soberano poder ao remedio do achaque, & he para reparar, que naõ diz o Evangelista, que o Senhor sarou esta maõ enferma, mas, que a restituio: *Restituta est manus illi.* Propriamente fallando, a restituiçaõ he só do que se perdeo, & a maõ daquelle enfermo estava pegada ao braço, & naõ

*Marc. 3. 4.*

decepada, nem cortada, mas inteira; inteira ſim, mas tolhida, & neſte eſtado era inutil, ſem movimento, & ſem exercicio: & huma maõ, que naõ obra, he maõ perdida. Argumentando pois da parte ao todo, & da maõ do homem ao meſmo homem, o ocioſo he hum perdido, que naõ tem outra ocupaçaõ que perderſe a ſi, & perder tudo, perde o tempo, perde o credito, perde as occaſioens de ſe recuperar, & finalmente ſe perde a ſi meſmo, porque perde o ſuſtento da vida. Naõ aſſim os pobres induſtrioſos, que na mina da ſua habilidade, achaõ tudo o que lhe falta, & a meſma pobreza, que os perſegue, he a que lhe enſina as Artes, de que vivem.

25. Lá o diſſe Apuleio: *Paupertas, omnium Artium temperatrix.* Todas as artes ſe forjáraõ nas officinas de huma induſtrioſa pobreza, porque acharſe hum homem engenhoſo em neceſſidade, he o meſmo, que deſpertar o engenho para o ſeu remedio. Quantos vendo a ſua má Eſtrella, procuráraõ de a deſcubrir boa nos Ceos? Quantos digo ſe fizeraõ Aſtrologos, por ſer ordinario nelles ver as eſtrellas ao meio dia? Quantos aprendéraõ a nautica, ſô para ſe ſaberem livrar dos baxos, & navegar huma vez vento em popa; quando menos aprendéraõ a terſe ás tempeſtades, que naõ he outra couſa a pobreza, ſenaõ huã tormenta desfeita, q̃ desfaz o baxel do corpo humano nos baxos da miſeria. Muitos houve, que ſe deraõ à Rhetorica, para que, já que naõ podiaõ ornar as peſſoas, ornaſſem os diſcurſos, & alcançaſſem com figuras, o que na realidade lhe faltava. Alguns ſe fizeraõ Soldados, mais para vencerem a ſua fortuna, que para defenderem a Patria, buſcando a vida na milicia, em que Marte ſempre faz liga com a morte. A Poeſia ſempre andou avinculada à pobreza, & naõ acharem muitos o numero ás ſuas neceſſidades,

lhe

lhe fez achar o numero aos verſos, ſervindolhe tal vez a boa cadencia do metro, para ſe levantarem na eſtimaçaõ do mundo. Alguns ſe applicáraõ à Arithmetica, começando a contar o alheo, para depois ſomar o proprio; outros finalmente ſe apuráraõ na muſica, & enfadados do canto chaõ, procuráraõ lançar o contraponto, preparando a harmonia das vozes, para a conſonancia das venturas, & ſe chegáraõ a ter bem que comer, entaõ fizeraõ bons paſſos de garganta.

26. Eis ahi como a induſtria, a todos remedea, pelo contrario, a todos empobrece o ocio, & porque o ocioſo he indigno de viver, Deus aindaque author da vida, naõ quer ſuſtentar a vida de hum ocioſo. Para ſuſtento dos Iſraelitas, cahia o maná no deſerto, mas ao romper do Sol ſe derretia, & ſe desfazia o maná, para que os que naõ madrugavaõ, naõ tiveſſem que comer; ſahia o Sol, & deſaparecia o alimento, porque Deus he hum Pay de familias, que naõ dá alimentos ſenaõ aos que com ſua vigilancia os buſcaõ, & com ſeu trabalho os merecem. Deus, que he a meſma actividade, naõ pôde ſofrer o ocio, & eſta (a meu ver) he huma das razoens, porque no Levitico, quiz Deus, que ſe puzeſſe o camaleaõ no numero dos animaes, que os homens haviaõ de aborrecer. Naõ há Animal mais ocioſo, mais lento, & vagaroſo, que o Camaleaõ; apenas ſe move, quando anda; naõ levanta os pés, arroja-os, & o ſeu caminhar, mais parece deſmayo, que paſſeo; mas caſtigou a natureza eſta deſcançada inercia do Camaleaõ com hum perpetuo jejum, porque naõ lhe deu outro alimento, mais que Ar; bocejando vive o Camaleaõ, & com arrugados alentos, naõ menos que os folles, alterna o Ar, com que miſeravelmente ſe ſuſtenta; eſte he o alimento, que ſe houvera de dar aos ocioſos, Ar, & mais nada: quanto mais que todo o exercicio de hum

*Levit.* 11. 29.

hum ocioso, he formar castellos de vento, & cousas no Ar; & obras aereas, saõ indignas do nome de obras.

27. No Genesis, em que o sagrado Coronista faz mençaõ particular das obras de Deus na criaçaõ do mundo, acho que naõ falla no Elemento do Ar. Nesta divina cosmologia, os mais Elementos tem seu lugar: *Terra autem erat inanis.* Eis ahi o Elemento da Terra. *Spiritus Dei ferebatur super Aquas.* Eis ahi o Elemento da Agoa. *Dixit Deus, fiat lux.* Eis ahi o Elemento do Fogo. Porque he opiniaõ de S. Gregorio Nysseno, de S. Athanasio, & S. Joaõ Damasceno, que a luz, que Deus criou no primeiro dia, he o fogo, que resplandecendo arde, & ardendo resplandece: *Ignis unum ex quatuor Elementis, & urendi simul, & illuminandi vim habens, die primo, à summo illo rerum omnium Artifice conditur, ait enim Scriptura, dixit Deus, fiat lux.* Mas que he do Ar? E porque razaõ se passa em silencio, a producçaõ deste Elemento? Naõ há duvida, que o Ar, he huma das mais uteis obras de Deus, porque serve para a respiraçaõ dos viventes, para a formaçaõ des meteoros, & para a communicaçaõ das celestes influencias; mas finalmente he Ar, & para documento dos homens, parece naõ quiz Deus, que se contasse no numero das suas obras, hum Elemento, que supposto tem substancia, he substancia de Ar. E que substancia tem as acçoens de hum ocioso? Nenhuma, todas saõ formadas de Ar, fumos de presumpçaõ, vapores da vaã gloria, palavras de vento, donaires, galanteios, facecias, vaidades, & naõ recolhendo fruto algum destas aereas operaçoens, cahe finalmente em huma extrema necessidade, & desemparado de todos, morre à mingoa. Esta pois he a folha dos dias mingoados, impressa na officina da pobreza, vamos agora à officina da ignorancia, em que se imprime a folha dos dias escuros, segunda parte do

*Genes. 1.*

*Gregor. Nyssen. in Hexamer. tom. 1. pag. 10. litterâ B.*

*D. Athanas. Apud Christophor. Scheiner. in Rosa Vrsin. lib. 4. part. 2 cap. 19. pag. 633.*

*Ioan. Damascen. lib. 2. orthodox. Fid. cap. 7. p. 183. litterâ B.*

Diario

Diario do ocio: *Tota die otioſi.*

## II. PARTE.

28. Hum homem, ſem ſaber, he hum pequeno mundo ſem luz, em que naõ apparecem as eſtrellas, porque ſe ignoraõ as verdades, naõ ſe vem os precipicios, porque naõ ſe conhecem os enganos, o vicio ſe equivoca com a virtude, a realidade com a apparencia, & toda a vida de hum ignorante, he huma continua noite, porque todas ſuas acçoens ſaõ cegueiras. Eſta eſpiritual cegueira, he o maior achaque do corpo de huma Republica, & naõ tem a divina juſtiça caſtigo mais funeſto a hum Reyno, que as trevas de huma profunda ignorancia. Com dez pragas caſtigou Deus ao Reyno do Egipto, & na minha opiniaõ, a mayor de de todas, foi a ultima, a ſaber, as trevas, porque ficando todos os Egypcios ás eſcuras, podiaõ os filhos matar aos pays, & os pays degolar aos filhos, ſem huns conhecerem aos outros, ſenaõ pelas vozes dos feridos, ou pelos gemidos dos moribundos; ſuſpendeoſe o trato humano, naõ aſſiſtiaõ os Miniſtros nos Tribunaes, & naõ ſe temia o caſtigo dos delitos, porque as ſombras eraõ o Aſylo dos delinquentes; em concluſaõ, todo o Egypto era hum caos, em que tudo era confuſaõ, porque tudo era cegueira. Eſta meſma deſordem ſe vé em hum Reyno, quando as ſombas da ignorancia eſcurecem os entendimentos, arma o engenho ciladas à verdade, erra o zelo o caminho da razaõ, naõ ſe conhece o mal, & naõ ſe aplica o remedio, as determinaçoens, ſaõ delirios, & as execuçoens, deſatinos.

29. Eſta taõ pernicioſa ignorancia naſce da ocioſidade dos que tem officios na Republica, porque de ordinario os melhores officios dependem da noticia de alguma ſciencia, & as ſciencias naõ ſe aprendem nas ferias do ocio. Na Republica, há officios, que ſaõ

mari-

maritimos, & eſtes dependem da ſciencia da Nautica, mas como ſaberá a Carta de marear, quem naõ tem entre maõs outras cartas que as com que fazem naufragio as familias na caſa do jogo. Há officios, que reſpeitaõ as leys, & eſtes dependem da ciencia do Direito Civil, & Canonico, mas como ſaberá os pontos do Direito, hum Letrado, que torce todas as linhas do circulo da ſua vida ao centro do deſcanço; outros officios ſaõ preciſos para curar as enfermidades do corpo humano, eſtes neceſſitaõ da ciencia da medicina, mas que há de ſaber hum Medico, que naõ tem outros livros, que quatro Bacamartes, que com o nome, & o pó, que os cobre, annunciaõ a morte do enfermo. Oh, quantas deſordens cauſa a ignorancia, inſeparavel companheira da ocioſidade!

30. Ao meſmo paſſo, que o ocio ſe introduzio no mundo, entrou no mundo a noite, ſymbolo da ignorancia. No principio do mundo, o mundo todo eſtava ſepultado em hum abyſmo de trevas: *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi*; daõ os Expoſitores muitas razoens deſta univerſal eſcuridade do mundo na ſua infancia; buſquemos huma ao noſſo intento. Eſtava o mundo todo eſcuro, porque todo o mundo eſtava ocioſo; a terra ocioſa, & ocioſas as agoas; a terra ocioſa, porque ainda naõ produzia flores, nem plantas, nem arvores; & as agoas taõ ocioſas como a terra, porque ainda naõ manavaõ as fontes, naõ corriaõ os Rios, & naõ ſe eſprayavaõ os mares; por eſte modo ficou o mundo ſem ver, em quanto eſteve ſem trabalhar; mas ao quarto dia teve o mundo olhos na formaçaõ do Sol, & da Lua, porque já naquelle tempo a terra havia rebentado em flores, & a Agoa eſtava repartida em correntes; & aſſim recebéo o mundo a viſta, como fruto, & premio do ſeu trabalho. As ignorancias ſaõ as trevas dos entendimentos, & a ciencia he a ſua luz, mas

*Geneſ. 1.*

mas para desterrar estas trevas, he preciso despedir o ocio, & para dar entrada a esta luz, he necessario engolfarse no estudo.

31. Esta he a primeira cousa, que ha de saber o homem, que dezeja saber, por isso o Demonio, que queria enganar ao primeiro homem, cubrio com a dissimulaçaõ desta verdade, o seu engano. Encarece a Escritura a astucia do Demonio com estas palavras: *Serpens erat callidior cunctis animantibus.* Mas pergunto, em que consistio a astucia desta Infernal Serpente? Em representar a Eva, & juntamente a Adaõ, que taõ facilmente se alcança o saber, que para elles chegarem a saber tudo, o que Deus sabe, bastava que comessem hum bocado: *In quocumque die comederitis ex eo, eritis sicut Dij, scientes.* Se o Demonio dissera a Adaõ, & sua mulher, que até para huma superficial illustraçaõ de taõ profundo saber, era preciso, que estudassem muitos annos na universidade das Celestes Intelligencias, que tomassem postilla na escola dos Querubins, que cançassem o juizo, & a memoria, & que passassem a maior parte da vida, velando, contemplando, & especulando, por ventura que a consideraçaõ destas taõ arduas difficuldades os desviasse de seu ambicioso intento; mas convidados da facilidade, que o Demonio lhe representou, colhéraõ o pomo, & com temeraria ignorancia imagináraõ, que toda a substancia do infinito saber de Deus era para elles hum almorço. Com outro semelhante engano pretendem os filhos de Adaõ estudar pouco, & saber muito, naõ reparando que as sciencias saõ como as minas, que daõ o lucro à medida do trabalho. He Ley indespensavel da natureza que o que dá mais proveito, seja mais custoso: que lhe custa de trabalhos o seu mel ás Abelhas? Quantas vezes sahem ao campo, por quantos prados peregrinaõ, por entre quantos espinhos vaõ chupar as flores, hum

*Genesis 3. vers. 1.*

ſô favo de mel, he o deſvelo da melliflua Republica, a quinta eſſencia de hum jardim, & o deſtilado de huma primavera? Quantas madrugadas lhe cuſta à concha a formaçaõ de huma perola? Todos os dias amanhece a concha na ſuperficie do mar, & recolhendo o orvalho, trabalha com taõ penoſo artificio, que naõ eſmalta as ſuas obras, ſenaõ com as lagrimas da Aurora.

32. Finalmente, nos campos da terra, naõ colhe, quem naõ ſemea, & no campo das ſciencias, naõ ſe colhem os frutos, ſenaõ depois de muitos trabalhos. Mas ſe tanto cuſta o ſaber, muito mais cuſta o ignorar. Entre os muitos achaques da ignorancia, acho que o ignorante de ordinario he mudo, ou mendigo. Primeiramente, o mudo naõ falla, porque naõ pôde, & o ignorante naõ falla, porque naõ ſabe. A Sciencia, he a luz, com que o homem vê o que diz; por iſſo Deus, que tudo ſabe, falla com tanta luz de ſciencia, que até as ſuas palavras, ſaõ luzes. A primeira vez, que Deus fallou no mundo, foi quando criou a luz: *Dixit Deus, fiat lux:* Aquella luz viſivel, foi como huma reverberaçaõ da inviſivel luz da ſciencia de Deus, & para que entendeſſemos, que naõ pôde Deus errar, quando falla, as primeiras palavras de Deus ſahíraõ com luz: *Dixit Deus, fiat lux.* Em quanto durou no mundo o reinado das trevas, naõ ſe acha, que Deus fallaſſe, naõ porque neceſſitaſſe da luz para ver o aſſumpto das ſuas palavras, mas parece, que deſde aquelle tempo, quiz Deus moſtrar, que nas trevas da ignorancia, emmudecem as lingoas: brava miſeria, he a do ignorante, ſe acerta de fallar, naõ acerta com o que diz, & ſe naõ falla, por naõ errar, o ſeu meſmo ſilencio, he o pregoeiro da ſua ignorancia.

33. Mas o ignorante, naõ ſô he mudo, tambem he mendigo, & ſô ſe ſuſtenta com a caridade dos que ſabem.

ſabem. Quantos há, que na mayor abundancia, neceſſitaõ, naõ dos bens da fortuna, que lhe ſobejaõ, mas dos bens da ſciencia, que lhe faltaõ, ricos juntamente, & mendigos; & eſta mendicidade he o deſluſtre das ſuas riquezas. Eſte mundo, he hum Livro, que Deus tem compoſto para repreſentãr os caracteres das ſuas divinas excellencias, & alguns Philoſofos da antiguidade tiveraõ taõ pouco conceito da infinita ſciencia de Deus, que temerariamente imaginaraõ, que deſde a eternidade houve huma materia prima, increada, da qual Deus ſucceſſivamente tirára os Aſtros, & os Elementos: com a parte mais pura deſta materia formou Deus (diziaõ elles) os planetas, & as eſtrellas; com a parte mais opaca, formou a terra; com a mais diaphana, os Ares; com a mais fluida, as agoas, & aſſim das mais criaturas: mas ſe iſto aſſim fora, Deus (diz o grande Tertulliano) fora neceſſitado, & mendigo: *De alieno ergo uſus, precario uſus eſt, quâ egens ejus:* & parece quiz o Eſpirito Santo condenar eſte erro da antiga philoſofia, com as primeiras palavras da Eſcritura: *In principio creavit Deus cœlum, & terram.* Criar, he tirar do nada, ſem neceſſitar de materia alguma: logo Deus naõ neceſſitou, porque criou: *Creavit Deus.* E ſuppoſto Deus he taõ rico, que he Senhor de tudo, naõ fora cabalmente rico, ſe compondo o grande Livro do Univerſo, tomára do cabedal alheio a materia das ſuas obras. Só eſta mendicidade he propria de alguns homens, taõ mal provídos de doutrina, como aventajados na opulencia, & taõ vilmente neceſſitados, que mendigaõ até as palavras, com que ſe explicaõ; ſaõ eſtes taes como os Oraculos dos Gentios, que naõ fallavaõ, ſenaõ por bocas alheias: & porque toda a ſua ſciencia, he repetir o que outros diſſeraõ, vivem com a meſma deſconfiança, que os Eccos dos montes, que retirados nas cavernas, nunca

*Tertullianus apud Hermogenem cap. 9.*

*Geneſ. 1.*

ca

ca fallaõ em publico, & ſempre eſtaõ ás eſcuras. Eſta he a folha dos dias eſcuros, impreſſa na officina da ignorancia; reſta que corramos a terceira folha do Diario do ocio, em que naõ há dias Santos, porque o ocio he o pay de todos os peccados: *Quid hic ſtatis totâ die otioſi?*

## III. PARTE.

34. He o peccado taõ inſeparavel do ocio, que o meſmo he, ſer peccador, que andar ocioſo. Que faz o ocioſo? Nada. E o peccador que faz? Nada: porque theologicamente fallando, o peccado he hum nada. Lá o diſſe S. Auguſtinho: *Peccatum nihil eſt, & nihil faciunt homines cum peccant.* O peccado, he huma privaçaõ de bondade, & huma negaçaõ de conformidade da vontade do homem, com a vontade de Deus, mas a privaçaõ naõ tem ſer, & a negaçaõ naõ tem entidade. Logo o peccado, que ſô conſiſte neſta privaçaõ, & negaçaõ, he nada. Deſta reciproca ſympathia do ocio com o peccado, ſe pòde inferir a grande oppoſiçaõ, que ha entre o ocio, & a virtude. He o ocio taõ incompativel com a ſantidade, que ha miſter huma particular graça de Deus, para ſantamente paſſar hum ſô dia de deſcanço. Acabadas as obras dos ſeis dias da criaçaõ, deſtinou Deus o ſetimo dia para o deſcanço, naõ para o deſcanço proprio, porque ſuppoſto as obras da criaçaõ, eſtavaõ paradas, as obras da conſervaçaõ, continuavaõ, & haõ de continuar até o fim do mundo: mas foi eſte dia deſtinado para o deſcanço dos homens, & ſô a eſte dia de deſcanço, lançou Deus a ſua bençaõ, & o ſantificou: *Benedixit diei ſeptimo, & ſanctificavit illum.* Naõ abençoou Deus, & naõ ſantificou aos ſeis primeiros dias, porque como advirtio. S. Joaõ Chryſoſtomo, aquelles foraõ dias conſagrados ao trabalho, & o dia em que ſe trabalha, por ſi meſmo ſe ſantifica: *Geneſ. cap. 2. verſ. 3.*

*Suffi-*

*Joan Chrysostom. in Genes. 2.*

*Sufficiebat illis pro omni benedictione, quod in singulis diebus creaturæ productæ fuerunt.* Pelo contrario santificou Deus ao dia, em que os homens deviaõ descançar, porque he taõ contrario o descanço à santidade, que he preciso huma particular assistencia de Deus, para hospedar a santidade com o descanço.

35. Taõ fôra está a santidade de poder habitar com o ocio, que a alma do ocioso, he o aposento do Demonio. Temos a prova no Evangelho de S. Mattheus. Diz Christo Senhor Nosso, que o Demonio depois de huma trabalhosa peregrinaçaõ, determinou de se recolher para a sua casa: *Revertar in domum meam.* Pois o Demonio, que está prezo nos carceres do Inferno, tem casa neste mundo? Si: & que casa he esta, em que este infernal peregrino se agasalha? Por ventura, he algum palacio encantado? Ou algum profundo labirintho formado nas concavidades de hum penhasco? Oh! a casa, de

*Matth. cap. 12. vers. 44.*

que o Demonio, he hospede juntamente, & proprietario, he huma casa despejada, sem paineis, sem espelhos, sem estrados, sem armas, & sem alfayas. Que he a alma de hum ocioso? He huma deserta, & descomposta habitaçaõ, sem os paineis das virtudes, sem o espelho da fé, sem o estrado da humildade, sem as armas da oraçaõ, & sem alfayas de merecimentos; & no meio deste ocio, & deste silencio, faz o Demonio a sua morada. Hugo Cardeal neste lugar: *Nolite stare otiosi, quia ad domum vacantem, unde exivit Diabolus, revertitur, & habitat.*

*Hug. Card. in Ierem. cap. 51.*

36. De maneira que, o ocioso he hum vivo hospicio do Demonio, & neste animado edificio, naõ sô habita o Demonio, mas nelle descança, como no seu centro: *Quærens requiem, & non invenit: tunc dicit, revertar in domum meam.* Busca o Demonio nos ociosos, o seu descanço: *Quærens requiem*; porque cada ocioso, he huma casa de recreaçaõ, em que o Demo-

nio se alivia das suas penas, naõ das penas do Inferno, que naõ admitem alivios, mas da pena, & do trabalho, que continuamente toma em fazer cahir os homens no laço das suas tentaçoens; tem o Demonio por officio, ser tentador; & neste indigno exercicio emprega todos os seus artificios, astucias, & enganos, mas na alma do ocioso, fica o Demonio aliviado deste trabalho. Porque? Porque o mesmo ocio he o tentador; serve o ocio o officio do Demonio, despertando as especies, propondo os meios, & ministrando os motivos da culpa, & com fatal contradiçaõ, o ocio trabalha, & o Demonio descança.

37. Confirma S. Basilio esta verdade, chamando ao ocio mestre de todos os vicios: *Otium est præceptor vitiorum:* o ocio, he o Arquitecto das quimeras da ambiçaõ, o Engenheiro dos caprichos da vaidade, o orador da detracçaõ, o Alquimista da cobiça, o tecedor das mentiras, o ordidor dos embustes, & o Pintor de todas as torpes idéas da imaginaçaõ. Quantos maleficios ensinou a David, o ocio de huma vista lasciva? E quantas impiedades aprendeo Salamaõ na ociosa conversaçaõ das Idolatras Moabitas? Oh que discretamente disse Cataõ, que nenhuma cousa mais facilmente se aprende que o mal, porque para aprender a fazer mal, basta estar sem fazer nada: *Nihil agendo, homines male agere perdiscunt.* Sendo pois o ocio o artifice de todos os delitos, como pôde haver dias Santos no Diario do ocio? E com que razaõ, podemos contar nos dias da nossa vida, os dias em que o peccado, nos tira a vida da graça? Do numero de seus dias excluio Job o dia de seu nascimento, naõ por outra razaõ (a meu ver) senaõ porque o homem nasce em peccado, & o dia que as sombras do peccado escurecem, naõ he dia: *Pereat dies, in qua natus sum, & non computetur in diebus anni, nec numeretur in mensibus.* Brus. lib. 4. Iob. 3.

38. A vida do ocioſo, he como a morte, eſteril, & infecundo, & ſô os frutos das boas obras, ſaõ os ſinaes de huma verdadeira vida. Na Ley antiga, mandou o Senhor, que na eſtremidade das veſtiduras Pontificias, ſe puzeſſem campainhas de ouro entreſachadas com Romaãs, para que o Summo Sacerdote, que as havia de trazer ſobre ſi, naõ morreſſe: *Veſtietur ea Aaron, ut audiatur, & non moriatur.* E q̃ ſaudavel influencia communicava eſte miſterioſo ornato para a conſervaçaõ da vida do Summo Sacerdote, que as havia de trazer ſobre ſi? Direi. Eſcreve Clemente Alexandrino, que as campainhas, que eraõ trezentas & ſeſſenta & ſeis, ſignificavaõ os trezentos & ſeſſenta & ſeis dias do anno: *Trecenta ſexaginta ſex tintinabula ſignificabant tempus anni.* E cada campainha eſtava entreſachada com huma Romaã, para ſignificar que cada dia da vida do Summo Sacerdote, havia de produzir algum fruto, & eſte fruto, he o final da vida da graça, & o preſervativo da morte do peccado: *Veſtietur ea Aaron, ut non moriatur.*

*Exod. 28. 35.*

39. Que erradas ſaõ as contas, que os homens fazem no computo dos dias, que viveraõ. Contaõ os dias, & naõ achaõ frutos, que contar; & o dia que naõ produzio algum fruto, naõ merece entrar no numero dos dias da vida: *Non te fallat, quicumque ille es, numerus dierum. Illum diem applica ad vitam tuam, cujus uſus pervenit ad animam tuam.* Neſte Auditorio, haverá alguns, que tem quarenta, outros ſincoenta, & outros ſeſſenta, & mais annos de vida; mas em todos eſtes annos, quantos dias produziraõ frutos de penitencia, & quantos dias ſe empregáraõ nas obras da caridade, da juſtiça, & da piedade na ſalvaçaõ da alma, & no Amor de Deus? Por ventura, que haverá quem naõ poſſa contar hum ſô dia fructifero em todos os dias de ſua vida? Levou a ignorancia os dias da

mininice, levou a incontinencia os dias da mocidade, levou a ambiçaõ os dias da varonia, & a perseverança no peccado vai levando os dias da velhice. Valhame o Ceo! Que conta daremos dos dias de nossa vida no dia do Juizo? Naquelle dia, se fará a rezenha de todos os dias passados, & naõ se contaráõ por dias, os que se gastáraõ no jogo, no theatro, na intemperança, nas vaidades, nas delicias, & passatempos do mundo. Que he isto Christaõs? *Quid hic statis totâ die otiosi?* Porque razaõ sacrificais ao ocio os dias em que haveis de trabalhar para a vossa salvaçaõ, & como gastais em offensas contra Deus, os dias, que o mesmo Deus vos deu para o servir, & amar neste mundo? E se a morte vos tomar neste estado, como haveis de apparecer diante do tribunal da Divina justiça? Lá na outra vida, naõ haverá hum sô dia, huma sô hora, nem hum sô instante para a penitencia: logo se he preciso, que vos arrependais algum dia, seja hoje o dia do vosso arrependimento, da vossa contriçaõ, & da vossa emenda, para que algum dia chegueis a lograr dias sem mingoa, dias sem escuridade, & dias Santos; dias sem mingoa nas affluencias da Bemaventurança; dias sem escuridade, nos resplandores da Gloria; & dias Santos, no Santuario da Eternidade: *Ad quam nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

SER-

# SERMAM
## DA
# QVINQVAGESIMA.

Prégado na Capella Real, 12. de Fevereiro de 1679.

---

*Domine, ut videam.* Luc. 18.

Muito altos, & poderoſos Princepes, & Senhores noſſos.

40. NO Evangelho de hoje, ſe repreſenta hum Cego, que pede a viſta, & no Sermaõ de hoje ſe repreſentará huma Cega, que faz o meſmo requerimento: com eſta differença, que o cego do Evangelho, he hum pobre mendigo, ſem calidade, & ſem poder, & a cega, que hoje pede a viſta, he huma Princeza, illuſtre no naſcimento, & ſoberana no Imperio. Eſta Princeza cega, he taõ illuſtre no ſer, que traz a ſua origem do Ceo,

& he taõ ſoberana no mandar, que ſem ella, nada ſe faz no mundo: & para naõ cançar a voſſa attençaõ com hyperbolicos enigmas, eſta illuſtre cega, he a vontade humana, filha de Deus, ſem auxilios da geraçaõ humana, & nas ſuas determinaçoens taõ abſoluta, que naõ podendo huma das Divinas Peſſoas obrar contra a vontade de outra peſſoa divina, pôde a vontade humana oporſe à vontade das tres Divinas Peſſoas. Na Santiſſima Trindade, naõ pôde o Filho querer, o que o Eterno Pay naõ quer, nem pôde o Eſpirito Santo opor a ſua vontade à vontade do Pay, & do Filho, porque eſtas tres Divinas Peſſoas tem huma ſô vontade, & eſta vontade he a ſua meſma eſſencia, acto ſimpliſſimo no ſer, & acto ſimpliſſimo no querer; mas pôde o homem querer o que Deus naõ quer, & juntamente pôde naõ querer, o que Deus quer: por onde chegou Santo Efrem a dizer, que o poder da vontade humana, faz duvidoſo, & ambiguo o poder Divino, porque querendo o homem o que Deus naõ quer, move a ſua vontade guerra ao meſmo Deus, & com ſacrilegas victorias atropella a authoridade de ſeu criador: *Solus homo, voluntate liberâ dominium Dei facit ambiguum.* S. Efrem de Mart. gar. Pretioſa.

41. Mas que pernicioſa he à vontade, a ſua propria ſoberania, & que pouco lhe importa o ſer ſenhora no querer, ſe de ordinario he cega na eleiçaõ do que quer! Na Monarquia do mundo pequeno, que he o homem, logra a vontade todas as preeminencias, & Regalias de huma Princeza, mageſtoſamente abſoluta: o entendimento he o ſeu conſelheiro, a memoria he o ſeu theſouro, a imaginaçaõ, he o ſeu palacio, & a razaõ, he o trono em que toma aſſento: a lingoa he o ſeu interprete, os ſinco ſentidos ſaõ os ſeus miniſtros, & as paixoens ſaõ as armas, com que faz as ſuas conquiſtas: mas ſendo a vontade taõ ſoberana, he cega, & mais

peri-

perigosamente cega, que o cego do Evangelho; porque a cegueira dos olhos da alma, he muito mais prejudicial, que a cegueira dos olhos do corpo: a cegueira corporal impede a vista, mas a cegueira espiritual eclipsa a razaõ; aquella faz que se naõ divisem as cores, & esta he causa de que se naõ conheçaõ as verdades; a cegueira do corpo tira ao homem a vista do Sol, & a cegueira da alma priva ao homem do conhecimento de Deus: a cegueira dos olhos leva o homem ao precipicio, a cegueira da vontade leva o homem ao Inferno. Ao cego do Evangelho deu o Senhor a vista: *Domine, ut videam, & confestim vidit.* Mas naõ pôde a vontade lograr este milagroso beneficio, porque a natureza da vontade, naõ he capaz de vista, & a razaõ philosofica desta natural incapacidade, he que a vontade he huma potencia naturalmente cega, que necessariamente se regula pelas luzes, que o entendimento lhe communica. O acto proprio do Entendimento, he ver, & o acto proprio da vontade, he querer, de maneira que a vontade, nem por milagre pôde ver, porque se a vontade vira, fora Entendimento, & naõ vontade, mas podem as guias suprir a falta dos olhos, & naõ tendo a vontade olhos para se guiar a si mesma, pôde ser guiada por olhos alheios.

42. Supposto isto, nas tres partes do Sermaõ, daremos à vontade tres guias, que lhe ensinaráõ o caminho para sahir do labirinto dos seus appetites, & sendo a vontade soberana Emperatriz das potencias d'Alma, & dos sentidos do corpo, para continuar a metafora com termos da Corte, mostrarei como esta Emperatriz cega, ha de ser guiada por tres Damas, a saber, a sciencia, a prudencia, & a consciencia; a sciencia desviará a vontade do precipicio do engano, a prudencia desviará a vontade do precipicio da temeridade, & a consciencia

deſviará a vontade do precipicio da condenaçaõ. E por eſte modo ſeguindo a vontade os dictames deſtas tres guias, logrará com triplicada ventajem o beneficio, que o cego do Evangelho pede ao Senhor: *Domine, ut videam.*

## I. PARTE.

43. A primeira guia da vontade, he a ſciencia. Da falta deſta guia, ſe originaõ todos os deſconcertos do mundo, porque naõ tendo os homens huma perfeita ſciencia, & conhecimento, do que querem, com eſtolida inadvertencia, querem a ſua propria ruina; o querer, he como o andar, naõ anda ſeguro, quem naõ abre os olhos, primeiro que encaminhe os os paſſos, & para querer com acerto, he preciſo abrir os olhos do Entendimento, primeiro que as azas do dezejo. Neſte anticipado conhecimento ſe funda o bom ſucceſſo dos diſcretos; & a falta deſta anticipaçaõ, he cauſa do deſacerto dos necios: por iſſo, he taõ diverſa a ſorte de huns, & outros, nas varias inclinaçoẽs da ſua vonvontade: a vontade dos necios, ſe inclina para o que elles naõ vem, & a vontade dos diſcretos propende para o que elles vem, & conhecem: & porque as propençoens da vontade, ſaõ as ſuas quedas, a propençaõ da vontade para o bem, he huma queda glorioſa, & a propençaõ da vontade para o mal, he huma queda indecoroſa, & funeſta. Neſta diverſidade de quedas, conſiſte a noſſa predeſtinaçaõ, ou reprovaçaõ; ver para onde ſe cahe, he final da predeſtinaçaõ, cahir aonde naõ ſe vé, he he indicio da reprovaçaõ. No horto de Getſemani, cahio o Senhor, & os ſoldados, que o vinhaõ prender, cahíraõ; com eſta differença, que o Senhor cahio debruços: *Procidit in faciem ſuam:* & os ſoldados cahíraõ de coſtas: *Abierunt retrorſum, & ceciderunt.* Eſta he a differença, que vai entre o juſto, & o peccador, *Matth. cap. 26. v. 39. Ioan. cap. 18. verſ. 6.*

cador, o justo cahe debruços como o Senhor, & o peccador cahe de costas como aquelles sacrilegos soldados; o justo cahe debrucos, porque vé o a que a sua vontade se inclina, & o peccador cahe de costas, porque naõ considera para onde propende a sua vontade; as quedas do justo, saõ acertos, porque saõ inclinaçoens para o bem conhecido, & as quedas do peccador, saõ precipicios, porque saõ propençoens para o mal ignorado. S. Gregorio Papa: *Quid autem hoc est, quod electi in faciem, & reprobi retrorsum cadunt, nisi quod omnis, qui post se cadit, ibi cadit, ubi non videt, qui verò ante se ceciderit, ibi cadit, ubi videt.*

*Gregor hom. 9. in Ezechiel.*

44. Esta sciencia pois, que manifesta os objectos, que a vontade appetece, naõ só he precisa para o acerto da eterna salvaçaõ, senaõ tambem para o descanço, & felicidade desta vida mortal. De donde imaginais, que se originaõ tantas pretençoens mal fundadas, tantas esperanças vaãs, tantas emprezas frustradas, & tantos bens suspirados com ancia, & logrados sem socego? Todas estas desgraças nascem de naõ conhecermos a essencia, & substancia do que dezejamos; os dezejos, saõ cargas invisiveis, que assentaõ o pezo na cabeça de quem os tem, mas do mesmo modo, que o que anda com a cabeça carregada, naõ pôde ver toda a carga, que leva, assim de ordinario, quem dezeja, naõ vé todas as pençoens, que acompanhaõ, & seguem o logro do seu dezejo. E que outra cousa he esta ignorancia, que a prophecia de huma inevitavel ruina.

45. Prophetizou Joseph a ventura, & a desgraça daquelles dous Ministros da Corte de Faraô: ao primeiro, que sonhára, que via diante de si huma planta, annunciou Joseph a suspirada liberdade, & ao segundo que sonhára, que trazia hum grande pezo na cabeça, pronosticou Joseph a morte. Appliquemos a interpretaçaõ destes sonhos

ao

ao noſſo intento; os dezejos da maior parte dos homens, ſaõ ſonhos, pinturas da ambiçaõ, fantaſmas da cobiça, & delirios da concupiſcencia. E que ſignificaõ eſtes ſonhos do dezejo? Aos que conhecem os ſeus effeitos, annunciaõ venturas, & aos que os ignoraõ, ruinas; & aſſim prometeo Joſeph venturas, ao que via diante de ſi, o em que ſonhava, porque quem claramente vé o que dezeja, conhece as obrigaçoens, & os perigos, em que o ſeu dezejo o poem, & naõ há enganos no dezejo, quando há deſenganos no entendimento: pelo contrario, ao que ſonhou, que andava com a cabeça carregada, pronoſticou Joſeph ruinas; porque quem traz hum pezo na cabeça, naõ vé o pezo que leva, & neſta perigoſa incerteza, naõ ſabe ſe na carga, com que anda, ſe encerraõ os trofeos da ſua fortuna, ou as ignominias do ſeu abatimento. Que de ambicioſos andaõ com grandes dezejos na cabeça, fantaſticos Atlantes das ſuas quimeras, mas porque naõ vem o pezo, que levaõ, & naõ conſideraõ o perigo, em que ſe metem, com paſſos infelicemente alentados da vehemencia do ſeu dezejo correm para o precipicio. Hugo Cardeal: *Quod ſupra caput eſt, non videtur à portante, ſic mali gravantur ab oneribus ſuis.* *Hug. Card. in Geneſ. cap. 40. verſ. 16. & 18.*

46. Sempre o ſaber, ſe há de anticipar ás determinaçoens da vontade, ſaiba o Entendimento, primeiro que a vontade determine, & naõ ſe engolfe o dezejo no mar das ſuas pretençoẽs, por naõ ſe arrepender da ſua precipitaçaõ, quando ſe achar no meio dos naufragios. Todos os Rios, diz Salamaõ, correm para o mar, & do mar tornaõ a ſahir: podéra hum diſcreto imaginar, que os Rios, que naõ paraõ no mar em que entráraõ, tornaõ a ſahir, como arrependidos da ſua temeridade, & ſaudoſos da doçura, que perdéraõ nas amargoſas ondas do Oceano. Repreſenteſevos hum Rio na ſua vigoroſa infancia, taõ inclinado para o mar, *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterũ fluant. Eccleſ. 1. 7.*

o mar, que com violenta impaciencia rompe das entranhas de hum monte, & apenas nascido, se precipita. Vede como se arrastra, & geme, embaraçado nos Rochedos, que lhe impedem o caminho, como se anima com succeſſivos impulſos, como se segue, & se perſegue a ſi meſmo, & acreſcentando a corrente para abreviar a peregrinaçaõ, chega com mais ancias, que agoas ao mar, ſuſpirado centro do ſeu deſcanço. Aſſim acaba o Rio o ſeu curſo, levado do ſeu dezejo natural, mas porque he dezejo ſem conhecimento, a experiencia deſcobre o engano deſte dezejo; experimenta o Rio os amargores, & as tempeſtades do mar, & como dezejoſo de ſe reſtituir à ſua primeira doçura, & tranquilidade, torna a ſe roubar ao mar, exalandoſe em vapores pelo calor do Sol, ou penetrando as veas da terra, para com criſtalina metamorfoſi ſe transformar em fonte. Eſte he o jeroglifico da cegueira dos noſſos appetites, & a imagem do arrependimento, que comſigo traz a ignorancia do que ſe dezeja: *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.* Saõ os homens como os Rios, correm para o naufragio, no meſmo tempo que anhelaõ ao ſocego, & porque naõ conhecem o que dezejam, o logro de hum dezejo, he eſtimulo para outro dezejo differente, & a ſatisfaçaõ da ſua propria vontade, he o caſtigo da ſua ignorancia.

47. O ſaber (como já tenho dito) ſempre ſe há de anticipar ao querer; por iſſo diz S. Paulo, que Deus faz tudo conforme o conſelho da ſua vontade: *Operatur omnia ſecundum conſilium voluntatis ſuæ.* Notai eſta palavra, conſelho: naõ diz S. Paulo que Deus faz tudo conforme a ſua vontade, mas conforme o conſelho da ſua vontade: *Secundum conſilium voluntatis ſuæ.* Os homens naõ ſe podem aconſelhar com a ſua vontade, porque he cega, ſô Deus ſe aconſelha com a ſua *Epheſ. 1. verſ. 11.*

a ſua vontade, porque em Deus he huma meſma couſa, a vontade, & a ſabedoria. Eſta he a razaõ, porque com particular advertencia, affirma a Eſcritura, que quando Deus quiz criar o mundo, aſſiſtio a eſta criaçaõ a Divina Sabedoria, inſeparavel companheira da Divina vontade: *Cum eo eram cuncta componens.* Aconſelhou a ſabedoria, o que a vontade executou, & o querer divino, foi conſequencia do ſeu ſaber. Naõ aſſim, nos homens, em que com temeraria precedencia, o querer ſe adianta ao ſaber, querem os homens, o que naõ ſabem, naõ ſabem o que querem; & por iſſo, com perpetuas contradiçoens, querem, & naõ querem; quiz Raquel filhos para aſſegurar a deſcendencia, & a meſma Raquel naõ quiz filhos para aſſegurar a vida. Quiz o povo de Iſrael alimentos no deſerto, & o meſmo povo de Iſrael naõ quiz no deſerto prodigioſos alimentos; quizeraõ os Hebréos hum Rey, que com ſuprema authoridade os governaſſe, & os meſmos Hebréos naõ quizeraõ nos ſeus Reys huma taõ ſuprema authoridade. Oh extravagantes implicaçoẽs da vontade, originadas das illuſoens do Entendimento; o Entendimento he o Pintor, que debuxa as figuras, que ſe repreſentaõ à vontade, mas de ordinario fórma o Entendimento eſtas imagens, com o pinſel da affeiçaõ, & a affeiçaõ engana a vontade, com a ſofiſtica luz da ſua pintura.

*Prov. cap. 8. verſ. 30.*

48. Dos peccadores, que ſó querem o que a paxaõ, & a affeiçaõ lhes repreſenta, diz David eſtas miſterioſas palavras: *Tranſierunt in affectum cordis.* Lê outra verſaõ: *Tranſierunt in picturas cordis.* Pinta a affeiçaõ, mas naõ pinta o que he, pinta o que quer, & como quer, & contra todas as Leys da pintura, naõ há ſombras nos payneis, que a affeiçaõ faz, porque ſó ſabe pintar luzes, & delinear enganos; tirai de hum paynel as ſombras, & logo lhe faltáraõ as luzes, porque ſó o eſcuro

*Pſalm. 72. verſ. 7.*

das

das ſombras, faz realçar as luzes de hum paynel; as pinturas pois da affeiçaõ, ſaõ payneis ſem ſombras, porque repreſentaõ o que os objectos tem de aggradavel para lizonjear o goſto, & diſſimulaõ o que tem de aborrecivel para naõ eſcandalizar o appetite. Do pernicioſo artificio deſta pintura, ſe valéo o Demonio naquelle paynel, em que repreſentou ao Senhor o mundo: *Oſtendit illi omnia Regna mundi, & gloriam eorum*: reparai nas ultimas palavras, em que conſiſte o engano deſta pintura: *Regna mundi, & gloriam eorum.* Repreſentou o Demonio a mageſtade dos palacios, mas naõ moſtrou o horror dos carceres, & dos ſepulcros; retratou a pompa dos triunfos, & eſcondéo o ſanguinolento das batalhas; pintou os prazeres, as delicias, as purpuras, os diademas, & as coroas, mas ocultou as enfermidades, os achaques, os contagios, os cativeiros, & os homicidios; em concluſaõ, neſta coſmographica deſcripçaõ, havia luzes para o agrado, mas naõ havia ſombras para o deſengano: *Oſtendit illi omnia Regna mundi, & gloriam eorum.* Com ſemelhantes illuſoens, engana a noſſa affeiçaõ a vontade, oſtenta os goſtos, & diſfarça os trabalhos, & manifeſtando o que os bens do mundo tem de reſplandecente para o applauſo, naõ moſtra o que tem de opaco, para o deſprezo. Em concluſaõ. A affeiçaõ, & a vontade ſaõ duas cegas, & porque ſe hum cego guiar a outro cego, ambos ſe precipitaráõ, ſe a affeiçaõ guiar a vontade, a affeiçaõ, & a vontade cahiráõ no precipicio, a affeiçaõ como enganadora, & a vontade, como enganada. Logo ſeja a ſciencia, a primeira guia da noſſa vontade. A ſegunda guia da vontade ſerá a prudencia, como veremos neſta ſegunda parte, em que a vontade pede a Deus o ſegundo remedio da ſua cegueira: *Domine, ut videam.*

*Lucæ cap. 4. verſ. 5.*

## II. PARTE.

49. Em todos os Eſta-

dos,

dos, & em todos os tempos, ſaõ preciſos os dictames da prudencia, para regular os movimentos da vontade; mas há Eſtados, & há tempos, em que a calidade do empenho pede maior attençaõ, & a evidencia do perigo, maior cuidado. De todos os Eſtados da vida humana, o eſtado dos que mandaõ, eſtá ſogeito aos maiores deſacertos da vontade, & por iſſo neceſſita das maiores attençoens da prudencia, para prever os perigos, & evitar os precipicios, a que eſtá arriſcada a liberdade de hum ſoberano; na cabeça, que he a parte mais alta do corpo humano, poz a natureza os olhos, & ao firmamento, q̃ he o mais alto dos Ceos, deu a natureza tantos olhos, quantas ſaõ as eſtrellas, que o alumeaõ, porque quanto mais eminente he o lugar do que manda, mais deſvelada ha de ſer a ſua vigilancia. Sahe á Aurora, primeiro que o Sol domine no Oriente, porque a vigilancia, ſempre ſe há de anticipar ás acçoens de hũ Monarca; felices os Imperios, em que os Princepes à imitaçaõ do Sol illuſtraõ o ſeu governo com anticipados reſplandores, aſſegurando com eſta prevençaõ os acertos da ſua vontade. Naõ me dilato neſta materia, porque he aſſumpto mais para Eſtadiſtas, que para Prégadores; ſô o meu intento he moſtrar, como na Chriſtandade ha tempos mais perigoſõs huns que outros, em que a noſſa vontade ſummamente neceſſita das luzes da Prudencia.

50. De todo tempo do anno, o mais arriſcado para a ſalvaçaõ, he eſte, em que a cegueira dos homens ſacrilegamente canoniza os deſatinos da ſua liberdade. Tem para ſi o mundo, que neſtes dias, naõ he diſcreto quem naõ he diſſoluto. Laſtimoſo tempo, em que o vicio he avaliado por diſcriçaõ, & a virtude por necedad! Mas o officio da prudencia, he conhecer o engano deſta errada opiniaõ, & o maior empenho de hum diſcreto, he inclinar a vontade a virtuoſos exer-

exercicios, no tempo em que os mais ſe retiraõ do exercicio da virtude. Celebra a Eſcritura a diſcriçaõ, & prudencia de Tobias com eſtas palavras: *Cum eſſet junior omnibus, nihil tamen puerile geſſit.* Era Tobias o mais moço de ſeus companheiros, mas era o mais diſcreto, menino nos annos, mas na prudencia varaõ. Porque? Porque no meſmo tempo, em que os companheiros de Tobias, hiaõ adorar os Idolos no Paço de Jeroboaõ, hia Tobias adorar ao Senhor no Templo de Jeruſalem: *Cum irent omnes ad vitulos aureos, hic ſolus fugiebat conſortia omnium, & pergebat in Ieruſalem ad templum Domini.* Naquelle tempo concorriaõ todos para a veneraçaõ de ficticias Deidades, ſimulacros do Demonio, & abortos do Inferno; pelo contrario caminhava Tobias para o Templo, onde offerecia ao verdadeiro Deus, o ſacrificio dos ſeus affectos, quanto mais ſolitario, mais diſcreto, unico no exercicio da virtude, & por iſſo, ſingular nos acertos da prudencia: *Cum eſſet junior omnibus, nihil tamen puerile geſſit.* Neſtes dias impiamente criticos, em que dominaõ influencias contrarias à ſalvaçaõ das Almas, offerece o mundo ſacrificios aos Idolos da ſua cegueira, & o poder do coſtume acreſcenta os delirios da Chriſtandade, mas a prudencia he o preſervativo deſtes delirios, & os que ſaõ chriſtaãmente diſcretos, naõ ſô ſe ſabem prevenir contra os abuſos do tempo, mas deſtes meſmos abuſos tomaõ occaſiaõ para no tribunal da divina munificencia alcançarem o deſpacho das ſuas ſantas pretençoens.

Tob. 1. 4.

51. A diſcriçaõ de hum pretendente, conſiſte em ſolicitar a merce, que deseja, no tempo em que naõ ha competidores, que a procurem. Deſta traça ſe valéo o Bom Ladraõ, no Calvario; pedio ao Senhor, que o admitiſſe no ſeu Reyno: em que tempo? Em hum tempo, em que parece, que ninguem cuidava em fazer ſeme-

ſemelhante requerimento. Notavel ſucceſſo! No tempo, em que eſtava o Senhor na Cruz para a Redempçaõ do mundo, naõ conſta, que alguem pediſſe ao Senhor, que lhe concedeſſe lograr o bem deſta redempçaõ. Naõ o pedíraõ os Gentios, porque naõ conheciaõ ao Redemptor: naõ o pedíraõ os Judéos, porque o crucificavaõ: naõ o pedíraõ os Apoſtolos, porque o deſemparáraõ: naõ o pedio o Máo Ladraõ, porque o blaſphemava, nem a meſma Senhora, nem a Magdalena, nem o Evangeliſta, que eſtavaõ ao pé da Cruz, fallavaõ: porque o exceſſivo ſentimento da morte de ſeu amantiſſimo Senhor, lhe ſuſpendéra a voz, & embargára o diſcurſo; vendo pois o Bom Ladraõ, q̃ naõ havia competidores da gloria, que dezejava, com diſcreta confiança preſentou o memorial: *Memento mei cũ veneris in Regnum tuum:* & no meſmo inſtante alcançou o deſpacho: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Bem ſei, que naõ he o tribunal da divina miſericordia, como os tribunaes dos Principes da terra, em que, como ſaõ mais os pretendentes, que as merces, eſgotaſe a fonte dos beneficios pela ſequioſa multidaõ dos competidores, mas antes no theſouro da divina liberalidade, ſaõ as mercés em taõ grande numero, que podem dar ſatisfaçaõ a todas as pretençoens. Porèm muito ſe agrada Deus de huma Alma, que ſabe pedir quando ninguem pede, anhelando a ſua graça, quando os outros provocaõ a ſua juſtiça.

*Luc. cap. 23. verſ. 42.*

*Ibid.*

52. Eſte pois he o tempo, em que naõ há emulaçaõ para os bens eternos, porque todas as ancias ſaõ para caducas temporalidades, & fallando ao modo humano, hoje o deſcuido dos diſtrahidos no mundo, facilita o deſpacho dos pretendentes da gloria. Em Deus todo tempo he tempo de fazer mercés a quem lhas pede, porque he taõ natural em Deus o bem fazer, como no Sol o luzir: porèm abre Deus o theſouro das ſuas graças com maior largue-

largueza, aos que acendem a tocha dos ſeus affectos, em tempo, em que os outros a trazem apagada. Huma roſa na Primavera, naõ he eſtimada, mas offerecida no Inverno, he o empenho da admiraçaõ: & que outra couſa he eſte tempo conſagrado a profanos divertimentos, ſenaõ o Inverno da Igreja, em que deſmayaõ as flores das virtudes, mas o coraçaõ, que no deſabrido deſte Inverno ſe abre a Deus, & ſe apura em finezas, he huma roſa fóra de tempo, & quanto mais intempeſtiva, mais preciosa. Demaneira que, naõ há tempo, em que mais mereça o noſſo amor para com Deus, que eſte, em que Deus he mais offendido; tambem naõ há tempo, em que o mundo menos mereça o noſſo amor, que eſte, em que toda a alegria do mundo vai a parar em hum dia de Cinza.

53. Entre as Leys, com que a prudencia há de guiar a vontade, diz o Filoſofo, que a prudencia deve inclinar os affectos da vontade para os bens, que ſe conhecem capazes de maior duraçaõ: *Eligibilius primo eſt, quod eſt diuturnius.* Sempre foraõ breves os goſtos do mundo, mas neſte tempo taõ fugitivos ſaõ os ſeus prazéres, que naõ tem mais, que tres dias de alento. Eſtá hoje o mundo nas antiveſporas da ſua agonia, & daqui a tres dias ſe celebraráõ as ſuas exequias com os funebres apparatos da morte. Logo que eſtimaçaõ póde a vontade fazer deſtes taõ ephimeros paſſatempos; paſſa o tempo, & foge o mundo, & fugindo deſempara aos que à ſua fidelidade neciamente ſe arrimaõ. Rotos os eſquadroens, & desbaratado o exercito, fugia Abſalaõ, fiado no cavallo, que o levava; mas ficou Abſalaõ pendurado em huma arvore, & prezo pelos cabellos, & o cavallo continuou o ſeu curſo; ſe o cavallo parára, tivera Abſalaõ tempo para desfazer com as maõs, ou para cortar com a eſpada o laço, que o prendéra; mas naõ lhe foi concedida eſta taõ preciſa

ciſa detença: acabou o cavallo a carreira, & Abſalaõ ficou no patibulo, em que poz fim à carreira da vida. He hoje o mundo ſemelhante a hum cavallo deſenfreado, que com arrebatada violencia nos leva pelas eſtradas de huma licenciosa liberdade, & daqui a poucos dias, ficaremos todos prezos pelos cabellos na arvore da vida, porque ſobre os noſſos cabellos ſe eſcreverá com caracteres de cinza a ſentença da morte: *Memento homo, quia pulvis es.*

54. Vede agora, que temeraria he a imprudencia dos que ſe aſſeguraõ da fidelidade do mundo, que quando houvera de parar, foge, & em lugar de reprimir o ſeu curſo, o accelera. Hoje andais como Abſalaõ firmados no eſtribo de huma enganoſa confiança, & daqui a poucas horas, apparecereis prezos pelos cabellos, com as triſtes inſignias da morte: *Memento homo, quia pulvis es.* Neſtes dias, o mundo he huma roda, que ſe volta para a Eſfera dos ſeus aereos divertimentos, mas no quarto dia ſe virará a roda, & deſcerá para o lodo da mortalidade, q̃ aos noſſos olhos ſe repreſentará: *Memento homo, quia pulvis es.* Neſtes dias, o mundo he huma nuvem, que com malignos vapores ſe condenſa, mas no quarto dia rebentará a nuvem, & ſahirá o rayo da morte: *Memento homo, &c.* Neſtes dias, o mundo he huma fogoſa exalaçaõ, que ſe acende, & arde, & acabado, no quarto dia, o incendio, tudo ſe verá reduzido a cinzas: *Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem revertêris.* Abramos os olhos a eſtes anticipados deſenganos, porque ſaõ as luzes, que a prudencia nos offerece, para guiar a noſſa vontade no meio das ciladas, que neſtes dias o vicio arma contra a virtude. A terceira guia da vontade, he a conſciencia, & eſta ultima guia, he mais preciſa, que as duas primeiras, porque ſem a direcçaõ de huma ſaã conſciencia, he vaã a ſciencia, & a prudencia

humana pertranſit. *Diogo Hoſtienſ. Serm. de Dominica Paſſionis Sacr.*

Pendet Abſalon per comam capitis ſui, & mulus, cui inſederat, tranſit, quia mundus, & omnis felicitas

dencia inutil. Vamos ſeguindo os paſſos deſta ultima guia, que acompanha a vontade, dezejoſa dos remedios da ſua cegueira: *Domine, ut videam.*

## III. PARTE.

55. Na doutrina de Santo Thomás, tem a conſciencia dous actos, ou officios, o primeiro he examinar, & o ſegundo aconſelhar; a conſciencia examina, ſe o que a vontade quer, he licito, ou illicito; ſe he licito, o aconſelha, & ſe he illicito, o condena. Eſte previo exame, & conſelho da conſciencia, ſaõ as duas tochas, que ſempre a razaõ leva diante de todos os actos da vontade: por onde, quando o peccador ſe deſvia do caminho da ſalvaçaõ, eſte lamentavel deſacerto ſe deve attribuir à ſua propria vontade, & naõ à vontade de Deus (como alguns hereges affirmáraõ) porque Deus dá a todos a graça ſufficiente; nem tampouco ſe deve attribuir à vontade do Demonio (como outros imagináraõ) porque o Demonio naõ tem poder na vontade dos homens. Ao Demonio coſtumaõ muitos dar a culpa dos peccados, em que cahíraõ, mas muitas vezes, naõ tem o Demonio culpa das noſſas culpas; porque (ſe bem reparardes) houve culpas na vontade, primeiro que houveſſe Demonios no mundo. Pecou Lucifer, & com elle hum grande numero de Anjos de todas as Celeſtes Jerarquias. Agora pergunto: Quem acõſelhou a Lucifer, & quem induzio os Anjos a que peccaſſem? O Demonio? Naõ, que ainda naõ havia Demonios no mundo. Logo quem foi o inventor, & o author deſte primeiro peccado? A vontade, & a vontade dos Anjos; porque naquelle tempo, em que ainda naõ havia homẽs na terra, nem Demonios no Inferno, naõ havia mais q̃ duas vontades no mundo, a vontade de Deus, & a vontade dos Anjos; a vontade de Deus, q̃ por ſua natureza he impeccavel, naõ podia conſentir no peccado; mas a vontade dos Anjos, que ainda

ainda naõ eſtava confirmada em graça, era capaz de offender a Deus. Logo o primeiro peccado do mundo, foi filho de huma ſacrilega vontade, & a vontade foi a primeira delinquente, em que ſe enſayáraõ as lavaredas do Inferno.

56. Quem imaginais, que caſtiga Deus no Inferno? Por ventura com o fogo do Inferno caſtiga Deus as blasfemias, os furtos, os homicidios, as laſcivias, as impiedades, & os ſacrilegios? Naõ: ſô a vontade, he a que Deus caſtiga no Inferno, porque ſô a vontade he a authora, & a executora deſtes Infernaes deſatinos. *In quem Inferni ignis deſæviit*, diz S. Bernardo, *niſi in propriam voluntatem?* Naõ há Inferno ſem peccado, nem peccado ſem vontade: ceſſe a vontade de peccar, & o Inferno ceſſará de arder: deſiſta a vontade de ſe oppor aos dictames da conſciencia, & o Inferno deſiſtirá de executar os caſtigos da Divina juſtiça. *Quid odit, aut punit Deus præter propriam voluntatem* (continúa o meſmo Bernardo) *ceſſet voluntas propria, & infernus non erit.* Daqui ſe infere, que a vontade, que faz ao peccador atrevido nas offenſas, que comete contra Deus, faz ao meſmo peccador incapaz de ſe queixar dos caſtigos, que Deus lhe dá; porque ſabendo o peccador, que ſempre o caſtigo ſe ſegue ao peccado, quer implicitamente o caſtigo, no meſmo tempo, que illicitamente quer o peccado, & naõ ſe póde ninguem juſtamente queixar do caſtigo, a que voluntariamente ſe ſogeitou.

*Bernard. Serm. 3. de Reſurrectione.*

*Idem ibidem.*

57. Fallando o Propheta Rey nos condenados, diz que elles eſtaõ no Inferno, como ovelhas: *Sicut oves in Inferno poſiti ſunt.* Mas ſe Chriſto Senhor Noſſo chama aos predeſtinados, ovelhas: *Statuet oves a dextris:* Com que razaõ compara Dayid os condenados com as ovelhas? *Sicut oves in Inferno poſiti ſunt.* Reſpondo. As ovelhas, quando ſe levaõ a morrer, naõ fazem reſiſtencia, & naõ daõ hum ſô balido, como ſe naõ ſô lhe fal-

*Pſalm. 48. verſ. 15.*

faltára a razaõ para o diſcurſo, ſenaõ tambem o ſentimento para a pena. Eſte ſilencio pois, que nas ovelhas, he manſidaõ natural, nos condenados, ſerá effeito da ſua confuſaõ: *Sicut oves in Inferno poſiti ſunt.* No dia do Juizo, os condenados ſe veraõ vergonhoſamente emmudecidos, porque ſe acharáõ juſtamente condenados; naõ teráõ deſculpas para os delitos, porque tiveraõ conhecimento dos caſtigos, & attribuindo à ſua propria vontade, a ſua perdiçaõ, moſtraráõ a ſua confuſaõ, no ſeu ſilencio: *In punctо ad Inferna deſcendunt.* Le outra verſaõ: *Cum quiete in Infernum deſcendunt.* De maneira, que a vontade, que neſte mundo, teve armas para offender a Deus; no outro mundo, naõ terá razoẽs para ſe defender; & a conſciencia, que neſta vida foi o conſelheiro da vontade, ſerá o juiz da vontade na outra vida. Oh! aprendamos daqui a conformar a noſſa vontade com os dictames da conſciencia, & conſideremos, que para eſte effeito, naõ baſta querer o que Deus quer, mas he preciſo querer o bem, pelo meſmo fim, porque Deus o quer, porque tendo a noſſa vontade o meſmo fim que a vontade divina, naõ pôde peccar, & pelo contrario naõ tendo eſte meſmo fim, pôde a vontade peccar, ainda querendo o que Deus quer.

58. Deus, & os Judéos quizeraõ a morte de Chriſto, & com tudo, os Judéos offendéraõ a Deus, querendo o que Deus queria. Porque? Porque o Eterno Pay queria a morte de Chriſto por hum fim, & os Judéos por outro fim queriaõ a meſma morte. O Eterno Pay queria que Chriſto morreſſe para Redempçaõ do genero humano, & os Judéos queriaõ a morte de Chriſto para a extinçaõ do Chriſtianiſmo; na vontade do Eterno Pay, a morte de Chriſto, era o objecto da ſua gloria, porque era a cabal ſatisfaçaõ da ſua juſtiça; mas na vontade dos Judéos, a morte de Chriſto, era o empenho

do seu odio, & o barbaro assumpto da sua crueldade: & assim os Judéos offendéraõ a Deus, querendo o que o mesmo Deus queria, porque a vontade dos Judéos respeitava hum fim contrario aos intentos da divina vontade. Logo, he preciso, que a consciencia apure a conformidade, persuadindo a vontade que naõ sô queira, o que Deus quer, mas que queira as desgraças, & as prosperidades, a saude, & as doenças, a vida, & a morte, pelo mesmo fim, porque Deus as permite: & isto he propriamente querer com sciencia, com prudencia, & com consciencia: que como temos visto nas tres partes do Sermaõ, saõ as tres guias, que regulando os passos da vontade, remedeaõ a sua cegueira. Cadahum de nós naturalmente quer, o que lhe parece mais conveniente à profissaõ do seu Estado: quer o mercador a ganancia, para acrescentar a sua fazenda: quer o soldado a guerra, para acreditar a sua valentia: quer o ministro a graça do seu Principe, para adiantar a sua fortuna: & os Principes querem o amor, & obediencia dos subditos, para o bom governo dos seus Estados. Esta diversidade de vontades se acha nos homens em quanto homens, mas em quanto Christaõs, todos tem obrigaçaõ, de querer huma sô cousa, a saber, a Graça de Deus, que he o maior bem, a que pôde aspirar a nossa vontade, & para conseguir este bem, basta que a vontade o queira; queira a vontade, o que o Evangelho manda: queira a vontade, o que Deus quer, & está certa a Graça de Deus nesta vida, & na outra, a Gloria: *Ad quam: &c.*

SER-

# SERMAM
## DA
## QVARTA
## QVARTA FEIRA.

Prégado na Capella Real, 8. de Março de 1679.

---

*Hypocritæ, bene de vobis prophetavit Isaias, dicens, populus hic labijs me honorat.*
Matth. cap. 15. vers. 7.

Muito altos, & poderosos Princepes, & Senhores nossos.

59. NA minha opiniaõ, naõ há no mundo, vicio mais universal, que o da hypocresia. Todas as idades, & todos os Estados da vida humana, tem algum vicio particular, a que naturalmente está o homem taõ sogeito, como a Lua aos Mingoantes, & o Sol aos Eclipses. Na mininice, cegamente domina a ignorancia, & a confiança, atre-

atrevidamente impera na varonia. A prodigalidade, he propria dos moços, & aos velhos está avinculada a avareza. A soberba, he o achaque dos nobres, a lizonja, he o dezar dos cortezaõs, a inconstancia, he o crime dos amantes, a presumpçaõ, he o peccado dos doutos, & a altivez, he o delito dos soberanos. Mas a hypocresia, he o commum achaque de todas as idades, & de todos os Estados, porque o hypocrita, he aquelle, que affecta de parecer o que naõ he, & naõ ha idade, nem estado, em que os homens naõ procurem de parecer o que naõ saõ. Tem a velhice seus hypocritas, tem seus hypocritas a mocidade; hypocritas da velhice, saõ os que querem parecer velhos antes de tempo, ostentando no verdor dos annos, huma anticipada madureza; & saõ hypocritas da mocidade, os que com ficticios adornos, dissimulaõ os inevitaveis estragos do tempo. Nas escolas da milicia, he hypocrita o pusilanime, que treslada em si os brios de huma mentida valentia, & no Theatro das sciencias, he hypocrita o ignorante, que se ostenta valido das Musas, Secretario de Apollo, & harmonioso cisne do Parnaso. O odio equivocado em amor, he a hypocresia dos aleivosos, a mentira enxertada na verdade, he a hypocresia dos aduladores, & o proprio enterece disfarçado com zelo do bem commum, he a hypocresia dos Tiranos.

*Quisquis appetit videri, quod non est, hypocrita est.* Augustin. de Sermone Domini in Monte. cap. 3.

60. Mas sendo o vicio da hypocresia taõ universal em todos os Estados, parece tem particular dominio nas Cortes, & nos Palacios, em que as apparencias tem mais credito, que as realidades. De donde imaginais, que vieraõ os hypocritas, de que hoje falla o Evangelho? Vieraõ da Corte. Estava o Senhor nas prayas de Genesareth, & da Cidade de Jerusalem, Corte do Reyno de Palestina, vieraõ os Escribas fingidamente zelosos da observancia das Leys antigas,

gas, & formando com ſuperſticioſa Religiaõ huma falſa calumnia, notáraõ nos Diſcipulos do Senhor, humas vaãs omiſſoens, & as encarecéraõ por grave culpa : *Quare Diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum ?* Naõ ſei, que tem os Palacios, & as Cortes, que havendo de ſer Aſylos, & theatros da verdade, de ordinario ſaõ enganoſos frontiſpicios, em que as realidades ſe deſconhecem, & as ſombras ſe adoraõ. Saõ a maior parte dos Palacianos, como o fabuloſo Narciſo, que deſprezou os affectos, & as prendas de huma formoſa Nimpha, & vendoſe no liquido criſtal de huma fonte, fez de ſua ſombra, o ſeu Idolo, & huma tranſitoria repreſentaçaõ, foi o empenho do ſeu cuidado. E para naõ buſcar provas fóra do Evangelho, que outra couſa ſaõ eſtes Phariſaicos Palacianos, que ſuperſticioſos Narciſos, que contemplaõ na agoa, em que lavaõ as maõs, a imagem de huma antiga tradiçaõ, & afeiçoados a eſte vaõ ſimulacro, quebrantaõ os mais eſſenciaes preceitos da Ley Divina. *Quare Diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum ?* Eis ahi a ſombra adorada. *Quare & vos tranſgredimini mandatum Dei.* Eis ahi a verdade opprimida.

*Salmeron, Maldonat. Barrad. Et tuyc temporis hoc factum eſſe dicunt. Matth. cap. 15. verſ. 2.*

*Matth. cap. 15. verſ. 2.*

61. Nas Cidades populoſas, que ſaõ Cortes das Monarquias, tenho reparado, que ſe achaõ tres generos de hypocritas: huns, que ſendo pobres, parecem affazendados, com a pompoſa ſuperficie das ſuas galas : outros, que ſendo malevolos, parecem zeloſos, com a melliflua ſuperficie das ſuas palavras: & outros, que ſendo criminoſos, parecem ſantos, com a religioſa ſuperficie das ſuas obras. Eſtes tres generos de hypocritas pretendem ter entrada em Palacio; ou para melhor dizer, procuraõ de ſe introduzir em tres differentes Palacios, no Palacio da riqueza, no Palacio da verdade, & no Palacio da virtude. Mas como veremos,

mos, nas tres partes do Sermaõ, nem a riqueza, nem a verdade, nem a virtude, querem dar entrada a eſtes fantaſticos Palacianos, em que tudo ſaõ apparencias ſem ſubſtancia, apparencias de riqueza, no trajar, eſte he o primeiro aſſumpto: apparencias de verdade, no fallar, eſte he o ſegundo: apparencias de virtude, no obrar, eſte he o terceiro: *Hypocritæ, bene de vobis prophetavit Iſaias, dicens, populus hic labijs me honorat.*

*Matth. cap. 15. verſ. 7.*

## I. PARTE.

62. Primeiramente, no Palacio da Riqueza, pretendem de ſe introduzir huns hypocritas loucamente ambicioſos, que procuraõ de grangear opiniaõ de homens de cabedal, & para eſte effeito disfarçaõ as miſerias da ſua neceſſidade, com o ſuperficial luzimento do traje, com que ſe adornaõ. Semelhantes ſaõ à canela, planta hypocrita, que poem toda a ſua ſubſtancia na cortiça. E cada hum deſtes pôde dizer, como aquelle Philoſopho da Grecia: *Omnia mea mecum porto.* Porque trazem comſigo todos os ſeus cabedaes; fôra de caſa luzem como a eſtrella da manhaã, & em caſa vem as eſtrellas ao meio dia: & ſaõ em certo modo como a grande maquina do mundo, que tem o reſplandor do firmamento por circumferencia, & o pô da terra por centro; porque na circumferencia do veſtido, moſtraõ hum firmamento de luzes, & a caſa, em que vivem, he centro da pobreza. Mas quem dezeja de luzir, mais do que pede a limitaçaõ das ſuas poſſes, deſdoura o ſeu proprio luzimento, com os artificios, com que o ſollicita. Neſte mundo, em que a perſpicacia dos curioſos, deſcobre manchas no meſmo Sol, que he a fonte das luzes, difficultoſamente ſe pôde diſſimular a penuria de hum Planeta mendigo, & muito melhor lhe fora, eſconderſe com modeſtia nas ſombras

bras da ſua pobreza, do que fazer huma pompa vãa de riquezas, que naõ poſſue.

63. Criou Deus o Sol, & a Lua: o Sol: *Luminare maius, ut præeſſet diei:* & a Lua: *Luminare minus, ut præeſſet nocti.* Para as horas do dia, deſtinou Deus o curſo do Sol, & reſervou o curſo da Lua, para as horas da noite. Porque? Porque as riquezas do Sol, ſaõ para o applauſo, & a pobreza da Lua para o ſegredo; o Sol, que tem grandes cabedaes de luzes, póde ter confiança para ſe oſtentar aos olhos do mundo, mas a Lua, que ſó ſe adorna com reſplandores poſtiços, & empreſtados, naõ deve de apparecer ſenaõ no ſilencio da noite, por naõ haver teſtemunhas da ſua mentida claridade. Eſte he o maior acerto de huma pobreza diſcreta, evitar a publicidade do luzimento, por naõ publicar os deſdouros da neceſſidade; renunciar o fauſto para conſervar o credito, & naõ fazer gala de luſtroſos accidentes, quando falta a ſubſtancia deſte luminoſo apparato.

*Geneſ. cap. 1. verſ. 16.*

64. No monte Tabòr, ſahio o Senhor com huma gala taõ precioſa, & bizarra, que parecia neve tecida pelas maõs dos Anjos, ou perolas do Ceo desfeitas em neve: *Et veſtimenta ejus facta ſunt alba, ſicut nix.* Repáro, que toda a pompa dos adornos ſe guardou para as veſtiduras do Senhor, porque naõ ſe ſabe, que Moyſes, & Elias, que aſſiſtiaõ aos lados do Senhor, tiveſſem algum genero de adorno nas ſuas veſtiduras; mas ſe as galas dos cortezaõs, faõ os reſplandores da mageſtade dos Princepes, porque razaõ naõ concedèo o Senhor pompoſas veſtiduras a eſtes dous Prophetas, que o cortejavaõ no triumfo da ſua Transfiguraçaõ? Dou a razaõ ao meu intento. Nas veſtiduras de Chriſto transfigurado, as galas eraõ accidentes com ſubſtancia, porque eraõ demonſtraçoẽs exteriores, da gloria inviſivel, que Chriſto interiormente

*Matth. cap 17. verſ. 2.*

mente poſſuia, mas nas veſtiduras dos Prophetas, que ainda naõ eſtavaõ de poſſe dos bens da gloria, as galas, & os luzimentos haveriaõ ſido accidentes ſem ſubſtancia, & no Tabôr, que naquelle tempo, era o Palacio da Divina Mageſtade humanada, naõ convinha, que ſe déſſe lugar à oſtentaçaõ de huma ſuperficial grandeza. O pompoſo adorno de hum pobre ambicioſo, he huma enganoſa transfiguraçaõ, porque he huma luz ſem ſubſtancia. Notavel ambiçaõ de luzir, he eſta dos homens! Huns ſe transfiguraõ, & outros ſe desfiguraõ; huns ſe transfiguraõ com falſos luzimentos, & outros com demazidos luzimentos ſe desfiguraõ, ou para melhor dizer, ſe deſtroem, porque conſomem o ſeu cabedal, & a ſua ſubſtancia.

65. Entre o luzir do Sol, & o luzir do fogo, há eſta differença, que o Sol ſabe luzir ſem conſumir a materia, de que he compoſto, mas naõ póde o fogo luzir, ſem conſumir o ſeu proprio alimento. Eſte he o infelice deſtino dos homens de mediana fortuna, quando ſe atrevem a competir com os Soes das Monarquias, luzem como o fogo, porque o reſplandor da ſua familia, he o incendio da ſua fazenda. Emquanto a polvora, naõ paſſa do negro, & modeſto traje, que a Arte lhe deu, conſerva o ſeu ſer; mas logo, que a polvora ſe acende para luzir, a ſua ſubſtancia ſe diſſipa pelo Ar, & o ſeu luzimento ſe reſolve em fumo. Semelhantes ruinas a eſtas, cauſa a ambiçaõ inclinada a ſuperfluas oſtentaçoens, luzem as familias, & os patrimonios ſe abrazaõ, reſplandecem as caſas, & as heranças ſe reduzem a cinzas.

66. Mas que diremos da faminta riqueza, dos que trazem galas, dos que jejuaõ, tirando à boca, o que daõ ao luxo; & attenuando as forças do corpo, para alentar os brios da ſua vaidade. Tem o Bicho da

ſeda

seda esta propriedade; em quanto fôrma o precioso cazulo, em que se envolve, naõ come; do mesmo modo, passaõ estes com abstinencia, quando vestem com luzimento, & com a mesma fome, que padecem, alimentaõ a ostentaçaõ, com que vivem. Lembrame a este proposito huma curiosa duvida de S. Joaõ Chrysostomo, sobre estas palavras do Senhor no Evangelho: *Matth. cap. 6. vers. 28. & 29.* *Considerate lilia agri, &c. quoniam nec Salomon in omni gloria sua coopertus est, sicut unum ex istis.* Considerai as flores do Campo (diz o Senhor) & sabei, que nem Salamaõ chegou algum dia a vestir huma taõ lustrosa gala, como a com que estas flores se adornaõ. Pergunta S. Joaõ Chrysostomo, porque razaõ querendo o Senhor representarnos a perfeiçaõ de hum pomposo vestido, nos poem diante dos olhos, as flores do Campo, antes que as pennas do Pavaõ: *Chrysostom. hom. 23. ad cap. 6 Matth.* *Cur non ex avibus Pavum nobis proposuit?* Há mais vestir, que o do Pavaõ, em que parece afinou seus resplandores, o ouro, apurou o seu cintilar, o diamante, & avivou a esmeralda, as suas esperanças. Estende o Pavaõ a sua plumagem, em fôrma de huma roda chea de olhos, como se o Pavaõ levára apoz si os olhos de todos, admirados da sua belleza; & com enveja das flores, que apenas nascidas desmayaõ. He o Pavaõ hum Jardim animado, em que se representa huma permanente Primavera. Mas ouçamos ao grande Tertulliano, que com o mais florido da sua eloquencia, pinta os atavios desta bizarra vestidura: *Est Pavo pluma vestis, omni conchilio pretiosior, qua colla florent, omni Patagio inauratior, qua terga fulgent, & omni syrmate solutior, qua caudæ jacent.* *Tertullian. lib. de Pallio cap. 3.* Supposto isto, que motivo teria o Senhor para dar por symbolo de hum pomposo ornato, as flores dos prados, antes que as galas do Pavaõ? *Cur non ex avibus Pavum nobis*

*nobis propoſuit ?* Reſpondo. O veſtir do Pavaõ, he huma parte da ſua ſubſtancia, porque converte o alimento em galas, & na compoſiçaõ da ſoberba plumagem, gaſta o que houvera de empregar no augmento do corpo. Naõ aſſim as flores, cuja pompa ſe origina dos humores ſuperfluos, que a raiz communica ás folhas; tem as flores bens de raiz, & trazem galas, do que lhe ſobeja; mas quem transforma o comer em veſtir, imita ao Pavaõ: & por iſſo cá chamais a eſtas vaãs oſtentaçoens, pavonadas. Neſta primeira Parte temos lançado do Palacio da Riqueza aos hypocritas, que diſfarçaõ a ſua pobreza, com a pompoſa ſuperficie das ſuas galas; neſta ſegunda Parte veremos, como ſe há de excluir do Palacio da verdade, outro genero de hypocritas, que encobrem o veneno da detracçaõ com a melliflua ſuperficie das ſuas palavras: *Populus hic labijs me honorat.*

## II. PARTE.

67. O que antigamente foi propoſto a Sanſaõ, como eſcuro enigma, he no dia de hoje, manifeſta verdade. Vio Sanſaõ hum favo de mel, na boca de hum Leaõ, eſte he o retrato dos hypocritas maldizentes, que com cruel brandura, desafogaõ o ſeu odio, com apparente zelo da verdade; introduzem o diſcurſo com louvores da peſſoa, de que fallaõ, eis ahi o favo de mel; & no meſmo tempo mordem, & desfazem na reputaçaõ da meſma peſſoa, a que louváraõ: & eis ahi a boca de Leaõ. Fazem encomios, & daõ culpas, começaõ com Panegiricos, & acabaõ com Satiras, mellifluos no principio, & no cabo homicidas. A Eſcritura os compara ao atirador: *Extendunt linguam, quaſi arcum.* Deſpede o atirador a ſeta com maior força, quanto mais puxa para ſi a corda do arco, & aplicando a ſeta ao peito, melhor

acerta

acerta o golpe: do meſmo modo, eſtes fingidos zeladores da verdade, deſpedem a ſeta do peito, para que ſeja mais profunda a ferida, parece que da fragoa do amor, ſaem as ſuas palavras, & ſaõ forjados na officina do odio, os ſeus louvores. Quanto mais vos louvaõ, mais vos enfamaõ. He a ſua lingoa, como a penna de Demoſthenes, que pelo aparo deſpedia tinta, & pelo cabo lançava peçonha, tinta para os louvores, & peçonha para as detracçoens. Oh quantas vezes huma voz, mais branda que a de Jacob, diſſimula humas maõs, mais aſperas que as de Eſaû: & quantos Judas ha no mundo, que tem a maõ no prato, & a aleivoſia no peito!

68. Tenho reparado, que quaſi todas as calumnias, tem por fundamento humas vaãs tradiçoens; fallo por eſte eſtilo, porque he o meſmo, com que os hypocritas do noſſo Evangelho, cenſuraõ as acçoens dos Diſcipulos do Senhor: *Quare Diſcipuli tui tranſgrediuntur traditionem ſeniorum?* Digo, que as tradiçoens, ſaõ o alicerſe das detracçoens, porque as tradiçoens ſaõ couſas, que ſe ouvíraõ dizer, & naõ há quaſi ninguem, que murmure do que vio, mas do que ouvio; porque muy raras ſaõ as evidencias, & ſaõ infinitas as tradiçoens: & quanto mais antiga he a tradiçaõ, mais juſtificada parece a cenſura: *Traditionem ſeniorum.* Deſta perniciosa recordaçaõ dos Antigos, naõ ſe pôde livrar a mayor fortuna, nem a mayor nobreza; porque na primeira origem de huma, & outra, ſempre deſcobre a tradiçaõ algum labêo, com que ſe deſdoura o luſtre das preſentes grandezas; nos que na Republica tem officio de inveſtigar eſtes principios, por zelo da Fé, ou por enterece do bem commum, naõ eſtranho a eſpeculaçaõ das antigas tradiçoens, mas acho, que he grande ſemrazaõ, que havendo algum ſogeito aventajado, ſe deſvele a malevolen-

volencia em lhe buſcar os principios, para o moſtrar abatido.

69. Em huma das ſuas Epiſtolas, diz o Apoſtolo San Tiago, que ha lingoas, que poem fogo na roda do noſſo naſcimento: *Inflammant rotam nativitatis noſtræ.* Le a verſaõ Syriaca: *Accendit ſeriem Genealogiarum.* Queimar a ſerie da Genealogia, he o meſmo, que abrazar a Arvore da deſcendencia, para deſcobrir os humildes principios da mais eſclarecida proſapia. Repreſenteſevos huma arvore, robuſta no tronco, dilatada nos ramos, pompoſa nas folhas, & abundante nos frutos; cahe o rayo, abraza a arvore, & reduzindoa a poucas cinzas, deſcobre huma vil, & toſca raiz, de que ſe originou toda a louçania daquella mageſtoſa planta. Rayo he, a lingoa do malevolo inculcador das antigas tradiçoens, abraza a arvore da deſcendencia, deſcobre as raizes da Genealogia, manifeſta os achaques do naſcimento, & repreſenta a baxeza dos principios, para deſluſtrar a grandeza dos progreſſos: *Lingua accendit ſeriem Genealogiarum.*

*Iacobi Epiſt. 3. verſ. 6.*

70. Que irracionavel, & que indigna he de hum diſcreto a injurioſa lembrança de ſemelhantes verdades! Naõ há grandeza no mundo, em cujos principios naõ ſe tope com faltas, & abatimentos. A mais bella flor de hum jardim parecerá diſforme, & deſprezivel, ſe ſe deſcobrir o berço da ſua origem. Nos theatros da Primavera realça a Açucena, como cabeça da florida Monarquia: mas toda a pompa, & belleza deſta flor, naſce de hum vil principio, porque primeiro que a Açucena dominaſſe na Republica das flores, jazia pobre, & humilde na plebe das cebolas. Com eſtas afrontoſas memorias, procura a detracçaõ de eſcurecer a gloria das grandezas, que ſe lograõ. Pareceme de ouvir praticar hum deſtes eſpeculadores da antiguidade. Naõ ſabeis

(diz

(diz elle) que os Avós deſte, a quem hoje vedes taõ adinheirado, & luzido, eraõ homens de nada: a induſtria, a onzena, & o engano, foraõ as minas dos theſouros, que amontoou; & ſe vireis a baxeza do ſeu naſcimento, naõ vos admiráraõ as ventajens da ſua fortuna. Demaneira que nas noticias dos Antepaſſados, ſe eſtribaõ as calumnias dos modernos; deſenterra a detracçaõ os defuntos, para ſepultar a memoria dos vivos, & para anniquilar a grandeza de huma familia, deſcobre a maledicencia os principios da ſua ventura. Quem ſe quizer enformar deſtas opprobrioſas verdades, nunca chegará a dizer bem de couſa alguma do mundo; porque ſe julgarmos da nobreza das criaturas pela calidade dos ſeus principios, nenhuma couſa chegará, a ſer grande na noſſa eſtimaçaõ, porque todas as couſas foraõ pequenas na ſua Infancia.

71. Até os Gigantes, no berço ſaõ pequenos, & o Sol, que na opiniaõ dos Mathematicos, he cento & ſeſſenta & ſeis vezes mayor que a terra, teve por fonte dos ſeus reſplandores, aquelle raſgo de luz, que Deus criou no primeiro dia (como advertio Dionyſio Areopagíta, & Santo Thomás.) A terra, que hoje ſe oſtenta eſmaltada com flores, enriquecida com metaes, & fertilizada com as influencias dos Aſtros, era no principio do mundo, o domicilio da pobreza, & o hoſpicio da eſterilidade: *Terra autem erat inanis, & vacua.* E há cinco mil & ſeis centos, & ſettenta, & oito annos, que o mundo todo, naõ era nada. Com eſta meſma conſideraçaõ, fundada na verdade, mas inſpirada da malevolencia, pôde a detracçaõ deſcobrir abatimentos na mais levantada fortuna, & pôde achar ſombras na mais luzida nobreza; mas renovar a memoria de males, que paſſáraõ, para eſcurecer a gloria dos bens, que ſe poſſuem, naõ he zelo

*Dionyſ. Areopag. lib. 5. de Divin. Nomin. D. Thom quæſt. diſp. 4. art. 2. ad. 6.*

*Geneſ. 1.*

da verdade, he effeito de huma diabolica enveja. E ſenaõ, vede a prova.

72. Morre o Rico Avarento, & vendoſe condenado ás penas eternas, trata da ſalvaçaõ de ſeus irmaõs, como ſe mais o apertára o fervor do zelo, que o ardor do fogo, & como ſe menos ſentíra, o incendio, que o abraza, que o cuidado, que o inquieta. *Rogo ergo te Pater, ut mittas eum in domum patris mei.* Pay Abrahaõ, já que naõ mereço voſſa piedade, compadeceivos de meus irmaõs, naõ vos peço que me alivieis das penas, que me atormentaõ, ſolicito para meus irmaõs o remedio da ſua cegueira, & da ſua obſtinaçaõ. Que he iſto, Fieis? Hum Demonio, zeloſo, & hum condenado, caritativo? Oh! que eſta caridade, he odio, & eſte zelo, he engano: pede o Rico Avarento, que mande a Lazaro: *Rogo ergo te, ut mittas eum.* E aonde quer que o mande? *In domum patris mei.* Quer o Rico Avarento, que Abraham mande a Lazaro à caſa de ſeu pay. Porque? Porque a caſa do pay do Rico Avarento, he aquella meſma, aonde pedio Lazaro a eſmola. Eſtas ſaõ as caſas, cuja porta lavou Lazaro com a agoa das ſuas lagrimas: eſtas as caſas, cujas paredas tingio Lazaro com o ſangue das ſuas chagas; & agora que Lazaro ſe vé no eſtado da Gloria, & da Bemaventurança, dezeja o Rico Avarento de o tornar a pôr naquelle meſmo lugar, em que padecia as miſerias de huma eſtrema neceſſidade, & já que lhe naõ póde tirar os bens, que poſſue, procura de lhe renovar a memoria das penas, que padecéo. Admiravelmente S. Pedro Chryſologo: *Sub ſpecie pietatis, ad priſtina vulnera, ad priſtinos gemitus Lazarum vult redire.* Os que neſte mundo chegáraõ a melhorar a ſua fortuna, ſaõ como Lazaro na Bemaventurança, que ſempre há algum malevolo, que com lembranças do paſſado, procura de eſcu-

*Luc. cap. 16. verſ. 27.*

*Chryſolog. Serm. 123.*

eſcurecer a gloria, que lograõ, & que traz à memoria o que foraõ, desfazendo no que ſaõ, com apparente zelo da verdade.

73. Que importa, que ſe manifeſtem as verdades, ſe ſaõ verdades, que offendem? A verdade he a luz, com que todas as couſas ſe deſcobrem; mas muitas vezes no meio deſta luz, faz a calumnia o tiro mais cruel; entre luzes do Ceo, raſga o rayo a nuvem; entre eſtrondoſas luzes, deſpede o moſquete a bala; & entre as luzes de huma injurioſa verdade, lança a hypocreſia de hum maldizente, o ſeu veneno. E eſta he a razaõ, porque a eſte genero de hypocritas, ſe naõ deve dar lugar no palacio da verdade. Reſta que vejamos neſta terceira Parte, como ſe deve excluir do Palacio da virtude, outro genero de hypocritas, que ſendo criminoſos, parecem ſantos, com a religioſa ſuperficie das ſuas obras: *Populus hic labijs me honorat.*

## III. PARTE.

74. He a virtude taõ digna da eſtimaçaõ dos homens, que os ſeus meſmos inimigos a veneraõ. Até no Imperio da Gentilidade, em que os vicios eraõ adorados, tiveraõ algumas virtudes ſeus Templos, & ſeus Altares. E naõ há homem taõ facinoroſo, que tal vez com a capa da virtude, naõ dezeje cobrir a ignominia das ſuas culpas. Eſte fingido amor, que os hypocritas tem à virtude, naſce do dezejo da gloria. Conhecem o credito, que a virtude tem no mundo, & ſobre os alicerces de huma fingida piedade, fundaõ o edificio da ſua reputaçaõ. Mas que frageis ſaõ os edificios do engano, & que enganada he a pretençaõ de quem aſpira a huma verdadeira gloria, por meio de huma falſa apparencia. O meſmo Deus, cujas obras ſaõ prodigios, na realidade, & na apparencia, naõ admitte no Panegirico da ſua omnipo-

tencia, os louvores, de huma das mais prodigiosas das suas obras, porque esta obra, ainda que prodigiosa, tem mais apparencia, que realidade.

75. O Arco Celeste, he hum dos maiores prodigios da natureza: mas advertio Santo Ambrosio, que sô o Arco Celeste, naõ louva a Deus, quando todas as mais obras de Deus, o louvaõ: *Benedicite omnia opera Domini, Domino.* Convidaõ os tres Martyres de Babilonia, todas as criaturas, para louvarem a sabedoria, & omnipotencia de seu criador. *Benedicite stellæ cœli Domino.* Astros cintillantes, agradaveis inimigos da noite, & suaves Tiranos das sombras, flores do firmamento, Atalayas dos Orbes, tochas accesas nas exequias do Sol, Piropos ardentes, diamantes encendidos, offerecei a Deus o tributo dos vossos louvores, em agradecimento dos seus beneficios. *Benedicite fulgura, & nubes Domino.* Nuvens vagabundas, vapores ambiciosos, soberbas exhalaçoens, Ilhas fluctuantes no Ar, mares suspendidos, pensiles Oceanos, artifices dos rayos, officinas dos trovoens, & almazens das tempestades, fazei luzir entre os relampagos, que lançais, o nome de Deus, que vos levantou a taõ soberana altura. *Benedicite Maria, & flumina Domino.* E vós Rios, espelhos dos Astros, que com enveja do Ceo, multiplicais o Sol nos vossos liquidos cristaes, apraziveis correntes, que com tortuosos meandros ondeando, formais humidos labirintos, incançaveis peregrinos, que correis climas estranhos para beneficio da natureza, suspendei os passos, & com reciprocas consonancias celebrai as grandezas da Divindade. Mas para naõ dilatar os discurso com superfluas amplificaçoens, torno a reparar, que neste universal applauso, que todas as criaturas fazem a Deus, naõ se faz mençaõ alguma do Arco Celeste. Porque? Porque todo a

*Daniel. cap. 3. vers. 57.* *Ibid. vers. 63.* *Ibid. vers. 73.* *Ibid. vers. 78.*

pom-

pompa, & mageſtade deſte Arco ſe compoem de apparencias: que couſa he o Arco Celeſte? He a ſombra do Sol confuſamente delineado na ſuperficie de huma nuvem; he o Arco Celeſte, huma viſtoſa circumferencia, huma luminoſa reverberaçaõ, huma imagem paſſageira, & huma momentanea belleza, & naõ quer Deus: que ſe tome para aſſumpto da ſua gloria, huma obra, que ſupoſto que prodigioſa, he ſuperficial, & apparente. Santo Ambroſio: *Laudare Deum non meruit Arcus ille pulcherrimus, quia fictos habet colores.* *Ambroſ. in Epiſt.*

76. Semelhante ao Arco Celeſte, he a ſuperficial virtude de hum hypocrita. Em deixando o Sol de olhar para as nuvens, que lhe ficaõ fronteiras, ſe desfaz o Arco, deſmayaõ as cores, & deſapparecem todos aquelles brilhantes reflexos, deſpertadores da noſſa admiraçaõ. Do meſmo modo, naõ apparecem as virtudes do hypocrita, & naõ perſiſtem, ſenaõ em quanto há olhos, que as conſideraõ. Faz o hypocrita a eſmola, porque he viſto: faz o hypocrita oraçaõ, porque he viſto: & a ſua eſmola, & a ſua oraçaõ, naõ he effeito do amor de Deus, nem do amor do Proximo, mas he huma vaã apparencia, cuja duraçaõ depende da viſta de quem a contempla. Mas muito mais pernicioſa he a hypocreſia dos que cobrem a deformidade das ſuas culpas, com a capa da virtude, ſemelhantes áquellas cobras, que com huma pelle luzida, cobrem o veneno que tem no corpo, & disfarçaõ a ſua peçonha com capa de eſtrellas. Com eſtas agradaveis illuſoens, ſe enganaõ os olhos dos homens, mas aos olhos de Deus, he patente o engano deſtes infernaes artificios.

77. E eſta a meu ver, he huma das principaes razoens, porque no fim do mundo, há de haver hum juizo univerſal, em qué

claramente ſe deſcobrirá o engano deſtas falſas apparencias. Fallando David com eſpirito prophetico nos effeitos do juizo univerſal, diz que na preſença do ſoberano Juiz, todos os homens ſe derreteráõ: *Liquefacta eſt terra, & omnes, qui habitant in ea, ego juſtitias judicabo.* Que a cera ſe desfaça aos ardores do fogo, & que aos rayos do Sol, ſe derreta a neve, he couſa natural; mas que os homens ſe derretaõ à viſta do ſeu Juiz, he hum milagre, que ſe reſerva para o fatal dia do juizo. E iſto em que mancira? Notai. Faz a hypocreſia o meſmo effeito nos homens, que a neve faz com as plantas. Logo que a neve cobre os campos, as flores ſe confundem com os eſpinhos; naõ ſe diſtinguem as plantas fructiferas, das eſtereis, nem as velhas, das novas; porque a todas igualou nas brancas, a neve: mas ao apparecer do Sol, ſe derrete a neve, & ſe desfaz toda aquella candida ſuperficie, que encobria aos olhos a verdade: com o que tornando as plantas a cobrar ſua cor, & figura natural, cada huma parece a que he. Disfarçados andaõ neſte mundo os peccados dos homens, com as ſemelhanças da virtude, & com os trajes da innocencia; mas ao apparecer do Sol de juſtiça, no juizo univerſal, ſe derreteráõ, & ſe desfaráõ todas as virtuoſas apparencias, com que os homens occultáraõ neſte mundo as ſuas culpas.

*Pſalm. 74. verſ. 4.*

78. Naquelle dia, verá o mundo, que o que hoje parece galanteo cortezaõ, he effeito de hum deſordenado appetite: conhecerá o mundo, que o que hoje ſe chama zelo da juſtiça, he deſafogo de huma cruel vingança: & o que hoje ſe intitula, honeſta frugalidade, ſe publicará entaõ, inſaciavel avareza. Em concluſaõ, toda a humana hypocreſia, ſe verá qual neve derretida a rayos do Sol da verdade:

*Liquc-*

*Liquefacta eſt terra, & omnes qui habitant in ea.* O Lorino ao meu intento: *Sub nive latere res ſordidæ poſſunt; hæ res apparent, cum illa liqueſcit, egregium futuri judicij ſymbolum, quando juſtitiæ Sol Chriſtus, radijs præſentiæ cuncta opera hominum in apertum producet.* Todas as noſſas acçoens, ſaõ virtuoſas, ou peccaminoſas, conforme a tençaõ com que ſe obraõ. Huma acçaõ peccaminoſa, obrada com boa tençaõ, pôde ſer virtude; & huma acçaõ virtuoſa, obrada com má tençaõ, ſempre he peccado: de maneira, que ſe as virtudes, ſaõ as eſtrellas do Ceo da Igreja, a boa tençaõ, he a Eſfera do ſeu luzimento.

*Lorin. in Pſalm. 74.*

79. No Apocalypſe vio S. Joaõ hum Anjo com ſete eſtrellas na maõ, & repara S. Bernardino Senenſe, que trazia o Anjo eſtas Eſtrellas na maõ direita, & naõ na maõ eſquerda: *Habebat in dextera ſua ſtellas ſeptem*; porque nas eſtrellas ſe ſignificaõ as virtudes, & na maõ direita, a recta tençaõ com que ſe obraõ. Daqui ſe conhece a differença, que há entre as virtudes do juſto, & as do hypocrita; tem o juſto as eſtrellas das virtudes na maõ direita, porque he recta a tençaõ, com que obra: pelo contrario tem o hypocrita as eſtrellas das virtudes na maõ eſquerda, porque o hypocrita affecta virtudes com ſiniſtra tençaõ. Sendo pois a maõ eſquerda, o lugar dos preſcitos, & ſendo a maõ direita o lugar dos predeſtinados, as eſtrellas, que o hypocrita tem na maõ eſquerda, ſaõ cometas, que pronoſticaõ a ſua eterna condenaçaõ, & as eſtrellas das virtudes, que o juſto tem na maõ direita, ſaõ os Aſtros, que lhe annunciaõ a eterna Bemaventurança. Suppoſta eſta infalivel verdade, procuremos ordenar noſſa vida de maneira, que todas as noſſas acçoens, ſejaõ accompanhadas de huma ſingeleza Chriſtaã, dirigida à Gloria de Deus, ao bem do

*Apocalyp. cap. 1. verſ. 16.*

Proximo, & à salvaçaõ das nossas Almas: cessem os fingimentos, com que a hypocresia nos desvia do Ceo, que he a Patria da verdade: acabem as apparencias de huma fingida devoçaõ, & triumphem as realidades de huma verdadeira piedade, para que Deus, que conhece o interior dos coraçoens, nos dé algum dia lugar no Palacio da sua Gloria. *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*

SER-

# SERMAM
## DA
## QVINTA
## QVARTA FEIRA
## DA QVARESMA.

Prégado na Capella Real, 11. de Março de 1680.

---

*Quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus naſceretur?* Joan. 9.

Muito altos, & poderoſos Princepes, & Senhores noſſos.

80. NO Cego do Evãgelho ſe repreſenta a cegueira dos homẽs, com eſta differença, que o cego, era cego, porque naõ via, & os homens ſaõ cegos, porque vem muito, & muito mais do que convem. Da perſpicacia dos homens naſce a ſua cegueira, inveſtigaõ ſegredos, que excedem a ſua capacidade, & com preſumpçaõ de Lynces,

ces, perdem a vista. Deste ambicioso dezejo de ver, se originaõ muitos males no mundo, heresias na Igreja, delirios na Philosophia, & desconcertos na Republica: & os que nestas materias quizeraõ ver mais do que lhe tocava, ficáraõ taõ cegos, que naõ conhecéraõ a sua propria cegueira. Com soberbas especulaçoens quiz o Heresiarca Arrio ver no gremio da Santissima Trindade a eterna geraçaõ do Verbo, & affirmando que o Verbo naõ he consubstancial ao Eterno Pay, foi Arrio taõ cego, que naõ vio huma infinita substancia Divina identificada com o Verbo. Contemplou Heraclito ao Sol para medir a sua grandeza, & persuadio-se, que o Sol naõ he mayor em si, do que parece aos nossos olhos; mas teve muy curta vista, quem fez ao Sol taõ pequeno. Até nos fabulosos incendios de Phaetonte, se vem claramente as ruinas, que causaõ nas Respublicas, & nos Imperios, os q̃ querem ver mais do que lhe convem. Guiando Phaetonte o carro das luzes, fazia com o Sol o giro do mundo, & observando de passagem tudo o que se obrava em hum, & outro Emisferio, andou taõ temerariamente curioso, q̃ quasi abrazou o mundo. Tanto he. As ardentes ancias de hum sô curioso, bastaõ para pôr fogo ao mundo todo. Lá no principio do mundo, tomou o Demonio a figura de huma serpente (simbolo dos curiosos) porque (se he verdade, o que escrevem os naturaes) tem as serpentes desde que nascem, huma taõ efficaz propensaõ para ver, que se aos filhos recem nascidos se lhe vazarem os olhos, lhe tornaõ a nascer outros olhos, vivos instrumentos de sua venenosa curiosidade. Em figura pois de serpente apparecéo o Demonio a Eva, & começou a pratica por hum, Porque, (palavra muy frequente na boca dos curiosos.) *Cur?* Porque? *Cur præcepit vobis Deus?* Porque razaõ vos poz Deus este pre-

Serpentum catulis siquis eruat oculos, renascì credunt. *Plin. lib.* 11. *cap.* 39.

*Genes. cap.* 3. *vers.* 1.

preceito? E com eſte fatal porque, metéo o Demonio hum taõ grande fogo no mundo, que todo o genero humano ſe vio em perigo de arder eternamente no Inferno.

81. Deſde aquelle tempo foi a curioſidade fazendo muitos eſtragos no mundo, & deſterrada dos montes, & dos campos, em que reyna a lhaneza, & a ſinceridade, buſcou o ſeu Aſylo nas Cortes, que ſaõ as Atalayas, em que de mais alto, & mais diſtintamente ſe vem, ſe exploraõ, & ſe examinaõ os procedimentos alheios. Eſta palavra curioſidade, parece derivada da palavra Latina, *Curia*, que ſignifica Corte; porque de ordinario, a Corte he o theatro da curioſidade. Até no firmamento, que he a Corte dos Aſtros Celeſtes, todas as eſtrellas ſaõ olhos, que com incançavel attençaõ eſtaõ vigiando ſobre a terra. E ſe as eſtrellas, & os planetas, foraõ corpos animados (como alguns Philoſophos loucamente imaginaraõ) diſſera eu, que todos levaõ o caſtigo da ſua deſvelada curioſidade; porque as eſtrellas, que eſtaõ cintillando com huma luz tremula, & palpitante, ſaõ como olhos que peſtanejaõ por fraqueza da viſta. As manchas pois do Sol ſaõ como nevoas, ou cataratas nos olhos; & a Lua, que ſendo o mais baixo dos planetas, ſe chega muito à terra para ver, eſtá ſogeita aos mingoantes, & aos eclipſes. De donde podemos inferir para o aſſumpto do Sermaõ, que os ſogeitos mais perſpicazes, ſaõ os mais cegos, & que apurar a viſta, para obſervar as acçoens dos outros, he cahir em huma manifeſta cegueira. Vejamos como eſte aſſumpto ſe funda nas circunſtancias do Evangelho.

82. Todas as couſas, que na vida humana ſe podem obſervar, ſe reduzem a duas, a ſaber, as deſgraças, & as venturas, & os que pretendem conhecer a cauſa das deſgraças, & venturas dos homens, faõ cegos.

cegos, Foi o noſſo cego, deſgraçado, & venturoſo; foi deſgraçado, porque naſceo cego; & foi taõ venturoſo, que milagroſamente recebéo viſta. Quizeraõ os Apoſtolos penetrar a cauſa da deſgraça do cego, & os Phariſeos inveſtigáraõ a cauſa de ſua ventura; mas huns, & outros foraõ mais cegos que o meſmo cego. Primeiramente os Apoſtolos ſe enganáraõ, julgando, que a cegueira deſte miſeravel, era caſtigo de peccados peſſoaes, ou hereditarios: & o Senhor para os deſenganar lhe diſſe: *Neque hic peccavit, neque parentes ejus.* Os Phariſéos pois impiamente affirmáraõ, que naõ podia o Senhor ſer author deſta milagroſa ventura: *Quomodo poteſt homo peccator hæc ſigna facere?* Sô o cego foi taõ diſcreto, que ſem examinar as cauſas da ſua deſgraça, & da ſua ventura, ſe lançou aos pés do Senhor, & o adorou. *Unum ſcio, quia cùm cæcus eſſem, modo video: & procidens adoravit eum.* Suppoſto iſto, veremos nas tres partes do Sermaõ tres generos de cegos; os Apoſtolos, os Phariſeos, & o Cego. Muitos cegos há no mundo, que imaginaõ, que todas as deſgraças ſaõ caſtigos das culpas. Eſta he a cegueira dos Apoſtolos. Outros cegos há, que guiados da malevolencia, & da enveja, buſcaõ calumnias para deſdourar venturas. Eſta he a cegueira dos Phariſéos. Finalmente há cegos, que fechando os olhos a todas as razoens humanas, attribuem à ſoberana vontade de Deus todas as deſgraças, & venturas. E eſta he a cegueira, ou para melhor dizer, a diſcriçaõ do Cego, que nos há de ſervir de guia em todas as adverſidades, & proſperidades deſta vida. Vamos conſiderando os enganos da primeira cegueira, que buſcando as cauſas de huma deſgraça, attribue culpas à innocencia.

*Ioannis cap. 9. verſ. 3.*

*Ioannis cap. 9. verſ. 16.*

*Ioan. cap. 9. v. 25. & 38.*

## I. PARTE.

83. *Quis peccavit, hic, aut*

*parentes ejus, ut cæcus nasceretur?* Tantas teſtemunhas tem contra ſi a virtude, quantas deſgraças a cercaõ, & a hum homem ainda que innocente, baſtalhe ſer infelice, para parecer criminoſo. O Santo Job, a que o meſmo Deus havia canonizado, foi julgado por homem de má vida, tanto que o álcançáraõ os golpes da adverſa fortuna. *Quis unquam innocens perijt?* Quem nunca vio perecer o innocente? diſſeraõ os amigos de Job. Perdéo Job a fazenda, perdéo os filhos, perdéo a ſaude, & eſtá taõ pobre, que nem a propria pelle lhe ficou, com que ſe cobrir: logo naõ he Job aquelle Santo Varaõ, que até agora imaginámos. Eſte he o Sophiſtico argumento dos curioſos interpretes das tribulaçoens alheias. Hum revez da fortuna, hum achaque da natureza, huma enfermidade, hum perigo, hum deſaſtre, he para os amigos, & muito mais para os inimigos, prova ſufficiente para calumniarem a mais juſtificada innocencia. Mas, que cegos ſaõ os juizos dos homens! Sô Deus vé a verdadeira cauſa de noſſas deſgraças: & querer ver o que ſô Deus vé, he huma cegueira injurioſa à Divina Sabedoria. Iſto parece quiz dizer o meſmo Job, aos que preſumiaõ conhecer a cauſa de ſeus trabalhos: *Quare perſequimini me ſicut Deus?* Tertulliano neſte lugar: *Æmulantur divinitatem, dum furantur divinationem.* Notai eſta palavra, *divinationem.* Naõ quer Tertulliano dizer, que Deus adevinha; porque Deus vé tudo o que ſabe, & por iſſo ſabe com certeza, porque vé com evidencia; os homens pelo contrario, como naõ podem ver, querem adevinhar, & com eſta ſacrilega curioſidade intentaõ roubar a Deus o ſeu ſaber: *Furantur divinationem.*

*Iob. cap. 4. verſ. 7.*

*Iob. cap. 19. verſ. 22.*

84. Mas que inutilmente ſe cança a noſſa eſpeculaçaõ no conhecimento da cauſa das calamidades humanas! Quem até agora ſoube

ſoube a verdadeira razaõ da intempeſtiva, & violenta morte de Abel? E quem me poderá dizer, porque razaõ permitio o Senhor, que Joſeph foſſe vendido, Tobias cego, Daniel offerecído à voracidade dos Leoens, & Suſanna expoſta aos infames teſtemunhos de huma laſciva velhice? Por ventura, naõ era Abel innocente, Joſeph virtuoſo, Tobias caritativo, Daniel Sancto, & Suſanna caſta, & caſtiſſima? Sim. Pois como acháraõ os infortunios lugar no meio de taõ ſingulares virtudes? Daõ os contemplativos muitas razoens deſtes tragicos ſucceſſos. Mas a verdadeira razaõ ſabea Deus: & iſto baſta. E ſe naõ baſtaõ eſtes exemplos: Quantas couſas vemos na natureza, que parecem caſtigos da culpa, & ſaõ miſterios da providencia? Que delitos cometéo a Roſa para ſempre eſtar cercada de eſpinhos, & que prendas tem os eſpinhos para ſempre aſſiſtirem ao lado da Rainha das flores? Quantas vezes cahem rayos nos Templos da Chriſtandade, & parece naõ tem rayos o Ceo para fulminar os Pagodes dos Gentios? E porque razaõ; tantos Reynos, em que hé idolatrado o Demonio, ſaõ mais abundantes, & opulentos, que os em que Deus he adorado? O meſmo Deus, que o permite, ſabe o porque: & iſto baſta. Saliano no terceiro Livro do governo de Deus: *Quare inter nos ſors bonorum durior, quam malorum, neſcio; ſufficit, quod Deus a ſe omnia dicit aſpici, omnia regi, omnia judicari.* *Salianus lib. 3. de Gubernatione Dei.*

85. Se eſta nimia curioſidade de ſaber a cauſa dos males alheios, offende a Divina Sabedoria, tambem offende a Divina Juſtiça; porque uſurpa a juriſdiçaõ de acreſcentar, & multiplicar os trabalhos, que Deus permitte. Parece, que teve David occaſiaõ de ſe queixar deſta cruel, & temeraria injuſtiça: *Quem tu, Domine, percuſſiſti, perſecuti ſunt, & ſuper dolorem vulne-* *Pſalm. 68. v. 27.*

*vulnerum meorum addiderant.* Inveſtigar a cauſa de huma deſgraça, he o meſmo, que tentear huma ferida, eſcandalizar huma chaga, & juntamente deſpertar, & augmentar a dôr: *Super dolorem vulnerum meorum addiderunt.* A deſgraça, de que ſe naõ penetrou a cauſa, he huma ſô deſgraça; mas logo que a eſta deſgraça, ſe lhe buſca huma cauſa em deſabono da peſſoa, que a padece, he dobrada deſgraça: ſobre ſer hum homem infelice, tem o pezar de que ſe julgue, que deu cauſa à ſua propria infelicidade: & por iſſo vendo os malevolos hum homem deſgraçado, attribuem à ſua deſgraça huma cauſa injurioſa, para que ſobre deſgraçado, ſeja aborrecido. Foi Chriſto Senhor Noſſo crucificado no meio de dous malfeitores, & repáro, que ſô ſobre a cabeça do Senhor, ſe vio eſcrita a cauſa de ſua morte: *Impoſuerunt ſuper caput ejus cauſam ipſius ſcriptam.* E porque razaõ naõ puzeraõ os Judéos outra ſemelhante inſcripçaõ ſobre a cabeça dos dous malfeitores? Direi: hum malfeitor no patibulo pôde ſer objecto de compaixaõ aos olhos, que naõ vem os delitos, que ſaõ a cauſa de ſeu ſupplicio: mas hum innocente pregado em huma Cruz com a declaraçaõ dos delitos, que o puzeraõ naquelle miſeravel eſtado, ainda que innocente, ſuſpende a commiſeraçaõ, & provoca a aborrecimento. E para eſſe effeito, naõ ſô os Judéos expuzeraõ aos olhos dos circunſtantes o crime, de que falſamente accuſavaõ ao Senhor; mas parecendolhe, que ainda naõ eſtava bem declarado eſte imaginado delito, quizeraõ obrigar a Pilatos a que com termos maïs ſignificativos repreſentaſſe a o Senhor, author da ſua morte, como ambicioſo uſurpador do Reyno: *Noli ſcribere Rex Iudæorum, ſed quia ipſe dixit, ſum Rex Iudæorum.* Finalmente, naõ ſô eſcreveraõ os Judéos a cauſa da morte do Senhor na lingua Hebrai-

*Matth. 27. v. 37.*

*Ioan. 19. n. 21.*

Hebraica, que os naturaes entendiaõ, mas com caracteres eſtrangeiros declaráraõ a Chriſto criminoſo, para que nenhum delles ſe enterneceſſe à viſta de Chriſto moribundo: *Erat autem & ſuperſcriptio ſuper eum litteris, Græcis, Latinis, & Hebraicis.* Eis ahi como vos trata o mundo na Cruz dos voſſos trabalhos. Fechaõ os emulos as portas à compaixaõ, & ſô as abrem à malicioſa curioſidade, com que buſcaõ a cauſa das deſgraças, que vos ſuccedem, & ſe a naõ acharem, a inventaráõ, & com ella vos faráõ hum epitaphio de opprobrios, & hum padraõ de ignominias: *Non invenio in eo cauſam, impoſuerunt ſuper caput ejus cauſam ipſius ſcriptam.* Naõ ſei ſe reparais no duplicado ſentido deſta palavra *impoſuerunt. Imponere*, ſignifica, pôr; & impôr, pôr huma couſa, & impôr huma calumnia. Oh que ſogeitas eſtaõ as deſgraças da vida ás impoſturas da maledicencia: *Impoſuerunt.*

*Luce cap. 23. v. 38.*

*Matth. cap. 27. v. 37.*

86. No mar deſte mundo ſaõ as deſgraças como as ondas, que vem humas ſobre as outras, & com ſucceſſivos impulſos ſe multiplicaõ. A hum vento impetuoſo, ſe ſegue a tormenta; á tormenta, o naufragio; ao naufragio, a morte: & baſta a ſombra de huma ſô deſventura para alvo de muitos infortunios. A o Capitaõ Joab baſtou ver a Abſalaõ prezo pelos cabellos, para arremeter a elle, & atraveſſarlhe o coraçaõ com tres lanças: *Tulit ergo tres lanceas in manu ſua, & infixit eas in corde Abſalon.* Iſto he o que de ordinario acontece a hum deſventurado, qualquer tem confiança para inveſtir com elle, & a curioſidade miniſtra lanças, para lhe ferir o coraçaõ, deſcobrindo a origem da ſua deſgraça. Ponhamos o caſo, que no meio deſte auditorio ſe introduza hum Cego, & ouçamos as razoens, que daríaõ os curioſos da cauſa deſta cegueira, que ſe bem advirtirmos, cada razaõ

*2 Reg. cap 18. verſ. 14.*

ſerá

ſerá huma lançada, com que ſe fará mais ſenſivel ao Cego, a ſua deſgraça.

87. Sahe em primeiro lugar, hum Mathematico, & pronunciando com altiva gravidade apohthemas aſtrologicos, repara, que na figura de ſeu Horoſcopo tem eſte homem, a Lua oppoſta ao Sol, & junta cõ humas eſtrellas, a que chamaõ nebuloſas, & que Marte, & Saturno lançando a Lua da ſetima caſa occaſionáraõ eſta cegueira. Sahe em ſegundo lugar hum Anotomiſta, & depois de explicar como os olhos ſaõ compoſtos de dous nervos opticos, ſinco muſculos, ſete tunicas, & tres humores tranſparentes, a ſaber, o criſtalino, o vitreo, & o albugineo, conclue, que a defeituoſa organização deſtas partes impede a paſſagem ás imagens repreſentativas dos objectos. Chegaſe finalmente hum Medico, & allegando aphoriſmos de Galeno, & de Hippocrates, prova que eſta cegueira procede de huma materia catarral, formada de humores craſſos, & viſcoſos, que deſcem da cabeça, & entupindo as pupillas dos olhos, impoſſibilitaõ a impreſſaõ das eſpecies viſiveis. Vede como ſe multiplicaõ as deſgraças, ao meſmo paſſo, que ſe vai deſcobrindo a cauſa dellas. Em quanto ſe naõ buſcou a origem deſta cegueira, ſabiaſe, que eſte miſeravel, era cego, & nada mais. Mas agora que a curioſidade inveſtigou a cauſa de ſua deſgraça, conſta que eſte homem naſcéo em má hora, conſta que he mal formado, mal organizado, & todos o conſideraõ como hum funebre depoſito de malignas influencias. Infelice cego, & muitas vezes infelice! Huma das mayores calamidades da vida humana he a cegueira.

88. Naõ pôde hum cego contar os dias de ſua vida por dias, porque ſempre para elle he noite. Naõ reſplandece para elle o Sol, naõ ſe ſerenaõ os Orizentes, nem para elle ſe en-

feita a Primavera. E naõ logra o que tem, porque naõ vê o que logra. Vive o cego em perpetuo desterro, porque nunca chega a ver a sua patria, & taõ poucas noticias tem do mundo, que naõ se conhece a si mesmo. O seu corpo, he huma prizaõ sem janellas, & hum Navio sem Piloto, tumulo vivente, & sepulchro animado. Naõ lhe podem os olhos servir mais que para chorar os seus infurtunios. E como se fora hum precito da natureza, começa a experimentar as penas do Inferno, porque não pôde ver o Ceo. Pôde haver maior desgraça que a cegueira? Sim. Porque pôde haver quem queira buscar a causa, donde a cegueira procede: & naõ faltarâ quem diga, que esta desgraça he castigo da Divina Justiça: & assim naõ só o cego naõ verâ, mas nem haverá quem o queira ver, senaõ para o arguir, para o condenar, para o confundir, & para fazer patentes ao mundo as suas culpas: *Quis peccavit, hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur?* Appliquemos a outros sogeitos esta moralidade. Que hum pretendente saia mal despachado; que hum pleiteante perca a demanda; que hum lavrador naõ logre os trabalhos da sua lavoura; que huma familia rica, & opulenta, empobreça; que hum homem saõ, & robusto adoeça, & morra. Paciencia. Mas que sempre se haja de presumir, que a nullidade desta pretenção, que a perda desta demanda, que este trabalho mallogrado, que esta pobreza, que esta doença, & esta morte intempestiva, saõ castigos do Ceo, & riguroſas demonstraçoens da ira de Deus. Oh! Isto he huma intoleravel cegueira, porque muitas vezes estes, & maiores trabalhos saõ preludios da Gloria de Deus, & preparaçoens para os Triumphos da sua omnipotencia: *Neque hic peccavit, neque parentes ejus, sed ut manifestentur opera Dei in illo.* Ioan. cap. 9. Ioan. cap. 9. v. 3.

*illo.* Temos visto a cegueira dos Apostolos na investigaçaõ da causa da desgraça do Cego, vejamos agora a cegueira dos Phariseos na especulaçaõ da causa da ventura do mesmo Cego. Que se há cegos, que naõ vem os triumphos da innocencia nas desgraças, tambem há cegos, que naõ podem sofrer o resplandor da Gloria nas venturas: *Quomodo potest homo peccator hæc signa facere?*

*Ioan. cap. 9. v. 16.*

## II. PARTE.

89. Na mesma hora em que amanhecéo nos olhos do Cego, anoitecéo na Synagoga, & ficáraõ os Phariséos como as agoas daquelle lago, que se turvaõ, & se embravecem, quando se serenaõ os Ares. Quantas desordens, & quantas confusoens causou a inopinada serenidade de dous olhos! Contra os rayos desta nova luz, sahiraõ os Phariséos cómo rayos, argumentando, ameaçando, & blasphemando. É nesta occasiaõ se experimentou quanto offende os olhos dos homens huma nova, & inesperada luz. Quiça, se prevendo Deus esta semrazaõ, quiz que a luz naceſſe no mundo, primeiro que o homem. Logo no primeiro dia das obras da criaçaõ, fez Deus a luz, & reservou para o ultimo dia a criaçaõ do homem. Deixadas as razoens, que Santo Ambrosio, & Santo Agustinho daõ desta primazia do nascimento da luz, daime licença para dizer, que Deus criou a luz alguns dias primeiro, que formasse ao homem, para prevenir a luz contra as envejas dos olhos humanos. Se nascéra a luz depois do homem, ficára o homem admirado da novidade deste luminoso nascimento, & á admiraçaõ se seguiria a enveja: porque naturalmente envejamos o que admiramos. Lá o disse o Filosofo moral: *Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est.*

*In Scotia est lacus, qui tunc maximè procellis agitatur, cum cælum est magis serenum. Davity. ex Dig. Sap. tom. 4. p. 481. c. 2.*

*Senec. lib. de Vita Beata cap. 2.*

90. Mas hoje nem ad-

miramos, nem envejamos a luz, porque todos os dias a vemos, & naõ lhe temos enveja, porque neceſſitamos della: que ſe pelo coſtume naõ ceſſára a admiraçaõ, & ſe a neceſſidade naõ apagára a enveja, huma de duas, ou a luz ſe havia de eſconder dos homens, ou os homens haviaõ de fugir da luz. Sahindo Moyſes de fallar com Deus, apparecéo de improviſo ao povo de Iſrael com o roſto reſplandecente, mas foi neceſſario, que cobriſſe Moyſes o roſto com hum vêo para eſconder a luz: *Poſuit velamen ſuper faciem ſuam.* E quando tirava Moyſes o vêo, os Iſraelitas lhe viravaõ as coſtas, & fugiaõ da luz. Eſta he a infelice ſorte de huma luz recem naſcida, ou há de eſtar encuberta, ou há de ficar ſolitaria.

*Exod. 34. verſ. 33.*

91. Saõ os Princepes, os Aſtros da Republica, & as mercés que fazem, ſaõ as luzes, que lançaõ; mas por naõ deſpertarem a enveja, & a curioſidade, muitas vezes he preciſo, que eſtes Aſtros coroados occultem as luzes das honras, & beneficios, com que remuneraõ o zelo, & a fidelidade dos benemeritos. No theatro do Thabôr reverberou o Senhor na peſſoa de Moyſes, & Elias as luzes de ſeu Divino Corpo transfigurado: & ſuppoſto os tres Apoſtolos, que aſſiſtiraõ a eſte prodigioſo eſpectaculo, eraõ, como advertio Theophilacto, muy calados, & capazes de recatar hum ſegredo: *Aſſumit hos velut taciturnos, & ſilere valentes:* a todos tres encommendou o Senhor, que ſe guardaſſem de manifeſtar a peſſoa alguma, o que haviaõ viſto na repreſentaçaõ daquella luſtroſa ſcena: *Nemini dixeritis viſionem.* Que ſe acaſo ſe publicâra eſta ſobrenatural communicaçaõ de luzes, que de perguntas ſe haviaõ de fazer? Porque razaõ fez o Senhor eſta mercé a Moyſes, antes que a Abrahaõ, a Iſaac, ou a Jacob, diriaõ alguns: & outros diriaõ, porque razaõ logrou Elias eſta

*Theophilact. in Luc. 9. v. 28.*

*Matth. cap 17. verſ. 9.*

eſta ventura, & naõ Daniel, ou Iſaias, & outros Prophetas do Antigo Teſtamento? Quem havia pois de ſatisfazer a eſtas, & outras ſemelhantes perguntas? Os Apoſtolos? Naõ. Porque elles ſó eraõ teſtemunhas de viſta, & naõ ſabiaõ a cauſa deſte maravilhoſo ſucceſſo. Ao Senhor tocava dar a repoſta. Mas naõ convem, que quem he Senhor, ſe faça eſcravo da curioſidade dos vaſſallos: & hum Princepe perſuadido dos merecimentos de ſeu ſubdito, pôde em alguma occaſiaõ communicar as luzes de ſua graça, debaixo da ſombra de hum inviolavel ſegredo: *Nemini dixeritis viſionem.* Mas quando ſe naõ podem, ou quando ſe naõ devem occultar as mercés, como ſe haõ de haver os Princepes? Com a meſma independencia, & reſoluçaõ, com que ElRey Aſſuero ſe prevenio contra as perguntas, & os porqués da emulaçaõ, & da enveja.

92. Tendo Aſſuero noticias da heroica fidelidade de Mardochéo, mandou que o levaſſem por toda a Cidade montado em hum ſoberbo ginete, com as veſtiduras Reaes, & com a Coroa na cabeça, & ordenou, que diante deſte novo valído foſſe hum pregoeiro bradando, manda ElRey Noſſo Senhor, que ſe façaõ eſtas honras a Mardochéo: *Sic honorabitur quemcumque voluerit Rex honorare.* E qual foi o effeito do pregaõ? Com eſta publica declaraçaõ de ſua ſoberana vontade ſe prevenio Aſſuero contra a impertinencia dos porqués; que ſe naõ uſára deſta prevençaõ, que de porqués ſe haviaõ de ouvir no Palacio de Aſſuero. Oulá! Mardochéo com a purpura real nos hombros! E porque razaõ? Mardochéo com a coroa na cabeça! E porque tanta honra a Mardochéo? Mas todos emmudecéraõ, & ninguem ſe atreveo a fazer perguntas, porque quando manda ElRey, naõ hâ que perguntar: *Sic honorabitur quemcumque voluerit Rex honorare.* *Eſther cap. 6. verſ. 9.*

93. Neſtas materias, os que perguntaõ, naõ perguntaõ para ſaber, perguntaõ para cenſurar, & a enveja lhe abre os olhos para verem manchas, & dezares na mais conſpicua proſperidade. Deu Santo Iſidôro a etimologia da enveja com eſtas palavras: *Invidia dicta eſt à nimis videndo, ſeu intuendo in proſperitatem alterius.* Treſlademos eſta etimología da enveja no noſſo idioma Portuguez. No coraçaõ do envejoſo falla a enveja formando hum ecco, porque ao envejoſo continuamente lhe eſtá dizendo a enveja, veja. Veja, diz a enveja, ſe na exaltaçaõ daquelle ſogeito a ignorancia ficou entronizada, & a dignidade abatida. Veja, ſe a uſura ajuntou aquellas riquezas. Veja, ſe a vaidade ſollicitou aquelles applauſos. Veja os merecimentos para os apagar. E veja as mais illuſtres emprezas para as eſcurecer. Veja, ſe pôde deſcobrir fraquezas no valor, temeridades na prudencia, intereſſes na liberalidade, deſcuidos na vigilancia, perfidias na amizade, vilezas na magnificencia, & ignominias na gloria. Em concluſaõ, veja tudo o que há de bom, de grande, de auguſto, de heroico, de ſanto, & de admiravel no mundo, para diminuir, para limitar, para deſcompôr, para deſtruir, & para anniquilar, grandezas, excellencias, virtudes, prerogativas, façanhas, tropheos da ſantidade, & milagres da omnipotencia. E para rematar em breves palavras eſte diſcurſo, a enveja he o verdadeiro Baſiliſco, que mata com a viſta: nos melhores objectos ſe emprega o ſeu veneno: & tanto ſe anticipa em ver, que buſca as venturas na ſua origem, para as acabar no berço. A luz, que hoje recebe o Cego para a viſta, he como a luz da Aurora nos ſeus primeiros albôres, & já eſtá a Synagoga armada para apagar eſta luz na ſua infancia. *Quomodo aperti ſunt tibi oculi?* Ioan. 9.

*oculi?* Poem os Phariſéos eſte milagre em queſtaõ, & por naõ confeſſarem a ventura do Cego alumiado, negaõ a deſgraça da ſua cegueira: *Non crediderunt ergo Iudæi de illo, quod cæcus fuiſſet, & vidiſſet.* Neſtas, & outras ſemelhantes cegueiras cahem os curioſos inveſtigadores da cauſa das deſgraças, & venturas alheias, como temos viſto na primeira, & ſegunda parte. Reſta, que vejamos a que cauſa havemos de attribuir as adverſidades, & proſperidades deſta vida. Vamos ſeguindo ao Cego, que como já recebéo a viſta do corpo, & da alma, nos dará a maõ, para nos tirar deſte intricado laberinto.

Ioan. 9.

## III. PARTE.

94. Chamado o Cego a perguntas deu huma repoſta, em que ſe encerraõ todas, as que os homens podem dar nas adverſidades, & proſperidades, aſſim proprias, como alheias: *Hoc unum ſcio, quia cum cæcus eſſem, modo video.* Fui cego, & agora vejo, ſô iſto he o que ſei: *Hoc unum ſcio.* Para carta de marear nas tormentas, & bonancas, da adverſa, & proſpera fortuna, baſta hum naõ ſei; naõ ſei porque a fortuna me favorece; naõ ſei porque me perſegue a fortuna: & he preciſa a confiſſaõ deſta ignorancia; porque a cauſa das deſgraças, & felicidades deſta vida, he hum ſegredo, que Deus eſconde nos theſouros de ſua juſtiça.

Ioan. cap. 9 verſ. 25

95. Conſiderando o Propheta Rey a origem dos ventos, diz que eſtes inviſiveis portentos da natureza, ſahem dos theſouros de Deus: *Educit ventos de theſauris ſuis.* Saõ os ventos o ſymbolo das deſgraças, & felicidades da vida humana. Que he huma deſgraça, ſenaõ vento pela proa: & que he huma felicidade, ſenaõ vento em popa. Tambem as mayores felicidades deſte

Pſalm. 134.

mundo, saõ vento: & naõ sei, se por isso, as felicidades se chamaõ, venturas. Que cousa pois mais difficultosa de conhecer, que a causa donde procede o vento. Faz o vento virar a cabeça a todos os Filosofos, que investigaõ a sua origem. Quem diz, que o vento nasce das exalaçoens da terra, quem dos vapores do mar, quem da agitaçaõ dos Ares: & todos concluem, que he taõ imperceptivel, como extravagante a natureza do vento, que corre sem pés, & voa sem azas; que acende o fogo, & o apaga; que aquenta ao homem, & o refresca; que passea sobre as flores, & naõ as piza; que açouta as ondas, & naõ as amansa; que levanta o pô, & derruba as torres; que congela as fontes, & derrete as nuvens; que vive, quando exhala o espirito; & morre, quando descança. A prosperidade (como já tenho dito) he hum vento favoravel; & a adversidade he hum vento contrario: vemos os effeitos destes ventos, mas naõ conhecemos as causas, porque Deus as tem debaixo das chaves dos seus thesouros: & os thesouros sô em quanto estaõ escondidos, saõ thesouros: *Educit ventos de thesauris suis.* Santo Agustinho a este proposito: *Venti fiunt occultis imperijs, & opere Dei.* *Augusti. 3. de Genes. ad litter. 10.*

96. A razaõ deste inexcrutavel segredo, he esta. Todas as adversidades, & prosperidades, saõ juizos de Deus, & naõ convem, que os juizos de Deus fiquem expostos à censura do juizo dos homens. No Apocalypse vio S. Joaõ hum livro cerrado com sete sellos, & naõ sô ninguem o podia abrir, mas naõ havia quem pudesse olhar para esse Livro: *Nemo poterat aperire librum, neque respicere illum.* Sabeis que livro era este taõ cerrado, & taõ impenetravel aos olhos? Convem a mayor parte dos Interpretes, que este era o livro dos juizos de Deus. Este era o livro, *Apocalyps. cap. 5. vers. 3.*

em

em que com eternos, & divinos caracteres eſtavaõ regiſtradas as cauſas de tudo, o que ſuccede de proſpero, & adverſo aos homens. Continha eſte livro as cauſas da predeſtinaçaõ dos Juſtos, & a da reprovaçaõ dos precitos; da violencia dos Tiranos, & da oppreſſaõ dos innocentes; das bonanças dos grandes, & das lagrimas dos pequenos; da fertilidade, & eſterilidade das terras; da duraçaõ, & brevidade das vidas: mas nenhum dos Anjos, nem dos homens, podia abrir eſte livro dos juizos de Deus, quanto mais occultos, mais ſoberanos. André Ceſarienſe ao meu intento: *Per hæc manifeſtè oſtenditur, neque Angelos, neque homines, neque Sanctos jam corpore exutos, accuratam Dei judiciorum noticiam tenere, ſed ipſum ſolum Agnum.* E ſe ainda naõ eſtais perſuadidos deſta taõ importante verdade, ouvi hum grande reparo ſobre dous differentes ſucceſſos, & acabai de entender, que temeraria he a preſumpçaõ dos que querem conhecer as cauſas das deſgraças, & venturas, com que Deus executa os decretos de ſua juſtiça.

97. A Abrahaõ, prometeo o Senhor, que ſe na Cidade de Sodôma ſe achaſſem dez Juſtos, perdoaria os abominaveis exceſſos daquella nefanda Cidade: *Non delebo propter decem.* E pelo contrario naõ perdoou o Senhor à Cidade de Samaria, em que ſe acháraõ ſete mil Juſtos, que a ſuperſtiçaõ ſogeitou ao profano culto dos Idolos: *Septem millia virorum, quorum genua non ſunt incurvata ante Baal.* Oh eſtupenda desigualdade de fortunas! Sodôma, taõ bem afortunada, que baſtaõ dez Juſtos para a livrar do incendio! E taõ mal afortunada, Samaria, que nem ſete mil Juſtos impedíraõ a ſua deſtruiçaõ! E haverá quem poſſa dar a razaõ deſta ventura, & deſte infortunio? Naõ: que a hum taõ

*Geneſ. cap. 18. verſ. 32.*

*3. Reg. cap. 19. v. 18.*

alto,

alto, & taõ profundo juizo de Deus paſmaõ os juizos, & emmudecem as lingoas de todos os Sabios do mundo: *Obmuteſcit hic omnis humana Sapientia.* Andai agora, curioſos indagadores da cauſa das deſgraças, & venturas alheias, Argos da Corte, Aguias do Paço, & Lynces da Republica, andai a reconhecer a cauſa do acreſcentamento, & declinaçaõ dos Imperios, das victorias, & deſtroços dos exercitos, da exaltaçaõ, & abatimento das familias, da doença, & da ſaude, da vida, & da morte, dos grandes, dos medianos, & dos infimos: todas as voſſas obſervaçoens, ſaõ cegueiras, & ſò recebereis viſta, confeſſando com o Cego a voſſa ignorancia, & adorando com profunda ſummiſſaõ os imperceptiveis miſterios da Divina Juſtiça: *Hoc unum ſcio, quia cum cæcus eſſem, modo video. Et procidens adoravit eum.*

*Vega in Judices tom. 2. p. 8. col. 2.*

*Joan. cap. 9. v. 25. & 38.*

98. Pois como há de ſer? Dirá alguem. Naõ havemos de ver? Sim. Mas ſò haveis de ver, o que vos importa a vós: & eſta he huma das mayores felicidades da vida, porque he huma anticipada participaçaõ da Eterna Bemaventurança. Provo brevemente eſta propoſiçaõ, & acabo. Na Viſaõ Beatifica conſiſte a felicidade dos Bemaventurados, mas os meſmos Bemaventurados, que vem a Deus, naõ vem tudo o que ſe pôde ver neſte infinito objecto: & he opiniaõ dos Theologos, que das couſas, que ſuccedem neſte mundo inferior, os Bemaventurados naõ vem, ſenaõ o que lhe importa a cada hum delles em particular. Lá deſſe trono da gloria, eſtaõ os Princepes vendo as victorias de ſeus ſubditos, & o bom governo de ſeus Eſtados. Vem os Patriarcas os felices progreſſos das Religioens, que elles fundáraõ. Vem os Prelados o zelo dos ſeus ſucceſſores. Vem os Pays de fami-

familias as virtudes dos seus descendentes: mas ainda que estas Almas Bemaventuradas possaõ ver tudo em Deus, muitas cousas há, que elles naõ vem, porque saõ cousas, que lhe naõ importaõ. De maneira que, até no Ceo, he para os Santos huma singularidade da sua Bemaventurança, verem sò, o que lhe importa, & naõ verem o que lhe naõ toca. Quereis lograr desde agora huma especie de Bemaventurança, naõ queirais ver, o que naõ vos toca a vós, & sò veja cada hum, o que lhe importa. Aos Principes importalhes ver, se preferem a razaõ de estado à Ley de Deus, a lizonja à verdade, a violencia à razaõ, & a politica à consciencia. Vejaõno, & remedeem-no, porque nisso naõ lhes vay menos que a salvaçaõ eterna, que he o que sobre tudo importa. Aos Prelados Ecclesiasticos importalhes ver, se lhes falta o zelo do Culto Divino, & da conversaõ das Almas, & se faltaõ ao recolhimento, & modestia que pede a santidade do estado, que professaõ. Vejaõ-no, & remedeem-no, porque nisso naõ lhe vay menos que a salvaçaõ eterna, que he o que sobre tudo importa. Aos Ministros, & Juizes da Republica importalhes ver, se se deixaõ peitar do dinheiro, ou da dependencia, se favorecem os indignos, se desconsolaõ os benemeritos, & se mais attendem ás conveniencias particulares, que ao bem commum. Vejaõ-no,& remedeem-no, porque nisso naõ lhes vay menos, que a salvaçaõ eterna, que he o que sobre tudo importa. E a cada hum de nôs em geral, & em particular, importanos ver, se quebrantamos os Mandamentos da Ley de Deus, & da Igreja, se retardamos as restituiçoens, que devemos da fama, & fazenda alhea, & se estamos actualmente em peccado mortal. Vejamos, & reme-

remedeemos eſtas mortaes feridas da alma, porque niſſo naõ nos vai menos, que a ſalvaçaõ eterna, que he o que ſobre tudo importa. Chriſtaõs, abramos os olhos a eſtas taõ importantes advertencias, & logo acabaráõ as noſſas cegueiras, & alumiados com a luz da Graça, veremos eternamente a Deus na Gloria. *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*

SER-

# SERMAM
## DA
## SEXTA
## QVARTA FEIRA
## DA QVARESMA.

Prégado na Capella Real, aos 7. de Abril de 1683.

---

*Oves meæ vocem meam audiunt, & ego cognosco eas, & sequuntur me, & ego vitam æternam do eis.* Joan. 10. n. 27.

Muito altos, & poderosos Princepes, & Senhores nossos.

99. SAõ os homens naturalmente taõ dezejosos de saber, que naõ sô investigaõ as cousas passadas, & presentes, mas com excessiva, & quasi sempre infructuosa curiosidade, anhelaõ as noticias do futuro. Em todas as naçoens se acendéo este dezejo, & com taõ obstinada cegueira procuráraõ de o satisfazer, que naõ repáraraõ em se entre-

gar

gar a todo o genero de ſuperſticioſos enganos. Vendo os Hebréos, que lhe faltavaõ os Profetas, conſultáraõ os adevinhos, & os feiticeiros. Applicaraõſe os Egypcios, & os Caldéos ao eſtudo da Aſtrologia. Tomáraõ os Idolatras da boca do Demonio os ſeus oraculos, & até nas entranhas dos animaes, buſcáraõ cruelmente os Romanos a inexcrutavel verdade dos futuros ſucceſſos. Eſpeculando Pico Mirandulano, a cauſa deſte taõ ardente, & taõ univerſal dezejo, reparou, que os homens como racionaes, aſpiraõ a huma perfeita felicidade, & que conhecendo, que lhe pôde o futuro trazer muitas venturas, com ancioſos deſvelos procuraõ ſaber o futuro. Eſta anticipada ſciencia, ſeria ſem duvida, huma das mayores felicidades da vida. Que alentado ſahiria o Capitaõ a campo, ſe antes de dar a batalha, eſtivera ſeguro da victoria! Que pouco cuidado lhe dariaõ ao navegante as tempeſtades, ſe ſoubera, que havia de eſcapar do naufragio! E que deſaſſombrados andariaõ o Politicos, ſe conhecéraõ os meyos, com que ſe pôde conſeguir o fim de ſuas intricadas negociaçoens! Eſtas, & outras incertezas ſaõ o perpetuo motivo de todas as noſſas ancias. E he muito para eſtranhar, que ſendo taõ curioſos de ſaber os ſucceſſos deſta vida temporal, naõ procuremos de ſaber o que há de ſer de nós na vida eterna.

Indagatio veritatis tendit ad perfectam cognitionem, in qua quies eſt, at non quieſcit niſi in futuri cognitione, quia etiam ex futuro multa pendent ad ſuam utilitatem pertinentia. *Picus Mirandulanus lib. 1. de Rerum Prænot. cap. 8.*

100. De todos os ſegredos do tempo futuro, eſte he o mais importante, ſaber hum homem, ſe há de viver eternamente no Ceo, ou ſe há de morrer eternamente no Inferno. E ſerá poſſivel, que ſe ache no mundo, quem poſſa adevinhar hum taõ grande, & taõ impenetravel ſegredo? Sim: & eu me atrevo a dizer, que pôde cada hum ſer o Profeta de ſua predeſtinaçaõ, ou reprovaçaõ eterna. Para eſta noticia, não ſaõ neceſſarias as luzes da Theologia, & por iſſo

naõ

naõ quero hoje ventilar queſtoens, ſobre os decretos divinos, ſobre a liberdade do Alvedrio humano, ſobre a ſufficiencia, ou efficacia da Graça; nem trato de averigoar, ſe Deus nos predeſtina, antes, ou depois, ou juntamente com a previſaõ de noſſos merecimentos. Porque com todas eſtas eſpeculativas diſtinçoens, ſempre duvída o juizo, naõ havendo neſta materia, opiniaõ taõ provavel, & taõ authorizada, que naõ tenha contra ſi, muitos, & fortiſſimos argumentos. Poſtas logo de parte todas as controverſias da Theologia, vejamos, ſe nos pôde alguma outra ſciencia dar os ſinaes, por onde poſſamos conhecer, ſe ſomos do numero dos Predeſtinados, ou dos Precitos.

101. Para alcançar hum taõ occulto ſegredo, parece locura o recorrer à Aſtrologia Judiciaria, que com temeraria ouſadia pinta com as luzes do Ceo os ſeus enganos, & com as eſtrellas, coroa as ſuas mentiras. Mas já que a Aſtrologia acreditou tantas falſidades no mundo, quero, que nos ſirva hoje para deſcobrir huma verdade. E porque ſe trata de ſaber, ſe havemos de ir ao Ceo, conſultarei os Aſtros, & com elles levantarei figura, & deſde agora, ſem temor, nem eſcrupulo algum, digo, que os que tivermos o Planeta Marte por Aſcendente, no ſigno de Aquario, favorecido com o ſigno de Leaõ, he certo, que nos havemos de ſalvar, & em faltando qualquer deſtas circunſtancias, he certo, que nos havemos de condenar. Suſpendei o rigor da cenſura, que eu bem ſei, que eſta propoſiçaõ ao pé da lettra, he temeraria, & heretica, mas no ſentido moral, he verdadeira. Eis aqui a moralidade, & a declaraçaõ deſta enigmatica figura. Chamaõ os Mathematicos ao Planeta Marte, Planeta nocturno, & ao ſigno de Aquario, ſigno obediente, & ao ſigno de Leaõ, ſigno fixo. Planeta nocturno, he a Fé, que

eſcura-

eſcuramente nos enſina as verdades Evangelicas ; ſigno obediente, he a obediencia, com que nos ſogeitamos à obſervancia dos preceitos Divinos ; & o ſigno fixo, he a perſeverança, com que perſiſtimos na Fé, & na obediencia, até à morte.

102. Eſtes ſaõ os tres infalliveis ſinaes de noſſa predeſtinaçaõ, Fé, Obediencia, & Perſeverança. E o Senhor que he a meſma verdade, o affirma nas palavras do meu thema: *Oves meæ vocem meam audiunt, & ego cognoſco eas, & ſequuntur me, & vitam æternam do eis. Vocem meam audiunt.* Eis ahi a Fé. *Fides ex auditu. Et ſequuntur me.* Eis ahi a Obediencia. E permanecendo neſta Fé, & neſta obediencia, nos conhece o Senhor por ſeus: *Oves meæ.* E nos promete a vida eterna: *Vitam æternam do eis.* De maneira que podemos conhecer dentro em nós meſmos, ſe havemos de ſer do numero dos eſcolhidos, ou dos condenados. Porque ſe crermos, ſe obedecermos, & ſe perſeverarmos, a noſſa ſalvaçaõ he certa, & qualquer deſtas virtudes, que nos falte, a noſſa condenaçaõ, he infallivel. Eſtes tres ſinaes nos daráõ materia para tres diſcurſos. No primeiro, moſtrarei, que havemos de crer. No ſegundo, que havemos de obrar. E no terceiro, que havemos de perſeverar. Crer com ſanta ſimplicidade, obrar com perfeita obediencia, & perſeverar com invariavel firmeza. Comecemos pelo primeiro diſcurſo.

*Ioan. 10. n. 27.*

*Romar. 10. 16.*

## I. PARTE.

103. Primeiramente, para a ſalvaçaõ eterna, he preciſa a ſanta ſimplicidade da Fé, & por iſſo chama o Senhor aos predeſtinados, ovelhas: *Oves meæ vocem meam audiunt.* Para crer, naõ he neceſſario entender, baſta ouvir: & he preciſo, que naõ entendamos o que cremos, por duas razoens. A primeira reſpeita a Deus, & a ſegunda reſpeita aos homens: em quanto a Deus

a Deus o crer, & o naõ entender, he justiça juntamente, & misericordia; & em quanto aos homens, o crer, & o naõ entender, he castigo juntamente, & premio. Quer Deus, que creamos, & naõ entendamos, & he justo, porque (como advertio Saõ Joaõ Chrysostomo) se os homens entendéraõ, tudo o que há em Deus, que teria Deus mais que os homens? *Si de cunctis, quæ sunt Dei, curiosè inquirimus, quid habet Deus amplius quàm homines?* Se chegára hum homem a comprehender o que Deus he, naõ fora Deus o que he, porque naõ fora incomprehensivel: & o que sô se pôde saber de Deus, he que Deus excede todo o saber. *Ascendit Deus super Cherubim, & volavit.* Diz David, que Deus subíra mais alto que os Cherubins, & que no mesmo tempo avoára. Nos Cherubins se significa o saber; & avoar, he o mesmo q̃ desaparecer: esta he hũa das mayores grandezas de Deus, sobrepujar a comprehençaõ da mayor sciencia, & voar taõ alto, que se perde de vista. *Ascendit super Cherubim, & volavit.* Logo he justiça, que Deus se faz a si mesmo, o naõ querer, que o nosso entendimento o alcance, mas sô permitir, que a nossa Fé o adore: *Divina non sunt discutienda, sed credenda; non enim se Deus discutere jubet, sed credere.* Saõ palavras do Concilio Toletano. E esta foi a razaõ, porque Saõ Bernardo naõ quiz responder aos argumentos do Herege Abaylardo, affirmando o Santo, que naõ he justo, que os homens procurem penetrar com a sutileza da razaõ, o que sô com a credulidade da Fé, se entende.

*Chrysostom. homil. 17. in 1. ad Corinth.*

*Psalm. 17. 11.*

*Concil. Toletan. 14. Can. non. 10.*

*D. Bernardus Epist. 187.*

104. Mas esta mesma justiça, com q̃ Deus se naõ deixa encerrar na pequena Esfera do nosso entendimento, he huma summa misericordia; porque pagandose Deus com a simplicidade de nossa Fé, faz a nossa salvaçaõ taõ facil, que para a conseguir, basta

crer ſem entender. Ao Cego a que o Senhor deu viſta, diſſe o Senhor: *Fides tua te ſalvum fecit.* A tua Fé, fez certa a tua ſalvaçaõ. Naõ diſſe o Senhor, a tua ſciencia, a tua doutrina, a perſpicacia do teu juizo, a noticia que tens das Eſcrituras; mas a tua Fé: *Fides tua:* ſegurou a tua ſalvaçaõ: *Te ſalvum fecit.* O entender, he ſatiſfaçaõ da curioſidade, & o crer he merecimento para a Bemaventurança: ceda logo, diz Tertulliano, ceda a curioſidade à Fé. E com muita razaõ; porque a curioſidade ignora, o que imagina ſaber, & a Fé ſabe no meſmo tempo, que ignora: *Cedat curioſitas fidei, ſub qua neſcire omnia, ſcire eſt.* Digna expreſſaõ de hum taõ profundo juizo. Com a ſimplicidade da Fé, nada ſabemos, & ſabemos tudo: nada ſabemos de ſuperfluo, & ſabemos tudo o que he neceſſario; ignoramos o que naõ importa para a ſalvaçaõ, & ſabemos o q̃ para a ſalvaçaõ importa.

*Tertullian. lib. de Præſcriptione adverſ. Hæretic.*

105. Que cuidais, que he hum Chriſtaõ? Hum Chriſtaõ, he hum ſabio ignorante, porque ignorando ſabe, & ſabendo ignora. E he poſſivel ignorar-ſe, & ſaberſe a meſma couſa, & no meſmo tempo? Sim, diz S. Ioaõ Chryſoſtomo: *Poteſt eſſe ignoratio in cognitione, & in ignoratione cognitio.* No ſaber, pôde haver ignorancia, & no ignorar, pôde haver ſciencia. Declaremos eſtes paradoxos com huma comparaçaõ. Paſſeando pelas prayas do mar, & perguntando a hum homem: quantas gotas de agoa contém o Oceano? Se elle me reſpondéra, eu o ſei, eu o direi: naõ tivera eu razaõ para me rir delle, & para lhe dizer, que eſte ſeu ſaber, he ignorancia? E ſe outro mais aviſado reſpondéra, que ſô ſabe, que as gotas de agoa no mar ſaõ tantas, que ſe naõ pôdem contar: naõ pudera eu dizer com razaõ, que a confiſſaõ deſta ignorancia, he ſciencia? Sim. Porque declara, que ſô ſabe, o que ſe pôde ſaber.

*Chryſoſtom. in Pſalm. 143.*

Naõ

Naõ de outra ſorte, a ſanta ignorancia dos Chriſtaõs, ſabemos o que ſe pôde ſaber, & naõ ſabemos o que naõ convem que ſaibamos, naõ ſabemos o ſuperfluo, mas ſabemos o neceſſario.

106. Para a ſalvaçaõ he neceſſario ſaber, que Deus he hum na eſſencia, & trino nas peſſoas, & naõ he preciſo ſaber como o Eterno Pay gera o Verbo; nem porque razaõ, o Verbo naõ gera outra peſſoa; nem porque o Eſpirito Santo naõ gera como o Pay; nem eſpira como o Pay, & o Filho. Para a Salvaçaõ, he neceſſario ſaber, que o Verbo Divino tomou carne humana, & naõ he preciſo ſaber, como eſte homem Deus, tem duas naturezas em huma ſô Peſſoa, & tres ſubſtancias em hum ſô ſupoſto; como ſendo verdadeiro homem naõ he Peſſoa humana; como ſendo verdadeiro Deus, tem diverſas naturezas; nem como ſe fez homem, ſem que o Pay, & o Eſpirito Santo, com quem he hũa meſma couſa, ſe fizeſſem homens com elle. Para a ſalvaçaõ he neceſſario ſaber, que debaxo das eſpecies Euchariſticas, eſtá o Corpo, a Alma, & a Divindade de Chriſto, taõ real, & verdadeiramente como eſtá no Ceo: & naõ he preciſo ſaber, como a quantidade naõ tem extençaõ; nem os accidentes, ſuſtento; nem como o Corpo de Chriſto pôde eſtar no Ceo juntamente, & na terra, dividido na hoſtia, & ſempre inteiro, & taõ todo na parte, como no todo.

107. Finalmente em todos os mais myſterios, ſabemos por meyo da Fé, o que he preciſo para a ſalvaçaõ, & com a meſma Fé ignoramos, o que para a ſalvaçaõ naõ he neceſſario; ſabemos a ſubſtancia, & ignoramos o modo: & para Deus, o noſſo ignorar, he taõ glorioſo como o noſſo ſaber, porque ſe o noſſo ſaber he huma participaçaõ de ſua intelligencia, a noſſa ignorancia, he o credito da ſua miſericordia. Naſcéo Deus temporalmente no mundo,

& logo chamou a sy os Magos, & os Pastores. Sabeis porque? Porque nos Magos se representavaõ os sabios, & nos Pastores os ignorantes; & nesta misteriosa uniaõ da sciencia com a ignorancia humana, parece quiz Deus mostrar, que he taõ misericordioso, que conhecendo a fraqueza de nosso entendimento, se contenta, que para a nossa salvaçaõ, saibamos huma cousa, & ignoremos outra. Compara Santo Agostinho a Fé com a parte superior, & inferior da Cruz; na parte superior, que se vé, se representa o que a Fé nos declara, & na parte inferior, que está metida na terra, & naõ apparece, se significa o que a mesma Fé nos occulta, & assim como esta parte inferior, & escondida, que he o pê da Cruz, sustenta a mesma Cruz, assim o que na Fé ignoramos, he a base, & fundamento de nossa salvaçaõ, & he taõ grande a misericordia Divina, que até nos abysmos de nossa ignorancia, fundou o edificio de nossa bemaventurança. Santo Agostinho: *In profundo Crucis occultum est quod non vides, sed inde exurgit hoc totum quod vides, dum latet,* (notai bem) *dum latet, fundamentum est salutis.* *Augustin. tract. 1. de diverf. cap. 10.*

108. Vejamos agora como o crer, & o naõ entender, que respeitando a Deus he justiça juntamente, & misericordia; respeitando aos homens, he castigo juntamente, & premio. No peccado de nossos primeiros Pays, advertio o Cardeal Cusano, huma criminosa anticipaçaõ, & foy, que elles quizeraõ entender antes de crer: *Hic fuit error priorum hominum, qui voluerunt scire, antequam credere, & se converterunt ad arborem scientiæ, non ad verbum.* Da Arvore da Sciencia quiz Adaõ colher o fruto ante tempo, porque quiz saber antes de crer; a flor he a Fé, & o saber, he o fruto desta flor. Naõ esperou Adaõ, que desta flor, sahisse este fruto, & com este intempestivo dezejo de saber, *Cardinal. Cusan. lib. 1. de Concordantia Catholica cap. 3.*

ber, atrahio Adaõ sobre toda a sua posteridade o justo castigo de huma cega ignorancia, & quiz Deus, que a Fé precedesse à sciencia, porque a sciencia, pretendéra de adiantarse à Fé! S. Lourenço Justiniano: *Concupierat Adam esse tanquam Deus, sciens bonum, & malum, ideò ipsius posteritas debuit per fidei nescientiam, ad intelligentiam promoveri.* *Laurent. Justinian. de Triumphali Agone cap. 1.*

109. Mas este mesmo castigo (se bem advertirmos) he premio, porque sogeitando o entendimento ao obsequio da Fé, chegamos a saber o que nenhuma sciencia nos pôde ensinar. Qual sciencia no mundo nos podia descobrir os eternos arcanos da Santissima Trindade, os prodigios da Encarnaçaõ do Verbo, as luzes da Transfiguraçaõ, os eclipses da Paixaõ, os sagrados disfarces da Eucharistia, & os glorioso Triumfos da Resurreiçaõ, & Ascençaõ do Senhor? Todas estas soberanas noticias, saõ premios da credulidade da Fé. *Intellectus, est merces fidei*: diz Santo Agustinho. E todas as sciencias, que antigamente ensináraõ os mayores Filosofos do mundo, comparadas com o que sabemos por meyo da Fé, saõ eruditas neccedades, curiosos delirios, & meras ignorancias. Entrou S. Paulo no Areopago de Athenas, & com a doutrina da Fé, provou, que todo aquelle veneranndo Senado, naõ era outra cousa, que huma junta de ignorantes: *Quod ergo ignorantes creditis, hoc ego annuntio vobis.* Ouvi, diz S. Paulo, & confessai a vossa ignorancia, vôs que presumís ser os oraculos da Grecia, & os Mestres do Mundo. Estoicos, Academicos, Peripateticos, Platonicos, discipulos de Pytagoras, & sequazes de Epicuro, todos andais errados, & taõ pouco lettrados sois, que ainda naõ conheceis as lettras do Abecedario da verdadeira Sabedoría, porque naõ conheceis a Jesu Christo, que he o Alfa, & o Omega, o princi- *Augustin. tract. 19.* *Act. Apost. 17. n. 23.*

principio, & o fim de todas as creaturas. Este he o Deus que aveis de adorar, porque he o Criador do Ceo, & da terra, & o Redemptor do genero humano, que por nós foy crucificado, & gloriosamente resuscitado sobio ao Ceo, & no fim do mundo, julgará os vivos, & os mortos.

110. Com esta doutrina, confundio S. Paulo a soberba ignorancia dos Areopagitas, & em poucas palavras, disse mais, que todos os Mestres da Antiguidade. Mas se algum daquelles Filosofos, pedira a S. Paulo a razaõ, com que se haviaõ de provar estas taõ inauditas verdades, que resporderia S. Paulo? Diria o Apostolo, que os Christaõs naõ crem estas verdades, persuadidos da razaõ humana, mas illustrados da revelaçaõ divina. Pois a revelaçaõ há de ter mais credito, que a razaõ? Sim: a revelaçaõ Divina, nos há de persuadir mais, que a razaõ humana; porque a revelaçaõ Divina, he infallivel: & pelo contrario tem a razaõ humana taõta fallibilidade, que quasi sempre nos engana. Que cousa mais enganosa, que a nossa propria razaõ? Sobre a mesma materia, muitas vezes nos persuade a razaõ opinioens differentes.

111. Ao grande Origenes, persuadio a razaõ, que os Astros tem alma racional, porque com ordem & proporçaõ invariavel compassaõ os seus movimentos: & a mesma razaõ, ensinou a Lactancio, que os Astros naõ saõ racionaes, porque se tiveraõ discurso, & liberdade, naõ seguiriaõ como escravos, a perpetua volubilidade de seus orbes. A Empedocles, persuadio a razaõ, que a luz tem corpo, porque he visivel: & a mesma razaõ, obrigou a Aristoteles a crer, que a luz naõ tem corpo, porque penetra o cristal, & a penetraçaõ dos corpos he naturalmente impossivel. A Plataõ, induzio a razaõ a crer, que a nossa alma, he

he huma ſubſtancia eſpiritual: & a meſma razaõ falſamente perſuadio a Zenon, que a alma, he huma quinta eſſencia dos quatro Elementos. Finalmente he a razaõ taõ oppoſta, & contraria a ſi meſma, que he cauſa de todas as contradiçoens, que há entre Copernico, & Ptolomeo, na Mathematica; entre Galeno, & Paracelſo, na Medicina; entre Cicero, & Demoſthenes, na Rhetorica; entre Bartolo, & Baldo, na Juriſprudencia; entre Pytagoras, & Ariſtoteles, na Filoſofia; & ultimamente, entre Scoto, & S. Thomás, na Theologia. Sô a Fé, he ſempre a meſma, ſempre concorde, ſempre igual, & uniforme em todos os entendimentos, que alumea, porque naõ ſe regula a Fé pelos diſcurſos da razaõ humana, que pôde errar, mas eſtá fundada na revelaçaõ Divina, que he infallivel. E para entender o que Deus revelou, baſta crer. *Crede, ut intelligas*: diz Santo Agoſtinho. E para crer baſta ouvir: *Oves meæ vocem meam audiunt.* Eſte he o primeiro ſinal de noſſa predeſtinaçaõ, o ſegundo he a obediencia aos Mandamentos de Deus, & da Igreja: *Et ſequuntur me.* E eſte he o aſſumpto deſta ſegunda parte.

## II. PARTE.

112. O Chriſtaõ, ſe há de deſtinguir do Gentio, naõ ſô pela Fé, mas pela vida, & a differença dos eſtados, ſe há de conhecer pela differença das obras. Todas as obras da vida do Chriſtaõ, ſe encerraõ nos Mandamentos de Deus, & da Igreja, & ſô da execuçaõ deſtas obras ſe conhece a exiſtencia da Fé, & a Fé junta com as obras, faz o Chriſtaõ perfeito. Creyo em Chriſto, logo ſou Chriſtaõ. Naõ he certa a conſequencia, porque podem faltar as obras: & o que ſô cré em Chriſto, & naõ faz o que Chriſto manda, naõ he Chriſtaõ inteiro; quando muito, he meyo Chriſtaõ. Por eſtes

termos falla Saõ Gregorio Nazianzeno daquelle Doutor da Ley Nicodemos: *Ille dimidiâ tantum ex parte Chriſtum amans, Nicodemus.* Era Nicodemos meio Chriſtaõ, porque ſeguia a Chriſto com a Fé, & fogia de Chriſto com as obras; de noite buſcava ao Senhor, & de dia converſava com os Fariſéos. Quantos Nicodemos há hoje na Chriſtandade! De noite, quero dizer, na eſcuridade da Fé, eſtaõ com Chriſto; mas de dia, quando ſahem ſuas obras á luz, eſtaõ com o mundo. Tem eſtes taes hum pê no Ceo, & outro no Inferno, imitaõ aos Anjos, & abraçaõſe com os Demonios; bons por huma parte, & maos por outra: & juntamente taõ deformes, que ſe naõ fora eſte objecto taõ laſtimoſo, poderá o mundo rirſe de huma taõ monſtruoſa extravagancia.

*Gregor. Nazianz. Orat. 16.*

113. Naõ ſeria couſa digna de riſo ver andar hum homem, com ametade da barba cortada, & a outra creſcida? Sei que iſto antigamente ſuccedéo a Miniſtros muyto authorizados. Aos Embaxadores de David, mandou o Rey dos Ammonitas cortar a metade da barba, & neſte ridiculo eſtado, os deſpedio: *Raſit dimidiam partem barbæ eorum, & dimiſit eos.* Ficáraõ eſtes miſeraveis taõ confuſos, & corridos das zombarias, mofas, & apupos da gente, que naõ tinhaõ cara para apparecer: & ſentindo David a ignominia, que padeciaõ, lhes mandou dizer, que naõ vieſſem á Corte: *Manete in Iericho, donec creſcat barba veſtra.* Se hum Gentio, depois de haver eſtado alguns annos entre nós, ſe voltára para os ſeus, & ſe lhe perguntáraõ que Religiaõ, & que vida he a dos Chriſtaõs, naõ movéra elle a riſo aquelles barbaros, ſe lhe diſſera? Eu na minha opiniaõ, entendo, que os Chriſtaõs ſaõ homens meio racionaes, porque crem huma couſa, & fazem outra. Elles crem, que há Deus no mundo, & que eſte Deus, he hum; mas

*2 Reg. cap. 10.*

*Ibid.*

cada

cada hum delles em particular, he para ſi, o ſeu Deus; porque ſô ſe amaõ, ſe eſtimaõ, & ſe adoraõ a ſi meſmos. Elles crem, que ſeu Deus morréo em huma Cruz, & elles ſe benzem de todas as Cruzes, porque fogem ós trabalhos, & vivem nas delicias. Elles tem por certo que à brevidade déſta vida temporal, ſe ſegue huma vida eterna, & ſobre os nonnadas deſte mundo, armaõ demandas, que duraõ mais que as vidas. Elles confeſſaõ, que há hum Paraiſo para os que morrem em graça, & hum Inferno para os que morrem em peccado: & com eſta certeza, vivem como ſe o Paraiſo fora hum paradoxo, & o Inferno, huma fabula. Elles eſtaõ perſuadidos, que Deus eſtá realmente nas Hoſtias, que os ſeus Sacerdotes conſagraõ, & nas ſuas Igrejas, que elles chamaõ Sanctuarios da Divindade, fallaõ, & converſaõ, com mayor irreverencia, que nos theatros de ſuas comedias. Em concluſaõ, naõ ſaberei diſtinguir as povoaçoens dos Chriſtaõs das noſſas, ſenaõ pelos campanarios, & pelos ſinos, de que naõ uſamos, porque emquanto aos coſtumes, ou ſaõ os meſmos, ou peores que os noſſos.

*Vita, & peccatis ſumus deteriores; Lege enim Catholicâ, ſine com-*

*parationе meliores. Sed illud conſiderandum eſt, quia quod lex bona eſt, veſtrum non eſt; quod autem male vivimus, noſtrum eſt.* Salvianus Epiſcopus Maſſilienſ.

114. Agora pergunto eu: Naõ ſe riria toda a Gentilidade, ſe tal ouvira? Mas que os Gentios ſe riſſem de nós, pouco importára; o que he para ſentir, & para chorar, he que na hora da noſſa morte, o meſmo Deus ſe há de rir, dos que ſendo Chriſtaõs na Fé, naõ foraõ Chriſtaõs nas obras: *Ego quoque in interitu veſtro ridebo.* Oh funeſto, oh formidavel, & horrendo riſo de Deus! Diz S. Gregorio Papa, que o rirſe Deus dos homens, he o meſmo, q̃ deſemparalos, & negarlhe a ſua miſericordia: *Ridere Dei, eſt afflictioni Deum nolle miſereri.* E ſerá poſſivel, que a Divina miſericordia chegue a deſemparar os que créraõ em Chriſto Filho de Deus? Sim: ſe naõ animáraõ a ſua Fé com as obras, porque a Fé ſem obras, naõ he Fé, & obrar o con-

*Prov. 1. 26.*

*Gregor. in Iob. cap. 9.*

o contrario do que ſe cré, naõ he crer. Na ſentença, que no juizo final, Chriſto pronunciará contra os condenados, naõ dirá Chriſto, ide malditos ao Inferno, porque naõ creſtes, mas dirá Chriſto, ide malditos ao Inferno, porque naõ obraſtes: *Diſcedite à me maledicti in ignem æternum. Eſurivi enim, & non dediſtis mihi manducare?* Que importa o crer, que a eſmola, que ſe faz a hum pobre, ſe faz ao meſmo Chriſto, ſe ſe naõ faz a eſmola? *Sitivi, & non dediſtis mihi potum?* Que importa o crer, que com as obras de miſericordia ſe aſſegura a noſſa Salvaçaõ, ſe ſe naõ fazem eſtas obras de miſericordia? *Hoſpes eram, & non collegiſtis me; nudus, & non cooperuiſtis me?* De maneira, que na ſentença da morte eterna, naõ ſe queixará o Senhor da falta da Fé, mas da falta das obras. *Non increpat deficientes in fide, ſed in bonis operibus.* Porque a Fé ſem obras, he huma Fé morta, & os Chriſtaõs, em que naõ he viva a Fé, ſaõ cadaveres da Chriſtandade, que o Senhor lança de ſi, como incapazes, & indignos da vida eterna: *Fides ſine operibus mortua eſt. Ite maledicti in ignem æternum.*

*Matth.* 25. 42.

*Ibid.*

*Ibid.*

115. E naõ ſe pôde o Chriſtaõ juſtamente queixar deſte rigor, porque razaõ he, que manifeſtemos a verdade de noſſa Fé com a meſma evidencia, com que Chriſto autenticou a verdade da ſua Doutrina. Se contra Chriſto argumentára hum Chriſtaõ, dizendo: Senhor, porque razaõ quereis, que eu dé credito à voſſa Doutrina? Reſponderia o Senhor, porque eu ſou a meſma verdade: *Ego ſum veritas.* E ſe o Chriſtaõ inſtára: E por onde poſſo eu conhecer, que fallais verdade? Pelas obras que fiz, replicára o Senhor: *Opera quæ ego facio in nomine Patris mei, hæc teſtimonium perhibent de me.* As obras de Chriſto, ſaõ as provas da verdade da Doutrina de Chriſto; porque ſe Chriſto obrára o contrario do que tem enſinado, tiveraõ

*Ioan.* 14. 6.

*Ioan.* 10. 25.

raõ os Christaõs razaõ, para duvidarem da verdade da sua Doutrina. Quem havia de crer, que a humildade he o fundamento da Gloria: *Matth. 23. vers. 12.* *Qui se humiliat, exaltabitur:* Se Christo, que o disse, com altiva soberania, se apoderára dos Ceptros dos Reys, & dos Imperios dos Monarcas? Quem havia de crer, que se amarmos nossos inimigos, seremos filhos de Deus: *Matth. 5. vers. 44.* *Diligite inimicos vestros, ut sitis Filij Patris vestri, qui in Cælis est:* Se o mesmo Christo, que o disse, se valera de seu poder para se vingar das affrontas, & crueldades de seus inimigos? Se Christo cobiçára as riquezas, & thesouros da terra: quem havia de crer a Doutrina de Christo, que ensina, que a pobreza voluntaria nos mete de posse do Reyno do Ceo? *Matth. 5. 3.* *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est Regnum Cælorum.* Se Christo se entregára aos gostos, passatempos, & delicias desta vida: quem havia de crer a Doutrina de Christo, que ensina, que as lagrimas da penitencia, saõ a fonte da verdadeira alegria? *Beati, qui nunc fletis, quia ridebitis.* *Luc. 6. 21.*

116. Finalmente, para abreviar huma taõ dilatada materia, he certo, que se Christo tivera feito acçoens alheias de sua Pessoa, & de sua Doutrina, naõ tiveraõ os homens obrigaçaõ de crer, que Christo he Filho de Deus. E naõ o digo eu, o mesmo Christo o diz no Evangelho de hoje: *Si non facio opera Patris mei, nolite credere mihi.* Se as minhas obras, naõ dizem com apessoa de meu Eterno Pay, quero que me naõ deis credito. Logo se a Doutrina de Christo, sem a santidade das obras, naõ merece a nossa Fé, que merecimento tem a Fé de hum Christaõ, que desmentindo com a indignidade de suas obras, a santidade do seu nome, de tal modo se desfigura, que parece, que o mesmo Deus naõ o conhece. Nos termos da Escritura, quando *Ioan. 10.*

do diz Deus, que nos conhece, quer dizer, que somos predestinados: *Cognosco oves meas, & vitam æternam do eis:* & pelo contrario, quando diz, que nos não conhece, quer dizer, que somos precitos: *Amen dico vobis, nescio vos.* Pois não conhece Deus igualmente a todos? Sim: mas fallando ao modo humano, diz Deus, que nos não conhece, quando tendo só a Fé, que he o final interior do Christão, não se vem em nós os finaes exteriores das obras, que são o distinctivo da Christandade, que professamos.

*Ioan. 10.*

*Matth. cap. 25. vers. 12.*

117. E na verdade, por onde há Deus de conhecer, que somos Christãos? Porque somos bautizados, porque sabemos os mandamentos de Deus, porque conhecemos o Summo Pontifice por Vigario de Christo? Não bastão estes finaes; obras, & mais obras são necessarias, para que Deus nos conheça por seus. Porque crer em Christo, & não obrar como Christão, he adorar a Christo com a Fé, & renegar a Christo com as obras. Olhe logo cada hum para a sua vida, & para as suas obras, & veja, se são obras de piedade, de verdade, justiça, de charidade para com o proximo, de paciencia nas adversidades, de humildade na prospera fortuna, de penitencia dos peccados, de frequencia dos Sacramentos, & de perfeita obediencia aos mandamentos de Deus, & da Igreja; & peça cada hum a Deus, que lhe dé graça para perseverar nesta Fé, & nesta obediencia; porque só quem persevera, se salva, & só os que se salvão, são ovelhas do Senhor: *Oves meæ.* E este he o terceiro assumpto, & o terceiro final de nossa predestinação: *Cognosco oves meas, & vitam æternam do eis.*

## III. PARTE.

118. A razão porque a perseverança he necessaria para

para a salvaçaõ, he que a salvacaõ, he hum premio, que naõ há de ter fim, & para o merecimento ter proporçaõ com o premio, he preciso, que naõ tenha fim, a virtude, que há de conseguir huma Gloria sem fim. Em muitos lugares da Escritura, a Gloria dos Bemaventurados se chama, Coroa. *Reposita est mihi corona justitiæ*: diz S. Paulo. *Accipiet coronam vitæ*: diz SanTiago. *Immarcessibilem gloriæ coronam*: diz S. Pedro. E Christo Senhor Nosso no Apocalypse: *Dabo tibi coronam vitæ*. Mas que semelhança tem huma Coroa com a Bemaventurança? Discretamente Alberto Magno. As Coroas tem figura circular, & a figura circular naõ tem fim, & por isso he o Symbolo da Gloria dos Bemaventurados, que he eterna: *Dabo tibi coronam vitæ, id est vitam immarcessibilem, quæ est circularis, & circulus non habet finem.* He taõ necessaria para a salvaçaõ a perseverança, que melhor fora, começar mal, & acabar bem, do que começar bem, & acabar mal. S. Paulo começou taõ mal, que foi hum dos mayores perseguidores da Igreja: & o mesmo S. Paulo acabou taõ bem, que he hoje hum dos mayores Santos do Ceo. Pelo contrario, começou Judas taõ bem, que foi Apostolo: & o mesmo Judas acabou taõ mal, que foi Apostata, & hoje está no Inferno. Que importa hum bom principio de vida, se o fim da vida naõ corresponde ao principio.

2 Timoth. 4. 8. Epist. Iacob. 1. 12. 1 Petri. 5. 4. Apocalyps. 2. 10. Albert. Magn. in Apocal. 2.

119. Esta vida, he huma navegaçaõ, de que a Bemaventurança he o porto; esta vida, he huma carreira, de que a eternidade, he o termo; esta vida, he huma batalha, de que a salvaçaõ, he a victoria; esta vida, he hũa escada, de que o ultimo degrao he a Gloria; esta vida, he hum edificio, de que o tecto he o Ceo; mas o naõ perseverar nesta navegaçaõ, nesta carreyra, nesta batalha, nesta escada, & neste edificio: nesta navegaçaõ, resi-

reſiſtindo ás tormentas das paixoens ; neſta carreira, atropellando os vicios ; neſta batalha , vencendo as tentaçoens ; neſta eſcada, adiantandoſe nas virtudes ; & neſte edificio rematando os merecimentos ; o naõ perſeverar ; he navegar, & arribar ; he correr diante, & retroceder ; he entrar na peleja , & retirarſe ; he ſobir , & tornar a deſcer ; he fabricar, & naõ acabar ; & finalmente , he o meſmo, que remontarſe ao Ceo, & precipitarſe no Inferno.

120. Para provar a neceſſidade da perſeverança para a ſalvaçaõ, há tantas, & taõ grandes razoens, que com ellas, ſe podem compor muytos volumes , & porque me naõ dá o tempo lugar para me eſtender neſta materia, acabo o Sermaõ, repetindo as tres propoſiçoens, com que no exordio levantei a figura, em que todos podem conhecer a certeza da ſua predeſtinaçaõ, ou reprovaçaõ eterna. Todos os Chriſtaõs, grandes, & pequenos, letrados, ignorantes, vaſſallos, & Princepes, podem deſde agora conhecer, ſe ſeraõ predeſtinados, ou precitos, & o podem conhecer taõ certamente, que cada propoſiçaõ, de que depende eſta noticia, he infallivel, porque he de Fé. Primeiramente , he de Fé, que quem for bautizado, & crer em Jeſu Chriſto, ſe há de ſalvar, porque Chriſto o diſſe: *Qui crediderit, & baptizatus fuerit, ſalvus erit.* Em ſegundo lugar, he de Fé, que quem guardar os mandamentos de Deus, & da Igreja, ſe há de ſalvar, porque o meſmo Chriſto, o diſſe : *Si vis ad vitam ingredi, ſerva mandata.* Em terceiro lugar, he de Fé, que quem perſeverar até o fim da vida, ſe há de ſalvar, porque Chriſto tambem o diſſe : *Qui autem perſeveraverit uſque in finem, hic ſalvus erit.* Neſtas tres propoſiçoens, ſe encerraõ as tres virtudes neceſſarias para a ſalvaçaõ, a Fé, a Obediencia, & a Perſeverança, & todas tres ſe haõ de achar juntamente no meſmo ſogeito ; porque nem

*Marci 16. n.16.*

*Matth. 19 verſ. 17.*

*Matth. 10. 22.*

nem a Fé sem a Obediencia, nem a Obediencia sem a Fé, nem a Fé, & a Obediencia, sem a Perseverança, nos podem salvar, mas todas tres juntas, fazem a nossa salvaçaõ infallivel.

121. A esta certeza pois, se segue huma indubitavel verdade, & he, que por parte de Deus, nunca nos faltaõ os auxilios da graça, para crer, para obedecer, & para perseverar: & se faltamos à alguma destas tres condiçoens, toda a culpa he nossa, porque na nossa maõ está o corresponder à graça, que para este effeito Deus nos communica: & para a graça entrar na alma, basta abrir huma porta, de que todos temos a chave. Para a graça entrar no coraçaõ do homem, saõ precisas duas chaves, & parece quiz o Author da natureza fazer huma demostraçaõ desta verdade na organizaçaõ do corpo humano. Todos temos no peito dous ossos, que tem a figura das chaves, de que uzavaõ os antigos, & por isso chamaõ os Anatomistas, estes dous ossos, *Claviculæ*; que vem a ser o mesmo, que chaves.

*Claviculæ dictæ sunt, quòd Thoracẽ claudant, & instar clavis firment scapulam cũ sterno, vel quòd claves ædium antiquas referant. Figura est S. Latini, hoc est ex duobus semicirculis adversò modo conjunctis, ad jugulum foris convexa, extrinsecus leviter cava: Bartolinus de Anatomia libello. 4. de ossibus cap. 14. mihi pagina 518.*

122. Estas duas chaves, que temos no peito, significaõ as duas chaves, com que se abrem as duas portas da vontade humana, a porta de fóra, & a porta de dentro; da primeira porta, tem Deus a chave, & o homem tem a chave da segunda porta; abre Deus a porta de fóra, com a efficacia da graca; & o homem abre a porta de dentro, com o consentimento de sua liberdade; bate Deus à porta do coraçaõ humano, & pede que lhe abraõ: *Aperi mihi.* Pois naõ tem Deus as chaves de tudo? Sim: *Habeo claves mortis, & Inferni.* E se Deus tem a chave, porque naõ abre? Porque para Deus entrar no coraçaõ do homem, he preciso, que se abraõ juntamente duas portas, a porta exterior, & a porta interior; da porta exterior tem Deus a chave, nos auxilios de sua graça, mas deu ao homem a chave da porta interior, no alvedrio da liber-

*Cantic. 5. 2.*

*Apocal. 18.*

liberdade, que lhe deu para admitir, ou recuſar eſtes auxilios. *Aperi mihi. Per conſenſum boni:* commenta o Lyrano. Com as inſpiraçoens divinas, abre Deus a porta de fóra; mas naõ abrimos nós a porta de dentro, porque reſiſtimos ás divinas inſpiraçoens. Eſta he a verdadeira cauſa de noſſa reprovaçaõ, & he a noſſa malicia taõ cruelmente obſtinada, que para nos ſalvarmos, naõ queremos abrir huma porta, de que temos a chave na maõ.

*Gloſſa Lyrani in cap. 5. Cantic. verſ. 2.*

123. Veja logo, & conheça cada hum, dentro em ſi meſmo, ſe he predeſtinado, ou precito. A todos nos dá Deus os auxilios preciſos, para crer o que a Fé nos enſina, para obedecer ao que o Evangelho nos manda, & para perſeverar até o fim da vida; mas ſe a noſſa deſconfiança vacilla na Fe; ſe a noſſa liberdade ſe oppoem à obediencia; & ſe a noſſa inſtabilidade he incapaz de perſeverança, he certo que nenhum de nôs ſe há de ſalvar. Porèm quero ſuppor, que nos naõ falta a Fé, & eſpero em Deus, que nella havemos de perſeverar: mas que he das obras, com que a Fé ſe manifeſta? Qual de nôs ſe exercita nos actos de humildade, & de penitencia; na mortificaçaõ dos ſentidos, na emenda dos coſtumes, na extirpaçaõ dos máos habitos, na caridade para com os pobres, no perdaõ dos inimigos, & em todas as mais virtudes neceſſarias para a ſalvaçaõ? E ſe pelo contrario em todas as noſſas obras ſe repreſenta, & ſe ſatisfaz a vaidade, a ambiçaõ, o amor proprio, o intereſſe, a ſoberba, a lizonja, a enveja, o odio, & a vingança, naõ vemos que tomamos o caminho da perdiçaõ, & que as noſſas proprias obras nos levaõ ao Inferno? O remedio pois, com que podemos evitar hum taõ grande mal, como a condenaçaõ eterna, & juntamente aſſegurar hum taõ grande bem, como a ſalvaçaõ das noſſas Almas, eu o darei em poucas

cas palavras. Todos os dias havemos de pedir a Deus duas cousas, a primeira, que nos livre de peccado mortal; & a segunda, que se por desgraça succeder, que offendamos a Deus mortalmente, que naõ permitta, que morramos nesse miseravel estado; mas que nos dé graça, para nos confessarmos deste peccado com verdadeira contriçaõ, no mesmo dia, & na mesma hora, se for possivel. Aos que se naõ quizerem valer deste remedio, que posso eu dizer, senaõ que está muy arriscada a sua salvaçaõ. E aos que se quizerem aproveitar deste conselho, pronostíco a eterna Bemaventurança em companhia de seu Divino Pastor: *Oves meæ vocem meam audiunt, & ego cognosco eas, & sequuntur me, & ego vitam æternam do eis.* Ad quam nos perducat Omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.

# SERMAM DO MANDATO.

Prégado na Santa Caſa da Miſericordia, 30. de Março de 1679.

---

*Scitis, quid fecerim vobis?* Luc. 13. verſ. 12.

124. TOdos ſabẽ, q̃ há Amor no mundo, mas poucos entendem, que couſa he o Amor. Tem o Amor o Arco nas maõs, & o veo nos olhos, moſtra as armas, & cobre o roſto, acçaõ propria de hum homicida diſfarçado, eſtender a maõ ao golpe, & retirar o roſto ao conhecimento. Vivem os homens debaxo do agradavel Imperio deſte Tirano encuberto, obedecem ás leys de hum Rey, que naõ conhecem, ſentem os effeitos de huma cauſa, que ignoraõ, & a meſma Filoſofia, que alcança os mayores ſegredos da natureza, naõ ſabe definir a natureza do Amor. Eſcreve Platão, que o Amor he hum

hum dezejo: mas repáro, q̃ o dezejo ſe apaga com a poſſe, & que o Amor com a poſſe ſe augmenta; naõ dezejamos mais o que poſſuimos, pelo contrario, continuamos em amar o que logramos. Logo o Amor, naõ he dezejo. Diz Ariſtoteles, que o Amor, he huma inclinaçaõ da vontade para o bem verdadeiro, ou imaginado: porèm eſta inclinaçaõ, naõ he propriamente Amor, mas hè huma diſpoſiçaõ para amar; porque o Amor hè effeito da inclinaçaõ: logo neſta inclinaçaõ da vontade, naõ conſiſte a eſſencia do Amor. Naõ me detenho em ponderar as varias definiçoens, que Santo Aguſtinho, & Santo Thomás daõ ao Amor; porque eſta diverſidade de opinioens, difficulta o conhecimento da ſua eſſencia. Mas conſiderando, que occulta, & impenetravel he a natureza do Amor, digo que o Amor he hum myſterio; o Amor humano, he hum myſterio da natureza, & o Amor Divino he hum myſterio da graça. Que myſterioſos ſaõ os effeitos do Amor humano! O Amor humano, he hum martyrio ſem pena, huma pena ſem ſentimento, hum ſentimento ſem dôr, huma dôr ſem razaõ, & huma razaõ com muitas ſemrazoẽs: o Amor humano he fogo ſem chama, chama ſem incendio, incendio ſem cinza, cinza ſem morte, & morte com vida.

125. No eſtado pois da graça, o Amor Divino he hum myſterio, em que todos os myſterios ſe encerraõ. O Amor de Deus humanado, hè o myſterio da Encarnaçaõ: o Amor de Deus Sacramentado, he o myſterio da Euchariſtia, & o Amor de Deus crucificado, he o myſterio da noſſa redempçaõ. Em concluſaõ, taõ myſterioſo he o Amor Divino, que todas as ſuas obras, ſaõ myſterios, quanto mais occultos, mais venerandos. Neſta myſterioſa diſſimulaçaõ imita o Amor a natureza; faz a natureza reſpeitar as ſuas obras, occultando os meios, com que as produz. Gera o

Sol o ouro nas mais profundas veas da terra, naõ ſe vem as perolas quando ſe formaõ, & ninguem vio naſcer os diamantes: do meſmo modo, nas emprezas do Amor, o myſterio he o ſeu credito, & no ſegredo eſtá o ſeu luzimento; deſcubra o Amor o que baſta para attrahir os affectos, & occulte o que ſerve para ſuſpender os entendimentos, que he proprio dos homens, admirar o que naõ entendem. Neſte glorioſo triumpho do Amor de Deus todas as acçoens do Senhor ſaõ patentes à viſta, & occultas à intelligencia. Deſpe o Senhor as veſtiduras, cinge huma toalha, lançaſe aos pés dos Apoſtolos, miniſtra com ſuas proprias maõs o Lavatorio, aſſentaſe à meſa, em que há de apurar os extremos do ſeu Amor na inſtituiçaõ do Divino Sacramento: & virandoſe para os Diſcipulos, perguntalhes ſe alcançavaõ, o que acabava de fazer: *Scitis quid fecerim vobis?* Mas pergunto eu, era o entendimento dos Apoſtolos taõ rudo, que naõ percebeſſem o que acabavaõ de experimentar, ou era taõ fragil a ſua memoria, que lhes naõ lembraſſe o que acabavaõ de ver? Reſponde Hugo Cardeal, percebiaõ os Apoſtolos o material deſtas acçoens, mas naõ entendiaõ o myſterioſo dellas; porque cada acçaõ era huma fineza, & cada fineza hum myſterio, por iſſo divino, porque ignorado: *Scitis, quid fecerim vobis? Id eſt myſterium, & hoc quærit invitando eos ad ſciendum, quod priùs neſciebant.*

*Ioan. 13.*

*Hugo Cardinalis in cap. 13. Ioannis.*

126. Com eſta enfatica pergunta, ſollicíta hoje o Senhor a noſſa curioſidade, pondo os exceſſos do ſeu amor à viſta da noſſa ignorancia, para os acreditar na noſſa eſtimaçaõ: *Scitis, quid fecerim?* Perde a roſa a ſua fragrancia, quando toda ſe abre, & ſe exhala; & para o Amor Divino conſervar o ſeu decoro, naõ manifeſta tudo o que obra, mas propoem as ſuas finezas como myſterios: *Scitis quid fecerim vobis? id eſt myſterium.* Sendo pois o myſterio taõ

deco-

decoroſo ao amor, razaõ he, que a hum Evangelho todo de amores, correſponda hum Sermaõ todo de myſterios. Tres myſterios ſe offerecem à noſſa conſideraçaõ, hum myſterio de finezas, hum myſterio de aggravos, & hum myſterio de aggravos juntamente, & de finezas. Chriſto, lançado aos pés de Pedro, he myſterioſo nas finezas, porque as equivoca em aggravos. Chriſto derrubado aos pés de Judas, he myſterioſo nos aggravos, porque os eſmalta com finezas. E disfarçado no Sacramento, he myſterioſo nas finezas juntamente, & nos aggravos; porque o Sacramento he o ſepulcro de todos os aggravos, & o Eclipſe de todas as finezas. Vamos declarando eſtes myſterios do Amor com os auxilios da Graça. *Ave Maria.*

## I. PARTE.

127. *Scitis, quid fecerim vobis? id eſt myſterium.* Finezas equivocadas em aggravos, ſaõ o primeiro myſterio, com que neſte dia ſe disfarçaõ as heroicas emprezas do Amor. Lançado o Senhor aos pés de Pedro para os lavar, toma Pedro as finezas por armas, & a humildade por eſcudo, reſiſtindo com affectuoſa reſoluçaõ a eſte prodigioſo abatimento do ſeu Deus: *Non lavabis mihi pedes.* Mas fica o Senhor taõ aggravado deſta obſtinada fineza de Pedro, que com ineſperado rigor chega ao ameaçar com a privaçaõ da ſua Graça: *Si non lavero te, non habebis partem mecum.* Que eſcuro me parece o myſterio deſta amoroſa competencia? Sempre recebéo Deus em ſua graça, os que com reverentes obſequios ſe lhe humilhaõ, & agora, que Pedro com obſequioſa reverencia, ſe humilha ao Senhor, determina o Senhor de o lançar da ſua Graça: *Non habebis partem mecum.* Que implicaçoens ſaõ eſtas, meu Deus? E com que juſtiça pretendeis caſtigar o exercicio de huma virtude, que o voſſo exemplo canoniza? E tu Pedro, que

*Ioan. cap. 13. verſ. 6.*

*Ibid. verſ. 8.*

*Deus ſuperbis reſiſtit, humilibus autem dat gratiam. 1 Petri cap. 5. verſ. 5.*

partido tomarás neſta taõ perigoſa contenda? Que ſe te naõ humilhas, offendes o reſpeito, que deves ao Senhor. E ſe te queres humilhar, provocas a ſua juſtiça: *Non habebis partem mecum.* Para a declaraçaõ deſte Myſterio, digo que o Amor mais fino, naõ he ſempre o mais acertado, porque as finezas, tal vez ſaõ aggravos, & os primores, affrontas; a opportunidade do tempo, he a chave de todos os acertos.

128. Por iſſo tributáraõ as adoraçoens à Occaſiaõ, reconhecendoa como Deoſa, a quem deviaõ todas as ſuas venturas. He a occaſiaõ como a luz, com ella tudo avulta, & ſem ella, nada parece. Na arte da Medicina, o remedio, que dado a ſeu tempo, he antidoto, que ſara; dado fóra de tempo, he veneno, que mata. E na Arte de amar, huma meſma acçaõ póde ſer fineza, & afronta; fineza quando a pede o tempo, & quando naõ, affronta. Aquellas lagrimas ſentidas, que a Madalena derramou ás portas da Sepultura do Senhor, eraõ partos da fineza, com que eſta ſaudoſa amante chorava as auzencias da prenda mais querida da ſua affeiçaõ; porèm eſtas meſmas lagrimas, que na Madalena eraõ finezas, eraõ affrontas para o Senhor; porque repreſentavaõ ao Senhor morto, quando já eſtava reſuſcitado. Eraõ as lagrimas da Madalena, como as agoas, que inundaõ os baxos de hum valle; porque corriaõ para a concavidade de hum ſepulchro, quando convinha que foſſem lagrimas de alegria, que ſe remontaſſem ao Empireo, imitando as agoas das fontes, que artificioſamente ſobem para o Ceo: & por iſſo reprovou o Senhor eſte pranto intempeſtivo, como deſdouro da ſua Gloria, deſluſtre do ſeu triumpho, & affronta da ſua reſurreiçaõ: *Multer, quid ploras?* Naõ de outra ſorte, as humiliaçoens de Pedro, ſaõ finezas de hum coraçaõ obſequioſo, mas ſaõ finezas fóra de tempo, que

*Ioan. cap. 20 verſ. 13.*

que ſuſpendem os progreſſos da gloria de Chriſto, & martirizaõ o ſeu amor. Ponderemos eſtes dous aggravos, com que Pedro innocentemente criminoſo, reſiſte à execuçaõ dos divinos intentos.

129. Em primeiro lugar, eſta repugnancia, com que Pedro ſe oppoem à humildade de Chriſto, he contraria à gloria da Divindade humanada; porque as inſignias de Deus homem, ſaõ os abatimentos. E ſe na Ley antiga, o brazaõ da Divindade, era a ſoberania; & a magnificencia; na Ley Evangelica, tomou Deus por timbre da ſua grandeza, a ſummiſſaõ de huma profunda humildade. E he iſto tanto aſſim, que duvidando o Demonio, ſe Chriſto era Deus, buſcou nos abatimentos a prova da ſua Divindade. Levou o Demonio ao Senhor ſobre o pinnaculo do Templo, & no meſmo tempo lhe pedio, que em demonſtraçaõ de q̃ era Deus, ſe lançaſſe por terra: *Si Filius Dei es, mitte te deorſum.* *Matth. 4. verſ. 6.*

Que pouco ſagaz ſe moſtrou o Demonio na inveſtigaçaõ deſta verdade: Se es Filho de Deus, lançate por terra. Naõ era melhor dizer: Se es Filho de Deus, ſobe à mais ſublime Regiaõ do Ar, levantate ſobre o convexo do Firmamento, humilhemſe os orbes à mageſtoſa impreſſaõ das tuas piſadas, & debaxo dos teus imperioſos veſtigios, tremaõ reverentes as Eſferas. *Convenientiùs dixerit* (repára S. Pedro Chryſologo) *Si Filius Dei es, aſcende in Cælum.* Oh! que bem fundado eſtá o argumento, com que o Demonio ſe quer aſſegurar, de que Chriſto, he Filho de Deus! Procura de lhe perſuadir, que ſe lance por terra, & em certo modo o aconſelha, a que deſpreze a eminencia do lugar, em que eſtá; porque a verdadeira prova da Divindade humanada, he a humiliaçaõ, & o abatimento: *Ab humili deſcenſu, Divinitatis indicia explorare ambit.* Deus no Zenith da ſua gloria, he como o Sol no auge do meio dia: chegado *S. Pet. Chryſolog. ſerm. 83.*

o Sol a o ponto do meio dia, naõ pôde ſobir mais daquelle ponto; mas he preciſo que deſça para ſobir, buſcando nos abatimentos do ſeu occaſo, os principios de huma nova exaltaçaõ. Tambem na eſfera da ſua grandeza naõ pôde Deus ſobir de hum ſô ponto, porque he infinita a altura das ſuas ſoberanas excellencias: ſô Deus humilhado, ſô Deus abatido, he capaz para ſobir. E ſe na Eſcritura Chriſto ſe compara com a agoa: *Sicut aqua effuſus ſum*: he porque a agoa tanto ſobe, quanto deſce: & neſte dia quanto ſe abate o Senhor miniſtrando as agoas do lavatorio, tanto ſe exalta a ſua gloria nos Theatros do Empyreo. Suppoſta pois a gloria, que deſte abatimento reſulta ao Senhor, que outra couſa ſaõ as finezas de Pedro, que motivos de aggravo? Que intempeſtivos que ſaõ os teus primores, & que criminoſas as tuas cortezanias, ô inconſiderado Apoſtolo. Embargas a gloria do Senhor, quando te opoens à ſua humiliaçaõ, & com eſta meſma fineza, com que eſtorvas os augmentos da gloria de Deus, martirizas o ſeu amor.

*Pſalm. 21. verſ. 15.*

130. Hum dos mais rigoroſos tormentos, a que eſtá ſogeito o amor, he a dilaçaõ de hum bem eſperado, cada inſtante he hum verdugo, que augmentando a impaciencia, acreſcenta o martirio, & na imaginaçaõ de quem ama, he menos para ſe ſentir a ruina de hum mundo, que a tirania de hum dezejo. Suſpiravaõ os antigos Patriarcas pela vinda do Meſſias, & vendo que tantos, & taõ ardentes ſuſpiros naõ o moviaõ a apreſſar ſua vinda, impacientes já de ſaudoſos, romperaõ neſte terrivel encarecimento: *Utinam dirumperes Cœlos, & deſcenderes.* Oh Senhor acabai já de dar ſatisfaçaõ ás noſſas eſperanças, & naõ reſerveis para tempos mais dilatados a execuçaõ das voſſas promeſſas. Deſcei à terra. E ſe para iſſo for neceſſario, romper os Ceos, & deſpedaçar as Eſferas, rompei eſſes

*Iſaiæ cap. 64. verſ. 1.*

esses Ceos, crueis obstaculos da nossa gloria, & despedaçai essas Esferas, fataes estorvos da nossa felicidade: *Utinam dirumperes Cœlos, & descenderes.* Mas se os Ceos se romperem, & se se despedaçarem as Esferas, em que estado ficará o mundo? Claro está, que tudo no mundo serão estragos, tudo mortes, & tudo mortalhas. Pois não receaõ os Patriarcas estes formidaveis desconcertos da natureza? Naõ, diz Hugo Cardeal: porque estaõ padecendo os martirios do dezejo, com que anhelaõ a Encarnaçaõ do Verbo. E a hum coraçaõ impaciente pelo bem a que aspira, maiores penas causa a ancia de hum dezejo, que a ruina de hum mundo; pereça o mundo, & satisfaçase o dezejo: que em naõ ficando o dezejo satisfeito, naõ póde haver satisfaçaõ no mundo: *Ardebant enim Sancti Patres in amore venturi, ita ut dicerent: Utinam dirumperes Cœlos, & descenderes.* Com sagradas impaciencias anhelava o Senhor o sacrificio da Cruz, & como já se chegava a hora, em que havia de morrer: *Venit hora ejus:* esperava por instantes esta ultima hora, glorioso remate de todas as horas de sua vida; mas foi Pedro taõ deshumano nos seus obsequios, & taõ cruel nas suas finezas, que sem attender à pressa, com que Christo se hia encaminhando para o Calvario, começou de o deter no Cenaculo, perpetuando sumissoens, & eternizando rendimentos: *Non lavabis mihi pedes in æternum.*

*Hug. Card. 13. Isaiæ.*

*Ioan. cap. 13.*

*Ioan. cap. 13. vers. 6.*

131. Naõ há duvida, que nesta amorosa contenda, dezejou Pedro de eternizar a sua fineza, mas no mesmo tempo procurou com involuntaria impiedade, de eternizar a pena de seu Divino Mestre. E que mayor martirio podia Pedro causar ao Senhor, que suspender com huma eternidade de resistencias, o dezejo, que o Senhor tinha de morrer, quando o mesmo Senhor julgou excessiva dilaçaõ para o logro deste dezejo a breve duraçaõ de

de hum inſtante. Aos falſos teſtemunhos dos Judéos, naõ quiz Chriſto reſponder huma ſô palavra: *Non reſpondit ei ad ullum verbum.* Sabeis porque? Porque hia Chriſto a morrer, & naõ reſpondéo huma ſô palavra, para ſe naõ deter por hum ſô inſtante, naõ ſe compadecendo a vehemencia do ſeu dezejo, com eſta breve, mas inſofrivel dilaçaõ. *Non reſpondit ei ad ullum verbum* (diz o Lyrano) *Ne utilitas crucis differretur.* No Cenaculo eſtava Chriſto morrendo com o dezejo de morrer, & aſſaz o manifeſta a inſtituiçaõ do Sacramento, em que o Amor anticipadamente faz o officio da morte. Logo deſiſta Pedro dos ſeus injurioſos acatamentos, acabe já de entregar os pés ao Senhor, para que o Senhor ſe vá entregar nas maõs dos Judéos. Aparelheſe para o lavatorio da agoa, para que ſe dé principio ao lavatorio do Sangue: que ſe Pedro pretende eternizar eſta affrontoſa fineza, eternizará o Amor a ſua inocente vingança: *Non lavabis mihi pedes in æternum. Si non lavero te, non habebis partem mecum.* Eſta he a declaraçaõ do primeiro myſterio, com que o Amor equivocou as finezas de Pedro, em aggravos. Vejamos agora, como na peſſoa de Judas, o Amor eſmalta os aggravos com finezas. Eſta he a ſegunda Parte, & o ſegundo myſterio: *Scitis, quid fecerim vobis? id eſt myſterium.*

*Matth. 27. verſ. 14.*

*Gloſ. Lyran. in hunc locum.*

## II. PARTE.

132 Na opiniaõ dos Padres, foi Judas o Diſcipulo, por quem Chriſto fez no Cenaculo mayores finezas. Primeiramente tem para ſi Teophilacto, & S. Joaõ Chryſoſtomo, que foi Judas o primeiro, a quem Chriſto lavou os pés. Com eſtas inſtaveis columnas, ſe abraçou o Senhor, qual ſegundo Samſaõ, para derrubar o Templo da impiedade. E ſe em duas columnas poz Hercules o *non plus ultra* aos voos da fama, por eſtas duas columnas, deu

o Amor

o Amor principio aos extremos da mayor fineza. Aos mais Apoſtolos lavou o Senhor os pés com agoa, a Judas lavou o Senhor os pés com mais lagrimas, que agoas, eſtando Judas no meyo dos precipicios, ſe derretéraõ nos pés de Judas os olhos de Chriſto, para lhe moſtrar os perigos. Se naõ quizermos dizer, que ſendo as lagrimas de Chriſto perolas de infinito valor, aos pés de Judas, que ſe deixavaõ levar da cobiça, lançou o Senhor com eſtas lagrimas, os theſouros dos ſeus olhos, para que lhe embargaſſem os paſſos. Em concluſaõ, com Judas meteo o Senhor a maõ no prato, ſabendo que havia de vir a dar nas maõs de Judas. E ſe o Evangeliſta reclinou a cabeça ſobre o peito de Chriſto, a eſte meſmo peito chegou o Senhor os pés de Judas para os enxugar. Eſtupendo acontecimento! Naquelle meſmo intervallo de tempo, eſtava Judas com os pés no Ceo, & com o coraçaõ no Inferno. Eſtavaõ os pés de Judas no Ceo, porque deſcançavaõ no peito de Chriſto; & eſtava o ſeu coraçaõ no Inferno, porque já eſtava entregue ao Demonio: *Cum Diabolus jam miſiſſet in cor.* *Ioan. cap. 18. verſ. 2.*

133. Mas todas eſtas finezas do Senhor para com Judas, ſaõ myſterios do amor. E para a intelligencia deſta verdade, digo que há dous modos de amar, amar com razaõ, & amar com myſterio; quem ama com razaõ, conhece o merecimento da peſſoa amada; pelo contrario: quem ama com myſterio, naõ repara no merecimento, mas antes conſidera o merecimento, como affronta do Amor. Porque amar a quem o merece, he mais obrigaçaõ, que amor. E fallando ao modo humano, para o Amor divino luzir com toda a ſua gloria, he preciſo, que naõ appareça o menor veſtigio do noſſo merecimento. Chorava a Santa Madalena, & no meſmo tempo, que vertia as lagrimas, as enxugava: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus,* *Lucæ cap. 7. verſ. 38.*

*ejus, & capillis capitis tergebat.* Mas que motivo tendes, ô discreta amante, para enxugares as lagrimas, que derramais, & porque naõ deixais aos pés de Christo essas lagrimas, suaves tributos da vossa dor, doces frutos da vossa penitencia, & glorioſos trofeos da vossa conversaõ? Oh que sollicita se mostra a Madalena, dos luzimentos do Amor Divino. Estas lagrimas da Madalena, eraõ indicios do seu merecimento, merecia, porque chorava, merecia que Christo a encheſſe do seu Amor, porque chorava os empregos da sua affeiçaõ no mundo: sendo pois cada huma destas lagrimas, huma eloquente oradora dos merecimentos da Madalena, enxuga a Madalena as lagrimas, no mesmo tempo que as derrama; para que naõ fiquem diante dos olhos de Christo, os sinaes do seu merecimento. Que os merecimentos da pessoa amada, saõ apparentes desluzimentos da gloria, de quem ama: *Meritum est quodammodo tacitum beneficij dehonestamentum.*

134. Vio S. Joaõ as Almas dos Martyres escondidas debaxo de hum altar: *Vidi sub altari animas interfectorum.* Notavel visaõ! Os Martyres, Astros da Igreja, Columnas da Fé, Espelhos da Constancia, Rayos da Gentilidade, Atlantes do Evangelho, & Luminarias do Mundo, debaxo de hum Altar! Rompei Soes da Christandade o duro embaraço destas sotterraneas sombras, & postos sobre o Altar, ostentai os trofeos do vosso merecimento, mostrai as cadeas, que vos prendéraõ, & as setas, que vôs trespassaraõ o peito, descobrí as vossas feridas, purpureos esmaltes da vossa innocencia, mostrai os Idolos, que despedaçastes pela inteireza da verdade, os Templos que abrazastes com o ardor do vosso zelo, mais que com os incendios do fogo, & naõ escondais debaxo do Altar, as palmas, & as coroas, que alcançastes para ornato dos Altares. Oh! naõ

*Apocalyps cap. 9. vers. 9.*

naõ conſentem os ciumes do Amor Divino neſtas publicas demonſtraçoens de merecimento. Debaxo do Altar ficaõ as Almas dos Martyres, diz Santo Aguſtinho, porque ſobre o Altar ſe conſagra o Corpo de Chriſto; o maior beneficio do Amor Divino, he o Corpo de Chriſto no Sacramento, & como o Altar he o theatro, em que ſe repreſentaõ as grandezas deſte beneficio, debaxo deſte Theatro ſe eſcondem as Almas dos Martyres, embargando neſte eſcuro hoſpicio, a repreſentaçaõ das façanhas, que obráraõ: que para mayor gloria do Amor Divino, he preciſo fiquem todos os merecimentos encubertos, quando eſte Divino Amor faz pompa dos ſeus beneficios. Santo Aguſtinho: *Rectè ſub altari, animæ juſtorum deliteſcunt, quia ſuper altare Corpus Domini conſecratur.*

*Auguſt. Serm. 11. de Sanctis.*

135. Suppoſta eſta verdade, poſſo dizer, que a deteſtavel perfidia de Judas, deu, a peſar do Inferno, maior luſtre aos troſeos do Amor Divino, que os maiores merecimentos de todos os Apoſtolos: no nada dos merecimentos ſe eſtriba toda a gloria do Amor, aſſim como no nada das criaturas ſe funda toda a gloria da omnipotencia: & aſſim amou Chriſto a Judas com todo o luzimento da ſua fineza, porque naõ houve em Judas ſombra do menor merecimento; mas antes vivia o infame apoſtata debaxo da infernal ſombra dos mais execrandos delitos: demaneira que o Amor de Chriſto para com Judas, he hum miſterio do meſmo Amor, que naõ achando razoens para motivos da benevolencia, faz da meſma ſemrazaõ, a razaõ dos ſeus deſvelos. Oh admiravel miſterio! Buſcaõ as ternuras do Amor, o ſeu centro nas durezas de hum penhaſco, conſtitue o Amor a eſfera das ſuas lavaredas, nos impenetraveis rigores de hũ coraçaõ congelado, apura o Amor as ſuas luzes na eſcuridade de huma nuvem, que reverbera eclipſes, toma o amor

por

por alvo dos seus tiros, o mesmo metal, que rebate as suas setas, & os excessos dos maiores aggravos, saõ os incentivos das maiores finezas.

136. Hum dos maiores excessos de Judas, foi o vender o Senhor aos Judéos, porque com esta ignominiosa venda, foi Judas causa, que os homens comprassem o Sangue, que Christo lhes queria dar de graça: & o comprar huma graça, que o Amor quer voluntariamente conceder, he huma das maiores injurias, que se podem fazer ao Amor; porque he tirar ao Amor a gloria de chamar sua, aquella mesma graça, que faz. Eis aqui a prova. O Sangue, que Christo nos deu no Sacramento, he o mesmo que o Sangue que nos deu na Cruz, porque hum, & outro, he Sangue de Christo; porèm acho na Escritura, que Christo naõ chama seu ao Sangue da Cruz, & pelo contrario chama seu ao Sangue do Sacramento. Por boca do Profeta Isaias, diz Christo, que sobre as suas vestiduras se derramára o Sangue dos homens: *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea.* Isaiæ cap. 63. vers. 3. Mas se o Sangue, que banhou estas sagradas vestiduras, naõ he outro mais que o Sangue de Christo, porque razaõ lhe chama Christo, Sangue dos homens? *Sanguis eorum.* E que motivo tem para se naõ apropriar o Sangue da Cruz, assim como se apropriou o Sangue do Sacramento: *Bibite ex hoc omnes, hic est enim Sanguis meus?* Matth. cap. 26. vers. 28. Direi, o Sangue da Cruz, & o Sangue do Sacramento, todo he Sangue de Christo; com esta differença, que o Sangue do Sacramento, foi dado primeiro q̃ os homens o comprassem, & por isso chama o Senhor seu o Sangue do Sacramento: *Sanguis meus:* & naõ chama seu ao Sangue da Cruz, mas Sangue alheio: *Sanguis eorum.* Porque quando os Judéos o comprárao, acquirírao huã especie de jurisdiçaõ neste Divino Sangue. Este pois he hum dos maiores aggravos,

vos, que Iudas podia fazer ao Senhor: porque como agudamente reparou S. Pedro Chryſologo, procurou Judas de desluzir a liberalidade do Amor Divino, vendendo aos Judéos o theſouro, que Chriſto lhes queria dar de graça: *Ipſum ſanguinem taxavit pretio, quem ſponte Dominus erat noſtrum largiturus in pretium.*

*Chryſolog. ſerm. 25.*

137. Mas que ſollicito foi o Amor Divino dos creditos da ſua gloria. Previo o amor os futuros opprobrios deſte ignominioſo contrato, & no Sacramento deu a Judas o Sangue de Chriſto, primeiro que Judas chegaſſe ao vender: *Bibite ex hoc omnes, hic eſt enim ſanguis meus.* Por onde myſterioſamente fallando, teve no peito de Judas o Sangue de Chriſto, huma eſpecie de gloria, que naõ teve no ſacrificio da Cruz; porque o Sangue, que Chriſto derramou na Cruz, era Sangue comprado: *Conſtituerunt ei triginta argenteos.* Mas ainda naõ padecéra eſte Divino Sangue os opprobrios da compra, quando entrou no peito de Judas. Na Cruz deu Chriſto hum Sangue, que naõ parecia com toda a propriedade ſeu; porque em certo modo pertencia (aindaque injuſtamente) aos Judéos, que o compráraõ: *Sanguis eorum*; mas no Sacramento deu Chriſto a Judas hum Sangue, que era ſeu com toda a propriedade: *Sanguis meus.* E eſta he a declaraçaõ do ſegundo Myſterio, em que temos viſto na peſſoa de Judas, os aggravos eſmaltados com finezas. Reſta que vejamos, como o Sacramento, que Chriſto inſtitue, he o ſepulcro de todos os aggravos, & o eclipſe de todas as finezas. E eſta he a terceira, & o terceiro Myſterio, que o amor nos propoem neſta glorioſa recordaçaõ dos ſeus triunfos. *Scitis quid fecerim vobis? Id eſt myſterium.*

*Matth. cap. 26. verſ. 15.*

## III. PARTE.

138. Chamo ao Sacramento do Altar, Eclipſe das

das finezas, & ſepulcro dos aggravos, porque debaxo da ſagrada ſombra dos accidentes Euchariſticos, myſterioſamente ſe occultaõ as finezas do amor, & os aggravos da Paixaõ. He axioma politico, que naõ ſabe reynar, quem naõ ſabe diſſimular. Na obſervancia deſte preceito conſiſte toda a politica do Imperio do Amor; porque quem naõ ſabe diſſimular, naõ ſabe amar; diſſimule o Amor as finezas, que obra, & juntamente diſſimule os aggravos, que recebe. Em primeiro lugar, deve o Amor encobrir as finezas, que obra; porque a fineza, que ſe encobre, illuſtra a meſma fineza, que fogindo ás publicidades, moſtra que naõ eſpera por correſpondencias, & roubandoſe à viſta, ſe acredita na eſtimaçaõ. Nos Actos dos Apoſtolos, eſcreve S. Lucas, que S. Pedro curava os enfermos com a ſombra: & he opiniaõ dos Padres, que neſtes milagres de S. Pedro ſe cumprio a palavra do Senhor, quando prophetizou a ſeus Diſcipulos, que obrariaõ maiores prodigios que os ſeus: *Qui credit in me, & maiora horum faciet.* Porque os milagres do Senhor eſtavaõ patentes a todo o mundo, mas Pedro occultava com a ſombra os prodigios, que obrava. No meſmo tempo, que S. Pedro dava a hum cego a viſta, cobrialhe os olhos com a ſombra, para que naõ viſſe a fonte de donde lhe vinha a luz; & quando dava a hum enfermo a ſaude, o amortalhava com a propria ſombra, para que naõ chegaſſe a ver o author do beneficio que recebera. *Petrus umbrâ corporis inviſibiliter curabat infirmos:* diz ao meu intento o veneravel Beda. Aſſim aſſombrou S. Pedro ao mundo com a prodigioſa eſcuridade da ſua ſombra, quanto mais eſcondido aos olhos dos enfermos, mais eſclarecido na communicaçaõ dos beneficios: & neſte particular leváraõ ôs milagres de Pedro ventagem aos milagres de Chriſto, porque os milagres de Chriſto manife-

Ioan. cap. 14. verſ. 12.

ſtavaõ

ſtavaõ o ſeu author com a claridade com que ſe obravaõ: & os milagres de S. Pedro eſcondiaõ o bemfeitor com a ſombra do corpo, paraque mais realçaſſe o beneficio. Dionyſio Cartuſiano: *Qui credit in me maiora horum faciet. Chriſtus enim non evidenter legitur umbrâ ſuâ curaſſe infirmos.*

139. Neſte dia conſagrado aos luzimentos do amor, illuſtra o Senhor as ſuas finezas com ſombras, porque na inſtituiçaõ do Sacramento, diſfarça com a ſombra do paõ, o ſeu Corpo, occulta com a ſombra do vinho, o ſeu Sangue, & com o ſagrado vêo deſtas ſombras, acreſcenta a luz aos beneficios, que communica: que ſó realçaõ as luzes do amor, quando ſe occultaõ. Diz o Santo Job, que Deus eſconde nas ſuas maõs a luz: *In manibus abſcondit lucem.* Mas ſe a luz ſahio das maõs de Deus no primeiro dia da criaçaõ, com que razaõ diz Job, que Deus eſconde nas ſuas maõs, a luz: *In manibus abſcondit lucem.* Duas vezes (ſe bem advertirdes) eſteve a luz nas maõs de Deus; huma no principio do mundo, quando Deus a criou: *Dixit Deus, fiat lux:* & outra na inſtituiçaõ do Sacramento: porque no Paõ Sacramentado, que hoje Chriſto toma nas maõs, eſtá o meſmo Chriſto, que he a luz do mundo: *Ego ſum lux mundi.* Hora vede a differença de huma luz à outra. Na criaçaõ do mundo ſahio a luz das maõs de Deus com toda a pompa dos ſeus reſplandores; porque na criaçaõ, Deus obrou com oſtentaçoens de poderoſo: & naõ realçaõ os eſforços do poder, ſe naõ ſe manifeſtaõ; mas na inſtituiçaõ do Sacramento, ſe eſconde a luz debaxo da ſombra dos Accidentes, porque no Sacramento obra o Senhor com demonſtraçoens de amante; & ſó ſe publicaõ as finezas do amor, quando ſe diſſimulaõ: *Accepit panem in manus ſuas. In manibus abſcondit lucem.*

140. Mas ſe he proprio do amor diſſimular as finezas,

*Iob. cap. 36. verſ. 32.*

*Geneſ. cap. 1. verſ. 3.*

*Ioan. 8. verſ. 12.*

zas, que obra; tambem he obrigaçaõ do amor, dissimular os aggravos, que recebe. Morreo o Senhor no madeiro da Cruz, & com as trevas de huma profunda noite, se cobrio a terra: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* Muitas razoens daõ os Expositores deste funebre acontecimento. Tambem quero dar a minha. Na Cruz estava o Senhor com os pés, & as maõs encravadas, & com o Corpo todo disfigurado com chagas, & por naõ parecer que deitava aos verdugos estes sanguinolentos aggravos no rosto, occultou-os com a sombra de huma improvisa escuridade. Para a execuçaõ do delito assistíraõ as luzes, mas para encobrir a enormidade do delito cometido, acudíraõ as sombras: que como Christo amava os homens, aindaque authores da sua morte, quiz que o dia se trocasse em noite, para que se naõ pudessem ver os desatinos da humana barbaridade nos estragos do seu Corpo crucificado: *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* Matth. cap. 27. vers. 45.

Matth. cap. 27. vers. 45.

141. O Sacramento da Eucharistia, he huma representaçaõ da morte, & Paixaõ de Christo: *Recolitur memoria passionis ejus.* Mas nesta mysteriosa representaçaõ, nàõ se vem os horrores da morte, nem os instrumentos da Paixaõ, & sô apparecem as sombras das especies Sacramentaes, sagrados disfarces da morte, & Paixaõ do Senhor. Diz Santo Thomás, que no Calix do Altar, se representa o Sepulcro de Christo, & na Patena do Calix, a pedra, que se poz sobre o Sepulcro: *Calix significat Sepulchrum Domini; Patena vero, lapidem Sepulchro superpositum.* Supposto isto, digo, que o Sacramento, he hum Sepulcro; mas que Sepulcro? O Sacramento he o Sepulcro da vingança, & juntamente o berço do amor; porque lá nasce o amor, aonde a vingança se sepulta. No Cenaculo, baixou o Espirito Santo, com lingoas de fogo, & cada lingoa parecia hum rayo, com

com que a Divina Justiça vinha a fulminar os peccados dos homens: *Cum venerit ille Spiritus veritatis, arguet mundum de peccato.* Naquelle tempo, foi o Cenaculo, huma especie de sepulcro, em que se enterraraõ os rayos do Ceo, representados naquellas lingoas de fogo; mas este mesmo sepulcro, foi o berço do Amor Divino na terra: & aonde a Divina Justiça enterrou as suas armas, lá fez o Amor Divino nascer as suas lavaredas. Escrevem os naturaes, que há rayos taõ beneficos, que produzem perolas nos lugares, em que daõ. No candido da perola, se significa a candidez do amor, & no fulminante do rayo, o furor da vingança: & se nascem as perolas no lugar, em que os rayos se sepultaõ, he porque lá nasce a perola do amor, aonde se sepulta o rayo da vingança. Nas maõs de Christo, tinha o Eterno Pay depositado as armas da sua justiça, & os rayos da sua vingança: porèm nessas mesmas maõs, nasce hoje a perola do amor, na Pessoa de Christo sacramentado: *Accepit panem in manus suas.* E essas divinas maõs se fizeraõ no mesmo tempo, sepultura da vingança, & berço do amor, sepultura da vingança no disfarce da Paixaõ, & berço do amor na instituiçaõ do Sacramento.

*Ioan. cap. 16. vers. 18.*

142. Nas tres partes do Sermaõ, temos admirado os tres mysterios do Amor Divino: *Scitis quid fecerim vobis? Id est mysterium.* O primeiro foi hum mysterio de finezas, equivocadas em aggravos. O segundo, foi hum mysterio de aggravos, esmaltados com finezas. E o terceiro foi hum mysterio de finezas, & de aggravos; de finezas dissimuladas, & de aggravos esquecidos. Resta, Fieis, que nos aproveitemos da consideraçaõ destes mysterios, convertendo as finezas em aggravos, esmaltando os aggravos com finezas, & dissimulando as finezas, & os aggravos. Converteremos as finezas em aggravos, julgando os prazeres da vida

por tormentos, as glorias do mundo por ignominias, & as lizonjas da vaidade por affrontas. Efmaltaremos os aggravos com finezas, ſofrendo as injurias com paciencia, vencendo os odios com amor, & triumfando da ingratidão com huma caritativa beneficencia. Finalmente diſſimularemos as finezas, cobrindo com o vêo da humildade os noſſos merecimentos, & ſepultaremos os aggravos, que continuamente fazemos a Deus, pondo nos braços de huma rigoroſa penitencia os noſſos peccados, & amando ao amantiſſimo Jeſus com todas as potencias da alma, com todos affectos do coraçaõ, & com todos os alentos do eſpiritu, lograremos neſte mundo, os bens da Graça, & no outro, os premios da Gloria: *Ad quam nos perducat, &c.*

# SERMAM DO MANDATO.

Prégado no Convento da Divina Providencia, no Anno de 1676. 2. de Abril.

---

*Cum dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Joan. 13.

143. HUma das principaes cauſas da criaçaõ do mundo, foi o Amor; deſde a eternidade eſtava Deus dentro em ſi meſmo logrando as delicias de huma inalteravel bemaventurança, & neſte glorioſo eſtado, naõ neceſſitava Deus da exiſtencia das criaturas para complemento da ſua felicidade: mas do meſmo modo, que o Mar, & os Rios tresbordaõ pela exceſſiva affluencia das ſuas agoas, aſſim na criaçaõ do Mundo, eſprayou em certo modo o mar das divinas grandezas, communicando Deus ao homem as enchentes do ſeu amor pelo meio das criaturas, eſpelhos da ſua perfeiçaõ, & retratos da

da ſua belleza : *Quæris*, eſcreve Platão, *quæ Deo faciendi mundi cauſa fuit? Bonitas, & Amor.* Eſta, a meu ver, he a razaõ, porque na hiſtoria da criaçaõ do Mundo, naõ celebra o ſagrado Choroniſta os prodigios do poder de Deus, & naõ publica as excellencias do ſeu ſaber, mas ſô manifeſta os triumphos do ſeu Amor, repreſentando na Peſſoa do Eſpiritu Santo ao Amor Divino no meio daquellas agoas, que foraõ como a primeira materia, com que depois foi formado, & organizado o Mundo: *Spiritus Dei ferebatur ſuper aquas.* Das tres Peſſoas Divinas, que ſendo iguaes na identidade da eſſencia, com igual authoridade preſidíraõ à criaçaõ do Mundo, ſô ſe nomea diſtinctamente a Peſſoa do Eſpiritu Santo, a que ſe appropria o attributo do Amor; porque ſuppoſto que o Mundo, he o Theatro da omnipotencia do Pay, & o eſpelho da ſabedoria do Filho, com eſpecial privilegio, he o Mundo a producçaõ, & o parto do Amor: & por iſſo no primeiro dia da criaçaõ, ſe repreſenta com ſingulares deſvelos a Peſſoa do Eſpiritu Santo influindo na formaçaõ do Mundo, & communicando com a ſua preſença, huma prodigioſa fecundidade ás agoas, para que dellas naſceſſem, os Ares, os peixes, as plantas, & os meſmos Ceos, como advirtio Santo Aguſtinho : *Aquis incubabat Spiritus Sanctus, eiſque vim prolificam indebat, ut reptilia, volatilia, piſces, & germina, imò Cœli omnes, ex aquis producerentur.*

*Geneſ. 1. v. 2.*

*Auguſtin. lib. de Geneſ. ad litteram cap. 7.*

144. Mas ſe o Mundo foi o parto do Amor Divino, quantas vezes foi eſte meſmo Mundo o alvo dos rigores da Divina Juſtiça? Quantas vezes ſe armou a juſtiça, para derrubar os trofeos, que no mundo levantára o Amor? Eſmaltou o Amor a terra com flores, & a juſtiça afogou as flores nas agoas do Diluvio. Repartio o Amor os rios em ſaudaveis correntes para a fertilidade da terra,

ra, & a justiça convertéo os rios em sangue para a esterilidade dos campos: serenou o Amor os Ares para a respiraçaõ dos que viviaõ, & a justiça ordenou, que contagiosas influencias inficionassem o Ar, para destruiçaõ dos viventes. Em conclusaõ, neste Mundo material dominaraõ com alternado Imperio, o Amor, & a Justiça, quando finalmente, o Amantissimo Jesus nas vesporas da sua Paixaõ determinou de formar no Cenaculo hum novo Mundo, em que sem competencias, & sem opposiçoens da justiça, só reynasse, & triumphasse o Amor: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Aqui parece faz o Evangelista mençaõ de dous differentes Amores; do Amor de Christo em quanto Deus na criaçaõ do Mundo material, & do Amor de Christo em quanto homem na formaçaõ de outro mundo mysterioso: com esta circunstancia porèm, que este ultimo Amor se aventaja ao primeiro, porque o Amor, que Deus mostrou aos homens na criaçaõ, & na conservaçaõ do Mundo material, sempre deu lugar à justiça, para que exercitasse os seus rigores, mas na formaçaõ deste novo Mundo, naõ admitte o Amor as asperezas da justiça, mas todo se emprega em afinar desvelos, & apurar finezas: *In finem dilexit eos. Finis enim est Christus* (diz Santo Agustinho) *finis perficiens, non interficiens.* Supposto isto, consideremos a harmoniosa symetria deste novo Mundo, que hoje Christo edifica sobre os alicerses do Amor.

*Augustin. in Ioan.*

*Ioan. 13.*

145. Quatro saõ os Elementos do Mundo material, a Terra, a Agoa, o Ar, & o Fogo. Com estes quatro Elementos fabrica hoje o Senhor hum novo mundo no Cenaculo. Nas maõs do Senhor enlodadas em os pés dos Apostolos, se significa o Elemento da Terra: nas agoas do Lavatorio, se vé o Elemento da Agoa: nas palavras, com que Christo consagra o Paõ Eucharistico, se representa o Ele-

o Elemento do Ar; porque com o Ar ſe formaõ as palavras: & nas chamas, que ardem no peito deſte amantiſſimo Senhor, ſe ſimboliza o Elemento do Fogo. Com ſoberana excellencia poſſuem os quatro Elementos deſte novo Mundo, as perfeiçoens dos Elementos do mundo material; porque ſe a Terra tudo em ſi encerra, ſe a Agoa tudo lava, & tudo comſigo leva, ſe o Ar tudo penetra, & ſe o Fogo tudo abraza; tudo em ſi encerra, tudo comſigo leva, tudo penetra, & tudo abraza o Amor de Chriſto no Cenaculo. Com os pés dos Apoſtolos, que haõ de correr o Mundo todo, tudo encerra em ſi o Amor: & eſta he a perfeiçaõ do primeiro Elemento, que he a Terra. Com as agoas do Lavatorio, tira o Senhor as manchas, & apaga a memoria dos aggravos: & eſta he a prerogativa do ſegundo Elemento, que he a Agoa. Com as palavras da conſagraçaõ, penetra o Amor no Paõ Euchariſtico, & com a preſença do Corpo de Chriſto enche o vacuo de huma ſubſtancia terrena: & eſta he a propriedade do terceiro Elemento, que he o Ar. Finalmente com as lavaredas, que ardem no coraçaõ do Senhor, abraza o Amor todos os coraçoens: & niſto ſe vê a actividade do quarto Elemento, que he o fogo. Vamos ponderando nas quatro partes do Sermaõ, as calidades deſtes quatro myſterioſos Elementos, de que ſe compoem o novo mundo, que hoje fabríca o Amor, victorioſo dos rigores, que a juſtiça exercitou no Imperio do mundo material. *Cum dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Ave Maria.

## I. PARTE.

146. O primeiro Elemento deſte novo mundo, he a terra, repreſentada nos pés dos Apoſtolos, com que hoje ſe abraça o Senhor, para com elles encerrar todo o Mundo na eſfera do ſeu Amor. A terra (ſe bem advertirdes) tudo em ſi encerra;

cerra; nos seus montes encerra os metaes; nas suas concavidades, os rios; nos seus prados, as flores; nos seus campos, as plantas; nas suas cavernas, os ventos; nos seus desertos, as feras; nas suas cabanas, os Pastores, & nos seus Palacios, os Monarcas. Naõ de outra sorte o Amor de Deus tudo em si encerra. *Amor divinus omnia continet:* escreve o Areopagíta. No dilatado giro da esfera do Amor Divino, se encerraõ todas as criaturas, as insensiveis, as vegetativas, as sensitivas, as irracionaes, as humanas, & as Angelicas: *Diligis omnia quæ sunt, & nihil odisti eorum, quæ fecisti.* Daqui se conhece a grande differença, que há entre o Amor Divino, & o humano. O realce do Amor Divino está em amar igualmente a todos (fallo do Amor affectivo, & naõ do effectivo) & isto basta para os Theologos. E a fineza do Amor humano consiste em naõ amar mais que a huma só pessoa. Na Arithmetica do Amor humano, naõ se conta mais que hum só numero; na sua Filosofia, hum só individuo; na sua imaginaçaõ, hum só retrato; na sua memoria, hum só cuidado; nas suas batalhas, huma só victoria; nas suas victorias, huma só conquista; nas suas conquistas, hum só trofeo; & nos seus trofeos, huma só coroa. Em conclusaõ, amar a hum só com excluisaõ de todos, he o que o mundo nesciamente chama amor: & pelo contrario, amar a todos sem excluir a nenhum, he o verdadeiro amar, porque he amar como Deus ama, & quem naõ ama como Deus nos ama a nós, naõ ama como discreto, ama como nescio. Na Escritura, acho que em dous lugares fallou S. Pedro como nescio, no Tabôr, & no Cenaculo. No Tabôr: *Nesciens quid diceret.* E no Cenaculo disse o Senhor a Pedro: *Quod ego facio, tu nescis modo.* Nestes dous lugares, fallou S. Pedro como nescio, porque como nescio amava. Primeiramente, no Tabôr solicitou

*Dionys. Areopag. cap. 4.*

*Sapient. 11. vers. 25.*

*Intensio, & remissio est proprie naturæ mutabilis, quæ non potest Deo competere: & ideò Deus omnia uno simplici actu, &*

*affectu diligit, ex parte effectus potest esse in Deo maior amor respectu boni, quod quis vult alteri.* Ex Pan Theolog. tom 1. pag. 143.

*Lucæ cap. 9. vers. 33.*

teu o amor de Pedro a gloria de huns, sem fazer menção dos outros. Lembrouse dos Profetas, & naõ teve lembrança dos Apostolos. Dezejou S.Pedro de levantar a Moyses, & a Elias hum trono, para que lograssem de assento a gloria do Senhor naquelle monte: *Matth. cap. 17. vers. 4.* *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, & Eliæ unum.* E para os dous Apostolos, Diogo, & Joaõ, que gloria procurou S. Pedro? Nenhuma. Tudo queria para os Prophetas, & nada para os Apostolos. Este amor pois de Pedro, que solicitava a gloria de huns com excluſaõ dos outros, foi julgado por nescio: *Abulens. in Matth. 17. qu. 72.* *Nescíens quid diceret.* O Abulense: *Erravit Petrus qui ab hac societate fælicitatis, cæteros Discipulos excludebat.*

147. Semelhante desacerto a este do Tabôr, cometeo S. Pedro no Cenaculo; porque querendo o Senhor lavar os pés a todos os Apostolos, pretendéo Pedro de se excluir do numero, naõ reparando, que com esta criminosa exceiçaõ, offendia o amor do Senhor, limitando a esfera das suas finezas, & procurando que naõ chegasse a todos a circumferencia daquelles desvelos, que para todos se dilatava: *Non lavabis mihi pedes.* Mas que gloriosamente triumphou o Amor de Christo das injustas pretençoens de Pedro, no Tabôr, & no Cenaculo. No Tabôr apparecéo huma nuvem, que cobrindo os Apostolos juntamente, & os Profetas, poz huns, & outros debaxo de hum luminoso docel, & ajuntou na companhia dos Bemaventurados, aquelles mesmos, que S. Pedro excluira da participaçaõ da bemaventurança: *Ecce nubes lucida obumbravit eos: id est, circumdedit, & complexu suo cinxit eos, scilicet, Christum, Moysem, & Eliam, & Apostolos.* *Ioan. cap. 13.* *Abulens. in Matth. 17.* Tambem no Cenaculo huma nuvem branca, a saber a toalha, com que o Senhor estava cingido, recolhéo todos os Apostolos debaxo da luminosa sombra do Amor Divino, que

hum

hum limitado amor como o dos homens, se offerece a huns, & aos outros se nega; mas hum amor infinito como o de Deus abrange a todos sem excluir a nenhum. He a Esfera do Amor humano como as esferas inferiores, em que naõ assiste mais que hum sô Planeta. Na primeira Esfera, sô resplandece a Lua. Na segunda Esfera, sô assiste Mercurio: & assim ide discorrendo pelos Ceos dos sete Planetas: mas na esfera do firmamento todas as estrellas se encerraõ. Naõ há estrella no mundo, que naõ tenha seu lugar no firmamento. Do mesmo modo naõ há criatura no universo, que naõ logre no firmamento do Amor de Deus, o seu Asylo. Neste dia parecéo S. Pedro huma estrella errante, & desviada da Esfera dos divinos beneficios: *Non lavabis mihi pedes.* Mas prendéo o Senhor com a toalha, com que se cingio, esta fugitiva estrella, para que naõ faltasse este Astro no firmamento da sua fineza. E se no Zodiaco resplandecem os doze signos Celestes, com esta toalha, q̃ era o Zodiaco do Corpo do Senhor, se alimpáraõ os pés dos doze Apostolos: *Cæpit lavare pedes Discipulorum, & extergere linteo, quo erat præcinctus.* Mas vejamos mais particularmente a razaõ, que teve o Senhor para permittir, que neste dia S. Pedro se excluisse da participaçaõ das finezas, que com todos queria obrar o seu infinito Amor. O Amor, na minha opiniaõ, he hum Rey; o seu trono, he o coraçaõ; o seu sceptro, saõ as settas; os seus cortezaõs, os affectos; & a sua coroa as finezas. Este pois era o dia da coroaçaõ do Amor Divino, soberano Monarca dos coraçoens. E para o Monarca se mostrar digno do Diadema, com que se coroa, naõ há de consentir que algum dos subditos fique excluido da participaçaõ dos seus beneficios, mas antes há de procurar, que a todos igualmente se estenda a sua real munificencia. *Ioan. 13. vers. 5.*

148. A dous Reys deu o Pro-

o Propheta Samuel a coroa, a Saúl, & a David; com esta differença, que Saúl foi coroado na parte mais remota da Cidade: *In extrema parte Civitatis.* E pelo contrario, foi David ungido Rey no meio dos seus vassalos: *Tulit ergo Samuel cornu olei, & unxit eum in medio fratrum ejus.* Foi a diversidade destes coraçoens, o presagio da differença destes dous Monarcas; tomou Saúl posse do Reyno em hum lugar despovoado; porque poucas haviaõ de ser as graças, que havia de conceder no seo Reynado. Foi coroado de parte: *In extrema parte Civitatis:* porque ha via de ser parcial nos seus favores; a limitada pompa da sua coroaçaõ, foi o prognostico da esterilidade da sua beneficencia: & porque havia de reynar sò para si, & naõ para todos os vassalos, lhe poz Samuel a coroa em hum lugar apartado, & solitario. S. Gregorio Papa: *Quid est quod solus a solo inungitur, nisi quia de culminis potestate per amorem privatum debebat intumescere?* Pelo contrario, foi David ungido Rey, no meio dos seus subditos; porque com todos havia de repartir os seus beneficios; que o Rey há de ser como o centro, na circumferencia dos seus estados, & como o coraçaõ, no corpo da sua monarquia, a todos se haõ de estender as linhas deste centro, & a todos se haõ de communicar os espiritus vitaes deste coraçaõ: *David in medio fratrum ungitur, ut tantæ unctionis fieri participes omnes possint.* Supposto pois que neste dia o Amor Divino subio ao trono da fineza, para se coroar Rey de todos os amores, era preciso, que se puzesse no meio dos Apostolos, para que a todos igualmente chegassem os impulsos da sua imperiosa actividade, o que conseguio o Senhor com taõ singular ventajem, que nenhum dos Apostolos se pode eximir das suas doces violencias, nem Pedro, por muito q̃ se afastasse por humilde, nem Judas, por muito q̃ estivesse distante, por criminoso.

1 Reg. 9. & 10. 1.

1 Reg. 16.

Idem ibid.

Gregor. in cap. 16. lib. 1. Reg.

149. No-

149. Notavel acontecimento! Estava Judas taõ distante do Senhor, como vai do Inferno ao Ceo. Porque o coraçaõ de Christo, he hum Ceo, em que assiste a Divindade: *In quo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* E o coraçaõ de Judas, era hum Inferno, em que habitava o Demonio: *Cum Diabolus misisset in cor.* Porèm ajuntou o Amor estes dous extremos com taõ estreita uniaõ, que o Inferno se veio, em certo modo, a incorporar com o Ceo; porque o Senhor poz no peito os pés de Judas para os enxugar: & por este modo unindose o Ceo com o Inferno, mostrou o Senhor, que estremado era o Amor, que chegava a unir extremos taõ distantes. Este foi o empenho do Amor de Deus, em quanto Rey, & este he o desempenho do mesmo Amor, emquanto Sacerdote. He o Amor de Deus hum Sacerdote; que tem por Altares, as Almas, por ministros, os desvelos, & os donativos, por sacrificios. A todos alcança o zelo deste Sacerdote Divino, porque he officio do Sacerdote fazer bem a todos. He opiniaõ dos Interpretes, que naquellas Romaãs, que o Summo Sacerdote trazia na extremidade das vestiduras Pontificaes, se significavaõ todos os Imperios do Mundo, & o confirma Salamaõ com estas palavras: *In veste poderis, & totus erat orbis terrarum.* Nesta mysteriosa representaçaõ de todo o Mundo nas vestiduras do Summo Sacerdote, se conhece o empenho, em que o Summo Sacerdote estava de offerecer rogativas a Deus por todo o Mundo: *Totum Mundum præ se ferebat, quasi pro omnibus rogaturus.* Nesta ultima Cea, Christo he o Summo Sacerdote, que instituе o Sacramento do Altar: *Tu es Sacerdos in æternum.* E se na opiniaõ de Justino, eraõ doze as Romaãs, que Araõ trazia na extremidade das suas Pontificaes vestiduras, tambem na extremidade das sagradas vestiduras do Senhor, vejo

2 Coloss. 9.

Sap. 18. n. 24.

Justin. in Tryphon. apud Saa ad Exod. 28.

vejo neſte dia doze Romaãs, em que todo o Mundo ſe ſignifica, & ſaõ os doze Apoſtolos; em que todas as partes do Mundo ſe repreſentaõ. Porque huns eſtaõ deſtinados para converterem a Aſia, outros para alumiarem a Europa, & outros para prégarem na Africa: *In omnem terram exivit ſonus eorum.* Por onde abraçandoſe o Senhor com os pés dos Apoſtolos, em que todo o Mundo ſe repreſenta, moſtra que a Esfera do ſeu Amor, tudo abraça, do meſmo modo que o Elemento da terra (como diſſe no principio deſte primeiro diſcurſo) tudo em ſi encerra. E eſta he a propriedade do primeiro Elemento. Vejamos neſta ſegunda parte as perfeiçoẽs do ſegundo Elemento, que he a agoa, de que hoje ſe val o Amor para a fabrica deſte novo Mundo: *Cum dilexiſſet ſuos, qui erant in Mundo, in finem dilexit eos.*

*Pſalm. 18. verſ. 5.*

## II. PARTE.

150. Tudo lava a agoa, & tudo comſigo leva, myſterioſo Jeroglifico do Amor, que leva todas as offenſas para o Rio do eſquecimento. No marmore eſculpe o odio as injurias, para que permaneçaõ na lembrança, & o Amor eſcreve os aggravos na agoa, para que naõ fiquem na memoria. No lodo, ſe figuraõ os peccados, porque contaminaõ a alma. E para o Senhor moſtrar, que o o Amor Divino faz gala de ſe eſquecer dos peccados dos homens, com as agoas do lavatorio, tira o lodo, em que ſe figuraõ os peccados dos Apoſtolos: *Cæpit lavare pedes Apoſtolorum.* O Alapide: *Chriſtus hac lotione pedum, expurgavit Petri, & Apoſtolorum peccata.* Com tres generos de agoa, moſtrou o Senhor o como eſtá empenhado o ſeu Amor em apagar a memoria das offenſas, que recebe; com as agoas do Diluvio, com as agoas do Jordaõ, & com as agoas do Cenaculo. Deſalagada a terra do Diluvio univerſal, diſſe Deus a Noé, que ſempre

*Alap. in Ioan. 13. p. 449.*

pre se lembraria da reconciliaçaõ, & da paz, que entaõ fizera com os homens: *Recordabor fœderis sempiterni.* E pois, diz Deus, que se há de lembrar da promessa, que faz de naõ castigar mais ao Mundo com o Diluvio: & naõ diz, que se lembrará das causas, que os homens lhe déraõ para dar ao Mundo este formidavel castigo? Naõ, que esta he huma das maiores excellencias do Amor Divino: lembrarse Deus dos beneficios, que promete, & dar mostras de que se naõ lembra dos aggravos, que recebéo. Aquellas mesmas agoas que inundára a terra, apagáraõ a memoria dos peccados do mundo, & empenháraõ em certo modo ao mesmo Deus, a que entregasse ao esquecimento os motivos de huma eterna vingança, para pôr todo o cuidado nas demonstraçoens de huma perpetua clemencia: *Recordabor fœderis sempiterni.*

*Genes. 9. 16.*

151. Por onde me atrevo a dizer, que o Amor mais esquecido, he o mais divino, o Amor mais esquecido das injurias, he o mais divino nas finezas: que sempre foi estilo do Amor Divino, naõ se querer lembrar dos maiores aggravos. Morreo o Senhor na Cruz, coroado com espinhos, com os pés, & as maõs encravadas, & depois de resuscitado apparecéo aos Discipulos, que caminhavaõ para Emaús, & praticando estes peregrinos sobre os tormentos, que Christo injustamente padecéra na Cidade de Jerusalem, fezse o Senhor de novas, como se ignorára o succesſo: *Non cognovisti, quæ facta sunt his diebus de Iesu Nazareno? Quibus ille dixit: Quæ?* Naõ sabeis, disse hum dos Discipulos, o que estes dias acontecéo a Jesus de Nazareth? E que lhe acontecéo? respondéo o Senhor: *Quibus ille dixit: Quæ?* Que he isto meu Jesu? Taõ depressa vos esqueceſtes, do que vos succedéo no Calvario? Naõ vos lembra, que os Judéos vos pregáraõ no madeiro da Cruz, em que opprimido com crueis tormentos,

*Lucæ cap. 24. vers. 18.*

mentos, & com ſacrilegas blasfemias afrontado acabaſtes a vida? Ah! Ficis, eſqueceſe o Senhor das offenſas, porque ama os que o offendem; affecta de parecer eſquecido, para ſe naõ moſtrar aggravado: que o Amor (como já diſſe) eſcreve os aggravos na agoa, para que naõ fiquem na lembrança de quem ama. E eſta parece ſer a razaõ, porque do coraçaõ de Chriſto treſpaſſado com o ferro da lança, ſahio juntamente ſangue, & agoa. He o coraçaõ o centro do Amor, & conſiderando o Amor, que haviaõ de ficar na terra, os ſinaes do ſangue, que o coraçaõ vertia, acudio com hum rio de agoa, para apagar lavando as purpuras deſte ſangue; corria a agoa ao meſmo paſſo, que o ſangue do coraçaõ, ſe hia derramando; porque nos coraçoens, que amaõ, deſapparecem os aggravos no meſmo tempo, que ſe recebem; tira a agoa as nodoas do ſangue, & o Amor tira a lembrança das offenſas.

152. No Rio Jordaõ, apparecéo o Amor Divino na Peſſoa do Eſpiritu Santo: & ſuppoſto que eſte Divino Amor deſcéo ſobre a cabeça do Senhor para o dar a conhecer ao Mundo, repáro na circunſtancia do tempo, em que eſte Divino Amor apparecéo: *Cum baptizaretur omnis populus, deſcendit Spiritus Sanctus.* Luc. cap. 3. n. 21. No tempo, em que nas agoas do Jordaõ, ſe ſomergiaõ os peccados dos que nelle ſe bautizavaõ, aſſiſtio o Amor Divino, preſidindo ás fugitivas correntes deſte Rio, que comſigo levava as memorias do peccado: taõ proprio he do Amor influir o eſquecimento dos aggravos. Que evidente me parece a prova deſta verdade nas agoas do Cenaculo, com que hoje lava o Senhor os pés de Judas. No lodo dos pés ſe ſignificaõ os peccados, que ſaõ o lodo da alma: *Sordes ejus in pedibus ejus.* Thren. cap. 1. verſ. 9. Eſtava Judas metido no lodo dos ſeus peccados, & com as agoas do lavatorio parece quiz o Senhor lavar as immundicias deſte lodo. Sabia

bia o Senhor, que neſta meſma noite Judas o havia de vender, & entregar aos Judéos, & para que naõ lhe ficaſſe diante dos olhos a imagem deſta futura treiçaõ, com anticipados deſvelos procurou de desfazer a repreſentaçaõ das affrontas, que havia de padecer. Que o Amor naõ ſô ſe há de eſquecer dos aggravos paſſados, mas tambem ſe há de oppôr à repreſentaçaõ dos futuros. No Horto de Gethſemani ſe repreſentáraõ à imaginaçaõ do Senhor todas as injurias, as ignominias, & as penas, que havia de padecer nas caſas dos Princepes da Sinagoga, nas ruas de Jeruſalem, & no Calvario: & no mais vivo deſta funeſta repreſentaçaõ, rompeo o Senhor neſtas miſterioſas palavras, a que deixando as varias expoſiçoens dos Eſcripturarios, dou eſta nova interpretaçaõ: *Tranſeat à me Calix iſte.* Parece quer dizer o Senhor: Tiraivos da minha imaginaçaõ, funebres idéas da Judaica perfidia, deſaparecei, triſtes fantaſmas das minhas dores, & naõ permaneçais na minha memoria, ſanguinolentas eſpecies dos tormentos, que me aparelha a cruel ingratidaõ dos homens. Afaſtaivos, cuidados importunos, retraivos, deſagradaveis penſamentos, eſtimulos da vingança, & eſcandalos do Amor: *Tranſeat à me Calix iſte.* Bem ſei o que hey de padecer, mas quero diſſimular o muito que ſei, para que ſe ſaiba o muito que amo. Naõ ſe me offereçaõ à imaginaçaõ eſtes anticipados retratos das minhas penas, & naõ ſe detenha o entendimento na conſideraçaõ dos aggravos; para que ſe empregue o Amor na continuaçaõ dos deſvelos: *Tranſeat à me Calix iſte.* Paſſe o Calix da Paixaõ, & corra eſte rio de amarguras com taõ precipitada velocidade, que me fuja dos olhos, & ſe me tire dos ſentidos: *Tranſeat à me Calix iſte.*

*Matth. cap. 26. verſ. 39.*

153. Pouco antes da Paixaõ, diz o Evangeliſta, que Chriſto paſſára a torrente de Cedron: *Egreſſus eſt trans torrentem Cedron.* *Ioann 18. 1.*

E o Propheta Rey comparou a Paixaõ do Senhor com huma torrente : *De torrente in via bibet.* De todas as agoas, que correm, as mais impetuoſas ſaõ as das torrentes. Deſpenhaõſe as torrentes para os valles; arrancando plantas, arraſtrando troncos, deſencovando cadaveres, arrebatando penedos, deſcortinando muros, arrazando edificios, & apagando todas as memorias das terras por onde paſſaõ. Naõ de outra ſorte paſſou o Senhor a torrente de Cedron, primeiro que ſe engolfaſſe na torrente da ſua Paixaõ, procurando em certo modo, que eſta torrente de tormentos lhe fogiſſe da imaginaçaõ, levando comſigo, os Eſpinhos, os Açoutes, a Columna, os Cravos, a Cruz, & a Lança, com todas aquellas funebres imagens, com que o medo, & o ſentimento andavaõ delineando o paynel das ſuas dores : *Tranſeat à me Calix iſte. Egreſſus eſt trans torrentem Cedron.* Aſſim ſe preveniо o Senhor contra a repreſentaçaõ dos futuros deſatinos da Judaica crueldade, que naõ ſó, he propriedade do Amor Divino, eſquecerſe dos aggravos, que padecéo, mas parece q̃ poem todo o ſeu cuidado em naõ cuidar nos aggravos, que há de padecer. E eſte he hum dos maiores empenhos do Amor Divino neſte dia, em que prevendo a deteſtavel aleivoſia de Judas, o admitte no numero dos Apoſtolos, & vertendo ſobre os ſeus pés as agoas da bacia, & as dos olhos, acreſcenta as agoas do Lavatorio, para que nellas ſe apaguem as memorias do peccado. O que parece confirma o Senhor, dizendo a Judas, que acabe ja de executar os ſeus danados intentos : *Quod facis, fac citiùs.* Naõ ordena, mas permitte o Senhor, que Judas acelere a execuçaõ da ſua diabolica perfidia, como ſe dezejára de ſe ver já vendido, & comprado, para naõ cuidar mais na injuſtiça deſta venda, & deſta compra : & pondo os pés do traidor na bacia, moſtrou de querer afogar a trei-

*Pſalm. 109. verſ. 7.*

*Ioan. 13. verſ. 27.*

treiçaõ, para que naõ apparecessem os vestigios da offensa: *Cæpit lavare pedes Discipulorum.* Mas se o Amor Divino se parece com o Elemento da Terra, que tudo encerra, como temos visto na primeira parte, & se he semelhante ao Elemento da Agoa, que tudo lava, & tudo leva, como acabamos de ver nesta segunda parte, tambem se pôde comparar com o Elemento do Ar, que tudo penetra. E este o terceiro Elemento, com que hoje o Amor continúa a fabrica deste novo mundo: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

*Ioan. 13.*

## III. PARTE.

154. Tudo penetra o Ar, & tudo enche, perpetuo restaurador dos vacuos da natureza. Para o Amor encher hum grande vacuo, que havia no mundo, se serve neste dia do Elemento do Ar, porque com o Ar se formaõ as palavras, & com as palavras da consagraçaõ: *Hoc est Corpus meum:* poem Christo o seu Divino Corpo debaxo dos accidentes Eucharisticos, para encher os coraçoens humanos, que antes da participaçaõ deste Divino Sacramento, estavaõ vazios, & faltos daquella Divina substancia, que sô he sufficiente para encher a sua immensa capacidade. Naquella celebre controversia, em que na presença de Filippe Rey de Macedonia, se ventilou huma questaõ, sobre o definir, qual depois de Deus era a maior cousa do mundo, varias foraõ as opinioens dos Filosofos. Huns differaõ, que a agoa parecia a maior cousa do mundo, pela immensidade dos mares, pela multidaõ das fontes, & pela inceſſavel affluencia dos rios. Outros foraõ de parecer, que naõ havia cousa maior que a luz do Sol, porque espalhandose pelos ares, & reverberando nas Estrellas, desde o concavo do firmamento até à superficie da terra, estende a vastidaõ do seu luminoso Imperio. Porèm sô foi aprovada a opiniaõ dos que

*Luc. cap. 22. vers. 19.*

differaõ, que o coraçaõ humano era a maior couſa do mundo. porque nenhuma couſa do mundo, he capaz para encher a interminavel medida dos ſeus dezejos. No coraçaõ humano, fazem os dezejos hum vacuo taõ eſpaçoſo, & dilatado, que aindaque Deus criára hum milhaõ de mundos, maiores que eſte, em que vivemos, naõ ficaríaõ os dezejos humanos ſatisfeitos com a poſſe deſtes mundos. Dá Santo Thomas a razaõ. Todos os mundos, que Deus pôde criar, naõ chegaríaõ a poſſuir mais que huma perfeiçaõ finita: mas o coraçaõ humano naturalmente appetece o logro de hum bem infinito: logo nenhuma criatura, por perfeita que ſeja, mas ſô Deus, que he infinitamente perfeito, he ſufficiente para ſatisfazer os dezejos, & encher os vacuos do coraçaõ humano. Manifeſtou Deus eſta verdade logo na criaçaõ do primeiro homem. Criou Deus o homem à ſua imagem: *Creavit Deus hominem ad imaginem ſuam.* Sendo pois o homem a imagem de Deus, toda a perfeiçaõ deſta imagem conſiſte em eſtar unida, & em certo modo identificada com o ſeu original. Faço huma comparaçaõ: Se o Sello em que eſtá figurada a imagem de hum Rey, ſe imprimir na cera, nenhum outro Sello poderá perfeitamente encher aquelles vaõs, ou concavidades, que na cera ficáraõ. Deus he o Sello: *Pone me ut ſignaculum:* & o coraçaõ humano he a cera: *Factum eſt cor meum, tanquam cera liqueſcens.* Imprimio Deus a ſua imagem neſta cera animada: logo ſó eſte Divino Sello, he capaz para encher os vacuos do noſſo coraçaõ, que ſaõ os ſeus dezejos: *Replet in bonis deſiderium tuum.*

*Nihil poſſe quietare voluntatem hominis, niſi bonum univerſale, quod non inventur in aliquo creato, ſed ſolùm in Deo: quia omnis creatura habet bonitatem participatam. Vnde ſolus Deus voluntatem hominis implere poteſt, ſecundùm illud: Qui replet in bonis deſiderium tuum.* D. Thom. 1. 2. quæſt. 2. art. 8.

Geneſ. 1. verſ. 27

Cantic. cap. 8. verſ. 6.

Pſalm. 21. 15.

Pſalm. 102. verſ. 5.

155. Eſte he o artificio, de que hoje ſe val o Amor Divino na inſtituiçaõ do Sacramento. Toma nas maõs o Sello da Divindade, repreſentado no Paõ Euchariſtico: *Accepit Ieſus panem*: & o imprime no coraçaõ humano para encher o vacuo

Luc. cap. 14. verſ. 22.

dos

dos seus dezejos, que sô com o logro deste bem, podem ficar descançados, & satisfeitos. Nem por outra razaõ (a meu ver) descançou neste dia o Evangelista no peito do Senhor: *Reclinabuit in cœna super pectus ejus.* Com este misterioso descanço, parece quer o Evangelista emendar o desacerto da petiçaõ, que sua Mãy fizera ao Senhor, quando lhe disse: *Dic ut sedeant hi duo filij mei in Regno tuo.* Imaginando a Mãy do Evangelista, que o Reyno do Senhor, era deste mundo, procurou para o Evangelista hum assento, em que vivesse descançado neste Reyno: *Dic ut sedeant.* Mas sendo a posse de todos os Reynos incapaz de dar ao coraçaõ o descanço, a que com perpetuas ancias anhela, busca o Evangelista o seu verdadeiro descanço no peito do Senhor, com que nos dá a entender, que sô Deus he o centro, em que todos os nossos dezejos descançaõ. Guerrico Abade ao meu intento: *Cum fastidijs nostris non satisfaciant opes mundi, dormiamus in sinu Christi cum Ioanne.* Reparo, que este Author chama ao descanço do Evangelista, sono. Pois dorme o Evangelista no tempo, em que houvera de velar com todos os sentidos? Direi. O Sacramento he hum thesouro, em que se encerra tudo o que se pôde dezejar no mundo: & como o Evangelista se vio de posse deste thesouro, ficou com todos os sentidos adormecidos, para mostrar que estavaõ satisfeitos os seus dezejos. A sua fabulosa Deosa Ceres, attribuíraõ os antigos, a fertilidade dos campos, & a abundancia dos bens da terra, & para estes Gentios significarem, que só nas casas, aonde o paõ abunda, se pôde dormir com descanço, pintáraõ a imagem daquella ficticia Deidade toda cercada de Dormideiras: nesta ultima Cea, em que o Senhor deu ao mundo o Paõ do Ceo com taõ grande abundancia, que com todos se reparte, sem que

*Ioan. cap. 21. vers. 20.*

*Matth. 20. 21.*

*Guerricus Abbas Serm. 4 de Baptista.*

ſe diminua, ſe encoſta o Evangeliſta com demonſtraçoens de quem dorme: que ſô aonde ſe achaõ todos os bens ſem reſervaçaõ, ſe pôde tomar ſono ſem cuidado: *Recubuit in cæna ſuper pectus ejus.*

156. He taõ exceſſiva a abundancia das riquezas, que ſe logra neſte Divino Sacramento, que naõ ſe communicaõ ſô a alguns em particular, ſenaõ a todos em geral, ſem que a felicidade de huns diminua a bemaventurança dos outros: & por iſſo convida hoje o Senhor a todos, porque para todos he ſufficiente o convite: *Accipite, & manducate ex hoc omnes.* Canon Miſſæ. Deſta prodigioſa abundancia dos bens de Deus, ſe conhece a limitaçaõ dos bens do Mundo, porque naõ ſatisfazem o dezejo dos que os poſſuem, & occaſionaõ envejas nos que os dezejaõ. Abel, & Cain, como filhos, & herdeiros de Adaõ, haviaõ de ſer hum dia Senhores de toda a redondeza da terra. Suppoſto iſto, pertencia a Cain a ametade do mundo, & com tudo dezejou de uſurpar a ametade, que pertencia a Abel: porque na opiniaõ de S. Pedro Chryſologo conſiderando Cain, que a Abel tocava huma parte deſte grande Imperio, eſtimulado da enveja, & da cobiça, tirou a Abel a vida, para ſe fazer Senhor de tudo. Vede agora, diz eſte Santo Padre, que pequeno he o Mundo, em que dous irmaõs naõ cabem: *Duos non capit domus ampla germanos.* Chryſolog. Serm. 4. de duob. filijs, & Zen. Veron. Serm. de Patient. E S. Zeno Veronenſe: *Miratur orbis vacuus ſe duobus anguſtum.* He o mundo taõ incapaz de ſatisfazer os dezejos de quem o poſſue, que nelle naõ podem dous irmaõs reynar ſem enveja. E como poderá baſtar para muitos, o que para dous naõ baſta. Era logo razaõ que alem deſte mundo material fundado ſobre o nada, fizeſſe o Amor Divino outro mundo, em que tudo ſe encerraſſe: *Cum dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Ioan. 13. Para dous, naõ baſta eſte

mundo

mundo visivel, em que estamos, & para todos sobeja este invisivel Mundo, que adoramos no Sacramento: *Accipite, & manducate ex hoc omnes.* Teve o primeiro mundo ao nada por fundamento: *Ex nihilo fecit illa Deus:* & o Senhor fez este segundo mundo, considerando que estava Senhor de tudo: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus.* De maneira, que para nos persuadirmos, que nada deste mundo nos pôde satisfazer, basta considerar, que Deus tirou este mundo do nada: *Ex nihilo fecit illa Deus.* E para conhecermos, que no Sacramento tudo se logra, he preciso advertir, que tudo está nas maõs do instituidor deste Divino Sacramento: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus.* Affirma Isaias, q̃ com tres dedos sustenta o Senhor o pezo da terra: *Appendit tribus digitis molem terræ.* E escreve o Evangelista, que com ambas as maõs tomára o Senhor o Paõ Eucharistico: *Accepit panem in manus suas.* Mas se no Sacramento assiste o Corpo de Christo a modo de Espiritu, que naõ tem pezo, & se a terra he o mais pezado dos Elementos, parece que a nosso modo de fallar, houvera Isaias de dizer, que com ambas as maõs sustenta o Senhor o pezo da terra; & pelo contrario sô com tres dedos houvera o Senhor de sustentar o Paõ Sacramentado. Bem sei que nada peza nas maõs de Deos; mas para Isaias mostrar, que leve, que aereo, & que vaõ he o mundo, diz, fallando ao modo humano, que sô com tres dedos, sustenta Deus o que no mundo he mais pezado, que he a terra: *Appendit tribus digitis molem terræ.* E para o Evangelista certificar como os bens, que no Sacramento se encerraõ, saõ solidos, permanentes, infinitos, & por consequencia sufficientes para encher a medida dos nossos dezejos, affirma que Christo sustentou com ambas as maõs ao Divino Sacramento: *Accepit panem in manus suas.* E assim tenho provado, que

2 Machab. cap. 7. vers. 28.

Isaiæ cap. 40. vers. 12.

em virtude das palavras da consagraçaõ: *Hoc est Corpus meum*: que como palavras saõ formadas de Ar, enche o Amor Divino o vacuo dos coraçoẽs humanos, do mesmo modo que o Ar enche os vacuos da natureza. Resta, que vejamos para remate do Sermaõ, como o Amor, que arde no peito de Christo, he hum fogo, que tudo abraza: & este he o quarto Elemento, com que hoje o Amor acaba a fabrica deste mysterioso mundo: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.*

## IV. PARTE.

157. Neste dia se executou no Cenaculo, o que o Senhor já prometéra no Evangelho. No Evangelho de S. Lucas, disse o Senhor, que viera pôr o fogo na terra: *Ignem veni mittere in terram.* Deus he Fogo, que assim a Escritura o chama: *Deus tuus ignis consumens est*: & o Corpo humano he terra: *Terra es, & in terram ibis.* Entrando pois neste dia Deus Sacramentado nos corpos humanos, pegase o fogo na terra, & neste amoroso incendio se consomem os peccados, & se abrazaõ os affectos: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo, nisi ut ardeat?* Até agora foi Christo Senhor Nosso destruindo hum a hum os peccados: com as palhas do Presepio condenou o Senhor as ostentaçoens da vaidade, & da ambiçaõ: com os açoutes, que deu no Templo, desterrou das Igrejas a avareza, & a impiedade: com o pô, em que escreveo os peccados dos Fariseos, reprimio a malevolencia, & a detracçaõ; mas finalmente chegou o dia, em que com a instituiçaõ do Divino Sacramento se haõ de destruir todos os peccados de huma vez, porque levantou o Amor hum taõ grande incendio, que com a Sagrada actividade das suas celestes lavaredas, pôde o Christaõ consumir dentro de si mesmo, & reduzir a cinza todos os trofeos do peccado. Com horrendos castigos in-

Luc. 12 vers. 49

Deuteron. 4. v. 24.

intentou Moyſes de anniquilar todos os Egipcios. Convertéo as agoas em ſangue, & as luzes em trevas palpaveis, valeoſe da furia dos ventos, do penetrante dos rayos, & da violencia dos coriſcos, & por maõ de hum Anjo matou em huma ſô noite todos os Primogenitos daquelle Reyno; mas ſempre havia Egipcios, que perſeguiaõ o povo de Iſrael; quando finalmente no Mar Vermelho todos os authores deſta injuſta perſeguiçaõ ficáraõ ſomergidos, ſem que nenhũ delles eſcapaſſe do naufragio: *Nec unus quidem ſuperfuit ex eis.* Mas de donde ſe originou eſte taõ univerſal eſtrago dos inimigos daquelle Povo? *Reſpiciens Dominus per caſtra Ægyptiorum per columnam ignis, & nubis, interfecit exercitum eorum, nec unus quidem ſuperfuit ex eis.* Apparecendo Deus em huma nuvem, & huma columna de fogo, poz em todo o exercito de Faraô, hum taõ grande horror, & confuſaõ, que deſordenadamente fugindo, ſe encontrou com as ondas do mar, em que todos miſeravelmente naufragáraõ, ſem que ficaſſe hum ſô, que déſſe ao Egipto a nova de taõ eſpantoſo ſucceſſo: *Nec unus quidem ſuperfuit ex eis.* Que ſe ſignifica neſta nuvem, & neſta columna de fogo, ſe naõ o Corpo de Chriſto Sacramentado? *Quæ eſt nubes*, diz Drogo Hoſtienſe, *niſi Sanctiſſimum Corpus tuum, quod in Altari ſumimus?* No vêo das eſpecies Euchariſticas ſe repreſenta a nuvem, & nas chamas do Amor a columna de fogo, com que Chriſto glorioſamente victorioſo, desbarata em hum ſô conflicto todo o infernal exercito dos peccados, & das depravadas inclinaçoens da natureza: porque ſendo o Sacramento hum miſterio de Fé, hum eſpelho da paciencia, hum Theatro de obediencia, hum retratto de humildade, hum trofeo de Amor, & hum compendio de todas as virtudes, com eſte Divino Sacramento ficaõ todos os vicios,

*Exod. 14. verſ. 24.*

& os peccados de hum só golpe degolados, a infidelidade convencida, a soberba confusa, a ambiçaõ sojugada, a enveja destruida, & a ingratidaõ atropellada: *Respiciens Dominus per columnam ignis, & nubis, interfecit exercitum eorum, nec unus quidem superfuit ex eis.* Eis ahi como no Sacramento, o fogo do Amor Divino consome os peccados. Vejamos agora como abraza os affectos.

158. Escreve o Lyrano, que hé opiniaõ de alguns, que Judas naõ chegára á boca o Paõ Sacramentado, mas que o guardára nas maõs, & que no mesmo instante sahíra do Cenaculo, & o lançára de si. Mas que razaõ teve Judas para com taõ grande pressa lançar de si ao Sacramento. S. Cyrillo Alexandrino: *Ne scintilla in animo accenderetur.* Do mesmo modo, que o que lança de si huma braza, que lhe queima as maõs, com grande pressa lançou Judas esta Divina braza por impulso do Demonio, que parece receava, que o contacto deste fogo do Ceo, naõ accendesse em Judas huma faisca de amor, que depois chegasse a causar hum incendio. Que se a actividade deste Divino fogo Sacramentado se communicára das maõs de Judas ao coraçaõ, sem duvida se abrázara todo no amor de Deus, transformado de treidor em amante, & de Apostata em Apostolo: *Ne scintilla in animo accenderetur, ac deinde illum illuminaret, magna præcipitem egit Diabolus celeritate.* Ah! Christaõs, se este Divino fogo do Altar, hé sufficiente para abrazar o congelado, & empedernido coraçaõ de hum Judas, que ardores, que chamas, & que lavaredas naõ accenderá nos coraçoens dos que com a penitencia dos peccados, & a pureza dos affectos, se aparelharem para experimentar a suave violencia dos seus divinos incendios.

*Lyran. in Ioan. 13.*

*Cyrill. Alexand. lib. quæstion. in Ioan. cap. 19.*

159. Tenho lido, que antigamente os Persianos costumavaõ a apagar em certo dia do anno todos os fogos,

fogos, que nas ſuas caſas ardiaõ, naõ ficando em todo o Reyno outro fogo aceſo mais que aquelle, que ſe conſervava no Palacio dos ſeus Reys. Eſte fieis he o dia, em que ſe haõ de apagar todas as tochas do amor profano, para que ſô fique aceſo nos noſſos coraçoens, que ſaõ os palacios da Divindade, o fogo do Amor de Deus, que entre tantos objectos, a que injuſtamente conſagramos os ardores do noſſo affecto, ſô Deus he digno de amor. E quando ſe affirma que ſe ama alguma couſa neſte mundo, naõ ſe pôde julgar com razaõ, que ſe ame outra couſa mais que a Deus. Affirmou o Profeta Rey, que amava, mas naõ determinou qual era o objecto do ſeu amor: *Dilexi, quoniam exaudiet Dominus.* Amei, diz David: *Dilexi.* E pois, que couſa amaſtes, ambiguo, & taciturno amante? Oh! naõ he preciſo declarar David o que ama, que naõ havendo nada neſte mundo, que mereça o noſſo amor, ſempre ſe há de ſuppôr, que ſe ama a Deus, quando ſe ama: *Quem diligit, nuncupatim non exprimit, quaſi ſolus Deus ſit dignus humano amore.* Logo que nos detem? Que nos embaraça, para deixarmos de ſacrificar todos os noſſos affectos áquelle Deus, que naõ ſô he digno de todo o noſſo amor, pelo que he em ſi, ſenaõ tambem pelo que nos amou a nós. No preſente Evangelho, repetidas vezes nos lembra o Senhor, que nos amou, para que nós tambem o amemos a elle: *Cum dilexiſſet, dilexit.* E eſta lembrança do amor, que Deus teve ao mundo, há de ſer para os que naõ correſpondem a eſte Amor, o motivo do ſeu maior ſentimento. Tres vezes perguntou o Senhor a S. Pedro ſe o amava: & à terceira pergunta, diz o Evangeliſta, que S. Pedro ſe entriſtecéra: *Contriſtatus eſt Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me?* Pois naõ ſe entriſtece S. Pedro à primeira, nem á ſegunda pergunta? Sô ſe entriſtece à terceira? Sim. E com grande

*Celad. in Suſan. p. 474. c. 2.*

*Ioan. 21. 7.*

razaõ,

razaõ. Porque eſta terceira pergunta lhe deu motivo para cuidar na terceira Peſſoa da Santiſſima Trindade, a que ſe attribue o Amor: & naõ pode S. Pedro diſſimular a ſua triſteza, imaginando que com eſta terceira pergunta, o Amor Divino accuſava a ſua ingratidaõ. De maneira que ficou S. Pedro muy triſte, & ſentido de naõ amar a Deus com maior fervor, repreſentandoſelhe o muito que Deus o amára: *Contriſtatus eſt Petrus, quia dixit ei tertiò amas me? Crediderim ego Petrum contriſtatum ex tertia interrogatione, quia tunc ei venit in mentem tertia Trinitatis perſona, ſcilicet, Spiritus Sanctus, qui cum ſit amor Dei ipſi coæternus, videbatur ejus ingratitudinem arguere, quod tot annis vixiſſet, debitum Deo amorem non rependens.*

*Chalv. tom. 2. p. 292. col. 1.*

160. Chriſtaõs, tudo no Evangelho ſaõ lembranças da fineza, com que Deus nos amou: *Cum dilexiſſet, dilexit.* Mas que outra couſa ſaõ eſtas lembranças do Amor de Deus, ſenaõ juſtas condenaçoens da ingratidaõ dos homens. Logo ſe taõ grande foi a triſteza de S. Pedro, quando comparou a tibieza do ſeu amor, com a fineza com que Deus o amára: ſerá poſſivel, que naõ ſe iguale o noſſo ſentimento com a noſſa ingratidaõ, conſiderando o pouco que até agora amámos a eſte amantiſſimo Senhor. Ah! meu amoroſo Jeſu, pezame de naõ vos ter amado, & ſinto infinito de naõ vos amar, & de naõ vos poder amar com o deſvelo, que merece o voſſo Amor infinito. Dezejára, que neſte coraçaõ ſe uniſſem todos os ardores dos Serafins, & que neſta Alma ardeſſem todas as lavaredas, com que todos os Anjos ſe abrazaõ na fragoa do Amor. Finalmente quizera amarvos com o meſmo Amor, com que vos amais a vós meſmo, porque ſô aſſim poſſo correſponder ao amor, com que me amais. Chriſtaõs, o amor pagaſe com o amor: & amor há, que naõ ſe pôde pagar com todos os amo-

amores. Este he o Amor Divino, que alem do mundo material composto de quatro Elementos, fez neste dia hum novo Mundo, em que as excellencias destes quatro Elementos misteriosamente se representaõ Porque se a Terra tudo em si encerra, se a Agoa tudo lava, & tudo comsigo leva, se o Ar tudo penetra, & se o Fogo tudo abraza: o Amor Divino encerra em si todas as criaturas, lava, & apaga a memoria de todas as offensas, penetra os coraçoens, & abraza as almas: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Estas saõ as excellencias deste mundo misterioso, de que hoje foi Architecto o Amor, para que amando a Deus neste mundo, o amemos eternamente no Ceo: *Ad quod nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.* Ioan. 13.

SER-

# SERMAM
## NO
# NASCIMENTO
## DE
# S. IOAÕ BAVTISTA.

No Mosteiro da Anunciada, em 24. de Junho de 1676.

---

*Quis putas puer iste erit?* Luc. 1. 66.

161. NAsceo o grande Bautista. Apartai-vos Santos da Ley da natureza. Nasceo o grande Bautista. Retirai-vos Santos da Ley escrita. Nasceo o grande Bautista. Desapparecei Santos da Ley da Graça: que ao nascer do Planeta maior, se escondem, & se eclipsaõ os menores Planetas, & o q̃ he entre os Astros Celestes, o Sol; entre os Metaes, o Ouro; entre as Plantas, o Cedro; entre as Flores, a Rosa; & entre as Aves, a Feniz; he entre todos os Santos da Igreja, o Bautista. Mas antes he o Bautista mais luminoso, q̃ o Sol, porque nascendo com toda a luz da rãzaõ, naõ experimentou na Aurora da Idade, as fraquezas da Infan-

Infancia: mais precioſo, que o ouro, porque a ſua cabeça foi preferida ao valor da ametade de hum Reyno: mais alto, que os Cedros do Libano, porque quando bautizou ao Senhor, chegou a pôr a maõ ſobre a cabeça do Altiſſimo: mais fermoſo que a Roſa, porque ſantificado, primeiro que naſcido, naſceo ſem os eſpinhos do peccado Original: & mais prodigioſo que a Feniz, porque o Bautiſta he a Feniz dos prodigios: *Inter natos mulierum, non ſurrexit maior Ioanne Baptiſta.* Com eſte ſoberano encomio, preferio o Senhor o Bautiſta a todos os homens do mundo. E ſuppoſto que o Senhor ſoubeſſe, quaõ inclinados ſaõ os homens a envejar as preferencias, & as maiorías, naõ reparou em manifeſtar, que o Bautiſta era maior que todos, como entendendo que nenhum Santo poderia competir com a ſantidade do Bautiſta. Naquella taõ celebre contenda, em que os Apoſtolos altercáraõ ſobre as pretençoens da maioría, nenhuma mençaõ ſe fez do Bautiſta, porque com eſpecial advertencia diz o Evangelho, que eſta contenda dos Apoſtolos ſe armou entre elles em particular: *Facta eſt autem contentio inter eos, quis eorum videretur eſſe maior.* E bem, naõ formaõ os Apoſtolos duvidas ſobre a maioría, que o Bautiſta, aindaque morto, eſtâ logrando nas memorias da fama? Naõ: que huma grandeza como a do Bautiſta, que excede toda a comparaçaõ, eſtá fôra de toda a competencia. Contendem entre ſi os Apoſtolos ſobre a propria maioría de cada hum em particular; porque na ſemelhança das ſuas prerogativas, achaõ razoens para a contenda: *Facta eſt contentio inter eos:* mas naõ movem queſtaõ ſobre a maioría do Bautiſta, porque conhecem, que as ſuas inimitaveis excellencias tiraõ todos os motivos à emulaçaõ: que as grandezas, que excedem as eſperanças dos homens, acovardaõ a enveja, & deſanimaõ

*Matth. cap. 11. verſ. 11.*

*Luc. cap. 22. verſ. 24.*

*Plutarchus lib. de odio, & invidia.*

mão a ambiçaõ. Tem para si Plutarcho, que ninguem teve enveja a Alexandre, porque ninguem teve esperança de se ver taõ favorecido da fortuna, assistido da gloria, & celebrado da fama, como Alexandre. Com as venturas, que saõ ordinarias, anda de ordinario acompanhada a sombra da enveja: mas quando a prosperidade está no auge do seu luzimento, desaparecem todas as sombras da emulaçaõ. Quando o Sol fere obliquamente por hum lado qualquer dos corpos que alumea, vemos que logo delles resultaõ sombras: mas quando no meio dia, em que está o Sol no auge do seu curso, cahem seus rayos perpendicularmente sobre hũa Piramide, vereis naõ se divisarem vestigios de sombras, & ficar tudo coroado de luzes. Do mesmo modo o Divino Sol da Graça cahio sobre o Bautista (que como Pyramide, se levantou, & cresceo, diminuindose) & desde as entranhas maternas o encheo de sagrados resplandores: *Adhuc in utero matris suæ Spiritu Sancto replebitur.* Em hũa pois taõ excessiva enchente de luzes, naõ fica lugar para as sombras da competencia; mas antes ao victorioso luzir de tantos resplandores, se acha em certo modo escurecida, & eclipsada a gloria de todos os Santos. E este he o prodigio, que hoje determino annunciar neste Templo consagrado ao misterio da Annunciaçaõ: que os prodigios, que se annunciaõ, saõ os que com maior aplauso se publicaõ. *Luc. cap. 1. vers. 15.*

167. Nasceo o Senhor em Belem, & no mesmo instante, annunciou o Anjo este prodigioso Nascimento: *Evangelizo vobis gaudium magnum, quia natus est vobis hodie Salvator mundi.* E pois naõ se desvela a eloquencia dos Anjos em fazer encomios, & formar Panegiricos ao Divino Infante recem-nascido? Naõ, que assaz se celebra hum prodigio, quando se annuncia. Supposto isto, todo o Panegirco do Bautista, *Luc. cap. 2. vers. 10.*

tiſta, neſte Templo, & neſte dia, ſerá o Annuncio das ſuas grandezas. E niſto me conformo com as palavras do meu thema, com que moſtrandoſe o mundo dezejoſo de ſaber, quem ſerá o menino, que naſceo: *Quis, putas, puer iſte erit?* Correme a obrigaçaõ de ſatisfazer a eſte ſanto dezejo, annunciando as glorias, & prognoſticando os triumfos do Bautiſta: *Quis, putas, puer iſte erit?* Quem virá a ſer o Bautiſta, & que prodigios annuncia o ſeu naſcimento? Reſpondo. O naſcimento do Bautiſta, annuncia o eclipſe de todos os Santos, antigos, & modernos. Confirma S. Pedro Damiaõ, a verdade deſte preſagio: *Univerſum Regnum humanæ gloriationis obambula, ſolumque Ioanem, tam novis, quam veteribus, videbis eſſe præpoſitum.* A tres claſſes ſe podem reduzir todos os Santos da Igreja: a primeira he a claſſe dos Santos da Ley da natureza: a ſegunda he a claſſe dos Santos da Ley eſcrita: & a terceira he a claſſe dos Santos da Ley Evangelica. Sendo pois o Bautiſta, o Aſtro da maior grandeza: *Non ſurrexit maior*: ſe annuncia no ſeu naſcimento o eclipſe de todos os Aſtros deſtas tres eſferas da Santidade. Em primeiro lugar, o naſcimento do Bautiſta, annuncia o eclipſe dos Santos da Ley da natureza. E eſte he o primeiro Annuncio, & o primeiro Aſſumpto do Sermaõ. Em ſegundo lugar, o naſcimento do Bautiſta, annuncia o eclipſe dos Santos da Ley eſcrita. Eſte he o ſegundo Annuncio, & o ſegũdo Aſſumpto. Finalmente o naſcimento do Bautiſta annuncia o eclipſe dos Santos da Ley Evangelica. E eſte he o terceiro annuncio, & o terceiro Aſſumpto. Mas para eu annunciar com acerto as glorias do Precurſor de Chriſto, neceſſito da interceſſaõ da Senhora, a que o Anjo annunciou o Naſcimento do meſmo Chriſto. *Ave Maria.*

## I. PARTE.

163. *Quis, putas, puer iſte erit?* Primeiramente, o naſcimento

cimento do Bautista, annuncia o eclipse dos Santos da Ley da natureza; porque obrar o que pede a razaõ, & o que a natureza enfina, he obrigaçaõ de racionaes: mas tomar, como o Bautista, hum modo de vida superior a todas as leys da natureza; desenvolverse das mantilhas do berço, para se sepultar nas cavernas de hum deserto; condenar a innocencia da menenice aos rigores da penitencia; viver sem alimentos proporcionados à conservaçaõ da vida; & retirarse da conversaçaõ dos homens para a companhia das feras, que outra cousa he senaõ levantar o edificio de huma extraordinaria santidade sobre os estragos, & as ruinas da natureza? Origenes ao meu intento: *Erat in deserto Ioannes, & nutriebatur novo, & extra naturam modo.* Verdadeiramente, que quando considero ao Bautista no deserto, na idade de dous annos, sô, mas satisfeito; desemparado, mas contente; me parece este genero de vida, taõ alem das forças da natureza, que com razaõ se pode chamar divina, a vida do Bautista; porque sô he proprio de Deus, viver dentro de si mesmo independente de todas as criaturas, & para conhecer q̃ Deus, he Deus, basta considerar esta soberana independencia, com que vive, sem necessitar de cousa alguma criada, para complemento da propria felicidade. Senhor, diz David, conheço que sois meu Deus: *Deus meus es tu.* Mas em que fundais, ô Divino Profeta, o conhecimento, que tendes da Divindade? Porventura conheceis, que Deus he Deus, porque sendo incomprehensivel, naõ conheceis o que he, & sendo ineffavel naõ podeis explicar, o que chegais a conhecer? Por ventura conheceis a Deus pela omnipotencia, com que criou o Mundo, pela bondade, com que o conserva, pela providencia, com que o governa, pela justiça, com que o castiga, & pela misericordia, com que lhe perdoa? Naõ há duvida, que todos estes attributos,

*Origen. homil. 11. in Lucam.*

*Psalm. 85. vers. 2.*

butos, ſaõ eſpelhos da Divindade. Porèm deixadas eſtas conſideraçoens, ſó funda David o conhecimento, que tem de Deus, na certeza que tem, de que Deus naõ neceſſita dos obſequios da ſua peſſoa, nem das riquezas dos ſeus theſouros: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* Como ſe diſſera David: Deus he Deus, porque naõ depende de ninguem, & Deus he Deus, porque de nada neceſſita.

164. Pareceme, que ouço nos deſertos da Paleſtina fallar a natureza com o Bautiſta, com eſtas, ou outras ſemelhantes palavras: Menino, ſois homem, ou ſois Deus? Que ſe os homens de tudo neceſſitaõ, parece que à imitaçaõ de Deus, naõ neceſſitais de couſa alguma: naõ neceſſitais da luz do dia, porque paſſais os dias nas ſombras de huma gruta: naõ neceſſitais das influencias dos Aſtros, porque nos meſmos Aſtros, podeis influir as venturas: & naõ vos faz falta a companhia dos homens, porque fazeis companhia a vós meſmo nos retiros da voſſa ſoledade. He ſuperfluo, que o Ar ſe commova para a formaçaõ das voſſas palavras, porque ſois a voz de Deus, & a voz de Deus ſe fôrma ſem Ar, & ſoa ſem palavras. Naõ he neceſſario, que o fogo vos offereça a ſaudavel efficacia dos ſeus ardores, porque ſois a tocha, que Deus acendéo para deſpertar as tibiezas do mundo. E naõ he preciſo, que a terra ſe deſentranhe em frutos para ſuſtento da voſſa vida; porque ſô vos alimentais com os frutos da penitentia. Em concluſaõ viveis taõ independente de tudo o que he preciſo para viver, que antes me pareceis Deus, que homem, porque ſô Deus na ſoledade da ſua infinita eſſencia, naõ neceſſita dos bens da natureza: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* *Pſalm. 15. verſ. 2.*

165. Mas vejamos mais particularmente, como a ſoledade levantou ao Bautiſta ſobre as eſferas de huma-

humano, fazendoo com admiravel ſingularidade, ſemelhante a Deus. Deus, diz Tertulliano, ſe naõ fora hum, naõ fora Deus: *Deus, ſi non eſt unus, Deus non eſt.* Na ſoledade da Divina Eſſencia, ſe fundaõ os creditos da Divindade: & tanto que os homens ſe perſuadem, que pôde haver outro Deus, Deus naõ he Deus na opiniaõ, & na eſtimaçaõ dos homens. Que motivo imaginais, que tiveraõ os noſſos primeiros Pays para com taõ grande deſprezo da Divindade quebrantarẽ os preceitos, que o meſmo Deus lhe puzera no principio do mundo? A commua opiniaõ he, que Adaõ, & Eva comeraõ o pomo vedado, lizongeados da eſperança de ſe fazerem ſemelhantes a Deus: *Eritis ſicut Dij:* mas naõ me quadra eſta opiniaõ, porque bem ſabiaõ Adaõ, & Eva, que já eſtavaõ de poſſe deſta divina ſemelhança: *Creavit Deus hominem ad imaginem ſuam:* & naõ há homem taõ neſcio, que aſpire ao que logra, & que dezeje o que poſſue. Dirá alguem, que Eva naõ ſò pretendéo ſer Deus na ſemelhança, ſenaõ tambem na realidade: mas o pretender huma mulher, o ſer Deus, he huma ambiçaõ taõ temeraria, que parece incrivel. Logo em que conſiſte o engano, com que o Demonio fez cahir a Adaõ, & Eva, em huma taõ cega deſobediencia? Conſiſte eſte engano nas meſmas palavras do Demonio: *Eritis ſicut Dij.* Naõ lhes diſſe o Demonio, que ſeriaõ como Deus: *Eritis ſicut Deus:* mas diſſe que ſeriaõ como Deoſes: *Eritis ſicut Dij.* E com eſte artificioſo modo de fallar, deu o Demonio a entender a Eva, que no mundo podia haver mais, que hum ſò Deus. Repreſentou o Demonio, que hum Deus podia fazer companhia a outro Deus, & para fazer a Divindade deſpreſivel, moſtrou que eſtava acompanhada: *Eritis ſicut Dij.* Em quanto Eva teve para ſi, que Deus era unico na ſoledade das ſuas infinitas perfeiçoens, teve reſpeito, &

*Tertullian. lib. 8. adverſus Marcioniſt. cap. 3.*

*Geneſ. 3. verſ. 5.*

*Geneſ. cap. 1. verſ. 27.*

vene-

veneraçaõ a Deus: mas logo que imaginou, que a Divindade admittia companheiros no trono da ſua gloria, perdeo o reſpeito, que devia ao ſeu Criador, & com ſacrilego deſacato offendeo a ſua ſoberana mageſtade. Admiravelmente Procopio ao meu intento: *Eritis ſicut Dij. Volens Dæmon, ut inſueſcerent nihil magni ſentire de Deo, & ut exiſtimarent non eum ſolum Deum, ſed poſſe & alios eſſe tales.*

166. Suppoſto iſto, naõ me admiro, que os Judéos concebeſſem taõ altos penſamentos do Bautiſta, que chegaſſem a duvidar ſe o Bautiſta, era Deus: *Cogitantibus omnibus in cordibus ſuis de Ioanne, ne forte ipſe eſſet Chriſtus.* Sahia o Bautiſta do deſerto, em que pelo eſpaço de trinta annos, havia vivido ſó, inviſivel, incommunicavel, retirado de todo o trato, apartado de toda a converſaçaõ, reconcentrado na eſfera dos ſeus divinos penſamentos, & izento de todas aſſiſtencias das criaturas, de que os homens neceſſitaõ para a conſervaçaõ do ſeu ſer. E eſta prodigioſa ſoledade lhe gangeou huma taõ grande opiniaõ no Mundo, que os mais ſcientes da Synagoga preferíraõ o Bautiſta ao meſmo Chriſto: porque Chriſto, ainda que Deus, converſava com os homens; & o Bautiſta, ainda que homem, vivia ſó, como ſe fora Deus: que o retiro da ſoledade he taõ preciſo para os creditos da reputaçaõ, & para os applauſos da fama, que o meſmo Deus humanado, quando communica os reſplandores da ſua gloria, neceſſita em certo modo dos teſtemunhos do Ceo, para ſuſtentar o credito da ſua Divindade. No monte Thabôr interpoz o Eterno Pay a ſua authoridade para ſegurar aos Apoſtolos que Chriſto era ſeu Filho: *Hic eſt Filius meus.* E pois, neceſſitava o Senhor deſte irrefragavel, & au entico teſtemunho, para certificar que era Filho de Deus? Direi. No monte Thabôr deſembargou o Senhor na preſença

*Luc. 3. 15.*

*Matth. cap. 17. verſ. 5.*

ſença dos Apoſtolos, os reſplandores da ſua Divindade: & huma mageſtade quando ſe faz patente, & communicavel, poem em taõ grande riſco a opiniaõ da ſua grandeza, que até os teſtemunhos do Ceo parecem preciſos para a aſſegurar do perigo, que poderá correr na eſtimaçaõ dos que lograõ a ſua preſença. E he iſto tanto aſſim, que ſem embargo deſte infalivel teſtemunho do Eterno Pay, fallou S. Pedro com termos taõ deſproporcionados à gloria da Divindade de Chriſto, manifeſtada nas luzes do ſeu Corpo transfigurado, que em lugar de propor, que ſe lhe fabricaſſe hum palacio, ſô ſe offereceo para lhe fazer hum tabernaculo, que ſignifica o meſmo que huma tenda, ruſtico domicilio, caſa de montanhezes, & habitaçaõ de Paſtores: *Faciamus hîc tria tabernacula, tibi unum.* Taõ incapazes, como iſſo, ſaõ os homens, para tratarem com decoro as grandezas, que ſe lhe deſcobrem, & as mageſtades; que ſe lhes communicaõ. Pelo contrario, que facilmente ſe grangea adoraçoens hũa grandeza, que ſe eſconde, & huma mageſtade, que ſe occulta! No Sacramento do Altar poz Chriſto o ſeu Corpo, & por concomitancia a ſua Divindade; & para nos certificar que a Divindade aſſiſtia neſte ſoberano Sacramento, naõ interpoz o Eterno Pay a authoridade do ſeu teſtemunho, como ſuccedéo no Thabôr, porque no Thabôr tranſluziaõ os reſplandores da Divina Mageſtade pelo animado criſtal do Corpo de Chriſto: & nos olhos dos homens, que ceſſaõ de venerar, o que chegaõ a ver, perde a eſtimaçaõ o bem que ſe deixa lograr: mas no Sacramento eſcondeo o Senhor debaxo das eſpecies Euchariſticas a Divindade juntamente, & a Humanidade. E neſte eſtado ſe moſtra o Senhor, quanto mais occulto, mais adoravel, & quanto mais eſcondido, mais divino.

*Matth. cap. 17. verſ. 4.*

*Generatio mea ablata eſt, & convoluta eſt à me, quaſi tabernaculum paſtorum.* *Iſaiæ 38. verſ. 12.*

167. Chama o Profeta Iſaias

Iſaias ao Senhor, Deus eſcondido, como ſe o eſtar eſcondido fora propriedade divina: *Verè tu es Deus abſconditus.* Palavras que os Padres appropriaõ ao Sacramento do Altar, porque com particular reſguoardo, eſtá Deus eſcondido neſte Divino Sacramento. Deus na ſua eſſencia, he inviſivel, fezſe pois ainda mais inviſivel na Encarnaçaõ, cobrindoſe com o veo do Corpo, que tomou: mas no Sacramento da Euchariſtia, com duplicados veos fica eſcondida a Divindade, com o veo do Corpo de Chriſto, & com o veo dos accidentes. Naõ neceſſita Deus deſtes veos para eſtar encuberto: mas o que no Sacramento he obſtaculo, para a viſta; he motivo, para a veneraçaõ: & naõ fora Deus taõ manifeſtamente adorado, ſe naõ fora taõ miſterioſamente eſcondido: *Verè tu ò Chriſte in Euchariſtia, es Deus abſconditus.* Sagrados boſques da Paleſtina, verdes labirintos, carceres vegetativos, profundas cavernas, ſoterraneos domicilios, ſepulturas do dia, & palacios da noite, duplicai as voſſas ſombras, & acreſcentai as voſſas eſcuridades, que ſe o eſtar eſcondido, he proprio de Deus, viverá o Bautiſta como Deus no centro da ſua inviolavel ſoledade. Eſcreve Metaphraſtes, que o Bautiſta ſe retirára para o deſerto com determinaçaõ de naõ ter conhecimento algum dos homens: *Cum nullo omninò homine verſari ſtatuerat.* E razaõ era, que naõ conheceſſe as criaturas hum Santo, que eſtava deſtinado do Ceo, para dar a conhecer o Criador, & Redemptor do Mundo. Ponderemos eſta conſideraçaõ com a Theologia, & a Eſcritura. Pergunta a Theologia, ſe o Eterno Pay gera ao Verbo, ſó com o conhecimento da ſua eſſencia, & dos ſeus attributos, ou tambem com o conhecimento das criaturas. A opiniaõ de Santo Thomás, & a mais commua, he que o Eterno Pay gera o Verbo, conhecendo as criaturas

*Iſaiæ cap. 45. verſ. 15.*

*Metaphraſt. in commendat Ioan. Baptiſt.*

*Cornel. Alapid. in Iſaiam pag. 379. col. 1.*

juntamente com a ſua eſſencia, & os ſeus attributos: porèm he opiniaõ de Scoto, que o Eterno Pay, na prioridade daquelle acto, conhece a ſua eſſencia, & os ſeus attributos, ſem reſpeito algum ás criaturas. E a razaõ que dá deſta ſua doutrina, he: que naõ parece conveniente, que a geraçaõ do Verbo Divino dependa do conhecimento das criaturas, mas ſô do conhecimento da Divindade: *Indecens erat, ut Verbi Eſſentia, & Divinitas à creaturarum tumultu, ac ſtrepitu dependeret, ſed ſolùm à Deo Patre Eſſentiam, Divinitatem, & attributa acciperet.* Agora tirai a conſequencia. Determinou o Bautiſta de naõ conhecer criatura alguma, porque delle havia de naſcer o conhecimento do Verbo encarnado: afaſtouſe do conhecimento dos homens, para gerar nos homens o conhecimento de Chriſto, homem Deus. E com eſta total independencia das criaturas, manifeſtou o Bautiſta o Verbo encarnado por hum acto quaſi ſemelhante áquelle, com que o Eterno Pay gera ao meſmo Verbo na ſagrada ſoledade da ſua eſſencia.

168. Confirmemos eſta Theologia com a Eſcritura. O Bautiſta era o Aſtro, que havia de deſcobrir nas prayas do Jordaõ, o Author da natureza: & era preciſo, que eſte Aſtro vieſſe do profundo de hum deſerto a exercitar hum taõ illuſtre officio. De donde imaginais, que veio a Eſtrella, que moſtrou aos Reys do Oriente, o Monarca do Mundo no Preſepio? Por ventura eſte Aſtro ſe deſencaxou do firmamento, deixando a companhia das Eſtrellas, que deſde o principio do Mundo andaõ alumiando a terra? Naõ: mas veio eſta Eſtrella de hum deſerto. E que deſerto foi eſte? O nada. Porque na opiniaõ de Santo Aguſtinho, foi eſta Eſtrella milagroſamente criada ſô para eſte effeito: & aſſim o nada, foi o deſerto, de donde veio a coroar com reſplandores nunca dantes viſtos o berço do ſeu Criador:

dor: *Non ex illis erat hæc stellis, quæ ab initio creaturæ, itinerum suorum ordines, sub creatoris lege custodiunt.* Saõ as mais estrellas destinadas para as operaçoens da natureza, para a producçaõ das plantas, a geraçaõ dos metaes, a variedade das estaçoens, & a fertilidade dos campos, & naõ era conveniente, que hum destes Astros communs, populares, & mecanicos, fosse o pregoeiro do Nascimento de Christo: mas pedia a razaõ, que se tirasse huma nova estrella do deserto do nada, para se lhe cometer este glorioso ministerio. Naõ de outra sorte, o Bautista. Rompeo esta solitaria Estrella do deserto da Palestina, em que milagrosamente se conservára, izenta de todas as dependencias, penhoẽs, & cuidados humanos: *Venit Ioannes, non manducans, neque bibens.* E pondo no Jordaõ a maõ sobre o Author da natureza, quando o bautizou, mostrou, que as suas obras eraõ superiores ás da natureza. Concluamos logo com S. Bernardo, que o Bautista, aindaque homem na realidade, parecéo mais que homem na virtude: *Maior homine.* E com isto tenho provado, que o nascimento do Bautista he o Annuncio do eclipse dos Santos da Ley da natureza: vejamos agora como o nascimento do Bautista he o Annuncio do eclipse dos Santos da Ley escrita. E este he o segundo Annuncio, & o segundo Assumpto do Sermaõ.

*Augustin. tom. 6. lib. 2. contra Faustum Manichæum pag. 91. col. 1. lit. C.*

*Matth. cap. 11. vers. 18.*

## II. PARTE.

169. Sufficiente prova deste segundo Assumpto saõ as palavras de S. Lucas no capitulo dezaseis: *Lex, & Prophetæ usque ad Ioannem.* Até à vinda do Bautista, conservou a Ley escrita o seu luzimento, & os Profetas sustentáraõ a fatal energía dos seus Oraculos; mas ao nascimento do mesmo Bautista, se seguio a extinçaõ da Ley escrita, o silencio dos Profetas, & o alivio dos ardentes dezejos, com que o Mundo suspirava pela vinda do Messias. Poderamos

*Lucæ cap. 16. vers. 16.*

ramos comparar o Bautista com aquella pedra preciosa, de que affirmaõ os naturaes, se naõ gera como as outras nas entranhas da terra, mas nos mingoantes da Lua, cahe do Ceo em forma de lingua, & tem virtude para aplacar os ventos, & as tormentas. Foi o Bautista a voz de Deus, & a lingoa do Senhor, cahio do Ceo nos mingoantes da Lua, porque nasceo no Occaso da Ley escrita, & aplacou as tormentas, & os tormentos do impaciente dezejo, com que o Mundo anhelava a presença do seu Redemptor. Que digna de ponderaçaõ he esta ultima excellencia, com que o Bautista alegrou ao Mundo com a inopinada demonstraçaõ do bem, que os Santos da Ley escrita prometéraõ nas suas antigas profecias! Ventilaõ os Sabios huma questaõ. A saber: Se as venturas naõ esperadas saõ mais dignas de estimaçaõ, do que as que se esperaõ? E he opiniaõ de muitos, que as venturas, que de improviso acontecem, saõ mais para estimadas, que as que se prometem. Porque o bem, que se promete, occasiona dous males, tira a primeira flor à alegria, & dilata o tormento da esperança. Em primeiro lugar o bem, que se promete, tira a primeira flor à alegria, que se houvera de experimentar, quando se alcança. Depois do Sacrificio de Isaac, teve Abrahaõ muitos filhos, com que vio assegurada a sua descendencia. Mas naõ se acha na Escritura, que Abrahaõ fizesse solennes demonstraçoens de alegria no nascimento destes filhos, com que se dava principio ao estabelecimento da sua numerosa posteridade. Pelo contrario, que festas, que applausos, & que caricias naõ fez o Pay ao filho Prodigo, quando lhe entrou em casa depois de huma dilatada, & criminosa peregrinaçaõ? *Citò proferte stolam primam, date annulum, adducite vitulum saginatum, &c.* Valhame o Ceo! Tanta festa no voltar do filho Prodigo, & taõ pou-

*Gloſſopetra gemmæ ſpecies linguæ humanæ ſimilis, magi eam credunt non naſci in terra, ſed deficiente Lunâ de cælo decidere.* Plin. lib. 37. cap. 10.

*Si félicia promittunt, ea quæ ventura ſunt, tunc planè duo erunt incõmoda, & expectatio te ſpei fatigabit, & futurum gaudij fructum ſpes tibi jam deflaverit.* Favorin. apud Aulum Gellium lib. 14. cap. 1.

*Lucæ cap. 15. verſ. 22.*

poucas demonſtraçoens de jubilo faz Abrahaõ no naſcimento de ſeus filhos? Sim. Porque Deos já muito antes prometéra a Abrahaõ os filhos, que lhe náſcéraõ: & a eſperança de hum bem prometido, tira aquella primeira flôr da alegria, que ſe houvera de ſentir, quando eſte bem ſe conſegue. E quando menos ſe eſperava, batéo o filho Prodigo ás portas do Pay, chegou de improviſo, entrou de repente. E eſta inopinada ventura achou toda a alegria do Pay em flôr. Taõ preciſo he para a demonſtraçaõ de hum goſto inteiro, & perfeito, o aggradavel ſobreſalto de hum bem, que ſe naõ eſpera.

170. Em ſegundo lugar, as felicidades, que ſe prometem, occaſionaõ tormentos, porque dilatam as ancias da eſperança, & naõ há tormento mais riguroſo, que o de huma eſperança dilatada. No Calvario, ſe arrependéo o Bom Ladraõ de ſeus delitos, & concebendo eſperanças da ſalvaçaõ, pedio ao Senhor, que o admitiſſe no ſeu Reyno: *Memento mei, cum veneris in Regnum tuum.* Que inſenſivel parece o Bom Ladraõ ao tormento da Cruz! Solicita a poſſe do Reyno, a que aſpira, & naõ pede o alivio das penas, que padece: que ſuppoſto que as penas abrem o caminho para a Gloria, podia o Bom Ladraõ pedir ao Senhor, que o aliviaſſe do exceſſivo tormento da Cruz, ſem impoſſibilitar a poſſe da Gloria, que dezejava. Dá S. Maximo a razaõ deſte requerimento. Maior pena cauſa ao Bom Ladraõ, o bem que eſpera, do que o mal que eſtá padecendo, & naõ ſente o tormento da Cruz em comparaçaõ da dôr, que lhe cauſa o martyrio da eſperança: *Plus incipit dolere quod ſperat, quam ſentire quod patitur.* Deſtes dous inconvenientes, que occaſionaõ os bens, que ſe prometem, ſe conhece a grande differença, que há entre os Prophetas da Ley eſcrita, & o Bautiſta. Porque que outra couſa foraõ

*Luc. 23. verſ. 42.*

*S. Maximus homil. 1. de Sancto Latrone.*

as

as Profecias, com que os Santos da Ley eſcrita anunciáraõ o Naſcimento de Chriſto, ſenaõ deſpertadores das ſaudades, incentivos dos dezejos, & eſtimulos das innocentes impaciencias, com que pelo eſpaço de muitos ſeculos, o mundo continuamente ſuſpirou pela execuçaõ deſta Divina promeſſa. Bem ſei que ao decoro, & à mageſtade de taõ ſoberano Miſterio, convinha que precedeſſem os oraculos, & os annuncios dos Profetas: porèm com eſtas prolongadas ſuſpenſoens, deſmayou a alegria do Mundo, & ſempre ſe foi augmentando o inviſlivel tormento da ſua eſperança. Mas o Bautiſta naõ ſuſpendêo ao Mundo com promeſſas, & naõ o atormentou com moleſtas dilaçoens; porque derepente, & de improviſo, deſcobrio o Redemptor do Mundo aos que o viaõ, & naõ o conheciaõ: *Ecce Agnus Dei.* E com eſta demonſtraçaõ deu o Bautiſta motivo para huma alegria tanto mais ſenſivel, quanto menos eſperada. Alegremos eſte penſamento com huma comparaçaõ. Repreſenteſevos hum baxel engolfado no mais alto do Oceano, em que os navegantes naõ vendo já depois de muitos mezes, outra couſa mais que Ceo, & agoa, tem debaixo dos pês, fluctuantes abiſmos, & diante dos olhos, a immenſa concavidade das eſferas, em que ſô andaõ os Planetas, inſenſiveis teſtemunhas do ſeu deſemparo. Neſta dilatada, & inſofrivel detença no mar, deſfalecem os paſſageiros com ſaudades da terra, & deſconfiados da vida, por falta de alimentos, & de alentos, ſe aparelhaõ para a morte: mas eis que as vigias, que eſtaõ no tope da gavia, deſcobrindo os montes de alguma Provincia maritima, com altas vozes, & feſtivaes accentos, gritaõ, Terra, terra, terra. Ao annuncio de taõ ſuſpirada nova, todos cobraõ animo, & no meyo das perdas, que receavaõ, ſó perdem a memoria dos paſſados trabalhos.

*Luc. cap. 2. verſ. 29.*

171. Pri-

171. Primeiro que Chriſto, Senhor Noſſo, foſſe conhecido no Mundo, era o Mundo como hum baxel engolfado em mares incognitos, em que naõ ſe via outra couſa mais que Ceo, & agoa. Viaſe o Ceo nas eſtrellas, em que eſtava figurada a peſſoa do Meſſias: *Orietur ſtella ex Iacob:* & a agoa ſe repreſentava nas lagrimas, que a dôr vertia, impaciente da tardança do ſeu remedio: quando finalmente o Bautiſta, que a todos ſobrepuja na agigantada eſtatura dos ſeus merecimentos, chegou a deſcobrir terra: *Ecce Agnus Dei:* Terra, terra, terra. E que terra he eſta? He Deus encarnado, Deus feito homem, & com a viſta deſta terra Divina, ſuſpirado porto dos que navegaõ no mar deſte Mundo, toda a terra ſe alegra, com eſperança de ſe ver unida com o Ceo pelo perdaõ das ſuas culpas, & remiſſaõ dos ſeus peccados: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi.* Eis ahi huma das razoens, que a Igreja tem, para com taõ vivas demonſtraçoens de alegria feſtejar o naſcimento do Bautiſta, conforme a Profecia do Anjo: *Et in nativitate ejus, multi gaudebunt.* Porque do Bautiſta ſe origina toda alegria da Igreja, ao contrario dos Profetas da Ley eſcrita, que com intoleraveis tardanças ſuſpendéraõ os futuros triumfos da Igreja. Reparai, que os Padres comparaõ a Igreja a hum Corpo miſterioſo, ao Ceo, a hum Jardim, a hum Templo, a hum Baxel, a hum Theatro, a hum Paynel, & a hum Livro. Suppoſtas todas eſtas comparaçoens, que por falta de tempo naõ explico, vejamos para remate deſta ſegunda parte as grandes ventajens, que o Bautiſta leva aos Profetas da Ley eſcrita, neſte Corpo miſtico da Igreja, neſte Ceo, neſte Jardim, neſte Templo, neſte Baxel, neſte Theatro, neſte Paynel, & neſte Livro. No Corpo miſtico da Igreja, os Profetas da Ley eſcrita, ſaõ os olhos, que pela grande diſtancia do objecto, apenas deſco-

*Numer. cap. 2. verſ. 17.*

*Luc. cap. 1. verſ. 14.*

*Luc. cap. 1. verſ. 29.*

descobrem o nascimento do Senhor : mas o Bautista he a mão, que com palpavel evidencia aponta a mesma pessoa do Senhor com o dedo : *Ecce Agnus Dei.* No Ceo da Igreja, os Profetas da Ley escrita, saõ as Estrellas, que sô luzem na escura noite das suas figuras enigmaticas: mas o Bautista he o Luzeiro, que acompanha ao Sol da verdade nos luminosos albores do seu Oriente: *Ecce Agnus Dei.* No Jardim da Igreja, os Profetas da Ley escrita, saõ as boninas, que com floridas anticipaçoens annunciaõ a entrada de huma celeste Primavera : mas o Bautista he o Girasol, que com patentes desvelos se inclina para o Sol da Divindade humanada : *Ecce Agnus Dei.* No Templo da Igreja, os Profetas da Ley escrita, saõ os Ministros, que poem em ordem os aparelhos para o sacrificio : mas o Bautista, he o Sacerdote, que manifesta a victima, que se há de sacrificar : *Ecce Agnus Dei.* No Baxel da Igreja, os Profetas da Ley escrita, saõ os ventos, que inchaõ as velas das nossas esperanças : mas o Bautista, he a agulha de marear, que se vira para o Norte dos nossos dezejos: *Ecce Agnus Dei.* No Theatro da Igreja, os Profetas da Ley escrita, saõ os primeiros Actores, que recitaõ o Prologo das nossas venturas : mas o Bautista, he aquelle, que corre a cortina, & declara o principal sogeito desta representaçaõ: *Ecce Agnus Dei.* No Paynel da Igreja, os Profetas da Ley escrita, saõ as cores, com que se vay delineando o retrato do Salvador do Mundo : mas o Bautista, he a luz com que se vem as perfeiçoens deste Divino retrato: *Ecce Agnus Dei.* No Livro da Igreja, os Profetas da Ley escrita, saõ os caracteres, com que se escreve o Sagrado enigma da nossa Redempçaõ : mas o Bautista solta o enigma com a presença do Author : *Ecce Agnus Dei.* E estas, se me naõ engano, saõ razoens sufficientes para provar, que o Bautista se aventaja a todos

dos os Santos da Ley eſcrita. Reſta, que vejamos, como o naſcimento do Bautiſta, he o Annuncio do Eclipſe dos Santos da Ley Evangelica. Eſte he o terceiro Annuncio, & o terceiro Aſſumpto do Sermaõ.

## III. PARTE.

172. *Quis, putas, puer iſte erit?* Na circumſtancia do tempo, em q̃ naſce o Bautiſta, temos a evidencia deſte terceiro Eclipſe. Naſce o Bautiſta no tempo, em que os dias começaõ a mingoar; porque na preſença do Bautiſta, toda a claridade ſe eſcurece, & toda a luz ſe eclipſa. He a luz dos Santos, como a luz dos dias; tanto maior he a luz de hum dia; quanto maior he o circulo, que o Sol faz no Ceo. Do meſmo modo, tanto maior he a luz de hum Santo, quanto mais dilatado he o circulo da ſua virtude, & da ſua innocencia. Suppoſta eſta verdade, nenhum Santo da Ley Evangelica, fez hum circulo de luzes taõ grande, como o Bautiſta; porque nenhum delles naſceo com a luz da Graça; mas no meſmo inſtante, que ſahíraõ à luz do dia, ſe acháraõ envoltos nas ſombras do peccado Original: & neſte intervallo de tempo, naõ podéraõ dar principio ao circulo da ſua ſantidade. A Virgem Noſſa Senhora appropriaõ os Padres eſtas miſterioſas palavras do Eccleſiaſtico: *Gyrum cæli circuivi ſola.* Eu, diz a Senhora, fiz todo o gyro do Ceo. *Eccleſiaſtic. cap. 24. verſ. 8.* Para a intelligencia deſta metaforica comparaçaõ, ſupponho com S. Dionyſio Areopagita, que todas as criaturas ſaõ circulos, de que Deus he o centro. Os Ceos, & as eſferas, que na ſua vaſtiſſima circunferencia encerraõ o Mundo, ſaõ circulos, que ſe volvem ſobre o centro da Divina Immenſidade. O tempo, que nunca pára, he hum circulo, que inceſſavelmente corre ſobre o centro da Divina Eternidade. As geraçoens, & producçoens da natureza, ſaõ circulos animados, que ſe eſtribaõ

no

no centro da divina fecundidade: & a vida dos Santos he hum circulo, que tem por centro as perfeiçoens, & excellencias divinas. Deſte Divino centro, todos os homens ſe deſviaõ no primeiro inſtante da ſua conceiçaõ, porque ſaõ concebidos em peccado: mas ſó a Senhora, que foi concebida em graça, começou a volver o circulo da ſua vida ſobre o centro da Divindade. Affirma pois a Senhora, que ſó ella fez o gyro do Ceo, ao contrario de todos os Santos, q̃ acabaõ eſte gyro, mas naõ o começaõ, porque vivem, & morrem em graça, mas naſcem em peccado: *Gyrum Cæli circuivi ſola.*

173. Appliquemos ao naſcimento do Bautiſta eſtas meſmas palavras, que ſe appropriaõ à Conceiçaõ da Senhora: *Gyrum Cæli circuivit ſolus.* De todos os Santos da Ley Evangelica, ſó o Bautiſta fez o gyro do Ceo, porque naſcendo em graça, deu principio ao circulo de huma vida celeſte, no meſmo inſtante que começou o circulo da ſua vida temporal. Dous generos de circulos obſervaõ no Ceo os Mathematicos, huns maiores, & outros menores: a vida dos Santos da Ley Evangelica, he hum circulo menor, porque ficou imperfeito pelo peccado original, com que naſcéraõ apartados do centro da Divindade; mas formou o Bautiſta hum circulo de Santidade maior que todos; porque naſcendo ſem peccado, teve a Deus por centro dos ſeus primeiros movimentos. E dado caſo que todos os Apoſtolos, todos os Confeſſores, todos os Martyres, & todos os Santos da Ley Evangelica naſceſſem na meſma hora, & no meſmo inſtante, em que naſcéo o Bautiſta, todos neſte fatal inſtante ſe acharíaõ em deſgraça de Deus, & ſó o Bautiſta neſta meſma circunſtancia de tempo, fora, entre tantos peccadores, Santo; entre tantos deſgraçados, venturoſo; entre tantos criminoſos, innocente;

cente; & no meyo de tantos Eclipſes, luminoſo: *Gyrum Cæli circuivit ſolus.*

174. Deſtas, & outras excellencias do Bautiſta, infiro, que o que provavelmente nos outros Santos, ſó foraõ dezejos, no Bautiſta foraõ effeitos: & naõ pôde haver maior exceſſo de Santidade, do que lograr como effeito, o que nos outros ſó he dezejo. De Chriſto Senhor noſſo, que he a meſma Santidade eſſencial, diz a Eſcritura, que he todo para ſer dezejado: *Totus deſiderabilis.* E eſte he hum dos maiores encomios, que ſe podem dar á Santidade do Senhor, pois moſtra, que he taõ ſublime, & levantada, que ſó lhe pódem chegar os dezejos humanos. He provavel, que muitos Santos dezejáraõ aquella invencivel paciencia, com que Chriſto Senhor noſſo diſſimulou as maiores afrontas, aquelle zelo incançavel, com que ſempre ſolicitou a Gloria de ſeu Eterno Pay, a quella profunda obediencia, com que viveo, & morreo ſogeito aos Imperios da vontade do meſmo Pay, & aquella eminente perfeiçaõ, com que ſe aſſinalou no exercicio de todas as virtudes; mas nunca chegáraõ a conſeguir perfeitamente o que intentáraõ: porque taõ ſoberanas excellencias, mais ſaõ para objectos do dezejo, que para experiencias do logro: *Totus deſiderabilis.* Que glorioſamente participou o Bautiſta eſta Divina prerogativa! Que (ſe bem advertirdes) no Bautiſta, foraõ obras, & execuçoens, o que nos outros Santos ſó foraõ affectos do dezejo. Provavel he, que muitos dezejáraõ haverem naſcido em graça, para eſtarem unidos com Deus deſde os primeiros alentos da infancia; mas entre todos os Santos da Ley Evangelica, eſte previlegio ſó foi concedido ao Bautiſta. Tambem he veriſimel que outros dezejáraõ, que ſe lhe adiantaſſe a razaõ aos annos, para conhecerem, & amarem a Deus antes do tempo, que a natureza limitou

*Cantic. cap. 5 verſ. 16.*

tou para o diſcurſo; mas eſta he huma prerogativa reſervada ſô para o Bautiſta, que conhecendo, & amando a Deus deſde menino, naõ teve da menenice mais que a idade, & a innocencia. Em concluſaõ, parece que tudo o que há no Bautiſta he para ſer dezejado, ſem eſperanças de ſe alcançar o que ſe dezeja: *Totus deſiderabilis.* E com iſto acabo de annunciar os prodigios, que ſe ſeguiráõ ao naſcimento do Bautiſta: *Quis, putas, puer iſte erit?* Que virá a ſer o Bautiſta? Que? O Bautiſta virá a ſer o que ninguem foi, o que ninguem he, & o que ninguem ſerá. E na verdade quem dos Santos teve, como o Bautiſta, a ventura de naſcer nos braços da Senhora? Nenhum. Quem dos Santos teve, como o Bautiſta, a gloria de bautizar o Rey da Gloria? Nenhum. Quem dos Santos foi, como o Bautiſta, Precurſor de Chriſto, & teſtemunha de Deus? Nenhum. Quem dos Santos eſtá hoje no Ceo, como o Bautiſta, taõ chegado a Deus, que na opiniaõ de S. Joaõ Damaſceno, depois de Chriſto Senhor Noſſo, & da Virgem nóſſa Senhora, o Bautiſta tem no Ceo o primeiro lugar? Nenhum. Em concluſaõ. Quem dos Santos verá, como o Bautiſta, a Chriſtandade, & o meſmo Paganiſmo, deſvelados em celebrar o dia do ſeu naſcimento até o fim do Mundo? Nenhum. Porque ſô o Bautiſta he a conſolaçaõ do Mundo, o jubilo do Ceo, & a alegria do univerſo. Logo bem diſſe eu, que o Bautiſta, virá a ſer, o que ninguem foi, o que ninguem he, & o que ninguem ſerá. Porque: *Inter natos mulierum non ſurrexit maior Ioanne Baptiſta.*

175. Temos viſto, o que virá a ſer o Bautiſta, vejamos para remate do Sermaõ, o que viráõ a ſer aquelles, que naõ forem Bautiſtas no affecto, & na devoçaõ. Diz S. Gregorio Niſſeno, que os que naõ preferem o Bautiſta a todos, ſaõ loucos, & ſaõ im-

*In Oratione, quâ fratrem ſuum concelebrat.*

impios: *Inſania ſimul, & impietas fuerit, alium ex adverſo comparando ei opponere.* Primeiramente naõ preferir o Bautiſta a todos, he locura; porque a locura eſtá oppoſta à ſabedoria: & Chriſto, que he a Sabedoria encarnada, deu ao Bautiſta a preferencia, & naõ pôde haver locura mayor do que contradizer o que a meſma Sabedoria affirma: *Inter natos mulierum non ſurrexit maior Ioanne Baptiſta.* Em ſegundo lugar, tirar ao Bautiſta a maioria, he huã taõ grande impiedade, que ſe Chriſto no Ceo fora capaz de ſentimento, ſentiria de algum modo eſta injurioſa diminuiçaõ das grandezas do ſeu Divino Precurſor. Eſcreve S. Mattheus, que logo que os Diſcipulos trouxeraõ ao Senhor a nova da degolaçaõ do Bautiſta, ſe retirára o Senhor para o deſerto: *Quod cum audiſſet Ieſus, ſeceſſit in locum deſertum.* Aſſim ſe moſtra o Senhor ſentido, quando ſabe que o Bautiſta eſtá degolado. Que outra couſa he degolar ao Bautiſta, ſenaõ cortar pela ſua grandeza, & procurar de abater as excellencias, com que a todos ſe aventaja. Degolais ao Bautiſta, vós que diminuis a ſua maioria: & quando o Bautiſta ſe degola, Jeſus de ſentido ſe retira: *Quod cum audiſſet Ieſus, ſeceſſit in locum deſertum.* Mas já que neſte Divino Sacramento aſſiſte o amoroſo Jeſus, alma das noſſas vidas, & vida das noſſas almas, em agradecimento deſta vida immortal, que nos communica, celebremos com repetidos vivas o naſcimento, & a vida do Bautiſta. Viva o Bautiſta, pois he ſuperior a todos os Santos da Ley da Natureza. Viva o Bautiſta, pois excede a todos os Santos da Ley Eſcrita. E viva o Bautiſta, pois ſobrepuja a todos os Santos da Ley Evangelica. Finalmente, viva o Bautiſta nas memorias, nos coraçoens, nos affectos, & na veneraçaõ de todos: applaudaõ todos as ſuas glorias, imi-

*Matth. cap. 11. verſ. 11.*

*Matth. cap. 14. verſ. 13.*

tem todos as suas virtudes: & para ultimo prefagio das grandezas do Baptista, annuncio nesta hora a todos os que forem Baptistas na veneraçaõ das suas excellencias, & na imitaçaõ da sua penitencia, muitos augmentos de Graça nesta vida, & os premios da Gloria na outra. *Ad quam nos perducat &c.*

# SERMAM
## NA FESTA DO
# NASCIMENTO
## DO
# BAVTISTA.

Prégado no Mosteiro de Santa Monica, no Anno de 1677. 24. de Junho.

---

*Elisabeth autem impletum est tempus pariendi, & peperit filium?* Luc. 1. 5.

176. TRINTA & tres annos viveo o grande Bautista, mas para assumpto das suas grandezas, naõ quero tomar mais, que hum sô instante da sua vida. Na vida humana, espera a santidade pelos vagares do tempo, correm os dias no alcance das virtudes, andaõ os annos em busca dos merecimentos, & dos progressos da idade, dependem os triumfos da perfeiçaõ: mas na vida do Bautista, naõ he preciso o curso dos annos, para as conquistas da sua santidade, porque hum sô momento he sufficiente para lhe grangear coroas, & basta

*Alij fiunt, sed non nascuntur Sancti, sed Ioannes, Sanctus natus est. S. Thomas de Villa Nova concion. 2.*

baſta hum ſó inſtante para eternizar as ſuas victorias. Eſte momento precioſo, & eſte glorioſo inſtante, he o do ſeu naſcimento. Naſceo o Bautiſta, & com miſterioſa advertencia, diz o Evangeliſta, que o Bautiſta naſceo depois de cheo, & cumprido o tempo: *Implétum eſt tempus.* Para os mais homens naõ eſtá cheo o tempo, quando naſcem; porque naſcem em peccado: & no tempo em que o peccado domína, ſó ſe acha o vacuo, & o nada. *Ortus juſti plenitudinem habet, peccatoris autem nativitas, vacuitatem, & inanitatem.* Saõ palavras de Origenes neſte lugar. Pelo contrario, eſtá cheo o tempo, quando naſce o Bautiſta, porque naſce com huma chea de graças, & as enchentes da graça fazem o tempo perfeito, & completo. *Ubicumque juſtus naſcitur* (continúa o meſmo Origenes) *ibi complentur dies.* Suppoſta eſta verdade na vida do Bautiſta, baſta a conſideraçaõ do inſtante em que naſce, para demonſtraçaõ das excellencias que poſſue. E porque as Mordomas deſta feſta, ſaõ Muſicas, Oraculos da Melodia, & Almas da conſonancia, para nam faltarem harmonías ao Sermaõ, moſtrarei, que ſuaves, & prodigioſas ſam as conſonancias do inſtante, em que o Bautiſta ſahio à luz do Mundo.

*Origenes homil. 9.*

177. Os inſtantes, ſaõ as partes, de que ſucceſſivamente ſe compoem o tempo: & o tempo que pelo curſo dos Planetas ſe mede, he (ſe bem advertirdes) filho de huma celeſte harmonía. Os Aſtros, & os Planetas, ſaõ os Muſicos do Ceo, que com alternadas revoluçoens, formaõ hum ſuaviſſimo concerto, variando a voz conforme a diverſidade dos aſpectos, levantando o tom na elevaçaõ do pôlo, & abatendo-o, quando decem ao Perigéo da ſua Esfera. Nos Equinoccios, & Solſticios, ſe ſignificaõ as pauſas; no movimento de rapto, as fugas; na retrogadaçaõ, as repetiçoens; & no movimento da trepidaçaõ, os requebros. Aſſim ſe fórma o tem-

o tempo com a imperceptivel conſonancia deſtes celeſtes Orfeos, a que os ſeus proprios orbes ſervem de Citharas ; os rayos da ſua luz, de fios de ouro; os dias, & as noites, de notas; de notas brancas, os dias ; de notas pretas, as noites : & as Intelligencias, que os movem, fazem o compaſſo, medindo as diſtancias, & regulando os movimentos com taõ grande proporçaõ, & uniformidade, que cada inſtante he huma compoſiçaõ de inexplicaveis harmonias.

178. No inſtante pois, em que naſceo o Bautiſta, naõ ſô conſidero a conſonancia dos Aſtros, mas tambem repáro na conſonancia das virtudes, & ſendo eſte inſtante, huma taõ breve parte do tempo, parece que nelle todos os tempos ſe encerraõ. E com razaõ ſe pôde affirmar, que neſte inſtanre eſtá cheo o tẽpo, porque eſtaõ cheas as conſonancias deſte inſtante: *Impletum eſt tempus.* No primeiro inſtante do naſcimento do Bautiſta conſi-

dero tres milagroſas conſonancias; a conſonancia da razaõ com a Infancia ; a conſonancia do merecimento, com a meninice ; & a conſonancia do ſilencio, com a fama. A razaõ fez ao Bautiſta, varaõ no berço : o merecimento fez ao Bautiſta, Santo nas mantilhas : & a fama fez ao Bautiſta celebre no Mundo, na Aurora da ſua idade. Demaneira, que ſe alguem perguntar em quanto tempo o Bautiſta chegou a ſer homem, Santo, & o mais celebrado dos Santos, ſaiba que para o Bautiſta conſeguir eſtas inſignes prerogativas, naõ houve miſter mais que hum ſô inſtante; porque o Bautiſta no primeiro inſtante, em que naſceo, foi homem com uzo da razaõ : *Fuit homo :* foi o Santo do maior merecimento : *Non ſurrexit maior :* & foi o Santo, que teve mais fama no Univerſo : *Ioannes eſt nomen ejus, & mirati ſunt univerſi.* Vamos ponderando as incomparaveis excellencias deſte inſtante capaz de competir

*Ioan. cap. 1. verſ. 6.*

*Matth. cap. 11. verſ. 11.*

*Lucæ cap. 1. verſ. 63.*

com huma eternidade; pois nelle eſtá cheo, & cumprido o tempo: *Impletum eſt tempus.* E todos geralmente confeſſem, que aonde os maiores Sãtos naõ ſubíraõ, ſenam no eſpaço de muitos annos, teve o Bautiſta a gloria de chegar em hum ſô inſtante. *Ave Maria.*

## I. PARTE.

179. No inſtante, em que o Bautiſta naſceo, eſtava a razaõ unida com a infancia. Porque ſe na opiniaõ dos Padres, o Bautiſta aos ſeis mezes de concebido, já tinha uzo de razaõ; eſta meſma razaõ, já eſtava adulta, & provecta, quando naſceo o Bautiſta. Grande prodigio da natureza! O Bautiſta menino, & a razaõ creſcida. O Bautiſta enfaxado nas mantilhas, & a razaõ exercitada nas noticias. O Bautiſta apertado nas anguſtias do berço, & a razaõ triumfante no trono do Entendimento. Mas que razaõ haverá para o Bautiſta naſcer com uzo de razaõ, & porque ſe há de anticipar no Bautiſta o exercicio de huma perfeiçaõ, que depende da experiencia dos annos, & da madureza da idade? Reſpondo: no Bautiſta ſe anticipou o uzo da raçaõ, para gloria de Deus, & para gloria do meſmo Bautiſta. Primeiramente, he gloria de Deus, que o Bautiſta naceſſe com uzo de razaõ, porque o Bautiſta, he a voz de Deus, & o interprete do Verbo; & o Verbo, que he a palavra do Eterno Pay, he a meſma razaõ deſde o ſeu Eterno Naſcimento. Iſto quiz o Evangeliſta ſignificar com eſtas palavras: *In principio erat Verbum.* Conforme a interpretaçaõ do Cardeal Toledo eſta palavra, Verbo, tem duas ſignificaçoens; ſignifica palavra, & ſignifica razaõ. Suppoſto iſto, o Verbo Divino ſignifica o meſmo, que palavra, & razaõ. Mas pergunto: Em que tempo ſe unio a razaõ com eſta palavra? Em que tempo? Em hum tempo tam antigo como toda a Eternidade: *In principio* Ioan. cap. 1. verſo 1.

*erat*

*erat Verbum.* Lá naquelle principio, que ſó entre todas as couſas principiadas, naõ há de ter fim. Naquelle principio, a que nem o paſſado ſe anticipa, nem o futuro ſe ſegue, porque a ſua eterna exiſtencia encerra em ſi todos os tempos paſſados, & futuros. Naquelle principio, que he o centro de todos os principios. Naquelle principio a que todos os ſeculos reſpeitaõ, a que veneraõ todas as idades, & a que todos os tempos adoraõ. Finalmente naquelle principio, que naõ tem principio, no Sacroſanto gremio da Divindade, naſceo a palavra com a razaõ, eterna palavra, & razaõ eterna; porque he palavra de Deus: & em Deus naõ he menos antiga a razaõ que a palavra; porque a palavra de Deus he acto do ſeu entendimento: *In principio erat Verbum. Verbum ſignificat ſermonem, & rationem.* Sendo pois o Bautiſta, a voz de Deus, claro eſtá, que convem à gloria de Deus, que eſta divina voz poſſua as excellencias da razaõ deſde o primeiro inſtante do ſeu naſcimento: & aſſim ſe podem em certo modo applicar ao naſcimento do Bautiſta as meſmas palavras, que o Evangeliſta appropriou à eterna geraçaõ do Verbo: *In principio erat Verbum*: o Bautiſta no primeiro inſtante do ſeu naſcimento, he hũa voz com razaõ, porque he a voz do Verbo, que aſſim lhe chamou S. Boaventura: *Erat vox Verbi*: a razaõ he inſeparavel do Verbo, porque o Verbo he a palavra Divina: & era conveniente, que o Bautiſta naſceſſe com uzo de razaõ, porque he o Ecco deſta Divina palavra. O Verbo he a meſma razaõ deſde aquelle perpetuo inſtante, em que eternamente naſceo, & ſempre eſtá naſcendo. Tambem domina a razaõ no inſtante, em que naſce o Bautiſta: *In principio erat Verbum.* Porque o Bautiſta he a voz do Verbo: *Erat vox Verbi.* Todas as criaturas corporaes ſaõ imagens viſiveis, das inviſiveis excellencias

*Divus Bonaventura in Cantic. Virgin.*

*Cardinalis Toletus Adnotat. 1. in Joannem.*

cias da Divindade : mas de todas eſtas imagens de Deus, ſô aquella he mais ſemelhante ao ſeu Divino Original, que poſſue as perfeiçoens da ſua natureza no meſmo inſtante, em que naſce. Naſcer com defeitos, & aperfeiçoarſe com o tempo, he proprio das criaturas; mas eſtar perfeito deſde o primeiro inſtante do ſeu ſer, he proprio de Deus, E eſte he o attributo da criatura, que com Deus tem maior ſemelhança.

180. Em muitos lugares da Eſcritura, acho que Deus ſe compára com o Sol: & com tudo muitas propriedades do Sol deſmentem a gloria deſta divina ſemelhança; porque as excellencias de Deus ſaõ, & ſempre foraõ infinitamente perfeitas. E pelo contrario naõ há perfeiçaõ no Sol, que naõ tenha alguma ſombra de defeito. Com a meſma luz, com que o Sol deſterra as trevas do Mundo, deſcobre ao Mundo as ſuas manchas: & o meſmo movimento, que o levanta ao trono do meiodia, ignominioſamente o entrega à ſepultura do Occidente. Pinta o Sol as galas das flores do campo, mas no meſmo tempo eſconde as Eſtrellas, que ſaõ as flores do Ceo: manda o Sol à terra ſaudaveis influencias, & attrahe para ſi pernicioſos vapores: nas entranhas dos montes, gera o Sol os mais precioſos metaes, & com calidas exhalaçcens, fôrma o Sol os rayos no ſeio das nuvens. Em concluſaõ, fazona o Sol os frutos, & murcha as flores; fertiliza o campos, & ſeca as plantas; anima os inſectos, & mata os homens; bemfeitor juntamente, & verdugo; Monarca, & Tirano; pay, & homicida da natureza. Logo em que funda a Eſcritura as ſuas taõ repetidas comparaçoens de Deus com o Sol? Direi. As excellencias da Divindade, ſaõ taõ antigas como o meſmo Deus: & (ſe bem advertirdes) há huma excellencia no Sol, que he taõ antiga como o meſmo Sol. A maior excellencia do Sol, he a ſua luz: com eſta

eſta naſceo o Sol mageſtoſamente coroado: & deſde o primeiro inſtante da ſua criaçaõ, luzio com taõ grande abundancia de reſplandores, como agora luz depois de cinco mil, & ſete centos, & vinte & nove annos, que anda alumeando ao Mundo. Logo ſeja o Sol huma das mais perfeitas imagens de Deus: que ſe todas as perfeiçoens ſe achaõ em Deus, deſde que Deus he; no Sol ſe achaõ as perfeiçoens da luz, deſde que o Sol naſceo. A maior perfeiçaõ do homem conſiderado no eſtado da natureza, he a lûz da razaõ: & porque Deus he a razaõ eſſencial, & eterna, naſce o Bautiſta com luz da razaõ, quanto mais perfeito no primeiro inſtante da ſua vida, mais ſemelhante a Deus, naõ ſó em quanto Deus, ſenaõ tambem em quanto Sacramento; porque o Sacramento da Euchariſtia, he hum miſterio, em que os maiores miſterios, juntamente ſe repreſentaõ em hum ſô inſtante.

181. Tres grandes miſterios, obrou Deus no Mundo, a Encarnaçaõ, a Paixaõ, & a Reſurreiçaõ: mas para comprimento deſtes tres miſterios, foi preciſo que ſe paſſaſſem muitos eſpaços de tempo, porque naõ podia Deus naſcer, morrer, & reſuſcitar no meſmo inſtante. Da criaçaõ do Mundo, ao Naſcimento de Chriſto, ſe paſſáraõ quatro mil & cincoenta & dous annos: do Naſcimento de Chriſto à ſua morte, trinta & tres annos: da morte de Chriſto à ſua Reſurreiçaõ, tres dias. E porque he gloria de Deus obrar em breve tempo, o que naturalmente pede tardanças, todos os dias repete o Senhor eſtes tres ſoberanos miſterios em hum ſô inſtante. E qual ſerá eſte milagroſo inſtante, em que ſe reſumem tantas glorias, & ſe recopilaõ tantas grandezas? He o inſtante da conſagraçaõ do Corpo de Chriſto no Sacramento; porque no meſmo tempo, em que o Sacerdote acaba de proferir eſtas divinas palavras:

*Lucæ cap. 22. verſ. 19.*

vras: *Hoc eſt Corpus meum:* temos no Sacramento a Deus encarnado, Deus morto, & Deus reſuſcitado. Deus encarnado por extençaõ: Deus morto por repreſentaçaõ: & Deus reſuſcitado por exiſtencia. A Encarnaçaõ, a Paixaõ, & a Reſurreiçaõ, ſaõ como tres miſterioſas idades do Redemptor do Mundo. Porque na Encarnaçaõ, ſe repreſenta o eſtado da infancia: nos trabalhos da Paixaõ, o vigor da mocidade: & nos triumfos da Reſurreiçaõ, as glorias da varonia. Mas do meſmo modo que no Sacramento ſe cifra a duraçaõ deſtas tres idades em hum ſô inſtante: aſſim no inſtante do naſcimento do Bautiſta miſterioſamente ſe encerraõ as tres primeiras idades do homem, a infancia, a mocidade, & a varonia. A infancia, na pureza da innocencia: a mocidade, nos alentos do eſpirito: & a varonia, no aſſento da razaõ. Oh divino Bautiſta! que de glorias ſe comprehendem neſte unico inſtante, em que ſois juntamente menino, mancebo, & varaõ. Menino, nos principios da idade: mancebo, nos empenhos de Precurſor: & varaõ nas idéas da ſapiencia. Neſta taõ tenra idade, ninguem vos alcança a ver pequeno, porque no meſmo inſtante, em que naſceis, pareceis taõ exceſſivamente grande, que ſe pôde juſtamente crer, que ha muitos annos que naſceſtes, & porque ſois grande deſde menino, a voſſa grandeza naõ teve principios, para que ſô tiveſſe exceſſos.

182. Dignas de reparo me parecem as palavras de Santo Ambroſio a eſte propoſito. Diz o Santo, que o Bautiſta naõ eſteve ſugeito aos impedimentos da infancia: *Infantiæ impedimenta neſcivit.* A infancia he o principio da grandeza do homem, & com tudo acha Santo Ambroſio, neſte principio, impedimentos: *Infantiæ impedimenta.* Sabeis porque? Porque os principios da grandeza, ſaõ os impedimentos da meſma grandeza. Toda a gran-

grandeza, que se vio principiar, he pequena, & só saõ insignes as grandezas, de que se ignora a origem. O Rio Nilo, he o Rey dos Rios, porque nunca ninguem o vio pequeno: esconde a fonte de donde nasce, para acreditar a magestade, com que anda; & quanto he mais desconhecido nos seus principios, he mais admiravel nas suas enchentes. Naõ de outra sorte o Bautista. Nunca o Bautista parecéo pequeno, porque ainda recem-nascido, foi grande: *Hic puer Magnus.* Ganhou antiguidades ao seu mesmo principio, & adiantando as victorias da razaõ, aos triumfos do tempo, naõ se pôde dizer q̃ começou por donde os outros acabaõ: & esta unica prerogativa he sufficiente para conciliar ao Bautista a veneraçaõ dos mayores homens do Mundo. Porque naõ há cousa mais glorioſa no Mundo, que huma grande luz de razaõ, nos primeiros albores da Infancia. Na opiniaõ de Santo Ignacio Bispo de Antioquia, naõ passava o Profeta Daniel de doze Annos, quando os Juizes do Povo de Israel, o fizeraõ assentar no meio delles: *Dixerunt ei senes, veni, & sede in medio nostrum.* Pois hum menino assentado nos Tribunaes, entre os mais authorizados Ministros da justiça? Sim: porque he menino com acertos da razaõ superiores á idade. Logo senteſe Daniel, como Juiz, no meio dos mais velhos Juizes, que para as caãs de huma veneravel velhice, naõ há objecto mais digno de respeito, do que o anticipado conhecimento de huma discreta Infancia: *Sede in medio nostrum, quia tibi Deus dedit honorem senectutis.* Se ao nascimento do Bautista assistissem por milagre os mais antigos homens do Mundo: Adaõ na idade de novecentos, & trinta Annos: Enoch na idade de quinhentos, & sessenta, & cinco Annos: Noé na idade de novecentos, & dez Annos: & Abrahaõ na idade de cento, & settenta,

*Sanctus Ignatius Epist. ad Mag.*

*Daniel. cap. 13. vers. 50.*

*Id. ibid.*

&

& cinco Annos : entendo que todos eſtes Patriarchas do Antigo Teſtamento ſe lançariaõ ao berço do Bautiſta , & beijando as ſuas ſagradas mantilhas , com igual reſpeito, que admiraçaõ , lhe offereceriaõ o primeiro lugar , cedendo dos direitos da ſua antiguidade, & celebrando as glorias de hum menino taõ anticipadamente racionavel : *Sede in medio noſtrum , quia tibi Deus dedit honorem ſenectutis.* Poſto o menino Bautiſta no meio deſtes Anciaõs do Mundo , todos lhe dariaõ conta das ſuas glorias , & das ſuas penas. Moſtraria Adaõ as lagrimas da ſua penitencia : & Enoch, que foi o primeiro ſolitario do Mundo , lhe repreſentaria as innocentes delicias da ſua ſoledade : contaria Noé os portentoſos ſucceſſos do Diluvio: & Abrahaõ renovaria as memorias do ſeu taõ celebrado ſacrificio. Mas já que faltaõ eſtas conferencias para entretenimento do menino Bautiſta , ſupraõ os noſſos collequios, o ſilẽcio dos Patriarcas, conſiderando que naõ he contra a razaõ , o fallar com hum menino, que tem uzo de razaõ.

183. Conſta do Evangelho , que poucos dias depois do naſcimento do Bautiſta , ſeu Pay Zacharias , o tomou nos braços , & com attenta ponderaçaõ lhe diſſe eſtas miſterioſas palavras : *Tu puer , Propheta altiſſimi vocaberis , præibis enim ante faciem Domini parare vias ejus.* Que novidade he eſta ? exclama Santo Ambroſio. Quem nunca vio hum velho ſizudo , travar praticas com hum menino ? Por ventura delirou Zacharias , & deſterrado da converſaçaõ dos ſabios deſafoga com os meninos os treſvarios da ſua decrepita idade ? *Fortaſſe aliquis , irrationabilem mentis exceſſum putet , quòd octo dierum alloquitur infantem ?* Mas taõ fora eſtá Zacharias de obrar contra as leys da prudencia , que antes ſummamente acredita a ſua diſcriçaõ , anticipandoſe a fallar com hum menino , em que a razaõ ſe anticipou.

*Luc. cap. 1. verſ. 76.*

*Ambroſius in cap. 1. Luc. de Prophetatione Zachariæ, mihi pag. 1638. col. 2. littera D.*

pou. Adiantaſe Zacharias no fallar, porque o Bautiſta ſe adiantou no entender, & todas as palavras do pay, ſaõ provas da intelligencia do filho, milagroſamente provenida contra as ignorancias da natureza: *Sciebat Propheta alias eſſe aures Prophetæ, quæ ſpiritu Dei, non corporis ætate, reſerantur.* Pois ſe iſto aſſim he, ô Divino Infante, ſe naſceis taõ repentinamente diſcreto, & entendido, que o diſcurſo da razaõ naõ eſpera em vós pelo diſcurſo do tempo: & ſe antes de fallares com ninguem, já eſtais capaz para entenderes a todos, ouví as razoens, que todo o mundo tem para pôr em vós as ſuas eſperanças. Por vós eſpera o deſerto, dezejoſo de ver as ſuas ſoledades povoadas com o grande numero dos homens, que imitadores da voſſa penitencia, ſeguiráõ as voſſas piſadas: das correntes das voſſas lagrimas, eſperaõ as fontes da Paleſtina, os ſeus criſtalinos augmentos: & da voſſa luminoſa preſença, eſperaõ as mais eſcuras cavernas a ſua claridade. Por vós eſpera o Jordaõ, para ſer no meſmo tempo, eſpelho da innocencia no Bautiſmo de Chriſto; & no Bautiſmo dos Chriſtaõs, ſepultura do peccado. E ſe o Paço de Herodes naõ ſuſpira pela voſſa preſença, he porque naõ ſe admitte a razaõ no Paço, perpetuo domicilio da lizonja. E eſte primeiro inſtante em que naſceis com uzo de razaõ, he o preſagio da condenaçaõ das ſemrazoẽs da Corte. Temos ouvido as conſonancias da razaõ com a Infancia no inſtante do naſcimento do Bautiſta, ouçamos as conſonancias do merecimento com a menenice neſte meſmo inſtante, em que ainda que ſô principiado, já eſtá cheo, & cumprido o tempo: *Impletum eſt tempus.*

*Idem Ambroſ. ibid.*

## II. PARTE.

184. A razaõ, & a graça, ſaõ os dous principios do merecimento, porque determinaõ a vontade para

para as acçoens meritorias: a razaõ, com os conſelhos; & a graça, com os impulſos. E porque o Bautiſta, tres mezes antes de naſcer, teve o uzo da razaõ, & o dom da graça; o uzo da razaõ para a liberdade do alvedrio, & o dom da graça para as preeminencias da Santidade. Deſde aquelle tempo começou o Bautiſta a merecer, fazendo (como affirmaõ os Doutores) muitos actos de Fé, & de amor de Deus, nas entranhas maternas: por onde he provavel, q̃ o Bautiſta jâ tinha conſeguido muitos graos de merecimento, quando chegou o inſtante, em que ſahio à luz do Mundo. A duas claſſes ſe podem reduzir todos os merecimentos: os merecimentos para com Deus, & os merecimentos para com os homens. No inſtante pois do ſeu naſcimento, entendo que o Bautiſta mereceo para com Deus, & para com os homens: para com Deus, com os actos da Fé; & para com os homens, com os actos da caridade: para com Deus, mereceo o Bautiſta, porque chegou a crer em Deus, & em Deus humanado; primeiro, que eſte Deus homem foſſe naſcido. E eſtes actos da Fé do Bautiſta, eraõ tanto mais meritorios, quanto mais eſcondido eſtava o objecto deſta meſma Fé. Nas materias da Fé, as evidenciás da experiencia, ſaõ deſdouros do merecimento. *Non habet meritum fides* (diz S. Gregorio) *cui humana ratio præbet experimentum.* Faltaõ os creditos à Fé, quando a evidencia lhe deſcobre os objectos: & pelo contrario, quanto mais ſe retiraõ as experiencias, mais ſe apuraõ os merecimentos. No ſepulchro buſcou a Madalena ao Senhor morto, & o achou reſuſcitado, & querendoſe lançar a ſeus pés, lhe embargou o Senhor os paſſos, & lhe prohibio, que o tocaſſe: *Noli me tangere.* Mas ſe na caſa do Fariſéo, permitio o Senhor, que a Madalena o tocaſſe, quando peccadora, porque razaõ naõ quer que

*Suares de Ioan. Baptiſta in lib. de Vita Chriſti diſput. 23. ſect. 3. mihi pag 261. col. 1. D.*

*S. Gregorius Papa homil. 26. in Evangel.*

*Ioan. cap. 20. verſ. 17.*

que a meſma Madalena o chegue a tocar, agora que he Santa. Eis aqui a razaõ. O que ſe toca com as mãos, naõ ſe crê, mas ſabeſe com evidencia: & aonde há evidencias do objecto, naõ tem a Fé merecimentos. Na caſa do Fariſéo permetio o Senhor, que a Madalena o tocaſſe em premio do ſeu affecto; mas depois de reſuſcitado, naõ quiz que a Madalena o tocaſſe para maior merecimento da ſua Fé. Via a Madalena ao Senhor em figura de hortolaõ, & com viva Fé o adorava, crendo que era o ſeu Divino Meſtre reſuſcitado: logo naõ ſe chegue a Madalena ao Senhor para o tocar: *Noli me tangere.* Porque tocando o que crê, terá evidencias da verdade, & com eſta meſma evidencia, perderá o merecimento da ſua Fé. Saõ Leaõ Papa: *Noluit Chriſtus, ut Magdalena tangeret, & ipſum videret, ne fide privaretur.* Oh! que grandes, & prodigioſos foraõ os merecimentos da Fé do Bautiſta deſde o primeiro inſtante da ſua vida. Começou o Bautiſta a crer em Chriſto, primeiro que Chriſto appareceſſe ao Mundo, & antes que Chriſto foſſe viſivelmente menino, creo o Bautiſta, que Chriſto era homem, & homem Deus. Eſta pois he huma Fé, que a todas ſe aventaja no merecimento, porque tem menos que todas, experiencias do ſeu objecto.

185. Chamaſe o Sacramento da Euchariſtia, miſterio de Fé por antonomaſia: *Myſterium Fidei.* Mas que razaõ haverá para ſe dar a eſte miſterio, eſta ſingularidade, antes que ao Miſterio do Naſcimento, da Morte, & Reſurreiçaõ do Senhor? Dou a razaõ. O Divino Sacramento, he miſterio da Fé por excellencia, porque na inſtituiçaõ deſte ſoberano miſterio, nenhum milagre fez o Senhor viſivelmente para aſſegurar a Fé dos homens. Naõ aſſim nós outros miſterios. No Preſepio, no Calvario, & no Sepulchro, obrou o Senhor milagres viſiveis, para prova da

ſua inviſivel Divindade. No preſepio ſuſpendeo a Eſtrella os ſeus reſplandores; no Calvario, o Sol da natureza amortalhou as ſuas luzes; & no Sepulchro, o Sol da Graça retratou os ſeus eclipſes nas ſuas mortalhas. Todos eſtes milagres foraõ prova de hum Deus naſcido no preſepio, morto no Calvario, & reſuſcitado do Sepulchro. Mas que milagre viraõ os olhos humanos na inſtituiçaõ do Sacramento da Euchariſtia, para prova de que Deus realmente eſtá debaxo das eſpecies Sacramentaes? Nenhum. Conſagrou o Senhor o Paõ Euchariſtico, & todos os milagres deſta conſagraçaõ, foraõ inviſiveis, para que a Fé humana foſſe viſivelmente milagroſa: mas eſta meſma falta de provas, he a prova do noſſo merecimento, & eſta he a razaõ, porque o merecimento do Bautiſta me parece taõ ſingular nos actos da ſua Fé. Que a Fé dos Apoſtolos conheceſſe ao Senhor por Arbitro da natureza, vendo que o Senhor tinha poder para aplacar os mares, & ſenhorear os Elementos: que a Fé da Madalena confeſſaſſe, que Chriſto he Autor da vida, depois de Chriſto ſoltar a Lazaro dos grilhoens da morte: que a Fé do Centuriaõ aclamaſſe a Chriſto por Filho de Deus, depois de ver os prodigios, que ſe ſeguiraõ à ſua morte no Calvario: finalmente que a Fé do Evangeliſta lhe perſuadiſſe, que Chriſto era reſuſcitado, depois de naõ achar o Corpo de Chriſto no Sepulchro: todos eſtes actos de Fé, foraõ deſempenhos da obrigaçaõ, antes que finezas para o merecimento. Porque as demonſtraçoens da verdade, diminuem o credito da Fé. Mas que o Bautiſta chegaſſe a conhecer a Chriſto por Arbitro da natureza, Author da vida, Filho de Deus, & Redemptor do Mundo, primeiro que Chriſto obraſſe nenhum prodigio, & antes que fizeſſe nenhuma acçaõ viſi-

vel

vel ao Mundo: eſta he hũa Fé independente de todos os motivos exteriores, & por conſequencia incomparavel na pureza, & ſuperior no merecimento. Mas ſe o Bautiſta no primeiro inſtante da ſua vida, mereceo para com Deus, com os actos da Fé, tambem mereceo para com os homens, com os actos da charidade. Hum dos actos da charidade mais gratos aos homens, he darlhe alivio nos ſeus trabalhos: & eſte acto, he taõ proprio da humanidade, que he huma quaſi differença eſpecifica, que conſtitue o ſer moral do homem. De modo que ſô ſe ha de julgar por homem, aquelle que acode ás miſerias humanas. E quem deſte exercicio de piedade inhumanamente ſe retira, naõ parece homem. Temos a prova no Evangelho.

186. Embarcados os Apoſtolos, & engolfados no alto mar, ſe levantou huma taõ terrivel tempeſtade, que todos com anciosa induſtria, ſe armaraõ contra os perigos do naufragio, huns amainando as velas, outros tendo maõ no leme, & outros quebrando com os remos a furia das ondas: em concluſaõ: *Erant laborantes in remigando.* Marci cap. 6. verſ. 48. Eſtando os Apoſtolos neſte taõ evidente riſco da vida, lhes appareceo o Senhor ſobre o mar. Mas reparai com attençaõ na figura, que aos Apoſtolos ſe repreſentou, quando viraõ ao Senhor: *Putaverunt Phantaſma eſſe*: Marci cap. 6. verſ. 49. Imaginaraõ, que viaõ huma Fantaſma. Notavel illuſaõ da viſta! Que os Apoſtolos, ſoçobrados com o medo da morte, naõ conheceſſem ao ſeu Divino Meſtre, naõ me admiro; mas naõ entendo como ao menos naõ o conhecéraõ por homem. Olhai, ô Apoſtolos, que o que vedes tem figura humana, & ſe pelos intervallos da diſtancia naõ chegais a diviſar os lineamentos do roſto, reparai no movimento, & diſpoſiçaõ das partes, & affirmareis, que he homem, & naõ ſombra. Mas a meu ver, eſta cegueira dos Apoſtolos,

ſtolos, he mais miſterioſa, que verdadeira. Diz o Evangelho, que vendo o Senhor a ſeus Diſcipulos em taõ grande trabalho, & perigo, moſtrou de querer paſſar adiante ſem lhes dar nenhum genero de ſocorro: *Volebat præterire eos.* E ſuppoſto eſte apparente deſemparo, parece tinhaõ os Apoſtolos razaõ para dizer, ſe fora homem, naõ faltára de nos acudir neſte aperto, em que a noſſa vida taõ manifeſtamente periga; mas já que ſe nega aos auxilios, de que taõ preciſamente neceſſitamos, naõ he homem, he huma Fantaſma, que anda, & huma ſombra, que caminha: *Volebat præterire eos. Putaverunt Phantaſma eſſe.* Confirma S. Joaõ Chryſoſtomo eſte meu penſamento, dizendo que na caritativa aſſiſtencia, com que os homens ſe ajudaõ nos ſeus trabalhos, conſiſte o ſer do homem, & que o que naõ tem eſta piadoſa commiſeraçaõ, naõ he homem: *Hoc ſuper omnia diſcat homo, quoniam & hoc eſt homo, nam ni-*

*Marci cap. 6. verſ. 48.*

*Ioan. Chryſoſtom. hom. 93. ad Populum.*

*ſi hoc habeat, deſijt eſſe homo.*

187. Deſde o principio do Mundo, eſtava todo o genero humano contraſtando, com as tormentas da ſua deſgraça, occaſionada da rebeliaõ do primeiro homem: *Erant laborantes in remigando.* E no meio dos perigos de hum eterno naufragio, ſò tinhaõ os homens para remedio das ſuas penas, as ancoras da ſua eſperança. Mas quem viſivelmente acudio primeiro que todos a eſtes taõ grandes apertos da natureza humana? O Bautiſta. Porque o Bautiſta, como Precurſor do Redemptor do Mundo, trouxe ao Mundo as primeiras novas da ſua ſuſpirada Redempçaõ. Logo ſe a excellencia do homem conſiſte em aliviar os trabalhos humanos, o Bautiſta, que deu aos homens hum taõ grande alivio, naõ ſò he homem deſde menino, mas he a gloria, & a excellencia dos homens. Iſto parece quiz dizer Santo Aguſtinho ao meu intento; *Si quæris excellentiam homi-*

*Marci cap. 6. verſ. 48.*

*Auguſtin. in Præfation. in 2. enarration. in Pſal. 29.*

*hominis, Ioannes Baptiſta eſt.* E S. Pedro Chryſologo: *Naſcitur maior homine.* No inſtante do ſeu naſcimento, o Bautiſta he mais que homem, porque dá a todos os homens a vida com os annuncios da ſua Redempçaõ. Suppoſto iſto, digamos com Euſebio Emiſſeno, que o Bautiſta excedeo a medida dos merecimentos humanos: *Ioannes humanorum excedit menſuram meritorum.* Porque o Bautiſta merecéo para com os homens, antes que viveſſe para ſi. No eſtado da natureza, todos os homens naſcem para ſi, & por iſſo naõ merecem para com os mais homens, quando naſcem. Só naõ naſcéo para ſi o Bautiſta, mas naſcéo para conſolaçaõ do Mundo: *Multi in nativitate ejus gaudebunt.* O Bautiſta naõ naſceo para ſi, porque antes de naſcer a eſta vida tranſitoria, já tinha merecimentos para a vida eterna: & ſe, como enſina Santo Thomás, os Anjos logo depois do primeiro acto meritorio, que fizeraõ, foraõ bemaventurados, o Bautiſta, que no ventre materno tinha feito muitos actos meritorios, de Fé, de Obediencia, & de Amor, tinha direito para a Bemaventurança, primeiro que naſceſſe: mas naõ ſatisfeito de merecer para com Deus, naſceo para merecer para com os homens, deſterrando as ſombras da ſua triſteza, como luzeiro do Sol da Graça, & cantando como voz de Deus, os preludios da ſua chegada Redempçaõ. Temos ouvido as duas primeiras conſonancias do inſtante deſte glorioſo naſcimento: A conſonancia da razaõ com a infancia, a conſonancia do merecimento com a menenice. Reſta que ouçamos as conſonancias do ſilencio com a fama, que he o preſervativo da vida para todos os tempos: *Impletum eſt tempus.*

*Euſeb. Emiſſen. homil. 1. de Baptiſta.*

*Lucæ cap. 1. verſ. 14.*

## III. PARTE.

188. O Bautiſta, ainda que Orador da Eterna Sabedoria, eſtava calado no inſtante em que naſcéo; mas com

com univerſal applauſo, todos fallaraõ no Bautiſta. Soáraõ nos montes de Judéa, os eccos do ſeu milagroſo naſcimento, & logo todos os coraçoens ſe fizeraõ oraculos da ſua grandeza, & todas as linguas foraõ Profetizas da ſua gloria: *Poſuerunt omnes, qui audierunt, in corde ſuo, dicentes: Quis putas puer iſte erit?* Huma grande fama facilita a execuçaõ de huma grande empreza. E ſuppoſto que na opiniaõ de alguns, a fama naõ he outra couſa, que huma ſombra vaã da aceitaçaõ popular, & huma Fantaſma da gloria; eſta ſombra, he a baſe, em que ſe eſtribaõ as Monarquias, & eſta Fantaſma, he a columna, que ſuſtenta os Imperios. Por iſſo aquelle Emperador Romano, naõ fiou tanto a conſervaçaõ da ſua Coroa do poder das ſuas armas, como dos creditos da ſua fama: *Reputante Tiberio magis famâ, quam vi, ſtare res ſuas.* Chriſto Senhor Noſſo, para eſtabelecimento do ſeu Imperio eſpiritual na terra, tambem ſe quiz valer dos meios mais plauſiveis à opiniaõ dos homens: & porque o Bautiſta era o pregoeiro da fundaçaõ deſta nova Monarquia, quiz Chriſto, que o Bautiſta tiveſſe grande fama deſde que naſceo. Que a execuçaõ das mais arduas, & glorioſas emprezas, depende dos anticipados applauſos da fama. Foi David ungido Rey, dez annos primeiro que tomaſſe poſſe do Reyno; porque na idade de vinte annos, foi ſecretamente ungido pelo Profeta Samuel, & ſô na idade de trinta annos começou a tratar as redeas do governo: *Filius triginta annorum erat David, cum regnare cæpiſſet.* Quando David foi ungido Rey, já tinha baſtante prudencia para a adminiſtraçaõ do governo; mas ainda naõ tinha aquella fama, que ſe requeria, para ſe approvar huma taõ grande mudança no Reyno de Iſrael; porque David era paſtor. E da humildade de paſtor chegar à ſoberania de Rey,

*Lucæ cap. 1. verſ. 66.*

*Tacit. 6. Annal. 30.*

*David unctus 20. ætatis anno.*

*A Lapide tom. 1. in lib. Regum pag. 203. col. 1.*

*2 Reg. 5. v. 4.*

paſ-

paſſar da cabana para o Paço, da manada para a Republica, & dos ruſticos entretenimentos do campo, para as ſublimes occupaçoens da Corte, he huma taõ grande, & difficultoſa empreza, que ſô ſe podia facilitar, por meio da fama, que David adquirio no eſpaço daquelles dez annos, degolando ao ſoberbo Gigante, desbaratando o exercito dos Filiſtéos, & obrando outras prodigioſas façanhas, com que fez ſeu nome taõ celebre na opiniaõ dos Povos, que todos ſe gloriavaõ de ſe lhe offerecer por vaſſallos. Aſſim andou David nas azas da fama, para ſubir ao trono, vencendo os obſtaculos, & atropellando as difficuldades, que lhe embargavaõ o logro da Coroa. E lembrando Deus a David o beneficio da Monarquia, a que o levantára, naõ diz, que lhe deu hum grande Imperio, mas ſô diz, que lhe deu hum grande nome: *Feci tibi nomen grande.* Porque a grandeza, & reputaçaõ do nome, lhe abriraõ o caminho para as grandezas do Imperio. Taõ proprio lhe da fama alhanar ás maiores difficuldades, que ſuſpendem a execuçaõ das maiores emprezas.

2 *Reg. cap. 4. verſ. 9.*

189. Que invenciveis parecem as difficuldades, que ſe opunhaõ à fundaçaõ da Monarquia de Chriſto na terra! Para Chriſto ſer conhecido, & adorado Rey do Mundo, era preciſo, que os homens ſogeitaſſem o entendimento ao cativeiro da Fé, crendo a Encarnaçaõ do Verbo, & a uniaõ de duas naturezas, humana, & divina, ſem confuſaõ das ſuſtancias, & ſem multiplicaçaõ das peſſoas. Mas quem lançará os alicerces de huma Fé, taõ ſuperior à luz da razaõ? E quem aſſentará as primeiras noticias de huma verdade, taõ repugnante ás leys da natureza? O Bautiſta. E porque razaõ o Bautiſta, antes que qualquer outro varaõ Apoſtolico? Porque o Bautiſta, he ſem contradiçaõ o mais celebre, & affamado Santo do Mundo: & a hum Santo

de taõ grande fama, he facil a execuçaõ de huma taõ grande empreza. Logo muito importa a fama do Bautiſta para o luzimento da gloria de Deus na terra: porque quanto maior he a veneraçaõ, que os homens tem ao Bautiſta, mais ſegura eſtá a opiniaõ da Divindade de Chriſto. O Abulenſe: *Intererat ergo Chriſti, quod Ioannes eſſet magnæ opinionis apud plebem.* Demaneira que os primeiros rayos da Fé de Chriſto nos homens, foraõ reflexos da Fé, que os homens deraõ ao Bautiſta. Oh prodigioſa excellencia da fama do Bautiſta! Naõ ſe fiáraõ de S. Pedro as primicias da Fé, nem ſe cometéraõ ao Evangeliſta os exordios do Chriſtianiſmo: naõ ſô porque naquelle tempo, ainda naõ eraõ Diſcipulos do Senhor, mas porque he certo, que nem a S. Pedro, ainda que Principe dos Apoſtolos, nem ao Evangeliſta, ainda que o mais amado dos Diſcipulos, haviaõ os homens de dar tanta Fé, como ao Bautiſta. E he iſto tanto aſſim, que ainda que os Apoſtolos obraſſem as meſmas acçoens, & no meſmo tempo que o Bautiſta, naõ ſe referem eſtas acçoens dos Apoſtolos, mas ſô ſe celebraõ as que o Bautiſta obrava.

*Abul. in cap. 18. Matth. quæſtione 8. in cur. 6. p. 678. c. 1.*

190. No Capitulo terceiro, eſcreve S. Joaõ, que o Bautiſta eſtava bautizando: *Erat autem Ioannes baptizans:* & ſuppoſto que tambem os Apoſtolos bautizaſſem neſte meſmo tempo, como conſta do Capitulo ſeguinte, naõ falla S. Joaõ no bautiſmo dos Apoſtolos, quando faz mençaõ do bautiſmo do Bautiſta. Porque, como advertio S. Joaõ Chryſoſtomo, o Bautiſta bautizava com muito maior efficacia que os Apoſtolos: *Erat autem Ioannes baptizans, & multò efficacius id faciebat, quam Diſcipuli Chriſti.* Mas em que conſiſte eſta maior efficacia, quando he certo, que o bautiſmo dos Apoſtolos era Sacramento, que conferia a graça, & o bautiſmo do Bautiſta naõ era verdadeiro Sacramento? Dá o

*Ioan. cap. 3. verſ. 23.*

meſ-

meſmo S. Joaõ Chryſoſtomo a razaõ deſta maioria: *Multò efficacius id faciebat, quam Diſcipuli Chriſti, quia inſuſpicabile erat ejus teſtimonium, & maiorem gloriam apud homines habebat.* O bautiſmo do Bautiſta, era mais efficaz, porque era maior a fama do Bautiſta: & por conſequencia muito maior o concurſo dos peccadores illuſtrados da ſua doutrina, & ſequazes da ſua penitencia. Em concluſaõ, maior impreſſaõ fazia nos animos humanos, huma ſô acçaõ, & huma ſô palavra do Bautiſta, que todas as pregaçoens, & milagres dos Apoſtolos. Mas que digo huma palavra: hum ſô aceno do Bautiſta tem mais poder, que todas as façanhas, & prodigios dos maiores Heroes da Chriſtandade. Quanto ſangue derramáraõ muitos Martyres, & quantos milagres fizeraõ muitos Confeſſores, para perſuadirem aos Judéos, & aos Gentios, que Chriſto he Filho de Deus? E quantas vezes ſe obráraõ eſtes milagres ſem proveito, & ſe derramou inutilmente eſte ſangue? Pelo contrario, hum ſô aceno do Bautiſta, animado com a ſoberana energía da ſua voz, baſtou para eſtabelecer no Mundo a opiniaõ da Divindade de Chriſto: *Ecce Agnus Dei.* O Bautiſta apontou o Senhor com o dedo, & com eſte divino aceno, imprimio nos coraçoens dos que eſtavaõ preſentes, o conhecimento de Chriſto até entaõ ignorado por Filho de Deus, & Redemptor do Mundo: *Ecce Agnus Dei, qui tollit peccatum Mundi.* Mas ſe hum ſô aceno do Bautiſta foi ſufficiente para inſinuar ao Mundo o conhecimento de Deus humanado; tambem para a declaraçaõ das excellencias do Bautiſta, baſte a conſideraçaõ de hum ſô inſtante da ſua vida. Divino Precurſor de Chriſto, ſahiſtes à luz do Mundo, & neſte primeiro inſtante do voſſo naſcimento, com anticipadas conſonancias, todos os tempos ſahíraõ ao voſſo encontro: *Impletum eſt tempus.* O tempo da varonia, ſe anticipou com

*Lucæ cap. 1. verſ. 29.*

com a conſonancia da voſſa infancia com a razaõ: o tempo da velhice, ſe anticipou com a conſonancia da meninice com os voſſos merecimentos: & todos os tempos da eternidade, ſe anticipáraõ com a conſonancia do voſſo ſilencio com a fama: *Impletum eſt tempus.* Mas ſe o tempo eſtá cheio das voſſas grandezas, tambem eſtá cheio o tempo das noſſas admiraçoens. Aceitai, ô Divino Bautiſta, os noſſos aſſombros por encomios, & perdoai a limitaçaõ dos noſſos applauſos, pois ſô chegamos a celebrar o primeiro inſtante da voſſa vida, mas em huma vida taõ cheia de prodigios, hum ſô inſtante ſe pode igualar com a duraçaõ de huma Eternidade: *Ad quam nos perducat, &c.*

# PANEGYRICO

Do Glorioſo Doutor da Igreja,

## S. IERONIMO.

Prégado em Bellem, no Real Convento dos Religioſos da meſma Ordem, 30. de Septembro de 1678.

---

*Vos eſtis Lux Mundi.* Matth. 5.

191. HUMA das mais ſingulares prerogativas da luz, he a univerſalidade dos ſeus reſplandores. A cada Elemento, deu a natureza determinados limites de extençaõ, & de actividade. Naõ paſſa o Fogo do concavo da Lua: naõ ſe levanta o Ar ſobre a Esfera do Fogo: fica a Terra immovel no meio dos Ares: & nas prayas da Terra, acha o Mar os confins do ſeu procelloſo Imperio. Mas o dominio da luz he taõ univerſal, que ſe eſtende a todos os Elementos: ao Fogo, manifeſtando ſeus ardores; ao Ar, diſſi-

diſſipando ſuas ſombras; à Agua, purificando ſuas correntes; & à Terra, penetrando ſuas concavidades. De maneira, que deſde o mais alto dos Ceos, até o mais infimo dos Elementos, ſe eſpalha, & ſe oſtenta a luz; nos Aſtros, ſoberana; nos Cometas, terrivel; nos Relampagos, impetuoſa; nas lavaredas, ardente; varia nas nuvens; aprazivel, nas flores; precioſa, nos diamantes; & em todas as partes, imperioſa. Porque a luz, he a alma dos Planetas, a depoſitaria das influencias, o eſmalte dos orbes, a coroa dos montes, o theſouro dos valles, a gala dos prados, o enfeite da natureza, & o adorno do Univerſo. Em concluſaõ, cada criatura tem no Mundo certos limites de grandeza: mas taõ exceſſivas ſaõ as grandezas da luz, que naõ tem outro limite mais que o Mundo. Eſta meſma differença obſervo entre o grande Doutor S. Jeronimo, & os mais Santos da Igreja. Cada Santo teve huma determinada Eſfera de virtude; mas reſplandeceo S. Jeronimo em todas as Eſferas da ſantidade. Dos Santos, huns ſe conſerváraõ intactos na Corte, como Salamandras nos incendios, mas naõ florecéraõ nos deſertos, como roſas entre os eſpinhos: outros ſe entregáraõ aos deſemparos da ſoledade, mas naõ experimentáraõ os perigos da Corte. Huns como a Arca do Teſtamento, encerráraõ em ſi, a Ley, & o Maná; a Ley de Deus, & o Maná das ſciencias. Santos igualmente, & doutos. E outros piamente ambicioſos de huma ſanta ignorancia, ſô ſe aplicáraõ à cultura das virtudes. Mas o glorioſo S. Jeronimo em todos eſtes Theatros oſtentou a univerſalidade das ſuas divinas prendas, nas Cortes, nos Deſertos, & nas Eſcolas de todas as Virtudes, & Sciencias: admirou a Corte de Roma, a inflexivel conſtancia de S. Jeronimo: & ſendo a Corte, clima taõ contrario ao temperamento da innocencia, naõ pode alterar em S. Je-

S. Jeronimo, a harmonia dos seus angelicos costumes. Ouvíraõ os desertos da Palestína, os funebres gemidos da penitencia de S. Jeronimo: as grutas de Bellem retumbáraõ aos golpes do penedo, com que abria o peito em rios de sangue: & os mesmos Eccos, que respondéraõ aos suspiros do Divino Jesus, respondéraõ aos suspiros de S. Jeronimo. Pasmáraõ os maiores Doutores do Mundo aos prodigios da sua protentosa doutrina: & quasi envejáraõ os Anjos as victorias da sua eloquencia. Porque a penna de S. Jeronimo, foi o rayo da incredulidade, o açoute da heresia, a columna da Fé, & o pincel da Divindade.

*Hieronymus fuit eloquentiâ stupor, doctrinâ miraculum.* Vergerius Justinopôlitanus.

192. A luz, que Deus criou no principio do Mundo, estava toda junta, & depois ficou repartida. Nos tres primeiros dias da criaçaõ, estava a luz taõ junta, & taõ unida em si mesma, que alumeava ao Mundo sem divisaõ de Esferas, sem differença de Astros, & sem variedade de Planetas: mas no quarto dia, se vio esta mesma luz encorporada no Sol, & repartida pelos Astros Celestes. A Saturno couberaõ luzes desmayadas, a Jupiter rayos brilhantes, & a Marte resplandores acesos, & inflamados. Do mesmo modo, no Firmamento da Igreja, considero dous generos de luzes, huma luz junta, & outra luz repartida. Por muitos Santos, se repartíraõ as luzes, porque se dividiraõ as virtudes: mas em S. Jeronimo, que juntamente possuio todas as virtudes, se uníraõ, como no seu centro, todas as luzes: a luz da contemplaçaõ, com que penetrou os mais profundos misterios: a luz da sabedoria, com que confundio as mais pertinazes heresias: a luz da verdade, para a evidencia dos enganos, a luz do conhecimento das linguas, para a intelligencia, & interpretaçaõ das Escrituras. Finalmente foi S. Jeronimo taõ universal nos seus luzimentos, que se os outros Santos foraõ a luz do Mundo:

*Matth. cap. 5. verſ. 14.* *Vos eſtis lux Mundi*; foi S. Jeronimo a luz de muitos Mundos. E ſe a ambiçaõ de Alexandre, naõ cabia nos limites de hum Mundo, muitos Mundos occupa a immenſidade das luzes, com que S. Jeronimo alumeou o Univerſo. Na ampliſſima circumferencia do Univerſo, conſidero tres differentes Mundos: o Mundo Arquetypo, que he Deus: o Mundo Myſtico, que he a Igreja: & o Mundo Monaſtico, que he a antiga, & glorioſa Religiaõ de S. Jeronimo. Primeiramente, Deus he o Mundo Arquetypo, quero dizer, Deus he a primeira idéa do Mundo criado, & o eterno exemplar das perfeiçoens de todos os Mundos poſſiveis (tudo iſto ſignifica a palavra Grega, Arquetypo.) Em ſegundo lugar o Mundo Myſtico, he a Igreja. Que ſe no Mundo material ha Elementos, que o compoem, Theſouros, que o enriquecem, & Eſtrellas que o adornaõ: os Elementos do Mundo Myſtico da Igreja, ſaõ os Sacramentos: os ſeus Theſouros, ſaõ as graças: & os Sacerdotes, ſaõ as ſuas Eſtrellas. Em terceiro lugar, o Mundo Monaſtico, he a ſagrada Religiaõ de S. Jeronimo, em que a penitencia, & a ſoledade triunfáraõ de todas as grandezas, & delicias do Mundo. Neſta miſterioſa repartiçaõ do Univerſo, temos os tres aſſumptos do Sermaõ, em que veremos, como S. Jeronimo foi a luz de tres Mundos, do Mundo Arquetypo, do Mundo Myſtico, & do Mundo Monaſtico: *Vos eſtis lux Mundi.* Foi S. Jeronimo a luz do Mundo Arquetypo, porque com a interpretaçaõ das Eſcrituras, deu a conhecer as obras da Divindade. E eſte he o primeiro aſſumpto. Foi S. Jeronimo a luz do Mundo Myſtico, porque com ſeu zelo, & doutrina, deſterrou da Igreja as ſombras da hereſia. E eſte he o ſegundo aſſumpto. E S. Jeronimo foi a luz do Mundo Monaſtico; porque na Ley Evangelica, foi S. Jeronimo hum dos primeiros, & mais antigos

*Pellæo juveni, non annus ſufficit orbis.*

tigos inſtituidores da vida Religioſa, & Solitaria. E eſte he o terceiro aſſumpto. Para fixarmos os olhos nas brilhantes Esferas de tantas luzes, neceſſitamos da luz da Graça. *Ave Maria.*

## I. PARTE.

193. *Vos eſtis lux Mundi.* Primeiramente foi S. Jeronimo a luz do Mundo Arquetypo, porque com a interpretaçaõ das Divinas Eſcrituras, fez em certo modo viſiveis as excellencias da Divindade. Nenhuma entidade he naturalmente mais inviſivel, que Deus; porque como puro eſpirito, os olhos do corpo naõ o podem ver, nem os olhos d'alma o podem penetrar, por incomprehenſivel. Porèm eſte meſmo Deus, aindaque ſummamente inviſivel, he taõ communicativo, que por differentes modos ſe repreſenta, na Gloria, na Natureza, & na Eſcritura. Na Gloria, Deus ſe vé realmente por meio da Viſaõ Beatifica: na Natureza, Deus ſe vé por reflexaõ nas criaturas, que ſaõ eſpelhos das ſuas infinitas perfeiçoens: & na Eſcritura, Deus ſe vé miſterioſamente na ſignificaçaõ das ſuas palavras. Ver a Deus com a luz da Gloria, he o premio, que Deus dá aos Bemaventurados: ver a Deus nas obras da Natureza, he huma ſatisfaçaõ, que ſe logra nos eſtudos da Filoſofia: mas ver a Deus nas palavras da Eſcritura, he huma ventura, que ſe deve ao cuidado, & à doutrina de S. Jeronimo. Criou Deus a luz para manifeſtadora das ſuas obras, & fez Deus naſcer a S. Jeronimo para interprete das ſuas palavras. Na infancia do Mundo, as primeiras obras de Deus, eſtavaõ cubertas de trevas: *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi.* Appareceo a luz, & deſterrando as ſombras, manifeſtou as obras da divina omnipotencia. Do meſmo modo, nos primordios da Igreja Romana, eſtava a Eſcritura como ſepultada nas ſombras do Texto Hebraico, & Grego, & eſtava toda

*Geneſ. 1. verſ. 2.*

toda a Biblia embaraçada com a variedade dos ſentidos,& diſſonancia das Verſoens : *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi.* Veio S. Jeronimo , & diſſipando eſtas ſombras com a clareza das ſuas traducçoens , manifeſtou todas as palavras de Deus eſcritas no Antigo , & Novo Teſtamento. Que exceſſivos foraõ os trabalhos , a que para eſte effeito ſe offerecéo S. Jeronimo ! Correo as mais remotas Provincias da Aſia, & da Europa , revolveo todos os livros da antiguidade , ſogeitou a ſoberania do ſeu entendimento aos impertinentes preceitos dos Gramaticos, & naõ reparou em ſe fazer diſcipulo de muitos Meſtres , elle que era o Meſtre de todo o Mundo.

*Hic legit omnes , vel pene omnes , qui ante ipſum ſcripſerunt.* Auguſtin. lib. 2. contra Julianum.

*Morum exemplar , Mundique Magiſter.* Albinus in Carminibus.

194. Daqui toma occaſiaõ para levantar eſta duvida. Publicáraõ os Apoſtolos as glorias de Deus em muitas linguas : *Loquebantur varijs linguis Apoſtoli magnalia Dei :* & aprendeo S. Jeronimo muitas linguas para publicar as glorias de Deus na traducçaõ das Eſcrituras. Agora pergunto: Qual teve para com Deus maior merecimento em ſe fazer capaz para publicar as glorias da Divindade , o Collegio Apoſtolico , ou S. Jeronimo? Reſpondo. Para S. Jeronimo ſe diſpôr para eſte Divino miniſterio, teve maiores occaſioens para merecer , que os Apoſtolos. Porque nenhum genero de trabalho , tiveraõ os Apoſtolos em aprender os peregrinos idiomas , em que celebráraõ as grandezas de Deus. O meſmo foi cahir ſobre as cabeças dos Apoſtolos aquella celeſte chuva de linguas ardentes, que ſoltaremſe das ſuas bocas , torrentes de eloquencia em todas as linguas. Pelo contrario aprendeo S. Jeronimo aquella grande variedade de linguas à cuſta das penalidades de continuos eſtudos, aſſiduas vigilias, & trabalhoſas peregrinaçoens. Correo toda a Grecia, França , Italia , a Syria , a Paleſtina , & o Egypto , & aprendeo todas as propriedades ,

*Eccleſia in Offitio Pentecoſt.*

dades, & elegancias da lingua Grega, Latina, Hebréa, Caldaica, Arabica, & Syriaca. De maneira, que o louvar a Deus em muitas linguas, na boca dos Apoſtolos, foi dadiva do Ceo, & o ſaber muitas linguas para eſcrever os louvores de Deus, na penna de S. Jeronimo, foi fruto do incanſavel trabalho, com que ſe aplicou ao eſtudo das Letras Divinas para credito dos Divinos Luzimentos. No Ceo, tanto maior he a gloria dos Santos, quanto maior foi o deſvelo, com que na terra ſolicitáraõ a gloria de Deus. Suppoſta eſta verdade, que lugar imaginais, que ſe deu a S. Jeronimo no eſtado da Bemaventurança? Por ventura eſtá S. Jeronimo aſſentado no Coro dos Confeſſores, como retrato da penitencia, ou no Coro dos Apoſtolos, como defenſor da Igreja? Mais alto, & mais levantado eſtá o trono da voſſa gloria, ô Divino Jeronimo! No capitulo 36 da vida de S. Jeronimo, tenho achado, que S. Joaõ Bautiſta, apparecendo a S. Aguſtinho, lhe encommendara, que manifeſtaſſe a todo o Mundo, que S. Jeronimo eſtava a par delle nos apozentos da gloria. Soberana exaltaçaõ da gloria do noſſo Santo! He opiniaõ commua, que no Celeſte Conſiſtorio dos Bemaventurados, occupa S. Joaõ Bautiſta o terceiro lugar, Chriſto Senhor Noſſo tem o primeiro, a Virgem Noſſa Senhora o ſegundo, & S. Joaõ Bautiſta o terceiro. Logo ſe S. Jeronimo eſtá no Ceo ao lado do grande Bautiſta, podemos piamente crer, que S. Jeronimo he a quarta peſſoa da Corte Celeſtial. Mas que outra couſa he eſta taõ ſublime gloria de S. Jeronimo no Ceo, ſenaõ o premio da Doutrina, com que elle ſolicitou a gloria de Deus neſte Mundo? Naõ quero agora ponderar, ſe a conſtancia dos Martyres, dá a Deus maior gloria, que a ſciencia dos Doutores: ſô digo, que S. Jeronimo, ſuppoſto que naõ padeceo o martyrio, alcançou maior glo-

ria, que os Martyres. E naõ vos admire a maioria deſta remuneraçaõ. Porque achareis no Evangelho, que tal vez dá Deus maiores premios de gloria a hum Santo Doutor, que a hum Santo Martyr. Eis aqui a prova.

195. Morreo Santo Eſtevaõ com preeminencias de Doutor, & com prerogativas de Martyr: como Martyr ſe offereceo Santo Eſtevaõ aos tormentos, & pedio perdaõ para os ſeus verdugos: *Domine Jeſu, ſuſcipe ſpiritum meum, & ne ſtatuas illis hoc peccatum.* Tambem como Doutor, inculcou Santo Eſtevaõ aos Judéos, que o apedrejavaõ, a obſervancia dos preceitos Evangelicos: *Accepiſtis legem in diſpoſitione Angelorum, & non cuſtodiſtis.* Aqui o meu reparo. A eſtas ultimas palavras, & naõ ás primeiras, ſe raſgáraõ os Ceos, & vio Santo Eſtevaõ a gloria de Deus: *Et intendens in Cœlum vidit gloriam Dei.* Valhame o Ceo! Ao Protomartyr Santo Eſtevaõ ſe offerecem os premios da gloria, naõ quando padece, mas quando enſina? Sim: que ſuppoſto que o acto de padecer, he mais heroico, que o de enſinar; muitas vezes, mais ſe augmenta a gloria de Deus, com as advertencias de huma proveitoſa doutrina, que com as penalidades de hum rigoroſo martyrio: & por iſſo ſe abrem as portas do Empyreo a Santo Eſtevaõ, quando exercita o officio de Doutor, & naõ quando ſacrifica a vida com zelo de Martyr: *Patet ergo Dei gloria, non quidem cum patitur, ſed cum docet; maiora enim interdum Doctoribus, quam ipſis etiam Martyribus gloriæ dona conceduntur.* Logo naõ he maravilha, que ſe concedeſſe a S. Jeronimo tanta gloria, quando houve em S. Jeronimo tanta Sciencia. Foi S. Jeronimo o Feniz dos Doutores, & foi a ſua Doutrina taõ Divina, que merecéo ſer ouvida com huma attençaõ, & veneraçaõ ſemelhante à com que ſe ouvio a Doutrina do meſ-

*Act. Apoſt. cap. 7. verſ. 59.*

*Act. Apoſt. 7. 53.*

*Ibid. verſ. 55.*

*Corduba in Reges pag. 639. n. 7. & n. 6.*

meſmo Filho de Deus. Com o Filho de Deus transfigurado no Thabôr, aſſiſtiraõ Moyſes, & Elias: & a eſtes dous Doutores da Ley Antiga, mandou o Padre Eterno, que ouviſſem a Doutrina de ſeu Filho: *Hic eſt Filius meus dilectus, ipſum audite.* Como ſe o Eterno Pay diſſera. Caleſe Moyſes, & naõ falle Elias, que ſô o Filho de Deus, que tudo ſabe, merece todas as attençoens: *Ipſum audite.* No tempo de S. Jeronimo governava o Papa S. Damaſo a Igreja: & para com S. Jeronimo fez o Padre Santo, o que o Eterno Padre fez para com Chriſto. Porque quiz que todos ouviſſem a S. Jeronimo, como o melhor Interprete dos Divinos Oraculos: *Ipſum audite.* Naquella era floreciaõ os mais inſignes Doutores do Mundo, S. Baſilio, S. Gregorio Nazianzeno, S. Cyrillo Jeroſolymitano, S. Gregorio Niſſeno, S. Joaõ Chryſoſtomo, S. Pedro Chryſologo, S. Gaudencio, S. Paulino, S. Epifanio, S. Ambroſio, & finalmente S. Aguſtinho. Mas a todos poz ſilencio a ſoberana Doutrina do grande Jeronimo: *Ipſum audite.* Falla S. Jeronimo? Calemſe os Baſilios, os Nazianzenos, os Cyrillos, & os Niſſenos. Calemſe os Chryſoſtomos, & naõ fallem os Chryſologos: *Ipſum audite.* Emmudeçaõ os Gaudencios, os Paulinos, os Epifanios, eſcutem os Ambroſios. E quando falla S. Jeronimo, eſteja attento o meſmo Aguſtinho: que Santo Aguſtinho eſcrevendo a S. Jeronimo, confeſſa, que eſpera da ſua boca a ſoluçaõ das difficuldades, que naõ penetra: *Conſulens te de his, quæ neſcio, fructuoſum nobis eſſe velis.* Da Aguia, eſcrevem os Naturaes, que na ſua preſença emmudecem todas as aves. Aves do Ceo, ſaõ os Doutores da Igreja, & os Interpretes da Eſcritura: mas S. Jeronimo he a Aguia, que a todos poem ſilencio, porque de todas as traducçoens do Antigo, & Novo Teſtamento, ſô a de S. Jeronimo eſtá univerſal-

*Luc. cap. 9. verſ. 35.*

ſalmente aprovada, & recebida da Igreja Romana: *Ipſum audite.* Em concluſaõ, he S. Jeronimo entre os Sagrados Eſcritores, o que he o Sol entre as Eſtrellas: que ſuppoſto que as Eſtrellas ſaõ linguas do Ceo, que publicaõ as glorias de Deus: *Cæli enarrant gloriam Dei:* as grandezas da Divindade melhor ſe deſcobrem no Sol, que em todas as Eſtrellas juntas. E por iſſo diz David, que o Sol he o trono das divinas grandezas: *In ſole poſuit Tabernaculum ſuum.* Do meſmo modo, as obras de Deus, que eſtavaõ como eſcondidas nas ſagradas ſombras da Eſcritura, ſe fizeraõ mais claras nos eſcritos de S. Jeronimo, que nos livros de todos os Interpretes do Evangelho: & por iſſo chamei a S. Jeronimo, luz do Mundo Arquetypo, que he Deus. Vejamos neſte ſegundo diſcurſo, como S. Jeronimo foi a luz do Mundo Myſtico, que he a Igreja: *Vos eſtis lux Mundi.*

*Pſalm. 18. verſ. 1.*

*Pſalm. 18. n. 6.*

## II. PARTE.

196. No Capitulo nono do ſeu Apocalypſe, eſcreve S. Joaõ, que das profundas voragens de hum abiſmo, ſe levantáraõ nuvens de fumo, que eſpalhadas pelos Ares, eſcurecéraõ o Sol: *Aſcendit fumus putei, & obſcuratus eſt Sol.* Por eſtas nuvens, entendem alguns Interpretes, as hereſias, que no Ceo da Igreja, eſcurecem o Sol da verdade. Na Era de quatro centos, em que vivia S. Jeronimo, ſe vio a Igreja quaſi toda eclipſada, & amortalhada em ſombras: porque naõ ſó ſe oppuzeraõ ás ſuas luzes, os erros dos Hereſiarcas, Vigilancio, Pelagio, Montano, & Joviniano: mas taõ alto ſubiraõ os eſcuros vapores da hereſia, que chegaraõ aos dous maiores Aſtros da Chriſtandade, o Papa, & o Emperador: o Papa Liberio, & o Emperador Conſtancio, ambos de dous defenſores acérrimos da Seyta dos Arrianos, & obſtinados per-

*Apocal. 9. verſ. 2.*

*In hoc habetur deteſtabilis, quod Liberium Romanæ urbis Epiſcopum, pro Fide ad exilium pergentem, primus ſollicitavit, ac fregit, & ad ſubſcriptionem hæreſeos compulit.* Hieronym. de Scriptoribus Eccleſiaſticis in Fortuniano.

perſeguidores dos ſequazes da verdade. Lamentavel deſconcerto, em que a Igreja vio a ſabedoria do ſeu Pontifice degenerada em cegueira, & o poder do ſeu Emperador trocado em Tirania. Mas conſolate, Divina Eſpoſa de Chriſto, que no meio de tantas trevas, lança S. Jeronimo as ſuas luzes; & os rayos da ſua Doutrina, te reſtituiráõ os primeiros reſplandores.

*Liberius tædio victus exilij, in hæreticam pravitatem ſubſcribens, Romam quaſi victor intravit.* Hieronym. in Chronico. Ex Baron. Ann. 357. n. 41.

Primeiramente, contra os erros do Papa Liberio, ſe armou S. Jeronimo, com taõ felice ſucceſſo, que o Papa deteſtou a ſacrilega opiniaõ dos Arrianos, foi chamado a Roma, & reſtituido ao trono Pontificio. Gloriosa victoria, que excede todas as conquiſtas dos Varoens Apoſtolicos! Porque huns convertéraõ algumas Provincias, & outros reduzíraõ ao jugo da Fé alguns Reynos: mas cooperando S. Jeronimo à converſaõ de hum Summo Pontifice, fez huma taõ glorioſa acçaõ, que ſe pôde igualar à reſtauraçaõ de hum Mundo.

*Liberius deinde poſt exactum in exilio biennium inflexus eſt, miniſque mortis ad ſubſcriptionem inductus eſt.* Athanaſius in Epiſtola ad Solitarios.

*Pertriſti deinde uſque ad Romam bellum tuum, eripuiſti illinc Epiſcopum, & ô te miſerum, qui neſcio utrum maiori impietate relegaveris, quã remiſeris.* S. Hilarius ad Conſtantium.

Depois de Chriſto Senhor Noſſo, foi S. Pedro, o primeiro Pontifice da Igreja, & depois daquellas repetidas infidelidades, com que negou a ſeu Senhor, diz o Evangelho, que o Senhor ſe convertéo a Pedro: *Converſus Dominus reſpexit Petrum.* Quem ſe converte a huma parte, ſe diverte d'outra. Logo ſe o Senhor ſe converte a Pedro, he final, que ſe diverte d'algum outro cuidado. Aſſim paſſa. Naquelle tempo conſagrado à Paixaõ do Senhor, cuidava o Senhor na Redempçaõ do Mundo; mas parece que interrompeo por algum tempo eſte cuidado, para cuidar na converſaõ de Pedro; porque eſtava Pedro eleito para ſupremo Pontifice: & a converſaõ de hum Papa, he em certo modo taõ conſideravel, como a Redempçaõ de hum Mundo: *Converſus Dominus reſpexit Petrum.* Tendo pois S. Jeronimo a gloria de ſolicitar com ſua Doutrina, a converſaõ do Papa Liberio, claro eſtá, que S. Jeronimo ſobrepujou a todos os

*Luc. cap. 22. verſ. 61.*

Heroes do Evangelho: porque ſe huns foraõ Apoſtolos das Eſpanhas, & ſe outros merecéraõ o titulo de Apoſtolos das Indias, chegou S. Jeronimo a ſer Apoſtolo de todo o Mundo, porque reſtituio ao corpo da Igreja a ſua cabeça, na peſſoa de hum Pontifice cegamente arrebatado dos delirios da hereſia Arriana.

197. Com o meſmo zelo, mas com differente ſucceſſo, ſe oppoz S. Jeronimo aos erros do Emperador Conſtancio, que ſendo S. Jeronimo a Eſtrella de Bellem, por ſua conta corria, guiar os Monarcas ao conhecimento da verdade. O ſagrado lugar de Bellem (ſe bem advertirdes) teve em differentes tempos, duas clariſſimas Eſtrellas: a Eſtrella dos Sabios, & a ſabedoria de S. Jeronimo. Mas na minha opiniaõ, grandes ventajens levou a ſegunda Eſtrella à primeira: a Eſtrella dos Sabios ſô alumeou os Monarcas do Oriente, & a ſabedoria de S. Jeronimo derramou ſuas luzes em todos os Imperios da Chriſtandade. A Eſtrella dos Sabios naõ eſtava fixa no Ceo, mas errante: & a ſabedoria de S. Jeronimo, foi taõ ſolida, & permanente, que nunca ſe deſviou do centro da verdade. A Eſtrella dos Sabios naõ ſe movia, quando paravaõ; & tornava a andar, quando caminhavaõ, accommodandoſe ao arbitrio, & ao paſſo dos ſeus ſequazes. Mas a ſabedoria de S. Jeronimo naõ contemporizou com inclinaçoens alheias, por naõ cahir em criminoſas complacencias. A Eſtrella dos Sabios moſtrou a evidencia de hum ſô miſterio da Fé, a ſaber Deus humanado, & naſcido em hum Preſepio: & a ſabedoria de S. Jeronimo manifeſtou todos os miſterios da Fé; porque na interpretaçaõ das Eſcrituras moſtrou a Deus Criador, no Geneſis: Deus Libertador, no Exodo: Deus Santificador, no Levitico: Deus Legiſlador, nos Numeros, & no Deuteronomio: Deus Executor da Juſtiça, no Livro dos Juizes:

Deus

Deus Arbitro das Coroas, nas Hiſtorias dos Reys: Deus Sabedor dos futuros, nos Livros dos Profetas: E Deus Encarnado, Naſcido, Sacramentado, Morto, & Reſuſcitado, nos Livros da Ley Evangelica. Em concluſaõ, os Sabios, que chegáraõ a Bellem guiados da Eſtrella, voltáraõ para a Patria deſtituidos da luz, que os accompanhára, porque deſapparecéo a Eſtrella: mas os que buſcáraõ a S. Jeronimo em Bellem levados da ſua fama, voltáraõ illuſtrados da ſua ſciencia. E ſenaõ, digaõno aquelles famoſos Varoens contemporaneos de S. Jeronimo, Sulpicio Severo, Paulo Oroſio, Paulino, Alipio, & Heliodôro, que conſultáraõ a S. Jeronimo na gruta de Bellem, com maior reſpeito, & veneraçaõ, da com que os Antigos conſultavaõ o Oraculo do ſeu fabuloſo Apollo na Cidade de Delfos. De ſorte que, no tempo de S. Jeronimo, era Bellem a Academia da Fé, o Areopago da Igreja, & a Sagrada Univerſidade do Chriſtianiſmo, em que ſe decidiaõ as queſtoens propoſtas no Vaticano, ou ventiladas nos Concilios: porque nas materias concernentes à Fé, naõ ſe tinha por certo, ſenaõ o que S. Jeronimo aprovava, nem ſe ſentia por erroneo, ſenaõ o a que contradizia o meſmo Jeronimo: como conſta das palavras do Papa Gelaſio no Concilio Romano: *Illa ſentimus, quæ Beatum Hieronymum ſentire cognoſcimus.* *Diſtinct. 10. cap. Sancta Romana, &c.*

198. Tem o noſſo entendimento dous generos de luzes, a luz da razaõ, & a luz da Fé; com a luz da razaõ, conhecemos as verdades humanas, & com a luz da Fé, as Divinas: por iſſo teve S. Jeronimo huma taõ grande noticia dos Divinos miſterios, porque mais ſe regulava pela luz da Fé, que pela luz da razaõ. Aprendamos do maior dos Doutores a cobrir os olhos da razaõ com o veo da Fé, porque com eſta miſterioſa cegueira, alcançaremos os maiores miſterios.

ſterios. O Divino Sacramento do Altar, he o miſterio da Fé: *Myſterium Fidei.* Logo pede a razaõ, que nos naõ valhamos da luz da razaõ, para conhecermos a Deus no Sacramento. Se buſcarmos a Deus no Sacramento com a luz da razaõ, o veremos, & naõ o conheceremos: & ſe o buſcarmos com a luz da Fé, o conheceremos, aindaque o naõ vejamos. Os Reys Magos buſcáraõ a Chriſto em Bellem, & os Judéos buſcáraõ a Chriſto no Horto: os Magos guiados de huma Eſtrella, & os Judéos alumeados de huma lanterna: os Magos conheciaõ a Chriſto, & naõ o viaõ: naõ viaõ a Chriſto, porque inſtavaõ em ſaber aonde eſtava: *Ubi eſt qui natus eſt?* Porèm conheciaõ-no, porque lhe davaõ o titulo, que lhe competia: *Rex Judæorum.* Os Judéos pelo contrario, viaõ a Chriſto no Horto, & naõ o conheciaõ: viaõ a Chriſto, porque fallavaõ com elle: *Reſponderunt ei:* & com tudo naõ o conheciaõ, porque foi preciſo, que Chriſto os certificaſſe, que era aquelle a quem buſcavaõ: *Dicit eis Jeſus, ego ſum.* Ibid. Mas de donde naſce huma taõ grande perſpicacia nos Magos, que conhecem a Chriſto, ſem o ver: & donde ſe origina huma taõ enorme cegueira nos Judéos, que vem a Chriſto, ſem o conhecer? Naſce eſta differença da diverſidade das luzes. A Eſtrella, que guiava aos Magos, era huma luz do Ceo, em que ſe ſignifica a Fé; & a lanterna, que alumeava aos Judéos, era huma luz da terra, em que ſe ſimboliza a razaõ. Buſcar a Deus no Sacramento com a luz da razaõ, he querer ver a Deus com huma lanterna: & quem aſſim buſca a Deus, ainda que o veja, naõ o conhece: mas buſcar a Deus no Sacramento com a luz da Fé, he querer ver a Deus com huma Eſtrella: & quem aſſim buſca a Deus, o conhece, aindaque o naõ veja. Taõ grande era a luz da Fé, com que S. Jeronimo adorava a Deus no Sacramento,

*Matth. cap. 2. verſ. 2.*

*Joan. cap. 18 verſ. 5.*

mento, que esta luz visivelmente redundava do mais intimo d'alma de S. Jeronimo, à exterior figura do seu corpo. E algumas vezes, quando S. Jeronimo teve ao Sol sacramentado no peito, se vio no seu rosto, huma Aurora de Divinos resplandores. Mas para remate deste segundo discurso, digamos, que para o Ceo agradecer a S. Jeronimo as luzes, com que alumeava a Igreja, derramava sobre S. Jeronimo diluvios de luzes. Vioſe hum dia a cella de S. Jeronimo cheia de huma luz mais clara que o Sol, & no meio desta luz, apparecéo Christo Senhor Nosso, & a Virgem Nossa Senhora, com todos os Coros dos Anjos, & Santos da Corte Celestial. Que tendo S. Jeronimo communicado tantas luzes à Igreja, razaõ era que se visse S. Jeronimo coroado com todas as luzes da Gloria. Vio Joseph em sonho, que o Sol, a Lua, & as Estrellas, abatiaõ a seus pés a magestade dos resplandores. Foi esta visaõ huma profecia das grandezas, a que a sciencia de Joseph o havia de levantar no Reyno do Egypto. Mas em que se experimentou esta sciencia de Joseph? Na interpretaçaõ de alguns sonhos. Logo se Joseph conseguio huma taõ grande gloria, por haver interpretado os sonhos de Faraô: muito maior gloria merece S. Jeronimo, que interpretou todas as verdades do Antigo, & Novo Testamento. Vejase pois S. Jeronimo, assistido do Sol, da Lua, & das Estrellas: do Sol, na Pessoa de Christo: da Lua, na Pessoa da Senhora: & das Estrellas, na companhia dos Anjos, & Santos do Ceo. E conheça o Mundo, que a Igreja Triunfante communica a S. Jeronimo suas luzes; porque S. Jeronimo foi a luz da Igreja Militante. Temos visto como S. Jeronimo foi a luz do Mundo Arquetypo, que he Deus, & a luz do Mundo Mystico, que he a Igreja. Resta, que vejamos, como S. Jeronimo, foi a luz do

Mun-

Mundo Monaſtico. *Vos eſtis lux Mundi.*

## III. PARTE.

199. Para provar que S. Jeronimo foi verdadeiro Patriarca, & Fundador deſta Sagrada Religiaõ, compuzeraõ graviſſimos Hiſtoriadores muitos volumes: & ſuppoſto que alguns curioſos inveſtigadores da Origem das Familias Religioſas, duvidáraõ deſta verdade, quero atalhar as ſuas litigioſas controverſias: & digo, que he ignorancia, & temeridade, o contradizer ao que os Summos Pontifices declaráraõ nas ſuas Bullas, Diplomas, & Privilegios. Porque o Papa Eugenio Quarto, Gregorio Undecimo, Pio Quinto, & outros, confirmaõ com palavras autenticas eſta antiga deſcendencia. Por onde entendo, que S. Jeronimo foi taõ verdadeiro Pay, & Fundador dos Reverendos Padres Jeronimos, como S. Aguſtinho o foi dos Aguſtinhos, S. Franciſco dos Franciſcanos, S. Domingos dos Dominicos, & S. Caietano dos Theatinos. Edificou S. Jeronimo o ſeu primeiro Convento em Bellem, junto ao Preſepio de Chriſto: & naquelle meſmo lugar, em que Deus encarnado começou a viver vida humana, deu S. Jeronimo principio a huma vida celeſte, & divina: *Cœleſtem quamdam vitæ rationem inſtituit.* Saõ palavras, que hoje canta a Igreja no Officio de S. Jeronimo. Vida celeſte, & divina chamo à vida monaſtica, de que S. Jeronimo foi inſtituidor: que a vida monaſtica, & ſolitaria, he taõ divina, que das tres Divinas Peſſoas, ſô a primeira poſſuio com ſingularidade a perfeiçaõ deſta divina vida. No Capitulo quinto de S. Mattheus, exhorta Chriſto Senhor Noſſo aos fieis, a que ſejaõ taõ perfeitos, como ſeu Eterno Pay: *Eſtote ergo & vos perfecti, ſicut & Pater veſter cœleſtis perfectus eſt.* Mas que perfeiçaõ pôde haver no Pay, que naõ ſeja commua ao Filho, & ao Eſpiritu Santo? Direi, *Matth. cap. 5. verſ. 48.*

rei. Naõ ha duvida, que as tres Peſſoas Divinas ſaõ igualmente perfeitas; porèm fallando ao modo humano, teve o Eterno Pay huma ſingularidade, que naõ ſe acha no Filho, & no Eſpirito Santo: & he, que o Filho, & o Eſpirito Santo baixáraõ à terra, & communicáraõ com o Mundo: o Filho ſe fez homem, & o Eſpirito Santo ſe moſtrou taõ humano, que ſe fez todo linguas, para fallar por boca dos Apoſtolos a todas as Naçoens: mas naõ ſe acha em todo o Evangelho, que o Eterno Pay tomaſſe figura viſivel aos olhos humanos. E ſe alguma vez ſe ouvio a ſua voz, como no Jordaõ, & no Thabôr, nunca ſe vio objecto algum, em que ſe repreſentaſſe a ſua Peſſoa: *Solus Pater*, diz S. Bernardo, *Solus Pater legitur non deſcendiſſe in terras, cum Filius, & Spiritus Sanctus deſcenderint. Pater denotat ſummos contemplantes.* O Eterno Pay, he o exemplar dos Contemplativos, & dos Solitarios: porque ſuppoſto que na geraçaõ, & eſpiraçaõ eterna, ſempre communica com o Filho, & com o Eſpirito Santo, eſta communicaçaõ he toda divina, & naõ tem nada de humano. Bem ſei, que o Filho, & o Eſpirito Santo, naõ por iſſo ſaõ menos perfeitos, porque communicáraõ com os homens; mas antes eſta communicaçaõ foi prova de hum perfeito amor: porèm o eſtar retirado, & apartado de todo o trato, & communicaçaõ com o Mundo, he huma perfeiçaõ divina, que ao noſſo modo de entender, melhor ſe conhece na Peſſoa do Pay, que na do Filho, & do Eſpirito Santo.

*Bernard. lib. de gradibus humilitat.*

200. Eſta divina incommunicabilidade, he o brazaõ das perfeiçoens de S. Jeronimo, & de ſeus Filhos. A contemplaçaõ, he o ſeu cuidado: a ſolidaõ, a ſua companhia: a ſua recreaçaõ, he o coro: & a ſua converſaçaõ, o ſilencio: & como verdadeiros irmaõs de Chriſto, criados no ſeu berço, & no ſeu Preſepio, imitaõ as perfeiçoens de ſeu Eter-

Matth. cap. 5. verſ. 48. Eterno Pay : *Eſtote ergo & vos perfecti, ſicut & Pater veſter cæleſtis perfectus eſt.* Deus em todas as partes eſtá ſô, porque ſempre he hum em todas as partes, & a Trindade naõ impede a ſolidaõ, porque naõ exclue a unidade: os Filhos de S. Jeronimo ſaõ muitos, & ſaõ ſôs : ſaõ muitos no numero; & ſaõ ſôs no retiro : & quanto mais retirados, mais luzidos. O Religioſo he como a pintura. E parece, que delle fallou o Eccleſiaſtico, quando diſſe: *Cor ſuum dabit in ſimilitudinem picturæ.* Naõ ſe conhece a perfeiçaõ de huma pintura, ſenaõ nos longes, a diſtancia deſcobre as excellencias d'arte, & a vizinhança as confunde. Saõ os Filhos de S. Jeronimo, pinturas celeſtes, em que ſe vem todas as virtudes retratadas, & quanto mais ſe afaſtaõ da viſta, mais ſe acreditaõ na eſtimaçaõ. Em Bellem, lugar deſpovoado, foi adorado o Senhor, & em Jeruſalem, Cidade populoſa, foi o meſmo Senhor crucificado como criminoſo: taõ arriſcado eſtá o credito da virtude nos publicos, & taõ ſeguro nos retiros. Naõ ſe lograõ os frutos das Arvores plantadas ao longo dos caminhos: & frutificaõ com abundancia as plantas cultivadas na clauſura de hum jardim, ou no deſcampado de hum monte. Por iſſo deu a Religiaõ de S. Jeronimo tantos frutos de doutrina, & de exemplo à Igreja, porque tanto ſe apartou do commercio do Mundo. O mais alto dos Ceos, he o Empyreo: & com razaõ eſtá taõ apartado de nôs, porque he a caſa de Deus, & a morada dos Santos. Oh Sagrada Religiaõ de S. Jeronimo, o que tens de mais apartada, iſſo tens de mais divina. Deſapareceo Henoc dos olhos dos homẽs, & dá a Eſcritura a razaõ, dizendo, que Deus o levára: *Non apparuit, quia tulit eum Deus.* Naõ apparecem os Filhos de S. Jeronimo, porque eſtaõ com Deus; inviſiveis ſim, mas divinos. A maior luz do Mundo he a do Sol, & eſta maior luz, he a mais

Eccleſiaſtic. cap. 38. verſ. 28.

Geneſ. cap. 5. verſ. 24.

ſoli-

ſolitaria, porque naõ admitte na ſua companhia a das Eſtrellas. Mas he o Sol taõ glorioſo na ſua ſoledad, que quanto mais ſe retira, mais he buſcado. Apenas ſe retira o Sol deſte Hemiſferio para o outro, quando as Eſtrellas occupaõ com luminoſos eſquadroens todos os poſtos, & caminhos do Ceo: como ſe buſcáraõ o Sol ancioſas, & impacientes, de lhe offerecer o tributo dos ſeus reſplandores. Do meſmo modo, os Aſtros das mayores Monarquias, quero dizer, os Reys de Portugal, & Caſtella, buſcáraõ aos Filhos de S. Jeronimo nos apertados retiros da ſua clauſura, & à imitaçaõ dos Reys do Oriente, lhe offerecéraõ, como a Chriſto no Preſepio de Bellem, ſeus donativos, Ouro, Incenſo, & Mirra.

201. Quanto ouro deſpendéraõ os Reys, na ſumptuoſa Arquitectura de tantos Templos, & Conventos, que levantáraõ, querendo que na magnificencia da habitaçaõ, ſe diviſaſſem as preeminencias dos habitadores? Tambem os Reys lhe offerecéraõ o incenſo dos ſeus louvores, encomios, graças, & privilegios; porque os Filhos de S. Jeronimo ſempre foraõ os amores dos Principes, & os Benjamins das Mageſtades. Finalmente os Reys lhe offerecéraõ a Mirra da ſua mortalidade, nas Urnas, & Mauſoléos, em que deſcançaõ ſeus oſſos. E ſe os Reys do Oriente buſcáraõ a Chriſto, quando vivos: os maiores Potentados da Europa buſcaõ aos Filhos de S. Jeronimo, ainda depois de mortos, eternizando as chamas do ſeu amor no depoſito das ſuas cinzas. Proſeguira mais largamente eſta materia, & com novos argumentos tornára a provar, que S. Jeronimo, & ſeus Filhos, ſaõ a luz do Mundo: *Vos eſtis lux Mundi:* mas naõ ſaõ preciſas as provas, quando ſaõ claras as evidencias. Naõ neceſſita a luz de pregoeiros, porque ella meſma chama a ſi os olhos, & em qualquer parte que eſtá, ſe deſcobre, porque luz. Sagradas Luzes

das

das virtudes, & glorias de S. Jeronimo, manifestaivos vós mesmas a vós, que os vossos resplandores cegaõ aos que os contemplaõ. E se naõ fois infinitas, taõ excessivas sois, que vos communicais a tres Mundos, ao Mundo Archetypo, ao Mundo Mystico, & ao Mundo Monastico. No Mundo Arquetypo, luzio a sciencia de S. Jeronimo: no Mundo Mystico, o seu zelo: & no Mundo Monastico, a sua penitencia. Com a sciencia, manifestou S. Jeronimo as obras de Deus, na Escritura: com o zelo, defendéo as verdades da Fé, na Igreja: & com a penitencia, experimentou todas as asperezas da vida, na Religiaõ. A sciencia de S. Jeronimo, he para os Doutos: o seu zelo, he para os Prelados: mas a sua penitencia, he para todos. Porque naõ há homem, sem peccado, & naõ ha de haver peccado, sem penitencia. Arrependamonos das nossas culpas, & peçamos ao Author da Graça, que todos os que hoje em Bellem celebramos as memorias de S. Jeronimo, cheguemos a ser companheiros da sua Gloria, na Celeste Jerusalem: *Ad quam, &c.*

SER-

# SERMAM

## NOS DESAGGRAVOS DO

# SACRILEGIO

## COMETIDO

## NA IGREJA PAROCHIAL

do lugar de Odivellas,

Prégado na Igreja de Santa Clara, aos 12. de Mayo de 1682.

---

*Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*
Joan. 6. verſ. 59.

202. TAmbem lugares piquenos, daõ lugar a grandes delitos. E contra a opiniaõ dos que ſe perſuadem, que ſô as grandes Cidades, ſaõ a patria de criminoſas exorbitancias, chegou a experiencia a moſtrar, que a limitada eſfera de huma Aldea, he ſufficiente para admitir huma monſtruoſa multidaõ de ſacrilegos exceſſos. Se ha peccados

cados naturalmente taõ mimoſos, que ſô ſe criaõ nos melindres da Corte, & nas delicias dos Palacios: ha outro genero de peccados, por ſua natureza taõ ruſticos, & agreſtes, que buſcaõ o ſolitario dos montes, para Theatro de ſeus deſatinos. Os dous primeiros peccados dos homens, naſcéraõ como feras, no deſcampado de hum deſerto, porque no Paraiſo terreal, que era taõ falto de habitadores, que nelle ſô ſe achavaõ duas peſſoas, a ſaber, Adaõ, & Eva, ſe cometeo o primeiro roubo, que ſe fez no Mundo: & em outro lugar taõ deſpovoado, que nelle ſô aſſiſtiaõ dous homens, a ſaber Caim, & Abel, ſe executou o primeiro homicidio: funeſtos preſagios de que algum dia, huma piquena povoaçaõ, havia de ſervir de berço aos partos da mais execranda impiedade. Na funebre recordaçaõ deſte lamentavel acontecimento, naõ ſô conſidero a limitaçaõ do lugar, mas pondo os olhos na vileza do delinquente, entendo, que para fazer maior injuria a Deus, ſe valeo o Demonio do mais baixo, & mais vil dos homens para executor deſte ſacrilegio. Que nenhuma couſa mais abate a grandeza da peſſoa offendida, que a baixeza do offenſor. Contra Faraô, naõ quiz Deus armar a braveza dos Tigres, & a generoſa ſevicia dos Leoens; que ſaõ os mais imperioſos, & mageſtoſos animaes da terra: mas como advertio S. Aguſtinho, com moſquitos, & outros viz inſectos, caſtigou Deus a Faraô, ſollicitando os deſprezos da ſua ſoberania, com a vileza dos ſeus verdugos: *Superbiam Pharaonis, potuit Deus de Urſis, & Leonibus domare: Muſcas tamen, & Ranas illi immiſit, ut rebus viliſſimis ſuperbus domaretur.* Do meſmo modo, tirou o Demonio das fezes da plebe, o inſtrumento dos opprobrios da Divindade, & na fatal noite deſtinada a eſtes infernaes deſacatos, viraõ os Santos as ſuas Imagens deſpojadas de ſeus ornatos, derrubadas dos alta-

*D. Auguſtinus, quem citat Vega tom. 3 in Flaices p. 203.*

Altares, & lançadas por terra : viraõ os Anjos, o Santuario da Divindade profanado : vio a Rainha dos Anjos a ſua Imagem indecentemente deſcompoſta : & o meſmo Deus Sacramentado ſe vio nas maõs immundas, & na ſacrilega boca de hum infame, que nunca houvera ſido conhecido no Mundo, ſe naõ ſe fizera conhecer na violenta confiſſaõ de ſuas impias temeridades.

203. Meu Divino Senhor, muitos Sacrilegios antigamente ſe cometéraõ contra o decôro da voſſa gloria ; mas os authores daquellas afrontoſas irreverencias, eraõ poderoſos Monarcas : & poſto que no tribunal da voſſa juſtiça, os ſoberanos ſaõ igualmente culpados, que os plebeyos, a ſuprema authoridade daquelles criminoſos, diminuia na opiniaõ do Mundo, a grandeza dos ſeus delitos. Do Templo de Jeruſalem, tirou Balthaſar os Vaſos Sagrados, & os contaminou na profana magnificencia de hum banquete : mas era Balthaſar, Rey de Babilonia, & o ſeu crime, ſuppoſto que injurioſo ao voſſo nome, era crime de huma cabeça coroada. No meſmo Templo, profanou Antioco os Altares, & os deſpojou de ſeus precioſos apparatos : mas era Antioco Rey da Syria, & as ſuas maõs, aindaque ſacrilegas, tratavaõ o ſceptro, & governavaõ as redeas de hum Imperio. Em concluſaõ, naquelles antigos delirios da humana impiedade, authorizavaõ os diademas a ſemrazaõ das culpas : os meſmos que eraõ reos, eraõ Reys, & os Templos conſagrados à voſſa Divina Mageſtade, no meyo dos ſeus deſprezos, tinhaõ a gloria de haver por deſprezadores as mageſtades da terra : mas o author do Sacrilegio, de que hoje ſe renova a luctuoſa memoria, era o mais abjecto dos homens, o diſcredito dos racionaes, o eſcandalo dos viventes, o opprobrio do genero humano, & a ignominia do Mundo. E razaõ he, que a lembrança de hum

taõ abominavel exceſſo, viva eternamente nas noſſas memorias, para a reſtauraçaõ da voſſa gloria, & para o ſupplicio da ſua impiedade. No Sacramento do Altar nos promete o Senhor huma vida eterna: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Ioan. cap. 6. verſ. 59. É em agradecimento deſte eterno beneficio, havemos de eternizar a lembrança, & a ſatisfaçaõ dos aggravos, que ſe fazem a eſte Divino Sacramento. Tres couſas eternizaõ a memoria de hum aggravo, a conſideraçaõ da offenſa, o caſtigo do offenſor, & a ſatisfaçaõ do offendido. Na conſideraçaõ da offenſa, ſe eterniza o ſentimento: no caſtigo do offenſor, ſe eterniza o zelo: & na ſatisfaçaõ do offendido, ſe eterniza o deſaggravo. Vamos ponderando nas tres partes do Sermaõ, eſtas tres miſterioſas eternidades, com que nos anticipamos a pagar ao Senhor o beneficio da eternidade, que nos promete na participaçaõ do Divino Sacramento: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. Ave Maria.*

## I. PARTE.

204. Primeiramente, na conſideraçaõ da offenſa, ſe eterniza o ſentimento; porque o ſentimento ha de ſer igual à offenſa, & eſta foi por todas as circunſtancias exceſſiva. Os maiores crimes do Mundo, ſaõ os a que chamaõ, crimes de leſa mageſtade: & neſte deteſtavel Sacrilegio, acho tres differentes mageſtades offendidas: as mageſtades humanas, as mageſtades Santas, & a Mageſtade Sacramentada. As mageſtades humanas, ſaõ os Reys: as mageſtades Santas, ſaõ os Santos: & a Mageſtade Sacramentada, he Deus no Sacramento. Em primeiro lugar no roubo dos Vaſos Sagrados, & no ſacrilego deſacato do Sacramento do Altar, ficáraõ offendidas as mageſtades humanas, porque o Sacramento do Altar, he a maior riqueza de hum Reyno, & a Euchariſtia, conſiderada como Sacrificio,

cio, que se offerece a Deus, he o verdadeiro thesouro de huma Monarquia. No Presepio, offerecerão os Reys do Oriente, os seus thesouros ao Verbo encarnado: & acho que neste Real tributo, o incenso he chamado, thesouro: *Apertis thesauris suis, obtulerunt ei munera, aurum, thus, &c.* Que o ouro seja chamado thesouro dos Reys, não me admiro; porque com o ouro, armaõ os Reys os exercitos, sustentaõ os vassallos, edificaõ Templos, fabricaõ Cidades, conquistaõ Reynos, & avassallaõ Imperios. Mas que razaõ haverá para se chamar thesouro, o incenso, que naõ he outra cousa, senaõ huma lizonja do olfato, hum perfume aromatico, huma suave exhalaçaõ, & huma fumosa fragrancia? Eis aqui a razaõ. De ordinario o incenso entra nos sacrificios, que se offerecem a Deus; logo o incenso he parte do Sacrificio: & por isso he hum thesouro, & thesouro Real, porque os Sacrificios, que se fazem a Deus, saõ os thesouros dos Reys. Santo Ambrosio: *Thesaurus Regni, est Sacrificium Dei.* Com muito maior razaõ se pôde a Eucharistia chamar, thesouro dos Reys, porque o incenso, sô he o fumo do Sacrificio, & a Eucharistia he a substancia do incruento Sacrificio do Altar. Esta Divina substancia pois he o maior thesouro de hum Reyno, porque nella se encerraõ todos os thesouros do Ceo, & da terra: os thesouros do Ceo, na Alma, & na Divindade de Christo: & os thesouros da terra, no Corpo de Christo Sacramentado. Naõ consistem os thesouros dos Reys, nos tributos dos subditos, na opulencia das provincias, & na riqueza das conquistas: todos estes bens, saõ instrumentos da vaidade, trofeos da ambiçaõ, & theatros da inconstancia. Sô o Sacramento da Eucharistia, he o thesouro dos Reys: *Thesaurus Regni, est Sacrificium Dei.* E o Sacrilego, que poz as maõs indinas nos Vasos Sagrados do Altar, tantos thesouros rou-

*Matth. cap. 2. vers. 11.*

*Ambros. lib. 1. de Fide ad Gratianum.*

bou ao Reyno, quantas foraõ as Hoſtias Conſagradas, que conſumio, cometendo no meſmo tempo dous crimes de leſa mageſtade, hum crime de leſa mageſtade Divina, na impia execuçaõ do Sacrilegio, & outro crime de leſa mageſtade humana, na violenta uſurpaçaõ dos theſouros do Reyno.

205. O terceiro crime de leſa mageſtade, que o Sacrilego cometeo, foi a profanaçaõ das Imagens dos Santos, que ſaõ as mageſtades, que a Chriſtandade adora: & ſuppoſto he provavel, que o barbaro aggreſſor, mais attendeſſe ao roubo, que ao deſprezo, tratou eſtas Sagradas Figuras com taõ grande indecencia, que parece ſe valeo delle o Demonio, para deſhonrar a propria Peſſoa dos Santos, na deſcompoſtura das ſuas Imagens. Imitou o infernal Tiranno, a inutil vingança d'aquelles, que naõ podendo matar o ſeu inimigo, raſgaõ o ſeu retratto, & deſpedaçaõ a ſua eſtatua: que o odio he huma paixaõ taõ ſequioſa de eſtragos, que quando naõ pôde fazer dano à peſſoa, que aborrece, exercita todos os ſeus rigores contra a figura, que a repreſenta. Que razaõ teve o Demonio para deſde o principio do Mundo anhelar a ruina dos noſſos primeiros Pays, & juntamente a deſtruiçaõ de toda a ſua deſcendencia? Se tivera Adaõ derrubado algum Idolo, ou abrazado algum Templo levantado ao Demonio, naõ eſtranhára no Demonio os effeitos da ſua malevolencia para com Adaõ: mas naquelle tempo, ainda naõ havia Templos, nem Idolos, nem podia o Demonio ſer aggravado, porque naõ era conhecido. Logo porque razaõ he o Demonio taõ inimigo de Adaõ, que procura de lhe tirar a vida temporal, & a vida eterna, a vida temporal no eſtado da natureza, & a vida eterna no eſtado da graça? Reſponde Baſilio do Eſpirito Santo. O odio, que o Demonio tem a Adaõ, he effeito do odio, que o meſmo Demonio

nio tem a Deus. Vio o Demonio, que Deus fizera o homem à ſua imagem, & ſemelhança, & conhecendo, que naõ tinha a ſua maldade armas ſufficientes para fazer mal a Deus, converteo o ſeu furor contra a Imagem de Deus; derrubou a eſtatua, & apagou o retratto, vendo que naõ podia chegar ao original, & com fruſtrados deſatinos deu ás inſanias do ſeu odio huma apparente ſatisfaçaõ: *Poſtquam Diabolus hominem vidit ad imaginem Dei, & ſimilitudinem factum, cum improbitatis ſuæ vim in Deum non poſſet exercere, eam contorſit in imaginem Dei.* Naõ de outra ſorte neſte caſo. Moſtrou o Demonio o implacavel odio, que tem aos Santos, no violento deſacato das ſuas Imagens: tomou para inſtrumento das ſuas vinganças, as maõs do Sacrilego: deſpedaçou, & arraſtrou os Bemaventurados em eſtatua, & naõ podendo ſer homicida de ſuas Almas, foi o verdugo de ſeus Simulacros. Por impulſo do Demonio, muito maiores exceſſos cométéra eſte impio, ſe as ſuas forças houveraõ ſido iguaes à ſua impiedade: & quando conſumio as eſpecies Sacramentaes, he provavel, que dezejou de poder conſumir, & anniquilar a meſma Divindade Sacramentada. A malicia dos homens, naõ ſó ſe ha de medir pelo que executa, mas pelo que intenta. E ha creaturas taõ inclinadas ao mal, que ſe Deus naõ limitára o ſeu poder, naõ tivera a ſua maldade limites.

*Frat. Baſilius à Spiritu Sancto cap. 18.*

206. Acho na Eſcritura, que Deus poz preceito ao mar de naõ paſſar os termos, com que encerrou o fluctuante imperio das ſuas ondas: *Huc uſque venies, & non procedes amplius.* *Iob. 38. v. 11.* E em outro lugar: *Legem ponebat aquis, ne tranſirent fines ſuos.* *Proverb. 8. v. 29.* Parece eſte divino preceito deſneceſſario, porque nenhum elemento póde naturalmente ſahir do ſeu centro, & o mar tem por centro das ſuas aguas, aquellas immenſa profundidades da terra, em que ſe recolhe, & ſe agazalha

desde o principio do Mundo. Logo se as mesmas leys da natureza obrigaõ ao mar a que naõ passe as rayas, que limitaõ o seu dominio, porque razaõ torna Deus a apertar a liberdade do mar com a intimaçaõ de hum soberano decreto? *Huc usque venies, & non procedes amplius.* O mar, como diz S. Gregorio Nazianzeno, he hum elemento impaciente, furioso, temerario; impaciente, na agitaçaõ das ondas; furioso, na braveza das tormentas: & taõ temerario, que naõ sô pertende inundar a terra com os violentos esforços, com que se espraya pelos campos; mas inchandose, empolandose, & levantando liquidos montes para o Ceo, parece que ameaça naufragios ás estrellas: & para reprimir o cego furor de hum Elemento, que se atreve a mais do que pôde, foi preciso, que Deus lhe puzesse por freyo dos seus desatinos, a inviolavel observancia dos seus preceitos: *Huc usque venies, & non procedes amplius.* Agora entendo a razaõ, porque o Profeta Isaias comparou os impios com o mar, quando se enfurece: *Impij autem, quasi mare fervens.* A impiedade he huma tormenta, em que as paixoens de hum impio se desataõ, & em certo modo se esprayaõ, como o mar, para acometer impossiveis. Excede a ouzadia dos seus intentos, a capacidade das suas forças, & he preciso, que o soberano poder de Deus limite o poder de hum impio, para impedir as execuçoens da sua impiedade: *Huc usque venies, & non procedes amplius.* Que se fora possivel, entendo, que hum impio chegára a destruir, & aniquilar a mesma Divindade, para que naõ havendo Deus no Mundo, ficassem os seus excessos sem castigo. Consta, que o Sacrilego tirou dos Vasos Sagrados as especies Eucharisticas, & consta, que as consumio: & pôde ser, que neste mesmo tempo dezejasse consumir, & destruir a substancia da Eucharistia, que he o mesmo

*Gregor. Nazianz. in Laude Basilij.*

*Mare arenam vevetur, & usque ad illam rabie percitum, veluti fræno, divino termino inhibitum rursus coercetur, & retrorsum cedit.* Theodoret. Psal. 103.

*Isai. 57. v. 20.*

mo

mo Deus. Mas naõ me admira tanto o exceſſo deſta offenſa, como a exceſſiva paciencia de Deus offendido. Por ventura, naõ he eſte o meſmo Deus, que antigamente com rigoroſas demonſtraçoens da ſua juſtiça, caſtigava os peccados dos homens? Sim. Pois ſe Deus he o meſmo, & a ſua juſtiça a meſma, porque razaõ naõ caſtiga Deus eſte Sacrilego digno dos maiores caſtigos? Sabeis porque? Porque eſte meſmo Deus eſtá Sacramentado: & no Sacramento parece que mais pôde a clemencia de Deus, que a ſua juſtiça.

207. Podemos conſiderar a Deus em tres differentes tempos, antes da Encarnaçaõ, depois da Encarnaçaõ, & depois da inſtituiçaõ do Divino Sacramento. Antes da Encarnaçaõ, obrava Deus como Rey, com huma mageſtade ſevera: depois da Encarnaçaõ, obrou Deus como Paſtor, com huma ſeveridade moderada: & depois da inſtituiçaõ do Divino Sacramento, obrou Deus como Cordeiro, com huma moderaçaõ, & huma paciencia exceſſiva. Antes da Encarnaçaõ, Deus como Rey, foi taõ ſeveramente mageſtoſo, que fulminou ao filho de Abinadab, ſô por haver chegado a maõ à Arca: *Iratus eſt indignatione Dominus contra Ozam, & percuſſit eum.* 2 Reg. cap. 6. verſ. 7. Depois da Encarnaçaõ, Deus como Paſtor, foi taõ moderadamente ſevero, que ſô com hum açoute caſtigou os profanadores do Templo: *Cum feciſſet quaſi flagellum de funiculis.* Ioan. cap. 2. verſ. 15. Mas na inſtituiçaõ do Divino Sacramento, tomou Deus a brandura, & a manſidaõ de hum Cordeiro, para ſofrer com inalteravel paciencia, os mais violentos deſacatos: & por iſſo chama S. Joaõ Chryſoſtomo, à Divina Euchariſtia, theſouro da Divina benignidade: *Dicendo Euchariſtiam, omnem benignitatis Dei theſaurum aperio.* Chryſoſtom. hom. 24. in locum Pauli. Enſina a Theologia, que quando Chriſto ſe commungou a ſi meſmo no Cenaculo, naõ ſe augmentou

na Alma de Chriſto a Graça, & naõ ſe acreſcentou a Gloria; porque deſde o primeiro inſtante da Encarnaçaõ, recebeo a Alma de Chriſto toda a Graça, & toda a Gloria, que hoje tem no Ceo. Logo que effeito produzio na Alma de Chriſto, o Divino Sacramento? Produzio, diz Santo Thomás, huma eſpiritual doçura, & ſuavidade: *Quamvis Chriſto gratia non fuit augmentata ex ſuſceptione hujus Sacramenti, habuit tamen quamdam ſpiritualem dulcedinem.* E parece que eſta eſpiritual doçura, & conſolaçaõ, foi hum lenitivo das aſperezas de ſua juſtiça, & huma diſpoſiçaõ para o fazer em certo modo inſenſivel aos opprobrios, & impiedades dos homens. E ſenaõ, dizeime: Em que tempo conſentio o Senhor, que o prendeſſem, que lhe ataſſem as maõs, que com crueliſſimas ignominias o levaſſem aos Tribunaes da Synagoga, & finalmente que o pregaſſem em huma Cruz? A todas eſtas afrontas, & crueldades, ſe offereceo o Senhor, pouco tempo depois de haver inſtituido no Cenaculo, o Divino Sacramento. Oh eſtupenda clemencia de Deus Sacramentado! No Sacramento da Euchariſtia, cede a juſtiça ao amor, & as eſpecies Sacramentaes, ſaõ o veo, com que parece que eſte Divino Amor tem os olhos vendados, por naõ ver as infidelidades, & temeridades humanas. Mas ſe o Sacrilego naõ experimentou os rigores da Divina Juſtiça, naõ podia evitar os caſtigos da juſtiça humana, principalmente em hum Reyno, a que o Senhor deu as ſuas Chagas por Armas, para o armar contra os authores dos ſeus aggravos. Temos viſto, como na conſideraçaõ deſta offenſa, ſe eterniza o ſentimento. Vejamos neſta ſegunda Parte, como no caſtigo do offenſor, ſe eternizou o zelo. E eſte he o ſegundo agradecimento da eternidade, que Chriſto nos communica no Sacramento do Altar: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

*D. Thom. 3. p. quæſt. 81. art. 1.*

II. PAR-

## II. PARTE.

208. O zelo da juſtiça punitiva conſiſte em dous actos; a ſaber, a averiguaçaõ dos delitos, & o caſtigo dos delinquentes. A averiguacaõ deſte delito, foi taõ difficultoſa, que poz toda a Corte em confuſaõ; mas eſta confuſaõ da Corte, foi o ſeu credito, porque foi effeito do dezejo, com que procurava a noticia de huma verdade occulta: & ſendo as Cortes taõ inimigas das verdades, foi milagre, que a Corte ſe alvoraçaſſe para inquirir de huma verdade. Tanto que ſe divulgou a nova do Naſcimento do Senhor, vioſe a Corte de Jeruſalem perturbada, & confuſa: ficáraõ ſuſpenſos os Eſcribas, aſſombraraõſe os Pontifices, atemorizaraõſe os Juizes: houve ajuntamentos nas praças, exames nos Tribunaes, conſultas no Conſelho, decretos no Paço, eſtrondos nas ruas, rumores nos Templos, tumultos nas caſas, perplexidades, ſuſtos, & rebates em todos os animos: *Turbatus eſt Rex, & omnis Hieroſolyma cum illo.* Matth. cap. 2. verſ. 3. Valhame o Ceo! Porque razaõ ſe perturbou toda a Corte de Jeruſalem? Porque na Peſſoa de Deus humanado, era naſcida a verdade no Mundo: *Veritas de terra orta eſt.* Pſa'm. 84. verſ. 12. E he taõ grande a antipatia, que as Cortes tem com as verdades, que ſô ao apparecer da verdade, ſe perturba a Corte. Naõ aſſim a Corte de Lisboa, em que a ſuſpenſaõ do conhecimento da verdade, foi a cauſa da ſua perturbaçaõ. Teve a Corte noticia do Sacrilegio, mas naõ ſabía quem fora a Sacrilego, & na averiguaçaõ deſta verdade, ſe perturbáraõ todos os animos. Demaneira, que ſe em Jeruſalem a Corte ſe perturbou por cauſa da verdade manifeſtada, em Lisboa ſe perturbou a Corte por cauſa de huma verdade ignorada. A perturbaçaõ daquella Corte, ſe originou da cegueira da ambiçaõ humana: & a perturbaçaõ deſta Corte, procedeo do zelo da Glo-

ria

ria Divina. Lá se perturbáraõ os animos em prejuizo da innocencia: & aqui os animos se perturbáraõ a favor da justiça, receando que naõ sendo conhecido o delinquente, ficasse o delito sem castigo. Hum criminoso occulto, he hum Cometa invisivel, que nas Cidades, & Lugares, em que assiste, secretamente influe publicos infortunios. Em quanto Jonas esteve escondido, & furtado ás penas, que merecia sua desobediencia, padecéo o baxel, que o levava, huma continua tormenta, em que todos os que com elle navegavaõ, estiveraõ arriscados ao naufragio: & naõ se applacou a misterioſa furia das ondas, senaõ depois que foi conhecido o delinquente, & lançado do lugar, em que a sua presença, era o Iman das tempestades, & o atractivo das desgraças. Taõ pernicioſa he a huma Republica a assistencia de hum sô criminoso, retirado ao conhecimento, & ao castigo: *Tulerunt Jonam, & misérunt in mare, & stetit mare à fervore suo.*

*Jonæ cap. 1. v. 15.*

209. Pelo espaço de cinco mezes, naõ foi conhecido o Author do Sacrilegio, & neste intervallo de tempo, viveo o abominavel encuberto com grande prejuizo do Reyno; porque a sua infernal presença era capaz para attrahir sobre Portugal funestas calamidades. Mas finalmente permetio o Senhor, que se descobrisse o delinquente, & que se castigasse o delito, naõ querendo sua divina misericordia, que perigassem as prosperidades do Reyno, na vida de hum Sacrilego impunido. Pelejando o Povo de Israel contra os Amorreos, perdeo vergonhosamente a batalha, & virou as costas ao inimigo, sem demonstraçaõ alguma de seu taõ experimentado valor. Admirados os Israelitas da sua pouca ventura, & naõ se conhecendo a si mesmos nas ignominias da sua fraqueza, pedíraõ a Deus, que lhe quizesse manifestar a causa desta sanguinolenta desgraça. Respon-

deo

dco o Senhor, que hum Sacrilegio occultamente cometido, era a cauſa da deſtruiçaõ do exercito, & que naõ teriaõ as ſuas armas proſperidade, até naõ ſer conhecido o Reo, & a ſua impiedade caſtigada: *Anathema in medio tui eſt Iſrael, non poteris ſtare coram hoſtibus tuis, donec deleatur ex te, qui hoc contaminatus eſt ſcelere.* A eſte aviſo do Ceo, foraõ examinados todos os ſoldados do exercito, & conſtou, que hum delles era o Sacrilego, que havia roubado os Sagrados ornamentos do Templo. De maneira, que hum ſô criminoſo occulto, era a inviſivel cauſa de todas as deſgraças do Povo de Iſrael: que os Corpos das Reſpupublicas, tem, como os corpos humanos, ſuas occultas enfermidades, & quanto mais occultas, mais perigoſas. Neſte perigo ſe vio Portugal, em quanto naõ conheceo o author do execrando Sacrilegio; mas foi Deus taõ miſericordioſo, que para livrar ao Reyno de futuras calamidades, permitio que ſe deſcubriſſe, & ſe exterminaſſe eſta peſte da Republica, & eſte veneno da Monarquia. Ponderemos mais particularmente a ſemelhança, que as circunſtancias deſte ſucceſſo tem com as do Sacrilegio de Iſrael.

*Josue 7. v. 13.*

210. O Sacrilego Iſraelita era moço, & ſoldado: & eſte era moço de ſoldada. O Sacrilego Iſraelita, era do Tribu de Judâ: & eſte foi outro Judas, & peiôr que o meſmo Judas; porque Judas deixou o ouro no Templo, & eſte roubou ao Templo o ſeu theſouro. O Sacrilego de Iſrael eſcondéo no campo o furto, que fizera: & eſte em huma vinha eſcondéo a trouxa que levava. O Sacrilego de Iſrael foi condenado ao fogo: & o corpo deſte foi queimado, & feito em pô, imagem do Inferno, nas chamas, & retratto do nada, nas cinzas. No lugar em que foi juſtificado o Sacrilego Iſraelita, fez o Povo de Iſrael, hum monte de pedras, eterno monumento do ſeu zelo: & os zelo-

*Achan, filius Charmi, filij Zabdi, filij Zare, de Tribu Juda.* Joſue cap. 7. verſ. 1.

*Vidi enim inter ſpolia pallium coccineum valde bonum, &c. & abſcondi in terra contra medium tabernaculi mei.* Id. ibid. v. 12.

*Quicumque ille fuerit comprehenſus, com-*

*buretur igni.* Ibid. v 15.

zeloſos da gloria de Deus eternizaõ as memorias da ſua piedade na reſtauraçaõ, & ornato da Igreja, em que foi cometido eſte Sacrilegio. Em concluſaõ, tornáraõ os Iſraelitas a lograr memoraveis felicidades, como premio do exemplar caſtigo, que deraõ ao malfeitor. E naõ duvido, que o Senhor naõ acreſcente ás glorias, & proſperidades deſte Reyno, taõ empenhado em caſtigar os profanadores de ſeus Templos, & os impios deſprezadores de ſua ſacramentada mageſtade. Quem ſuperficialmente conſiderar os repetidos roubos, & Sacrilegios, que de alguns annos a eſta parte ſe cometéraõ em varias Igrejas de Portugal, imaginará, que eſtes infernaes deſatinos, ſaõ caſtigos do Ceo, & formidaveis demonſtraçoens da divina vingança: mas tenho para mim, que todos eſtes acontecimentos, ſaõ eſtratagemas, com que o Demonio ſollicita os deſprezos do Divino Sacramento em Portugal, conhecendo, que com ſingular piedade ſe adora em Portugal o Divino Sacramento. Os luzimentos da gloria, ſaõ os incentivos da inveja, & a inveja he como o raio, que toma por alvo das ſuas violencias, as eminencias mais ſublimes. Contra o valeroſo Joſué ſe armáraõ todos os Reys, que imperavaõ deſde o rio Jordaõ até o monte Libano: & na Eſcritura, naõ ſe acha outro motivo deſta poderoſa conjuraçaõ, ſenaõ as façanhas, & as heroicidades de Joſué: *Congregati ſunt pariter, & audientes cuncta, quæ fecerat Joſue.* Ouviráõ aquelles Potentados, os eccos da fama, com que Joſué ſe fazia celebre no Mundo, & invejando a ſua gloria, conſpiráraõ para a ſua ruina. Lá nos profundos abyſmos do Inferno, tem o Demonio noticia da incomparavel grandeza, & piedade, com que em Portugal ſe venera a auguſta preſença de Deus Sacramentado, & com as maõs dos impios procura o Demonio de eſcurecer as glorias do Divino Sacramento. Mas naõ

*Congregaverunt acervum lapidem, qui permanet uſque in præſentem diem.* Ibid. v. 26.

*Et averſus eſt furor Domini ab eis.* Ib. v. 26.

*Joſue 9. v. 2 & 3.*

teme

teme Portugal eſtes vaõs esforços do Inferno: que os golpes naõ ſaõ perigoſos, quando há eſcudos que os rebatem: naõ ſaõ mortaes os venenos, aonde ſaõ poderoſos os antidotos: naõ ſe receaõ as batalhas, aonde ſaõ certas as victorias. E anda Portugal taõ empenhado em vingar as injurias, que ſe fazem ao Divino Sacramento, que deſtas tranſitorias afrontas toma motivo, para lhe preparar triunfos eternos, porque na conſideraçaõ da offenſa, eterniza o ſentimento, como temos viſto na primeira Parte: no caſtigo do offenſor, eterniza o zelo, como acabamos de ver na ſegunda: & na ſatisfaçaõ do offendido, eterniza o deſaggravo. E eſte he o tercerceiro aſſumpto do Sermaõ, & a terceira eternidade, com que agradecemos ao Senhor a eternidade, que nos communica no Sacramento: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

## III. PARTE.

211. Para a cabal ſatisfaçaõ das offenſas, que ſe fazem a Deus, duas excellencias ſaõ preciſas, huma ſumma innocencia, & huma ſumma dignidade: por eſta razaõ, nenhum dos homens, nem dos Anjos, podia cabalmente reparar a offenſa, que Adaõ fez a Deus; porque nos homens, que eſtaõ comprehendidos no delito de ſeu primeiro Pay, falta o puro da innocencia, & nos Anjos, que como criaturas, ſaõ vaſſallos de Deus, falta o ſummo da dignidade. Sô Chriſto Senhor Noſſo, homem Deus, podia em rigor de juſtiça, ſatisfazer eſta offenſa; porque Chriſto ainda que homem, naõ peccou em Adaõ: & o meſmo Chriſto, em quanto Deus, he igual ao Eterno Pay: *Talis enim decebat*, diz S. Paulo, *ut nobis eſſet Pontifex, Sanctus, innocens, impollutus, ſegregatus à peccatoribus.* Eis ahi o ſummo da innocencia. *Et excelſior cœlis factus.* Eis *Hebr. 7. v. 26.*

Eis ahi o summo da dignidade. No solemne desaggravo desta sacrilega offensa, concorre huma summa innocencia, & huma summa dignidade; porque Deus antes aggravado, he agora o desaggravo de si mesmo, & sobre este altar, está o Senhor conquistando veneraçoens, em satisfaçaõ das indecencias, que publíca a memoria deste dia, & a occasiaõ deste desaggravo.

212. Mas ainda que, sô Deus possa ser o digno reparador das suas offensas, he preciso, que tambem as criaturas empenhem o seu zelo na celebridade desta reparaçaõ. No fim do mundo o Sol se escurecerá, a Lua se amortalhará em sombras, & as Estrellas cahiráõ desmayadas na terra. E que significaráõ as escuridades, as sombras, & os desmayos destas criaturas celestes? Respõde o Author do Imperfeito: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stellæ cadent de Cælo, super impiorum pessima opera indignantes.* Todas estas illustres criaturas, mostraráõ com funestos deliquios, o seu sentimento, & a sua indignaçaõ contra os peccadores, que nesta vida offendéraõ o seu Divino Criador. E porque na terra, os homens offendem tres generos de Pessoas, que estaõ no Ceo, Deus, a Virgem Nossa Senhora, & os Santos: a escuridade do Sol, será huma clara satisfaçaõ dos peccados contra Deus: *Sol obscurabitur.* Nas sombras da Lua se manifestará o sentimento dos peccados contra a Virgem Nossa Senhora: *Luna non dabit lumen suum.* E o desmayo das estrellas, será huma viva dôr dos peccados contra os Santos: *Stellæ cadent de cælo, super impiorum pessima opera indignantes.* No caso de que hoje choramos a memoria, cometeo o Sacrilego estes tres generos de peccados; peccados contra Deus, peccados contra a Virgem Nossa Senhora, & peccados contra os Santos: peccados contra Deus, na profanaçaõ do Divino Sacramen-

*Author imperfecti in verba Matth. cap. 24. vers. 29.*

mento: peccados contra a Virgem, na irreverencia, com que tratou a ſua Sagrada Imagem: & peccados contra os Santos, na impiedade, com que os deſpojou de ſeus ornatos: mas para a pompa do deſaggravo deſtas repetidas offenſas, vejo que o Sol ſe eſcurece, & juntamente vejo ſentimentos na Lua, & deſmayos nas Eſtrellas. Pois o Sol ſe eſcurece? Sim: porque o Sacramento he hum miſterioſo eclipſe do Sol Divino. Deus encuberto debaixo dos materiaes accidentes, he hum Sol eclipſado; mas neſte meſmo eclipſe, ſe manifeſta a ſua gloria, quanto mais inviſivel, mais veneranda. E porque ſe o Sol padecéra afrontas, ſô pudera outro Sol engenharlhe proporcionados deſaggravos com juſta, & proporcionada ſatisfaçaõ, ſô Deus Sacramentado póde deſaggravar ao Divino Sacramento. Tambem follicíta a Lua o deſaggravo deſta offenſa. E que Lua he eſta? He Santa Clara, mais clara que a Lua; porque neſte Mundo foi alumiada com a luz da Graça, & no Ceo, eſtá alumiada com a luz da Gloria. Se a Gloria da Viſaõ Beatifica, naõ impoſſibilitára nas Almas dos Bemaventurados, a dôr, & o ſentimento: que ſentimento, & que dôr naõ tivera Santa Clara, quando o deteſtavel Sacrilego, quebrou o Sacrario, & com deſatinada indecencia, tomou na ſua boca infernal as Hoſtias Conſagradas, candidas, & puriſſimas victimas da ſua impiedade? Oh glorioſa Santa Clara, amantiſſima Eſpoſa do Divino Sacramento? Porque naõ vos foi concedido baixar do Empyreo à terra, para acudir ao reſpeito, & à Gloria do voſſo Divino Eſpoſo? Lá na Cidade de Aſſis teve o voſſo zelo confiança para ſe oppôr a hum exercito de Hereges, reſolutos a profanar os Altares, & nas voſſas maõs teve o Divino Sacramento hum Aſylo, & huma fortaleza inexpugnavel aos barbaros inſultos dos inimigos da Fé: mas neſte

neste caso, pôde a Igreja chorar a vossa auzencia, & juntamente admirar a vossa Bemaventurança; porque a auzencia impossibilitou o soccorro, & a Bemaventurança impossibilita o sentimento. Supposto isto, razaõ he, que a dôr, que Santa Clara naõ pôde sentir em si, se imprima no coraçaõ das filhas de Santa Clara: & já que nesta Lua naõ pôde haver magoas, veja-se nestas Estrellas o sentimento: *Luna non dabit lumen suum: Stellæ cadent de Cælo.*

213. Na criaçaõ do Mundo, entregou Deus o imperio da noite a dous generos de Astros, à Lua, & ás Estrellas, porque como a Lua naõ havia sempre de assistir neste Hemisferio, foi conveniente, que a Divina Providencia ordenasse, que as estrellas supprissem as auzencias da Lua: *Luminare minus, ut præesset nocti, & stellas.* Logo se está Santa Clara auzente deste Hemisferio, & constituida para sempre na Esfera da immortalidade, ás filhas de Santa Clara toca illustrar as escuras, & tristes sombras daquella noite, que cobrio as ruinas, & os estragos da mais execranda impiedade: *Stellæ cadent de Cælo, super impiorum pessima opera indignantes.* Nas duas Constellaçoens, a que os Matematicos chamaõ, Ursa maior, & menor, resplandecem com singular claridade quatorze Estrellas, em que hoje se representaõ as quatorze Escravas, que com luzida vassalagem servem a esse Divino Senhor Sacramentado. A estas, & a todas as mais filhas de Santa Clara, naõ será lizonja dar o nome de Estrellas, se ellas procurarem de as imitar, porque nas estrellas se cifraõ todas as virtudes de huma perfeita Religiosa. Acho nas estrellas quatorze excellencias, a humildade, a pobreza, a pureza, a obediencia, a clausura, a uniaõ, a vigilancia, a composturа, o recato, a perseveraça, a lembrança da morte, o temor de Deus, a assistencia no coro, & finalmente,

Genes. 1. verf. 16.

mente, a Fé, & a veneraçaõ devida ao Santiſſimo Sacramento. Vamos brevemente diſcorrendo eſtas illuſtres prerogativas. E eſte ſerá o fruto do Sermaõ.

Saõ as Eſtrellas taõ humildes, que ſendo de todas as criaturas viſiveis, as mais altas, & as mais levantadas, ſe moſtraõ taõ piquenas, que muitas dellas apenas ſe enxergaõ. No auge da Prelazia, deve huma Religioſa acreditar a ſua modeſtia, & moſtrar na exaltaçaõ da dignidade, hum profundo abatimento.

Saõ as Eſtrellas taõ pobres, que nem a luz, de que ſe veſtem, he ſua propria, mas do Sol, que lha communica. O naõ ter nada de proprio, he a mayor gala de huma Religioſa: & he mais Cometa, que Eſtrella, a que faz pompa de ſuperfluos reſplandores.

Saõ as Eſtrelles taõ zeloſas de ſua pureza, que naõ deixaõ chegar a ſua luz à terra, & com eſta cioſa ſoberania ſe aventaja a luz das Eſtrellas, à luz do Sol, que com indecoroſa facilidade ſe deixa piſar de todos: & ainda que naõ fique contaminada, em certo modo ſe deſautoriza. Que izento deve ſer o coraçaõ de huma Religioſa, dos affectos da terra, que com ignominioſas dependencias deſluzem a gloria das almas, que cativaõ!

Saõ as Eſtrellas taõ obedientes, que ſem repugnancia alguma, ſempre andaõ ſeguindo o movimento da Intelligencia, que as arrebata. Da conformidade de huma Religioſa com a vontade da ſua Prelada, depende o acerto de todos os ſeus movimentos.

Saõ as Eſtrellas taõ amigas da clauſura, que nunca ſahem dos orbes, em que eſtaõ encerradas. E ſe depois do Naſcimento do Senhor, huma dellas chegou a romper a clauſura, foi para ir buſcar ao meſmo Senhor ao Preſepio. A Eſfera de huma Religioſa, he a ſua cella, de donde naõ ha de ſahir, ſenaõ para buſcar a Deus, & acudir ás obrigaçoens de ſeu miniſterio.

Que notavel he a uniaõ, & a concordia das Eſtrellas! Humas ſaõ mayores, & outras menores, & todas juntas compoem huma taõ pacifica, como luſtroſa Republica. Na Religiaõ, a differença das peſſoas, & a diverſidade dos genios, ha de ſervir, como na Muſica a desigualdade das vozes para a armonía.

Naõ he menos admiravel a vigilancia das Eſtrellas: no maior ſilencio da natureza, todas eſtaõ deſveladas. E no tempo em que todas as mais criaturas deſcançaõ, ſe deſpertaõ os cuidados de huma Religioſa contemplativa.

Saõ as Eſtrellas taõ compoſtas, que ainda que corraõ, parece que eſtaõ paradas, & neſta imperceptivel agilidade, ſe repreſenta a compoſtura de huma Religioſa nos exercicios da vida activa.

Saõ as Eſtrellas taõ recatadas, que naõ apparecem de dia, mas ſempre ſahem com o veo da noite, & no tempo em que o ſono fecha os olhos, a todos os viventes. No recato ſe aſſeguraõ os creditos de huma Religioſa, quanto mais inviſivel, mais celeſte.

Que conſtante he a perſeverança das Eſtrellas, que deſde o principio do Mundo eſtaõ na meſma altura, & com a meſma claridade. Illuſtres retrattos de huma Religioſa, fixa, & permanente na obſervancia de ſeus votos.

As Religioſas inculcaõ as Eſtrellas a lembrança da morte, porque com o ſeu movimento natural dirigem as Eſtrellas o ſeu curſo do Oriente para o Occaſo.

As Religioſas prégaõ as Eſtrellas o temor de Deus, com as ſcintillantes palpitaçoens, com que parece eſtaõ tremendo, por eſtarem mais chegadas ao trono de Deus, que todas as mais criaturas deſte Mundo material.

Tambem ás Religioſas perſuadem as Eſtrellas a aſſiſtencia no coro, porque o coro das Eſtrellas he o Firmamento, & as luzes, ſaõ as vozes, com que eſtaõ cantando o Laus perenne

das

Job. cap. 38. v. 7. das grandezas divinas: *Ubi eras, cum me laudarent simul Astra matutina?*

Finalmente, ás Religioſas em particular, & a todos os Fieis em geral, enſinaõ as Eſtrellas, a pureza da Fé, & a ſumma veneraçaõ, com que havemos de aſſiſtir ao Divino Sacramento. Em amanhecendo o Sol no Oriente, todas as Eſtrellas retiraõ as ſuas luzes, & tanto ſe eſcondem, & ſe humilhaõ, que todas parecem com reverente ſummiſſaõ aniquiladas. Chriſtaõs, com eſte meſmo reſpeito, & com eſta meſma humildade, havemos de aſſiſtir a eſte Divino Sol Sacramentado. Retireſe a luz da razaõ, porque eſte he hum miſterio de Fé. Apartaivos affectos da terra, porque eſte he o trono do Amor Divino. Ambiçoens, cubiças, vaidades, odios, preſumpçoens, perniciosas fantaſmas, & ſombras do Inferno, naõ vos atrevais a parar diante deſte Sol da Graça. E vós, meu Divino Jeſús Sacramentado, aceitai os dezejos, com que procuramos de eternizar o ſentimento, o zelo, & o deſaggravo das voſſas offenſas, & viva eternamente a Gloria do Divino Sacramento, que ſô nos póde communicar a eternidade da Gloria. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.*

# SERMAM

## AO RECOLHER DA

# PROCISSAM,

## COM QUE

## A IRMANDADE DA MISERICORDIA VAI buscar ao Campo de Santa Barbora os ossos das pessoas, que padecerão por justiça:

Prégado na Santa Casa da Misericordia de Lisboa, no 1. de Novembro de 1682.

---

*Ossa arida, audite verbum Domini.* Ezechiel. 37.

214. TRistes memorias de huma criminosa vida, profanas reliquias de huma violenta morte, ossos infelices, sobejos do patibulo, fragmentos do Microcosmo, & ultimos despojos da humanidade: Vós, que nos corpos dos malfeitores fostes os instrumentos da semrazaõ, & da crueldade: Vós, que sustentastes os braços, que tiráraõ as vidas: Vós que fortalecestes as maõs authoras dos furtos

furtos, & dos homicidios: já que a piadosa solennidade deste dia, vos restitue à luz do Mundo, ouví com humilde silencio a palavra do Senhor, que tambem ossos escarnados, & carcomidos, saõ capazes para ouvirem a palavra de Deus: *Ossa arida, audite verbum Domini.* Com estas mesmas palavras fez antigamente o Profeta Ezechiel, em hum campo cheio de ossos, hum protentoso milagre, quando ao soberano imperio da sua voz, toda aquella informe, & confusa materia, com proporcionadas distancias, se foi ajuntando, & afeiçoando em figuras humanas. Tomou cada osso, o seu proprio lugar, encaixáraõse as costas, sahíraõ musculos, & ligamentos, formáraõse cartilagens, distribuiraõse veas, & arterias, acudíraõ espiritos, soltouse o sangue, regenerouse a carne, & com repentina organizaçaõ, ficou hum monte de ossos transformado em hum Mundo de gente. Escusado he hoje nestes ossos o milagre de outra semelhante transformaçaõ; porque a vida dos criminosos, naõ he motivo para saudades. Mas com licença dos vivos, quero tornar a fallar com estes mortos. E por naõ ser importuno, direi tudo em huma palavra: *Ossa arida, audite verbum.* E que palavra será esta? He huma palavra taõ significativa, que nella se comprehendem as grandezas de Deus: he huma palavra taõ necessaria, que della dependem as felicidades dos homens: finalmente, he huma palavra, taõ suave, & taõ efficaz; taõ benigna, & taõ poderosa; taõ humana, & taõ divina, que merece todas as attençoens dos vivos, & dos mortos. Misericordia.

*Ezech. cap. 37. vers. 4.*

215. Esta he a palavra, que David summamente dezejava de ouvir: *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam.* Notavel dezejo! A Misericordia, em quanto palavra, he huma voz sem obra, & hum som sem substancia. Logo que podia David entereſſar em ouvir esta palavra? Direi.

*Psalm. 142. vers. 8.*

rei. Fallava David na Misericordia Divina: *Misericordiam tuam.* E a Divina Misericordia (theologicamente fallando) he o mesmo, que a Essencia, & Substancia Divina. Todos os attributos da Divindade, que a fraqueza do nosso entendimento distingue, para conhecer; saõ, *à parte rei*, huma simplicissima substancia, que naõ he outra cousa, que o ser Divino: & posto que estes attributos, se achem todos igualmente nas tres Pessoas Divinas, em razaõ da identidade da natureza; ao nosso modo de entender, o attributo da Misericordia se pôde particularmente appropriar à Pessoa do Verbo, porque na Pessoa do Verbo humanado a Misericordia Divina se manifestou ao Mundo. Que cousa pois he o Verbo? He a palavra do Eterno Pay. Logo a Misericordia Divina, he o mesmo que huma palavra; mas palavra, que he toda obras, porque he palavra substancial: & por isso lhe bastava a David ouvir esta palavra. Taõ infalliveis saõ os prodigios, que obra: *Auditam fac mihi misericordiam tuam.* Mas se a Misericordia Divina, he huma palavra, Misericordia humana, he o ecco desta Divina palavra: & como ecco, foi hoje ouvida no campo, & nas concavidades da terra, experimentaraõ esses ossos a penetrante efficacia das suas vozes: *Ossa arida, audite verbum.* Com a palavra Divina, que he o Verbo, fez a Divina Misericordia na Redempçaõ do Mundo, tres singulares prodigios. Da mayor ruina, fez o mayor trofeo. E este he o primeiro prodigio. Ao mayor desemparo, deu o mayor asylo. Este he o segundo. E do mayor sacrificio, fez o mayor triumfo. Este he o terceiro. Primeiramente, fez a Misericordia Divina, da mayor ruina, o mayor trofeo, porque levantou o Mundo dos abysmos da culpa ao imperio da Graça. Em segundo lugar, deu a Misericordia Divina ao mayor desemparo, o mayor asylo; porque por meio da

uniaõ

uniaõ Hypostatica, se acolhéo ao Sagrado da Divindade, a natureza humana, afflita, & solitaria, sem abrigo, & sem patrocinio. Finalmente, fez a Divina Misericordia, do mayor Sacrificio, o mayor triumfo, porque do Sacrificio da Cruz, tirou as glorias da Resurreiçaõ. Todos estes prodigios da Misericordia, saõ effeitos da palavra Divina Encarnada. Ouçamos agora os eccos da Miseridia humana, que como veremos nas tres partes do Sermaõ, faz neste dia, da mayor ruina, o mayor trofeo; do mayor desemparo, o mayor asylo; & do mayor Sacrificio, o mayor triumfo. Vamos ponderando o primeiro prodigio deste admiravel ecco da palavra Divina: *Ossa arida, audite verbum Domini.*

## I. PARTE.

216. Se o homem, he o compendio das perfeiçoens do Universo; que saõ os ossos de hum morto, senaõ as ruinas de hum pi-queno Mundo? No ultimo instante da vida do homem, derruba a morte o melhor edificio da natureza, & sô ficaõ os ossos para memoria deste fatal destroço. Mas com tanta pompa recolhe hoje a Misericordia estas ruinas, que antes considero estes ossos, como trofeos da Gloria, que como estragos da mortalidade. Por secreto instincto da natureza, todas as Naçoens, ou alumiadas com a luz da Fé, ou sepultadas nas trevas da Gentilidade, sempre respeitáraõ as cinzas, & os ossos dos mortos. E com muita razaõ. Porque (se bem advertirdes) o osso de hum morto, foi o primeiro fundamento da propagaçaõ do genero humano. Vejo, que estranhais a novidade desta proposiçaõ: mas ouví as razoens, com que provo os dous paradoxos, que nella se encerraõ. O primeiro, que todo o genero humano, se propagou de hum osso: & o segundo, que este osso, era osso de hum morto. A primeira Máy de todos os homens,

foi Eva. E que era Eva, nos principios de seu ser? Era hum osso, tirado do lado de Adaõ: & por isso, o mesmo Adaõ chamou a Eva, osso dos seus ossos: *Hoc nunc os ex ossibus meis.* De maneira que, a primeira materia, de que foi formada a primeira mãy de todos os viventes, foi hum osso. Provo agora, que este era osso de hum morto. Quando Deus tirou do lado de Adaõ, o osso destinado para a formaçaõ de Eva, estava Adaõ como morto, porque estava dormindo. O sono, he huma viva imagem da morte: & assim como a morte, he hum sono de muitos annos, o sono he huma morte de poucas horas. E de tal maneira se equivoca o sono com a morte, que a mesma verdade, chamou à morte, sono: *Lazarus amicus noster dormit.* Era pois o sono de Adaõ taõ significativo da morte, que na opiniaõ do grande Tertulliano, o sono deste primeiro homem, foi a figura, em que anticipadamente se representou a futura morte de todos os homens: *Somnus ille in publicæ, & communis jam mortis, affingitur exemplar.* Logo se o osso de hum morto, foi na pessoa de Eva, a primeira base, & a columna fundamental de toda a fabrica do composto humano: justo era, que a mesma natureza, induzisse aos vivos, a que tributassem aos ossos dos mortos as honras, que merece hum taõ grande, & taõ antigo beneficio. Parece, que Santo Agustinho favorece este meu pensamento, affirmando, que a piedade dos vivos para com os mortos, he huma ley, que a mesma natureza imprimio nos coraçoens humanos: *Igitur nihil mirum, si insit à natura humanis pectoribus, singularis erga defunctos pietas, & miseratio.* Verdade he, que as leys da natureza naõ se devem guardar, com os que quebrantaõ as leys da mesma natureza. E porque estes saõ ossos de homens criminosos, que violáraõ as leys naturaes com roubos, & homici-

*Genes. 2. 23.*

*Joan. cap. 11. vers. 11.*

*S. Augustin. lib. de consolatione mortis.*

micidios, poderalhe a humanidade justamente negar os officios de sua natural piedade: mas como já tomou a Justiça, satisfaçaõ de seus delictos, entra hoje a Misericordia a exercitar a sua benigna jurisdiçaõ. Que quando está a Justiça satisfeita na execuçaõ dos castigos, tem a Misericordia direito, para converter as mayores ruinas, em trofeos.

217. O mayor dos Ladroens, foi Adaõ, porque quiz roubar a Deus os thesouros de seu saber infinito: & o mesmo Adaõ foi o cruel parricida, que degolou de hum golpe toda a sua posteridade. Morreo finalmente este corifeo dos ladroens, & dos homicidas. Mas que foi feito de seus ossos? Nas noticias, que nos deixou Jacome Edesseno, Mestre de Santo Efrem, temos por tradiçaõ, que o Patriarca Noé tirára os ossos de Adaõ da sepultura, em que jaziaõ, & com cuidadosa reverencia, os levará para a Arca, para os salvar do diluvio. Admiravel successo! Singularissimo privilegio! Alagaõ as aguas os campos, inundaõ os valles, sossobraõ os montes, finalmente afogase o Mundo, & ficaõ enxutos, & salvos os ossos do author de todas as tempestades, & naufragios? Sim. Porque neste primeiro delinquente, já tem a Justiça executado a sentença final da morte: *Morte morieris.* Morreo Adaõ, & morreo penitente: & por isso suspendéo a Justiça os rayos, & a Misericordia convertéo as ruinas, em trofeos. No Psalmo, em que celebra David as grandezas da Divina Misericordia, diz que os ossos, que algum dia foraõ humilhados, festejaráõ: *Exultabunt ossa humiliata.* Ossos verdadeiramente humilhados, saõ esses, porque a Justiça os condenou, a maõ do Algoz os desconjuntou, & a ignominia do castigo os infamou: *Ossa humiliata:* mas finalmente cessou o rigor da Justiça, & acudio a Misericordia com taõ primorosa benignidade, que dá lustre aos opprobrios, &

*Genes. 2. 17.*

*Psalm. 50. v. 10.*

*Barcephala lib. 1. cap. 14.*

& eſmalte ás afrontas, & com os deſpojos da morte, acreſcenta a pompa da ſua devota magnificencia. Eſcreve Plutarco, que nos exercitos da Grecia, o Soldado, que ſe offerecia a enterrar hum dos mortos na batalha, era obrigado a renunciar a parte, que lhe cabia dos deſpojos do inimigo. Que ſempre foi taõ acreditada eſta ultima obra de Miſericordia, que até na opiniaõ dos Gentios, os oſſos de hum defunto, a que ſe dava ſepultura, eraõ mais eſtimados, que os trofeos de huma victoria. Com eſtes funebres trofeos alcança hoje a Miſericordia, huma taõ grande gloria, que fica a inveja do Demonio attonita, embravecida, & taõ confuſa, que naõ podendo hoje manifeſtar o ſeu furor, creio, que reſerva para o fim do Mundo, a execuçaõ de ſua vingança.

218. No Capitulo onze do Apocalypſe, eſcreve S. Joaõ, que o Antichriſto matará a Henoch, & Elias, & que os Sagrados cadaveres deſtes dous Profetas, ficaráõ nas ruas de Jeruſalem expoſtos a todos os deſatinos da impiedade: *Corpora eorum jacebunt in plateis.* Apocal. XI. 8. Pois naõ haverá quem abra huma cova para enterrar eſtes Santos Profetas? Naõ. Porque naquelle tempo executará o Demonio as ſuas vinganças por maõ do Antichriſto. Vé hoje o Demonio, que a piedade dos Chriſtaõs, he taõ grande, que chega a dar honrada ſepultura aos oſſos dos malfeitores, & afrontado deſta exceſſiva piedade, impoſſibilitará o Demonio, a ſepultura dos Santos: *Corpora eorum, non ſinent poni in monumentis.* Apoc. XI. 9. Repáro, que a eſta deteſtavel impiedade do Antichriſto, ſe ſeguirá o fim univerſal do Mundo: & aſſim o pede a razaõ, porque faltando no Mundo a Miſericordia, faltará ao Mundo a columna, que o ſuſtenta. Acabará o Mundo, ſim, mas quando? Quando acabar a Miſericordia. Quando naõ houver Miſericordia para com os mortos, entaõ cahirá a juſtiça

ſtiça de Deus ſobre os vivos. Conſolemſe pois neſte, & no outro Mundo, os vivos, & os mortos, que ainda naõ eſtá acabada a Miſericordia: mas antes eſtá hoje taõ alentada, taõ benigna, & taõ conſtante, que até com oſſos, acredita a ſua brandura, & com criminoſos, eterniza a ſua piedade. E iſto he propriamente fazer da mayor ruina, o mayor trofeo. Vejamos agora no mayor deſemparo o mayor aſylo. Eſte he o ſegundo prodigio da Miſericordia, que como ecco da palavra Divina torna a deſpertar as attençoens dos mortos: *Oſſa arida, audite verbum Domini.*

## II. PARTE.

219. Do profano de hum campo, treſladados eſſes oſſos ao Sagrado da Igreja, começaõ a lograr as immunidades, & privilegios do mayor aſylo. Erronea, & heretica foi a opiniaõ dos Valdenſes, & Albigenſes, que affirmavaõ, que a ſepultura Eccleſiaſtica naõ aproveitava aos mortos. Todo o Mundo, diziaõ elles, he o Templo de Deus: logo em qualquer parte do Mundo, que ſe dé ſepultura a hum morto, ſempre fica o morto, ſepulpultado em alguma parte deſte Templo. A eſte ſofiſtico argumento, reſpondo, que o Mundo impropria, & metaforicamente ſe chama Templo de Deus, & que ſô as Igrejas da Chriſtandade, ſaõ os verdadeiros Templos conſagrados ao Culto Divino, à celebraçaõ dos Sacrificios, & à repreſentaçaõ dos Miſterios de noſſa Santa Fé: & aſſim cada Igreja, he para os vivos, hum refugio, & para os mortos, hum aſylo. Suppoſto iſto, digo, que na ſepultura Eccleſiaſtica, tem os mortos tres notaveis conveniencias. Primeiramente, no Sagrado da Igreja, ficaõ os corpos dos defuntos livres da abominavel companhia dos Demonios, que de ordinario aſſiſtem aos corpos dos que naõ eſtaõ enterrados em ſagrado. E he iſto tanto aſſim,

que

que muitas vezes tomaõ os Demonios eſtes cadaveres deſemparados, & com elles apparecem aos Feiticeiros, & Negromantes. E para confirmaçaõ deſta verdade, eſcreve Cardáno, que pelo fetido cheiro, que eſtes corpos exhalaõ, ſe conhece, que ſaõ corpos de defuntos. No Capitulo oitavo de S. Mattheus, temos huma prova da numeroſa aſſiſtencia dos Demonios nos ſepulchros fóra da Igreja: *Occurrerunt ei duo, habentes Dæmonia, de ſepulchris exeuntes.* E hum deſtes Demonios confeſſou ao Senhor, que ſe chamava, Legiaõ: *Quod tibi nomen eſt? At ille dixit, Legio.* E que couſa he huma Legiaõ? Diz Lucas Burgenſe neſte lugar, que huma Legiaõ dos Exercitos Romanos, conſtava de doze mil, & quinhentos ſoldados. Huma ſepultura pois, em que andavaõ doze mil, & quinhentos Demonios, era mais Inferno, que ſepultura. Agora perguntará a voſſa curioſidade, a razaõ deſta terrivel communicaçaõ do Demonio com os mortos. Reſpondo. O Demonio, ainda que vivo, he morto; porque he morto à Graça: & he morto para ſempre, porque he morto à vida eterna: & como a ſemelhança, he cauſa da communicaçaõ, o Demonio, como morto, buſca a companhia dos mortos, & com elles ſe apoſenta nas ſepulturas. Dá S. Paſcaſio outra razaõ. He o Demonio taõ inimigo dos homens, que dezejára de os ver todos mortos, & enterrados, & por iſſo anda por baixo das ſepulturas, ſatisfazendo à ſua crueldade, com o funeſto eſpectaculo, dos eſtragos, que a morte faz de todo o genero humano. S. Paſcaſio: *Attende, quæ ſævitia Dæmonum, qui vivos geſtiunt ſepelire, & ſe ipſos ſepulchris mandant, ut homines redigant in ſepulchra.* Deſta infernal aſſiſtencia, eſtavaõ os Chriſtaõs da primitiva Igreja taõ perſuadidos, & juntamente taõ receoſos, que antes de morrer, pediaõ que os enterraſſem junto aos cor-

*Cardanus lib. 20. de ſubtilitate.*

*Matth. 8. 28.*

*Lucæ 8. v. 30.*

*Lucas Burgenſis in Matth.*

*Paſchaſ. lib. 5. in Matthæum*

corpos dos Martyres. Taõ preciso he o sagrado da sepultura, contra as perfidas confianças do Demonio, que ainda depois de desfeitos em pô, nos busca, & se chega a nós, como se quizera abafar com as nossas cinzas, o seu fogo.

220. A segunda conveniencia da sepultura Ecclesiastica, he a participaçaõ dos Suffragios dos Fieis, que juntos na Igreja, impetraõ mais facilmente as graças, que pedem a Deus. Que efficaz he a oraçaõ de muitos, que juntamente pedem a Deus a mesma graça. Quiz Herodes tirar a vida a Santiago, & com effeito a tirou: *Occidit autem Jacobum, fratrem Joannis, gladio.* Quiz o mesmo Herodes tirar a vida a S. Pedro, mas sahio frustrado o seu cruel intento; porque hum Anjo soltou a S. Pedro, & o tirou da prisaõ. E porque razaõ permitio o Senhor, que destes dous Apostolos, hum ficasse solto, & o outro degollado? Naõ era Santiago taõ innocente como S. Pedro? Sim; mas teve por si S. Pedro as oraçoens dos Fieis, que todos juntos pedíraõ a Deus, que o livrasse das maõs de Herodes: *Oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum, pro eo.* Pois naõ houve quem por Santiago fizesse a Deus a mesma petiçaõ? He provavel que sim: mas se alguem em particular rogava a Deus pela vida de Santiago, toda a Igreja junta fazia a Deus oraçaõ pela vida de S. Pedro. E as oraçoens de muitos, movem mais a Divina Bondade, que a oraçaõ de hum sô. S. Joaõ Chrysostomo neste lugar: *Vis discere quanta sit vis orationis in Ecclesia factæ potentia? Vinctus erat Petrus, multisque catenis circumdatus, oratio autem fiebat ab Ecclesia ad Deum pro eo, & statim eum à carcere liberavit.* Lá no campo, naõ faltaria algum devoto das Almas, que rogasse a Deus por estes mortos; mas naõ tem essa oraçaõ particular, tanta efficacia, como as Oraçoens publicas, os Officios, as Missas, & os Suffragios dos

*Act. Apost. 12. 5.*

*Act. Apost. 12. 2.*

*Joan. Chrysost. hom. 79. ad populum.*

dos Fieis, que com fervoroſa uniaõ, & piedade, ſollicitaõ neſta Igreja a liberdade, dos que eſtaõ prezos nos abrazados carceres do Purgatorio.

221. A terceira conveniencia dos que gozaõ de ſepultura eccleſiaſtica, he que eſtaõ debaixo do patrocinio dos Santos, Padroeiros das Igrejas, em que ficaõ enterrados. Levais hum defunto a enterrar na Igreja de S. Nicolao, & o Santo, o toma debaixo da ſua protecçaõ. Vai outro a enterrar na Igreja de S. Juliaõ, & o Santo, he o Protector, & o medianeiro, que no Tribunal da Divina Juſtiça ſollicita o alivio de ſuas penas, & o perdaõ de ſuas culpas. Jaziaõ eſtes mortos ao deſemparo, ſem protector, ſem medianeiro, ſem interceſſor, & transferidos a eſta Igreja eſtaõ debaixo do amparo da Divina Miſericordia. Que infallivel, & que antigo he eſte ſoberano patrocinio! Que (ſe bem repararmos) muitos annos ha, que a Divina Miſericordia, foi a unica protectora dos oſſos laſtimoſamente deſemparados. No madeiro da Cruz, Chriſto Senhor Noſſo, eſtava feito huma anatomia de oſſos: porque raſgadas as veas com a violencia dos açoutes, & conſumidas as carnes com o penetrante das chagas, ficavaõ os ſagrados oſſos do Senhor taõ patentes à viſta, que todos ſe podiaõ diſtintamente contar: *Dinumeraverunt omnia oſſa mea.* Neſta ultima hora de ſua vida, ſe vio o Senhor taõ deſemparado, que chegou a fazer queixas deſte deſemparo. *Deus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me?* Notai a miſterioſa repetiçaõ deſta palavra, *Deus*, com que parece falla o Senhor com as duas primeiras Peſſoas Divinas. Porque *Deus*, abſolutamente, ſignifica a Peſſoa do Pay, & *Deus meus*, ſignifica neſte lugar a Peſſoa do Filho. Chriſto ainda que homem Deus, he huma ſó Peſſoa; mas eſta Peſſoa, he Deus pela Peſſoa do Filho, & por iſſo, Chriſto ſe chama a ſi meſmo,

*Pſalm.* 21. 18.

*Matth.* 27. 46.

meu Deus: *Deus meus.* Porèm nesta queixa, naõ chega o Senhor a repetir terceira vez o nome de Deus. Sabeis porque? Porque se poderia presumir, que tambem o Espirito Santo o desemparára. Mas se o Pay desempara a o Filho, & se o Filho se desempara a si mesmo: *Oblatus est, quia ipse voluit.* Porque razaõ havemos de crer, que sô o Espirito Santo naõ o desemparou? Porque ao Espirito Santo particularmente se attribue a bondade: & como ensina Santo Thomás, a Misericordia de Deus, naõ he outra cousa, que a sua mesma bondade em ordem aos remedios dos males desta vida: *Nihil aliud est Dei misericordia, nisi bonitas relata ad depellendam miseriam.* Agora pergunto: Em que experimentou o Senhor a misericordiosa assistencia do Espirito Santo? Na immunidade, que gozáraõ seus sagrados ossos na Cruz: porque de todas as partes do Divino Corpo do Senhor, sô estas ficáraõ illesas, & intactas: tanto assim, que os soldados, que tinhaõ ordem de quebrar as canellas aos crucificados, naõ executáraõ nos ossos do Senhor aquella crueldade: *Non fregerunt ejus crura.* E das palavras, que se seguem, se pôde inferir, que esta immunidade dos ossos do Senhor, se deve à protecçaõ da Misericordia Divina na Pessoa do Espirito Santo: *Facta sunt enim hæc. Ut Scriptura impleretur: Os non comminuetis ex eo.* Notai bem estas palavras: *Ut Scriptura impleretur.* Ficáraõ os ossos do Senhor sem lesaõ alguma, para que se cumprisse a Escritura. Que saõ as palavras da Escritura, senaõ palavras do Espirito Santo? Com huma Escritura pois feita desde o Antigo Testamento, estava a palavra do Espirito Santo empenhada na protecçaõ dos ossos do Senhor: *Os non comminuetis ex eo.* Verdade he, que a razaõ mais litteral deste succesſo, he que os Algozes naõ quebráraõ os ossos do Senhor, porque viraõ, que o Senhor

*Isaiæ cap. 53. vers. 7.*

*Joan. 19. 33.*

*Ibid. vers. 36.*

*S. Thomas in Psalm. 50. ad illa verba: Secundum magnã misericordiam tuam.*

nhor eſtava já morto : *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura.* Porèm na errada opiniaõ dos Judéos, era o Senhor julgado por hum taõ grande, & taõ facinoroſo malfeitor, que naõ gozára o Senhor os privilegios de morto, ſe com a inviſivel aſſiſtencia do Eſpirito Santo, a Miſericordia Divina, naõ reprimíra o furor daquelle rayvoſo,& aſſanhado povo: & por iſſo remata o Evangeliſta a narraçaõ deſte acontecimento, com eſta advertencia : *Non fregerunt ejus crura. Facta ſunt enim hæc, ut Scriptura impleretur : Os non comminuetis ex eo.* Que deſemparados foraõ atégora os oſſos deſtes delinquentes, & que ſeguro he o amparo, que hoje tem debaixo da ſombra da Divina Miſericordia. Agradeçaõ pois eſta taõ ſingular ventura ao patrocinio deſta piadoſa Irmandade, que, como temos viſto, faz neſte Acto, da mayor ruina, o mayor trofeo, & juntamente, do mayor deſemparo, o mayor aſylo. Reſta que vejamos, como o mayor ſacrificio, he cauſa do mayor triumfo. Eſte he o terceiro milagre da Miſericordia humana, prodigioſo ecco da palavra Divina : *Oſſa arida, audite verbum Domini.*

## III. PARTE.

222. Neſte abjecto, & humilde deſafogo da piedade Chriſtaã, ſacrificaõ os Irmaõs da Miſericordia, o decôro, & a authoridade de ſuas peſſoas : porque aos olhos do Mundo, que avalía as acçoens pela apparencia, que couſa pôde parecer mais indigna, que abrir, & revolver a terra, que cobre as ignominias da Republica, recolher cinzas cheas de opprobrios, & levar com pompa os deſperdiços, que o meſmo nada regeitou, & que a corrupçaõ teve aſco de conſumir ? Mas ſe bem conſiderarmos o intrinſeco valor deſtas acçoens, acharemos, que ainda que ſejaõ indecoroſas na apparencia, ſaõ na realidade taõ glorioſas, que

que a mesma humildade, com que a Misericordia as executa, he o diadema, que as coroa. O mayor Sacrificio, que pôde haver no Mundo, foi o que a Misericordia Divina offerecéo na Cruz, porque naõ sacrificou menos que a Pessoa de hum Deus; & a indignidade do lugar, em que foi offerecido, foi huma das mais lustrosas circunstancias deste Sacrificio. Podia a Misericordia Divina escolher lugar mais indigno da grandeza, & pureza do seu Sacrificio, que o Calvario? Naõ. Porque o Calvario era o lugar, em que se justiçavaõ, & se enterravaõ os malfeitores. Por todo aquelle monte, jaziaõ pedaços daquellas infames victimas da justiça, ossos de salteadores, caveiras de ladroens, esqueletos de homicidas: & quiz Deus, que as correntes de seu Divino Sangue inundassem aquelle theatro de opprobrios. Porque aonde saõ mais patentes as ignominias da culpa, lá he mais lustroso o Sacrificio da Graça, & Misericordia Divina. S. Jeronimo: *Apparet, Calvariam, locum significare decollatorum, ut ubi abundavit peccatum, superabundaret & gratia.* Mas que pomposo foi o triumfo, que se seguio a este humilde Sacrificio da Misericordia! Para festejarem as ternuras da Divina Misericordia, quebraraõse as pedras. Para apregoarem os beneficios da Misericordia Divina, os mortos se levantáraõ das sepulturas: & finalmente o Sol se eclipsou, para ceder à Misericordia Divina, a coroa de suas luzes. Se naõ queremos dizer, que o Sol se enlutou, & se amortalhou, para que a sombra, & escuridade das trevas cobrisse as ignominias da morte do Senhor. E esta piadosa commiseraçaõ he taõ propria das criaturas celestes, que os Astros mais levantados, saõ os que mais se abatem aos exercicios de huma misericordiosa humildade.

*S. Hieron. ad cap. 27. Matthæi.*

223. No dia do Juizo, antes que soe a espantosa trombeta, que fará resuscitar

tar os mortos, toda a terra será hum cimeterio de ossos. Ossos de Principes, nos Mausoleos; ossos de Prelados, nas Urnas; ossos de Senhores, & plebeyos, nas sepulturas, & nas covas. Nesta universal ruina, faraõ todos os Astros huma publica demonstraçaõ de sua piedade: com esta differença, que as Estrellas, que sobrepujaõ aos Planetas na altura, tambem os excederáõ no abatimento. O Sol, & a Lua, quando muito, se escureceráõ: *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum.* Mas naõ diz a Escritura, que estes luminosos Planetas se lançaráõ do Ceo à terra. Pelo contrario as Estrellas, aindaque mais altas que a Lua, & mais levantadas que o Sol, se mostraráõ taõ humildes, & compassivas, que despenhadas de seus orbes, cahiráõ sobre a terra, & naõ repararáõ em misturar com as nossas mortalhas, as suas luzes, & com as nossas cinzas, os seus resplandores: *Stellæ cadent de cælo.* Que saõ hoje os Irmaõs da Misericordia, senaõ Estrellas do Firmamento desta Corte, abatidas aos exercicios de huma compassiva humildade? As Esferas destes Astros, saõ tumbas, & sepulturas: o seu oriente, he o occaso, porque a morte he o principio de seus movimentos: nenhum fruto esperaõ de suas influencias, porque as repartem com ossos, que saõ o symbolo da esterilidade: & sô brilha a sua luz para apagar a memoria das infamias. Este he o Sacrificio de sua grandeza. Vede agora, que illustre he o triumfo da sua gloria. De todos os attributos Divinos, sô a Misericordia, he o que deixa no homem alguma sorte de igualdade para a competencia. Com a Sabedoria Divina, naõ pôde o homem competir, porque todo o saber dos homens, he ignorancia. Naõ podemos competir com a Omnipotencia, porque todo o nosso poder, he fraqueza. E assim dos mais attributos Divinos. Sô he permitido ao homem, o competir com a Misericordia

*Matth. cap. 24. vers. 29.*

*Matth. 24. v. 29.*

cordia Divina: & por isso anima o Senhor a nossa desconfiança com estas palavras: *Estote ergo misericordes, sicut & Pater vester misericors est.* Mas em que mais realça a Misericordia de Deus? O mesmo Senhor o diz: *Ipse benignus est super ingratos, & malos.* Neste lugar, naõ diz o Senhor, que Deus he misericordioso para com os bons, senaõ para com os maos; porque muito mais realça a Misericordia Divina nos indignos, que nos benemeritos: a Misericordia para com os benemeritos, he huma especie de justiça: mas a Misericordia para com os indignos, he huma pura Misericordia, & quanto mais pura, mais divina. Naõ de outra sorte, a Misericordia humana, que naõ satisfeita de acudir ás necessidades dos orfaõs, das viuvas, & das pobres familias, dignas de seus caritativos soccorros; com huma heroica, & quasi Divina clemencia, se entrega, & se sacrifica, aos que os crimes fizeraõ indignos de toda a piedade.

*Luc. 6. 36.*

*Ibid. vers. 35.*

Este he hoje o fundamento da competencia da Misericordia dos homens, com a a Misericordia de Deus. E supposto a Misericordia Divina naõ pôde deixar de sahir victoriosa, naõ por isso perde a Misericordia humana, a gloria do triumfo, porque nos conflictos, em que Deus he o objecto de nossa emulaçaõ, o competir he vencer, & o combater, he triumfar. S. Pedro Chrysologo: *Satis potest homo misericors, qui cum Deo de pietate confligit.*

*Petrus Chrysologus exponens illud Matthæi, Et dimitte nobis debita nostra.*

224. Creio, que assim os mortos, como os vivos, estaõ persuadidos da evidencia dos prodigios, com que a Misericordia humana, como ecco da palavra Divina, faz neste dia, da mayor ruina, o mayor trofeo; do mayor desemparo, o mayor asylo; & do mayor Sacrificio, o mayor triumfo. Resta agora, que peçamos a Deus huma graça, sem a qual naõ podemos experimentar na outra vida, os prodigios de sua infinita Misericordia. A estes malfeitores, concedeo o Senhor

eſta graça : & ſe elles foraõ taõ venturoſos, que ſe aproveitáraõ della, que juſtamente lhe podemos envejar a ſua ventura ! E que graça foi eſta? Foi o tempo, que tiveraõ para pedirem a Deus perdaõ de ſuas culpas. A hora da morte, que para todos he incerta, foi para elles certa, & evidente, & no meyo de ſuas deſgraças, tivéraõ a ventura de poder ſatisfazer à Divina Juſtiça, com huma verdadeira contriçaõ de ſeus peccados. Oh que grande graça, com a a qual he certa a noſſa ſalvaçaõ ! Oh que grande graça, ſem a qual a noſſa condenaçaõ, he infallivel ! Oh quantos eſtaõ, & eſtaraõ ſempre no Inferno, porque lhe faltou eſta graça no ultimo inſtante de ſua vida ! E que pouco cuidado temos de pedir a Deus eſta graça, abſolutamente preciſa para a ſalvaçaõ eterna. *Oſſa arida audite verbum Domini.* Já naõ fallo com eſſes mortos, fallo com os vivos. Que tambem ha homens vivos, mais duros que pedras, & mais ſecos que eſſes oſſos : *Oſſa arida.* Coraçoens empedernidos, almas inſenſiveis, aos impulſos da Graça, & aos remorſos da conſciencia. Peccadores obſtinados, que vendo o eſtado miſeravel de voſſas Almas, & o perigo de voſſa ſalvaçaõ, perſeverais na abominaçaõ de voſſos vicios, com tanta impiedade, como ſe naõ houvera Deus no Mundo, & com tanta confiança, como ſe na outra vida, naõ houvera Inferno : Até quando duraráõ os exceſſos, os eſcandalos, & o deſprezo das leys humanas, & Divinas, com que ſem reſpeito, & ſem temor, provocais a Divina Juſtiça? Se a mayor infamia de hum homem neſta vida, he morrer condenado pela juſtiça dos homens, quanto mayor ſerá a infamia, & o tormento dos que na hora da morte, ſeráõ condenados pela juſtiça de Deus, & condenados por toda a eternidade? Oh que grande infamia, que naõ ha de ter fim ! Oh que grande tormento, que ha de durar, emquanto Deus for Deus !

Oh

Oh que grande infamia a de eſtar ſempre em companhia dos Demonios! Oh que grande tormento, o de eſtar ardendo em hum fogo eterno! Chriſtaõs, todos ſomos peccadores, & ſe como peccadores offendemos a Divina Bondade, todos merecemos os caſtigos da Divina Juſtiça. E ſe neſte dia, & neſta hora houveramos de apparecer diante do Tribunal de Deus, qual de nós eſtá actualmente taõ arrependido de todos os ſeus peccados: qual de nós eſtá taõ reformado nos coſtumes, taõ aparelhado para a morte, & tanto em graça de Deus, que naõ mereceſſe ſer condenado ao Inferno? Ah meu Divino Jeſus, naõ ſe malogrem em nós os tormentos, que padeceſtes na Cruz, que ainda eſtamos em tempo de experimentar a infinita benignidade de voſſa Miſericordia. Dainos, Senhor, huma graça taõ poderoſa, & taõ efficaz, que deſde logo comecemos a chorar noſſas culpas. Dainos, Senhor, huma taõ viva dôr, & huma taõ firme reſoluçaõ de nunca mais vos offender, que nos façamos dignos da voſſa Miſericordia neſta vida temporal, & da voſſa Gloria na vida eterna: *Ad quam nos perducat omnipotens Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus.*

# SERMAM
NO
# PASSO
DOS AÇOUTES DO
# SENHOR,
EM QUE
SE MOSTRA, QUE A LINGUA maledica, he o açoute do Mundo:

Prégado no Convento da Divina Providencia no Anno de 1663.

---

*A flagello linguæ abscónderis.* Job. 5. n. 21.

225. PErsuadido das razoens, & obrigado das instancias de huma pessoa opprimida das calumnias dos maldizentes, prometí de prégar hoje contra o peccado da maledicencia. Cuidava eu, que difficultosamente poderia satisfazer à minha promessa, por me parecer que nenhuma proporçaõ

porçaõ tem eſte aſſumpto com os açoutes do Senhor, de que neſta tarde ſe renova a laſtimoſa memoria: mas acho, que ha huma grande connexaõ entre açoutes, & maldizentes; porque huma lingua maledica, naõ he outra couſa, que hum açoute da innocencia. No ſentido metaforico, Açoute, ſignifica tudo o que cauſa algum dano, ou ruina no Mundo: & aſſim podemos dizer, que os Romanos foraõ o açoute das naçoens, que ſojugáraõ: & que os Godos, & os Vandalos, que deſtruiraõ Roma, foraõ o açoute dos Romanos. A inclemencia dos ventos, he o açoute das flores: o fogo da Canicula, he o açoute dos campos: as doenças, & os achaques, ſaõ o açoute, com que a morte nos vai levando à ſepultura. E tenho obſervado, que de muito tempo a eſta parte, ſe chama açoute, a penna, ou a lingua dos que eſcrevem, ou dizem mal dos benemeritos. Quiz Codro dizer mal das obras do grande Homero, & eſcreveo hum livro intitulado, o Açoute de Homero. Chamou Porcio, Açoute de Cicero, ao livro, que compoz contra eſte Principe dos Oradores, & a Cenſura que Nevio fez do Poema de Virgilio, ſahio com o titulo de Açoute das Eneidas. Com eſta meſma propriedade, chamo eu a lingua dos detractores, flagello da reputaçaõ, & açoute da fama. Que inevitaveis ſaõ os eſtragos deſte crueliſſimo açoute! Naõ ha idade, eſtado, nem fortuna, que naõ fique ſugeita à violencia dos ſeus golpes. Merecimentos, prendas, virtudes, dignidades, vaſſallos, & Principes, ſubditos, & Prelados, vivos, & mortos, todos ſaõ o alvo das calumnias de huma lingua maledica, que para ter todas as propriedades de hum açoute, naõ ſempre offende as peſſoas na ſua preſença, & no ſeu roſto, mas na auſencia, & detraz das coſtas, com perfida crueldade as desfigura.

226. A gloria, & a reputaçaõ dos homens, he como o eſpelho, claro por dian-

diante, & escuro pelas costas: claro por diante, pelo brilhante da lizonja; & escuro pelas costas, pelas sombras da maledicencia. Sô naõ pôde a maledicencia dos homens escurecer a gloria de Deus: & parece que o mesmo Deus quiz fazer presente aos olhos de Moyses esta singularissima prerogativa de sua gloria. Dezejava Moyses ver a gloria de Deus: *Ostende mihi gloriam tuam.* E fallando o Senhor ao modo humano, disse a Moyses, que sô lhe mostraria as costas: *Videbis posteriora mea.* E era possivel, que Moyses tivesse huma clara noticia da Gloria Divina, vendo a Deus sô pelas costas? Sim: porque se Deus fora composto de partes, por todas as partes se veria o transparente resplandor de sua gloria: *Cum transibit gloria mea, videbis posteriora mea.* Naõ assim a gloria dos homens. Quantos se vem applaudidos no rosto, & açoutados nas costas: na sua presença, encarece a lizonja as suas virtudes, mas em virando as costas, logo se lhe enxergaõ os vergoens do açoute da maledicencia. Huma das mayores felicidades da vida humana, he a immunidade do rigor deste açoute: & por isso celebra hum dos amigos de Job esta taõ rara immunidade, no Capitulo em que faz a relaçaõ dos privilegios de huma venturosa vida. As suas palavras saõ as do meu thema: *A flagello linguæ absconderis.* Que valem tanto como dizer. Oh homem, serás taõ venturoso, que te verás livre do açoute da maledicencia. Sabeis que grande felicidade he a de ficar livre deste açoute? He o mesmo que estar livre dos tres açoutes, com que Deus castiga ao Mundo. Os tres açoutes, com que a Divina Justiça nos castiga, saõ, peste, fome, & guerra: & destes tres açoutes está livre, aquelle a que Deus livra do açoute da maledicencia: *A flagello linguæ absconderis.* E no mesmo lugar, diz o Espirito Santo: *In fame, eruet te de morte, & in bello de manu gladij; non timebis calamitatem,*

*Exod.* 33. 18.

*Ibid. vers.* 23.

*Job. cap.* 5. *vers.* 21.

*Nicolaus de Lyra in cap.* 5. *Job.* 1.

*tem, id eſt peſtilentiam* (comenta o Lyrano.) Deſtas palavras ſe ſegue, que no meſmo tempo, que Deus livra a hum homem do açoute da detracçaõ, fica eſte meſmo homem livre do açoute da peſte: *Non timebis peſtilentiam.* Livre do açoute da Fome: *In fame eruet te de morte.* E livre do açoute da Guerra: *Et in bello de manu gladij.* Eſta he toda a materia do Sermaõ, em que determino provar, que huma lingua maledica, he peſte, fome, & guerra. Peſte, que tudo inficiona: fome, que tudo abſorbe: & guerra, que tudo aſſola. Digo mais, & digo bem. A lingua de hum maldizente, he mais venenoſa, que a peſte. Eſte he o primeiro aſſumpto. Mais inſaciavel, que a fome. Eſte he o ſegundo. E mais cruel, que a guerra. Eſte he o terceiro. Vamos entrando nas provas do primeiro diſcurſo. *A flagello linguæ abſconderis, & non timebis peſtilentiam.*

## I. PARTE.

227. Tres propriedades tem o veneno da peſte, que o fazem ſummamente contagioſo; a preſſa com que ſahe; a facilidade com que pega, & a tenacidade com que perſevera. Sahe o peſtifero veneno com tanta preſſa, que em breves dias ſe apodera de huma Cidade, de huma Provincia, de hum Reyno. Pega com tanta facilidade, que até com hum toque, ou com hum bafo, ſe communica: & perſevéra com tanta obſtinaçaõ, que nem com a morte do que mata, ſe extingue. Por eſtas meſmas razoens, digo que o veneno das linguas maledicas, he muito mais contagioſo, que a peſte. E parece quiz o Orador Romano confirmar eſta verdade, quando diſſe: *Nihil tàm volucre, quàm maledictum, nihil citius excipitur, nihil latiùs diſſipatur.* Primeiramente: *Nihil tàm volucre, quàm maledictum.* Rebenta, ſahe, corre o veneno da maledicencia com

*Cicero pro Plancio.*

com muito mayor velocidade, que a peste; porque a peste he hum mal, que succeſſivamente ſe atea, & ſe acende com a vezinhança, & communicaçaõ das peſſoas: mas o contagio da detracçaõ chega a ferir os auſentes, & na mayor diſtancia os derruba, & anniquila. Compara o Profeta Jeremias a lingua maledica, com o arco, porque de ordinario o arco, naõ mara ſenaõ de longe: *Extenderunt linguam, quaſi arcum.* Notai bem a energía deſta palavra, *extenderunt.* Naõ ha diſtancia, por grande que ſeja, que nos aſſegure dos tiros de huma lingua maledica. E para continuar a metafora do arco, repáro que quando o inimigo deſpede a ſetta, chega ao peito a corda do arco, como ſe quizera esforçar a violencia do tiro, com o odio que tem no coraçaõ. Do meſmo modo influe a malevolencia dos animos, na maledicencia das linguas, & como diſcretamente advertio Plutarco, o veneno, que a vibora lança da boca, naõ lhe naſce na lingua, quando morde, mas já o tem formado no peito, primeiro que o lance. Por iſſo ha no Mundo tantas linguas maledicas, porque ha tantos coraçoens mal affectos. E naõ vos ha de valer, o eſtar muito longe delles, porque ſempre vos haõ de chegar com a mortal efficacia de ſeu veneno. Naõ quero agora averiguar, ſe he natural, ou ſuperſticioſo, o remedio dos pôs de Sympathia: que lançados ſobre o ſangue de hum ferido, tem virtude para ſarar, ainda eſtando abſente, a ſua ferida. Sô digo, que ſe ha pôs de Sympathia, que de longe ſaraõ as feridas, tambem ha pôs de Antipathia, que de muito longe mataõ as peſſoas. E que pôs ſaõ eſtes, ſenaõ as palavras do homem, que he pò? Em dous lugares da Eſcritura, acho que o fallar o homem, he o meſmo que ſe fallara o pô. *Loquar ad Dominum meum, cum ſim pulvis*: diz Abrahaõ. E David no Pſalmo vinte nove: *Numquid confitebitur tibi pulvis?*

*Jerem. 9. 3.*

*Geneſ. 18. 27.*

Dema-

Demaneira, que falla o pô, quando falla o homem. E ſe as palavras humanas ſaõ expreſſoens de hum pô animado, naõ he maravilha, que com eſta poeira ſe levantem tantos, & taõ crueis teſtimunhos : as palavras pois dos maldizentes, ſaõ pôs de Antipathia, que aos lugares mais remotos eſtendem a ſua venenoſa actividade, & aindaque auſente, vos mataõ. Embarcaſtes-vos para o Braſil, paſſaſtes à India, chegaſtes à China, ao Japaõ, ao cabo do Mundo, parecevos que haveis de conſervar illeſo o bom nome, com que ſahiſtes do Reyno? Eſtais enganado, & juntamente eſtais perdido. Já naõ ſois benemerito da Patria, já naõ luzem os talentos, & virtudes, que vos faziaõ taõ conſpicuo na Republica, já naõ ſois lembrado ſenaõ para o aborrecimento, & perdido à reputaçaõ, perdeſtes a vida, & naõ eſcapaſtes, aindaque auſente; porque ſobre o bom nome, que deixaſtes, lançou hum malevolo, pôs de Antipathia, & com elles vos tirou aquella vida, que ſuſtenta o credito, & eterniza a fama. Oh que inevitavel he a peſte da detracçaõ, que na mayor diſtancia occaſiona a mayor ruina! *Nihil tàm volucre, quàm maledictum.* Tambem, *Nihil citius excipitur.*

Pegaſe o veneno da maledicencia muito mais facilmente que a peſte; porque hum corpo inficiona a outro, ou com o toque, ou com o bafo : mas para deſdourar, & eſcurecer os reſplandores do merecimento, naõ he neceſſario tocar, baſta fallar, & huma ſô palavra he ſufficiente para deſtruir o edificio da mais abalizada virtude. Tem as palavras dos homens huma eſpecie de omnipotencia, contraria a virtude das palavras de Deus. Fez a Ommipotencia de Deus ao Mundo todo com huma palavra : & ha homens taõ perniciosamente omnipotentes, que com huma palavra desfazem em tudo o que ha no Mundo. Que digo huma palavra, huma

huma meya palavra, huma ſyllaba, huma particula da oraçaõ, hum mas, hum ſe, & hum ſenaõ, tem dentro de ſi hum veneno taõ peſtifero, & mortal, que baſtaõ para infamar, & aniquilar hum homem. Honrado Fidalgo, mas muito preſumido. Grande Miniſtro, ſe fora mais limpo de maõs. Boa vara de Julgador, ſenaõ ſe dobrára tanto. Bom Parroco, ſe curára mais das ovelhas, que de ſi. Grande Prégador, ſe as obras diſſéraõ com as palavras. Grave Religioſo, ſenaõ fora taõ andejo. Bom Conſelheiro, ſenaõ dera tantos, & taõ maos alvitres. Baſta, que naõ havemos de ouvir duas palavras de louvor, ſem hum mas, ſem hum ſe, ſem hum ſenaõ. Moſinas palavras, deſgraciadas particulas, veneno do merecimento, peſte da innocencia, & contagio da gloria. Tenho para mim, que o Demonio foi o primeiro inventor deſte compendioſo, & disfarçado methodo de dizer mal. Porque muitos annos há, que com hum mas, & hum ſenaõ, desluzio o Demonio a gloria de hum Santo, que o meſmo Deus acabava de canonizar. Sabes tu, diſſe Deus ao Demonio, que grande ſervo meu he Job? Elle he o mayor Juſto, & Santo de todo o Mundo: *Numquid conſideraſti ſervum meum Job, quod non ſit ei ſimilis in terra?* Sim Senhor, replicou o Demonio, grande Santo he Job, mas he daquelles Santos, que vos ſervem com primor, quando lhe fazeis a vontade: *Poſſeſſio ejus crevit in terra, ſed extende paululum manum tuam. Sed*, eisahi o mas, & logo a eſte mas, ſe ſegue hum crueliſſimo ſenaõ: *Niſi in faciem benedicat tibi.* Como ſe diſſera o Demonio: naõ ha mayor Santo que Job, ſenaõ fora Hypocrita: *Niſi in faciem benedicat tibi.* E com eſta taõ breve como maligna advertencia, chegou o Demonio a fazer a virtude de Job taõ duvidoſa, que para fazer notoria ao Mundo a inflexivel conſtancia deſte Santo Varaõ, foi preciſo que Deus o ex-

*Job.* 1. 8.

*Ibid.*

*Ibid.*

o expuzeſſe a todos os golpes da adverſa fortuna, & a todos os inſultos do Inferno? *Dixit ergo Dominus ad Satan, ecce univerſa, quæ habet, in manu tua ſunt.* Oh que peſtifero veneno, o de huma lingua maledica! Quantos merecimentos apaga com huma palavra? Quantas famas eſcurece com huma ſyllaba? E quantos danos occaſiona em hum momento? *Nihil citiùs excipitur.* Finalmente, *nihil latiùs diſſipatur.*

*Ibid.*

*Ibid.*

229. Duraõ os effeitos da maledicencia, muito mais que os da peſte; porque nos corpos humanos acaba a peſte com a morte dos que mata, & a ſepultura he o termo das ſuas crueldades; mas naõ tem os deſatinos da maledicencia, limites, porque o maldizente, deſenterra os mortos, & na memoria da poſteridade eterniza as ignominias. Naõ he a morte o fim de todos os males deſta vida, as calumnias ſaõ males, que perſeveraõ ainda depois da morte: & hum falſo teſtemunho aindaque fundado no ar, ſe ſuſtenta, & a peſar do tempo, que tudo acaba, ſucceſſivamente ſe perpetùa em todas as idades. Para os Judéos encubrirem a gloria da milagroſa Reſurreiçaõ do Senhor, levantáraõ, que os Apoſtolos tinhaõ ſecretamente tirado o ſeu ſagrado cadáver da Sepultura. Das guardas do Sepulcro paſſou eſta voz aos Miniſtros da Juſtiça, & delles aos Principes da Synagoga: & logo foi divulgada por toda a Cidade de Jeruſalem. Que os Judéos falſamente accuſaſſem aos Apoſtolos, naõ me admiro: o que me aſſombra, he, que affirma o Evangelho, que até o dia de hoje eſtaõ os Judéos dando credito a eſta diabolica falſidade: *Divulgatum eſt verbum iſtud apud Judæos, uſque in hodiernum diem.* Deſde o tempo em que o Evangeliſta S. Mattheus eſcreveo eſte ſucceſſo, ſe paſſáraõ mais de mil & ſeis centos annos, & neſte intervallo de tempo, quantas Cidades deſtruio a peſte, quantas Provincias aſ-

*Matth. 28. n. 15.*

ſolou

solou à guerra, quantos Imperios acabou o tempo? Mas no meyo de todas estas ruinas, ainda fica em pé esta calumnia, & propagada de pays a filhos, sempre irá brotando, & reverdecendo, em quanto houver Judéos no Mundo. Eis ahi como a peste da maledicencia, continua, & estende seu implacavel furor além da morte. Pouco importa o estar debaixo de huma campa, quando as linguas maledicas se poem em campo. Nos braços da morte vai a maledicencia buscar os defuntos, & com afrontosas anatomias de suas acçoens, expoem à vista, as faltas mais occultas de sua vida. Renovaõ os maledicos a memoria de delitos esquecidos, & convertem os Epitafios em Satyras. Naõ perdoaõ ao silencio das cinzas, naõ reparaõ em violar a immunidade dos sepulcros, & com sanguinolentas contumelias, festejaõ as exequias da fama, & funeral da reputaçaõ. Valhame o Ceo! Como poderáõ os vivos escapar de huma peste taõ cruel, de que nem os mortos, que estaõ livres de todos os males da vida, se podem izentar? Com summa providencia ordenou o Legislador dos Sybaritas, que os maldizentes fossem levados por todas as ruas, & expostos à vista de todos nas praças mais publicas da Cidade, para que todos os conheceſſem, & fugissem delles como de homens infectos, & empestados. Mas he hoje este mal taõ commum, que se quizermos observar esta ley, creio, que todos fugiremos huns dos outros. Sim, a maledicencia he a peste do Christianismo, & se fora possivel, havia hum Christaõ de fugir de si mesmo, se se vira tomado deste contagio. *Pestis hæc*, diz S. Lourenço Justiniano, *à servis Christi penitus debet esse aliena.* A lingua pois de hum maldizente, naõ sô he mais venenosa, que a peste, tambem he mais insaciavel, que a fome. Este he o segundo Açoute do Mundo, & o segundo Assumpto do Sermaõ: *A flagello*

*Charondas Sybaritum Legislator, calumniatores, & maledicos, per urbem circumferri, & omnibus ostendi statuit.* Diodor. Sicul. Bib. Hist. lib. 12.

*Laurent. Justin. de interiori conflictu cap. 2.*

*gello linguæ abſconderis, & in fame eruet te de morte.*

## II. PARTE.

230. Sim, a boca de hum maledico, he mais inſaciavel, que a inedia de hum faminto. E ſenaõ, lembraivos do que aconteceo a Moyſes com os filhos de Iſrael no Deſerto. Com o Maná, chegou Moyſes a ſatisfazer a fome dos Iſraelitas, mas naõ achou com que aplacar a ſua maledicencia. Foi aquelle Povo taõ ingrato, que a abundancia lhe cauſou faſtio, & o faſtio occaſionou a murmuraçaõ. Que a maledicencia he taõ difficultoſa de ſatisfazer, que o meſmo faſtio a deſperta: *Anima noſtra jam nauſeat ſuper cibo iſto leviſſimo.* O dizer mal, he para os homens, hum manjar, que nunca enfaſtia. E eſte he o Maná, com que à imitaçaõ de Deus, o Demonio ſuſtenta os homens no deſerto deſte Mundo. Digo, à imitaçaõ de Deus, porque deſde o principio do Mundo, pretendeo o Demonio igualarſe com Deus: *Similis ero Altiſſimo.* Mas vendo, que naõ podia ſer ſemelhante a Deus na realidade, procurou de o imitar na apparencia, fazendo com eſpecioſa mentira tudo o que Deus obra no Mundo com verdade. Que ſe Deus he adorado, tambem o Demonio ſe faz adorar. A Gentilidade, he a gente que o idolatra. Os que nelle tem fé, ſaõ infieis. E os que lhe pagaõ tributos, ſaõ pagaõs. Tem o Demonio ſeus Templos, mas profanos; os Sacerdotes, que nelles aſſiſtem, ſaõ Nigromantes; & os Sacrificios, que nelles ſe offerecem, ſaõ Sacrilegios. Tem o Demonio ſeus Profetas, mas mentiroſos: tem ſeus Apoſtolos, mas Apoſtatas: tem ſeus martyres, mas ſaõ victimas do Inferno: & os ſeus eſcolhidos, ſaõ preſcitos. Imita o Demonio a Omnipotencia de Deus, mas com milagres apparentes, & fantaſticos: & para imitar a Divina Providencia, fomenta o Demonio a vida, & a converſaçaõ dos ho-

*Numer. 11. 5.* *Iſaiæ 14. 14.*

homens, com a maledicencia, que he hum Maná ás aveſſas, com ſemelhança do verdadeiro Maná dos Iſraelitas.

231. O Maná, na opiniaõ de alguns, era formado de ar, & na opiniaõ de outros, o Maná, era feito de orvalho. Que he a maledicencia, ſenaõ ar juntamente, & orvalho? Ar, nas palavras, & orvalho, nas lagrimas: porque das palavras dos maledicos, naſcem as lagrimas dos innocentes. O calor do Sol fazia derreter o Maná, & o calor da paixaõ no peito derrete na boca do maldizente a calumnia. Quantas vezes eſtaõ as calumnias como repreſadas, & congeladas na boca? Mas logo, que ſe acende o fogo da paixaõ, todas ſe diſſolvem, ſe deſataõ, & correm. Naõ ſe podia o Maná conſervar de hum dia para outro, & ha peſſoas taõ incapazes, de guardar o ſegredo de huma occulta detracçaõ, que andaõ com dores de parto até que o tirem à luz. Pela madrugada ſe colhia o Maná, & ſempre madrugaõ as linguas para a publicidade de huma calumnia. O Maná era doce como mel. E como advertio S. Gregorio Nazianzeno, naõ ha para os homens couſa mais doce, que o cenſurar as acçoens alheias: *Neque enim quicquam mortalibus tam ſuave, ac jucundum eſt, quam de rebus alienis garrire.* Gregor. Nazianz. orat. 2. Tomava o Maná os ſabores de todos os manjares, conforme a vontade de cada hum, & na boca do maledico todas as couſas mudaõ de ſabôr: a humildade ſabe à vileza de animo: a paciencia ſabe a puſillanimidade: a devoçaõ ſabe à hypocreſia: a alegria ſabe à diſſoluçaõ: a candidez ſabe à ſimplicidade: o zelo ſabe à paixaõ. Eſte he hoje o paõ quotidiano, & o Maná dos homens: com eſta differença, que em pouco tempo os Iſraelitas ſe enfaſtiáraõ do Maná do Ceo; & naõ há quem ſe enfaſtie deſte manjar do Inferno. Pôde haver fome mais deſatinada, & mais inſaciavel, do que eſta da maledicencia,

cencia, que ſempre ſe eſtá fartando, & nunca ſe ſatisfaz. Eſtranhamos a crueldade daquelles Barbaros, que comem carne humana: muito mais barbaros, & deſhumanos ſaõ os Chriſtaõs, que naõ comem as carnes; mas em certo modo abſorbem a Alma, & o eſpirito dos que ſervem de alimento à ſua maledica voracidade. Por eſtes termos falla S. Joaõ Chryſoſtomo: *Non infixiſti dentes carni, ſed plurimum animis.* Crueliſſimo detractor, naõ comeſte as carnes, mas penetrou tua lingua as Almas de muitos innocentes. E iſto como pôde ſer? Direi. Eſtá a Alma, & a conſciencia do innocente muy quieta, & deſcançada, & perturbando o detractor eſte ſocego interior, afflige, penetra, & martyriza a Alma. Eſte martyrio da innocencia, & da reputaçaõ, he mais ſenſivel, que a meſma morte. Condenada à morte a innocente Suſanna, eſtava diante dos Juizes com os olhos arrazados em lagrimas, & olhando para o Ceo, moſtrou que a ſua dôr naõ cabia nas anguſtias de ſeu coraçaõ: *Flens ſuſpexit in Cœlum.* Inundava o pranto aquelles olhos, ou para melhor dizer, aquelles Aſtros, que faziaõ inveja ao Firmamento: & ſendo Suſanna o Sol da belleza, razaõ era que choraſſem as eſtrellas, o occaſo deſte Sol. Mas que ſignificaõ as lagrimas em hum roſto angelico, aſylo da modeſtia, & trono da Gentileza? Por ventura chora Suſanna a crueldade do deſtino, que na Primavera dos annos lhe corta a flôr da vida? Naõ. Naõ he eſte o motivo do pranto de Suſanna, affirma Santo Ambroſio. Pouco lhe importára a Suſanna o morrer, ſe naõ morréra infamada. Porque a morte acaba os dias, & a infamia eterniza as ignominias. Santo Ambroſio: *Ploravit itaque, cum ſibi crimen objiceretur, non mortem deplorans, ſed caſtitatis calumniam.* *Daniel. 13. 25.*

232. Suppoſto pois, que a infamia he mais para ſentir que a morte; muito mais culpado he hum male-

maledico, que infama, que hum homicida, que mata. Na differença dos castigos claramente se vé a differença destes delitos. Mandou Jesabel apedrejar ao innocente Naboth, & pedio Herodias, que degolassem ao innocentissimo Bautista. Contra Jesabel, homicida de Naboth, pronunciou o mesmo Deus a sentença de morte: *De Jesabel locutus est Dominus, dicens, Canes comedent Jesabel.* Pelo contrario, não se acha na Escritura, que Deus castigasse o homicidio de Herodias. Sabeis porque? Porque Jesabel, sobre homicida, foi calumniadora, levantando a Naboth dous falsos testimunhos: o primeiro, que Naboth amaldiçoára a Deus: & o segundo, que o mesmo Naboth fallára mal d'El-Rey Achab: *Submittite duos viros contra Naboth, & falsum testimonium dicant, Benedixit Deum, & Regem.* Demaneira que dous excessos cometéo Jesabel; hum contra a vida, & outro contra a fama de Naboth. E parece, que em castigo deste ultimo excesso, permitio Deus, que Jesabel fosse comida dos caens; porque os maledicos faõ caens, que roem o que naõ podem tragar, & desfazem nas virtudes, que naõ podem sofrer: *Canes comedent Jesabel.* Mas naõ faz a Escritura menção do castigo, que merecia Herodias; porque se bem procurou, que se tirasse ao Bautista a vida, naõ se atrevéo a macular do Bautista a fama: *Herodiades Baptistæ morte quievit, nihil contra eum dicens.* Podia Herodias desafogar sua paixaõ, forjando calumnias contra a innocencia do Bautista; mas naõ chegou sua crueldade a este ultimo excesso; sollicitou a morte, & perdoou à fama: & creio, que todos os que assistiaõ ao funesto banquete, emmudecéraõ de horror à vista do prato, em que veio a cabeça do Bautista, nadando no seu sangue. Porque naõ se acha no Evangelho, que Herodes, nem Herodias, nem sua filha, dissessem huma só palavra contra o Bautista. E entendo, que

3 Reg. cap. 21. vers. 23.

3 Reg. cap. 21. vers. 10.

Benedixit, id est, maledixit. sicut Job 2. cap. Be-

*nedic Deo, & morere; propter honorem enim maledictionis, eam significabant Judæi nomine contrario.* Glossa Lyrani in 3. Reg. cap. 21. vers. 10.

*Sylveira tom. 3. in Evangelia, pag. 556. n. 95.*

que esta foi a primeira vez, que a detracçaõ, naõ servio de sobremesa no fim de hum profano convite. Condena este silencio a maledicencia, dos que cortando na mesa pela fama do proximo, fazem em cabeças alheias huma cruel experiencia de sua injuriosa voracidade. Nem he necessario, que para este effeito se aparelhem as mesas, porque de ordinario as practicas, & conversaçoens, saõ mesas franqueadas, em que a mordacidade dos homens se desboca em dizer mal: a lingua, he o trinchante: os discreditos alheios, saõ as iguarias mais saborosas: os motejos, saõ os acipipes: os encarecimentos, saõ os adubos: a agudeza em retrahir, he o sal. Finalmente, murmurase a todo pasto: mas desta mesa sempre se levanta a maledicencia com appetite. *Detrahendi libido nunquam satiatur:* saõ palavras de Salviano. Com que acabo de provar, que a detracçaõ he mais insaciavel, que a fome. Resta a provar, que a maledicencia he mais cruel, que a guerra. E este he o terceiro effeito deste triplicado açoute do Mundo: *A flagello linguæ abscondetis, & in bello de manu gladij.*

## III. PARTE.

233. A primeira espada, que deu occasiaõ a todas as guerras do Mundo, foi a lingua de hum maledico. Acabadas as obras da criaçaõ, estava o Ceo em paz com a terra, quando o Demonio em figura de Serpente, afiou a espada de sua lingua, & com ella se atreveo contra o mesmo Deus: *Cur præcepit vobis Deus?* Que he isto? (disse o Demonio a Eva.) Taõ depressa cativou Deus vossa liberdade? Ainda agora nascestes, & já estais obrigada a jejuar? Que desmanchos fizestes, para vos pôrem de Dieta? E que importa seres senhora de tudo, se estais com o baraço na garganta? Neste particular naõ quizera dizer o que entendo: mas he força que o diga. O pomo vedado, he

*Genes. cap. 3. vers. 1.*

he hum bocado, que voſſo Deus, quer ſó para ſi: eſta he a razaõ de ſeus preceitos, & a ſemrazaõ de ſeus ameaços. Mas vós, ainda que novata, naõ ſejais taõ ſimplez, que recieis o caſtigo. Naõ he Deus hum tiranno, que ſem cauſa tire a vida. Cioſo ſim, ferá elle de ſua gloria, & como affecta ſer unico em tudo, negouvos o alimento, que vos póde fazer ſemelhante a elle. Emfim, lá vos avinde com os voſſos eſcrupulos: eu fallei como amigo, & naõ digo mais, porque a bons entendedores, poucas palavras baſtaõ. Com eſtas manhoſas tretas, foi o Demonio meneando a eſpada da lingua, & no Campo do Paraiſo Terreal, ſe viraõ logo de ſembainhadas todas as eſpadas, que havia no Mundo; porque entaõ naõ havia mais que tres linguas, a lingua do Demonio, a lingua de Eva, & a lingua de Adaõ. E todas tres armáraõ golpe: a lingua do Demonio, contra Deus; a lingua de Eva, contra o Demonio; & a lingua de Adaõ, contra Eva. A lingua do Demonio contra Deus, eſtranhando o rigor de ſeus preceitos: *Cur præcepit vobis Deus?* A lingua de Eva contra o Demonio, manifeſtando o ardil de ſeus enganos: *Serpens decepit me.* Geneſ. cap. 3. verſ. 13. E a lingua de Adaõ contra Eva, fundando na imprudencia deſta má companheira a deſculpa de ſeus temerarios exceſſos: *Mulier, quam dediſti mihi ſociam, dedit mihi de ligno, & comedi.* Geneſ. cap. 3. verſ. 12. E o conflicto deſtas tres linguas, foi o preludio de todas as diſcordias, & o fatal principio de todas as guerras domeſticas, que deſde aquelle tempo ſe acendéraõ em todas as partes, aonde a lingua achou lugar para a maledicencia.

234. Poſtas de huma parte as ruinas, que cauſa a guerra, & da outra, os danos, que occaſiona a maledicencia; he certo, que naõ ſó a maledicencia he mais perniciosa à Republica, que a guerra: mas (ſe bem repararmos) a guerra he hum mal, de que podem reſul-

reſultar muitos bens: & a maledicencia he hum mal, de que ſô males ſe originaõ. Muitas vezes ſe faz guerra com juſta cauſa: mas naõ ha couſa alguma, que juſtifique a maledicencia. A guerra deſtroe os inimigos: & da maledicencia nem os amigos eſtaõ ſeguros. A guerra he para os valeroſos: & a maledicencia para os fracos; porque de ordinario, os que tem má lingua, naõ tem boa eſpada. Na guerra huns perdem, & outros vencem: & todos perdem; porque o maldizente perde a graça: o de que diz mal, perde a reputaçaõ: & os que ouvem dizer mal, perdem o bom conceito, que tinhaõ do ſugeito murmurado. A guerra, a ſuſpende huma tregoa, ou a acaba huma paz: mas naõ ha tregoas, nem pazes, que ponhaõ balizas aos obſtinados deſtinos da maledicencia. Em todos os tempos, em todas as occaſioens, & em todos os lugares, com artificioſos eſtratagemas, a maledicencia ſe inſinua, ſe mete, ſe entremete, & mexerica: nas caſas particulares, com maſcara de amizade: nas communidades religioſas, com capa de zelo: nas Cortes, com fumos de diſcriçaõ: nas ſatyras, com agudeza: nas cartas, com confiança: nos libellos, com deſabrimento: nas converſaçoens, com chiſtes, & com remoques, com fingidos applauſos, & com patentes deſprezos: diminuindo prerogativas; exaggerando imperfeiçoens; negando evidencias; abonando mentiras; criando chimeras; anniquilando realidades; & ſempre malina, & nociva, offende a caridade, quebra a paz, piſa a verdade, atropella a innocencia, & finalmente deſconcerta, & deſcompoem a ſuave harmonía da ſociedade humana. Tudo iſto diſſe S. Lourenço Juſtiniano em poucas palavras: *Quàm pernicioſa detractioni aſſuetus concitat bella! rixas utique movet, parit odia, pacem diſſipat, dirimit unitatem, caritatem extinguit, ſe, ſuumque interimit fratrem.* Laurent. Juſtin. de interiori conflictu cap. 2.

235. Chama Santiago a lingua do detractor, univerſidade das maldades: *Epiſtola 3 Jacobi verſ. 6.* *Lingua ignis eſt, univerſitas iniquitatis.* Univerſidade, entre nós, ſignifica as Eſcolas, & as Claſſes, em que ſe enſinaõ, & ſe exercitaõ todas as ſciencias: & a boca do maldizente, he a univerſidade, em que a lingua he a Meſtra, & a Doutora jubilada de todas as maldades: *Univerſitas iniquitatis.* Deſta Univerſidade, em que todos ſaõ Bachareis, porque todos ſaõ falladores, ſahem todos os males do Univerſo, & todos os açoutes do Mundo, a peſte, a fome, & a guerra. Porque (como temos viſto) a maledicencia he juntamente, peſte, fome, & guerra: peſte no veneno, fome na mordacidade, & guerra nas diſcordias, que occaſiona. Mas aindaque todos eſtes males ſejaõ taõ grandes (como ſe experimenta) muito maior he o dano, que o maldizente ſe faz a ſi meſmo. *Joan. Chryſoſtom. hom 7.* *Telum, non eum, qui ictus eſt, ſed te, qui ejaculatus es, occidit:* diz S. Joaõ Chryſoſtomo. As palavras do maledico, ſaõ ſetas, que cahem ſobre a cabeça do que as lançou: & a detracçaõ, que na honra do proximo, he ferida, na Alma do maldizente, he morte, & morte eterna. Que arriſcada he a ſalvaçaõ de hum detractor! Naõ ſe pode o detractor pôr em eſtado de graça, ſem abſolviçaõ, naõ lhe pôde o Confeſſor dar a abſolviçaõ, ſem reſtituir a fama: & a fama he hum bem, que huma vez tirado, ou tarde, ou nunca ſe reſtitue. A fama (ſe bem advertirdes) he muito mais difficultoſa de reſtituir, que a fazenda; porque pôde o ladraõ reſtituir a fazenda com a meſma maõ, & com a meſma facilidade, com que a roubou; mas muitas vezes, naõ pôde a meſma lingua reparar o dano, que tem feito. E ſe para publicar huma calumnia, huma ſô lingua, baſta: para desfazer eſta meſma calumnia, muitas linguas naõ baſtaõ. Quando Pilatos, com a ſentença da morte do Senhor, confir- *in Epiſt. ad Romanos.*

mou

mou os falſos teſtimunhos dos Judéos, fallou Pilatos em huma ſô lingua, & eſcrevéo depois o Titulo da Cruz em tres linguas, na lingua Hebraica, Grega, & Latina. O Titulo da Cruz era huma declaraçaõ da innocencia do Senhor; porque nelle affirmava Pilatos, que Chriſto era Rey dos Judéos: *Hic eſt Rex Judæorum.* Com eſte titulo eſcrito nas tres melhores linguas do Mundo, parece quiz Pilatos reſtituir na opiniaõ do Mundo, todo o credito que tirára ao Senhor, com a infamia da ſentença que pronunciára. *Titulus inſcriptus eſt à Pilato, & poſitus Rex Judæorum, tribus linguis, Hebraica, Græca, & Latina, quæ linguæ in toto orbe maximè excellunt:* diz Santo Aguſtinho. E S. Joaõ Chryſoſtomo: *Ut calumniatoribus os obſtrueret, in Regem ſuum ſurrexiſſe denunciat.* Demaneira que com tres linguas procurou Pilatos atalhar os progreſſos de huma calumnia publicada por elle em huma ſô lingua: mas que pouco aproveitou eſte remedio! Paravaõ os Judéos ao pé da Cruz, & lendo o Titulo, viaõ a publica, & triplicada retractaçaõ de Pilatos: *Hunc ergo titulum, multi Judæorum legerunt.* Eſcreve o Evangeliſta S. Joaõ; mas naõ affirma o Evangeliſta, nem até agora ſe ſabe, que à viſta deſta taõ patente reſtituiçaõ da fama do Senhor, algum dos Judéos deixaſſe de crer, que o Senhor, era criminoſo, & digno de morte. Taõ difficultoſo he o arrancar huma má opiniaõ arraygada nos animos dos homens.

*Lucæ cap. 23. verſ. 38.*

*Auguſtin. in Pſalm. 58.*

*Joan. Chryſoſtom. hom. 84. in Joan.*

*Joan. 19. n. 20.*

236. Saõ as calumnias como os Rios, que creſcem correndo, & naõ retrocedem: & por iſſo he quaſi impoſſivel, que o detractor repare as ruinas, que occaſionaõ as ſuas, em certo modo, irrevogaveis palavras. Oh que embaraço para a conſciencia! Oh que perigo para Alma na hora da morte! Oh quantas Almas tirou a maledicencia ao Ceo, & quantas metéo no Inferno, & no Inferno para ſempre, & por toda a eterni-

eternidade! Padre, como he poſſivel, que ſe naõ diga mal, de tantos males, que continuamente ſe cometem? Naõ murmuramos das peſſoas, eſtranhamos os coſtumes, condenamos os vicios, aborrecemos os peccados. E iſto he zelo, antes que detracçaõ. Bem eſtá. Mas tambem ſede zeloſos contra vós meſmos. Vede, ſe todas as voſſas acçoens ſaõ juſtificadas. Examinai bem o eſtado de voſſa conſciencia, & naõ lhe faltará ao voſſo zelo, que emendar: & pondo os olhos nos voſſos proprios defeitos, naõ tereis boca para fallardes nos peccados alheios. Quando os accuſadores da mulher adultera viraõ os ſeus proprios peccados eſcritos na terra, nenhum delles ſe atrevéo a continuar a accuſaçaõ; mas todos ſe foraõ envergonhados, confuſos, & emmudecidos. Taõ efficaz he a conſideraçaõ das proprias culpas para o eſquecimento das alheias. Oh! que grande, & que juſta ſeria a noſſa confuſaõ, ſe todos viramos noſſos peccados mais occultos, publicos, & manifeſtos! E porque he neceſſaria eſta confuſaõ, vejamos as noſſas culpas, naõ eſcritas na ſuperficie da terra, mas na puriſſima carne do Redemptor do Mundo. No ſeu proprio corpo, traz o Senhor os noſſos peccados rubricados com letras de ſangue, & eſcritos com tantas pennas, quantas foraõ as varas, as cadeas, & as pontas de ferro, com que os verdugos raſgáraõ, & penetráraõ até os oſſos, as Divinas Carnes do Filho de Deus: *Supra dorſum meum fabricaverunt peccatores.* Sim, meu Divino Jeſus, eu o confeſſo, noſſas culpas abríraõ eſſas Chagas, noſſa crueldade derramou eſſe Sangue, noſſos defatinos deſpedaçáraõ eſſes hombros. E tudo o que encontraõ noſſos olhos neſſas ſagradas ruinas, ſaõ crueliſſimos effeitos de noſſos peccados. Neſſas feridas, diviſamos as noſſas offenſas: neſſes olhos eclipſados, vemos a cegueira de noſſas paixoens: neſſas cordas, que *Pſalm. 128. verſ. 3.*

que vos ataõ, conhecemos os maos habitos, que nos cativaõ: & a dureza deſſa columna, ſignifica a inſenſibilidade de noſſos obſtinados coraçoens. Oh ſe à viſta de tantos exceſſos, deſiſtiramos já de tantas offenſas! Perdoai, meu bom Jeſus, as noſſas culpas, & aceitai as noſſas lagrimas. Penitentia, Chriſtaõs. Penitencia, que naõ ſaõ as culpas ſó para a viſta, ſenaõ tambem para o arrependimento, & para a emenda. Pezanos, Senhor, de ter offendido voſſa infinita bondade. Pezanos de todo o coraçaõ. Miſericordia, meu Jeſus, miſericordia, miſericordia neſta vida, & gloria na outra: *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*

SER-

# SERMAM
NO
# PASSO
DO
# ECCE HOMO,
EM QUE
SE ENSINA O MODO, COM QUE
cada hum ha de reſponder aos ſeus
maldizentes:

Prégado no Convento da Divina Providencia.

---

*Factus ſum ſicut homo non audiens, & non habens in ore ſuo redargutiones.* Pſalm. 37. verſ. 15.

237. SENDO a maledicencia, a mais applaudida Retorica deſte ſeculo, em que ſô os que dizem mal, tem fama de fallar bem, naõ he razaõ, que ſe ignorem, os termos, as metaforas, & as figuras, com que ſe ha de reſponder ás calumnias dos maldizentes. Eſta hoje ſerá a materia

do

do Sermaõ, para deſempenho da promeſſa, que fiz Domingo. De todas as figuras dos Oradores, ſó huma nos póde ſervir contra a loquacidade dos maledicos: & he a figura a que chamaõ, Reticencia, que he o meſmo, que hum artificioſo ſilencio, com que o Orador tacitamente inculca as ſuas razoens, & diſſimulando perſuade, & calando vence. Na Arte de reſponder ás injurias dos detractores, o ſilencio mais ſofrido, he a mais efficaz eloquencia, & no meyo dos calumniadores, que desfazem no proximo, & em certo modo o desfiguraõ, ſó o que naõ reſponde, faz figura. Nas palavras do meu Thema, o Senhor ſe compara com hum homem, que ainda que arguido, naõ reſponde: *Factus ſum ſicut homo, non habens in ore ſuo redargutiones.* E na primeira Epiſtola aos Hebréos, chama S. Paulo ao Senhor figura da ſubſtancia do Eterno Pay: *Splendor gloriæ, & figura ſubſtantiæ ejus.* Demaneira, que o meſmo Senhor, que neſta vida ſe houve como mudo, fez taõ boa figura, que S. Paulo o chama figura da Subſtancia Divina. Mas no tumultuoſo theatro deſte Mundo, em que mais podem os brados, que a razaõ, que figura póde fazer hum mudo? Direi. Figura, tem muitas ſignificaçoens, & duas principalmente, que ſe podem appropriar ao Senhor. Porque figura ſignifica imagem: & o Senhor emquanto Filho de Deus, he a imagem real, & a figura eſſencialmente repreſentativa do Eterno Pay. *Figura ſubſtantiæ ejus:* diz S. Paulo. *Character, vel plena oſtenſio patris:* commenta o Lirano. Tambem, figura, ſignifica o decoro, & a authoridade, com que hum homem acredita os ſeus procedimentos: & neſte ſentido, fez o Senhor taõ boa figura, que ſempre conſervou hum animo imperturbavel, nas occaſioens, em que de ordinario ſe altera, & ſe deſcompoem o mayor ſocego. Provocado o Senhor pelas calumnias dos plebeyos, &

*Pſalm. 37. verſ. 15.*

*Ad Hebræos cap. 1. verſ. 3.*

dos

dos Magnates, naõ sômente naõ acudio à justificaçaõ de sua innocencia, mas com héroica insensibilidade emmudeceo no meio dos mais estrondosos improperios, & ás mais atrozes injurias, respondeo sô com o silencio. Neste mudo sofrimento, Christo Senhor Nosso, homem Deus, naõ parecia Deus, nem homem, porque como Deus, Christo he a palavra Divina. E como he possivel, que a mesma palavra esteja calada? Nem taõ pouco parecia homem; porque o final exterior, que mais distingue os homens dos animaes, he o fallar: mas sem embargo destas apparentes implicancias do silencio com à Natureza Divina, & humana, digo, que o silencio foi o pregoeiro da Divindade, & humanidade de Christo.

238. Que o silencio, manifestasse a Divindade de Christo, consta deste successo. Aquelle grande Doutor da Ley, Nathanael, foi hum dos primeiros que conheceo, que era Deus: *Rabbi, tu es Filius Dei.* Mas por onde conhecéo este Doutor a Divindade de Christo? Pelo silencio, com que dissimulou huma injuria. Sobre a vileza do lugar de Nazareth, primeiro theatro dos prodigios da Encarnaçaõ do Verbo, motejava Nathanael, affirmando, que de huma terra taõ pobre, & taõ limitada, naõ podia vir cousa boa: *A Nazareth potest aliquid boni venire?* Chegou o Senhor, & he opiniaõ de alguns, que Nathanael entendeo, que o Senhor como Profeta sabía o que dissera; mas vendo que naõ se dava por aggravado deste injurioso remoque, acabou de se persuadir, que Christo era Deus. Porque sô a paciencia de Deus pôde com os aggravos dos homens: *Tu es Filius Dei.* S. Joaõ Chrysostomo: *Tunc verò Christum esse cognovit, præfertim cum quæ ægrè ferenda videbantur, ea non reprehendit.* Com este mesmo silencio mostrou o Senhor que era verdadeiramente homem. No Pretorio de Pilatos feito o Senhor alvo das irri-

*Joan. cap. 1. vers. 49.*

*Joan. cap. 1. vers. 46.*

*Joan. Chrysost. hom. 19 in Joan.*

irrisoens, & zombarias do Povo Judaico, com huma cana por sceptro, com huma coroa de espinhos, & huma purpura de escarneo, naõ disse huma só palavra, para se desafrontar: & a compostura desta immudavel tranquillidade, lhe grangeou o titulo de homem por antonomasia: *Ecce homo.* Palavras, com que parece que Pilatos admirado, quiz dizer, que só o Senhor, que com inflexivel constancia sofria tantos, & taõ grandes desatinos, era verdadeiramente homem: *Ecce homo.* Que cuidais? Que os que com reciprocas injurias se ferem, & se affeteaõ, saõ homens? Naõ. Naõ saõ homens; saõ viboras, que mordem quem as pisa: saõ feras, que despedaçaõ quem as irrita: só os que com varonil paciencia dissimulaõ as semrazoens dos que os offendem, saõ homens. *Homo es*, diz S. Joaõ Chrysostomo, *ne Aspidum virus evomas: homo es, ne in belluam degeneres.* Continúa o mesmo Padre, dizendo, que a lingua foi dada ao homem, naõ para ferir, mas para sarar: *Os tibi datum est, non ut mordeas, sed ut aliorum vulneribus medearis.* Póde a lingua do homem sarar dous generos de males; os males alheios, & os proprios: os males alheios, com o conselho; & as injurias como males proprios, com o silencio. Por isso dizia Stobéo, que a muitos homens servíra o silencio de grande remedio: *Multis hominibus, pharmacum malorum est, taciturnitas.* Entre os muitos remedios da medicina, huns saõ lenitivos, outros correctivos, & outros preservativos. Nestes tres generos de remedios, temos os tres assumptos do Sermaõ. Em que veremos, como o silencio dos que dissimulaõ as maledicencias, he hum lenitivo, hum correctivo, & hum preservativo. Este silencio he o lenitivo da aspereza alheia, o correctivo da propria impaciencia, & o preservativo da Divina Justiça. Vamos applicando estes remedios, & vejamos como

*Joan cap. 19. vers. 5.*

*Id. ibid.*

*Stobæus Serm. 33.*

*Joan. Chrysost. hamil. 5 in Epistolas ad Corinthios.*

na

na estrondosa conjuraçaõ das linguas maledicas, havemos de imitar o discreto, & pacifico silencio do Senhor: *Factus sum, sicut homo non audiens, & non habens in ore suo redargutiones.*

## I. PARTE.

239. Primeiramente, digo, que aos maledicos se ha de responder com o silencio; porque o silencio he o linitivo das asperezas da maledicencia. A hum homem irado, pôde a razaõ dar repostas, que o abrandem; mas taõ difficultosamente se aplaca hum maledico, que o callar he mais acertado, que o responder. Ao soldado, que levado da ira, levantou a voz, & a maõ, & deu a bofetada ao Senhor, respondéo o Senhor, estranhando o seu temerario excesso: *Unus assistens ministrorum, dedit alapam Jesu, dicens, Sic respondes Pontifici? Respondit ei Jesus.* Pelo contrario nenhuma reposta deu o Senhor a todos os escarneos, & calumnias dos Judéos: *Nihil respondes ad ea, quæ isti adversum te testificantur. Jesus autem tacebat.* Demaneira, que respondéo a hum soldado furioso, & naõ respondéo a hum povo maledico; porque a maledicencia he mais implacavel que a ira. E se me perguntais a razaõ, direi a que agora me occorre. Tem a ira seu assento no coraçaõ, & o coraçaõ, de que nasce o amor, facilmente se rende. Por onde diz Salamaõ, que huma reposta branda, quebra a ira: *Responsio mollis frangit iram.* Mas a maledicencia reside na lingua, & a lingua naõ sô está longe do coraçaõ, que he o centro dos affectos, mas em certo modo, se aparta, & foge do coraçaõ, quando se solta a fallar. E he naturalmente taõ indomita, que como advertio Santiago, podem os homens amansar as feras, mas naõ podem domar as linguas: *Omnis natura bestiarum, & volucrum, & serpentium, & cæterorum domantur, & domita sunt à natura humana;* lin-

Joan. 18. 22.

Matth. 26. 62.

Proverbior. cap. 15. vers. 1.

Epistola Jacobi cap. 3. v. 7. & 8.

*linguam autem nullus hominum domare poteſt.* He a ira como aquelles rayos, de que a furia ſe quebranta na brandura dos corpos, que lhe naõ fazem reſiſtencia; mas a maledicencia he como o Ecco, que retumba a qualquer palavra, & ſô quando ninguem falla, ſe calla. E aſſim como ha Eccos, que com ſonora ſuperfluidade multiplicaõ as vozes: aſſim tem os detractores huma fecunda dicacidade para injurioſas repoſtas, & ſô a modeſtia do ſilencio tem virtude para atalhar eſta afrontoſa diſſonancia. Sabendo o Senhor, que os Miniſtros Reaes murmuravaõ de que elle naõ pagára o tributo, mandou a S. Pedro, que foſſe peſcar, & que pagaſſe aos Rendeiros com a moeda, que acharia na boca de hum peixe. Naõ era lanço mais milagroſo, achar S. Pedro a moeda na maõ, & pagar no meſmo inſtante? Parece que ſim: mas da boca do peixe aprendéo S. Pedro a obrar com mayor acerto; porque os peixes ſaõ mudos: & imitando S. Pedro o ſeu ſilencio, pagou, & apagou; pagou o tributo, & apagou a maledicencia. E que o Senhor mandaſſe S. Pedro ao mar para evitar os diſſabores de huma eſcandaloſa controverſia; aſſaz o manifeſtaõ as ſuas palavras: *Ut autem non ſcandalizemus eos, vade ad mare.* Que ſe Chriſto fiára eſta ſatisfaçaõ do fervoroſo eſpirito de S. Pedro, naõ reparára S. Pedro em exaſperar com ſuas repoſtas a ruſtica impertinencia dos Recebedores dos tributos. Diria Saõ Pedro, que Chriſto como Filho de Deus, naõ eſtá ſogeito as leys dos homens. E elles que eraõ Gentios, reſponderiaõ, que naõ conhecem outro Deus, que a Ceſar. Acreſcentaria S. Pedro, que Chriſto como deſcendente da Real proſapia de David, era izento de todos os tributos. E elles lhe haviaõ de diſputar eſta immunidade. Em concluſaõ, depois de muitas altercaçoens, debates, & contendas, quem ſabe ſe viriaõ ás maõs? Que no que tocava ao reſpeito,

*Magiſter vester non ſolvit didrachma. Matth. 17. 23.*

*Ib. verſ. 26.*

& credito de ſeu Divino Meſtre, era S. Pedro taõ pouco ſofredor, que mais depreſſa daria huma cutilada, que huma deſculpa.

240. Nas tormentas da maledicencia, o mais tranquillo, & abrigado porto, he o ſilencio: & aſſim como ha peixes com figura de homens; bom fora, que algumas vezes os homens imitaſſem a taciturnidade dos peyxes. Alteraſe o mar, empollaſe, inchaſe, bate as prayas, & ſahe de ſi, fervem as aguas, lutaõ as correntes, & roncaõ as ondas: que pouco ſe lhe dá diſſo aos peyxes. Todos ſe lavaõ deſte motim na meſma agua, que os inquieta. Nadaõ, ſaltaõ, & folgaõ, em quanto o mar eſtá bramindo. E meneando as barbatanas, zombaõ das barbatas deſte furioſo Elemento. Oh, ſe os homens quizeſſem fazer por prudencia, o que os peixes fazem por natureza! naõ creſceriaõ tanto as tempeſtades da detracçaõ, ceſſariaõ os eſtrondoſos contraſtes, & os ſonoros conflictos das linguas. E deſte ſilencio naſceria a paz, da paz a uniaõ, & da uniaõ o contentamento: & iſſo ſeria propriamente eſtar como peixe na agua. A eſta pacifica diſſimulaçaõ nos exhorta S. Bernardo com palavras, que parecem cortadas ao meu intento: *In hoc mari magno, & ſpatioſo, quaſi piſces ſpirituales, procelloſa fluctuum volumina toleremus, & cohibeamus linguæ lubricum ſub cenſura ſilentij.* Saõ as vozes humanas como navios lançados ao mar, que tocando huns nos outros, ſe deſpedaçaõ, & ſe ſomergem. Tiro eſta comparaçaõ das palavras de S. Baſilio: *Cum vocem ſignificativam, mens, ac cogitatio noſtra apprehenderit, velut cymbâ quadam, ſermone vehitur, & aërem penetrans ex loquente ad audientem tranſit.* Suppoſto iſto podemos dizer, que o diſcurſo de hum maledico indinado, he hum baxel, que leva por carga, peſadas calumnias: a lingua he o leme: o Piloto he a paixaõ: a artilharia, ſaõ os clamores: os botafogos, ſaõ

S. Bernard. epiſcul. de charitate cap. 20.

Baſil. in hom. ad illud: Attende tibi ipſi.

os

os remoques: a barra de donde ſahe, he a boca: o mar que navega, he o ar: & o porto, aonde vai ſurgir, ſaõ os ouvidos dos circunſtantes. Sarpa as ancoras a nao maledicencia, ligeira na temeridade, reforçada no encarecimento, & por officio, mixiriqueira, & pondoſe em via, dá com outra abarrotada com repoſtas, & armada com deſpiques, & deſaggravos, & a eſte violento encontro, ſe ſegue huma inevitavel ruina. Quantas tormentas, & quantos naufragios occaſiona eſta reciproca oppoſiçaõ, principalmente quando ſe vem ás palavras do cabo? Neſta fraze, aindaque popular, ſe encerra huma proveitoſa moralidade. Nos termos da navegaçaõ, hum Cabo, ou, como outros dizem, hum Promontorio, he huma ponta, que a terra bota ao mar, & os navios, que a hum Cabo deſtes ſe chegaõ, eſtaõ em perigo de ſe perder. Aſſáz o experimentaraõ os primeiros deſcobridores da India, chegando ao taõ celebrado cabo de Naõ, que o monte Atlante forma nas coſtas de Africa. Eſtendeſe eſte Cabo muitas legoas ao mar, & tornando as aguas a ſe unir, com taõ violentos impulſos ſe encontraõ, & ſe agitaõ, que naõ podendo os navegantes arribar, nem paſſar adiante, miſeravelmente perecem.

241. Semelhantes tempeſtades a eſtas occaſionaõ na terra as deſabridas palavras do cabo. Formaõſe logo dous mares, hum mar de razoens, & outro mar de ſemrazoens, que com alternados impetos ſe impellem, & ſe confundem: creſce a tormenta, eſcureceſe a luz da razaõ, periga a verdade, & ſempre naufraga o credito. Mas do meſmo modo, que a furia do mar ſe quebra nas areas, que ſem reſiſtencia ſe deixaõ levar, & trazer das ondas: aſſim a ſogeiçaõ, & tranquillidade do ſilencio, poem fim ás mais procelloſas contendas. *Injurijs animum aſſuefacito*, dizia Evagoras: *ſic enim indignabundum mare, ſpumas, & indignationes, & iram ultra*

*Evagoras Atlipater in Epiſtola Theophilacti*

*non efferet.* A razaõ, porque de ordinario as repoſtas exacerbaõ os animos, he porque ninguem ſe pôde bem deſafrontar, ſem infamar quem o afrontou: a juſtificaçaõ dos innocentes, he a condenaçaõ dos accuſadores. E mais ſe acredita a virtude, naõ reſpondendo, do que manifeſtando a propria innocencia, com prejuizo da fama alheia. Eſta, diz Marco Vigerio, foi a razaõ do perpetuo ſilencio do Senhor nos alvorotos do povo, nas juntas dos Tribunaes, & nas infernaes conſpiraçoens da Synagoga: *Jeſus autem tacebat; quia ſine eorum infamia reſpondere non poterat.* Com poucas palavras, & com muita juſtiça podia o Senhor confundir todos os ſeus Juizes. Tu Annás, miniſtro aleivoſo, peitaſte a Judas com dinheiro, para executar a perfidia, com que me entregou. Tu Cayphás, ſacrilego Pontifice, agenceaſte, & ſobornaſte as falſas teſtemunhas, que me acuſáraõ. Tu Pilatos, infelice politico, antepuzeſte a amizade de Ceſar, à graça de Deus. Tu Herodes, Principe indigno, eſperavas ver milagres, naõ para me fazer juſtiça, mas para ſatisfazer à tua curioſidade. Mas que effeito teriaõ eſtes, ou outros ſemelhantes deſaggravos? Ficaria Annás, mais indinado, & Cayphás, mais rayvoſo: Pilatos, mais embravecido, & Herodes, mais aſſanhado. Porque? Porque na evidencia deſtas verdades, ſe veria mais claramente a ſua ſemrazaõ, & a ſua infamia; & cegos de colera, & da paixaõ, obrariaõ maiores deſatinos: que ſuppoſto foi exceſſiva a ſua impiedade, acho que ainda podia ſer maior o exceſſo: mas o modeſto ſilencio, com que o Senhor fez toda a Apologia da ſua innocencia, foi cauſa, de que na ſua morte naõ ſe executaſſem muitas crueldades, com que podiaõ os Judéos mais largamente ſatisfazer o ſeu furor: & por iſſo digo, que o ſilencio he o linitivo da aſpereza alheia, & juntamente o correctivo da propria

*Marcus Vigerius chorda 7. cap. 91. ad illud Matthæi: Jeſus autem tacebat.*

pria impaciencia. Este he o assumpto desta segunda Parte, & o segundo remedio contra as feridas da maledicencia: *Factus sum sicut homo, non audiens, & non habens in ore suo redargutiones.*

## II. PARTE.

242. Mui arriscada está a paciencia nos males, de que he facil a vingança, & raras vezes dissimula o sofrimento, quando se achaõ armas para o desaggravo. Esta, a meu ver, he a razaõ, porque saõ poucos, os que levaõ com paciencia as injurias dos maledicos. Para nos desafrontarmos das palavras, que nos offendem, todos temos espada na lingua: & he taõ facil, & taõ natural esta satisfaçaõ, que em quanto o homem tem boca, sempre está em perigo de manifestar a sua impaciencia. Ao paciente Job tirou o Demonio todos os bens, que possuia; os gados, os campos, as casas, as alfayas, os filhos, & as proprias carnes; & sô lhe deixou a boca illesa, & intacta: *Consumptis carnibus adhæsit os meum, & derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos.* De maneira, que ficou a cabeça de Job taõ escarnada, que parecia huma caveira, mas caveira com labios. E parece queria o Demonio ver, se Job, como homem simplez, se deixaria tomar pelo beyço; mas a simplicidade de Job, naõ era necedad, era virtude: *Erat vir ille simplex, & rectus.* Logo que motivo poderia ter o Demonio para no meyo dos estragos do corpo, deixar a Job a boca inteira? Responde o Tubalense. Quiz o Demonio, que a boca de Job, fosse o instrumento de sua impaciencia, nas repostas que havia de dar ás injurias de sua mulher: *Ea sólùm instrumenta reliquit Jobo, quibus cum ipsi bellum inferret, nimium ut posset linguâ delinquere.* E naõ se enganou de todo o Demonio. Porque supposto naõ peccou Job nas repostas, que deu, consta que respondéo. E huma reposta, aindaque

Job. 19. 20.

Job. 1. 1.

Vega in Judices tom. 2. 304. n. 969.

prudente, & benigna, pelo modo com que se dá, pôde ser indicio de huma interior impaciencia. Hum homem, que calla, bem pôde dar suspeitas de agastado; mas que o seja, naõ se pôde provar. Porèm de huma sô palavra, que se solta, se pôde conhecer o desassocego do coraçaõ. Confessa o mesmo Job esta verdade: *Unum locutus sum, quod utinam non dixissem.* Ay de mim, diz Job, que me escapou huma palavra, de que estou muy arrependido. Pois tanto arrependimento, por huma palavra, & por huma palavra innocente? Sim. Porque ainda que innocente na realidade; foi descompassada no modo. *Lingua levitate usa convincitur:* diz S. Gregorio Papa neste lugar. Em todas as palavras, que Job respondéo aos seus calumniadores, naõ offendéo a Deus: *In omnibus his non peccavit Job.* Sô parece, que huma vez respondéo com fervorosa velocidade, & esta pressa descompoz a sua paciencia: *Unum locutus sum, quod utinam non dixissem: lingua levitate usa convincitur.* Agora tirai a consequencia, & vede, quanto fica mais calificada a paciencia, com hum profundo silencio, que com huã, ainda que santa, reposta.

*Job.* 39. 35. *Gregor. lib. 32. moral. cap. 1.* *Job.* 2. 10.

243. Padre, boa doutrina he essa para os mortos, que naõ sentem, nem fallaõ; naõ já para os que vivemos, & sentimos as affrontas, & temos lingua para a nossa defensa. A nimia dissimulaçaõ faz a maledicencia mais atrevida, & quem logo a rebate, a derruba. A fabulosa Serpente, que se queixava, de que todos a pisavaõ, respondéo Jupiter: Que muito he, que todos te ponhaõ o pé em sima, se lhe naõ sabes arreganhar o dente; começa tu a mordellos, que te naõ tornaráõ a molestar. Assim o havemos de fazer, porque assim convem. Perdoar ao mao, he pedirlhe, que o o seja (diziaõ nossos pays.) E outros differaõ: Se te fizeres mel, comertehaõ as moscas. Finalmente, bom he, que se sayba, que tambem

bem noſſa eſpada corta. E naõ he poſſivel, que ſe diſſimulem afrontas, & contumelias, que nos côraõ a face, quando as ouvimos, & com manifeſta confuſaõ, nos fazem vermelhos de envergonhados. Por eſſa repoſta eſperava eu, neſte dia, & neſte paſſo, em que ſe repreſenta o Criador do Mundo, com huma purpura de ignominia nos hombros. Purpura de ignominia, he o ſangue, que vos cobre o roſto nas occaſioens, em que periga o voſſo credito. E como haveis de formar em vós o retratto de hum Deus paciente no meyo das ignominias, ſenaõ com o encarnado deſta purpura, & com a tinta deſte ſangue? Naõ chegará voſſa paciencia a padecer por amor de Deus huma breve confuſaõ? Offerecei ao Senhor eſta vergonhoſa erubeſcencia, & vendo voſſa reputaçaõ denegrida, deixai à Juſtiça de Deus a vingança. Tempo virá, em que os maledicos arderáõ no fogo do Inferno, & a côr deſte fogo, ſerá huma das circunſtancias de ſeu caſtigo. A côr do fogo do Inferno, he muy differente da côr deſte fogo elemental; porque o fogo elemental he claro, & o fogo do Inferno he eſcuro: no fogo elemental os carvoens ſe acendem, & luzem; mas no fogo do Inferno, os carvoens queimaõ, ſem luzir. E com particular advertencia affirma David, que eſtes eſcuros, & negros carvoens cahiráõ ſobre os maledicos: *Labor labiorum ipſorum operiet eos, cadent ſuper eos carbones.* Notai bem eſta palavra, *cadent*, cahiráõ. De huma couſa, que tem queda, & proporçaõ com outra, dizemos, que cahe bem: & para caſtigo dos maledicos cahiráõ os carvoens do Inferno com ſingular propriedade, denigrindo o corpo daquelles, que denigríraõ a fama: *Labor labiorum ipſorum operiet eos, cadent ſuper eos carbones.* E he iſto tanto aſſim, que já neſte mundo, & neſta vida preſente, temos diante dos olhos huma anticipada evidencia deſte futuro caſtigo. *Pſalm. 139. 11.*

244. De donde imaginais, que procede aquelle negro aduſto, que aſſombra os roſtos dos Egipcios, dos Cafres, & dos Etiopes? Sei, que alguns attribuem eſta negra ſuperficie da carne, à vezinhança do Sol, que abraza as terras, em que eſtes povos habitaõ: mas naõ me perſuade eſta razaõ; porque debaxo da Zona Torrida, onde mais arde o Sol, do que em nenhuma parte do Mundo, ha homens taõ brancos como na Europa. E pelo contrario, eſcreve Perecio, que no Reyno de Groetlandia, onde apenas apparece o Sol, ha homens taõ negros, como na Etiopia. Demais do que, quantas couſas ſe fazem brancas, eſtando expoſtas aos rayos deſte Planeta abrazador? A cera ao Sol ſe faz branca: com a aſſiſtencia do Sol, tecem as açucenas as ſuas olandas: & naõ ſe veſtiriaõ os jaſmins de ſua roupa de neve, ſe o Sol lhe naõ communicára a efficacia de ſeus ardores. Tem para ſi outros, que os negros ſaõ moradores das terras, que Phaetonte queimou, quando guiava o carro do Sol, & que na negridaõ dos corpos permanece o fumo daquelles incendios. Mas deixando aos Poetas a explicaçaõ de ſuas fabulas: digo, que tem muita probabilidade a opiniaõ dos que ſe perſuadem, que com eſta côr negra, caſtigou Deus a maledica lingua de Cham, filho de Noé, & pay de Chanaaõ, de que deſcendem os negros. Alguns dias depois do Diluvio, achou Cham a ſeu pay Noé, prezo do vinho, & deſcompoſto, & em lugar de encobrir eſta falta, ſahio logo a publicala. *Nuntiavit duobus fratribus ſuis:* diz o Hiſtoriador ſagrado. E Hugo Cardeal neſte lugar: *Quod ſolus vidit, alijs propagavit.* E confirmando Deus a maldiçaõ do pay, perdéo toda a poſteridade de Cham a alvura natural, ſymbolo da innocencia, & com caſtigo proporcionado ao delito, o eſcurecer da fama, foi punido com o eſcurecer do roſto. Que tal ficaria

*Geneſ. 9. 22.*

*Hugo Cardinal. in cap. 9 Geneſ.*

ria o Mundo, ſe em todos os maldizentes continuára Deus o meſmo caſtigo? Toda a terra ſeria hoje huma Etiopia, & na gente mais nobre, apenas ſe acharia hum homem branco. *Abſentem, qui rodit amicum*, dizia Horacio, *fingere, qui non viſa poteſt, commiſſa tacere qui nequit, hic niger eſt, hunc tu, Romane, caveto.* Prudentiſſimo conſelho! Naõ diz, que nos empenhemos em reſponder a eſtes negros detractores, mas que fujamos, & nos guardemos delles: *Caveto:* porque a detracçaõ he hum mal, que o ſentimento acreſcenta, & o deſprezo abafa. Na Cidade de Roma, Paſquin, he huma eſtatua deſmembrada, & carcomida, a que os criticos da Corte pegaõ, & attribuem as ſuas ſatyras: & querendo o Papa Adriano Sexto, que ſe botaſſe no Thybre eſta eſtatua de Paſquin, perpetuo pregoeiro de todas as maledicencias; por nenhum caſo, diſſe hum diſcreto: que ſe deitarem a Paſquin na agua, converterſeha em raã, & fará mais ruido no rio, que no Paço. Aſſim paſſa. O meſmo remedio, com que ſe quer atalhar huma detracçaõ, he cauſa de outras mayores detracçoens: & querer obrigar a hum maldizente a que ceſſe de dizer mal, he o meſmo, que mandar ao fogo, que naõ queime: ao eſpinheiro, que naõ pique: ao vento, que naõ aſſopre: & ao mar, que naõ ronque. Paciencia logo, & mais paciencia. Eſte he o mais barato, & mais acertado remedio. E ſe o ſilencio, como temos viſto, he o linitivo da aſpereza alheia, & o correctivo da propria impaciencia, tambem he o preſervativo da Divina Juſtiça. E eſte he o terceiro aſſumpto, & a terceira razaõ, que nos obriga a imitar o admiravel ſilencio do Senhor, nos inſultos da maledicencia: *Factus ſum ſicut homo, non audiens, & non habens in ore ſuo redargutiones.*

## III. PARTE.

245. Da lingua do homem, conhecem os Medi-

cos o eſtado da ſaude, & na lingua do Chriſtaõ, ſe vem os finaes de ſua ſalvaçaõ, ou reprovaçaõ eterna. *Mors, & vita, in manu linguæ:* diz Salamaõ. E em outro lugar: *Lingua placabilis, lignum vitæ.* Huma lingua pacifica, he huma arvore, que produz frutos de vida. A razaõ deſta miſterioſa fertilidade, he que aſſim como os frutos ſaõ bons, quando he boa a raiz da arvore, aſſim a bondade da lingua, depende da bondade da ſua raiz. A raiz da lingua, naõ ſô eſtá implantada no oſſo, a que os Anatomiſtas chamaõ, Hyoide; mas he taõ profunda, que por meyo de huma veya, chega a lingua a ter correſpondencia com o coraçaõ. Deſte principio ſe originaõ todos os bens, & males da lingua. Em quanto o coraçaõ eſtá em paz, nenhum dano faz a lingua: & logo que ſe perturba a paz do coraçaõ, ſahe a lingua em campo, & as repoſtas, ſaõ as armas, com que peleja: mas a victoria, que neſte conflicto ſe alcança, he ruina; porque o vencedor leva por deſpojo, a fama do aggreſſor, & com eſte eſcandaloſo trofeo, deſtroe a caridade, & entroniza a diſcordia: *Lingua placabilis, lignum vitæ, quæ autem immoderata eſt, conteret ſpiritum.* Todas as couſas, que o homem naõ encaminha ao fim, pelo qual Deus as criou, ſaõ cauſa da condenaçaõ do homem. E qual foi o fim porque Deus deu ao homem a lingua? Ao homem foi dada a lingua, para dizer bem de todos: de todos digo, porque o homem naõ ſô ha de dizer bem, dos que dizem bem delle, mas tambem dos que delle dizem mal. *Maledicimur*, dizia S. Paulo, *& benedicimus:* elles dizem mal de nós, & nós dizemos bem delles. Iſto he propriamente fallar, porque he fallar bem: & a lingua do homem ha de ſervir para ornar, & naõ para deſdourar. A palavra Hebraica, que ſignifica fallar, lida ás aveſſas, ſignifica ornar; porque, *Davar*, no He-

*Proverbior. 18. 21.*

*Proverbior. 15. 4.*

*Id. ibid.*

*1 Corinthior. cap. 4. verſ. 12.*

*Ex Navarro in aquis nuptialib. pag. 179. n. 165.*

Hebraico quer dizer fallar, & *Ravad*, que he o Anagramma retrogrado de, *Davar*, ſignifica ornar. De maneira, que fallar ornando, & dizendo bem, he fallar; mas fallar deſdourando, & dizendo mal, naõ he fallar. Pois os que murmuraõ, naõ fallaõ? Naõ: mas picaõ, mordem, deſcozem, desfazem, cortaõ, rachaõ, & abrazaõ. Picaõ com agudeza, mordem com rayva, deſcozem com arte, desfazem na honra, cortaõ pelo credito, rachaõ os emulos, & abrazaõ os innocentes. Em concluſaõ, o dizer mal, & o fazer mal, he huma meſma couſa. E neſte Mundo, em que todas as couſas tem ſuas utilidades, & ſeus inconvenientes, ſô o dizer mal tem muitos inconvenientes ſem utilidade alguma.

246. Compàra Santiago a lingua com o fogo: *Lingua ignis eſt.* E pouco depois acreſcenta o Apoſtolo, que o fogo da lingua, he fogo do Inferno: *Inflammat rotam nativitatis noſtræ, inflammata à gehenna.* Naõ baſtava dizer, que a lingua maledica he fogo? Naõ. Porque o fogo deſte mundo, aindaque cauſe muitos males, he cauſa de muitos bens: o fogo purifica os ares, diſſolve as neves, ſazôna os manjares, ſepára os metaes, amolla o ferro, affina a prata, requinta o ouro, & ſerve para muitas obras da natureza, & da arte: mas o fogo do Inferno ſempre queima, & ſempre penaliza, ſempre abraza, & ſempre atormenta. Eſta he a crueliſſima propriedade das linguas maledicas: para nenhuma outra couſa ſervem, que para fazer mal. E naõ ſô fazem mal aos maos, como o fogo do Inferno, que ſô atormenta aos condenados: mas com furor mais que infernal, acometem aos maos, & aos bons: aos peccadores, & aos juſtos: aos culpados, & aos innocentes, ſem reſgoardo, ſem conſciencia, & ſem piedade. Mas que riguroſamente caſtiga Deus todos eſtes deſatinos da maledicencia.

*Jacobi Epiſtol. 3. n. 6.*

cencia. A lingua do maldizente (como temos viſto) he fogo do Inferno, & por juſta Juſtiça de Deus, o fogo do Inferno queimará os maldizentes na lingua, mais que em todas as mais partes do corpo. Eſtava o Rico Avarento ardendo nas chamas do Inferno: *Crucior in hac flamma:* & abrazandoſe em todo o corpo, ſô pedia refrigerios para a lingua, porque ſentia particularmente na lingua, a exceſſiva actividade daquelle fogo. E porque razaõ era o fogo do Inferno taõ intenſo, & taõ violento na lingua deſte condenado? Porque ſua lingua maledica fez neſte Mundo, o que o fogo do Inferno faz no outro. Com palavras injurioſas abrazava o Rico Avarento ao pobre Lazaro, & na purpura, que veſtia, reverberava o fogo, com que ſua lingua conſumia a paciencia daquelle Santo mendigo. Mas finalmente caſtigou Deus o infernal fogo deſta lingua, com as mais penetrantes lavaredas do fogo do Inferno, & aonde dominou a maledicencia, lá foi mayor o incendio. S. Pedro Chryſologo: *Magis lingua uritur, ardet, æſtuat, quæ inſultavit pauperi.* Agora entendo a razaõ da crueliſſima ſede, que o Senhor padecéo na Cruz. Chriſto Senhor Noſſo, como figura do peccador, padecéo em todas as partes de ſeu Divino Corpo os caſtigos, que mereciaõ os noſſos peccados. Nos braços, & nas maõs encravadas, foraõ caſtigados os furtos, & os homicidios. Nas chagas dos pés, foraõ caſtigados os noſſos deſcaminhos. Na cabeça coroada de eſpinhos, ſatisfez o Senhor ao caſtigo devido ás noſſas ambiçoens. E na lingua abrazada com ſede, que padecéo o Senhor, ſenaõ o caſtigo, que merecem as noſſas maledicencias? Eſte tormento pois foi taõ exceſſivo, que ſô delle ſe queixou o Senhor: *Sitio.* E com eſta queixa, parece, quiz o Senhor manifeſtar, que grandes ſaõ os caſtigos, que a Divina Juſtiça reſerva para

*Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti ſui in aquâ, & refrigeret linguam meam.* Luc. 16. 24.

S. Petr. Chryſolog. ſerm. 122.

para as linguas maledicas.

247. Por tres cauſas foi dada ao homem a lingua: a primeira para louvar a Deus; a ſegunda para ajudar ao proximo com a doutrina, & com os conſelhos; & a terceira para o homem manifeſtar as ſuas neceſſidades. Nenhuma deſtas couſas faz a lingua do maldizente: porque nem louva a Deus, nem ajuda ao proximo; mas antes offende ao proximo, & offende a Deus: & naõ manifeſta as ſuas neceſſidades; porque o dizer mal, he vicio, & naõ neceſſidade. Que bem empregado fora o fallar, ſe ſempre pedira o homem, o que lhe he mais neceſſario! A couſa que he mais neceſſaria ao homem, he a ſalvaçaõ: & para a ſalvaçaõ he neceſſario o perdaõ de noſſas culpas. Eſta he a neceſſidade de todas as neceſſidades. Eſta he a importancia de todas as importancias. E eſte he, & deve ſer o mayor empenho de todas as noſſas palavras. Em todas as mais materias, fallaõ os homens com ſuperflua eloquencia. Que de palavras gaſta o palaciano nas lizonjas, o Filoſofo nas contendas, o pertendente nos requerimentos, o miniſtro nas negociaçoens, o mercador nos comercios, & o ocioſo em diſcurſos vaõs, & inuteis! Sô para pedirem perdaõ a Deus, parece que os homens eſtaõ faltos de palavras. E ſe para eſte effeito algum dia ſe reſolvem a fallar, he quando já ficaõ ſem falla, agonizando, & bocejando nos ultimos alentos da vida. Oh quantos eſperáraõ a fallar neſta ultima hora, & prevenidos da morte, naõ puderaõ proferir huma ſô palavra! Quantos morréraõ, & quantos dos que hoje eſtaõ vivos, haõ de morrer (queira Deus que naõ ſeja aſſim) ſem o nome de Jeſus na boca, & ſem a menor demonſtraçaõ de arrependimento! E quem nos aſſegurou a nós, que nos naõ ſuccederá eſta terrivel, & terriviliſſima deſgraça? Naõ podéra cadaqual de nós acabar a vida neſta hora, & neſte inſtante? E ſe

Deus

Deus o permitiſſe, que ſeria dos que naõ alcançáraõ o perdaõ de ſuas culpas? Chriſtaõs,& Senhores meus, a vida he breve, a morte he certa, a hora da morte he incerta, & he certo, & certiſſimo, que à morte temporal ſe ſegue, ou huma vida eterna no Ceo, ou huma morte eterna no Inferno. Na maõ da lingua pois eſtá a morte eterna, & a vida eterna: *Mors, & vita in manu linguæ.* Na maõ da lingua eſtá a vida eterna; porque dá Deus o Ceo aos que com verdadeira contriçaõ lhe pedem ſua graça: & na maõ da meſma lingua eſtá a morte eterna; porque aos que naõ pedem a graça de Deus para a remiſſaõ de ſuas culpas, condena Deus ao Inferno por toda a eternidade. Vede, quantos bens, & quantos males eſtaõ no bom, ou mao uſo da lingua: o maior de todos os males, he o peccado, porque com elle ſe condena a Alma: & o maior de todos os bens, he a Graça, porque com ella a Alma ſe ſalva. Deſte taõ grande mal nos preſerva a lingua, pedindo a Deus perdaõ de noſſas offenſas: & a meſma lingua nos diſpoem ao logro deſte taõ grande bem, pedindo a Deus os auxilios de ſua Graça. E que opportuna he a occaſiaõ, que ſe nos offerece, para conſeguirmos as graças, de que neceſſitamos para a ſalvaçaõ. Nos dias de ſua coroaçaõ coſtumaõ os Reys oſtentar a ſua grandeza, & liberalidade, & neſte Paſſo da Paixaõ do Senhor, ſahem os favores, & as graças deſte Divino Rey, por tantas portas, quantas ſaõ as feridas dos eſpinhos, que o coroaõ. Almas Chriſtaãs, pedi com humilde confiança as graças, de que neceſſitais, & naõ vos embargue as palavras a ſoberania da Mageſtade, porque aindaque divina, he humana: *Ecce Homo.* Ah meu Divino Jeſus, neſſe ſanguinolento retratto de voſſa paciencia, vemos, & adoramos a humanidade, & benignidade de voſſa grandeza. Tomaſtes, Senhor, ſobre vós as noſſas

*Proverbior. cap. 18. verſ. 21.*

noſſas culpas, para nos fazerdes dignos da voſſa Graça: & para nos communicardes a voſſa Gloria, tomaſtes ſobre vós as noſſas penas. Oh! ſe à viſta deſtas finezas acabáraõ já noſſas ingratidoens! Oh ſe na conſideraçaõ deſtes exceſſos de amor, nos retiraramos das occaſioens de peccar. Amantiſſimo Senhor, ſentimos na conſciencia o effeito dos eſpinhos, que vos treſpaſſaõ a cabeça, & à viſta de voſſos tormentos, aborrecemos as noſſas culpas. Aceitai, Senhor, os actos de noſſa contriçaõ, & dainos Graça para nos apartarmos, de tudo o que nos aparta de voſſo amor. E já que noſſa redempçaõ vos cuſta o ſangue, a vida, & a honra, permitanos a voſſa miſericordia, que cheguemos a lograr o que tanto vos cuſta. Miſericordia, meu bom Jeſus, miſericordia neſta vida, & Gloria na outra: *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*

TAR-

# TARDES DOS TARDES,

Prégadas no Convento de Noſſa Senhora da Divina Providencia no Anno de 1678.

I. TARDE:
*Tarde ſe cumprem as promeſſas.*
II. TARDE:
*Tarde ſe pagaõ as dividas.*
III. TARDE:
*Tarde ſe fazem os teſtamentos.*
IV. TARDE:
*Tarde ſe ſatisfazem os legados dos defuntos.*
V. TARDE:
*Tarde ſe faz penitencia dos peccados.*

## PRIMEIRA TARDE:

*Contra os que tardaõ em cumprir as promeſſas.*

---

*Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Eccleſiaſt. 5. v. 8.

248. NAõ tarda, quem chega; mas muitas vezes naõ chega, quem muito tarda; porque o tardar pôde ſer eſtorvo de grandes emprezas, & occaſiaõ de grandes ruinas. Eſta conſideraçaõ me obriga, a que havendo de prégar as Tardes, prégue no meſmo tempo contra os Tardes. Prégarei

as

as Tardes da Quareſma, & juntamente prégarei contra os Tardes da reſoluçaõ humana. E iſto he propriamente prégar Tardes. Tenho reparado, que ha ſinco couſas no Mundo, que ſempre tarde ſe executaõ: Tarde ſe cumprem as promeſſas: Tarde ſe pagaõ as dividas: Tarde ſe fazem os teſtamentos: Tarde ſe ſatisfazem os legados dos defuntos: E tarde ſe faz penitencia dos peccados. Eſtes ſaõ os aſſumptos das ſinco Tardes deſta Quareſma. E acho, que eſtaõ implicitamente comprehendidos nas palavras do meu Thema: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Naõ queiras tardar em te entregar a Deus (diz o Eccleſiaſtico) & naõ dilates de dia em dia, a tua converſaõ. Sinco podem ſer os ſinaes da converſaõ do peccador: o cumprimento das promeſſas, com que acredita a ſua verdade: a ſatisfaçaõ das dividas, com que exercita a virtude da juſtiça: a prevençaõ do teſtamento, com que ſe apparelha para a morte: a execuçaõ dos legados, com que manifeſta a ſua piedade: & a penitencia dos peccados, com que ſe reſtitue à Graça. Mas que vagaroſos ſaõ os homens em ſatisfazer a eſtas taõ preciſas obrigaçoens: & em primeiro lugar, que tarde ſe reſolvem em cumprir ſuas promeſſas, como veremos neſta primeira Tarde.

249. Sendo os homens naturalmente amigos da cortezania, & da communicaçaõ, ſaõ ſuas promeſſas, como as arvores bravas, & as plantas ſilveſtres, que naõ frutificaõ, ſenaõ depois de muito tempo, & os frutos, que dellas naſcem, de ordinario naõ chegaõ a huma perfeita madureza: *Silveſtria omnia tardiora, quædam ex eis omninò non matureſcunt.* Huma bella promeſſa, he como a bella Rachel; bella ſim, mas eſteril; formoſa, mas infecunda. E de que ſerve no firmamento de Republica a belleza de huma eſtrella, ſem a virtude da influencia? Aos homens, que *Plin. lib. 16. cap. 27.*

naõ

naõ fazem, o que prometem, chama Salamaõ, nuvens ſem agua, & ventos ſem chuva: *Nubes, & ventus, & pluviæ non ſequentes, vir glorioſus, & promiſſa non complens.* Nos ardores do Eſtio, quando os prados eſtaõ ſequioſos, & os campos aduſtos, vereis tal vez toldarſe o Ar com nuvens, & já parece ſe alegra a terra dezejoſa de recolher as lagrimas do Ceo, para as reſtituir convertidas em flores: quando de improviſo ſe levanta hum vento, que eſpalhando as nuvens, diſſipa as eſperanças do Agricultor, & alegrando aos Ares, entriſtece os coraçoens. Que neſciamente ſe fiou a terra daquellas nuvens paſſageiras, & que inutilmente ſe alvoroçáraõ as ſearas! Todo aquelle Theatro de aguas penſiles, ſe deſvaecéo em ar, & ſe reſolvéo em vento. Deſta calidade ſaõ as promeſſas dos homens, nuvens ſem agua, vẽtos ſem chuva, & trofeos do engano. E quem deu credito ás ſuas palavras, experimenta a verdade das ſuas falſidades: *Nubes, & ventus, & pluviæ non ſequentes, vir glorioſus, & promiſſa non complens.* Só ſe podem eſtimar as promeſſas, de quem, como Deus, acompanha as obras com as palavras: *Dixit, & facta ſunt.* Nos primeiros annos da infancia, naõ falla o homem: que parece quiz a natureza, que as palavras eſperaſſem pelas obras, & que ſe naõ ſoltaſſe a lingua em huma idade, em que as maõs eſtaõ prezas nas mantilhas. A maõ, & a voz, ſaõ os ſinaes de hum bem regulado relogio; porque a maõ aponta as horas, no meſmo inſtante que daõ, offerecendo aos olhos a demonſtraçaõ do ſom, que fere os ouvidos. Do meſmo modo, ſô pode prometer, quem como relogio conforma a maõ com a voz, acompanhando a evidencia das obras, com a conſonancia das palavras. Que facilmente quebraõ os homens eſta taõ preciſa correſpondencia, naõ reparando nos males, que occaſiona a detença, com que ſuſpen-

*Proverbior. cap. 25. verſ. 14.*

*Pſalm. 148. verſ. 7.*

ſuſpendem a execuçaõ das ſuas promeſſas. No Mundo elemental, pôde a detença ſer cauſa de notaveis deſconcertos. Se por alguns dias, o Sol ſe detivera nos Antipodas, ficáraõ todas as criaturas deſte Emisferio, ſem luz, ſem calor, & ſem alento. Se por alguns mezes detiveraõ os Rios ſuas correntes, o mar ſe começára a ſecar por falta de aguas, & a terra ſe convertéra em mar com eſpantoſas inundaçoens. E ſe a terra detivera no ſeu gremio as ſementes, impedindo que a ſeu tempo brotaſſem para alimento dos homens; com os apertos de huma careſtia, & de huma fome univerſal, laſtimoſamente perecéra o Mundo. Semelhantes ruinas a eſtas, occaſiona no Mundo moral, a ſuſpenſaõ das promeſſas. Porque como veremos nas tres partes do Sermaõ, deſta criminoſa tardança ſe originaõ tres pernicioſas transformaçoens. Primeiramente, a liberdade ſe converte em cativeiro: em ſegundo lugar, o amor ſe troca em odio: & finalmente, a miſericordia ſe muda em vingança. Vamos ponderando os funeſtos effeitos deſta tardança, & naõ tardemos em pedir os auxilios da Graça. *Ave Maria.*

## I. PARTE.

250. Primeiramente, a ſuſpenſaõ das promeſſas converte a liberdade em cativeiro, porque em quanto naõ ſe executa o que ſe prometéo, a palavra, que por ſua natureza he livre, fica empenhada, & cativa. Para ſe conhecer a ignominia deſte dilatado cativeiro, he preciſo conſiderar as excellencias da palavra. A palavra, he a imagem da razaõ, o oraculo dos penſamentos, o interprete d'Alma. E para as acçoens da vida humana, he a palavra taõ eſſencial, que aonde a Eſcritura diz, que o homem na ſua criaçaõ teve Alma com vida, affirma, q teve Alma com palavra: *Factus eſt homo in animam viventem.* Le outra verſaõ: *Factus*

*Geneſ. cap. 2. verſ. 7.*

*Factus eſt homo in animam loquentem.* Como ſe para a conſervaçaõ do homem, naõ fora menos preciſa a palavra, que a vida. A palavra, ainda que compoſta de Ar, tem mais força que o ferro, & o fogo. Porque huma palavra corta a Alma, que o ferro naõ offende: & huma palavra abraza os affectos, que o fogo material naõ penetra. Muitas vezes huma palavra foi cauſa de ſanguinolentas batalhas: & huma palavra foi capaz para compor as maiores diſcordias. Huma ſó palavra he ſufficiente para chamar a Deus, & afugentar o Demonio. E póde huma palavra abrir o Ceo, & fechar o Inferno. A palavra naõ he viſivel, & tudo manifeſta: nada peza, & a tudo dá pezo: acaba em hum inſtante, & póde grangear eternidades. E taõ ſingulares ſaõ os privilegios da palavra, que ſó ella póde ſer oradora de ſi meſma, porque ſó com palavras ſe publicaõ os encomios da palavra. Suppoſtas todas eſtas excellencias, digo, que huma palavra empenhada, he huma illuſtre eſcrava. E ſe os cativos, raras vezes ſaõ lembrados, de ordinario os homẽs naõ ſe lembraõ da ſua palavra encarcerada, & preza nos grilhoens de huma promeſſa. Nenhuma couſa mais facilmente eſquece, que huma palavra empenhada. Pede David a Deus, que ſe lembre da ſua palavra: *Memor eſto verbi tui ſervo tuo.* *Pſalm. 118. verſ. 49.* Que palavra, ou que promeſſa foi eſta, que Deus fizera a David, naõ quero agora averiguoar: ſó repáro na impropriedade do eſtilo, com que falla David com Deus: *Memor eſto verbi tui.* Lembraivos, Senhor, da voſſa palavra. Que dizeis, David? Por ventura póde haver eſquecimentos em Deus, em quem todas as couſas paſſadas, preſentes, poſſiveis, & futuras, eternamente ſe repreſentaõ? Antes de ſoltar a duvida, quero explicar com brevidade huma notavel Theologia de S. Gregorio Papa. Diz eſte Santo Pontifice, que Deus naõ ſe póde eſquecer, nem

ſe

Gregor. in Job. 17. moralium cap. 2.

se pôde lembrar: *Deus, qui obliviſci non poteſt, quomodo recordari poteſt?* A lembrança he propria dos em que pôde haver eſquecimento: & por eſta razaõ, os homens ſaõ os que ſe lembraõ, porque ſe eſquecem. Mas theologicamente fallando, Deus naõ ſe lembra, porque nunca ſe eſquecéo. Deſde que Deus he, nenhuma couſa veio à memoria Divina, porque nenhuma couſa ſahio da Divina memoria. E eſta he huma das maiores excellencias de Deus, naõ ſe lembrar, & naõ ſe eſquecer: porque o lembrarſe fora remedio para o eſquecimento, & o eſquecerſe fora afronta do ſeu ſaber. Logo porque razaõ diz David a Deus, que ſe lembre: *Memor eſto.* Oh! diz David a Deus que ſe lembre da ſua palavra: *Memor eſto verbi tui:* porque naõ ha couſa que mais facilmente eſqueça, que a palavra, que ſe empenha. Falla David ao modo humano, como reparou Santo Aguſtinho: *Dicuntur iſta, locutione morali, quâ humanus movetur affectus.* E conſiderando David que facilmente os homens ſe eſquecem da ſua palavra, entendéo que ſe por impoſſivel, Deus ſe pudera eſquecer, tambem eſtaria ſugeito a eſte genero de eſquecimento. Taõ raro, & taõ difficultoſo he o reſgate de huma palavra empenhada.

Auguſtin. in Pſalm. 32. v. 11.

251. Acho, que por duas razoens, os homens naõ deſempenhaõ ſua palavra: a primeira, porque ſaõ faceis em prometer: & a ſegunda, porque na proſpera fortuna, ſe eſquecem, do que prometéraõ na adverſa. Foi Salamaõ o mais ſabio dos Reys: mas a facilidade com que prometéo, & a infidelidade com que faltou à ſua promeſſa, deſmentíraõ a gloria da ſua ſabedoria. Por morte de David, eſtava Salamaõ de poſſe do Reyno de Iſrael, & pedindolhe ſua mãy Berſabé huma graça, lhe reſpondéo Salamaõ com obediencia de filho, & grandeza de Rey: que eſtava pronto para lhe conceder, tudo o que lhe pediſſe: *Pete, mater mea,*

3. Reg. cap. 2. v. 20. *mea, neque enim fas eſt, ut avertam faciem tuam.* Quem naõ eſperára grandes merces de huma taõ grande promeſſa? Mas taõ contrario foi o ſucceſſo à eſperança, que pedindo Berſabé a Salamaõ, que déſſe a ſeu irmaõ Adonías a formoſa Abiſag por eſpoſa, ſe arrependéo Salamaõ da promeſſa: & movido de huma furioſa impaciencia, ordenou que no meſmo dia ſe mataſſe o pretendente, perſuadindolhe ſua ambicioſa deſconfiança, que com eſte deſpoſorio queria Adonías uſurpar o Reyno: *Vivit Dominus, & quia hodie occidetur Adonias.* Notavel inconſtancia! Naõ ſò nega Salamaõ à propria mãy a merce, que lhe prometéo, mas determina tirar a vida ao meſmo ſugeito, por quem ella intercedia, & em lugar de conceder hum piqueno beneficio, executa o mayor caſtigo: *Hodie occidetur Adonias.* A eſtas criminoſas variedades eſtaõ ſugeitos, os que empenhaõ a palavra, ſem primeiro examinar a qualidade do empenho: naõ cumprem as promeſſas, porque naõ prevem as conſequencias: & quando a facilidade das promeſſas, naõ dá lugar para ſe conſiderar a difficuldade da execuçaõ, até hum Salamaõ ſe engana. A ſegunda cauſa da falta, ou dilaçaõ das promeſſas, he a exaltaçaõ da fortuna. As promeſſas, que com as ancias da adverſidade ſe concebem, com as lizonjas da proſperidade expiraõ. E quem nas tormentas da deſgraça prometéo ao amigo grandes aſſiſtencias, nas delicias da bonança, ſe eſquece do amigo, & da amizade. O copeiro de Faraõ, que eſtava com Joſeph no carcere, prometéo que ſolicitaria a liberdade de Joſeph, ſe chegaſſe a recuperar a graça de ſeu Principe. Mas que ſuccedéo? Sahio o copeiro da prizaõ, & juntamente lhe ſahio Joſeph da memoria: o copeiro eſtava derramando rios de precioſas bebidas, & ficava Joſeph deſemparado no rio do eſquecimento: apagava o copeiro a ſede

3. Reg. 2. v. 25.

*Succedentibus proſperis, præpoſitus pincernarum oblitus eſt interpretis ſui. Alap. in Geneſ. 40.*

de

de Faraô, & deixava a Joseph sequioso da sua liberdade: quando finalmente lembrado da falta da sua lembrança, confessou com sentimento a ignominia do seu descuido: *Tunc demum* Genes. cap. 41. vers. 9. *reminiscens magister pincernarum, ait, confiteor peccatum meum.* Que naõ ha descuido mais ignominioso, do que no tempo da prosperidade faltar ás promessas, que se fizeraõ no tempo da desgraça: como tambem naõ ha acçaõ mais gloriosa, do que no auge das maiores felicidades, executar o que se prometéo no meio dos maiores apertos.

252. Prova desta verdade sejaõ estas palavras de Ephes. 4. v. 7. S. Paulo: *Ascendens Christus in altum, captivam duxit captivitatem, dedit dona hominibus.* Considerando S. Paulo a liberalidade, que Christo Senhor Nosso depois de subir ao Ceo, usou com os homens, chama aos beneficios, que lhe fez, dadivas por antonomasia, sem declarar que especie de dadivas, saõ: *Dedit dona hominibus.* Bem sei, que por estas dadivas se entendem os dons do Espirito Santo, communicados aos Apostolos depois da glorioſa Ascençaõ do Senhor. Mas pergunto. Entre tantos beneficios, que Deus fez aos homens, como a Encarnaçaõ do Verbo, a instituiçaõ do Sacramento, & a Morte, & Paixaõ do Senhor, porque razaõ deu S. Paulo esta excellencia aos dons do Espirito Santo? Respondo. Teve este beneficio huma notavel singularidade, porque Christo o prometéo quando era passivel, & mortal, & o concedéo depois immortal, & glorioso. Quando estava o Senhor nesta vida corruptivel, sugeito aos trabalhos dos homens, & companheiro das suas miserias, prometéo que lhe mandaria o Espirito Santo: *Si autem abiero, mittam eũ ad vos.* Joan. cap. 16. v. 7. Subio depois o Senhor ao Ceo, & entre os triumfos da gloria, naõ se esqueceo da sua palavra: executou quando victorioso, o que prometéra quando abatido. E o logro das venturas naõ pode alterar a fidelidade das suas promessas. Admiravelmente Ennodio

Ennod. in Panegyric. ao meu intento: *Aſcendens Chriſtus in altum, dedit dona hominibus, nec promiſſio venerabilis claudicavit inter proſpera.* Oh quantas vezes ſe naõ cumprem as promeſſas, porque ſe melhoráraõ as fortunas! As bonanças da ſorte, ſaõ os naufragios da fidelidade. E no jardim do Mundo, ſaõ as promeſſas, como aquellas flores, que nas trevas da noite ſe abrem lizongeiras, & ao apontar do Sol ſe fechaõ eſquivas. Taõ proprio he da adverſidade, enſinar piedades, & da proſperidade, inculcar tiranias. Mas tornemos à metafora do cativeiro, a que os homens condenaõ ſua palavra, quando a empenhaõ, & vejamos que glorioſa he a liberdade da palavra reſgatada da eſcravidaõ de huma promeſſa. O primeiro encomio, que os homens deraõ a Deus humanado, qual imaginais que foi? O primeiro encomio de Deus homem, foi o haver deſempenhado ſua palavra. Naſcéo o Senhor no Preſepio, & de todos os homens, que naquelle tempo viviaõ no Mundo, foraõ os Paſtores de Judéa, os primeiros Oradores, que celebráraõ as glorias do Divino Infante: *Tranſeamus uſque Bethlehem, & videamus hoc verbum, quod factum eſt.* Luca cap. 2. v. 15. Paſſemos a Belem, dizem os Paſtores, & vejamos a palavra, que ſe cumprio. Que miſterioſo me parece o eſtilo deſta ruſtica eloquencia! Aos Paſtores, ainda que criados nas aſperezas dos boſques, naõ lhes faltavaõ metaforas montanheſas, com q̃ applaudir ao Verbo Encarnado. Podiaõ eſtes pios camponezes dizer: Vamos ver o Divino Cordeiro, o Paſtor das Almas, a Flor do Campo, o Lirio dos Valles, a Eſtrella de Jacob, & o Sol da Graça, na Aurora do ſeu Naſcimento. Mas deixados eſtes, & outros ſemelhantes encomios, chamaõ os Paſtores a Deus humanado, Palavra: *Videamus hoc verbum.* Verdade he, que Chriſto emquanto Filho de Deus, he a Palavra do Eterno Pay: mas ſe as palavras humanas naõ ſaõ viſiveis, muito menos ſe póde ver eſta Palavra.

vra Divina. Logo com que razaõ dizem os Paſtores, que vaõ ver a palavra? *Videamus hoc verbum.* Santo Ambroſio: *Cum caro videtur, verbum videtur.* A palavra naõ ſe pôde ver, mas podeſe ver o effeito da palavra: & o Verbo Encarnado he effeito da palavra, que havia dado de encarnar. Muitos annos antes prometéra Deus por boca dos Profetas, que havia de naſcer viſivelmente ao Mundo: & chegada a hohora deſte ſuſpirado Naſcimento, naõ permitio o Senhor que os homens lhe deſſem o Titulo de Rey dos Anjos, de Monarca do Mundo, & Arbitro da natureza; mas ſô quiz que lhe chamaſſem, promeſſa cumprida, & palavra executada: *Videamus hoc verbum, quod factum eſt.* Porque ſuppoſta a palavra, que Deus havia dado de naſcer, naõ havia para Deus maior gloria, que a evidencia de haver cumprido ſua palavra. E andou Deus taõ pontual neſte deſempenho, que ſendo a Encarnaçaõ huma eſpecie de cativeiro, a que Deus ſe ſugeitou, ſe pôde em certo modo dizer, que na Encarnaçaõ chegou Deus Pay a cativar ſua eterna palavra, que he o Verbo, para remir ſua palavra temporal, que era a promeſſa: & aſſim ſollicitou Deus no meſmo tempo duas glorioſas redempçoẽs, a redempçaõ do Mundo, & a redempçaõ da ſua palavra: a redempçaõ do Mundo para triumfo da ſua miſericordia; & a redempçaõ da ſua palavra, para recuperar aquella liberdade, que, ao noſſo modo de fallar, eſtava empenhada pela antiga promeſſa do ſeu Naſcimento. Imitem os homens a Deus na fiel execuçaõ das ſuas promeſſas: conſiderando que a palavra, que ſe deſempenha, he huma eſcrava que ſe liberta: & que naõ podem lograr huma perfeita liberdade, em quanto vivem com a palavra empenhada. Temos viſto, como dilatar a execuçaõ das promeſſas troca a liberdade em cativeiro, vejamos agora

*Ambroſ. in Gloſ.*

como esta mesma dilaçaõ, converte o amor em odio. E este o Assumpto desta segunda parte.

## II. PARTE.

253. Dous generos de inimigos, temos no Mundo, huns que o saõ por sua má natureza, & outros que o saõ por nossa culpa. Aquelles nascem, estes se fazem. Que ao homem naçaõ inimigos, he desgraça: mas que o homem se faça inimigos, he locura. E a maior das locuras, he dar occasiaõ ao amigo, a que se faça inimigo. Dáse pois occasiaõ a que o amor, se converta em odio, quando se naõ executa o que se prometéo. *Inanis promissio*, diz S. Pedro Chrysologo, *Chrysolog. in Epist.* *sæpe de amicis sibi comparat inimicos.* A suspensaõ da promessa, he homicida da amizade: por isso se vem tantas amizades mal correspondidas; porque ha tanta dilaçaõ no cumprimento das promessas. È aceitar com agrado huma merce depois de molestas dilaçoens concedida, he huma acçaõ taõ extraordinaria, que parece milagrosa. Celebra S. Zeno, como milagre, a alegria de Abrahaõ, & Sara no nascimento de Isaac. Era Sara de noventa annos, & Abrahaõ ainda mais velho que Sara, quando finalmente lhe nascéo o filho, que Deus lhe prometéra: *Visitavit Dominus Sa-* *Genes. 21. vers. 1.* *ram, sicut promiserat.* Chamou Abrahaõ ao recemnascido, Isaac. Na lingua Hebraica, Isaac, significa riso: & com este festival apellido significou Abrahaõ a sua excessiva alegria. Admirado S. Zeno da alegria, que Abrahaõ mostrou nesta occasiaõ, rompe nestas enfaticas palavras: *Ecce* *Zeno Serm. 1. de Abraham.* *prima devotio, libenter excipere, quod serò datur.* Querem dizer. Esta he a primeira vez, que no Mundo se vio festejar hum beneficio serodio. Nascéo Isaac na decrepita idade de seus pays, & supposto que dezejavaõ de se ver com successaõ, estavaõ taõ cançadas suas esperanças, que parece lhe naõ podia agradar este

eſte fruto do ſeu amor. Porèm a ſuſpenſaõ da merce, naõ deſſaboreou a alegria. E eſte, diz S. Zeno, he o primeiro exemplo da grata eſtimaçaõ de hum favor alcançado depois dos tormentos de huma dilatada eſperança: *Ecce prima devotio, libenter excipere quod ſerò datur.* Verdade he, que naõ podia Abrahaõ duvidar da certeza das promeſſas divinas: & he certo que as merces de Deus ſe podem eſperar com paciencia, porque ainda que tardem, naõ faltaõ: ao contrario das merces dos homens, a que a menor detença faz duvidoſas. E aonde ha duvidas do ſucceſſo, naõ pôde deixar de haver impaciencias para a execuçaõ. O ſentimento pois que ſe toma da falta de huma promeſſa, he taõ racionavel, & taõ natural, que ſe por impoſſivel, faltára Deus à ſua palavra, permitíra o meſmo Deus, que os homens ſe armaſſem contra elle, como juſtamente aggravados deſta falta.

254. Prometéo Deus a Noé, & juntamente a toda a ſua poſteridade, que naõ haveria mais diluvios no Mundo, & no meſmo tempo deu ao Arco celeſte para ſeguro da ſua promeſſa: *Arcum meum ponam in nubibus, & erit ſignum fœderis inter me, & inter terram.* Mas ſe quiz Deus dar hum ſeguro do que prometia, porque razaõ ſe valeo de hum arco, que na diverſidade das cores, he o ſymbolo da variedade, & da inconſtancia? Eſta pergunta he do diſcreto Monteladenſe, tambem ſerá ſua a repoſta, porque he muy conforme com o noſſo intento. O Arco Celeſte (ſe bem advertirdes) tem as pontas viradas para a terra, & encurvandoſe na ſuperficie das nuvens, parece ameaça ſetas ao Ceo. Com eſte Arco pois, parece, quiz Deus ſignificar, que ſe contentava que os homens lhe atiraſſem ſettas, & lhe moveſſem guerra, em caſo que os enganaſſe com ſua promeſſa. Que he taõ natural o dezejo da vingança originado de huma promeſſa enganoſa, *Geneſ. cap. 9. verſ. 13.*

nosa, que se fora preciso, & se fora possivel, quizera o mesmo Deus, que os homens obrigassem com violencia a que cumprisse sua palavra: *Arcum meum ponam in nubibus. Bellicum Cœlestis Arcus instrumentum ut in terris ponit, eâ figurâ opportunè dispositum, ut tela, & sagittas, adversus Cœlum vibret, si forsan (quod absit) Cœlum promissis non stetisset.* Eis ahi como o amor se houvera de converter em odio até para com o mesmo Deus, se por impossivel pudera Deus enganar os homens com falsas promessas. Mas tambem lança Deus da sua graça, aos que lhe faltaõ com sua palavra: & huma lingua lizongeira, fecunda sô de promessas infructuosas, sempre foi objecto dos castigos do Ceo. *Desolabit Dominus linguam maris Ægypti.* Diz Deus, por Isaias, que castigará a lingua do mar do Egypto. As linguas do mar, conforme ensinaõ os Cosmografos, saõ aquellas ultimas aguas mais chegadas à terra, que como linguas do grande corpo do Oceano, se estendem pelas prayas, & lambem as areas. Mas porque razaõ quer Deus castigar as linguas do mar, antes que o mesmo mar, temerario authior dos maiores desconcertos da natureza? Castigue-se o mar, taõ orgulhoso nas ondas, taõ furioso nas tormentas, & taõ cruel nos naufragios. Seja castigado o mar, que com profundas voragens fórma fluctuantes sepulcros, com que inquieta até os mortos, tirandolhe com perpetuas agitaçoens o descanço da sepultura. Finalmente sejaõ todos os castigos para o mar, que amontoa as aguas, & poem montes sobre montes, renovando as guerras dos gigantes, com apparente presumpçaõ de poder dar cuidados ao Ceo. Mas perdoa Deus ao mar, & sô executa seus rigores contra as linguas do mar. Porque? Porque estas linguas aduladoras prometem, & naõ daõ. As linguas do mar continuamente estaõ lambendo as prayas, sem que

*In Tobiam pag. 441. col. 2.*

*Isa. 12. 13.*

lhe

lhe dem dos thesouros, que o mar encerra. Que de riquezas recolhéraõ os mares de tantas naos, que nos seus abysmos se perdéraõ? Parece pois que as linguas do mar com brandos movimentos estaõ prometendo ás prayas grandes riquezas, mas sempre ficaõ pobres as prayas, & as riquezas guardadas no profundo dos mares. Quantas linguas ha na terra, semelhantes ás linguas do mar, correntes no prometer, & perfidas no executar. Seja logo tratada com rigor, & de todos aborrecida huma lingua despertadora de enganosas esperanças: *Desolabit Dominus linguam maris.*

255. De todos os insectos da natureza, o mais inutil, & na minha opiniaõ o mais aborrecivel, he a cigarra; porque todo o dia canta, & naõ obra nada, proveitosa a ninguem, & a todos importuna. Pelo contrario, que digna de admiraçaõ he a abelha, que com industrioso silencio, obra o mel, & a cera; & he naturalmente taõ amiga de obrar, que sobre camas de flores naõ descança; sempre quieta, & sempre occupada, & quanto menos estrondosa, mais effectiva. Este he o modo de grangear, & conservar amizades, fallar pouco, & obrar muito, dissimular apparencias, & ostentar realidades: que nenhuma cousa mais acende o fogo da indignaçaõ, que palavras de vento, & promessas de fumo. Do Emperador Alexandre Severo, escrevem as historias Romanas, que condenára à morte o seu mayor valído, porque com falsas promessas enganava os vassallos. E o genero da morte foi, que o afogassem com fumo: dando a entender, que o castigo era semelhante ao delito, acabando com fumo a vida, aquelle que com fumo enganava a Republica: *Fumo pereat, qui fumum vendidit.* Para remate do segundo discurso, advirto, que a fidelidade das promessas, naõ só se ha de guardar aos amigos, mas tambem aos inimigos. Porque como ensi-

naõ

naõ os Juriſconſultos, toda a peſſoa, a que ſe faz huma promeſſa, tem direito natural ſobre o que ſe lhe promete : & naõ ſe pôde negar ao inimigo o direito natural ſem injuſtiça : *Ex quacumque promiſſione fit obligatio juris naturalis.* Além de que o triumpho da verdade ſempre ſe ha de preferir à ſatisfaçaõ da vingança : & a fidelidade de huma promeſſa he mais glorioſa, que a deſtruiçaõ do maior inimigo. Tratavaõ os Gabaonitas de ſe confederar com Joſué, & o enganáraõ, dandolhe a entender, que de terras muy remotas vinham buſcar o amparo do ſeu poder, & o patrocinio da ſua amizade. Fez Joſué liança com eſtes fingidos amigos, & com heroica ſingileza lhes prometéo ſua protecçam : *Inito fœdere pollicitus eſt, quod non occiderentur.* Porèm dahi a pouco tempo, conhecéo Joſué o engano, & ſabendo varios Reys, que os Gabaonitas haviaõ paſſado ao campo de Joſué, ſe ajuntaraõ para preſentar batalha a eſtes rebeldes fugitivos : mas Joſué ainda que eſcandalizado do engano dos Gabaonitas, tomou as armas em ſua defenſa, & pelejou com taõ grande eſforço, que alcançou a vitoria. Prodigioſo exemplo de huma inviolavel fidelidade ! Tinha Joſué razoens para ſolicitar a deſtruiçaõ deſtes falſarios, que o haviaõ enganado ; mas entendéo, que eſtava mais obrigado a atender à execuçaõ da promeſſa, que ao deſaggravo da offenſa : perſuadindoſe, que naõ podia ſer glorioſa a vingança, em que perigava o credito da ſua palavra. Huma façanha pois tam ſingular merecéo os aſſombros do Ceo. Fixou o Sol as rodas do luminoſo carro, fizeraõ pauza os Orbes, & quiz Deus, que o Ceo ſuſpendeſſe os ſeus luminares, naõ ſô para acreſcentar as horas do dia, mas tambem para coroar a fidelidade de hum varaõ, que ſoube guardar ſua palavra, até a os ſeus proprios inimigos : *Joſue fidem Gabaonitis, etiam*

2. 2. quæſt. 88. à 3. ad 1.

Joſue cap. 9. v. 15.

Digest. Sapient tom. 1. p. 568. c. 1. D.

*etiam ipsum decipientibus, servavit: quod Deus sic sibi esse gratum ostendit, ut Solem cohibuerit, ne citò occumberet.* Se naquelle tempo parou o Sol admirado da pontual satisfaçaõ de hũa promessa, quantas vezes houvera o Sol de parar nesta Era assombrado da annullaçaõ, ou da tardança de tantas promessas enganosas, com que a liberdade da palavra se troca em cativeiro, como temos visto na primeira parte: & a benevolencia se converte em odio, como acabamos de ver na segunda: & finalmente a Misericordia Divina se muda em vingança, como veremos neste terceiro discurso: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

## III. PARTE.

256. Duas promessas fazemos a Deus, em dous differentes Sacramentos; no Sacramento do Bautismo, & no Sacramento da Confissaõ. No Sacramento do Bautismo prometemos de guardar a Ley de Christo: & no Sacramento da Confissaõ, prometemos de nos emendar das culpas, de que nos accusamos. Contra a obrigaçaõ da promessa feita no Sacramento do Bautismo, puderamos allegar a falta do conhecimento, & da idade, que nos fazia incapazes de prometer, & por consequencia izentos de guardar a promessa. O que deu motivo a alguns hereges para affirmarem, que o Sacramento do Bautismo, naõ se houvera de dar, senaõ aos que já tem uso de razaõ, esperando a Igreja pela capacidade do bautizado. Mas foi esta opiniaõ condenada pelo Concilio Tridentino. E porque me falta tempo para ponderar as obrigaçoẽs desta promessa, só tratarei da sacrilega infidelidade, com que continuamente faltamos ás promessas, que fazemos a Deus no Sacramento da Confissaõ. Para nos livrarmos da obrigaçaõ das promessas, que fazemos a Deus na Confissaõ Sacramental, naõ podemos com

Concil. Trident. sess. 7. can. 13. de Baptism.

com juſtiça allegar, faltas de conhecimento, faltas de liberdade, nem faltas de ſufficiencia. Naõ podemos allegar faltas de conhecimento, porque temos uſo de razaõ; nem faltas de liberdade, porque a promeſſa he voluntaria; nem faltas de ſufficiencia, porque a Graça ſufficiente nunca falta: mas antes prometemos de nos emendar, porque temos conhecimento, liberdade, & ſufficiencia: conhecimento do peccado, liberdade para a reſoluçaõ, & ſufficiencia para a execuçaõ. Porèm de ordinario, taõ vagaroſa he a noſſa emenda, que em lugar de alcançar de Deus miſericordia para o perdaõ, provocamos a Divina Juſtiça para o caſtigo. E eſta he a advertencia, que nos faz o Eccleſiaſtico com as palavras, que immediatamente ſe ſeguem ás palavras do meu thema: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem; ſubitò enim veniet ira illius.* Notai com attençaõ, aquelle *Tardes*, & aquelle *Subitò*.

*Eccleſiaſtic. 5. v. 8.*

Tardanças ha, que apreſſaõ, & ha dilaçoens, que aceleraõ. Os vagares dos homens ſaõ cauſa das preſſas de Deus. Quando retardamos a converſaõ, apreſſa Deus a juſtiça: & quando dilatamos o cumprimento das noſſas promeſſas, Deus acelera a execuçaõ das ſuas vinganças. Muitas razoens tem Deus para caſtigar com rigor eſta impia detença. E huma dellas he, que nenhuma couſa he mais oppoſta ás palavras, & ás obras de Deus, do que os intervallos de tempo, com que os homens apartaõ as obras das palavras. Na Eſſencia Divina, huma couſa meſma he o fallar, que o obrar. Falla o Eterno Pay deſde a Eternidade, & deſde a Eternidade gera o Verbo, com taõ grande uniaõ da obra com a palavra, que eſta meſma palavra, he hum Deus author de todas as obras do Mundo. Tambem nas acçoens *ad extra*, o dizer de Deus, he fazer, & as ſuas palavras ſaõ obras, & mais que obras. Porque ha obras de Deus, que algum

algum dia acabaráõ, mas ſempre permaneceráõ as ſuas palavras: *Cœlum, & terra tranſibunt; verba autem mea non præteribunt.* No fim do Mundo, o Ceo, & a terra, aindaque obras de Deus, ſe mudaráõ (ſe a mudança ſerá eſſencial, ou accidental, naõ o ſei) ſô ſei, que naõ haverá mudança nas palavras de Deus. E dá o Lyrano a razaõ. A palavra de Deus he mais firme que o Mundo, porque Deus fez ao Mundo com ſua palavra: & para Deus moſtrar, que as ſuas palavras ſaõ mais que obras, pereceráõ as obras, & permaneceráõ as palavras: *Cœlum, & terra tranſibunt; verba autem mea non præteribunt.* O Lyrano: *Per Verbum enim Dei factus eſt Mundus, & ideo Verbum ejus eſt Mundo ſolidius.*

*Matth. cap. 24. verſ. 35.*

257. Oh palavras! Oh promeſſas humanas! Que oppoſtas ſois à permanencia, & efficacia das palavras, & promeſſas divinas! Mas prometer, & naõ cumprir a hum Deus, que taõ pontualmente cumpre o que promete, que outra couſa he, que provocar a ſua juſtiça, & acelerar os rayos da ſua vingança: *Ne differas de die in diem; ſubitò enim veniet ira illius.* Em huma ſô occaſiaõ moſtraõ os homens a pontualidade da ſua palavra. E he quando das promeſſas, que fizeraõ, ſe podem ſeguir danos do proximo, & offenſas de Deus. Nunca houve dilaçoens para a execuçaõ de promeſſas peccaminoſas. Prometéo Herodes de mandar degolar ao Bautiſta, & primeiro que ſe levantaſſe da meſa, em que fizera a promeſſa, lhe trouxeraõ em hum prato a cabeça do Bautiſta, ſanguinolenta ſobremeſa de huma inſaciavel crueldade. Prometeráõ os Fariſéos a Judas certa contía de dinheiro, porque lhe entregaſſe ao Senhor: *Promiſerunt ei pecuniam ſe daturos.* E andáraõ os Fariſéos taõ pontuaes, que naõ ſe acha no Evangelho, que houveſſe miſter ſolicitar a cobrança, nem fazer a menor diligencia para a paga. Do meſmo modo que louca-

*Marci cap. 14. verſ. 11.*

loucamente primoroſo anda o peccador em executar, o que prometéo com eſperança de alcançar os ſeus danados intentos. Com que pontualidade paga o ambicioſo, o que prometéo para conſeguir aquella dignidade! E com que promptidaõ entrega o laſcivo, o que prometéo para ſatisfaçaõ daquelle appetite! Oh lealdade ſacrilega, que affecta primores, para facilitar delitos! Oh impia fidelidade, que ſolicita deſempenhos, para aſſegurar exceſſos! Que diverſamente obra Deus com os homens! Tudo o que Deus promete, ſaõ caſtigos, ou beneficios: com eſta differença, que talvez ſuſpende os caſtigos, mas naõ dilata os beneficios. Quantas vezes diſſe Deus a Moyſes, que havia de deſtruir ao Povo de Iſrael, & quantas vezes moſtrou de ſe eſquecer da ſua palavra, buſcando deſvios à execuçaõ da juſtiça, para dar entrada ás interceſſoens da miſericordia. Pelo contrario, que ſolicito ſe moſtrou Deus em cumprir as promeſſas, de que podia reſultar algum bem ao Mundo! A promeſſa, de que o Mundo podia eſperar mayores venturas, foi a da Redempçaõ do genero humano. E porque o cumprimento deſta promeſſa, dependia da Morte, & Paixaõ do Senhor, parecéo o Senhor taõ dezejoſo de morrer, que quaſi morreo deſte dezejo.

258. Na Oraçaõ do Horto, que he o Paſſo, que hoje celebra a noſſa devoçaõ, temos a prova deſta verdade. No Horto Gethſemani, Chriſto Senhor Noſſo ſuou ſangue. Dizem os Filoſofos, que no ſangue eſtá a vida do homem. Suppoſto iſto, quanto lhe corria ao Senhor de ſangue, tanto ſe lhe diminuia de vida. *Sanguis decurrens in terram*, diz a eſte propoſito Simaõ Caſſiano, *ſignum erat profuſionis animæ Chriſti, in ſanguine enim dicitur eſſe vita.* Mas que razaõ tem o Senhor para procurar com eſtas correntes de ſangue, alentos à morte & deſmayos à vida? *Simon Caſſian in Evangelia.*

à vida? Dá o mesmo Doutor a razão: *Sudat Christus, quia mors ventura erat in crastinum.* Considerou o Senhor, que no dia seguinte se havia de executar com a sentença da sua morte, a promessa da nossa Redempção, & para acelerar a execução desta promessa, parece quiz apressar a morte com a anticipada effusaõ do seu sangue. Tambem esta foi huma das principaes causas da sua mortal tristeza. Porque, como advertio Santo Ambrosio, não se entristecéo o Senhor por medo da morte; mas a dilação da morte foi a causa da sua tristeza: *Sub tempore mortis, mœstitiam præ se ferebat, quam non ex metu mortis suæ, sed ex mora nostræ Redemptionis assumpserat.*

*Ambr. lib. 7. in Lucam cap. 22.*

259. Mas se Deus he tão effectivo em cumprir o que nos promete, porque razão nos mostramos nós taõ remissos em effeituar, o que prometemos a Deus. As promessas, que mais facilmente se quebrão, ou se dilatão, saõ as que de ordinario se fazem aos pés de hum Confessor. Senhor, diz o peccador na Confissaõ, oh, como hey de mudar, & emendar minha vida! Mas acabada a Confissaõ, a vida não se muda, & não se procura a emenda. Arrepende-se o peccador do seu proprio arrependimento, & com suas falsas promessas, engana ao Sacerdote, engana-se a si. E se fora possivel, tambem ao mesmo Deus enganára. Oh, que excessiva houvera de ser a vergonha de hum Christão convencido de tão ignominiosos enganos! Lembra-me de hum Principe da Grecia, que não se atrevia, a levantar os olhos para o amigo, a quem havia faltado com sua palavra. Se a falta de huma promessa pode causar huma tão grande vergonha a hum homem na presença de outro homem: Com que confiança poremos nós os olhos no retrato do nosso amantissimo Iesus, a que tantas vezes offendemos com a falsidade das nossas promessas? Ah meu Senhor, & meu Redemptor, a vossos sagrados pés nos lançamos, confiados, & confusos;

Mostra-se o Passo.

tuſos; mas racionavelmente confiados, & felicemente confuſos. Porque a confiança dà alentos ao affecto, & a confuſaõ dá moſtras do arrependimento. Atè agora muito foi o que prometemos, & nada o que cumprimos. Prometemos de amar-vos ſobre todas as couſas do Mundo. Mas ay, que ſò para vòs, não teve o noſſo coração finezas, nem a noſſa vontade rendimentos! Prometemos de guardar todos os Mandamentos da voſſa Divina Ley. E tão grande foi à noſſa infidelidade, que não ſei ſe ha mandamento, em que não tenhamos commetido algum peccado. Chriſtaõs, recorramos pela memoria todas as acçoẽs da vida paſſada, & conſiderando o eſtado preſente da noſſa conſciencia, vejamos, que fruto atè agora tiràmos de tantas Confiſſoens, & Communhoens, que fizemos, deſde que temos o uſo da razão. Quantas vezes tornàmos a cahir nas meſmas culpas, & quantas vezes deixámos de nos aproveitar da efficacia dos Sacramentos? Mas ſe continuarmos neſta cegueira, & neſta obſtinaçaõ, tanto ſe multiplicaráõ os peccados, que finalmente ſeráõ inevitaveis os caſtigos. Ah meu bom Ieſus! ſuſpendei os rigores da voſſa juſtiça, porque neſte dia vos prometemos de cumprir todas as noſſas promeſſas. Prometemos de vos amar, de vos ſervir, & de nunca mais vos offender, mediante a voſſa Graça, & a voſſa Divina Miſericordia. Miſericordia meu Deus, miſericordia meu Senhor, miſericordia neſta vida, & Gloria na outra. *Ad quam nos perducat, &c.*

# SEGVNDA TARDE

## CONTRA OS QVE TARDÃO em pagar as dividas.

*Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Eccleſiaſt. 5. v. 8.

260. NA primeira tarde, temos viſto a infidelidade dos que tardaõ em cumprir as promeſſas: neſta ſegunda tarde, veremos a injuſtiça dos que tardaõ em pagar ſuas dividas. Huma das couſas, que de ordinario mais ſe difficultaõ, he a reſtituição do que ſe deve. Ha homens no Mundo taõ tenazes do alheio, que ſe pòdem comparar cõ aquelle animal do Mundo novo, a que chamais, Preguiça do Braſil. Tem eſte animal duas defeituoſas propriedades, huma no andar, & outra no reſtituir. No andar he tão vagaroſo, que apenas chegará a fazer vinte quatro paſſos, no eſpaço de vinte quatro horas. E taõ grande repugnancia tem em reſtituir o que agarrou, que antes ſe lhe tirarà a vida, que a preza. Eſte he o jeroglyfico da tenacidade de alguns homens, que tendo muita acti-

vidade no pedir, no reſtituir ſaõ a meſma Preguiça. E ſe tal vez chegaõ a ſatisfazer huma divida, a ſatisfazem com taõ grande peſar, que lhe parece que pagaõ muito mais do que devem. Mandava a Ley antiga, que o ladraõ reſtituiſſe quatro por hum: *Quatuor oves pro una ove.* Parece demaſiado o rigor deſta Ley; porque para ſatisfaçaõ da juſtiça, baſta que a reſtituiçam ſeja igual ao roubo, ou à divida. Mas tem para ſi Sãto Thomás, que eſte rigor, he miſterio, ſignificandoſe neſte exceſſo de reſtituiçaõ, a mà võtade dos devedores. Porque o reſtituir o alheio, he taõ cuſtoſo, que a quem paga huma divida, lhe parece que reſtitue quatro vezes mais do que deve: *Pro una ove reddit oves quatuor. Per hoc enim oſtenditur ejus iniqua ſolvendi voluntas.* He opiniaõ dos Mathematicos, que naõ he bem fazer empreſtimos, quando o Planeta de Jupiter eſtà oppoſto a outro Planeta contrario. Porque dizem, que o que neſta oppoſiçaõ de Planetas ſe empreſta, nunca ſe reſtitue. Se fora verdadeira eſta obſervaçaõ aſtrologica, nunca ſe houvera de empreſtar nada, ſem primeiro cõſultar as Eſtrellas: & ſõ quem conhecéra os effeitos da revoluçaõ do Firmamẽto, ſe pudèra aſſegurar da retrogradaçaõ do ſeu dinheiro. Mas nenhumas noticias tem a Mathematica para ſe prevenir contra as incertezas de huma cobrança. E em ſemelhantes contingencias, o mais ſeguro pronoſtico, he affirmar, que ou tarde, ou nunca, ſe reſtituirá o que ſe empreſta.

*Exod. 22. v. 1.*

*Hermes in centiloquion. 31.* Cũ Iupiter fuerit ſub radijs, vel impeditus a malis, non eſt dandũ mutuum; nulla enim ſequetur reſtitutio.

261. Os homens, que de ordinario ſe endividaõ pàra luzirem, houveraõ de imitar as Eſtrellas. Todas as Eſtrellas ſe adornaõ com as luzes, que o Sol continuamente lhe empreſta. E ſaõ as Eſtrellas taõ pontuaes na reſtituiçaõ, que no meſmo tempo, que o Sol lhes communica ſeus reſplandores, os reverberaõ no meſmo Sol, & o coroaõ com a meſma luz, que delle recebéraõ. Luzir à cuſta alheia, atè às Eſtrellas ſe permite. Mas

naõ

naõ sereis estrella no luzimento, se logo nam restituirdes as luzes. O mais infiel dos elementos he o mar. Mas tem o mar huma notavel fidelidade no restituir. Que supposto que guarda no profundo dos seus abysmos, os thesouros que usurpou, restitue à terra o melhor thesouro da natureza, lançando às prayas os homens, que nas suas aguas se perdéraõ. Naõ assim a terra, que naõ restituirà os corpos dos defuntos, senaõ no fim do Mundo. Do mesmo modo, muitos ha, que se estiveraõ seguros de viver sempre, dilatariaõ a restituiçaõ atè o dia do Juizo. Mas porque tem termo no viver, esperaõ atè a hora da morte. E só se desempenhaõ das dividas particulares, quando se vem obrigados a pagar, o que todos geralmente devem à natureza. Aquelle pay de familias, de que falla Saõ Mattheus, naõ deu ordem que se pagassem as suas dividas, senam quando vio que jà era tarde: *Cum serò esset factum.* Dizem os Padres, que por este tarde, se significa a hora da morte: & que este pay de familias, he Deus. Mas se Deus, como infinitamente liberal, sempre se anticipa no dar, como pòde ser que puzesse dilaçoens no pagar? Advertio Saõ Ioaõ Chrysostòmo, que nesta parabola Evangelica, Deus se representa como homem: *Simile est Regnum cælorum homini patrifamilias.* E he taõ proprio dos homens pagar tarde, o que devem, que atè o mesmo Deus, quando toma a figura de homem, reserva a satisfaçaõ da divida, para a ultima hora da vida: *Tam inusitatum est enim apud homines, citò solvere, ut cum Deus sub personâ hominis solvere dicitur, dicatur solvere, Cum serò esset factum.* Sendo pois os homens taõ vagarosos no desempenho das suas dividas, determino despertar os seus descuidos, com tres estimulos: o estimulo da conveniencia: o estimulo da correspondencia: & o estimulo da consciencia. Estes saõ os tres assumptos do Sermaõ. Para os explicar com mayor clareza,

*Chrysostom. ibi. & Gregorius hom. 19. in Evangel.*

*Matth. cap. 20. vers. 1.*

*Celad. in Judith. pag. 76.*

reza, necessito dos Auxilios da Graça. *Ave Maria.*

## I. PARTE.

262. O primeiro estimulo para pagar cada hum o que deve, he a propria conveniencia de quem paga. Porque sou de opiniaõ, que na satisfaçaõ de huma divida, a parte mais interessada, he o mesmo devedor. Que infelice he a vida de hum homem endividado? Aquelle, de que o Evangelho faz mençaõ, foi entregue nas maõs dos verdugos, atè que fizesse restituiçaõ a poder de tormentos: *Tradidit eum tortoribus, quoadusque redderet universum debitum.* Matth. cap. 18. vers. 34. Neste tempo naõ procede a justiça com taõ grande rigor contra os devedores: porèm naõ se pòdem elles eximir dos tormentos, que dentro de sy mesmo experimẽtaõ; quãto mais intrinsecos, mais rigorosos. A justiça da natureza toma as vezes da justiça da Ley. Porque se a justiça da Ley naõ arma contra o devedor as maõs dos Algozes, a justiça da natureza cruelmente o castiga, com tres verdugos: a saber, o cuidado, o medo, & a desesperaçaõ: *Tradidit eum tortoribus.* O primeiro verdugo do devedor, he o cuidado, que lhe tira o descanço da noite, acrescenta os trabalhos do dia, & faz amargosos todos os gostos da vida. Porque atè naõ restituir, o que deve, nam se pòde restituir ao seu natural socego: *Tradidit eum tortoribus.* O segundo verdugo do devedor, he o medo. Maior susto, & pavor lhe causa hum ministro de justiça, que huma Furia do Inferno. Sempre foge dos acredores, & sempre està sonhando com elles: & sòmente quando se acha sô, lhe parece estar seguro: *Tradidit eum tortoribus.* O terceiro verdugo do devedor, que se acha impossibilitado para pagar, he a desesperaçaõ. Por falta de remedio, naõ tem seu mal remedio. Começa a poupar os gastos, quando nam tem mais que gastar. E porque toda a sua sustancia se resolvéo em ar,

ar, naõ tem com que pagar, mais que palavras: & ainda com ſer todo palavras, naõ tem palavra. Aſſim vive o infelice, dos ſeus proprios herdeiros aborrecido. Porque lhes naõ póde deixár outra couſa, que lagrimas, tumulo animado da ſua familia, & anticipado ſepulcro da ſua poſteridade: *Tradidit eum tortoribus, quoadusque redderet univerſum debitum.* Suppoſtas eſtas, & outras miſerias, inſeparaveis companheiras dos devedores: claro eſtà, que maior he a conveniencia do que paga, que a do que recebe: & que todas as vezes, que ſe faz huma reſtituição, ſe ſoltaõ as cadeas, & ſe quebraõ os grilhoens de huma ignominioſa dependencia.

263. Conſideraõ os Theologos o attributo da independencia, como baſe fundamental de todas as excellencias da Divindade. E eſta divina independencia conſiſte, em que Deus ſô a ſy meſmo deve o ſeu ſer. Deus naõ recebe nada de ninguem, & por iſſo ninguem lhe póde tirar o que poſſue. Nada eſpera, & naõ recea nada. Nada eſpera; porque tudo em ſy encerra: & naõ recea nada, porque naõ deve nada a ninguem. E quem naõ deve, naõ teme. Em concluſaõ, Deus he Deus, porque he independente. Daqui ſe ſegue, que quanto mais hum homem depende de outro, tanto menos he ſemelhãte a Deus. Creſcem pois as dependencias dos homens, ao meſmo paſſo que ſe augmentaõ as ſuas dividas. E muito melhor fora padecer huma grande pobreza, do que eſtar ſugeito a huma vil dependencia. Os povos do Egypto apertados da eſterilidade dos tempos, pedíraõ a Joſeph lhes quizeſſe acudir neſta taõ publica, & taõ preciſa neceſſidade. Joſeph, que preſidia à Economia do Reyno, mandou abrir os celeiros Reaes, & deu aos Egypcios com que ſemear os campos: com condiçaõ, que dahi por diante pagaſſem a Faraò todos os annos a quinta parte das novidades: *Quintam partem Regi dabitis.* Aceitáraõ os Geneſ. cap. 47. verſ. 24.

Egypcios a condiçaõ. E agradecidos da merce, aclamáraõ a Joseph por seu Salvador: *Salus nostra in manu tua est.* Mas tornando os annos da fertilidade, começáraõ os Egypcios a formar queixas contra Joseph. Amaldiçoáraõ o seu nome, & aborrecéraõ as suas memorias. Porque vendose obrigados a pagar todos os annos, a quinta parte dos frutos, que recolhiaõ, sem se poderem eximir da violencia dos Ministros Reaes, que tinhaõ cuidado de arrecadar o tributo, conhecéraõ, que com esta obrigaçaõ, os fizera Joseph escravos de Faraò: & esquecidos das angustias da passada necessidade, choravaõ as miserias da presente dependencia. O Abbade Ruperto: *Redeuntibus annis fertilitatis, odio cæpit haberi memoria ejus, & populi fui, tanquam fuisset proditor libertatis.* A este estado se vem miseravelmente reduzidos, os que cahíraõ em dividas para sustentarem a sua calidade: nam advertindo, que lhe estava melhor, o serem pobres do seu, que ricos do alheio. Porque com a pobreza, só padeceriaõ molestias, mas com a dependencia, experimentaõ tiranias. Outra razaõ naõ menos importante houvera de obrigar os homens, a que naõ fizessem dividas, ou a que logo as satisfizessem. E he, que os bens alheios misturados com os proprios, formaõ hum composto de metaes heterogeneos, que difficultosamente se pòdem apartar. E senaõ, digaõno os que o experimentaõ. Que só com a experiencia se conhece o sentimento, com que se faz a restituiçaõ de hum bem, convertido na propria sustancia da pessoa, que o logra.

*Ibid. vers. 25.*

*Rupert. lib. 9. in Genesim cap. 20. in fin.*

264. No Capitulo undecimo do Ecclesiastes, parece, quiz Salamaõ fazer hum pronostico da chuva com estas palavras: *Si repletæ fuerint nubes, imbrem super terram effundent.* Diz Salamaõ, que as nuvens quando forem cheias, & carregadas, se resolveràõ em chuva. Escusado pronostico. Que duvida tem, que a con-

*Eccles. cap. 11. v. 3.*

condenſaçaõ, & eſpeſſura das nuvens, ſaõ indicios de agua? Para credito do ſeu ſaber, podia dar Salamaõ aos curioſos; noticias mais peregrinas, manifeſtando os finaes da chuva, que a natureza poz na eſfera do Sol, & da Lua, & nas propriedades das flores, & das aves. Pronoſtica chuvas o Sol, quando no Oriente parece mais piqueno, do ordinario. Anmuncía chuvas a Lua, quando reverbera em alguma nuvem para a parte Auſtral. Prometem chuvas as flores, quando em tempo ſereno exhalaõ com maior alento as ſuas fragancias. E he ſinal de chuva, quando as avezinhas com voos acelerados ſe retiraõ do mar para a terra. Naõ ignorava Salamaõ todos eſtes ſegredos da natureza; mas naõ ſe valéo deſtas noticias: porque ſe me naõ engano, naõ fez neſta occaſiaõ o pronoſtico da chuva, mas com o exemplo das nuvens, manifeſtou o peſar, & o ſentimento, com que ſe reſtitue o que ſe deve. *Si repletæ fuerint nubes, imbrem ſuper terram effundent.* Formaſe a nuvem com vapores ſutilmente atrahidos deſta regiaõ inferior, & quando as leys da natureza obrigaõ a nuvem a que faça reſtituiçaõ do criſtalino humor, que ſe apropriou: oh, parece que de ſentida, toda ſe reſolve, & ſe deſtila em lagrimas! Paſſéa a nuvem pelos ares carregada com os deſpojos do mar, & cheia de huma taõ grande copia de aguas, que dando o Sol nellas, naõ póde ver mar terra, & faz naufragio das ſuas luzes. Mas finalmente, chega para a nuvem o tempo da reſtituiçaõ, & cada piquena gota de agua, que lança, he huma lagrima que derrama. Em concluſaõ, chora a nuvem, quando reſtitue, porque o deſapropriarſe de hum bem, por algum eſpaço de tempo poſſuido, larga materia dá para o pranto: *Si repletæ fuerint nubes, imbrem ſuper terram effundent.* Eſte he o retrato dos injuſtos uſurpadores dos bens alheios. Folgaõ com a poſſe, & choraõ a reſtituiçaõ. E quanto mais dila-

dilataõ a ſatisfaçaõ das dividas, mais ſe lhe acreſcenta a materia das ſuas lagrimas.

265. Na doutrina do Evangelho, as riquezas ſaõ eſpinhos. Criaõ eſtes eſpinhos grandes raizes nos coraçoẽs humanos. E he força, que cauſem muita dôr, quando ſe arrancaõ. Eſta he a razaõ, porque com tantos artificios, & embuſtes, ſe negaõ as dividas, ſe deſconhecem os recibos, ſe falſificaõ as eſcrituras, & ſe difficultaõ as pagas. Mas finalmente, vence a verdade, triunfa a juſtiça, & a violencia alcança, o que a razaõ naõ pode conſeguir. Com eſta circunſtancia porèm, que o acredor naõ eſtima a reſtituiçaõ, que o devedor lhe faz por força. Porque à arvore, que ſe abala, naõ ſe lhe agradece o fruto, que arroja: & naõ ſe gratifica à eſponja, que embebida de algum precioſo licor, naõ o derrama, ſenaõ quando a apertaõ. Diſzem os naturaes, que naõ ſaõ ſaudaveis as aguas do Ceo, quando cahem com relampagos, & trovoens: que parece que a natureza reprova as ſuas meſmas operaçoẽs, quando as faz com eſtrondoſas violencias. Do meſmo modo, naõ pôde ſer recebida com agrado huma ſatisfaçaõ ſolicitada com citaçoẽs, procurada com ſentenças, & conſeguida com os rigores, & as armas da juſtiça. E de tudo ſe collige, que o pagar ſem dilaçaõ, he conveniencia de quem paga. E eſte he o primeiro eſtimulo, com que ſe ha de deſpertar a ingrata tibieza de hum devedor. O ſegundo eſtimulo, he o da correſpondencia, como veremos neſta ſegunda parte: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

*non eſt bona, ſed citò corrumpitur.* Ex dig. Sap. tom. 3. pag. 39. col. 2.

*Aqua pluvialis, quæ cadit cum tonitru,*

## II. PARTE.

266. Com huma perpetua correſpondencia, ſe conſerva, & ſe ſuſtenta o Mundo. E toda a ley deſta correſpondencia conſiſte em receber, & reſtituir. Recebe a terra as influencias do Ceo, & as reſtitue com

com o sabor dos frutos, & com a virtude dos metaes. Recebem os campos as sementes, & com o brotar das plantas as restituem. Recebemos o Ar respirando, & respirando o restituimos. E como advertio o Orador Romano, até as balsas, & as cavernas, domicilios dos ladroens, & hospicios dos salteadores, com eccos sonoros restituem as vozes, que como desgarradas, ou peregrinas, nas suas concavidades se recolhéraõ. Grande exemplo, com que a natureza, para nos ensinar a restituir o alheio, tira das durissimas entranhas de hum rochedo a palavra para a restituir ao seu author, em demonstraçaõ da sua correspondencia: *Saxa, atque solitudines, voci respondent.* Que rara he nos homens esta reciproca fidelidade! Taõ difficultosamente se cobra, o que se empresta, que tal vez seria melhor, dar por credito da liberalidade, do que empprestar com esperança da restituiçaõ. Na parabola Evangelica, em que hum amigo pede a outro, lhe queira emprestar tres paens: *Commoda mihi tres panes*: naõ diz o Texto, que o amigo lhos emprestará; mas que lhos dará: *Dabit illi quotquot habet necessarios.* Mas naõ lhe fora melhor emprestar ao amigo o que lhe pede, deixandoo com obrigaçaõ de o restituir, do que fazerlhe hum donativo, desobrigandoo da restituiçaõ? Oh que discreto artificio! Muito melhor he dar, que emprestar: porque se pôde alcançar fama de liberal, com o que se dá: & de ordinario o que se empresta, se perde. Na minha opiniaõ, o emprestar he como o morrer. No morrer, a Alma se vai, para naõ voltar mais: & no emprestar, a fazenda se vai com perigo de já mais voltar. Porque tantos saõ os desvios, com que se lhe estorva a vinda, que he milagre, se tornará achar o caminho, que fez na ida. Partiose Abrahaõ para o Egypto, & affirma a Escritura, que voltára pelo mesmo caminho, por onde fora:

*Luc. cap. 11. v. 5.*

*Ibid. vers. 8.*

Genes. cap. 13. vers. 3. fora: *Reversus est per iter, quo venerat.* Parece supérflua esta advertencia. Porque pouco importava aos vindouros, saber que caminho fizera Abrahaõ na vinda do Egypto. Mas nenhuma palavra da Escritura he superflua: & por isso repara o Lyrano, que Abrahaõ, quando foi para o Egypto, naõ tendo bastante cabedal para as despezas da jornada, fizera algumas dividas nas pouzadas, onde se hospedára: & vendose muito rico, & opulento, quando voltou, tomou o mesmo caminho, para pagar as dividas, que fizera: *Per eadem hospitia redijt ad solvenda debita.* Oh milagrosa peregrinaçaõ, em que a vinda foi mais milagrosa, que a ida: *Reversus est per iter, quo venerat.* Naõ buscou Abrahaõ desvios, & naõ torcéo os passos; mas voltou pelo mesmo caminho, em que fizera a divida, para satisfazer com a paga. Naõ assim a maior parte dos devedores, que com artificiosos atalhos se desviaõ do caminho da restituiçaõ: fogem dos acredores com a mesma ancia, com que os buscáraõ: & com ingratas ausencias, se negaõ à vista dos a que consumíraõ a sustancia.

267. Em huma sentença de Salamaõ, aindaque appropriada a outro intento, acho a demonstraçaõ desta ausencia, & desta ingratidaõ: *Cum defecerint ligna, extinguetur ignis.* Quer dizer: quando faltar a lenha, o fogo se apagará. O fogo he hum Elemento, que moralmente fallando, com todas as criaturas se endivida, porque de todas toma a sustancia para luzir. E naõ sô, naõ restitue o que deve, mas depois de feita a divida, se remonta para a sua Esfera: como se fugira da mesma criatura, que para sustentar seus luzimentos tanto se empenhou, que se reduzio a cinzas. Ingrato, & cruel Elemento! Cruel, porque consome. Ingrato, porque desapparece. Em quanto acha o fogo materia, que gastar, persevera com fervorosas assistencias: mas

Proverbior. cap. 26. vers. 20.

logo

logo que eſtá deſtruida a ſuſtantia, apaga as lavaredas, & ſe auſenta: *Cum defecerint ligna, extinguetur ignis.* Iſto he o que de ordinario ſe experimenta no Mundo. A o meſmo paſſo, que ſe conſome a ſuſtancia do amigo, ſe vai extinguindo o fogo do amor. Ardem as fazendas, & os affectos ſe apagaõ. Permanece a divida, & acaba a correſpondencia: *Cum defecerint ligna, extinguetur ignis.* Verdade he, que os grandes, & poderoſos naõ eſtaõ taõ ſugeitos a eſta commum deſgraça. Porque o reſpeito, com que ſe fazem venerar, faz em certo modo inviolavel a juſtiça, que ſe lhe deve. Mas porque naõ ſaõ temidos, os que a pobreza deſarmou, ninguem ſe confeſſa ſeu devedor, & a ſatisfaçaõ, que ſe dá a hũ grande, de ordinario ſe nega a hum pobre. Tenho reparado, que os Rios devem a affluencia das ſuas aguas, a dous differentes principios; ao mar, & à fonte. Porque o mar, he a madre univerſal de todas as aguas; & a fonte he o lambique, que continuamente as deſtila. Anda pois o Rio tam cheio de dividas, como de aguas; porque deve ao mar, & deve á fonte. Com eſta differença, que o Rio ſempre corre para o mar, reſtituindolhe o que delle recebéo; mas nunca retrocede os paſſos para a fonte, para lhe pagar o que lhe deve. No mar ſe ſignificaõ os grandes, & na fonte, que ſempre anda, & naõ ajunta cabedaes, ſe repreſentaõ os pobres. Tiremos a moralidade. Aos grandes, todos pontualmente pagaõ as dividas, como os Rios ao mar; mas aos pobres, negaõ os ricos, o que devem, como os Rios à fonte. Laſtimoſa deſgraça da pobreza! Ao pobre, naõ ſo lhe falta o que naõ tem; tambem o pouco que tem, lhe falta. E porque naõ tem poder para recuperar o que ſe lhe uſurpou; o arrecadar huma divida, lhe parece mais difficultoſo, que ſe houvera de aquirir alguma nova fazenda. O Veneravel Tobias deſterrado da

ſua

ſua patria, & reduzido a huma extrema neceſſidade, chamou a ſeu filho, & lhe ordenou, que diligenciaſſe a cobrança de certo dinheiro, que ſe lhe devia. Senhor, reſpondéo o filho de Tobias, conforme a Verſaõ Arabica: *Hanc pecuniam, neſcio, quomodo acquiram?* Naõ ſei, como hey de acquirir eſte dinheiro. Pobre, mas diſcreto mancebo! Chama acquirir, o cobrar; porque aos pobres, tanto lhe cuſta o cobrar, como o acquirir; & taõ pouca eſperança tem de alcançar o que ſe lhe deve, que huma cobrança, ſe lhe repreſenta mais ardua, que huma conquiſta: *Hanc pecuniam, neſcio, quomodo acquiram?*

*Tob. 5. v. 2. Vid. Textum Arabicum.*

268. Que pouco cuidado tem do ſeu credito, os que ſe deſcuidaõ dos ſeus acredores. No jardim da fama, a correſpondencia he como a roſa; hum ſô dia de detença, lhe tira o luſtre, & nas maõs do devedor naõ luz o ouro, que tarde ſe paga. No Deuteronomio, mandou Deus, que ſe pagaſſe aos jornaleiros o ſeu trabalho, antes do pór do Sol: *Reddes ei pretium laboris ſui ante Solis occaſum.* Miſterioſo preceito! Por ventura já he fóra de tempo o pagamento feito depois do Sol poſto? Direi. Naõ he fóra de tempo, em quanto á obrigaçaõ, mas he fóra de tempo, em quanto ao luzimento: porque no occaſo do Sol ſe eſcurece o dia, & juntamente, ſe eclipſa a gloria de quem dilatou a paga. Pagai, antes que ſe ponha o Sol; porque depois de poſto, naõ luzirá o que pagares. Eſta meſma ley, parece, quiz Deus guardar para com os homens. Neſte Mundo, trabalhaõ os homens como jornaleiros na vinha do Senhor. E he o Senhor tam pontual na remuneraçaõ do trabalho, que tomaõ, que a todos dá a ſatisfaçaõ merecida, antes que o Sol ſe eſcureça. Conſta do Evangelho, que no fim do Mundo, o Sol ſe eſcurecerá: *Sol obſcurabitur:* mas antes que ſe eſcureça o Sol, continuamente vai Deus pagando a todos o ſeu trabalho. Vede ſe eſtá bem fun-

*Deuteronom. cap. 24. verſ. 15.*

fundado o reparo? O Summo Pontifice Joaõ Vigesimo Segundo, levantou huma grave queſtaõ: a ſaber, Se as Almas dos q̃ morriaõ em Graça, depois de purificadas no fogo do Purgatorio, logravaõ os premios da Gloria, antes do dia do Juizo? Trouxe eſta queſtaõ ao Santo Pontifice muito tempo perplexo, & duvidoſo: & primeiro que a decidiſſe, morréo. Mas ſeu ſucceſſor Bento Duodecimo, determinou, que naõ ſô antes do dia do Juizo; mas logo depois da morte, concede Deus ás Almas puras, & limpas das manchas do peccado, o premio da Bemaventurança. Notavel anticipaçaõ de huma paga remuneratoria, que juſtamente ſe pudera dilatar até o Juizo univerſal, em que ſe haõ de concluir todas as contas! Mas porque Deus ſe repreſenta como devedor (ſuppoſto que ſem obrigaçaõ, nem dependencia alguma) paga os trabalhos de ſeus ſervos, antes que ſe eſcureça o Sol, & naõ eſpera, que ſe acabe o grande dia do Mundo. Porque ainda que eſta dilaçaõ, naõ offendéra a juſtiça, desluzíra em certo modo a ſua grandeza. Tanto importaõ os primores da ſatisfaçaõ, para os creditos da correſpondencia: *Reddes ei pretium laboris ſui, ante Solis occaſum.* Quantas vezes ſe poem o Sol, & quantas vezes ſe reſtitue ao Oriente, primeiro que ſe reſtitua, o que ſe deve. Correm os dias, & naõ correm as pagas. Andaõ os annos, & naõ ſe cobraõ os ſalarios. E o meſmo tempo que tudo acaba, acreſcenta á divida, & alenta a ingratidaõ. Mas ſe o devedor ſe naõ deixa mover do eſtimulo da conveniencia, nem do eſtimulo da correſpondencia, por ventura que o moverá o eſtimulo da conſciencia. E eſte he o terceiro aſſumpto do Sermaõ. *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

Joannes Papa XXII. hæſit diu in quæſtione de dilatâ ante diem Judicij, animarum gloriâ. Benedictus XII. ipſius ſucceſſor, animas Sanctorum nihil habentes expurgabile, ſtatim ut decedunt, ante diem Judicij, faciem Dei cernere ſtatuit: hoc eſt, inquit, quod Joannes morte prævenire volebat decernere. *Alphonſus à Caſtro, Verbo, Beatitudo.*

## III. PARTE.

269 Governa Deus ao Mundo com dous generos de

de justiça; huma justiça universal, & outra justiça particular. Com a justiça universal, faz Deus commuas a todos, as cousas que saõ precisas para a vida, como o Sol, as Estrellas, o Ar,& o Tempo. Todos os dias nasce o Sol, tam claro, & resplandecente para os plebeios, como para os soberanos. E a cabana de hum pastor, he taõ coroada de estrellas, como o Palacio de hum Monarca. Respiraõ os vassallos o mesmo Ar,que os Principes. E com a mesma medida, compassa o tempo os dias, & os annos, dos subditos, & das Magestades. Mas se com a justiça universal, Deus igualmente repartio com todos o grande patrimonio da natureza, com a justiça particular deu maiores riquezas a huns, que a outros: & aos que saõ senhores dos bens, que Deus lhe concedéo, por meio das heranças, das doaçoẽs, do commercio, ou da propria industria, naõ se lhe pôdem usurpar as fazendas, que possuem, sem aggravar a consciencia com a obrigaçaõ de as restituir. E he taõ precisa esta obrigaçaõ, que quem naõ restitue, quando pôde,sempre está em estado de peccado mortal, como se continuamente estivera fazendo roubos, ou cometendo homicidios. Porque, como advertio Santo Augustinho, sempre persevera o peccado, em quanto se naõ restitue o alheio: *Non remittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.* Este he o peccado, que aos homens causa menos escrupulos, & ao Demonio maiores vitorias. Porque se muitos se condenaõ por falta da Confissaõ, & Contriçaõ de seus peccados; muitos mais saõ, os que se perdem por falta da restituiçaõ dos bens alheios. Quero contar hum curioso successo, que servirá para prova desta verdade. Tinhase o Demonio apoderado do corpo de hum homem, & obrigado pelo Sacerdote, que o estava exorcizando, a manifestar o seu nome: Respondéo, que no corpo do obsesso assistiaõ tres malignos Espiritos, com

*August. Epist. ad Macedon.*

com tres differentes apellidos: hum chamado, Fecha-coraçoens, outro Fecha-bocas, & o terceiro, Fecha-bolsas. Fecha-coraçoẽs (disse o Demonio) he o Espirito, q̃ impede a Contriçaõ do peccado: Fecha-bocas, he o Espirito, que estorva a Confissaõ da culpa: & Fecha-bolsas he aquelle, que dilata a restituiçaõ do alheio. E acrescentou o Demonio, que este ultimo causa ao Mundo maiores danos, & ao Inferno maiores augmentos. Porque se alguns morrem com os coraçoens fechados á Contriçaõ da culpa, & se outros acabaõ a vida com as bocas fechadas à Confissaõ de seus peccados; muitos mais saõ os que morrem com as bolsas fechadas á restituiçaõ dos bens alheios. Oh quantos estaõ ardendo nas chamas do Inferno, que morréraõ confessados, & commungados, mas inutilmente confessados, & sacrilegamente commungados! Porque na Confissaõ, & na Communhaõ, naõ determináraõ de se desapropriar dos bens, q̃ injustamẽte possuiaõ. O restituir, & o desapegarse do que se logra; parece acçaõ taõ impropria para os ultimos instantes da vida, que naturalmente os moribundos, com as poucas forças que tem, pegaõ até das mantas do leito, em que estaõ, & as atrahem para sy, como se as quizeraõ levar para o outro Mundo, para lograrem, a pesar da morte, os despojos da vida. Mas antes o acto da restituiçaõ pede taõ grandes forças, & alentos, que sempre se ha de fazer no primeiro fervor da penitencia. E ainda que o peccador se conheça Reo de muitas culpas, entendo que a usurpaçaõ, ou defraudaçaõ dos bens alheios, he a primeira culpa, de que deve procurar a emenda.

270 Tinha Zachéo a consciencia gravada de muitas culpas, & era taõ publica a fama da sua má vida, que os Fariséos se escandalizavaõ, de que o Senhor entrasse em sua casa: *Murmurabant dicentes, quod ad* Luc. cap. 19. vers. 7.

*ad hominem peccatorem divertiſſet.* E he opiniaõ de Tertulliano, de S. Joaõ Chriſoſtomo, & de Santo Ambroſio, que Zachéo era Gentio, & adorador de falſos Deoſes, & por conſequencia inimigo da Ley de Moyſes, & da Ley de Chriſto. Chegou finalmente a hora da ſua converſaõ, & repáro que naõ ſe accuſou da ſua idolatria, nem dos outros peccados, que cometéra: mas o primeiro pecado, que lhe veio ao penſamento, & de que tratou de ſe emendar, foi a defraudaçaõ dos bens alheios: *Si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* Porque iſto, que he reſtituir bens injuſtamente apropriados, naõ ſofre demoras, & naõ admitte dilaçoens. Era Zachéo Idolatra, & era devedor; mas tratou de pagar as dividas, primeiro que ſe accuſaſſe das idolatrias: como entendendo, que lhe ſeria mais facil renunciar o culto dos Idolos, que adorava, do que largar a poſſe do dinheiro, que devia. E como ſe já eſtivera ſeguro da emenda dos outros peccados, empregou os primeiros alentos da penitencia, na reſtituiçaõ dos bens que uſurpára: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus, & ſi quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum:* Que prodigioſo exemplo temos de hum bom pagador na peſſoa do Redemptor do Mundo! O Verbo Divino, como Filho de Deus, naõ devia nada aos homens, mas muito devia ao Eterno Pay; porque era fiador de todas aquellas dividas, que os homens eraõ incapazes de pagar. As noſſas culpas, ſaõ as noſſas dividas. Porque quem offende a Deus, deve a Deus a ſatisfaçaõ da offenſa. E o Senhor tomou ſobre ſi as noſſas dividas, quando ſobre ſi tomou as noſſas culpas. Mas andou eſte divino fiador taõ ſolicito no deſempenho da divida, que primeiro que naſceſſe ao Mundo, elegéo os meios que lhe parecéraõ mais proprios para effeituar a paga. Antes do naſcimento de Chriſto, todos

*Luc. cap. 19. verſ. 8.*

dos os homens eraõ, ou Gentios, ou Hebréos; & o Senhor determinou naſcer dos Hebréos, antes que dos Gentios. Sabeis porque? diz Santo Irenéo. Porque os Gentios naõ eſtavaõ ſugeitos á ley da Circumciſaõ; mas os Hebréos, poucos dias depois de naſcidos eraõ circumcidados, apenas vivos, & logo feridos, neceſſitados de leyte, & prodigos de ſangue. De huma naçaõ pois, em que a vida madrugava para os tormentos, naſcéo o Senhor, para ſe diſpor a pagar com ſuas dores as noſſas dividas: & porque era fiador empenhado por todo o genero humano, deſde os primeiros dias da ſua infancia, deu hypothecas da fiança, & ſegurou o ſangue da Paixaõ, com o ſangue da Circumciſaõ. Santo Irenéo: *Ideó Chriſtus naſcitur in Iudæa, & non in Gentibus; quia Gentilitas carebat circũciſione: & ideó in Iudæa oſtentat gloriam ſuam in primordio nativitatis ſuæ in effuſione ſanguinis.* Mas ſe o Senhor ſe anticipou a pagar as dividas, a que ſe obrigara, continuou, & acabou eſta ſatisfaçaõ com a meſma liberalidade, derramando mares de ſangue em todos os Tribunaes da Synagoga, & principalmente no Pretorio de Pilatos, em que permetio, que os verdugos lhe deſpedaçaſſem todas as partes do corpo com crueliſſimos açoutes. Mandavaõ as leys dos Romanos, que os que naõ pagavaõ as dividas, foſſem açoutados, para que ficaſſe ſeu nome infamado com a ignominia do tormento. Mas nam tem eſta ley effeito na peſſoa do Divino Ieſus. Porque eſte meſmo tormento acredita a ſua pontualidade, que ſendo ſeu proprio ſangue a moeda, com que paga, os açoutes, que lhe rompem as veas, abrem os ſeus theſouros, & para naõ haver detenças na ſatisfaçaõ da divida, corre o ſangue com generoſa vehemencia.

*S. Iren. lib. 3. cap. 7.*

*A Lap. in Mat. cap. 18. p. 358.*

271. Reſta agora, Fieis, que aſſim como o Senhor pagou o que naõ devia: *Quæ non rapui, tunc exolvebam*: aſſim paguemos ao

*Pſalm. 68. v. 5.*

Senhor, o que lhe devemos. Dous generos de dividas temos com Deus; humas como criaturas, & outras como peccadores. Como criaturas, devemos a Deus amor pelos beneficios. E como peccadores, devemos a Deus satisfaçaõ pelas offensas. Mas quem de nós até agora pagou a Deus cõ finezas de amante? E quem de nós lhe deu satisfaçaõ com sentimentos de arrependido? Oh que pouco he o agradecimento dos beneficios! E que raro he o arrependimento dos peccados! Mas antes crescem os nossos peccados, ao mesmo passo que Deus multiplica os seus beneficios. E taõ fora estamos de satisfazer, o que devemos, q̃ sempre fazemos novas dividas, porque sempre fazemos novas offensas. No Livro duodecimo da Cidade de Deus, escreve Santo Agustinho, que as leys dos antigos mãdavaõ expor aos rayos, & ardores do Sol, os que naõ pagavaõ as dividas. Naõ sei se para que se alumiasse a cegueira dos máos pagadores com a claridade deste Planeta; ou se para que se despertasse com o seu calor a sua tibieza: *Quidam peccantes, vel debita non reddentes, poni a Iudicibus jubentur ad Solem.* Deste mesmo remedio nos podemos valer nesta occasiaõ, pondo os olhos no Sol, naõ no Sol material, mas no Sol da Graça, que prêso a huma columna espera pela nossa correspondencia. Para este Divino Sol mover os nossos affectos, lança das suas feridas, lastimosos resplandores; & com as inundaçoẽs do seu sangue, manda dolorosas influencias. Vede, ô Almas Christaãs, o vosso Divino Redemptor, & vede dentro de vós mesmos, se tem o vosso amor cabedaes, para lhe pagar as suas finezas. Oh meu Deus! que riquezas, & que thesouros seràõ sufficientes, para que vos possamos pagar, o que vos devemos? A vós, como Criador do Mundo, devemos todos os bens da natureza. E a vós, como Restaurador do genero humano, devemos todos os bens da Gra-

Possunt & Solem vituperare, quoniã quidem peccantes, vel debita non redden-

tes, poni à Judicibus jubentur ad Solem. *August. lib. 2. de Civit. Dei. cap. 4.*

Mostrase o Passo.

Graça. E ſendo taõ exceſſivas as noſſas dividas, nunca ſeráõ baſtantes as noſſas ſatisfaçoẽs. Mas naõ ſe deſconſole a noſſa pobreza, & naõ deſconfie a noſſa inſufficiencia: que ſuppoſto que Deus nos dá muito; com pouco que lhe reſtituimos, fica ſatisfeito. Para retorno dos ſeus beneficios, ſô pertende Deus o noſſo amor; & para ſatisfaçaõ dos noſſos peccados, naõ quer Deus mais que o noſſo arrependimento. Amai a Deus, & pagarlheeis os ſeus beneficios. Arrependeivos, & ſatisfareis pelos voſſos peccados. Oh que ſuaves, & que faceis ſaõ eſtes dous remedios! O Amor, & o arrependimento. Quem poderá negar a Deus hum acto de amor. Equem ſe negarà a ſi meſmo, hum acto de arrependimento. Senhor, dezejamos de vos amar com todas as ternuras do affecto, & com todos os peſares do coraçaõ nos arrependemos. Aceitai, meu amantiſſimo Ieſus, eſte duplicado Sacrificio de Amor, & de Contriçaõ. E a coraçoens amantes, & contritos, abri os theſouros da voſſa Graça, & da voſſa Miſericordia. Miſericordia, meu Deus. Miſericordia, meu Ieſus. Miſericordia para a Graça, & Graça para a Gloria. *Ad quam nos perducat; &c.*

# TERCEIRA TARDE

## CONTRA OS QVE TARDÃO em fazer testamento.

*Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Eccleſiaſt. 5. v. 8.

272. A Primeira tarde, foi contra os q̃ tardaõ em cumprir as promeſſas, & a ſegunda, contra os que tardam em pagar as dividas, ſerá eſta terceira tarde, contra os que tardam em fazer teſtamento. Além das razoens, com que a Iuriſprudencia califica a inſtituiçam dos Teſtamentos, acho que o coſtume de teſtar, ſe introduzio no Mũdo por duas particulares razoens: a primeira, para alivio dos que morrem: & a ſegunda, para a conveniencia dos que ſobrevivem. O teſtamento, he huma determinaçam da vontade, ſobre o que o teſtador quer, que ſe faça depois do ſeu falecimento: *Teſtamentum eſt voluntatis noſtræ juſta ſententia, de eo quod poſt mortem, quis fieri velit.* Suppoſta eſta diffiniçam, por virtude do teſtamento, o imperio da vontade, ſe eſtende *Modeſtinus, Bartolus, & Cuiacius.*

de além dos confins da vida. Acaba o ser, & permanece o querer. Manda o defunto, & manda aos vivos. Naõ he precisa a sua assistencia, para fazer executar o que ordena; mas antes as suas ordens se executam: só porque está ausente, dam as suas cinzas pezo às suas palavras. E estando no sepulcro, he obedecido como hum Rey no seu trono. Porque tal vez a justiça dos Reys se empenha em solicitar a execuçam do que mãda. Sendo pois tam natural ao homem o dezejo de mandar: para hum moribundo, he motivo de alivio, o considerar, que mandará ainda depois de morto. *Nullum maius est* (sam palavras de Quintiliano) *nullum maius est solatium mortis, quam voluntas ultra mortem.* Tambem se fazem os testamentos para a conveniencia dos que sobrevivem. Que maior conveniencia do que aquirir hum patrimonio com huma escritura? Alcançar em huma hora, o que em muitos annos se ajuntou? E achar huma herança entre as mortalhas de huma sepultura? Na boca de hum leam, achou Samsam hum favo de mel. O leam he a morte, & o mel, que se acha, he a fazenda, que se herda. Porque sam doces, & saboróſos os bens, que sem trabalho se conseguem. Mas para nam haver dissabores, nem litigios entre os parentes, he precisa a anticipaçam do testamento. Porque do mesmo modo que o Sol deixando no seu occaso as Estrellas, herdeiras das suas luzes, alivía a noite do embaraço das sombras: assim com a prudente, & juridica declaraçam dos herdeiros, se deslindam as contendas dos competidores. E se a morte he o naufragio da vida, o testamento he o seguro da fazenda. A dous generos de naufragios está exposto o baixel, que se entregou ás ondas do Occeano; naufragios do Alto, & naufragios da Costa. Os que morrem abintestados, sam baixeis, que se perdem no alto mar. Leva tudo a fortuna, & entre as tempestades das demandas, per-

*Quintil. declam. 308.*

dem os legitimos ſucceſſores ſeu direito. Mas os que antes de morrer, diſpuzeram de ſeus bens, ſam baixeis, que dam à coſta. Quebraſe o navio, mas ſalvaſe a fazenda: naufraga o teſtador, mas entre as ruinas do naufragio, acham os herdeiros ſeu remedio.

373. Deſde a criaçaõ do Mundo, ſó huma vez houve tempo, em que nam foi preciſo, que os homens fizeſſem teſtamento. E que tempo foi eſte? O tempo do diluvio. Naquelle tempo, a agua, como morgado dos Elementos, tomou poſſe de todos os bens da terra, que ſuppoſto que a agua, & a terra foram criados no meſmo tempo, deſtes dous gemeos da Divina Omnipotencia, a terra foi a ultima, que ſahio à luz do Mundo: *Congregentur aquæ,* Geneſ. 1. v. 9. *quæ ſub cælo ſunt, in locum unum, & appareat arida.* Em huma pois tam univerſal inundaçam, era ſuperfluo o nomear herdeiros; porque todos haviam de ficar ſumergidos dentro das ſuas proprias heranças. Perecéram os Povos com as Cidades, & com as Cidades os Reynos, & os Imperios: & no meio de tantas aguas, os meſmos mares ſe perdéraõ, porque perdéram os ſeus nomes com a confuſam das correntes. Se os que vivem, ſe receáram de outro ſegũdo diluvio, eſcuſados foram os teſtamentos. Mas agora que eſtaõ ſeguros deſte caſtigo, naõ ſei com que razam podem juſtificar o ſeu deſcuido. Ha homens no Mundo, que ſam como os Cometas. Os males, que o Cometa pronoſtica, nam acontecem em quanto apparece, mas depois de deſaparecer, ſe experimentam os funeſtos effeitos das ſuas malignas influencias. Do meſmo modo, muitos vivem com grande paz no Mundo, mas na morte deixam a guerra em teſtamẽto. E maior guerra deixam, ſe nam teſtam antes de morrer. Deſgraciados Cometas, que com poſthumos deſcõcertos, & pernicioſas conſequencias, poem litigios entre os parentes, contendas entre os amigos, inimizades

*Neq; erit deinceps diluviũ diſſipans terram.* Geneſ. 9. 11.

zades nas familias, & desordens nas Reſpublicas! Tres ſam as cauſas, porque os homens tardam em fazer teſtamento: a necedad, a tenacidade, & a temeridade. A necedad no agouro, a tenacidade do affecto, & a temeridade da confiança. A necedad no agouro, lhe repreſenta que o fazer teſtamento, he o infalivel preſagio da ſua morte. Com a tenacidade do affecto, tam pegados eſtam aos bens da terra, que nem por ſombra os querem deixar nas clauſulas de hum papel, que nam pòde ſer valido, ſenam depois do ſeu falecimento. E com a temeridade da confiança, preſumem, que a morte lhe dará tempo, para eſte ultimo aparelho. Neſtas tres cauſas temos as tres partes do Sermam, em que ſe repreſentam tres generos de homẽs, que tem repugnancia a fazer teſtamento. Huns neſciamente agourentos, outros exceſſivamente tenazes, & outros temerariamente cõfiados.

*Ave Maria.*

## I. PARTE.

274 A primeira cauſa da dilaçam do teſtamento, he a necedad do agouro. Chamo a eſte agouro, necedad; porque he achaque dos neſcios, o atemorizaremſe ſem razam. E que razam ha para temer, que ao fazer de huma eſcritura, ſe desfaça, & ſe deſcompanha a harmonía do temperamento? Por ventura poz a morte na penna do Tabaliam, o veneno da humanidade, & os caracteres, que fórma, por ventura ſam como aquellas fataes cifras, em que Balthaſar vio eſcrita a ſentença da ſua morte? O medo, he huma paixam, que a natureza deu ao homem, para ſe armar contra os perigos, que o ameaçaõ: & por iſſo dizem os Philoſofos moraes; que o medo participa da prudencia. Porque o medo, & a prudencia, conſideram os futuros, para ſe prevenirem contra os perigos. Porém ſe os perigos ſam imaginarios, & a prevençam ancioſa, o medo

medo deſtes perigos he delirio, & a prudencia deſta prevençam, locura. Diz Salamam, que quem quizer obſervar os ventos, nam ſemeará: *Qui obſervat ventum, nunquam ſeminat.* Mas com licença de Salamam, nam he prudencia do Agricultor obſervar a calidade dos ventos? Sim. Mas tambem he necedad, ſe faz eſta obſervaçam com ſuperfluas circunſpecçoens. Porque? Porque nunca ſe reſolverá a ſemear. E quem nam ſemea, nam colhe. Fórma o timido Agricultor, eſtes, ou outros ſemelhantes argumentos. O vento, que hoje ſopra, he tam rijo, que eſpalhará, & diſſipará o graõ. No dia ſeguinte, fantasía aſſim. Eſte vento he quente, & fará rebentar a ſeára antes do tempo. Dahi a alguns dias, acha que o vento he frio, & tem medo, que ſe reconcentre a virtude da ſemente. Com eſtas cavidoſas advertencias, anda o Agricultor neſciamente irreſoluto. Paſſa o tempo de ſemear, em quanto eſtá eſpeculando a natureza dos ventos, & no tempo da meſſe, ſe acha com as maõs cheias de vento: *Qui obſervat ventum, nunquam ſeminat.*

*Eccleſ. 11. v. 4*

275 Muito maior me parece a necedad dos que dilatam o teſtamento por medo da morte. Porque da calidade dos ventos, pòde a prudencia humana inferir a futura abundancia, ou falta das novidades. Mas da anticipada diſpoſiçam dos teſtamentos, quem pòde racionalvelmente colligir a futura brevidade das vidas? He tam fòra de razam eſta conjectura, que ſe foram provaveis ſemelhantes preſagios, diſſera eu pelo contrario, que quanto mais cedo ſe faz teſtamento, mais tarde vem a morte. Deſde a Eternidade determinou Deus de morrer pelos homens, & deſde o principio do Mundo, começou Deus a fazer teſtamento. Porque ſe a palavra, Teſtamento, conforme a explicaçam dos Iuriſconſultos, ſignifica o teſtimunho, & a declaraçam da vontade: *Teſtamentum,*

*eſt*

*eſt mentis teſtimonium* : deſde o principio do Mundo começou Deus a declarar no Antigo Teſtamento ſua vontade por ſombras, & figuras: & depois ratificou eſta meſma vontade, com as verdades, & realidades do Novo Teſtamento. Agora pergunto. Da criaçam do Mundo, em que Deus começou a fazer teſtamento, até á morte do meſmo Deus humanado, quantos annos, & quantos ſeculos ſe paſſáram? Quantos annos, & quantos ſeculos? Mais de quatro mil annos, & mais de quarenta ſeculos. E haverá quem imagine, que o dar ordem ao teſtamento, apreſſa os paſſos á morte? Abonam eſte meu reparo as palavras do Eccleſiaſtico, ſuppoſto que ditas a outro intento: *Memorare teſtamentum Altiſſimi, & deſpice ignorantiam proximi.* Querem dizer. Lembraivos do teſtamento do Altiſſimo, & deſprezai a necedad dos homens. Que ha homens tam neſcios, que ſe perſuádem, que brevemente morrerám, ſe fizerem teſtamento. Nas clauſulas de hum papel, conſideram os limites de ſeu ſer: & cuidam, que todas as folhas, de que conſta hum codicillo, ſam follas tiradas á arvore da vida: *Memorare teſtamentum Altiſſimi, & deſpice ignorantiam proximi.*

Eccleſ. c. 28. 9.

276 Naſcem eſtes inſanos temores, do cuidado, que os homens tem da ſua conſervaçam. E neſte particular andam tam cegos, & mentecautos, que conhecendo por ſua propria experiencia, que o homem he infelice, em quanto vive neſte Mundo, dezejam de eternizar a vida, ainda que com certeza de ſerem eternamente infelices. Na minha opiniam, o mais infelice dos homens, foi Adam depois do peccado, porque no eſtado da innocencia havia ſido o mais felice. E ſaõ as deſgraças tanto mais pezadas, quanto maiores foram as venturas. Eſtando pois Adam neſte lamentavel eſtado, Deus o lançou do Paraiſo terreal, nam para lhe acreſcentar, mas para lhe diminuir os trabalhos.

Por-

Porque como advertio o Abbade Ruperto, Adam a-indaque ſummamente miſeravel, ſe ficára no Paraiſo terreal, ſempre quizera comer dos frutos da Arvore da Vida, & a troco de perpetuar os dias, nam reparára em perpetuar as miſerias: *Deus emiſit Adam poſt peccatum de Paradiſo, ne ederet de ligno vitæ, quia etiã miſer, voluiſſet ſemper vivere.* Que loucamente engenhoſos ſaõ os homens em buſcarem antidotos contra a morte! Nas memorias da antiguidade, acho notaveis extravagancias, com que muitos procuráram de aſſegurar, & prolongar a vida. D'ElRey Mithridates, contam as Hiſtorias da Grecia, que temendo que algum dia o mataſſem com peçonha, começou a comer peçonha em piquena cantidade, para habituar a natureza á digeſtam dos mais nocivos alimentos; & transformando na ſua ſuſtancia contagioſos manjares, chegou a fazer o ſeu proprio ſangue, venenoſo, para vencer a violencia do veneno. Do Emperador Domiciano, eſcrevem as Hiſtorias dos Romanos, que receoſo de algum golpe improviſo, mandára guarnecer as galerias do ſeu Palacio, com marmores tam artificioſamente lavrados, que reverberavam como eſpelhos. Paſſeava o deſconfiado Monarca com os olhos ſempre fitos nas paredes, que tinha diante de ſi, obſervando todas as acçoens dos que lhe ficavam detraz das coſtas: & nam reparava, que a morte, ainda que cega, arma as ſuas ciladas com tam grande deſtreza, que nam as pòde deſcobrir a mais ſolicita vigilancia. O Amor da vida, he natural aos homẽs: mas quando he exceſſivo, degenera em locuras, prevenindoſe contra perigos fantaſticos, & uſando de cautelas, ou ſuperfluas, ou ſuperſticioſas. Por eſta razam os antiguos Romanos, que como Senhores do Mundo, eram igualmente adoradores, que adorados: adorados dos ſeus vaſſallos; & adoradores das ſuas grandezas. Viviam com taõ gran-

*Rupert. in Geneſ. lib. 3. c. 29.*

grande cuidado da ſua felicidade, que dos bons, & máos agouros, que a ſua ſuperſtiçam excogitára, conjecturavam as ſuas venturas, & deſgraças, com tam ridiculas obſervaçoens, que dellas altamente ſe ríram todos os Sabios do Mũdo. E na verdade, nam vos parece digna de riſo a attençam, com que reparavaõ no voo das Aves, para julgarem do ſucceſſo das batalhas, como ſe a fortuna batéra as azas, ao arbitrio dos paſſaros? E nam fizeram patentes os deſvarios do ſeu juizo, tirando aos animaes as entranhas, para nellas eſpecularem o temperamento da ſua ſorte, como ſe na organizaçam do corpo de hum bruto, delineára a natureza a fiſionomia das venturas, & a metopoſcopia dos infortunios? Que os Romanos deſſem credito à vaidade dos ſeus vaticinios, era effeito da cegueira, com que viviam nas trevas da Gentilidade: mas he muito para eſtranhar, que nos Chriſtaõs, alumiados com a luz da Fé, ſe achem ſemelhantes ignorancias, & que muitos delles tenham por ruim agouro, o fazerem teſtamento, como ſe de hum inſtrumento eſcrito, formára a morte o inſtrumento das ſuas tiranias?

277 Ao homem, primeiro que comece a viver, lhe tem Deus limitado o curſo da ſua vida. E a morte, que no Apocalypſe ſe repreſenta montada a cavallo, ſempre corre a ſua carreira a paſſos contados, ſem os poder adiantar, nem retroceder: de modo, que por tarde, ou cedo, que os homens com a diſpoſiçam do teſtamento, ſe aparelhem para morrer, ſempre chega a morte na hora, que Deus aſſinalou no Relogio da Eternidade. Eſtava Iſaac na idade de cento & trinta & ſete annos, cego, decrepito, & caduco: *Caligaverunt oculi ejus, & videre no poterat*: tratou o bom velho de fazer teſtamento. E para eſte effeito, chamou a ſeu filho primogenito, para lhe lançar a ſua bençam, como ao legitimo ſucceſſor das ſuas rique- *Geneſ. c. 27. 1.*

riquezas, immunidades, & privilegios: *Benedicat tibi anima mea, antequam moriar.* Quem vira a Jsaac neſta tam provecta idade, & quem lhe ouvira declarar os ultimos dezejos da ſua võtade, imaginára, que já eſtava nas ultimas rayas da vida. Porém, como advertio o Alapide, viveo Iſaac depois deſte ultimo aparelho quarenta & tres annos: *Vixit poſt hæc Iſaac adhuc annis quadraginta tribus.* E parece, que aſſim o permitio Deus: para que entendeſſemos, que a morte vem ſó quando Deus a mãda, & nam quando as apparencias a pronoſticam. O officio da morte he matar, mas nam levanta a morte o braço, & nam deſcarrega o golpe, ſenam quando Deus lhe dá o impulſo. E eſta ſó razam baſta para moſtrar, que neſcia he a deſconfiança dos que imaginam, que o anticiparſe a fazer teſtamento, provoca a morte a que logo empunhe o Arco para deſpedir ſuas ſetas cõ anticipada violencia. A necedad deſte agouro ſe ſegue outra razam, porque muitos tardam em fazer teſtamento, & he a tenacidade do affecto: que ha homens tam pegados aos bens que tem, que nam ſe podem reſolver a cuidar, que algum dia os deixaràm. Eſte he o ſegundo aſſumpto, & a ſegunda cauſa deſta tardança: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

*Geneſ. 27. v. 4.*

*A Lap. in Geneſ cap. 27. mihi p. 220. c. 1 n. B.*

## II. PARTE.

278 No Theatro do Mundo, a vida humana he huma comedia, cujo aſſumpto he adquirir, & cujo remate he deixar. E nam ha comedia tam ridicula, como adquirir para deixar. Na morte pois, que he o ultimo acto deſta ludicra repreſentaçam, todos tiram a maſcara, & deſpindoſe dos adornos, com que andavam disfarçados, tornam ao ſeu primeiro ſer. Com eſta differença, que os pobres, que nam tem nada que deixar, nam tem quaſi nada que ſentir: mas nos grandes, & nos poderoſos, tanto

tanto maiores ſam as magoas, quanto maiores ſam as riquezas que deixam. O Teſtamento nam ſó he diſpoſiçam para a morte, mas he huma morte anticipada, para os que tem affecto aos bens do Mundo. Porque no teſtamento conhecem a neceſſidade, em que eſtam, de algum dia deixar o que poſſuem. E poſto que tudo ſe deixa na morte, muitas vezes nam ſe deixa o amor ao que ſe deixa. Fallando o Profeta Rey na morte de hum Rico agonizante, diz, que quando morrer, nam levarà tudo para o outro Mundo: *Cum interierit, non ſumet omnia.* Com licença do Profeta, diſſera eu, que eſte Rico moribundo, nam ſó nam levará tudo, mas que abſolutamente nam levarà couſa alguma. Porque na morte, tudo ſe deixa. Porém vou reparando, que nam ſempre os homens deixam tudo, quando morrem. Porque ſe deixam os bens, que poſſuem, muitas vezes nam deixam o dezejo, que tem de continuar a poſſe. Deixam o Mundo, & comſigo levam o ſentimento de o deixar. Acaba o logro do que amam; mas nam acaba o amor. E com razam ſe póde dizer com o Profeta, que nam levam tudo para a outra vida; porque neſta vida ainda lhe fica o affecto: *Cum interierit, non ſumèt omnia.* A hum Rico avarento, o teſtamento ſe lhe repreſenta como hum eſpelho, em que vé no meſmo tempo dous objectos da ſua dor: a ſaber, o deixar, & o deixar a outros. E ſe o deixar, lhe parece cuſtoſo; o deixar a outros, he para elle o maior dos tormentos. Aquelle Rico, de que falla Sam Lucas, eſtava tam cegamente empenhado na idolatria das ſuas riquezas, que finalmente determinou Deus de o caſtigar. E com eſtas palavras lhe intimou a ſentença do caſtigo: *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt â te. Quæ autem paraſti, cujus erunt?* Morrerás eſta noite. E para quem ſerá o que grangeaſte na vida? Notai o myſterio deſta enfatica pergunta. Para quê ſerà, o que grangeaſte? Como

*Pſalm. 48. 18.*

*Luc. cap. 12. 20.*

mo se dissera o Senhor. Deixaràs a outros, o que acquiriste: cahirà em maõs alheias a tua fazenda: & outros fabricarám com tuas ruinas, sua fortuna: *Quæ autem parasti, cujus erunt?* Mas se o Senhor quer castigar a cubiça deste Rico ambicioso, porque razam lhe nam significa, que està condenado às penas do Inferno? Responde o Maldonado. Na realidade, as penas do Inferno, sam maiores que todas as penas; mas na opiniaõ de hum homem cioso da posse, & da propriedade das suas riquezas, nam ha pena mais excessiva, que o considerar, que forçosamente deixarà a outros, o que acquirio: & por isso nam disse o Senhor a este miseravel: Morreràs, & arderàs no Inferno: mas: Morreràs, & deixaràs a outros o que acquiriste: *Quæ autem parasti, cujus erunt? Non dixit, ad æternum ignem condemnabere, quod multò maius est malum; sed, quæ parasti, cujus erunt? Quod ejus opinione, maximum erat malum.*

*Maldonat. in Lucam 12.v.20.*

279 Confirmemos esta verdade com outro mais memoravel succesſo, & vejamos que grande tormento he para hum ambicioso, o deixar a outros o que possue. A sentença, com que Deus castigou a Balthasar, se comprehendia nestas tres formidaveis palavras: *Mane, Thecel, Phares. Mane*, significa o fim do seu Reynado: *Thecel*, significa o fim da sua vida: & *Phares*, significa, que depois da morte de Balthasar, o Reyno dos Assirios, que elle entam governava, passaria aos Médos, & aos Persianos. Mas se Balthasar acaba de reynar, & de viver, que lhe importa que outros se apoderem dos seus estados? Pòde haver maior desgraça para hum Rey, do que perder o Reyno, & a vida? Sim: que a hum Rey ambicioso, pòde a imaginaçam representar outro maior infortunio. E em que maneira? Trazendolhe ao pensamento a devoluçam da sua Monarquia nas maõs de outros Potentados. Com esta consideraçam quiz Deus affligir,

gir, & magoar o coraçam de Balthasar: & por isso Deus a reservou para clausula da sentença fulminada contra este Rey sacrilego: *Mane, Thecel, Phares. Mane*, perderàs a vida: *Thecel*, perderàs o Reyno: *Phares*, tomaràm outros a posse do teu Imperio: *Divisum est Regnum tuum, & datum est Medis, & Persis.* Este foi o ultimo, & mais penetrante rayo da condenaçam de Balthasar. Porque o considerar, que outros haviam de empunhar o seu sceptro, que outros haviam de trazer a sua coroa, & assentarse no seu throno, era para a sua ambicioza inveja, o mais rigoroso martirio. Do mesmo modo ha homẽs no Mundo tam tenazmente pegados aos bens, que possuem, que nam sentem tanto o morrer, como o deixar, & o deixar a outros: & para darem ao seu sentimento algum alivio, excogitam chimericas razoens para abonarem a dilaçam do seu testamento, quando finalmente chegada a hora da morte, com voz lastimosa, & tremula pronunciam o funebre, & fatal, Deixo. Que dizes, Avarento moribundo? Deixo. Sem duvida, queres dizer, que deixas o coraçam nas riquezas, que deixas: & que supposto q̃ a morte te tira a posse, nam te tira a saudade. Deixas, hẽ verdade; mas deixas, suppondo que se nam morreres, tornaràs a tomar o que deixaste. E com esta falsa esperança, expiras suspirãdo pelo que deixas. Deixas, & deixas, ainda que naõ queiras. Mais util es ao Mundo, na morte, que na vida. Porque vivendo ajuntaste só para ti; & morrendo, serve para outros o que ajuntaste. Es como Iudas, que emquanto vivéo, nam fez bem a pessoa alguma, & com o dinheiro, que elle deixou no Templo, se comprou depois da sua morte hum cãpo para sepultura dos peregrinos. Deixas. Porque es deixado. Es como as plantas, que no Inverno deixaõ as folhas, porque as folhas lhe cahem: & como vidro quebrado, deixas correr o licor, porque se derrama. Deixas, & finalmente lar-

*Daniel. cap. 5. v. 25.*

gas a preza: porque as forças te desemparam, & como os vencidos na batalha, deixas os despojos, porque a morte alcança a vitoria. Oh que custoso he o deixar, quando o affecto está pegado ao que se deixa! Pelo contrario, que facilmente se deixa, o q se despreza.

280 O mais rico testamento, que até agora se fez no mundo, foi o do Patriarca Noé. Porque, como advertio Sãto Epiphanio, no seu testamento deixou Noé a seus filhos, todo o Mundo, de que Deus o fizera herdeiro depois do diluvio: *Dividit quidē velut hæres Mundi á Deo constitutus, tribus filijs suis, universum Mundum* Sendo pois o Patriarca Noé tam rico, que pode testar de todas as riquezas da terra, fez testamento com tam grande indifferença, & socego, que conforme a tradiçam dos Antigos, quiz que seus filhos lançassem as sortes sobre a repartiçam dos seus bens; como se a herança de hum Mundo, fora na sua opiniam, materia de jogo. Tiráram os filhos de Noé as sortes, & a cada hum delles coube huma grande parte da terra. A Sem coube a Asia, a Cham a Africa, a Iaphet a Europa. Por este modo tomou Noé por jogo, & por recreaçam o testar de todos os bens do Mũdo. Porque entendia, que todas as suas grandezas sam cousas de jogo, & objectos de desprezo. Tinha Noé conhecido as miserias do Mundo em tres differentes tempos: antes do diluvio, no diluvio, & depois do diluvio. Antes do diluvio, vio Noé no Mundo, desatinos: no diluvio, naufragios: & depois do diluvio, estragos. Supposta esta experiencia, que estimaçam podia Noé fazer do Mundo? Nenhuma. E por isso, estando para fazer testamẽto, nam se dignou de determinar a parte do Mundo, que a cada hum dos seus filhos tocava; mas cometéo ao arbitrio da sorte esta determinaçam. E tam pouco caso fez da sua triplicada Monarquia, que ao caso, & ao destino deixou a distri-

*Epiph. in Anchorato.*

Epiphan. ibid.

ſtribuiçam das ſuas Coroas. *Vnamquamque partem, juxta ſortem, ſingulis diſtribuit.* Oh ſe os homens conheceram, que pouco he o que poſſuem, nam ſentiriam tanto eſte pouco, que deixam! Mas com os bens do Mundo ſe abraça o ſeu affecto, como a Era com as arvores. Secaſe a arvore, & nam ſe deſapega a Era. Corta a morte o ramo de ouro, & nam larga o moribundo os affectos. Mas antes para ſatisfaçam da ſua inflexivel cubiça, quizera elle, que na ſua peſſoa ſe effeituaſſe a extravagancia daquelle antigo, que invejando a ſeus ſucceſſores o logro dos bens, que deixava, dezejou de os desherdar, & para eſte effeito, ſe nomeou por herdeiro de ſi meſmo. Mas nam ſe acham embarcaçoens, com que as riquezas dos defuntos ſe poſſaõ traſpaſſar deſte Mundo ao outro. E a barca do fabuloſo Caronte, he tão piquena, que nella apenas cabem os paſſageiros, & ſempre ficam na terra as fazendas. Nas duas primeiras partes do Sermam, temos ponderado as duas primeiras cauſas, porque os homens tardam em fazer teſtamento: a ſaber, a necedad do agouro, & a tenacidade do affecto. E terceira cauſa deſta dilaçam he a temeridade da confiança. E eſte he o terceiro aſſumpto: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

Hermocrates Sophiſt.

## III. PARTE.

281 Entre as deſgraças do Mundo, tem a morte huma terrivel ſingularidade; & he que as mais deſgraças ſe fazem anticipadamẽte conhecer pelos ſinaes, que dam de ſi; mas muitas vezes nenhum ſinal dà a morte da ſua chegada. Sahe o relampago, primeiro que ſe deſpenhe o rayo: as tempeſtades ſam precurſoras dos naufragios: & nas ſombras dos Eclipſes, ſe diviſam as futuras calamidades: ſó a morte he tal vez tam cruelmente repentina, que fere antes de ameaçar, & mata no meſmo tempo que fere. Dà o Seneca huma diſcreta razam deſtes

improviſos aſſaltos da morte: *Non citamur ex cenſu, ſed ex depoſito.* Tem os homens a vida como depoſito, & nam como juro. Entre o juro, & o depoſito, ha eſta differença: que o juro ſe cobra em tempo determinado; mas o depoſito ſe póde juſtamente pedir em todo tempo. Tem a mocidade, & a velhice o depoſito da vida: & huma, & outra ſempre ha de eſtar aparelhada para o reſtituir. Porque tem a morte juriſdiçam para o arrecadar cada hora, & cada inſtante: Seneca. *Mors tam debet eſſe ante oculos juveni, quam ſeni. Non enim citamur ex cenſu, ſed ex depoſito.* Daqui ſe conhece, que temeraria he a confiança, dos que ſe prometem muitos annos de vida, & reſervando o teſtamento para o tempo futuro, tanto tempo eſperam, que finalmente lhe falta o tempo; porque chega a morte de improviſo, & deſpede a ſeta, primeiro que ſe veja apontar o tiro. Na caſa, & na fazenda dos que morem *ab inteſtato*, ſuccede a meſma ruina, & confuſam, que à eſtatua de Nabuco. Cahio o rayo da morte, & derrubando a eſtatua, confundio, & reduzio a cinzas, todos os ricos metaes, de que era compoſta: o ouro, a prata, & o bronze. Neſte ineſperado eſtrago, nam apparecéo a cabeça, de que era o ouro: nam ſe viram os braços, de que era a prata: & nam ſe diviſou o corpo, a que pertencia o bronze. Tambẽ na improviſa morte dos ricos, de tal modo ſe confundem as riquezas cõ a multidam dos pertendentes, huns acredores, & outros herdeiros, que nam ſe conhece o legitimo dono, a quem pertencem, & com a inopinada ruina da eſtatua animada, as mais opulentas familias ſe reſolvem em cinzas. Mas ainda que a morte ſuſpendéra o golpe, dando ao moribundo algũ tempo para cuidar nos intereſſes da ſua familia, com que acerto póde elle diſpor dos ſeus bens, no meyo de tantos males, quantos ſam os que ſe experimentam nò ultimo conflicto da vida?

Co-

Começar a fazer teſtamento na hora da morte, he como quem começàra a concertar o baixel, na furia da tormenta : ou como quem eſperára a pór em ordenança o exercito, no calor da batalha. Neſta ultima hora tam fôra eſtà o homem de poder diſpór do que tem, que nam ſabe diſpór de ſi meſmo. E ſó o medo da morte he ſufficiente para lhe tirar do ſentido, tudo o que pertence à conſervaçaõ da ſua propria vida, & ao eſtabelicimento da alheia.

282 Ezechias Rey de Iſrael adoecéo de huma grave enfermidade, & o Profeta Jſaias o aviſou, que fizeſſe teſtamento, porque havia de morrer deſta doença : *Diſpone domui tuæ, quia morieris tu, & non vives.* Que imaginais ? Que Ezechias chamaſſe ſeus Miniſtros de Eſtado, & que na ſua preſença deliberaſſe ſobre os mais importantes intereſſes de ſeu Reyno ? Ao terrivel annuncio da morte, ficou Ezechias tam confuſo, & ſentido, que em lugar de reſolver nas materias do governo, todo ſe reſolvéo em lagrimas : *Flevit Ezechias fletu magno.* Ponderando o Alapide a cauſa das lagrimas de Ezechias, diz que chorava, porque nam tinha ſucceſſam : *Flevit, quia non habebat filium, quem relinqueret hæredem.* No meſmo tempo pois que Ezechias conſiderava as perturbaçoens, que a hum Reyno pôde cauſar a morte do Rey ſem ſucceſſor, conhecia, que o diſcurſar ſobre tam relevantes conſequencias, nam he ocupaçaõ para hum agonizante : & por iſſo vendoſe prezo nos laços da morte, nam procura de ſe deſenredar deſtes politicos embaraços, mas affligido das ſuas laſtimoſas perplexidades, ſuſpende os penſamentos, & ſolta as lagrimas : *Diſpone domui tuæ, quia morieris. Flevit Ezechias fletu magno.* Neſta meſma perturbaçam ſe acham os pays de familias, quando aos rebates da morte, nam tem o ſeu teſtamẽto diſpoſto. Embarga a violencia da dor, os diſcurſos da razam. Deſmaya com a

*Iſai. 38. v. 3.*

*Alapid. in Iſai. 38. v. 3. pag. 311. col. 1.*

*Iſai. 38 v. 2.*

vida, a prudencia. E ocupados ſó com ſuas penas,& ancias, nam admitem outros cuidados, conhecendo por experiencia, que nam ha tempo mais intempeſtivo para diſpòr dos bens da vida, que a hora da morte. De todos os homens do Mundo, ſó hum podia com razam ter confiança para guardar o teſtamento para a ultima hora da vida. E que homem foi eſte, tam ſuperior aos mais homens? Chriſto Senhor noſſo, Homem Deus, em quem tendo a morte poder para lhe tirar a vida, nam teve poder para lhe perturbar a razam. Eſtando o Senhor na Cruz, nos mais apertados trances da ſua agonía, fez teſtamẽto, & o aſſinou com o ſeu proprio Sangue, na preſença de tantas teſtimunhas, quantas eram as peſſoas, que aſſiſtiam á ſua morte. *Teſtabatur* (ſam palavras de Santo Ambroſio) *teſtabatur in Cruce Chriſtus, & inter Matrem, atque Diſcipulum dividebat pietatis officia.* A Senhora deixou eſte divino teſtador, o Evangeliſta por Filho adoptivo: ao Evangeliſta deixou a Senhora por Mãy, & nomeou ao Bom Ladram por herdeiro, & companheiro da ſua gloria: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Iſto que nos mais homens ſeria temeridade, na peſſoa do Senhor foi acerto da ſua infinita ſabidoría. Porque nam tendo o Senhor peccados, de que ſe arrepender, & ſabendo que havia de morrer cõ todas as potencias d'Alma no ſeu vigor, era ſuperfluo que com a anticipaçam do teſtamento, ſe preveniſſe contra os aſſaltos da morte. *Non ergo* (diz Soares Granatenſe ao meu intento) *non ergo illi fuit neceſſarium, teſtamentum condere, ante ultimum vitæ terminum.*

*Ambr. epiſt. 82. in fine.*

*Suares in vita Chriſti quæſt. 46. pag. 440. c. 1*

283 Mas nos mais homens, em que a violencia do mal, & o medo da morte, poſtram as forças dos ſentidos, & perturbam a ſerenidade do juizo, oh que temeraria he a preſumpçam de poderem na hora da morte applicar o penſamẽto à nomeaçam dos herdeiros, à inſtituiçam dos morgados,

gados, à satisfaçam das dividas, à remuneraçam dos servos, aos legados d'Alma, ao enterro do corpo, & a todas as formalidades de hum testamento. A hora da morte he tam ocupada, que nella nam cabe outro cuidado, mais que o da morte. Nesta ultima despedida do Mundo, nam ha de haver outra cousa que fazer, mais que morrer, & morrer em Graça: & nisto assaz tem que fazer, o miseravel que morre. Aproveitaivos, Christaõs, desta tão importante advertencia, considerando que ha repentinas mortes para castigo de temerarias confianças. Nam espereis a dispór na vossa ultima indispoziçam. E se usais de tantas prevençoens para huma vida acomodada, tratai de vos prevenir para huma morte tranquilla. Verdade he, que os cuidados da morte sam espinhos, que picam a cabeça com penetrantes razoens. Mas estes espinhos com sua agudeza estimulam aos homens ao desprezo dos bens do Mundo. A lembrança da morte, he huma coroa de espinhos: & a quem traz esta coroa na cabeça, todas as coroas, & grandezas da terra, sam objectos de desprezo. Flores do Mundo, que despreziveis parecem as vossas delicias, a quem vivamente experimenta o picante destes espinhos. Oh se quando a vaidade representa a hum ambicioso os luzimentos da sua prosapia, lhe puzera em parallelo os horrores da sua sepultura: que profundamente se humilháram os seus altivos pensamentos! Que desenganada vivéra a belleza, se quando se contempla em hum cristal, considerára, que he mais fragil que o mesmo cristal, que a representa! Que depressa acabáram as ancias de adquirir, se se atendéra á necessidade do deixar! E que voluntariamente se deixára, o que se possue, se se reparára, que o que se possue, he nada, & quando se deixa, menos que nada! Pertendéram os Iudéos de fazer ao Redẽptor do Mundo desprezivel com os fantasticos adornos

de hum mentido ſceptro, & de huma purpura ignominioſa: mas com eſta ficticia pompa, fez o Senhor zombaria dos meſmos Iudéos, & das ſuas grandezas. Porque era força, que nos hombros do Senhor, foſſe a purpura, motivo de eſcarnéo, & o ſceptro nas ſuas maõs, materia de riſo, pois trazia na cabeça a coroa de eſpinhos, em que ſe repreſenta a lembrança da morte.

284 Eſte documento deixou o Senhor aos homens nas ultimas horas da ſua vida: para que entendeſſemos, que o deſprezo do Mundo, he huma diſpoſiçam preciſa para bem morrer. Chriſtaõs, abramos os olhos ao deſengano, primeiro que os fechemos á luz do dia. Brevemente ſe acabará para nòs o Mundo, & daqui a poucos annos, todos havemos de ſer pó, & cinza nas ſombras de hum ſepulcro. Eſte he o fim do homem, no fim da vida, huma cova por habitaçam, & por memoria do que foi, huma caveira. Mas que muito he, que na morte, o homem acabe de ſer, quando hum Homẽ Deus, quaſi perdéo a figura de homem, primeiro que acabaſſe a vida. Para o Preſidente Pilatos aplacar a furia dos Iudéos determinou de lhes moſtrar o Senhor tam desfigurado, que apenas tinha ſemblante de homem. Com eſte meſmo eſpectaculo, quero deſenganar os affectos, com que adorais ao Mundo, moſtrandovos o lamentavel eſtado, em que veio a parar o meſmo Criador do Mundo, o Divino Ieſus, Rey dos Anjos, & dos Homẽs. *Ecce homo.* Vede, Chriſtaõs, a que ſe reduzio a Mageſtade do Monarca do Vniverſo. E ſe o Mundo chegou a fazer de hum Deus humanado, o eſcandálo da Divindade, & o opprobrio dos homens: que glorias, & que grandezas póde hum homem mortal eſperar do Mundo? Com grande razaõ, affirmaveis, meu Divino Redemptor, que o voſſo Reyno nam era deſte Mundo, pois eſte Mundo quiz fazer de vòs hum Rey de riſo, & de eſcarnéo. De

Moſtraſe o Paſſo.

que

que vos valéo, meu Deus, o fazervos tam conhecido aos homens pelos infinitos milagres, & beneficios, que lhes fizeſtes, ſe os homens nam ſó vos haviam dē deſconhecer por ſeu bemfeitor, mas tambem vos nam haviam de conhecer por homem? Mas no meio deſtes opprobrioſos disfarces, não deixamos, meu Deos, de conhecervos por quem ſois, porque com a paciencia, com que ſofreis os deſacatos, & deſatinos do Mundo, manifeſtais ao meſmo Mundo, que ſois Deus. Que ſô em Deus ſe póde achar huma tam grande paciencia, & no Mundo huma tam grande injuſtiça. Almas Chriſtaãs, acabai já de conhecer a Deus, & ao Mundo, porque deſtes dous conhecimentos depende a voſſa ſalvaçam. O conhecimento de Deus vos dará motivos para o amares, & no conhecimento do Mundo achareis razoens para o aborrecerdes. Amai a Deus, & aborrecei ao Mundo. Porque o Mundo vos engana, & ſó Deus vos ama. Que ſuppoſto que offendamos a Deus como peccadores, nam deixa Deus de amarnos como infinitamente miſericordioſo. Miſericordia, meu ſoberano Redemptor. Miſericordia, meu Divino Ieſus. Miſericordia neſta vida, & Gloria na outra. *Ad quam nos perducat &c.*

SER-

# QVARTA TARDE

## CONTRA OS QVE TARDÃO em ſatisfazer os legados dos defuntos.

*Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Eccleſiaſt. 5. v. 8.

285. TAMBEM hoje temos que dizer contra os Tardes. Tarde ſe cumprem as promeſſas, como temos viſto na primeira Tarde. Tarde ſe pagaõ as dividas, como vimos na ſegunda. Tarde ſe fazem os teſtamentos, como tenho moſtrado na terceira. E tarde ſe ſatisfazem os legados dos defuntos, como veremos neſta quarta Tarde. Ao cuidado dos amigos, & dos parentes, ſe comete a execuçaõ dos legados; mas de ordinario, para mortos naõ ha parentes, nem amigos. Corta a fouce da morte os vinculos da conſanguinidade: apaga o amor a ardente tocha, nas frias cinzas do ſepulcro: & no meſmo tempo, que ſe faz o enterro do parente, ſe fazem as exequias do parenteſco. Conſiderando o paciente Job os poucos dias, que lhe ficavaõ de vida:

*Dies*

Job c. 17. v. 1. *Dies mei breviabantur* : & parecendolhe eſtar morto, & amortalhado : Job c. 17. 14 *Solùm mihi ſupereſt ſepulchrum*: affirma, que ſó a terra, & a corrupçam, ſam ſeus parentes: Ibid. *Putredini dixi : Pater meus es, ſoror mea, & mater mea, vermibus.* Nam lhe faltavam a Iob parentes neſta vida; mas reparando na pouca lembrança, que os vivos tem dos mortos, entendéo, que os verdadeiros parentes de hum morto, ſam a terra, que o cobre, & a ſepultura, que o agaſalha. Huma das cauſas deſte ingrato deſcuido dos parentes, & herdeiros, he o cuidado, com que ſe applicaõ ao logro, & augmento dos bens acquiridos. Os que trabalham nas minas, poem os olhos na terra, & dam as coſtas ao Sol, que he o pay dos metaes. Nam de outra ſorte os herdeiros. Abrem as veas do ouro ajuntado cõ o ſuòr, & o ſangue do defunto, & divertidos com a abundancia das riquezas, ſe eſquecem do author dellas. Conſideram a morte do teſtador como o incendio de aquelles montes, de que falla Athenéo, que ſe reſolvéram em rios de prata: & na herança dos bens, ou na ſucceſſam das dignidades, acham remedios para o ſentimento, & antidotos para a ſaudade. Morréo Aram, & diz a Eſcritura, que todo o Povo de Iſrael chorou a ſua morte: *Omnis multitudo videns occubuiſſe Aaron, flevit ſuper eo*: mas de Eleazaro filho de Aram, não ſe ſabe que choraſſe a morte de ſeu pay. Chorou o Povo, porque na morte de Aram, perdéo o Povo o ſeu Summo Sacerdote. E ſe Eleazaro nam chorou, foi porque com a morte do pay, ſucedéo no Summo Sacerdocio. Secou o vento da ambiçam a corrente das lagrimas: a Tiara do Pontificado, poz interdito á dór: & com o poder do pay defunto, ſe armou o coraçam do filho contra os impulſos do ſentimento. A Eſtatua de Nabuco, em que ſe ſimbolizavam as Monarquias, tambem pòde ſervir para retrato das familias. A cabeça deſta Eſtatua era de ouro, & Montes Riphæi. Numer. c. 20. 30

as

as entranhas de bronze. Na cabeça, ſe ſignificam os pays; & nas entranhas, os filhos. E a huma cabeça de ouro, muitas vezes ſe ſeguẽ entranhas de bronze. Porque a hum pay opulento, de ordinario ſucede hum filho deſagradecido.

286 Se ficáram os pays perſuadidos deſta verdade, fizeram, em quanto vivem, as obras, com que pertendem aſſegurar ſua ſalvaçam, ou perpetuar ſua fama: & nam deixáram eſtas commiſſoens a ſeus filhos, que attendendo aos augmentos da herança, ſe eſquecem das leys da natureza, & da obediencia. Para eternizar ſuas memorias determinou Abſalam edificar hum mauſoléo, & deu por razam deſte ſeu intento, que nam tinha filhos: *Dixerat enim, non habeo filium.* Mas conſta da Eſcritura, que Abſalam teve quatro filhos. E he opiniam, que alguns delles eram vivos, quando Abſalam fabricou o ſeu ſepulcro. Suppoſto iſto, mentío Abſalam, quando diſſe, que nam tinha filhos: *Non habeo filium.* Direi. Entendéo Abſalam, diſcretamente deſconfiado, que eſtes, que eram ſeus filhos, em quanto vivia, nam haviam de obrar como filhos depois da ſua morte: & por iſſo nam quiz fiar delles a fabrica do edificio, com que pertendia perpetuar ſeu nome nas memorias da poſteridade: *Non habeo filium.* Aſſim paſſa. Anhelam os filhos a ſuſtancia dos pays, & nam fazem caſo de ſeus oſſos. Perdem a memoria do paſſado, com a eſperança do futuro. E ſuppoſto que ſe declaram filhos para o Direito da ſucceſſam; nam ſe moſtram filhos no agradecimento. Os filhos, & os herdeiros coſtumam fazer com hum defunto, o que os Hebréos antigamente fizeram com os Aſſyrios. Em huma ſó noite, matou o Anjo do Senhor, Cento & oitenta & ſinco mil Aſſyrios. Difficultam os Doutores ſobre o genero da morte, com que ficou no campo huma tão grande multidam de gente. E tem para ſi o Lyrano, que todos eſtes

*Rabbini, & Lyran. cenſent Abſalonem reliquiſſe filios poſt ſe. Alapid. in 2. Reg c. 18. p. 70. 18.*

*Fuerunt incinerata ſub armis, ac veſtibus intactis, ita quod populus Ezechiæ potuit ſpolia de facili colligere.*

*Lyran. in 4. Reg cap. 19.*

eſtes ſoldados ficáram convertidos em cinza dentro das ſuas proprias armas, & veſtidos; para que os Hebréos pudeſſem mais facilmente tomar os deſpojos. Chegavam os Hebréos aos cadaveres dos mortos, aſſopravam a cinza, & pilhavão a fazenda. Iſto he o que commumente fazem os herdeiros para com os defuntos. Poem de parte a cinza, & repartem entre ſi a herança. Aſſopram o pó, & colhem o dinheiro. Lançaõ da memoria o morto, & lançam mam do theſouro. Paſſa pois a cubiça, a impiedade; porque falta à execuçam das obras pias, & legados, que os defuntos deixam. E com eſta falta cauſam tres notaveis danos às Almas, como veremos nas tres partes do Sermam. A Alma de hum defunto morto com uſo de razam, infalivelmente vai para hum deſtes tres lugares: para o Ceo, para o Purgatorio, ou para o Inferno. Em qualquer deſtes lugares, que a Alma do defunto ſe ache, lhe ſolicita o ingrato herdeiro, perdas, & ruinas. Porque ſe eſtá no Ceo, lhe ſuſpende a ſua Gloria. Eſte he o primeiro aſſumpto. Se eſtá no Purgatorio, lhe retarda os ſeus alivios. Eſte he o ſegundo aſſumpto. E ſe eſtà no Inferno, procura de lhe acreſcentar os tormentos. Eſte he o terceiro aſſumpto. Todos tres ſam dignos de muita attençam. Peçamos a Graça. *Ave Maria.*

## I. PARTE.

287 Primeiramente ſe a Alma do defunto eſtá no Ceo, os que dilatam o cũprimento dos ſeus legados, lhe ſuſpendem a ſua Gloria; nam a Gloria eſſencial, mas a Gloria accidental. A Gloria eſſencial dos Bemaventurados, conſiſte na clara Viſam de Deus, que he o objecto principal, & adequado da Bemaventurança. E neſte ſentido ſe podem entender as palavras de Santo Aguſtinho: *Viſo, eſt tota merces.* Além deſta Gloria eſſencial, ſam as Almas dos Bemaventura-

dos

dos capazes de outras Glorias, premios, & goſtos accidentaes. E eſta he opiniaõ commua dos Theologos, fundada na razam, & na Eſcritura. Eisaqui a razam em fórma Sillogiſtica. Nenhuma couſa criada, he eſſencialmente tam perfeita, que nam ſeja capaz de algum accidente para complemento da ſua perfeiçam: A Bemaventurança fórmal, he couſa criada: Logo tambem he capaz de alguns accidentes, que além da Viſam Beatifica podem augmentar a felicidade dos Bemaventurados. Eſta he a razam dos Theologos. E eſtá fundada na Eſcritura. No Capitulo quinze de S. Lucas falla o Senhor no grande goſto, & alegria, que a converſam de hum peccador cauſa aos Santos do Ceo: *Gaudium erit coram Angelis Dei ſuper uno peccatore, pœnitentiam agente.* Luc. c. 15. v. 10. Eſta alegria dos Santos, como advertio Suares Granatenſe, nam eſtá eſſencialmente comprehendida no acto da Viſam Beatifica; mas he hum accidente, que ſobrevem á eſſencia da Bẽaventurança: *Gaudium erit in cælo. Et ſine dubio ſermo eſt de novo gaudio, & extra Viſionem Beatam.* Suares in 1. 2. diſp. 11. ſect. 2. mihi p. 93. c. 2. Aos Santos dá o Senhor eſta Gloria accidental, quando lhe revéla os acontecimentos deſta vida, que lhe podem dar motivos de goſto: como póde dar a hum pay no Ceo, a revelação dos ſantos coſtumes de ſeus filhos na terra: a hum Monarca, a nova do bom governo de ſeus Eſtados: a hum Pontifice, a noticia dos augmentos do Imperio da Chriſtãdade: & a qualquer outro Bemaventurado a certeza da execuçam dos legados, & obras pias, que deixou para alimento dos pobres, & para as fabricas dos Hoſpitaes, dos Templos, & dos Conventos. Suppoſta eſta doutrina, claro eſtá, que os deſcuidos dos herdeiros, embargam a Gloria accidental dos Santos. E temſe tanto experimentado eſte pouco cuidado dos vivos para a Gloria dos defuntos, que para a execuçam de hum legado ſe nam póde o pro-

proprio pay fiar de seu filho. Temos a prova na Escritura.

288 Na minha opiniam, o maior legado, que até agora se deixou, foi o que David deixou para a fabrica do Templo de Ierusalem. Deixou o Santo Rey para este magnifico edificio Cem mil Talentos de ouro, & mil milhares de Talentos de prata: *Auri talenta centum millia, & argenti mille millia talentorum.* Naquelles tempos hum Talento era hum pezo de duzentos, & sincoenta Marcos: por onde cem mil Talentos de ouro, com mil milhares de talentos de prata, importavam em ouro, & prata, a summa de dous mil & quatro centos Milhoens de Escudos, que em moeda Portugeza fazẽ quatro mil Milhoens de Cruzados. Por executor de tam grande legado, nomeou David a seu filho Salamaõ, & no mesmo tempo ordenou a todos os Principes de Israel, que depois da sua morte acudissem à execuçam deste legado: *Præcepit quoque David cunctis Principibus Israel, ut adjuvarent Salomonem.* Se Salamam era filho de David, & o mais sabio dos filhos, que atè agora tiveram todos os pays do Mundo, que necessidade tinha David de encommendar aos Principes de Israel a execuçam desta santa empreza? Como filho, parece, nam podia Salamam faltar ás leys da fidelidade, & da obediencia: & como summamente sabio, nam necessitava do conselho de seus Ministros. Respondo com o Abulense. Nam deve hũ pay prudente fiarse de seus filhos nas commissoens, que lhes deixa depois da sua morte. Porque as riquezas dos pays defuntos, servem tal vez de incentivos para a ambiçam dos filhos. E para David se prevenir contra esta tam experimentada desgraça, encommendou a todos os Principes de Israel, a execuçam do seu legado: para que dado caso, que Salamam quizesse impossibilitar, ou dilatar a fabrica do Templo, o re-

1. Paralipom. c. 22. 14. *Vid. Alapid. ibid. & Villalpand. tom. 2. in Ezechiel. sub finẽ.*

1. Paralipom. c. 22. 17.

pre-

prehendeſſem deſta falta, ou deſta dilaçam: *Præcepit quoque David cunctis Principibus Iſrael, ut adjuvarent Salomonem.* O Abulenſe: *Eo quod mortuo David, ſi Salomon non faceret, quæ juſſerat ei David, Principes, qui interfuerant huic juſſioni, poſſent increpare eum.* Quando pois ſe acabou a fabrica do Templo, que augmentada ſe veria a Gloria accidental de David, ſe naquelle tempo ſua Alma, aſſim como eſtava no Limbo, eſtivera no Ceo. Lá naquelle Templo da Bemaventurança todos os Anjos, lhe houveram dado os parabẽs do magnifico Templo, que fabricára a Deus na terra, & com humilde jactancia pudera David repetir as memoraveis palavras, com que antes de morrer modeſtamente applaudio ſua glorioſa empreza: *Ego in paupertate mea præparavi impenſas domus Domini.* Senhor, nam empreguei em profanas oſtentaçoens os bens da Coroa de Iſrael; mas com pia avareza ajuntei os tributos de meus vaſſallos, & os deſpojos dos meus inimigos, para os lançar nos fundamentos dos Altares, & nos alicerſes de hum Santuario dedicado a Divinos Sacrificios. E não reparei em faltar ao eſplendor da minha Real familia, para acreſcentar a Mageſtade, & a magnificencia da voſſa habitaçam no Mundo: *Ego in paupertate mea præparavi impenſas domus Domini.* Eiſahi como com a execuçum dos legados, ſe póde augmentar a Gloria accidental dos Santos, que ſuppoſto nam neceſſitam deſtes accidentes de Gloria, ſam eſtes glorioſos accidentes tanto para eſtimados, que Chriſto Senhor noſſo, que he a meſma Gloria do Ceo, anhelou em certo modo eſta Gloria accidental, appreſſando cõ notavel diligencia a execuçam do legado, que deixára pouco tempo antes da ſua morte.

*Abul. ibi. quæſt. 15.*

*1. Paralipom. 22. 14.*

289 Aos Apoſtolos deixou o Senhor huma eſpecie de legado, quando lhes prometéo, que depois de morto, lhes mandaria o Eſpi-

Joann. c. 16. 7. Espirito Santo : *Si autem abiero, mittam eum ad vos.* Chamo a esta divina promessa, legado. Porque os legados sam doens de defuntos : & a communicaçam deste dom, estava reservada para depois da morte de Christo. Soberano dom, em que todos os doẽs se encerram. O dom da Sabidoría, o dom da Paz, o dom das Profecias, o dom das Linguas, & geralmente todos os doens da Graça: & por isso he chamado o Espirito Santo, Dom de Deus por antonomasia: *Altissimi Donum Dei.* Chegado pois o dia destinado para a execuçam deste divino legado, baixou o Espirito Santo com tam arrebatada velocidade, que a sua vinda com ser esperada, parecéo repentina: *Factus est repentè de cælo sonus, tanquam advenientis Spiritus vehementis.* Mas a que fim tanta pressa, quando á Magestade do Espirito Sãto parece eram mais convenientes decorosos vagares em se communicar ? Oh, que este Divino Espirito, he o legado, que Christo deixára ao Mundo, & era preciso, que com toda a brevidade se executasse para a Gloria accidental de Christo : *Spiritus Sanctus per tot, tantaque dona, gloriam Christi mirè illustravit.* Deu o Espirito Santo eloquencia aos Apostolos, para a a conversam dos infieis ; constancia aos Martyres, para a confusam dos tyranos; & zelo aos Confessores, para a reformaçam dos costumes: & que outra cousa foram todos estes doens do Espirito Santo, senam augmentos, & realces da Gloria de Christo ? Estava Christo no auge da Gloria essencial, mas parece estava solicito da Gloria accidental, que lhe havia de resultar do cumprimento do seu legado : & por isso o Espirito S. como seu Testamenteiro, & Executor das suás ultimas vontades, abrio sem dilaçam, os seus thesouros, & os repartio com improvisa magnificencia : *Factus est repentè de cælo sonus, tanquam advenientis Spiritus vehementis.* Se

Act. Apost. cap. 2. v. 2.

Alap. in Ioann. c. 7. p. 365. col. 1.

os Bemaventurados foram capazes de sentimento, & se no meyo das suas inalteraveis felicidades, houvera lugar para as mágoas, que vivamente sentiriam as injuriosas dilaçoens, com que o ingrato esquecimento dos herdeiros, suspende a sua Gloria accidental, com retardar a execuçam dos seus legados. Mas aos Bemaventurados nam he tam prejudicial esta detença, como às Almas do Purgatorio; porque sendo exceilivas as penas, que sentem, cruelmente as atormenta a tardança dos alivios, que esperam. E este hé o segundo assumpto do Sermam: *Non tardes converti ad Dominũ, & ne differas de die in diem.*

## II. PARTE.

290 Duas sam as causas dos tormentos, que as Almas padecem no Purgatorio; a justiça, & a injustiça: a justiça de Deus, & a injustiça dos homens. A justiça de Deus castiga as Almas com os ardores do fogo: & a injustiça dos homens tiraniza as Almas cõ a dilaçam dos Suffragios. Que como advertio Santo Thomás, nam fica aliviado o defunto, em quanto se lhe dilata o Suffragio: *Remedium mortuo non adhibetur, dum suffragia differuntur.* Do rigor da Divina Iustiça, nam se queixam as Almas do Purgatorio; porque conhecem, que as suas culpas sam merecedoras das penas, com que Deus as castiga. E o sofrimento se acommoda ao castigo, quãdo he justo. Os Jrmaõs de Ioseph prezos, & cativos na Corte de Faraó, nam se queixavam do seu cativeiro, porque o consideravam como justo castigo da perfidia, com que haviam vendido seu irmam por escravo aos Egypcios: com a lembrança do seu delito, se animáram para o sofrimento, & nam se mostràram aggravados, porque se conheciam criminosos: *Meritò hæc patimur, quia peccavimus in fratrem nostrum.* Não de outra sorte as Almas do Purgatorio. Sofrem com paciencia os incendios, em que se abrazam; porque a consciencia lhes representa Genes. 42. 21.

as

as culpas, que cometéram. E perſuadidas da juſtiça do caſtigo, embargam as queixas ao ſentimento: *Meritó hæc patimur, quia peccávimus.* Mas quando a dilaçaõ das ſuas penas, naſce do deſcuido dos herdeiros, oh! que juſtas ſam as queixas das Almas, & que cruel he a ingratidam dos parentes, que logram a herança, & faltam á correſpondencia. A huma Alma do Purgatorio attribuem os Interpretes eſtas miſterioſas palavras: *Fratres mei pertranſierunt me, ſicut torrens, qui raptim pertranſit in convallibus.* Job 6. 15. Diz eſta Alma diſcretamente queixoſa, que ſeus parentes paſſáram por ella, como paſſa huma torrente por hum valle. Nas inundaçoens do Inverno, paſſa a torrente pelos valles; & paſſando, tudo arrebata, & tudo leva, plantas, troncos, caſas, & cabanas: mas ſendo a torrente tam copioſa de aguas para os roubos, nos ardores do Eſtio, nam tem a torrente, agua para os refrigerios. Eſtá o valle ardendo, & eſtá ſeca a torrente. No Inverno acudirám as aguas para levar os deſpojos; mas no Veram, em que o calor do Sol abraza o valle, nam dá a torrente huma ſô gota de agua para mitigar os ardores. Do meſmo modo no Inverno da morte ſam os herdeiros como torrentes, que tudo levam: & para a Alma do defunto, que eſtá ardendo no fogo do Purgatorio, ſaõ mais ſecos que huma torrente no Eſtio. Suſpira, & geme o defunto deſemparado de todos os parentes, & amigos, & cercado ſó de penetrantes lavaredas; & nam ſe lhe apagam os incendios, porque nam ſe pagam os legados: *Fratres mei pertranſierunt me, ſicut torrens, qui raptim pertranſit in convallibus.* Coſtumaõ os herdeiros deſculpar eſta ſua impia negligencia, com duas apparentes razoens: a ſaber, a barateza dos tempos, & o embaraço das demandas. Eſperamos, dizem alguns, que ſuba mais alto o preço dos cabedaes eſtinados para o cumprimento do legado, para nam ficarmos

mos prejudicados na venda. Supposto isto, arderám vossos pays, vossos irmaõs, & vossos parentes no Purgatorio, em quanto se nam levantar o preço das vossas desgraciadas mercadorias. Oh se no Mundo se acertára a entender, que excessivos sam os tormentos de huma Alma abrazada em continuos incendios; atropellára a compaixam as razoens do interesse. E para aliviar as penas de hum defunto, nam só se vendéraõ barato as cousas de maior preço, mas com pia prodigalidade se dariam quasi de graça, & por nada os maiores thesouros do Mundo. Busquemos hum exemplo desta verdade no Evangelho.

291 Nam ha duvida, que Christo Senhor nosso, he hum bem infinito, por razam da sua Divindade, que he infinita. E se a cabeça do Bautista foi avaliada por mais de ametade de hũ Reyno, qualquer parte da pessoa de Christo, excede o valor de infinitos Reynos, & infinitos Mundos. Agora pergunto. Por quanto foi vendido aos Iudéos este infinito thesouro da pessoa de Christo? Por quanto? Por pouco mais de nada: *Constituerunt ei triginta argenteos.* Matt. c. 26. 15. E quem foi o que vendéo ao Senhor? Iudas? Nam: que se bem advertirdes, só foi Iudas, o corretor, & o medianeiro da venda. Christo Senhor nosso, foi o que propriamente se vendéo a si mesmo; porque nam só permitio, que Iudas o vendesse; mas tambem permitio, que apressasse a venda: *Quod facis, fac citius. Ostendit se moram non facere traditori:* diz neste lugar Sam Leam Papa. Mas porque razam permitís, meu Deus, que se faça esta venda com tanta pressa, & em tempo que os Judéos tem tam pouco conhecimento das vossas inestimaveis excellencias. Esperai, meu Senhor, para outro tẽpo mais opportuno, que cõ a repetiçam dos milagres, & a continuaçam dos beneficios, por ventura, que os Iudéos abrirám os olhos: & conhecendo o valor do que com- Leo Serm. 7. de Passione.

compram, ſe lhe poderá augmentar o preço para credito do voſſo merecimento. Oh, nam admite o Senhor dilaçoens! *Quod facis, fac citius.* Vendaſe o theſouro, & vendaſe com toda a preſſa; porque deſta venda depende o reſgate das Almas dos vivos, & dos defuntos. Neſte Mundo, as Almas dos vivos neceſſitavam da Graça; no Limbo as Almas dos defuntos ſuſpiravam pela Gloria: & para acudir ás Almas, que neceſſitam, & ſuſpiram, quer o Senhor ſer vendido tam barato, que com a vileza do preço, ſe facilite, & ſe apreſſe a venda. Admiravelmente ao noſſo intento Saõ Paulino na Epiſtola quarta: *Ipſe nobis hac pietate pretioſior, quod ſe vili vult æſtimari, ut ab omnibus ematur.* Jmitem os herdeiros, & os teſtamenteiros eſte divino exemplo. Nam dilatem a venda dos cabedaes deſtinados para o ſuffragio das Almas. Baſtelhe o preço corrente. Porque a neceſſidade das Almas, he extrema, & a ſua pena, exceſſiva.

*Ioann. 13. 27.*

292 A ſegunda razam porque os herdeiros atrazam a ſatisfaçam dos legados, he o embaraço das demandas. Se neſte tempo, ſe concluíram as demandas com a brevidade, com que as acabavam os antigos, naõ fora tam inſofrivel eſta detença. Eſcreve o Abulenſe, que antigamente ſe julgavam as cauſas dos litigantes nas portas das Cidades, porque quem eſtá nas portas de huma Cidade, em breve tempo ſe poem fôra, ou dentro das portas. E com eſta brevidade ſentenciavaõ os Iulgadores, as cauſas; para que nam penaſſem as partes em requerer: *Iudicia & cauſarum diſcuſſiones fiebant antiquitus in portis civitatum, ut ſine mora lites dirimerentur.* Mas neſte tempo dura mais huma demanda, que a guerra de Troia. E he mais facil fazer as pazes entre dous Exercitos, doq̃ compor as controverſias de dous litigantes. Que extravagantes ſam os homẽs nas ſuas demandas. Os meſmos que aborrecem a demanda, que fazem, tem

*Toſtat. Geneſ. 33. v. 8.*

medo de a perder ; & os que com razam a começáram , dezejam de a ver acabada. Se fora verdade o que diz Plinio, que o peixe , a que os naturaes chamam Remora , nam só tem poder para reter os navios no mar, mas que tambem tem virtude para retardar as causas nos Tribunaes ; disséra eu , que a discordia tem despovoado ao mar destes animaes , que influem tardanças , para com elles suspender todos os actos da justiça na terra : & affirmára , que no sangue das Remoras , se embebéram todos os feitos. Tam vagarosos sam os despachos !

*Plin. lib. 9. c. 25.*

293 Duas cousas fomẽtam estas pernicioſas detenças ; a porfia das partes , & a cubiça dos Advogados. A porfia das partes , se experimenta na Christandade mais que em nenhuma parte do Mundo. Porque destes tres generos de homens, Christaõs, Iudéos , & Mouros , os Christaõs sam os mais litigiosos. Os Iudéos gastam o seu cabedal na solennidade das suas Paschoas : os Mouros, na sumptuosidade das suas bodas : & os Christaõs na obstinaçam das suas demandas. Por onde diz o Adagio Castelhano : *Iudios en Pascoas , Moros en bodas, y Christianos en pleitos , gastan sus dineros.* Tambem a cubiça dos Causidicos arrasta os Demandistas. Quantos Officiaes de Iustiça se enriquecem com a sustancia de familias destruidas : semelhantes áquelles povos de Lybia , que vivem no meio dos cachopos , para se aproveitarem dos naufragios. Crescem as ondas do mar com a porfia das tormentas, & as riquezas dos Advogados se augmentam com a teima dos litigios. Entretanto , no meio destas alteraçoens , & debates , a Alma do defunto geme, como a triste Rebecca , que padecia dores crueliſſimas na hora do parto , em quanto Iacob , & Esau , estavam lutando com ambicioſas competencias. *Si sic mihi futurum erat :* dizia a pobre mãy atormentada : *quid necesse fuit concipere ?* De que

*Hi populi vocantur Nasamones.*

*Genes. 25. 22.*

me

me aproveita ſer mãy de dous filhos, que raſgam as entranhas, em que foram concebidos, & com guerras inteſtinas convertem o ſeio materno em campo de batalha. Rigoroſas diſcordias! Funeſtos combates! Eſtimulos da dór, & obſtaculos da fecundidade! Com eſtas meſmas palavras, parece, ſe queixa huma Alma do Purgatorio: *Si ſic mihi futurum erat, quid neceſſe fuit concipere?* De que me ſervem os bons intentos, que concebi, ſe as diſſençoens dos herdeiros lhe impedem o naſcimento. As contrariedades reynam, & os legados eſquecem. Perſeveram as oppoſiçoens, & faltam os Suffragios. E barbaramente deſemparada, deſmayo nas penas, & agonizo nos tormentos. Eſtas, & outras queixas podem fazer as Almas Santas. E ainda mal, que tantas vezes as fazem com terriveis demoſtraçoens do ſeu juſto ſentimento. Tal foi a Alma d'aquelle miſeravel, que como refere Sam Bernardino Senenſe, vendo que ſua mulher eſquecida das leys do amor, & da fé conjugal, tardava em dar ſatisfaçam aos legados, que lhe deixàra encommendados, apparecéo diante da Imagem de hum Chriſto crucificado, & com altas vozes gritou: Iuſtiça, Senhor, juſtiça. Tomai vingança de quẽ injuſtamente me deſemparou. E nam queirais permitir, que com os deſcuidos alheios, ſe prolonguem os meus caſtigos. Na primeira, & ſegunda parte do Sermam, temos viſto, como o dilatar a execuçam dos legados, prejudica às Almas dos Bemaventurados, & às Almas do Purgatorio. As Almas dos Bemaventurados, porque ſe ſuſpende a ſua Gloria accidental: & ás Almas do Purgatorio, porque ſe dilatam as ſuas penas. Reſta, que vejamos neſta terceira parte como eſta dilaçam póde atormentar atè as Almas dos condenados. E ſuppoſto que eſtas inimigas de Deus nam mereçam a noſſa commiſeraçam, cõſideremos, que juſta fora a ſua queixa, ſe fora capaz

*Bernard Senenſ. tom. 4. Serm. 15*

de alivio a ſua pena.

## III. PARTE.

294 A huma Alma cõdenada ao Inferno, nam ſe lhe pòde diminuir a ſua pena eſſencial, & ſempre ſe lhe podem acreſcentar novas penas accidentaes. Temos a prova no Evangelho. Ao Patriarca Abraham pedio o Rico Avarento, mandaſſe a Lazaro a caſa de ſeus Irmaõs, a aviſalos, & exhortalos à penitencia, para que nam foſſem acompanhalo no Inferno: *Vt teſtetur illis, ne & ipſi veniant in hunc locum tormentorum.* Grande zelo de hum condenado! Nam he zelo, diz Santo Antonino, he medo. Nam dezeja o Rico Avarento a ſalvaçam de ſeus Irmaõs por motivo de caridade, mas por medo da pena, que ſe lhe havia de augmentar com a viſta, & cõpanhia de ſeus Irmaõs, com que havia logrado as delicias do Mundo: *Non quia ex charitate compateretur eis, ſed quia ſibi mauis parabatur ſupplicium, ex damnatione fratrum.* Demaneira, que podem creſcer as penas accidentaes dos condenados: & ſuppoſto que lhe não podem valer os noſſos Suffragios, muito os podem atormentar os noſſos deſcuidos. Porque emquãto ſe nam ſatisfazem os legados, que elles deixáram, não ſe reparam os dannos, que elles fizeram neſta vida: & por conſequencia, he provavel, que ſe lhe augmentam as penas, & ſe lhe multiplicão os tormentos. Bem ſei, que os condenados ſe fizerão tão indignos de todo o genero de alivios, que he juſto, que ninguem dezeje de os aliviar, porque os caſtigos deſtes deſgraciados reſultam em Gloria de Deus: que aſſim como a juſtiça humana não menos ſe acredita com o caſtigo das culpas, que com o premio dos merecimentos: aſſim para credito da Divina Iuſtiça, tão glorioſas faõ as miſerias dos condenados no Inferno, como as felicidades dos Bemaventurados no Ceo. Suppoſta eſta razam, para a Gloria da Iuſtiça

Luc. 16. 27.

S. Antonin. 4. part. titul. c. 5. §. 10.

ftiça de Deus podem os homens dezejar, que não ſe diminuam as penas dos condenados. E por iſſo foi digna de louvor a juſta, & ſanta crueldade do Bemaventurado Alberto Magno, quando diſſe: que ſe ſoubera, que ſeu pay eſtava no Inferno, nam rogára a Deus por elle, nem delle ſe compadecéra, mais que do Diabo: *Si ſcirem, patrem meum eſſe in Inferno, non plus orarem pro ipſo, quam pro Diabolo.* Com o meſmo acerto obrára, quem com zelo da gloria de Deus dezejàra ver creſcidas as penas de hum condenado. Mas ainda que Deus permitira, que ſe lhe pudeſſem diminuir os tormentos, andam os homens tão eſquecidos dos defuntos, que com a meſma crueldade, com que deſemparam as Almas do Purgatorio, ſe deſcuidariam de procurar alivios, para os que ardem no Inferno. A todos os defuntos ſe podem applicar eſtas palavras de David: *Perijt memoria eorum cum ſonitu.* Acaba a memoria dos mortos com ſom. Com que ſom? pergunta Hugo Cardeal. Com o ſom dos ſinos. Em quanto o ſino dobra, lembra o defunto; mas com as ultimas badaladas, acabão as lagrimas, & as memorias: *Perijt memoria eorum cum ſonitu. Id eſt, cum ſonitu campanarum.*

*Albert. Magn. 4 diſtin. 45.*

*Pſalm. 9. v. 8.*

*Hug. Card. h. Pſal. 9.*

295 A Alma de hum defunto acontece o meſmo, que ao corpo de Moyſes depois de morto. Morréo Moyſes, & diz a Eſcritura, que ninguem ſoube onde eſtava ſepultado: *Non cognovit homo ſepulchrum ejus.* Mas como póde ſer, que os Iſraelitas nam tiveſſem noticia da ſepultura de Moyſes, quando a meſma Eſcritura eſpecifica o lugar, aonde Deus o ſepultára: *Sepelivit eum in valle terræ Moab, contra Phogor.* Sepultou Deus a Moyſes no valle de Moab, defronte de Phogor. Não lhe baſtavão aos Iſraelitas eſtes ſinaes, para acharem, ou quando menos para buſcarẽ as glorioſas cinzas do ſeu Legiſlador? Claro eſtà, que ſim: mas não conſta da Eſcritura,

*Deuter. c. 34. 6.*

*Deuter. 34.*

critura, que os Iſraelitas fizeſſem para eſte effeito a menor diligencia. De maneira, que morréo Moyſes, & poſto que foi chorada a ſua morte, nam ſe ſabe, que alguem tomaſſe o trabalho de buſcar, aonde jazia o ſagrado cadaver de Moyſes. Cuidais, que depois de mortos ſe deſvelaràm os parentes em cuidar no lugar, que ſe deu á voſſa Alma por habitaçam no outro Mundo? Laſtimoſo engano! Não ſe cançaõ os homens com eſtas funebres conſideraçoens. Lá na outra vida, em qualquer parte que vos achares, experimẽtareis atrociſſimas deſlealdades. Se for voſſa Alma para o Ceo, retardaráõ os herdeiros voſſa Gloria accidental, com a dilação dos legados: ſe eſtiveres no Purgatorio, nam vos acudiràm com Suffragios: & ſe (o que não permitta Deus) foſſeis tão deſgraciado, que a Divina Iuſtiça vos condenaſſe ao Inferno, ſeriam os voſſos herdeiros tão ingratos, & eſquecidos, que ainda que vos pudeſſem aliviar, nenhum alivio vos darião: *Non cognovit homo ſepulchrum ejus.*

296 Alguma razam acho eu naquelle que dizia, que nam queria deixar legados, nem tam pouco fazer teſtamento. Porq̃ Deus (dizia elle) fez dous Teſtamentos: o Teſtamento Velho, & o Teſtamento Novo. Mas nem hum, nem outro ſe guarda. Porque os Iudéos, nam guardam o Teſtamento Velho; nem os Chriſtaõs, guardam pontualmente o Teſtamento Novo. E ſe os homens nam guardaõ os Teſtamentos de Deus, quem haverá, que execute as pias diſpoſiçoẽs dos teſtamentos dos homens. Pois ſe iſto aſſim he, tomai o conſelho de hum antigo, que ainda que Gentio, falla neſte particular com prudencia Chriſtãa, & Catholica: *Tam rara in amicitijs fides, tam parata oblivio mortuorum, ut ipſi nobis debeamus conditoria extruere, omniaq; hæredum officia præſumere.* Ha tam pouco que fiar no cuidado dos amigos, & tam aparelhado eſtá o eſ-

*Plin. lib. 6. Epiſt. 10.*

o esquecimento para os mortos, que a hum homem prudente, & discreto, lhe convem fazer elle mesmo, emquanto vive, o que dezejára, que se lhe fizesse depois da sua morte. Assim fez Abraham para eterno exemplo dos vindouros: *Dedit cuncta, quæ possederat Isaac; filijs autem concubinarum largitus est munera, & separavit eos ab Isaac filio suo, dum adhuc ipse viveret.* Genes. 25.6. Notai estas ultimas palavras: *Dum adhuc ipse viveret.* Nam deixou Abrahaõ ordens para se executarem depois de morto; mas a todas deu execuçam em vida. Poz a Isaac de posse do morgado, deu a outros seus filhos, o que lhe bastava para viverem conforme seu estado, & apartou as familias para evitar as dissençoens. E tendo Abraham tantos parentes, & amigos, nam se fiou das correspondencias do parentesco, nem das finezas da amizade. Fazei vós o mesmo, que Abraham. Sede herdeiros, & testamenteiros de vòs mesmos, emquanto viveis. Fazei com vossas proprias maõs as esmolas. Mandai dizer as Missas. E assisti em pessoa às obras pias, que determinais de fazer para salvaçam da vossa Alma: que em materias tam importantes, he precisa a assistencia de quem manda, ainda que tivera certeza do bom successo, que dezeja.

297 Ao Profeta, que por parte de Deus, assegurava a Acab da vitoria contra seus inimigos, perguntou o mesmo Acab, quem havia de dar principio á batalha. Respondéolhe o Profeta: Tu. Tu has de ser o primeiro que saias ao campo: *Quis incipiet prælíari?* 3. Reg. 20. 14. *Ille dixit: Tu.* Mas se Deus prometéo a Acab a vitoria, porque razam quer Deus, que Acab se empenhe nos perigos do combate? Nam bastava, que os soldados de Acab tomassem as armas, & désem batalha ao inimigo? Nam. Quiz Deus, que Acab assistisse em pessoa ao conflicto. Porque he tam perigoso o fiarse de cuidados alheios, que sô póde assegurar as suas esperanças, quem

quem das ſuas proprias diligencias ſe fia. De todas as couſas do Mundo, a mais importante, he a ſalvaçam d'Alma, & a poſſe da Gloria, que ſe eſpera por meio dos Suffragios da Jgreja. Em huma materia pois de tam grande importancia, ninguem vos ha de acudir com maior fidelidade, que vòs meſmos: *Ille dixit: Tu.* Vòs, vôs meſmos haveis de fazer em vida, o que dezejais que ſe faça por vós depois da voſſa morte. Que ainda que outros façam o que mandais, nam o faràõ tam perfeitamente, como vós. He opiniam commua nas Eſcolas da Theologia, que de abſoluta potencia, podia Deus remir ao Mundo, por meio de hum Anjo, ou de hum homem Santo, que foſſe cabeça dos mais homens no eſtado da Graça, aſſim como Adaõ o foi no eſtado da natureza. Mas a nenhum dos Anjos, nem a nenhum dos homens cometéo Deus eſta empreza. Porque? Porque nenhũ delles podia perfeitamente ſatisfazer à Divina Juſtiça. E para eſta obra pia ſe fazer com toda a perfeiçam, foi preciſo, que peſſoalmente a fizeſſe o meſmo Deus humanado, & crucificado. Eſta, Fieis, he huma das principaes razoens, porque o Redemptor do Mundo poz o madeiro da Cruz aos hombros, & o levou ao Calvario: *Bajulans ſibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur, Calvariæ locum.* Os que na hora da morte deixam aos outros o encargo dos legados, ſam neſte particular, como os dous malfeitores, que nam levàraõ ás coſtas a ſua cruz, mas aos outros deixáram eſte pezo. Pelo contrario, toma o Senhor ſobre ſi todos os pezos, & encargos, & por iſſo he tam perfeito o Sacrificio da ſua morte. Joan. 19. 17.

*Suares de Jncarnat. quæſt. 1. art. 2. diſp. 4. ſect. 7. p. 80. c. 2. 1*

298 Naquella grande multidam de gente, que concorréo para ver o Senhor oprimido com o pezo da Cruz, conſidera Sam Bernardo dous generos de peſſoas; humas, que ſe riaõ, ſacrilegamente alegres; & outras, que choravam, ſantamente compadecidas:

Bern. Serm. de planct. Virgin.

*Alij super ipsum plangentes sequebantur; alij verò ludebant ridentes.* No mesmo espaço de tempo, foi a Cruz objecto de escarneos, & de lastimas. Huns faziam escarnèo do Senhor com a Cruz, porque nam comprehendiam o mysterio; & outros se lastimavam do Senhor com a Cruz, porque consideravam o tormento. Christaõs, comprehendamos este mysterio, & consideremos este tormento, para que a todos igualmente aproveite este misterioso, & doloroso espectaculo. Este, Fieis, será hoje o motivo das nossas lagrimas, & das nossas correspondencias. Lagrimas de sentimento, & correspondencias de amor.

Mostra-se o Passo.

Mostrai, meu amantissimo Senhor, essa Divina Cruz, em que á custa das vossas dores, & a dispendios de vosso sangue, levais a carga das nossas culpas. Ah culpas dos homens, que injustamente opprimís a innocencia! Oh Innocencia Divina, que glorioſamente acreditais as finezas do amor com as oppressoens da culpa! Mas se as culpas sam nossas, tambem he nossa a Cruz, em que carregam as culpas. Dai cá, meu bom Jesus, esse instrumento das vossas penas: que se atè agora quizestes padecer em satisfaçam de peccados alheios; tambem queremos fazer penitencia dos proprios peccados. Oh Deus de minha Alma, oh quanto nos pesa de havervos offendido. Oh quem nunca vos offendéra! Oh quem sempre vos amàra! Perdoai, Senhor, as nossas offensas. Concedeinos o perdam, por quem sois. E já que sois Deus de misericordia, Misericordia meu Deus. Misericordia, meu Iesus. Misericordia, para que alcancemos vossa Graça, penhor da Gloria. *Ad quam nos perducat Omnipotens: &c.*

QVIN-

# QVINTA TARDE

## CONTRA OS QVE TARDÃO em fazer penitencia.

*Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Eccleſiaſt. 5. v. 8.

299. Aſſumpto deſta ultima Tarde, he a penitencia; que ſempre a penitencia para o mais tarde ſe guarda. Na primeira Tarde vimos, como tarde ſe cumprem as promeſſas: na ſegunda vimos, como tarde ſe pagaõ as dividas: na terceira vimos, como tarde ſe fazem os teſtamentos: & na quarta Tarde, vimos, como tarde ſe ſatisfazem os legados dos defuntos. Sendo eſtas dilaçoẽs taõ fóra da juſtiça, & da razaõ, muito mais injuſta, & mais irracionavel he a dilaçaõ da penitencia. De todos os males do Mundo, diz Ariſtoteles, que a morte he o mais terrivel: *Vltimum terribilium eſt mors.* 3. Ethicorum. Falla Ariſtoteles como Philoſofo natural: que na Philoſofia da Chriſtandade, naõ he a morte o mais terrivel dos males: morrer em peccado mortal, he outro mal

mal ainda mais terrivel que a morte. Porque a morte, he hum mal, com que todos os males deſta vida acabaõ. E para quem morre em peccado, todos os males, deſta, & da outra vida, principiaõ. Depois da morte natural, deſcança o corpo no ſepulchro, & depois da morte em peccado, ſe eternizaõ as penas d'Alma, & do corpo no Inferno. A morte da natureza, he huma ſô morte: mas quem morre em peccado mortal, muitas vezes morre. Morre â Graça, morre â Gloria, & morre â eſperança de algum dia recuperar a Graça, & alcançar a Gloria. A todas eſtas mortes cegamente ſe arriſca o peccador, que com imprudente confiança dilata a penitencia. Em muitas acçoẽs da vida humana, he prudencia o dilatar. Dilata o prudente Capitaõ a batalha, para aſſegurar a victoria. Suſpende o Juiz a ſẽtẽça, para apurar a juſtiça. E o navegante retarda a jornada, para evitar a tormenta. Todas eſtas dilaçoẽs ſaõ actos de prudencia. Porco importa, que a vida acabe, primeiro que ſemelhantes emprezas ſe executem. Mas para o peccador ſalvarſe, he preciſo, que ſe arrependa antes de morrer. E ſuppoſta eſta verdade, ninguem pôde com razaõ dilatar hum ſó dia a penitẽcia; porque ninguem com certeza ſe póde prometer hum ſô dia de vida. Na ſagrada Eſcritura, o primeiro dia do Mundo, he chamado hum, & naõ primeiro: *Factum eſt veſperè & manè, dies unus.* Porque quem diz primeiro, promete ſegundo, em razaõ da primazia; & quem diz hum, naõ promete outro, em razaõ da unidade. Cada dia da noſſa vida, he como o primeiro dia do Mundo; he hum dia, & por ſer hum, naõ dâ eſperanças de outro: *Dies unus.* E ſerá poſſivel, que os homens, que ſe naõ podem prometer hum ſô dia de vida, tenhaõ confiança para ſe prometerem muitos dias, & muitos annos para a penitencia?

*Geneſ. cap. 1. verſ. 8.*

300 Com eſta eſperança, anda

anda a mocidade confiada, & na ſua confiança tem o ſeu maior perigo. Porque, como advertio o Seneca, tem os moços a morte detràs das coſtas, & os velhos tem a morte diante dos olhos. E he mais para temido o inimigo detrás das coſtas, que diante dos olhos. Porque ſe eſte com violencia nos acomete, aquelle com treiçaõ nos mata. Eſte Mundo, he como huma feira, de que o melhor, he o primeiro que ſe tira; porque a morte nos melhores annos nos leva. Por iſſo diz Santo Thomás, que mais ſaõ os que morrem antes da velhice, que os q̃ morrem de velhos: *Plures moriuntur ante ſenectutem, quam ſenes.* Saõ a maior parte dos homens, como aquelles Rios, que antes de chegarem ao mar, que he o termo da ſua peregrinaçaõ, no meio do ſeu curſo, ſe ſomẽ debaixo da terra; porque quaſi todos acabamos o curſo da vida, primeiro que cheguemos aos limites de huma decrepita idade. Nos campos do Mundo mais ſaõ as flores, que cahem das arvores, que os frutos, que nellas madurecem. E no campo da vida humana, mais ſaõ os que morrem na flor dos annos, que no maduro da idade. O primeiro que aos homens deu eſperanças de huma vida dilatada, foi o Demonio; porque no principio do Mundo diſſe aos noſſos primeiros Pays, que naõ haviaõ de morrer: *Nequaquam morte moriemini.* O Demonio he o pay dos enganos, & foi miſterio do Ceo, que eſte enganador nos déſſe eſperança de hũa larga vida, paraque entendeſſemos, que enganoſa he eſta eſperança. Mas ſuppoſto que viveſſemos eſſes annos, que falſamente nos prometemos, nem por iſſo havemos de guardar a penitencia para o tempo futuro, & para a hora da morte: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* Entre as muitas razoẽs, com que ſe podem moſtrar os inconvenientes, & os perigos deſta tardança, tenho eſcolhido tres,

*Iuvenes mortem habent à tergo, ſenes ante oculos. Seneca.*

*D. Thomas lib. 5. de erud. Princip. cap. 8.*

*Geneſ. cap. 3. verſ. 4.*

tres, que serviráõ de assumptos para as tres partes do Sermaõ. A penitencia, que se reserva para os ultimos dias da vida, he mui difficultosa, muitas vezes inutil, & algumas vezes impossivel. Esta penitencia he muy difficultosa, pelo inveterado da culpa. Este he o primeiro assumpto. Muitas vezes he inutil, pelo fingimento da conversaõ. Este he o segundo. E algumas vezes he impossivel, por castigo da Divina Justiça. Este he o terceiro assumpto. Daime, Senhor, hoje muito de vosso espirito, & animai minhas palavras cõ vossa Divina Sabidoria, paraque possa declarar estas verdades, com tanta efficacia, & proveito das Almas, que por meio da penitencia alcancemos a Graça.

*Ave Maria.*

## I. PARTE.

301. O inveterado da culpa, he o primeiro impedimento para a penitencia. Os peccados saõ venenos d'Alma, & a penitencia he o antidoto. Mas para o antidoto vencer a força do veneno, he preciso que se aplique logo no principio. Lá no Paraiso terreal, disse Deus á Serpente, que a mulher lhe pizaria a cabeça: *Ipsa conteret caput tuum.* E porque razaõ quer Deus, que se pize a cabeça da Serpente, antes que qualquer outra parte do seu corpo venenoso? Na serpente se significa o peccado, & na cabeça o principio: & só quem piza o peccado nos seus principios, se pôde prevenir contra os estragos do peccado. Hugo de Santo Victor: *Caput Serpentis conteritur, cum peccatum corrigitur, ubi nascitur.* Saõ os aumẽtos do peccado taõ repentinos, que elle naõ necessita de tempo para crescer, & nos primeiros instantes do seu nascimento, parece tem muitos annos de idade. Peccou Pedro, quando negou, & quasi no mesmo intervallo de tempo, se multiplicou, & se acrescentou o seu peccado com exorbitantes progressos. Primeiramente negou

*Hug. de S. Vict. in Reg. S. Augustin. cap. 9.*

Pedro, disfarçando: *Nescio quid dicis*: depois negou jurando: *Negavit cum juramento*: & logo tornou a negar detestando: *Cæpit detestari*. A primeira negaçaõ, foi mentira; a segunda negaçaõ, foi perjuro, & a terceira negaçaõ, foi blasfemia: a mentira foi criminosa: o perjuro foi sacrilego: mas a blasfemia, foi criminosa, sacrilega, & execranda. Valhame o Ceo! que brevemente se vio crescido, & agigantado o peccado de Pedro! E se o Senhor lhe naõ acudíra com hum remedio taõ pronto, como hum lançar de olhos: *Respexit Petrum*: que tarde, & que difficultosamente fizera Pedro penitencia do seu peccado. O poder da Graça Divina he infinito, & a Deus taõ facil he o converter ao peccador na velhice, como na infancia da culpa: porèm ha tempos, em que parece que Deus tem difficuldade em communicar aos peccadores a vida da Graça, para que conheçaõ que difficultosa he a emenda de huma culpa inveterada. Mostra Deus ao Profeta Ezechiel hum campo cheio de ossos de homens mortos; & no mesmo tempo lhe ordena, que para infundir os alentos da vida nos cadaveres d'aquelles defuntos, chame das quatro partes do Mundo os ventos: *Hæc dicit Dominus: A quatuor ventis, veni spiritus: & insuffla super interfectos istos, & reviviscant.* Ezechiel. cap. 37. v. 9. Notavel empenho da Divina Omnipotencia! Na terra, de que foi composto o corpo do primeiro homem, inspirou Deus a vida com hũ só assompro: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*: & agora para dar vida aos corpos de alguns defuntos, commove Deus toda a natureza, & desperta todos os ventos: *A quatuor ventis veni spiritus.* Sabeis porque? Porque a terra, de que foi formado o corpo de Adaõ, era nova, & criada de poucos dias. *Protoplastus ille Adam* (diz Santo Irinéo) *de rudi terra, & adhuc virgine habuit substantiam.* Mas estes ossos, que Eze-

Matth. cap. 26. v. 72. Ibid. v. 74.

Lucæ cap. 22. v. 61.

Genes. cap. 2. vers. 7.

S. Irenæus lib. 3. adversus hæres. cap. 31.

Ezechiel vio no campo, eraõ oſſos de homens ſepultados deſde muitos annos, oſſos eſcarnados, oſſos ſecos, & carcomidos, fragmentos das ruinas da vida, & ſobejos da voracidade da morte: *Erant oſſa multa valde circa faciem campi, ſiccaque vehementer.* Para communicar a vida da Graça a hum peccador, em que a culpa he nova, & recemnaſcida, como a terra, de que foi feito o corpo de Adaõ, baſta hum ſô aſſopro: *Inſpiravit in faciem ejus ſpiraculum vitæ*: mas para reſuſcitar a peccadores habituados na culpa, & envelhecidos no peccado, he preciſo, que ſe multipliquem, & ſe esforcem os alentos da Graça: *A quatuor ventis veni ſpiritus: & inſufla ſuper interfectos iſtos.*

Ezech. 37. v. 2.

302. Os peccados, ſaõ Cometas do Inferno, que pronoſticaõ a eterna condenaçaõ das Almas; mas do meſmo modo que os Cometas nunca ſe formaõ jũto do Sol, porque primeiro que ſe condenſe a ſubſtancia, de que elles ſe compoem, a actividade do Sol a diſſolve, & a diſſipa: aſſim com a virtude da penitencia deve o peccador desfazer as primeiras exhalaçoẽs da culpa, primeiro que ſe forme o Cometa do peccado, preſagio da ſua perdiçaõ, & annuncio da ſua ruina. Cada homem tem hum peccado, a que naturalmente ſe inclina mais que a outro. Huns ſe deixaõ levar da ambiçaõ, outros da avareza: aquelle ſe entrega á lascivia, eſte propende para a vingança. O peccado pois que em cada hum de nós naturalmente predomina, ſe faz com o tempo taõ familiar, & taõ intrinſeco, que ſe elle naõ ſe remediar nos principios, naõ terá remedio nos progreſſos. E eſta he a razaõ, porque muitos morrem, deſgraciadamente cõprehendidos naquelle delito, & peccado, a que foraõ mais inclinados na vida. Aos Judéos diſſe o Senhor, que morreriaõ no ſeu peccado: *Moriemini in peccato veſtro.* Por ventura tinhaõ os Judéos hum ſô peccado?

Joan. cap. 8. v. 24.

Direi. Muitos eraõ os peccados dos Judéos, mas cada Judéo, tinha seu peccado particular, a que naturalmente se inclinava. Do mesmo modo tem os Christaõs muitos peccados, mas em cada hum de nós, tem hum peccado maior dominio, que os outros; porque nascéo com a inclinaçaõ, & prevalecéo com o costume. E dos que se acostumaõ ao peccado, a que se inclinaõ, se póde racionavelmente presumir, que neste mesmo peccado acabaràõ a vida: *Moriemini in peccato vestro.* Obstinado peccador, morrerás, naõ em qualquer peccado, mas no peccado que he teu por inclinaçaõ, & por costume: no peccado, em que atégora viveste sem emenda, morrerás sem penitencia; porque na morte o peccado acompanha aos de que foi companheiro na vida. Na minha opiniaõ, o peccado mais consoante ao barbaro genio de Herodes, foi a fereza, & a crueldade. Foi Herodes author de atrocissimos homicidios. Primeiramente, fez queimar vivos quarenta & seis varoens, por naõ quererem consentir que se puzessem no Templo de Jerusalem as Armas dos Romanos. Na villa de Bellem, & em todos os lugares vizinhos, por mandado de Herodes, morréraõ quatorze mil mininos, cortados do ferro; & no mesmo tempo, quasi morréraõ quatorze mil mãys, cortadas do sentimento. Tirou Herodes a vida a Hircano seu sogro. Matou a sua propria mulher. Matou seus filhos. Extinguio a familia dos Machabéos, & deu a morte aos mais authorizados Doutores da sua Ley. Valhame Deus! Até quando quererá Herodes macular as maõs no sangue humano? Até quando? Até o ultimo suspiro. Estando Herodes para exhalar a Alma, ordenou a sua irmãa, que mandasse logo degolar todos os Fidalgos do seu Reyno, paraque no dia da sua morte todos os seus subditos chorassem por força, pois prévia, que nenhum delles havia de chorar por vontade,

tade, & que todos se haviaõ de alegrar, por se verem livres das suas tiranias. Eisahi como os peccados tem a mesma duraçaõ, que a vida, quando naõ se lhe procura nos seus principios a emenda. Começou Herodes a sacrificar vidas alheias, continuou, perseverou, & naõ desistio de anhelar mortes, & effusoens de sangue, senaõ quando se lhe congelou o proprio sangue na hora da morte. Oh que incuraveis saõ os vicios, & que irremediaveis saõ os peccados, que com a continuaçaõ dos annos, passaraõ a costumes! Lá o disse ô Seneca: *Definit esse remedij locus, ubi quæ fuerunt vitia, mores sunt.* Seneca epist. 39. ad Lucil.

303. Mas naõ sô duraõ atè a morte os vicios de huma vida depravada, passaõ além dos confins da vida, & atè nas cinzas do sepulcro, se fomenta a obstinaçaõ do peccado. Isto parece significaõ as palavras do amigo de Job: *Ossa ejus implebuntur vitijs adolescentiæ ejus, & cum eo in pulvere dormient.* Como se dissera: Naõ morre o peccado, quando o peccador morre: soltaõse os laços da humanidade, mas naõ se desfazem os grilhoẽs da culpa: perseveraõ os maos habitos, ainda quando o corpo está desfeito em cinzas: *Cum eo in pulvere dormient:* & atè no Inferno as Almas dos condennados, como incapazes de arrependimento, estaõ continuamente renovando com o dezejo, as culpas que cometéraõ neste Mundo. Lá naquelles abysmos de fogo, o odio de Cain contra Abel, está hoje taõ aceso como no principio do Mundo; & nas eternas felicidades de seu Irmaõ, acha Cain motivos para perpetuar a sua inveja. Persevera ainda hoje Absalaõ nos seus ambiciosos delirios; & assim como quiz usurpar a David a Coroa de Israel, quizera poderlhe tirar o Diadema da Bemaventurança Depois de tantos seculos, naõ se abrandou o empedernido coraçaõ de Faraó, & com a Job. cap. 20. v. 11.

mesma obstinaçaõ, com que perseguio aos Israelitas no Mar Vermelho, dezejára de os ver afogados no mar de seus tormentos. Com o andar dos annos, naõ se diminuio o odio de Herodes contra o Bautista, mas com malevolencia incançavel sempre está anhelando a morte da innocencia. Finalmente, desde que morréraõ os Neroens, os Caligulas, & os Diocliciannos, naõ se moderou no seu peito o furor, com que solicitáraõ a extinçaõ da Christandade: mas antes todas aquellas culpas, com que elles offendéraõ a Deus na vida, vivem como Salamandras no fogo do Inferno. Taõ permanente he a jurisdiçaõ, que o peccado usurpa sobre a Alma do peccador: *Ossa ejus implebuntur vitijs adolescentiæ ejus, & cum eo in pulvere dormient.* A Alma, assim como o corpo, tem suas febres; febres efimeras, & febres continuas: os peccados, que se emendaõ no mesmo dia, em que se cometem, saõ febres efimeras; que tem a cura tanto mais facil, quanto mais breve he a sua violencia: mas os peccados inveterados, & habituados com a natureza, saõ febres continuas, com que o peccador vai acabando seus dias, incapaz de remedios, & aos impulsos da penitencia mais duro que huma pedra, & mais insensivel que huma estatua. Fugindo a mulher de Loth do incêdio da sua patria, foi transformada em huma estatua de sal. Já em outra occasiaõ tenho reparado, porque razaõ esta infelice fugitiva, foi convertida em sal. Agora quero ponderar, porque razaõ quiz Deus, que tomasse a figura de huma estatua. Na mulher de Loth, quando se voltou para aquella depravada cidade, se simboliza a Alma, que torna a cahir nas primeiras culpas: & quando do peccado se faz costume, o peccador se faz estatua. Naõ ouve os conselhos, & naõ vé os perigos: surdo ás vozes do Ceo, & cego ás luzes da verdade: simulacro da obstina-

*Hieronymus super verba Christi in Matthæo c. 7. v. 23. Discedite à me, qui operamini iniquitatem. Non dixit, operati estis, sed qui operamini: id est, qui usque in præsentem horam, cũ Judicij tempus advenerit, licet non habeatis facultatem peccandi, tamen adhuc habeatis affectũ.*

ſtinaçaõ, & eſtatua da impenitencia. Tal foi aquelle miſeravel, de que eſcreve S. Bernardino Senenſe, que eſtando na hora da morte, fallava em couſas temporaes, & profanas: & dizendolhe o Confeſſor, que trataſſe da ſalvaçaõ da ſua Alma, & pediſſe perdaõ de ſeus peccados; reſpondéo: Naõ poſſo, Naõ poſſo. E com eſtas palavras expirou. Deus nos livre a todos de taõ deſgraciada morte, & naõ permita o Senhor, que com a continuaçaõ dos annos, creſçaõ os noſſos peccados. Porque na hora da morte, a penitencia he muy difficultoſa, como temos viſto neſta primeira parte: & muitas vezes, he inutil, como veremos na ſegunda: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

## II. PARTE.

304. A penitencia na hora da morte, muitas vezes hè inutil, porque muitas vezes ſe origina eſta penitencia, do medo dos caſtigos, & naõ do aborrecimento dos peccados. Nos ultimos trances da Agonia, o peccador he como o navegante apertado de huma furioſa tempeſtade. Lança o infelice as ſuas fazendas ao mar, para alijar a naõ arriſcada ao naufragio; mas eſte lanço, ainda que voluntario, he violento: he voluntario, pelo acto da reſoluçaõ; mas he violento, pela evidencia do perigo. Do meſmo modo as reſoluçoẽs do peccador, na tormenta da morte, ſuppoſto que voluntarias, ſaõ violentas. Saõ voluntarias, porque procedem da vontade; mas ſaõ violentas, porque ſaõ feitas com repugnancia: & aſſim como o navegante depois de aplacada a tempeſtade, com ſolicita diligencia recolhe do mar as meſmas fazendas, que nelle lançou com aparente deſapego: do meſmo modo, o peccador tanto que eſcapa do naufragio da vida, torna a buſcar as occaſioens dos meſmos peccados, de què ſe arrependéo. Quando Faraõ engolfado

no Mar Vermelho, vio que por huma parte o Anjo, que apparecéo na nuvem, embargava os paſſos à vanguarda do ſeu exercito, & que por outra parte aquelles montes de agua milagroſamente levantados, ſe tornavaõ a unir para lhe impoſſibilitarem a fugida, aſſombrado com o medo da morte, moſtrou que eſtava arrependido de perſeguir aos Iſraelitas: *Fugiamus Iſraelem*: & no meſmo tempo abrio os olhos ao conhecimento do verdadeiro Deus, a quem tantas vezes havia obſtinadamente negado: *Dominus enim pugnat pro eis.* Logo eſtá finalmente Faraô arrependido dos ſeus barbaros deſatinos? Sim; mas violentamente arrependido: porque ſe permanecéraõ immoveis as ondas, ficára Faraô inflexivel nos empenhos do ſeu furor, & naõ ſuſpendéra a corrente dos ſeus delitos, ſe naõ previra nas correntes do mar, os ſeus naufragios. Por eſta razaõ, chama o Lipomano á penitencia de Faraô, intempeſtiva, & infrutuoſa: *Perfidia indurata ad pœnitentiam intempeſtivam, & infructuoſam.* Foi a penitencia de Faraô intempeſtiva, & infrutuoſa; & por iſſo infrutuoſa, porque intempeſtiva. Foi eſta penitencia ſem proveito, porque foi penitencia fôra de tempo. Verdade he, que nunca a penitencia he fôra de tempo, quando he verdadeira; mas raras vezes he verdadeira a penitencia na hora da morte. Porque he provavel, que neſte tempo, a penitencia naõ procede da contriçaõ das culpas, mas ſô ſe origina do aſſombramento dos caſtigos. E huma penitencia aſſombrada, he huma ſombra da penitencia, inviſivel aos olhos da Divina Miſericordia.

*Exod. cap. 14 verſ. 25.*

*Lippom. in Exod. 14. 25.*

305. Que terrivel he o exemplo, que temos deſta verdade, na hiſtoria dos Machabéos! Anthioco, Rey da Syria, mais conhecido no Mundo pela vaſſallagem ao dominio da impiedade, que pela ſoberania do Imperio, vendoſe

nas

nas ultimas rayas da vida, pedio a Deus perdaõ de seus excessos : *Justum est subditum esse Deo, & mortalem non paria Deo sentire.* Senhor, confesso, que aindaque Rey, sou vosso subdito, & conheço, que diante do trono da vossa grandeza, todos os soberanos, saõ vassallos. Atè agora, se lisongeou minha ambiçaõ com as presumpçoens de huma fantastica independencia: pertendi de authorizar com o Sceptro minhas injustiças, & nesciamente imaginei, que os delitos se cobriaõ com a purpura, & que com as coroas se calificavaõ as tyrannias; mas finalmente se humilhou minha soberba, porq̃ se desenganou minha ignorancia. Perdoai, Senhor, os desatinos de hum Rey sacrilego, & ouvi os protestos de hum Rey penitente. Prometo de restituir os vasos sagrados ao Templo, & de acrescentar com magnificos apparatos o ornato dos Altares. Darei aos innocentes, que injustamente cativei, a liberdade, & a todos os Imperios da terra, publicarei minhas culpas, & vossas misericordias. Agora pergunto : Supposstas estas demostraçoens de penitencia, quem duvidára da salvaçaõ de Anthioco, & se naquelle tempo estivesse instituido o Sacramento da Confissaõ, qual houvera sido o Confessor, que lhe negasse a absolviçaõ dos seus peccados ? Mas, que baldado foi o arrependimento de Anthioco ! Chorou, & suspirou o infelcie Monarca, & naõ lhe valéraõ suas lagrimas, nem lhe aproveitáraõ seus suspiros; pois no mesmo lugar affirma a Escritura, que naõ quiz a Divina Misericordia ouvir os gemidos da sua penitencia: *Orabat autem hic sceleſtus Dominum, à quo non esset misericordiam consecuturus.* Mas de donde vem esta lamentavel desgraça? Da parte de Deus, ou da parte de Anthioco ? Da parte de Deus, naõ; porque sempre deferio Deus às suplicas de huma verdadeira penitencia. Da parte de Anthioco, sim; porque a penitencia de Anthioco he fingida. Pede Anthioco perdaõ; naõ para emen-

2. Machab. c. 9. vers. 12.

2. Machab. 9. ibid. vers. 13.

emendar, mas para prolongar a vida. Chora os peccados, receoso dos castigos; mas naõ se agrada Deus de huma penitencia palliada com o medo da pena. Morra Anthioco, & morra justamente condenado; porque morre falsamente arrependido: *Orabat hic sceleſtus Dominum, à quo non eſſet miſericordiam cõſecuturus. Quia hæc ejus confeſſio* (acrescenta o Alapide) *fuit tormentis extorta; nec ex amore, ſed ex ſervili timore procedebat.* Alap. ibid. p. 290. Esta he a verdadeira, & funesta imagem, de muitos que acabaõ a vida com todos os sinaes de hum perfeito arrependimẽto. Agoniza hum peccador, & depois de espirar nos braços de hum Crucifixo, se acha sua Alma nas garras do Demonio. Porque? Porque a dôr, que mostrou de seus peccados, era apparente, extrinseca, & fingida: & por consequencia, foi esta dôr inutil, invalida, & de nenhum proveito. Todos aquelles indicios de arrepẽdimento foraõ effeitos do medo, que a todos naturalmente causa a morte: nam sentio as culpas, que cometèra; sô sentio as penas, q̃ merecia: & por isso naõ alcança o perdaõ das culpas, & fica condenado às penas eternas.

306 A causa desta lamentavel desgraça, he, porque os homens se prometẽ de Deus maiores merces, do que o mesmo Deus lhes prometéo. Ao peccador prometéo Deus o perdam no fim da vida, com tanto que fosse verdadeira a sua penitencia: mas nam prometéo Deus, que no fim da vida seria a penitencia do peccador verdadeira. A certeza do perdão, he infallivel; mas a verdade da penitencia, he tam duvidósa, que só se pòde esperar como hum milagre da Graça, & hum prodigio da Misericordia. No Calvario, a penitẽcia do Bom Ladraõ, foi verdadeira, & tam verdadeira, que Christo Senhor nosso, com repetidos juramentos affirmou, que a este verdadeiro penitente, se abririaõ naquelle mesmo dia as portas do Ceo: *Amen, amen*

Luc. c. 23. vers. 43. *amen dico tibi, quia hodie mecum eris in Paradiſo.* Eſta palavra *Amen*, como todos ſabem, he huma eſpecie de juramento, com que os Hebréos affirmavão as ſuas verdades. Mas que razam teve o Senhor para affirmar com juramento eſta verdade? Direi. Fez o Bom Ladraõ penitẽcia nos ultimos inſtantes da vida; & depois de haver hũ malfeitor empregado os annos, em roubos, latrocinios, & homicidios, he tam difficultoſo o perſuadirſe ninguem, que fizeſſe na hora da morte huma verdadeira penitencia, que para naõ perigar o credito deſte prodigio na fé da poſteridade, foi preciſo, que o Senhor o ſeguraſſe, & affirmaſſe com duplicado juramento: *Ut credamus, hominem toto vitæ tempore ſceleribus immerſum, ſub vitæ finem veré pœnituiſſe, neceſſe eſt, ut id Chriſtus atteſtetur ſub repetito juramento: Amen, amen dico tibi, quia hodie mecum eris in Paradiſo.* No fim da vida, tam fóra eſtá o peccador obſtinado de ſe querer arrepender com verdadeiro ſentimento, que antes he provavel, que naõ ſente elle tãto o haver peccado, como o nam poder mais peccar. Saõ ſuas lagrimas ſemelhantes às do Crocodilo, animal, ſobre todos, ſequioſo do ſangue humano. Deſte monſtro do Nilo, eſcrevem os Naturaes, que depois de haver tragado a carne do homem, que agarrou, toma nas maõs a cãveira do meſmo homem, & ſobre ella derrama muitas lagrimas. Quem víra eſte animal chorar ſobre a cãveira do morto, imaginára que eſtava arrependido da ſua crueldade; mas nam chora eſte monſtro os eſtragos da ſua fereza, chora, porque na cãveira eſcarnada, que he o ultimo reſiduo do corpo, que deſpedaçou, naõ acha mais ſangue, nem ſuſtancia, com que ſatisfazer à ſua inſaciavel voracidade. Taes, como eſtas, ſaõ as lagrimas de alguns na hora da morte. Naõ choraõ as culpas, que cometéraõ; choraõ conſiderando, que com a vida ſe acabam

Vieg. in lud. tom. 1. p. 94.

ſuas

ſuas delicias, & ſeus divertimentos, paſtos da culpa, & alimentos do peccado. A eſta fingida penitencia, ſe arriſcaõ os que guardaõ as lagrimas para as ultimas agonias. As lagrimas do Chriſtaõs houveraõ de ſer como os orvalhos, que faõ lagrimas do Ceo. No Ceo, nenhum eſpaço de tempo ſe entrepoem, entre o fim das ſombras, & o principio das lagrimas. Tudo he a hum meſmo tempo, o acabar da noite, & o chorar da Aurora. Chore o peccador com a meſma preſſa, com que chora o Ceo, & naõ faça pauſa entre as ſombras, & as lagrimas; entre as ſombras da culpa, & as lagrimas da penitencia. Porque, como temos viſto na primeira, & ſegunda parte, a penitencia, que ſe dilata para o fim da vida, naõ ſó he muito difficultoſa, & muitas vezes inutil, muito difficultoſa, pelo antigo da culpa, & muitas vezes inutil, pelo fingimento da converſaõ; mas tambem algumas vezes he impoſſivel, por caſtigo da Divina Iuſtiça. E eſte he o terceiro Aſſumpto: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.*

## III. PARTE.

307 Nenhuma couſa provoca mais o furor da Divina Iuſtiça, que a ſuſpenſaõ de huma penitencia dilatada, porque de ordinario eſta ſuſpenſaõ, ſe funda na confiança, que o peccador tem na Divina Miſericordia. E quem eſtriba na miſericordia a continuaçaõ das culpas, empenha a meſma miſericordia na execuçaõ dos caſtigos. Governou Manaſſés o Reyno de Iſrael ſincoenta & ſinco annos; & depois de haver cometido crueis homicidios, ſacrilegios enormes, deteſtaveis idolatrias, & outros abominaveis exceſſos, foi Deus ſervido darlhe huma graça tam efficaz, que fez penitencia, & morréo com milagroſos, & evidentes ſinaes da ſua ſalvaçaõ. Depois da morte de Manaſſés, Amon ſeu filho, que ſuccedéo na Coroa, ſeguio as pi-

zadas do pay, derrubando os Altares, profanando os Templos, & tyrannizando os vassallos: mas no segundo anno do seu Reynado, lhe atalhou Deus o curso aos annos, & aos peccados, porque seus domesticos o matarão; & apoderado de huma morte improvisa, & violenta, não deu o menor sinal de penitẽcia. Que differente foi o destino destes dous peccadores igualmente criminosos! Depois de huma vida entregue a todo o genero de vicios, morréo Manassés, arrependido, & contrito; & seu filho Amon, comprehendido nas mesmas culpas, morréo sem penitencia, & foi condenado. Mas porque razaõ se mostra Deos tam benigno para cõ Manassés pay de Amon, & para com Amon filho de Manassés taõ rigoroso? Para o pay toda a misericordia, & para o filho toda a justiça? Sim. Porque, como advertio Saõ Clemente, vendo Amon, q Deus dera ao seu pay tempo para fazer penitencia, presumio, que tambem Deus lhe cõcederia a mesma graça. Perseverou Amon na culpa, fundado na Misericordia Divina. Mas quem toma a misericordia para motivo do peccado, offende a misericordia, & a misericordia offendida se converte em justiça: *Cogitavit Amon cogitationẽ transgressionis malam, & dixit: Pater meus, à juventute sua, multa fecit iniquè, & sic concupiscet anima mea, & postea revertar ad Dominum.* Naõ pertendo dizer com isto, que nam fundemos nossas esperanças na Divina Misericordia; mas digo, que da misericordia, naõ havemos de tomar occasiõ para não temermos a justiça. Da misericordia nos havemos de valer para o perdaõ, & naõ para a culpa. Depois da culpa cometida deve o Christaõ appellar para a misericordia, mas não se deve fundar na misericordia para cometer a culpa. Que supposto que Deus para alguns he naõ prodigiosamẽte misericordioso, que lhe dá tempo, & Graça para morrer em arrependimento

S. Clem. Pap. lib. 2. Apost. Constitut. cap. 26.

mento das suas culpas: este mesmo Deus, para outros he tão justamente rigoroso, que permite, que se lhe acabe a vida, primeiro q̃ dem principio à penitencia.

308 Dous generos de milagres faz Deus no Mundo; milagres da Omnipotencia, & milagres da Misericordia. Milagres da Omnipotẽcia no estado da Natureza: & milagres da Misericordia no estado da Graça. Mas destes milagres nenhum homem se pòde asseguar com certeza: & assim como fóra temeraria a presumpçaõ de quem esperára, que a Omnipotẽcia fizesse hum milagre, para o livrar da morte temporal; assim he manifesta a temeridade de quem espera, que a Misericordia faça hũ milagre, para o livrar da morte eterna. Os milagres saõ graças, que Deus faz à quẽ quer. E por haver Deus feito hum milagre em huma occasiaõ, naõ he certo, que fará em outras occasioens o mesmo milagre. Qual será o homem taõ mentecapto, que presuma passar o mar a pè enxuto, fiado em que Deus antigamente mandou, que as aguas do mar se dividissem para a passagẽ dos Israelitas? E qual será o Capitaõ taõ temerario, que comece a travar a peleja no occaso do Sol, presumindo, que o Sol, como no tempo de Josué, suspenderá o curso, atè o fim do conflicto? Do mesmo modo, naõ havemos de continuar em offender a Deus, fiados nos milagres da Divina Misericordia. Porque viver em peccados, & morrer em Graça, he milagre, de que poucos exẽplos ha no mũdo: & a temeraria esperãça deste favor, he causa, de q̃ muitos estaõ hoje ardendo no Inferno. Supposstas estas, & outras razoens, com que se pòde provar a difficuldade, a nullidade, & a impossibilidade da penitencia na hora da morte, pede a razaõ, & a prudencia, que desenganados das nossas cõfianças, procuremos cõ ancioso cuidado, o arrepẽdimento das nossas culpas. E se necessariamente nos havemos de arrepender algũa dia,

dia, porque naõ ſerá hoje? E porque naõ ſerá logo, neſta hora, & neſte inſtante? Almas Chriſtaãs, lembrai-vos deſtas palavras, que vos digo da parte de Deus. Quẽ naõ ſe quer arrepẽder, quãdo póde, nam ſe póde arrepender, quando quer. Porque juſto he, que quem naõ ſe val da occaſiaõ, quando ſe lhe offerece, não ache a occaſiaõ, quãdo a dezeja. Deſprezou Anibal a occaſiaõ, que teve de ſe apoderar do Imperio Romano; & depois quando determinou de ſe apoderar do meſmo Imperio, naõ lhe foi poſſivel: por iſſo muitas vezes repetia eſtas memoraveis palavras: *Cum potui, nolui; & cum volui, non potui.* Quãdo pude, naõ quiz; & quando quiz, naõ pude. Se ſe pudera perguntar a hũ condenado, porque razam naõ alcançou o Imperio do Ceo; reſpondèra com eſtas meſmas palavras: *Cum potui, nolui; & cum volui, non potui.* Quãdo pude fazer penitencia, não quiz; & quãdo quiz, naõ pude. Deixei a penitẽcia para o fim da vida, & no fim da vida, eſtavaõ os ſentidos taõ deſvaecidos, & as potencias d'Alma taõ ſoçobradas, que naõ pude fazer penitencia.

309 Oh quãtas vezes lhe vos offerecéo occaſião, para vos pordes bẽ com Deus, & para emendares a vida! E quantas vezes deſprezaſtes eſtas taõ favoraveis occaſioens, com riſco da voſſa eterna condenaçaõ? Ditoſo o que ſe aproveita da occaſiaõ, & venturoſo o que procura remediar a culpa, no meſmo inſtante que ſe lhe offerece o remedio! Daquelle famoſo diſcipulo do Apoſtolo S. Felipe, eſcrevem os Actos dos Apoſtolos, que no caminho vio huma fonte, & no meſmo inſtante pedio a S. Felipe que o bautizaſſe: *Ecce aqua, quis prohibet me baptizari?* Sabia eſte novo profeſſor da Ley Evãgelica, que preciſa he a agua do Bautiſmo para remedio da culpa: & andou taõ divertido, & reſoluto, q̃ buſcou a efficacia deſte remedio na primeira agua, que ſe lhe offerecéo no caminho: *Ecce aqua, quis prohibet me baptizari?* Naõ admite dilaçoens, hum taõ importante

*Act. Apoſt. cap. 8. v. 36.*

te negocio, como a salvaçaõ d'Alma. A primeira occasiaõ he sempre a melhor. Logo se Deus neste Altar nos está chamando com os braços abertos na Cruz, naõ percamos taõ boa occasiaõ, porque neste dia, & nesta hora, abre Deus nas fontes do seu Sangue, os thesouros da sua misericordia: *Ecce sanguis, quis prohibet nos baptizari?* Meu amantissimo Jesus, Deus de clemencia, & Deus de piedade, lavai com vosso sangue, nossas culpas; porque só com hum sangue tam puro, se pòdẽ lavar culpas taõ enormes. Aceitai, meu Senhor, essas feridas, tomai essas Chagas, & todos esses tormentos, em satisfaçam dos nossos peccados. Naõ repareis na tardança do nosso arrependimento, mas olhai somente, que pedimos perdaõ, naõ por temor do Inferno, que tantas vezes temos merecido, mas pela excessiva ingratidaõ, cõ que temos offendido a vossa infinita bondade. Esperamos, meu bom Jesus, que a vossa clemencia, será maior que a nossa culpa. Esperamos, q̃ na hora da nossa morte, nos haveis de salvar pelos merecimentos da vossa morte. E propomos cõ vossa Graça fugir as occasioens do peccado, abraçar as occasioens da virtude, amarvos toda a vida, obedecervos atè aõ ultimo suspiro, & nũca mais offendervos. Perdaõ, meu divino Redemptor, por aquelle sangue, que derramado na Cruz, nam pede justiça, mas para a redempçaõ do Mundo, clama Misericordia. Misericordia, meu Deus. Misericordia, meu Jesus. Misericordia nesta vida, & Gloria na outra. *Ad quam nos perducat Omnipotens, &c.*

Mostra se o Passo.

IN-

# INDICE

## Dos lugares da Sagrada Escritura.

*Os numeros significam o numero marginal.*

### Ex Libro Genesis.


Cap. 1. v. 1. IN *principio creavit Deus cælum, & terram.* 33.
2. *Terra autem erat inanis, & vacua.* 71. 27. *Tenebræ erant super faciem abyssi.* 29. 193. *Spiritus Dei ferebatur super aquas.* 27. 143.
3. *Dixit Deus fiat lux.* 27. 32. 139.
5. *Appellavitque lucem, diem.* 19.
8. *Factum est vespere, & mane dies unus.* 299.
9. *Congregentur aquæ, quæ sub cælo sunt, in locum unum, & appareat arida.* 273.
16. *Luminare maius, ut præesset diei, & luminare minus, ut præesset nocti.* 62. *Luminare minus, ut præesset nocti, & stellas.* 213.
27. *Creavit Deus hominem ad imaginem suam.* 154. 165.
Cap. 2. v. 3. *Benedixit diei septimo, & sanctificavit illum.* 34.
7. *Formavit hominem de limo terræ.* 8. *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ.* 301. *Factus est homo in animam viventem.* 250.
14. *Morte morieris.* 217.
23. *Hoc nunc os ex ossibus meis.* 216.
Cap. 3. v. 1. *Serpens erat callidior cunctis animantibus.* 31. *Cur præcepit vobis Deus.* 80. 233.
4. *Nequaquam morte moriemini.* 300.
5. *In quocumque die comederitis ex eo, eritis sicut Dii scientes.* 31. *Eritis sicut Dei.* 17. 165.
12. *Serpens decepit me.* 233.

13. *Mulier, quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, & comedi.* 233.
Cap. 5. v. 24. *Non apparuit, quia tulit eum Deus.* 200.
Cap. 7. v. 13. *Fecitque Noe omnia, quæ mandaverat ei Deus.* 20.
Cap. 9. v. 13. *Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram.* 254.
16. *Recordabor fœderis sempiterni.* 150.
22. *Nuntiavit duobus fratribus suis.* 244.
Cap. 13. v. 3. *Reversus est per iter, quo venerat.* 266.
Cap. 18. v. 27. *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis.* 227.
32. *Non delebo propter decem.* 96.
Cap. 21. v. 1. *Visitavit Dominus Saram, sicut promiserat.* 253.
Cap. 25. v. 6. *Dedit cuncta, quæ possederat Isaac; filijs autem concubinarum largitus est munera, & superavit eos ab Isaac filio suo, dum adhuc viveret.* 296.
22. *Si sic mihi futurum erat, quid necesse fuit concipere?* 293.
Cap. 27. v. 1. *Caligaverunt oculi ejus, & videre non poterat.* 277.
4. *Benedicat tibi anima mea antequam moriar.* 277.
Cap. 41. v. 9. *Tunc demum reminiscens magister pincernarum ait, confiteor peccatum meum.* 251.
Cap. 42. v. 21. *Meritò hæc patimur, quia peccavimus in fratrem nostrum.* 290.
Cap. 47. v. 24. *Quintam partem Regi dabitis.* 263.
25. *Salus nostra in manu tua est.* 263.

## Ex Libro Exodi.

Cap. 14. v. 24. *Respiciens Dominus per castra Ægyptiorum per columnam ignis, & nubis interfecit exercitum eorum, nec unus quidem superfuit ex eis.* 157.
25. *Fugiamus Israelem, Dominus enim pugnat pro eis.* 304.
Cap. 22. v. 1. *Quatuor oves pro una ove.* 260.
Cap. 28. v. 35. *Vestietur ea Aaron, ut audiatur, &c.* 38.
Cap. 33. v. 18. *Ostende mihi gloriam tuam.* 226.
23. *Videbis posteriora mea.* 226.
Cap. 34. v. 33. *Posuit velamen super faciem suam.* 226.

## Ex Libro Numerorum.

Cap. 2. v. 17. Orietur Stella ex Iacob. 171
Cap. 21. v. 5. Anima nostra jam nauseat super cibo isto levissimo. 230.

## Ex Libro Deuteronomij.

Cap. 4. v. 24 Deus tuus ignis consumens est. 175.
Cap. 20. v. 30. Omnis multitudo videns occubuisse Aaron, flevit super eo. 285.
Cap. 24. v. 13. Reddes ei pretium laboris sui ante Solis occasum. 268.
Cap. 34. v. 6. Sepelivit eum in valle terræ Moab, contra Phogor, & non cognovit homo sepulchrum ejus. 297.

## Ex Libro Iosue.

Cap. 7. v. 1. Acham, filius Charmi, filij Zabdi, filij Zare, de Tribu Iuda. 209.
12. Vidi enim inter spolia pallium coccineum valde bonum, & abscondi in terra contra medium tabernaculi mei. 210.
13. Anathema in medio tui est Israel, non poteris stare coram hostibus tuis, donec deleatur ex te, qui hoc contaminatus est scelere. 209.
15. Quicumque ille fuerit, comprehensus comburetur igni. 210.
26. Congregaverunt acervum lapidum, qui permanet usque in præsentem diem, & aversus est furor Domini ab eis. 210.
Cap. 9. v. 2. & 3. Congregati sunt pariter, & audientes cuncta quæ fecerat Iosue. 210.
15. Inito fœdere pollicitus est, quod non occiderentur. 255.

## Ex Libro primo Regum.

Cap. 14. v. 43. *Gustavi in summitate virgæ, quæ erat in manu mea, paululum mellis, & ecce morior.* 13.
Cap. 16. v. 13. *Tulit ergo Samuel cornu olei, & unxit eum in medio fratrum ejus.* 148.

## Ex Libro secundo Regum.

Cap. 5. v. 4. *Filius triginta annorum erat David cum regnare cepisset.* 188.
Cap. 6. v. 7. *Iratus est indignatione Dominus contra Ozam, & percussit eum.* 207.
Cap. 7. v. 9. *Feci tibi nomen grande.* 188.
Cap. 10. v. 4. *Rasit dimidiam partem barbæ eorum, & dimisit eos.* 113.
5. *Manete in Iericho, donec crescat barba vestra.* 113
Cap. 18. v. 14. *Tulit ergo tres lanceas in manu sua, & infixit eas in corde Absalon.* 86.
18. *Dixerat enim, non habeo filium.* 286.

## Ex Libro tertio Regum.

Cap. 2. v. 20. *Pete mater mea, neque enim fas est, ut avertam faciem tuam.* 251.
25. *Vivit Dominus, & quia hodie occidetur Adonias.* 251.
Cap. 19. v. 11. *Non in commotione Dominus, non in igne Dominus.* 8.
18. *Septem millia virorum, quorum genua non sunt incurvata ante Baal.* 97.
Cap. 20. v. 14. *Quis incipiet præliari, ille dixit, tu.* 297.
Cap. 21. v. 10. *Submittite duos viros contra Naboth, & falsum testimonium dicant, benedixit Deum, & Regem.* 232.
23. *De Iesabel locutus est Dominus dicens, canes comedent Iesabel.* 232.

## Ex Libro primo Paralipomenon.

Cap. 22. v. 14. EGo in paupertate mea præparavi impensas domus Domini. 288. Auri talenta centum millia, & argenti mille millia talentorum. 288.
17. Præcepit quoque David cunctis Principibus Israel, ut adjuvarent Salomonem. 288.

## Ex Libro Tobiæ.

Cap. 1. v. 4. CVm esset junior omnibus, nihil tamen puerile gessit. 50.
5. Hic solus fugiebat consortia omnium, & pergebat in Ierusalem ad Templum Domini. 50.
Cap. 5. v. 2. Hanc pecuniam nescio quomodo acquiram. 267.

## Ex Libro Esther.

Cap. 6. v. 9. SIc honorabitur quemcumque voluerit Rex honorare. 92.

## Ex Libro Iob.

Cap. 1. v. 1. ERat vir ille simplex & rectus. 242.
8. ENunquid considerasti servum meum Iob, quod non sit ei similis in terra? 228.
Cap. 2. v. 10. In omnibus his non peccavit Iob. 242.
Cap. 3. v. 3. Pereat dies, in qua natus sum. 37.
11. Quare egressus ex utero non statim perij? 11.
Cap. 4. v. 7. Quis unquam innocens perijt? 83.
Cap. 5. v. 21. A flagello linguæ absconderis. 226.
Cap. 6. v. 15. Fratres mei pertransierunt me, sicut torrens, qui raptim pertransit in convallibus. 290.
Cap. 17. v. 1. Dies mei breviabuntur. 285.
14. Solum mihi supereſt sepulchrum. 285. Putredini dixi, pater meus es, & mater mea vermibus. 285.
Cap. 19. v. 20. Consumptibus carnibus adhæsit os meum, & derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos. 242.
22. Quare persequimini me sicut Deus? 83.

Cap.20.v.11.*Ossa ejus implebuntur vitijs adolescentiæ ejus, & cum eo in pulvere dormient.* 303.
Cap.21.v.13.*In puncto ad inferna descendunt.* 57.
Cap.36.v.32.*In manibus abscondit lucem.* 139.
Cap.38.v.7.*Vbi eras, & cum me laudarent simul astra matutina.* 213.
11.*Huc usque venies, & non procedes amplius.* 206.
Cap.39.v.35.*Unum locutus sum, quod utinam non dixissem.* 242

## Ex Libro Psalmorum.

Psalm.9.v.8. *Perijt memoria eorum cum sonitu.* 294
Psal. 15.v.2. *Deus meus es tu.* 163. *Quoniam bonorum meorum non eges.* 164.
Psal.17.v.11.*Ascendit Deus super Cherubim, & volavit.* 103.
Psal.18.v.1.*Cæli enarrant gloriam Dei.* 195.
5.*In omnem terram exivit sonus eorum.* 149.
6.*In Sole posuit tabernaculum suum.* 195.
Psal.21.v.15.*Sicut aqua effusus sum.* 129. *Factum est cor meum tanquam cera liquescens.* 154.
18.*Dinumeraverunt omnia ossa mea.* 221.
Psal 29.v.10.*Numquid confitebitur tibi pulvis?* 227.
Psal.37.v.15.*Factus sum sicut homo non audiens, & non habens in ore suo redargutiones.* 237.
Psal.48.v.15.*Sicut oves in inferno positi sunt.* 57.
18.*Cum interierit, non sumet omnia.* 278.
Psal.50.v.10.*Exultabunt Domino ossa humiliata.* 217.
Psal.68.v.5.*Quæ non rapui, tunc exolvebam.* 271.
27.*Quem tu Domine percussisti, persecuti sunt, & super dolorem vulnerum meorum addiderunt.* 85.
Psal.71.v.3.*Suscipiant montes pacem populo, & colles justitiam.* 1.
Psal.72.v.7.*Transierunt in affectum cordis.* 48.
Psal.74.v.4.*Liquefacta est terra, & omnes qui habitant in ea, ego justitias judicabo.* 77.
Psal.84.v.12.*Veritas de terra orta est.* 208.
Psal.102.v.5.*Replet in bonis desiderium tuum.* 154.
Psal.118.v.49.*Memor esto verbi tui servo tuo.* 250.
Psal. 109.v.7.*De torrente in via bibet.* 153.
Psal.127.v.2.*Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es.* 23.
Psal.128.v.3.*Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.* 236.

dos lugares da Sagrada Escritura. 407
Psal. 134. *Educit ventos de thesauris suis.* 95.
Psal. 139. *Labor labiorum ipsorum operiet eos, cadent super eos. carbones.* 243.
Psal. 142 v. 8. *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam.* 215.
Psal. 148. v. 5. *Dixit, & facta sunt.* 249.

## Ex Libro Proverbiorum.

Cap. 1. v. 26. *Ego quoque in interitu vestro ridebo.* 114.
Cap. 8. v. 19. *Legem ponebat aquis, ne transirent fines suos.* 206.
30. *Cum eo cuncta componens.* 47.
Cap. 15. v. 1. *Responsio mollis frangit iram.* 239.
4. *Lingua placabilis lignum vitæ, quæ autem immoderata est, conteret spiritum.* 245.
Cap. 18. v. 21. *Mors, & vita in manu linguæ.* 245. 247.
Cap. 25. v. 14. *Nubes, & ventus, & pluviæ non sequentes, vir glorioſus, & promissa non complens.* 249.
Cap 26. v. 20. *Cum defecerint ligna, extinguetur ignis.* 267.
Cap. 30. v. 28. *Stelio manibus nititur, & moratur in ædibus Regis.* 23.

## Ex Cantico Canticorum.

Cap. 5. v. 2. *A Peri mihi.* 121.
6. *A Totus desiderabilis.* 174.
Cap. 8. v. 6. *Pone me ut signaculum.* 154.

## Ex Libro Sapientiæ.

Cap. 11. v. 25. *Diligis omnia, quæ sunt, & nihil odisti eorum, quæ fecisti.* 146.
Cap. 18. v. 24. *In veste poderis & totus erat orbis terrarum.* 149.

## Ex Libro Ecclesiastici.

Cap. 1. 27. *AD locum unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.* 46.
Cap. 3. v. 8. *Gyrum cæli circuivi sola.* 172.
Cap. 5. v. 8. *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem.* 248. 256. &c.
Cap. 11. v. 3. *Si repletæ fuerint nubes, imbrem super terram effundent.* 264.
4. *Qui observat ventum, numquam seminat.* 274.
Cap. 28. v. 9. *Memorare testamentum Altissimi, & despice ignorantiam proximi.* 275.

Cap. 38. v. 28. *Cor suum dabit in similitudinem picturæ.* 200.

## Ex Prophetia Isaiæ.

Cap. 9. v. 6. *Parvulus natus est nobis.* 10. *Vocabitur nomen ejus consiliarius, Princeps pacis.* 2. & 5.
7. *Multiplicabitur ejus Imperium.* 5.
Cap. 12. v. 13. *Desolabit Dominus linguam maris Ægypti.* 254.
Cap. 14. v. 14. *Similis ero Altissimo.* 230.
Cap. 16. v. 1. *Emitte Agnum Domine dominatorem terræ.* 8.
Cap. 38. v. 2. *Dispone domui tuæ, quia morieris tu, & non vives.* 282.
3. *Flevit Ezechias fletu magno.* 282.
Cap. 40. v. 12. *Appendit tribus digitis molem terræ.* 156.
Cap. 45. v. 15. *Vere tu es Deus absconditus.* 167.
Cap. 53. v. 7. *Oblatus est, quia ipse voluit.* 221.
Cap. 57. v. 20. *Impij autem quasi mare fervens.* 206.
Cap. 63. v. 3. *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea.* 136.
Cap. 64. v. 1. *Vtinam dirumperes cælos, & descenderes.* 130.

## Ex Prophetiæ Ieremiæ.

Cap. 9, v. 3. *Extenderunt linguam quasi arcum.* 67. & 227.

## Ex Lamentationibus Ieremiæ.

Cap. 1. v. 9. *Sordes ejus in pedibus ejus.* 152.

## Ex Prophetia Ezechielis.

Cap. 37. v. 2. *Erant ossa multa valde circa faciem campi, siccaque vehementer.* 301.
4. *Ossa arida audite verbum Domini.* 214. 215.
9. *Hæc dixit Dominus, a quatuor ventis, veni spiritus, & insuffla super interfectos istos, & reviviscant.* 301.

## Ex Prophetia Danielis.

Cap. 3. v. 9. *Rex in æternum vive.* 11.
57. *Benedicite omnia opera Domini Domino.* 75.

Bene-

*Benedicite stellæ Cæli Domino.* 75.
*Benedicite fulgura, & nubes Domino.* 75.
*Benedicite maria, & flumina Domino.* 75.
Cap.5.v.25. *Divisum est Regnum tuum, & datum est Medis, & Persis.* 279.
Cap.13.v.25. *Flens suspexit in cælum.* 231.
50. *Dixerunt ei senes, veni, & sede in medio nostrum.* 182.

## Ex Prophetia Oseæ.

Cap.13.v.14. *Ero mors tua, ô mors.* 11.

## Ex Prophetia Ionæ.

Cap.1.v.15. *Tulerunt Ionam, & miserunt in mare, & stetit mare à fervore suo.* 208.

## Ex Libro secundo Machabæorum.

Cap.7.v.28. *Ex nihilo fecit illa Deus.* 156.
Cap.9.v.12. *Iustum est subditum esse Deo, & mortalem non paria Deo sentire.* 305.
13. *Orabat autem hic scelestus Dominum, à quo non esset misericordiam consecuturus.* 305.

## Ex Divo Matthæo.

Cap.2.v.2. *Vbi est qui natus est Rex Iudæorum?* 198.
3. *Turbatus est Rex, & omnis Hierosolyma cum illo.* 208.
11. *Apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, &c.* 204.
Cap.4.v.6. *Si filius Dei es, mitte te deorsum.* 129.
Cap.5.v.3. *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est Regnum Cælorum.* 115.
14. *Vos estis lux mundi.* 192.
44. *Diligite inimicos vestros, ut sitis filij Patris vestri, qui in cælis est.* 115.
48. *Estote ergo & vos perfecti, sicut & Pater vester cælestis perfectus est.* 199.200.

Cap. 6. v. 27. & 28. *Considerate lilia agri, & quoniam nec Salomon in omni gloria sua coopertus est, sicut unum ex istis.* 66.
Cap. 8. v. 28. *Occurrerunt ei duo habentes dæmonia de sepulchris exeuntes.* 219.
Cap. 10. v. 22. *Qui autem perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.* 120.
Cap. 11. v. 11. *Non surrexit inter natos mulierum maior Ioanne Baptista.* 161. 175. 178.
18. *Venit Ioannes non manducans, neque bibens.* 168.
Cap. 14. v. 13. *Quod cum audisset Iesus, surrexit de navicula in locum desertum.* 175.
Cap. 15. v. 2. *Quare discipuli tui transgrediuntur traditionem seniorum?* 60. 68.
3. *Quare & vos transgredimini mandatum Dei?* 60.
7. *Hypocritæ, bene de vobis prophetavit Isaias, dicens, populus hic labijs me honorat.* 61.
Cap. 17. v. 2. *Et vestimenta ejus facta sunt alba, sicut nix.* 64.
4. *Faciamus hic tria tabernacula, &c.* 146. 166.
5. *Hic est Filius meus.* 166.
9. *Nemini dixeritis visionem.* 91.
23. *Magister vester non solvit didrachma.* 239.
26. *Ut autem non scandalizemus eos, vade ad mare.* 239.
Cap. 18. v. 34. *Tradidit eum tortoribus, quoad usque redderet universum debitum.* 262.
Cap. 19. v. 17. *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata.* 120.
Cap. 20. v. 1. *Simile est Regnum cælorum homini patrifamilias.* 261.
6. *Quid hic statis totâ die otiosi?* 19.
21. *Dic, ut sedeant hi duo filii mei in Regno tuo.* 155.
Cap. 23. v. 12. *Qui se humiliat, exaltabitur.* 115.
Cap. 24. v. 29. *Sol obscurabitur, & Luna non dabit lumen suum, & Stellæ cadent de cælo.* 223. 268.
35. *Cælum, & terra transibunt, verba autem mea non præteribunt.* 256.
Cap. 25. v. 11. *Tu es Rex Iudæorum? dicit illi Iesus, tu dicis.* 6.
12. *Amen dico vobis, nescio vos.* 116.
42. *Discedite á me maledicti in ignem æternum; esurivi enim, & non dedistis mihi manducare; sitivi, & non dedistis mihi potum.* 114.
Cap. 26. v. 15. *Constituerunt ei triginta argenteos.* 137. 291.
28. *Bibite ex hoc omnes, hic est enim sanguis meus.* 136.

39. *Procidit in faciem suam.* 43.
62. *Nihil respondes ad ea, quæ isti adversum te, &c.* 239.
72. *Negavit cum juramento.* 301.
74. *Cæpit detestari.* 301.
Cap. 27. v. 14. *Non respondit ei ad ullum verbum.* 131.
37. *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam.* 85.
43. *Tenebræ factæ sunt super universam terram.* 140.
46. *Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* v. 221.
Cap. 28. v. 15. *Divulgatum est verbum istud apud Iudæos usque in hodiernum diem.* v. 229.

## Ex Divo Marco.

Cap. 3. v 4. *Erat ibi homo habens manum aridam.* 24.
Cap. 6. v. 48. *Erant laborantes in remigando.* 186.
49. *Putaverunt phantasma esse.* 186.
Cap. 14. v. 11. *Promiserunt ei pecuniam se daturos.* 254.
Cap. 16. v. 16. *Qui crediderit, & baptizatus fuerit, salvus erit.* 120.

## Ex Divo Luca.

Cap. 1. v. 5. *Elizabeth autem impletum est tempus pariendi, & peperit filium.* 176. 178.
14. *Multi in nativitate ejus gaudebunt.* 171. 187.
15. *Adhuc in utero matris suæ Spiritu Sancto replebitur.* 161.
29. *Ecce Agnus Dei.* 170. 171. *Ecce Agnus Dei, qui tollit peccatum mundi.* 190.
63. *Ioannes est nomen ejus, & mirati sunt universi.* 178.
66. *Posuerunt omnes qui audierunt in corde suo dicentes, quis putas puer iste erit?* 188.
76. *Tu puer Propheta Altissimi vocaberis, præibis enim antè faciem Domini parare vias ejus.* 183.
Cap. 2. v. 7. *Non erat eis locus in diversorio.* 7.
10. *Evangelizo vobis gaudium magnum, quia natus est vobis hodie Salvator Mundi.* 162.
14. *Gloria in Altissimis Deo, & in terra pax.* 4.
15. *Transeamus usque Bethlehem, & videamus hoc Verbum, quod factum est.* 252.
Cap. 3. v. 15. *Cogitantibus omnibus in cordibus suis de Ioanne, ne forte ipse esset Christus.* 166.

21. *Cum baptizaretur omnis populus, descendit Spiritus Sanctus.* 152.
Cap.4.v.5. *Ostendit illi omnia regna mundi, & gloriam eorũ.* 40.
Cap.6.v.21. *Beati, qui nunc fletis, quia ridebitis.* 115.
35. *Ipse benignus est super ingratos, & malos.* 223.
36. *Estote ergo misericordes, sicut Pater vester misericors est.* 223.
Cap.7.v.68. *Lachrymis cœpit rigare pedes eius, & capillis capitis sui tergebat.* 133.
Cap.8.v.3. *Quod tibi nomen est? at ille dixit, Legio.* 219.
Cap.9.v.33. *Nesciens quid diceret.* 146.
35. *Hic est filius meus dilectus, ipsum audite.* 195.
Cap.11.v.5. *Commoda mihi tres panes.* 266.
8. *Dabit illi quotquot habet necessarios.* 266.
Cap.12.v.20. *Stulta, hac nocte animam tuam repetunt à te; quæ autem parasti, cujus erunt.* 278.
49. *Ignem veni mittere in terram.* 157.
Cap.14.v.22. *Accepit Iesus panem.* 155.
Cap.15.v.10. *Gaudium erit coram Angelis Dei super uno peccatore pœnitentiam agente.* 287.
22. *Citò proferte stolam primam, date annulum, adducite vitulum saginatum.* 169.
Cap.16.v.16. *Lex, & Prophetæ usque ad Ioannem.* 169.
24. *Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, & refrigeret linguam meam.* 246.
27. *Ut testetur illis, ne & ipsi veniant in hunc locum tormentorum.* 294. *Rogo te pater, ut mittas eum in domum patris mei.* 72.
Cap.19.v.7. *Murmurabant, dicentes, quod ad hominem peccatorem divertisset.* 270.
8. *Si quid alicuem defraudavi, reddo quadruplum.* 270.
Cap.22.v.19. *Hoc est corpus meum.* 154.181.
24. *Facta est autem contentio inter eos, quis eorum videretur esse major.* 161.
60. *Nescio quid dicis.* 301.
61. *Conversus Dominus respexit Petrum.* 196. *Respexit Petrum.* 301.
Cap.23.v.38. *Hic est Rex Iudæorum.* 235. *Erat autem & superscriptio super eum Litteris Græcis, Latinis, & Hebraicis.* 85.

42. *Memento mei, cum veneris in regnum tuum.* 51.170.
43. *Amen, amen dico tibi, quia hodie mecum eris in Paradiso.* 306. *Hodie mecum eris in Paradiso.* 51.
Cap. 24. v. 18. *Non cognovisti quæ facta sint his diebus de Iesu Nazareno: quibus ille dixit, quæ?* 151.

## Ex Divo Ioanne.

Cap. 2. v. 1. *IN principio erat Verbum.* 179.
6. *Fuit homo.* 148.
46. *A Nazareth potest aliquid boni venire?* 238.
49. *Rabbi, tu es Filius Dei.* 238.
Cap. 2. v. 15. *Cum fecisset quasi flagellum de funiculis.* 207.
Cap. 3. v. 23. *Erat autem Ioannes baptizans.* 190.
Cap. 6. v. 59. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* 203.
Cap. 8. v. 12. *Ego sum lux mundi.* 139.
24. *Moriemini in peccato vestro.* 302.
Cap. 9. v. 2. *Quis peccavit? Hic, aut parentes ejus, ut cæcus nasceretur?* 80.83.88.
3. *Neque hic peccavit, neque parentes ejus.* 82.88.
20. *Quomodò aperti sunt tibi oculi?* 93.
16. *Quomodo potest homo peccator hæc signa facere?* 82 88.
18. *Non crediderunt ergo Iudæi de illo, quod cæcus fuisset.* 93.
25. *Unum scio, quod cum cæcus essem, modo video.* 82. 97.
38. *Et procidens adoravit eum.* 82.97.
Cap. 10. v. 6. *Opera, quæ ego facio in nomine Patris mei, hæc testimonia perhibent de me.* 115.
14. *Cognosco oves meas, & vitam æternam do eis.* 117.
27. *Oves meæ vocem meam audiunt, & ego cognosco eas, & sequuntur me, & vitam æternam do eis.* 102.103.
37. *Si non facio opera Patris mei, nolite credere mihi.* 116.
Cap. 11. v. 11. *Lazarus amicus noster dormit.* 216.
Cap. 13 v. 1. *Venit hora ejus.* 130. *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* 144.
2. *Cum Diabolus jam misisset in cor* 132.
5. *Cæpit lavare pedes Discipulorum, & extergere linteo, quo erat præcinctus.* 147.
8. *Non lavabis mihi pedes.* 127. 130. 147. 131. *Si non lavero*

*vero te, non habebis partem mecum.* 127. 131.
12. *Scitis quid fecerim vobis?* 125.
27. *Quod facis, fac citius.* 291. 153.
Cap. 14. v. 6. *Ego sum veritas.* 115.
12. *Qui credit in me, & maiora horum faciet.* 138.
Cap. 16. v. 7. *Si autem abiero, mittam eum ad vos.* 252. 269.
18. *Cum venerit ille Spiritus veritatis, arguet mundum de peccato.* 141.
Cap. 18. v. 1. *Egressus est trans torrentem Cedron.* 153.
5. *Dicit eis Iesus, ego sum.* 198.
6. *Abierunt retrorsum, & ceciderunt.* 43.
22. *Vnus assistens ministrorum dedit alapam Iesu, dicens, sic respondes Pontifici?* 239.
Cap. 19. v. 5. *Ecce homo.* 238.
17. *Bajulans sibi crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvariæ locum.* 297.
20. *Hunc ergo titulum multi Iudæorum legerunt.* 235.
21. *Noli scribere, Rex Iudæorum, sed quia ipse dixit, Rex sum Iudæorum.* 85.
33. *Non fregerunt ejus crura.* 221.
36. *Facta sunt enim hæc, ut impleretur Scriptura, os non comminuetis ex eo.* 221.
Cap. 20. v. 13. *Mulier, quid ploras.* 128.
17. *Noli me tangere.* 184.
Cap. 21. v. 7. *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertiò, amas me?* 159.
20. *Recubuit in cænâ super pectus ejus.* 155.

## Ex Libro Actorum.

Cap. 2. v. 2. *Factus est repentè de cælo sonus tanquam advenientis Spiritus vehementis.* 289.
Cap. 7. v. 53. *Accepistis legem in dispositionem Angelorum, & non custodistis.* 195.
55. *Intendens in cælum vidit gloriam Dei.* 195.
59. *Domine Iesu suscipe spiritum meum, & ne statuas illis hoc peccatum.* 195.
Cap. 8. v. 36. *Ecce aqua; quis prohibet me baptizari.* 309.
Cap. 12. v. 2. *Occidit autem Iacobum fratrem Ioannis gladio.* 220.
5. *Oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo.* 220.

Cap.

dos lugares da Sagrada Escritura. 415
Cap. 17. v. 23. *Quod ergo ignorantes creditis, hoc ego annuncio vobis.* 109.

## Ex Epistola Divi Pauli ad Romanos.

Cap. 6. v. 6. *Crucifixus est, ut destruatur corpus peccati.* 17.
Cap. 10. v. 16. *Fides ex auditu.* 102.

## Ex Epistola ad Corinthios I.

Cap. 4. v. 12. *Maledicimur, & benedicimus.* 245.

## Ex Epistola ad Ephesios.

Cap. 1. v. 11. *Operatur omnia secundum consilium voluntatis suæ.* 47.
Cap. 4. v. 7. *Ascendens Christus in altum, captivam duxit captivitatem, dedit dona hominibus.* 252.

## Ex Epistola ad Colossenses.

Cap. 2. v. 9. *In quo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* 149.

## Ex Epistola ad Timotheum.

Cap. 2. v. 48. *Reposita est mihi corona justitiæ.* 118.

## Ex Epistola ad Hebræos.

Cap. 1. v. 3. *Splendor gloriæ, & figura substantiæ ejus.* 237.
Cap. 7. v. 26. *Talis enim decebat, ut nobis esset Pontifex, Sanctus, Innocens, impollutus, segregatus à peccatoribus, & excelsior cælis factus.* 211.
Cap. 10. v. 5. *Ingrediens mundum dicit.* 18. *Corpus autem aptasti mihi.* 18.

## Ex Epistola Divi Iacobi.

Cap. 1. v. 12. *Accipiet coronam vitæ.* 118.
Cap. 3. v. 26. *Inflammat rotam nativitatis nostræ.* 69. & 246.

23. *Omnis natura bestiarum, & volucrum, & serpentium, & cæterorum domantur, & domita sunt à natura, linguam autem nullus hominum domare potest.* 239.

## Ex Epistola Divi Petri. I.

Cap. 5. v. 4. *Immarcessibilem gloriæ coronam.* 118.
5. *Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam.* 127.

## Ex Libro Apocalypsis.

Cap. 1. v. 5. *Princeps Regum terræ.* 14.
16. *Habebat in dexterâ suâ stellas septem.* 79.
18. *Habeo claves mortis, & Inferni.* 122.
Cap. 2. v. 10. *Dabo tibi coronam vitæ.* 118.
Cap. 5. v. 3. *Nemo poterat aperire librum, neque respicere illum.* 96.
Cap. 6. v. 9. *Vidi sub altari animas interfectorum.* 134.
Cap. 2. v. 2. *Ascendit fumus putei, & obscuratus est Sol.* 196.
Cap. 11. v. 8. *Corpora eorum jacebunt in plateis.* 218.
9. *Corpora eorum non sinent poni in monumentis.* 218.
Cap. 14. v. 4. *Hi sequuntur Agnum.* 8.

# INDICE

## Das couſas mais notaveis conteudas nos Sermoens, & na Epiſtola Dedicatoria.

*Os numeros ſignificam o numero marginal dos Sermoens.*

As letras ſignificam a letra marginal da Epiſtola Dedicatoria.

## A

*Abelha.* SYmbolo dos que obram muito, ſem eſtrondo. 255.
*Abrahaõ.* Sua pontualidade em pagar as ſuas dividas. 266. Prudencia de Abraham no bom eſtado, em que deixou a ſua familia, antes de morrer. 296.
*Abſalam.* Os goſtos do mundo ſymbolizados no cavallo de Abſalam. 53.
*Adam.* Porque razam foi Adam criado grande de corpo, & nam minino. 9. & 10. Perdeo Adam dous Paraizos. 22. Engano de Adam, que imaginou poder ſaber tudo, ſem trabalho. 31. Da Arvore da Sciencia quiz Adam colher o fruto ante tempo. 108. Foi ventura de Adam, que Deus o lançaſſe do Paraizo Terreal. 276. Foi Adam o primeiro inventor das Letras, & das Sciencias. B.
*Agoa.* Symbolo da humildade de Chriſto. 129. Com tres generos de Agoa apagou Deus a memoria dos peccados dos homens. 150. 151. Sciencia comparada com a Agoa. Gg
*Agouro.* Louca ſuperſtiçam dos Romanos nos ſeus agouros. 276.

*Amigo.* Para mortos, nam ha parentes, nem amigos. 185.

*Amor.* Erros dos antigos Philosophos nas improprias definiçoẽs do amor. 124. O amor humano he hum mysterio da natureza. 124. O amor divino he hum mysterio da Graça. 125. Na arte de amar; huma mesma acçam pode ser fineza, & affronta. 128. Os merecimentos da pessoa amada sam desdouros da gloria do amor. 133. 134. Quer o amor divino, que os nossos merecimentos fiquem encubertos, quando faz pompa dos seus beneficios. 134. Illustra o amor as suas finezas, quando as occulta. 138. Dissimula o amor os aggravos, que recebe. 140. Nasce o amor donde morre a vingança. 141. Amor de Deus comparado com o Elemento da Terra. 146. Com o Elemento da Agoa. 150. Com o Elemento do Ar. 154. Com o Elemento do Fogo. 157. Amar a hum só, com excluſam de todos, he amar como os homens; amar a todos, sem excluir a nenhum, he amar como Deus. 146. 147. Amor comparado com hum Rey. 147. O amor, que Deus mostra aos homens comparado com hum Sacerdote. 149. O amor mais esquecido das injurias he o mais divino nas finezas. 151. O amor nam só se ha de esquecer dos aggravos passados, mas tambem se ha de oppor á representaçam dos futuros. 152. Quando se affirma, que se ama, nam se póde racionavelmente presumir, que se ame outra cousa mais que a Deus. 159.

*Ar.* Porque razam nas obras da criaçam, se nam falla no Elemento do Ar. 27. Amor de Deus comparado com o Elemento do Ar. 154.

*Arco celeste.* Porque razam nam entra o Arco celeste no numero das criaturas, que louvam a Deus. 75. As virtudes dos hypocritas sam semelhantes às cores do Arco celeste. 76. Porque razam deu Deus ao Arco celeste para seguro da sua promessa. 254.

*Aristippo.* Discreta reposta de Aristippo á pergunta de Dionysio Tyranno. L.

*Astrologia.* Figura Astrologica, em que póde cada hum conhecer se he do numero dos predestinados, ou dos precitos. 101.

*Assuero.* Discreta independencia de Assuero na remuneraçam dos merecimentos de Mardochéo. 92.

*Avarento.* Nam sente tanto o morrer, como o deixar a outros o que possue. 278. 279.

# B

*Baſiliſco.* SYmbolo da enveja. 92.

*Bemaventurados.* Podem ver tudo em Deus, mas nam vem as couſas, que lhe nam importam. 98. Nos abyſmos da noſſa ignorancia fundou Deus o edificio da noſſa bemaventurança. 107. Porque razam a gloria dos Bemaventurados ſe chama coroa. 118. Alem da gloria eſſencial os Bemaventurados ſam capazes de outras glorias; & goſtos accidentaes. 287.

# C

*Cahir.* O Iuſto cahe de bruços, & o peccador cahe de coſtas. 43.

*Carnaval, ou Intrudo.* Nos dias do Carnaval o deſcuido dos diſtrahidos no mundo, facilita o deſpacho dos pretendentes da gloria. 52. O tempo do Carnaval he o Inverno da Igreja. 52. Goſtos do mundo no tempo do Carnaval ſemelhantes ao cavallo de Abſalam. 53. 54. A alegria dos dias do Carnaval, he huma roda, huma nuvem, & huma fogoſa exhalaçam. 54.

*Cego, & Cegueira.* A cegueira eſpiritual he muito mais perniciosa, que a cegueira corporal. 41. Muitos ſam cegos, porque vem mais do que convem. 80. Nas cortes ha tres generos de cegos. 82. Cauſas naturaes da cegueira dos olhos. 87. Huma das maiores infelicidades da vida humana, he a cegueira. 88. Porque razam prohibio Deus, que nos ſacrificios ſe lhe offereceſſem animaes cegos. Nn.

*Ceres.* Porque razam pintáram os Antigos a ſua fabuloſa Deoſa Ceres cercada de dormideiras. 155.

*Chriſtam.* O Chriſtam, he hum ſabio ignorante. 105. V. Fé.

*Chriſto.* Mayores acçoens obrou Chriſto em poucos dias de idade, que os mayores Monarcas do mundo em muitos annos de vida. 15. Chriſto fallou na meſma hora, em que naſcêo. 18. Porque razam puzeram os Iudéos ſobre a Cabeça de Chriſto crucificado a cauſa da ſua morte eſcrita. 85. Porque razam Chriſto chamou a ſy os Magos, & os Paſtores. 107. As Obras de Chriſto ſam as provas da verdade da ſua doutrina. 115. Aos fal-

sos testemunhos dos Iudéos, nam respondéo Christo huma só palavra, por nam dilatar a dezejada hora da sua morte, hum só instante. 131. O Sangue de Christo naõ parece tam propriamente Sangue de Christo na Cruz, como no Sacramento. 136. Com as sombras de huma improvisa noite encobrio Christo na Cruz os desatinos da humana barbaridade. 140. Porque razam sahio juntamente Sangue, & Agoa do Lado de Christo na Cruz. 151. Só Christo Homem Deos podia cabalmente reparar a offensa, que Adam fez a Deus. 211. Porque razam quiz Christo morrer em hum lugar tam infame como o Calvario, em que se justiçavam os malfeitores. 222. O Titulo da Cruz, em que Christo morréo, escrito em tres lingoas, & a razam disto. 232. Mostrou Christo, que era verdadeiro Deus, & verdadeiro homem, pelo silencio, & paciencia, com que sofréo as calumnias dos maledicos. 238. Porque razam respondèo Christo ao Soldado, que lhe deu a bofetada, & nam respondéo aos calumniadores, que o accusávam. 239. Razam do perpetuo silencio de Christo nos Tribunaes da Synagoga. 241. Razam da grande sede, que Christo padecéo na Cruz. 246. No Horto de Getsemani a dilaçam da morte foi causada tristeza de Christo. 258. Sô Christo teve razam para nam fazer testamento senam nos ultimos alentos da vida. 282. Porque razam deu Christo a desmaiçam de si mesmo com duas letras. S.

*Chuva.* Sinaes da natureza, que pronosticam chuva. 264.

*Cometa.* Homens que depois da morte causaõ ruinas, como os Cometas depois de desaparecer. 273. Os peccados sam Cometas. 302.

*Coraçam.* O rigor endurece o coraçam humano, & a clemencia o abranda. 8. Nenhuma cousa do mundo póde encher os vacuos do coraçam humano. 154. Por meyo de huma vea, tem o coraçam correspondencia com a lingoa. 245.

*Coroa.* Symbolo da Bemaventurança. 118.

*Corte.* Ao apparecer da verdade, se perturba a Corte. 208.

*Cortes.* No Porral de Belem, se celebráram Cortes sobre huma materia de grande importancia. 2.

*Crocodilo.* Lagrimas do Crocodilo symbolo das fingidas lagrimas de hum peccador na hora da morte. 306.

*Curiosidade.* A Corte he o theatro da curiosidade. 81. As ardentes ancias de hum só curioso, bastam para pór fogo no mundo todo. 80. Ver cada hum só o q̃ lhe importa, he huma anticipada partici-

cipaçam da bemaventurança. 97. Razam natural da curiosidade, com que os homens procuram saber o futuro 99.

D

*David.* A Fama das illustres acçoens de David lhe abrio o caminho para a soberania do trono. 188. Para a fabrica do Templo de Ierusalem deixou David a Salamam quatro mil milhoens de Cruzados. 288.

*Delicias.* O mel das delicias, he o contagio das coroas. 13.

*Demandas.* Porque razam antigamente as demandas se julgavam nas portas das Cidades. 292. Extravagancias dos homens nas suas demandas. 292. A porfia das partes, & a cobiça dos Avogados, sam as duas causas da duraçam das demandas. 293.

*Demonio.* Muitas vezes o Demonio nam tem culpa das nossas culpas. 55. Vendo o Demonio, que nam tinha armas sufficientes para fazer mal a Deus, converteo o seu furor contra a imagem de Deus. 205. Com especiosa mentira faz o Demonio o que Deus faz com verdade. 230. Pratica do Demonio a Eva, para lhe persuadir, que quebrantasse o divino preceito. 233. Nomes de tres Demonios, que assistiam no corpo de hum obsesso. 269. O Demonio foi o primeiro, que deu ao homem esperanças de huma vida dilatada. 300.

*Demosthenes.* Lingoa dos Dectractores semelhante â penna de Demosthenes. 67.

*Dezejo.* Os dezejos sam sonhos, que annunciam venturas, ou desgraças. 45. As pretensoens sam mares, em que cegamente se engolfam os dezejos. 46. Na imaginaçam de quem ama, he menos para se sentir a ruina de hum mundo, que a tyrannia de hum dezejo. 130.

*Desgraças.* Muitas desgraças, que parecem castigos da culpa, saõ mysterios da providencia. 84. A hum homem, ainda que innocente, bastalhe ser infelice para parecer criminoso. 83. Huma desgraça, a que se attribue huma causa ignominiosa, he dobrada desgraça. 85. De ordinario a huma desgraça, se seguẽ outras. 86. Buscam os calumniadores a origem das desgraças, para mayor confusam dos desgraçados. 87. & 88. A causa das desgraças, & das felicidades desta vida, he hum segredo, que Deus esconde nos thesouros de sua justiça. 95.

*Detracçam.* V. Maledicencia. A detracçam se disfarça com capa

de liſonja. 67. As tradiçoens ſam cauſa das detracçoens. 69. A lingoa dos detractores, he o rayo das Genealogias. 69. Com as lembraças do paſſado eſcurece o detractor as glorias, que ſe logram. 71. Detractores hypocritas. 67. 68. &c.

*Devedor.* V. Dividas. O devedor, he como a nuvem, que reſtitue chorando os bens, que ſe appropriou. 264. Tres verdugos atormentam hum homem endividado. 262. Trabalhoſa dependencia de quem deve. 263. Nam merece agradecimento a reſtituiçam, que o devedor faz por força. 265. Nas maõs dos devedores, nam luz o ouro, que tarde ſe paga. 268.

*Deus.* Com a brandura da ſua piedade, triunfa Deus da dureza dos noſſos coraçoens. 8. Deus na Encarnaçam menino, he o retrato do amor. 9. 10. Todas as criaturas, ſam circulos, de que Deus he o centro. 172. Deus nam ſe póde eſquecer, nem ſe póde lembrar. 250. Em Deus huma meſma couſa he o fallar, que o obrar. 256. Deus he Deus, porque he independente. 263. Porque razam nam remio Deus ao mundo por meyo de hum Anjo, ou de hum homem ſanto. 297. Deus no Zenith de ſua grandeza, he como o Sol no auge do meyo dia. 129. Deus he Deus, porque de ninguem depende, & de nada neceſſita. 163. Deus, ſe nam fora hum, nam fora Deus. 165. Deus ainda que inviſivel, por differentes modos ſe póde ver, na natureza, na Eſcritura, & na gloria. 193. Deus conſiderado em tres differentes tempos, antes da Encarnaçam, depois da Encarnaçam, & depois da inſtituiçam do Divino Sacramento. 207. Só Deus póde ſer conſelheiro de ſi meſmo. 2. & 47.

*Dia.* Dias intercalares, ou Biſſextos, dias ſolſticiaes, dias Equinocciaes, dias caniculares, dias interciſos, dias preliares, dias comiciaes, & ſua ſignificaçam. 19. Só o dia, em que ſe obra bem, he propriamente dia. 20. No diario do ocio, ha dias mingoados, dias eſcuros, & nenhum dia ſanto. 21. Cada dia da noſſa vida, ha de produzir frutos de virtude. 38. Homens ha, que nam podem contar hum ſó dia fructifero, em todos os dias de ſua vida. 39. Porque razam o primeiro dia do mundo, he chamado hum, & nam primeiro. 299. Porque razam os ſeis primeiros dias da criaçam, nam foram abençoados de Deus. 34.

*Dividas.* Os que tardam em pagar as dividas, comparados com a priguiça do Braſil. 260. Aos que ſatisfazem as ſuas dividas, lhe parece, que pagam mais do que devem. 260. Muitos reſervaõ a ſatisfaçam das ſuas dividas para a hora da morte. 260. Cuidado

dado de Abraham em pagar as suas dividas, 266. O fogo, he o symbolo dos que tomam seus luzimentos das dividas, que fazem. 267. Aos ricos se pagam mais pontualmente as dividas, que aos pobres. 267. Muitas vezes, o arrecadar huma divida, he mais difficultoso, que acquirir huma nova fazenda. 267. Christo Senhor nosso se anticipou a pagar ao Eterno Pay, as dividas, a que se obrigára. 270. Castigo, que os Antigos davam, aos que nam pagavam as suas dividas. 271.

# E

*Empreſtar.* MVito melhor he dar, que empreſtar. 266.

*Encarnaçam.* Na Encarnaçam tomou Deus hum corpo para deſtruir o corpo do peccado. 17.

*Engenho.* Tres generos de engenhos comparados com tres generos de corpos, ha no mundo. Gg.

*Enveja.* A enveja deſcobre manhas, & deſares na mais conſpicua proſperidade. 93. A enveja de Caim foi cauſa da morte de Abel. 156. Contra os luzimentos de huma grande proſperidade, nam ſe atrevem as ſombras da enveja. 161. Os eccos da fama, ſam os deſpertadores da enveja. 210.

*Eſcrever, & Eſcritores.* Razam de tres differentes modos de eſcrever, de que uzam tres differentes Naçoens. Hh. Eſcritores, que em aſſumptos eſtereis moſtrâram a fecundidade do ſeu engenho. E. Genios, & Eſtilos diverſos dos Eſcritores, ſam neceſſarios para ſatisfazer á diverſidade dos engenhos. Hh. Singulares merecimentos dos que eſcrevem bons livros. Mm.

*Eſperança.* Nam ha tormento mais riguroſo, que o de huma eſperança dilatada. 170. As venturas nam eſperadas alegrám mais, que as que ſe logram. 170.

*Eſpirito Santo.* Porque razam na Hiſtoria da criaçam do Mundo ſó ſe nomea diſtintamente a peſſoa do Eſpirito Santo. 143. Só o Eſpirito Santo naõ deſemparou a Chriſto na Cruz. 221. Porque razam os dons do Eſpirito Santo ſam chamados dons por antonomaſia. 252.

*Eſtrellas.* Na mam direita do Anjo do Apocalypſe ſam o ſymbolo da recta tençam, com que ſe obra. 79. A Eſtrella, que guiou os Reys do Oriente, foi milagroſamente criada para eſte miniſterio. 168. As Eſtrellas, & os Planetas ſam muſicos do Ceo.

177. Tem as Eſtrellas quatorze excellencias, em que ſe cifram quatorze virtudes proprias de huma Religioſa. 213. No dia do juizo as Eſtrellas ſe moſtrarâm mais compadecidas das ruinas do mundo, do que o Sol, & a Lua. 223. As Eſtrellas ſam primoroſas em reſtituir o que recebem. 260. Todas as Eſtrellas ſam neceſſarias, & as mais nocivas, nam ſam ſuperfluas. D.

*Euchariſtia.* V. Sacramento.

# F

*Fama.* A execuçam das mais arduas empreſas depende dos anticipados applauſos da fama. 188. A fama he muyto mais difficultoſa de reſtituir, q a fazenda. 235. Com prejuizo da fama alheia nam manifeſta o juſto a ſua innocencia. 241. A fama deſperta a enveja. 210.

*Familia.* O nimio reſplandor das familias, he o incendio das fazendas. 65.

*Fé.* Com a ſimplicidade da Fé, nada ſabemos de ſuperfluo, & ſabemos tudo o que he neceſſario. 104. 105. E o querer Deus, que creamos o que nam entendemos, he effeito da ſua juſtiça, & da ſua miſericordia. 103. 104. A Fé comparada com a parte inferior, & ſuperior da Cruz. 107. O crer, & o nam entender he para os homens caſtigo juntamente, & premio. 108. 109. Por meyo da Fé, chegamos a ſaber, o que nenhuma ſciencia nos póde enſinar. 109. A Fé junta com as obras he o diſtinctivo do Chriſtam. 112. Crer em Chriſto, & nam fazer o que Chriſto manda, nam he ſer Chriſtaõ; quando muito, he ſer meyo Chriſtaõ. 112. Os Chriſtaõs, que ciem huma couſa, & fazem outra, ſam homens meyo racionaes. 113. Obrar o contrario do que ſe cré, nam he crer. 114. Nas materias da Fé, as evidencias da experiencia, ſam deſdouros do merecimento. 184. Com a miſterioſa cegueira da Fè, alcança o Chriſtaõ os mayores myſterios. 198.

*Firmamento.* Symbolo do Amor de Deus. 144.

*Fogo.* Symbolo de hum devedor ingrato. 267. Porque razaõ nam luz o fogo do Inferno. 243.

# G

*Geronimo.* SAm Geronimo comparado com a Luz, & preferido aos mayores Santos da Igreja. 191. Foi S. Geronimo a luz de tres mundos; do mundo Archetypo, do mundo myſtico, & do mundo monaſtico. 192. A diverſidade das Lingoas, que Sam Geronimo apprendéo com o eſtudo, deu a Sam Geronimo mayores occaſioens de merecimento, que as que os Apoſtolos ſouberam por virtude do Eſpirito Santo. 194. Sam Geronimo he a quarta peſſoa da Corte celeſtial. 194. Porque razam ſobrepuja Sam Geronimo aos Martyres na Gloria. 194. 195. Foi a doutrina de Sam Geronimo tam divina, que merecéo ſer ouvida com huma attençam ſemelhante â com que ſe ouvio a doutrina do meſmo filho de Deus. 195. No ſeu tempo foi Sam Geronimo o reſtaurador do mundo. 196. Saõ Geronimo foi a ſegunda Eſtrella de Belem, com ventagens á Eſtrella dos Reys do Oriente. 197. A Igreja Triunfante agradecéo a Saõ Geronimo, o zelo que teve dos luzimentos da Igreja Militante. 198. Com a ſoledad da vida contemplativa, imitou Sam Geronimo a vida do Eterno Pay no Ceo. 199. Encomios da Sagrada Religiam de Saõ Geronimo. 200. 201.

*Graça de Deus.* Para a Graça entrar na alma, baſta abrir huma porta, de que todos tem a chave. 121. 122.

*Guerra.* V. Soldado. Para a conſervaçam do genero humano, he mais preciſa a ſciencia da guerra, que a Agricultura. X. Authores, que eſcrevéram ſobre a Arte Militar. V. & X. Livros, que tratam de todas as guerras do mundo. Y. Proveitoſas noticias, que ſe tomam dos Livros das guerras. Z.

*Gula.* Nam ha Elemento, de que a gula nam tome victimas para o goſto. I.

# H

*Herança, & Herdeiros.* OS filhos, & os parentes nam ſentem a morte dos que lhe deixam ricas heranças. 285. Os herdeiros lançam da memoria o defunto, & lançaõ maõ do dinheiro. 286. Herdeiros ingratos com-

parados com as torrentes. 290. Futilidade de duas razoens, com que de ordinario os herdeiros se desculpam da sua negligencia em satisfazer os legados dos defuntos. 290. 291. Com as Almas dos defuntos, obram os herdeiros como os Israelitas com o corpo de Moyses depois de morto. 295.

*Herodes.* Crueldades de Herodes. 302.

*Homem.* Nam merece o nome de homem, o que nam acode aos homens nos seus trabalhos. 186. Razam do odio, que o Demonio tem ao homem desde o principio do mundo. 205. O que nam responde às injurias dos maledicos, he verdadeiramente homem. 238.

*Humildade.* A humildade he a prova da divindade humanada. 129.

*Hypocrisia.* A hypocrisia he o achaque commum de todas as idades, & estados. 59. Na Corte as realidades se desconhecem, & as sombras se adoram. 60. De ordinario se acham nas Cortes tres generos de hypocritas. 61. Hypocritas semelhantes às cobras. 75. Nos homens faz a hypocrisia o mesmo effeito, que a neve nas plantas. 77.

I

*Ignorancia.* DEsordem, & confusam, que a ignorancia causa em hum Reyno. 29. A vida de hum ignorante he huma continua noite. 28. Se o saber custa muito, muito mais custa o ignorar. 32. Todo o ignorante, he mudo, ou mendigo. 35. Ignorante semelhante ao Ecco. 33. Os ignorantes se fazem ridiculos. N. Antipathia, que os ignorantes tem aos doutos. R. & S.

*Impio.* Comparado com o mar. 206. A presença dos Impios, he o iman dos infortunios. 208. Hum impio occulto, & sem castigo, he a causa invisivel da ruina de hum Reyno. 209.

*Infancia.* As miserias da infancia, sam castigos da culpa. 9. 10.

*Inferno.* No Inferno os condenados se verão vergonhosamente emmudecidos, porque se acharám justamente condenados. 57. O fogo do Inferno he escuro, & porque razam. 243. No Inferno nam se póde diminuir a pena essencial dos condenados, & sempre podem crescer as suas penas accidentaes. 294. Para a gloria da justiça de Deus, podemos dezejar, que no Inferno se nam diminuam as penas dos condenados. 294.

*Inimigos.* O parecer, que se póde dar a hum Principe cercado de tres

tres differentes inimigos. 2. 3. & 4. Deus humanado teve no mũdo tres inimigos. 3.

*Ioam Baptista.* A grandeza de Sam Ioam Baptista está fóra de toda a competencia, porque excede toda a comparaçam. 161. O Nascimento do Baptista he o annuncio do eclypse de todos os Santos, dos Santos da Ley da Natureza, dos Santos da Ley Escrita, & dos Santos da Ley da Graça. Desde o numero 163. até o numero 176. Vivéo o Baptista com tam grande independencia de tudo o que he preciso para viver, que antes parecia Deus, que homem. 164. O Baptista manifestou aos homens o Verbo humanado com hum acto quasi semelhante ao com que o Eterno Pay gera em si mesmo ao Verbo Divino. 167. O Baptista comparado com a pedra, que os naturaes chamam Glossopetra. 169. Estando o mundo engolfado no mar da esperança, o Baptista foi o primeiro, que descobrio o porto da salvaçam. 170. 171. O circulo da vida do Baptista teve a Deus por centro no primeiro instante do seu nascimento. 172. 173. As excellencias, que nos outros Santos podiam ser dezejos, no Baptista foram effeitos. 174. Nam preferir o Baptista a todos os Santos, he locura juntamente, & impiedade. 175. Na vida do Baptista, o instante em que nasceo, basta para demonstraçam das excellencias, que possue. 176. Tres milagrosas consonancias no nascimento do Baptista; a consonancia da razam com a infancia, do merecimento com a mercê, & do silencio com a fama. 178. 179. No Baptista se anticipou o uso da razam para gloria de Deus, & para gloria do mesmo Baptista. 179. O Baptista foi juntamente Menino, Mancebo, & Varam. 181. O Baptista começou por onde os outros acabam. 182. Os antigos Patriarcas veneram as excellencias do Baptista. 182. O Baptista começou a crer em Deus humanado, primeiro que este Deus homem fosse nascido. 184. Primeiro que nascesse a esta vida transitoria, tinha o Baptista merecimentos para a vida eterna. 187. Os primeiros rayos da Fé, com que os homens adoráram a Christo, foram reflexos da Fé, que os homens davam ao Baptista. 189. Hum só aceno do Baptista teve mais poder, q̃ todas as façanhas, & milagres dos Martyres. 190. Herodias, que procurou, que se tirasse ao Baptista a vida, nam se atrevéo a macular do Baptista a fama. 132.

*Iob.* Com huma palavra desfez o Demonio o panegyrico, que Deus fizera a Iob. 218. Porque razam deixou o Demonio a Iob a

boca intacta. 242. Porque razam affirma Iob, que a terra, & a corrupçam sam seus parentes. 285.

*Iosué.* Muitos Reys, envejosos da gloria de Iosué, conspiram para a sua ruina. 210. Heroica fidelidade de Iosué em guardar a sua palavra aos seus mayores inimigos. 255.

*Iudas.* Favores, que Iudas recebéo de Christo no Cenaculo. 132. Da semrazaõ dos aggravos de Iudas fez o amor de Christo a razam dos seus desvelos. 135. Offendéo Iudas a liberalidade do amor divino entregando por dinheiro o Sangue, que Christo queria dar de graça. 136. Com muita pressa sahio Iudas do Cenaculo, & lançou de si ao Sacramento, como quem lança de si huma braza, que lhe queima as maõs. 158. Porque razam permitio o Senhor, que Iudas o vendesse com pressa, & a vil preço. 294.

*Iuiza final.* Porque razam ha de haver Iuizo universal no fim do mundo. 77. 78.

*Iuizos de Deus.* Sam os Iuizos de Deus quanto mais occultos, mais soberanos. 96. Aos Iuizos de Deus pasmam os juizos dos homens. 97.

*Iustiça.* Pára com os homens, mais póde Deus com as ternuras do seu amor, que com as asperezas de sua justiça. 8. Christo Sol de justiça semelhante ao Sol material. 76. Com dous generos de justiça governa Deus o mundo. 269. Gloria da divina justiça no castigo dos condenados. 294.

## L

*Ladram.* PResentou o Bom Ladram o seu memorial em tempo opportuno para alcançar o despacho. 51. Porque razam affirmou Christo ao Bom Ladram com juramẽto, que o havia de levar comsigo ao Ceo. 306.

*Legado.* Para a execuçam dos seus legados nam se podem os pays nar de seus proprios filhos. 288. O mayor dos legados, que até agora se fizeram, foi o que David deixou para a fabriça do Templo de Ierusalem. 288. Com a execuçam dos legados, se augmenta a gloria accidental dos Santos. 288. Christo depois de morto appressou a execuçam do legado, que deixára aos Apostolos. 289.

*Letras.* Infelice destino das Letras, & dos Letrados. 5. As Letras,

tras, & as Sciencias sam mais preciosas que o ouro, & os diamantes. S. Porque razam deu Christo a definiçam de si mesmo com duas letras. S.

*Lingoa.* Correspondencia da lingoa com o coraçam. 245. Qual foi o fim, porque Deus deu ao homem a lingoa. 245. A lingoa maledica he fogo, & fogo do Inferno. 246. Por tres causas foi dada a lingoa ao homem. 247.

*Livraria.* Antigas, & famosas Livrarias. B. Huma grande Livraria, he hum chaos. C. Huma grande Livraria, he hum espelho, em que os olhos, & os entendimentos vem tudo o que humanamente se pode ver. F. Outras prerogativas de huma Livraria. I. Livraria comparada com hum arrayal. Aa. Porque mandou o Emperador Isaurico queimar a Livraria de Constantinopla. Aa. A morte estorvou o dezejo, que o Emperador Iulio Cesar tinha de fazer em Roma huma Livraria publica. Bb. Porque razam costumavam os Antigos pór a Estatua de Mercurio, & de Cupido no frontispicio das suas Livrarias. Dd. A mayor Livraria, que houve atè agora, foi a dos Reys do Egypto. Ee. Virtude da caridade retratada em huma Livraria. Ff. Gg. Virtude da liberalidade representada em huma Livraria. Ii. Piedade, & misericordia para com os mortos representada em huma Livraria. Kk.

*Livro.* Porque razam ninguem podia olhar para o Livro, que Saõ Ioam vio no Apocalypse. 96. Comparaçam de hum Livro com o homem. A. Comparaçam do mundo com hum Livro. Ll. Sam os Livros tam antigos, que houve Livros, desde que houve entendimentos. B. Errada opiniam dos que imaginam, que poucos Livros bastam para hum sabio. C. Authores, que compuzeram muitos Livros. F. Louvavel curiosidade dos Antigos em compor Livros. I. Riquezas, & delicias, que se acham nos Livros. R. Livros com titulos, que alludem à arte militar. Bb. Naõ he superfluo o ornato da boa encadernaçam dos Livros. Ll.

*Lodo.* Coraçam humano comparado com o lodo. 8.

*Luz.* Porque razam criou Deus a luz, primeiro que formasse ao homem. 89. Nam póde a enveja dos homens sofrer o resplandor de huma nova luz. 90. Encomios da luz. 191.

# M

*Madalena Santa.* AS lagrimas da Madalena depois da Resurreiçam do Senhor, foram para o Senhor finezas juntamente, & affrontas. 128. Porque razaõ enxugava a Madalena as lagrimas, que vertia aos pés de Christo. 133. Porque razam permitio o Senhor, que a Madalena o tocaſſe, quando Peccadora, & nam quando Santa. 184.

*Maledicencia.* V. Detracçam. A lingoa maledica, he o açoute da innocencia. 225. A maledicencia dos homens nam pode eſcurecer a gloria de Deus. 226. A lingoa de hum maldizente, he peſte, fome, & guerra. 226. Nenhuma diſtancia, por grande que ſeja, nos aſſegura dos tiros de huma lingoa maledica. 227. As palavras dos maldizentes ſam pós de antipathia, que matam de longe. Os maldizentes tem huma eſpecie de omnipotencia contraria á Omnipotencia Divina. 228. As calumnias dos maldizentes ſam males, que perſeveram ainda depois da morte. 229. O dizer mal he para os homens hum manjar, que nunca enfaſtia. 230. A maledicencia he huma fome, que ſempre ſe eſtá fartando, & nunca ſe ſatisfaz. 230. 231. A maledicencia he hum maná âs avelſas. 230. A maledicencia he hum martyrio da reputaçam, mais ſenſivel que a morte. 231. Mais digno de caſtigo he o maledico, que infama, que o homicida, que mata. 232. As converſaçoens, em que ſe corta pela fama do proximo, ſam os banquetes dos maledicos. 232. Mayores danos ſe imaginam da maledicencia, que da guerra. 234. Documentos para cada hum ſaber reſponder aos ſeus maldizentes. 237. 238. 239. &c. Mais difficultoſamente ſe aplaca a maledicencia, que a ira. 239. A maledicencia comparada com o Ecco. 239. A maledicencia comparada com hum Navio. 240. A cor negra dos Ethiopes, he caſtigo da maledicencia de ſeu pay Cham. 244. A maledicencia he hum mal, que o ſentimento acreſcenta, & o deſprezo abafa. 244. O dizer mal tem muitos inconvenientes ſem utilidade alguma. 246.

*Maná.* Porque razam quiz Deus, que ſe derreteſſe o Maná ao romper do Sol. 26. A maledicencia comparada com o Manâ. 231.

*Mar.* As tormentas do mar ſam o ſymbolo dos deſatinos da impiedade.

piedade. 206. As palavras do cabo, sam como os Cabos, ou Promontorios do mar. 240. Lingoas do mar semelhantes ás lingoas dos aduladores. 254. Cada sciencia he hum mar, em que os Authores navegam por differentes rumos. H.

*Misericordia.* Misericordia humana comparada com a misericordia Divina. 215. O mundo acabará quando acabar a misericordia. 218. De todos os attributos divinos, só a misericordia deixa nos homens alguma sorte de igualdade para a competencia. 223. Estribar na misericordia de Deus a continuaçam das culpas, he empenhar a misericordia na execuçam dos castigos. 307. Incerteza dos milagres da divina misericordia. 308.

*Montes.* Os montes sam os primeiros, que ao amanhecer do Sol, recebem a sua luz, & a moralidade, que disto se tira. 1.

*Morte.* Toda a razam do morrer, he o nascer. 16. Muitas vezes nam se deixa tudo na morte. 278. A morte he hum mal, que muitas vezes nam dá final de si, mas fere antes de ameaçar. 281. Nam acertou Aristoteles, dizendo que a morte he o mayor dos males. 299. Mais sam os que morrem antes da velhice, que os que morrem de velhos. 300.

*Moyses.* Porque razam cobrio Moyses com hum veo a luz, que lhe sahia do rosto. 90. Como podia Moyses ter huma clara noticia da gloria de Deus, vendo a Deus só pelas costas. 226.

*Mundo.* Erro dos Antigos Philosophos sobre a criaçam do mundo. 33. O amor foi huma das principaes causas da criaçam do mundo. 143. No Cenaculo formou o Amor Divino hum mundo misterioso, que tambem tem seus quatro Elementos. 145. Todo o mundo he tam limitado, que nelle nam pódem dous irmaõs reynar sem enveja. 156. O pouco, que se devem estimar todas as cousas do mundo. 280. Este mundo he huma feira. 300. Mundo comparado com hum Livro. Ll.

# N

*Nascer.* O Nascer, he toda a razam do morrer. 16. Nascer com defeitos, & aperfeiçoarse com o tempo he proprio das criaturas, mas estar perfeito desde o primeiro instante do seu ser, he proprio de Deus. 180.

*Nascimento do Senhor.* Antes do Nascimento do Senhor, a terra era huma imagem do Inferno. 7. Nascendo Deus temporalmen-

te fez pazes com os homens, tregoas com a morte, & guerra ao peccado. 3. & 4. Porque razam se perturbou a Corte de Ierusalem com a nova do Nascimento de Christo. 208. Porque razam quiz Christo nascer dos Hebrêos, antes que dos Gentios. 270.

*Negros.* De donde procede a cor negra dos Egypcios, Cafres, Ethiopes, &c. 244.

O

*Occasiam.* OS Antigos adoráram a occasiam como Deosa. 128. Da opportunidade da occasiam dependem os bons sucessos. 128.

*Ocio.* O ocio nam satisfeito de reynar no silencio da noite, chegou a usurpar o imperio do dia. 19. Em tres differentes officinas imprime o ocio o seu diario. 21. Os pays, que se entregam a huma vida ociosa, sam os verdugos da sua familia. 22. Huma mão ociosa, he mão perdida. 24. Deus, ainda que author da vida, nam quer sustentar a vida de hum ocioso. 26. Que genero de alimento se houvera de dar a hum ocioso. 26. Cameleam, symbolo do ocioso. 26. As obras de hum ocioso sam formadas de Ar. 27. Ficou o mundo sem vista, em quanto esteve ocioso. 30. O peccado inseparavel do ocio. 34. A alma do ocioso he aposento do Demonio. 35. O ocio he o artifice de todos os delictos. 37.

*Olhos.* Anatomia dos olhos. 87.

*Oraçam.* As oraçoens de muitos juntos movem mais a Deus, que a oraçam de hum sô. 220.

*Ossos.* Temos no peito dous ossos, feitos a modo de chaves, & a moralidade que disto se tira. 121. Apostrophe aos ossos dos malfeitores. 214. Monte de ossos transformado em hum mundo de gente. 214. O osso de hum morto, foi o fundamento da propagaçam do genero humano. 216. Os ossos de Adam salvos do diluvio. 217. Porque razam os ossos do Senhor naõ foram quebrados na Cruz. 221.

Pala-

# P

*Palavra.* V. Promessa. Excellencias da palavra. 250. De nenhuma cousa mais facilmente se esquecem os homens, que da execuçam da sua palavra. 250. O primeiro encomio de Deus homem, foi o haver desempenhado a sua palavra. 252. Se por impossivel faltára Deus á sua palavra, permitíra o mesmo Deus, que os homens se armassem contra elle, como justamente aggravados desta falta. 254. Em huma só cousa mostram os homens a pontualidade da sua palavra. 257. Só Deus póde dizer tudo em huma palavra. E.

*Paulo.* Com a doutrina da Fé, confundio Sam Paulo a ignorancia dos Areopagitas. 109. 110.

*Pasquin.* Ao Papa Adriano VI. persuadio hum discreto, que nam mandasse lançar no Thybre a estatua de Pasquin. 244.

*Pavam.* O Pavam he o symbolo dos que convertem o comer em vestir. 66.

*Paz.* Mysteriosa significaçam das tres letras da palavra Paz. 4. No seu nascimento temporal, fez Deus pazes com os homens. 5. O meyo com que póde hum Principe acrescentar no tempo da paz o seu Imperio. 5.

*Paynel.* Faz a afeiçam seus payneis, em que tudo sam luzes, sem sombras. 48. Em que consistio o engano do paynel, em que o Demonio representou ao Senhor todas as grandezas do mundo. 48.

*Peccado.* O peccado tem corpo; descreve-se este monstruoso corpo do peccado. 18. Familia, & descendencia do peccado. 18. O peccado he hum nada. 34. No dia do Iuizo o Sol, a Lua, & as Estrellas se mostrarám sentidas dos peccados dos homens. 212. Morrer em peccado mortal, he hum mal mais terrivel q̃ a mesma morte. 299. Só quem piza o peccado nos seus principios, se póde prevenir contra os estragos do peccado. 301. Peccados comparados com os Cometas. 302. Razam porque muitos morrem nos peccados, a que foram mais inclinados na vida. 302. Os peccados inveterados, sam febres continuas. 307. Os augmentos do peccado sam tam repentinos, que nam necessitam de tempo para crescer. 301.

*Peccador.* Nam sempre morre o peccado, quando o peccador

morre. 303. Procura o Demonio abater a grandeza de Deus com a vileza dos peccadores. 202. 203. Hum peccador obstinado, he huma estatua da impenitencia. 303. O peccador na agonia he como o navegante na tormenta. 304. Peccadores, que na hóra da morte nam sentem tanto o haver peccado, como o nam poder mais peccar. 306.

*Pedro.* A sombra de Sam Pedro dava o lustre aos milagres, que obrava. 168. As finezas de Pedro no Lavatorio, fizeram dous aggravos ao amor de Christo. 129. 130. Porque razam fallou S. Pedro no Thabór como nescio. 146. Porque razam se enstrestecéo Sam Pedro, perguntandolhe o Senhor terceira vez se o amava. 159. Em certo modo deixou o Senhor por algum tempo de cuidar na redempçam do mundo, para cuidar na conversam de Pedro. 196. As oraçoens dos fieis livráram a Saõ Pedro das maõs de Herodes. 220. Porque razaõ mandou o Senhor a Saõ Pedro, que pagasse aos Rendeiros com a moeda, que acharia na boca de hum peixe. 239. Difficultosamente se arrependéra Sam Pedro, se o Senhor lhe nam acudira com hum prontissimo remedio. 301. A primeira negaçam de Pedro foi mentira, a segunda foi perjuro, & a terceira foi blasfemia. 301.

*Penitencia.* Ninguem póde com razam dilatar hum só dia a penitencia. 299. A penitencia, que se reserva para os ultimos dias da vida, he muy difficultosa. 301. Muitas vezes he inutil. 304. E algumas vezes impossivel. 307. Parece, que Deus difficulta aos peccadores a vida da graça, para que conheçam, que difficultosa he a penitencia de huma culpa inveterada. 301. A penitencia de Faraó foi infructuosa, porque intempestiva. 304. Naõ se agrada Deus de huma penitencia palliada com o medo da pena. 305. Huma verdadeira penitencia na hora da morte, he hum milagre, que parece incrivel. 306. Razam da penitencia de Manassés, & da impenitencia de seu filho Amon. 307. Quem nam se quer arrepender, quando póde, nam se póde arrepender, quando quer. 308. Para a penitencia dos peccados, a primeira occasiam, que se offerece, he sempre a melhor. 309.

*Perseverança.* Razaõ porque a perseverança he necessaria para a salvaçam. 118. Melhor fora começar mal, & acabar bem, do que começar bem, & acabar mal. 118. Necessidade da perseverança representada com varias comparaçoens. 119.

*Peste.* Tres propriedades tem o veneno da peste, que o fazem summamente contagioso. 227.

*Peyxe.* Porque razam quiz o Senhor, que ſe tiraſſe da boca de hum peyxe a moeda para pagar o tributo. 239. Taciturnidade dos peyxes nas tormentas, ſymbolo dos Iuſtos nas calumnias. 240.

*Planeta.* Eſfera dos Planetas, ſemelhantes á Eſfera do amor dos homens. 147. Oppoſiçam dos Planetas infauſtos aos que fazem empreſtimos. 260.

*Pobreza.* Na maõ dos pobres eſtá o remedio da ſua pobreza. 22. 23. Todas as artes ſe forjáram nas officinas de huma induſtriosa pobreza. 25.

*Predeſtinaçam.* Póde cadahum de nós ſer o propheta de ſua predeſtinaçam, ou reprovaçam eterna. 100. 101. Tres infalliveis ſinaes de noſſa predeſtinaçam. 102.

*Pretendente.* O pretendente diſcreto ſe compenha ſem requerer, quando nam tem competidores no requerimento. 51.

*Principe.* Etymologia do nome de Principe. 14. As mais gloriosas acçoens de hum Principe ſe reduzem a quatro. 15. Quanto mais alto he o throno de hum Principe, mais deſvelada ha de ſer a ſua vigilancia. 49. Muitas vezes he preciſo, que os Principes occultem os beneficios, com que remuneram a fidelidade dos benemeritos. 91.

*Principio.* Nam ha grandeza no mundo, que nam tenha baxos principios. 70. 71.

*Promeſſa.* V. Palavra. Por duas razoens faltam os homens ás ſuas promeſſas. 251. A eſperança de hum bem prometido, tira a primeira flor da alegria, que ſe houvera de ſentir, quando eſte bem ſe conſegue. 169. As felicidades, que ſe prometem, ſaõ cauſa das ancias da eſperança. 170. Homens, que nam cumprem as ſuas promeſſas, comparados com plantas ſylveſtres, com nuvens ſem agua, & ventos ſem chuva. 249. Na proſpera fortuna, os homens ſe eſquecem do que prometéram na adverſa. 251. 252. Huma das mayores glorias de Deus he a infallivel execuçam das ſuas promeſſas. 252. A ſuſpenſam da promeſſa, he homicida da amizade. 253. Caſtiga Deus os liſonjeiros, que prometem, & nam dam. 254. Alexandre Severo caſtigou a hum ſeu valido, que enganava com falſas promeſſas. 255. As promeſſas nam ſó ſe haõ de guardar aos amigos, mas tambem aos inimigos. 255. Sacrilega infidelidade dos que faltam ás promeſſas, que fazem a Deus no Sacramento da Confiſſam. 256. Chriſto accelerou a execuçam das ſuas promeſſas com a antici-

pada effuſam do ſeu ſangue. 258.
*Prudencia.* A nimia prudencia degenera em locura. 274.
*Purgatorio.* As Almas do Purgatorio perſuadidas da juſtiça do ſeu caſtigo, embargam as queixas ao ſentimento. 290. Nam ſe apagam os incendios das Almas do Purgatorio, em quanto nam ſe pagam os legados, que deixáram. 290 Para Chriſto accelerar o reſgate das Almas dos Patriarcas, quiz ſer vendido com preſſa, & a vil preço. 291. As diſſençoens dos herdeiros ſuſpendem os ſuffragios das Almas. 293.

# R

*Razam.* NAm ha cauſa mais enganoſa, que a noſſa propria razam. 110. 111.
*Religioſa.* Nas Eſtrellas ſe cifram todas as virtudes de huma perfeita Religioſa. 213.
*Reſtituiçam.* A natureza nos enſina a reſtituir o que temos recebido. 266. Huma das acçoens mais difficultoſas na converſam de hum peccador, he a reſtituiçam dos bens alheyos. 270. Os moribundos moſtram a difficuldade, que os homens naturalmente tem em reſtituir o alheyo. 269.
*Revelaçam.* A revelaçam divina nos ha de perſuadir mais que a razam humana. 110.
*Rey.* O Rey, a que falta o amor dos Vaſſallos, nam ſe deve ter em conta de Rey. 6. Nam podem os Reys reynar bem, ſem trabalhar. O amor comparado com hum Rey. 147.
*Rico, & Riquezas.* Em que conſiſtem as verdadeiras riquezas. L. Ricos, pobres de eſpiritu na mayor abundancia dos bens da fortuna. L. Hum rico ignorante, ſó ſerve para mover a riſo. M. Ricos, que nam ſe ſabem aproveitar das riquezas, & das delicias, que ſe acham nos Livros. O, & P. Moſtraſe, que rica he a converſaçam de hum homem ſciente. Q.
*Rico Avarento.* Porque razam pedio o Rico Avarento a Abrahaõ, que mandaſſe a Lazaro á caſa de ſeu pay. 72. Porque razam o Rico Avarento ſentia mais a actividade do fogo na lingua, que nas mais partes do corpo. 246. Apparente zelo do Rico Avarento no dezejo da ſalvaçam de ſeus irmaõs. 294.
*Rio.* As aguas dos Rios tornam a ſahir do mar, para ſe reſtituirem á ſua primeira doçura. 46. Homens ſemelhantes aos Rios. 300.

*Romaã.* O que significavam as Romaãs, entresachadas com campainhas nas vestiduras de Aram. 38.

*Sacramento da Eucharistia.* O Sacramento da Eucharistia he o eclypse das finezas, & o sepulchro dos aggravos. 138. 139. Deus, que com tres dedos sustenta o pezo da terra, toma com ambas as maõs o Pam sacramentado. 156. Christo, que antes da instituiçam do Divino Sacramento hia destruindo hum a hum os peccados, no Sacramento da Eucharistia destruyo todos os peccados de huma vez. 157. No Sacramento hey Senhor, quanto mais escondo mais divino. 166. 167. No Sacramento repete o Senhor tres sobejanos mysterios em hum instante. 181. Porque razaõ o Sacramento da Eucharistia, se chama mysterio da Fé, antes que mysterio do Nascimento, da Morte, & Resurreiçam do Senhor. 185. Aos que buscam ao Senhor no Sacramento com a luz da razam sucede o mesmo, que aos Iudeos, quando com lanternas buscáram ao Senhor no Horto. 198. O Sacramento do Altar, he o thesouro dos Reynos. 204. Que effeito produzio em Christo o Sacramento da Eucharistia, quando se commungou a sy mesmo no Cenaculo. 207. Prodigiosa benignidade, & paciencia de Christo no Sacramento da Eucharistia. 207. Zelo dos Portuguezes para a gloria do Divino Sacramento. 210.

*Salamaõ.* Falta Salamaõ á promessa, que tinha feito a sua May Bersabé. 251.

*Saul.* Porque razam foi Saul coroado em hum lugar apartado, & solitario. 148.

*Sciencia.* As Sciencias se alcançam com trabalho. 31. 32. A Sciencia, he a luz, com que o homem vé o que diz. 32. Em todas as Sciencias, os mayores Doutores se contradizem huns aos outros. 51. Os mais Scientes sempre dezejam de apprender. Cc. Ridicula presumpçam dos que sabendo pouco, imaginam que sabem muito. Dd. Todas as Sciencias se dam a maõ humas ás outras. Ee. Em todas as Sciencias resta muito que descobrir. Ee.

*Sepultura.* Tres conveniencias da sepultura Ecclesiastica. 219. Cõfutaçaõ do erro dos Valdenses, & Albigenses, que affirmavaõ,

que a sepultura Ecclesiastica nam aproveitava aos mortos. 219. Duas razoens da assistencia do Demonio nas sepulturas. 219.

*Serpente.* Symbolo da curiosidade. 80.

*Silencio.* O silencio, com que se dissimulam as maledicencias, he o lenitivo da aspereza alheya, o correctivo da propria impaciencia, & o preservativo da divina jastiça. 238. &c. Mysterioso silencio de Christo nas estrondosas conjuraçoens da Synagoga. 241.

*Sol.* O Sol he pay, & homicida da natureza. 180. Aos jornaleyros, se lha de pagar o seu trabalho antes do pôr do Sol. 268. Costumavam os Antigos expor aos ardentes rayos do Sol os que nam pagavam as dividas. 271.

*Soledade.* O retiro da soledade, he o azilo da reputaçam. 166. Encomios da vida solitaria, & contemplativa. 199. 200.

*Subdito.* Os subditos de hum Principe nam se devem contar pelo numero, mas pelo affecto. 6.

T

*Tardar.* Sinco cousas, que de ordinario tarde se executam. 248. No mundo elemental, & no mundo moral a tardança, he causa de muitos desconcertos. 249.

*Tempo.* A opportunidade do tempo, he a chave de todos os acertos. 128. O tempo he filho da armonia do Ceo. 177.

*Testamento.* Os testamentos se fazem para alivio dos que morrem, & para a conveniencia dos que sobrevivem. 272. No naufragio da vida, o testamento he o seguro da fazenda. 272. Só huma vez houve tempo, em que nam foi necessario que os homẽs fizessem testamento. 273. Os que morrem abintestados sam semelhantes aos Cometas. 273. Tres generos de homens tem repugnancia a fazer testamento. 273. 274. &c. Necedad dos que dilatam o testamento por medo da morte. 275. O mais rico testamento, que até agora se fez no mundo, foi o do Patriarca Noé. 280. Hermocrates Sophista no seu testamento se nomeou por herdeiro de si mesmo. 280. Temeridade dos que reservam o testamento para as ultimas horas da vida. 281. 282. De todos os homens, só hum teve razam para guardar o testamento para a hora da morte. 282. Razam, que hum discreto allegou para nam fazer testamento. 269. Faça cada hum na vida o que determina

mina mandar no ſeu teſtamento. 196. 197.

*Tobias.* Menino nos annos, & na prudencia varam. 50. Diſcreta reposta de Tobias a ſeu pay, que lhe encommendava, que diligenciaſſe a cobrança do dinheiro, que se lhe devia. 60.

*Transfiguraçam.* Nam conſta do Evangelho, que Moyſes, & Elias aſſiſtindo no Thabór a Chriſto Transfigurado, tiveſſem algum genero de adorno nas ſuas veſtiduras. 64. Porque razam encommendou o Senhor aos Apoſtolos o ſegredo da ſua Transfiguraçam. 91.

*Tregoas.* Deus humanado fez tregoas com a morte. 11.

*Trindade.* Porque razam, das Tres Peſſoas Divinas, ſó o Verbo morreo. 16. Sendos as Tres Peſſoas Divinas offendidas pelo peccado de Adam, porque razam ſó a ſegunda Peſſoa naſceo para reparar a offenſa. 17.

# V

*Vento.* ORigem dos ventos ignorada dos Philoſophos. 95.

*Verdade.* Antipathia da Corte com a verdade. 108.

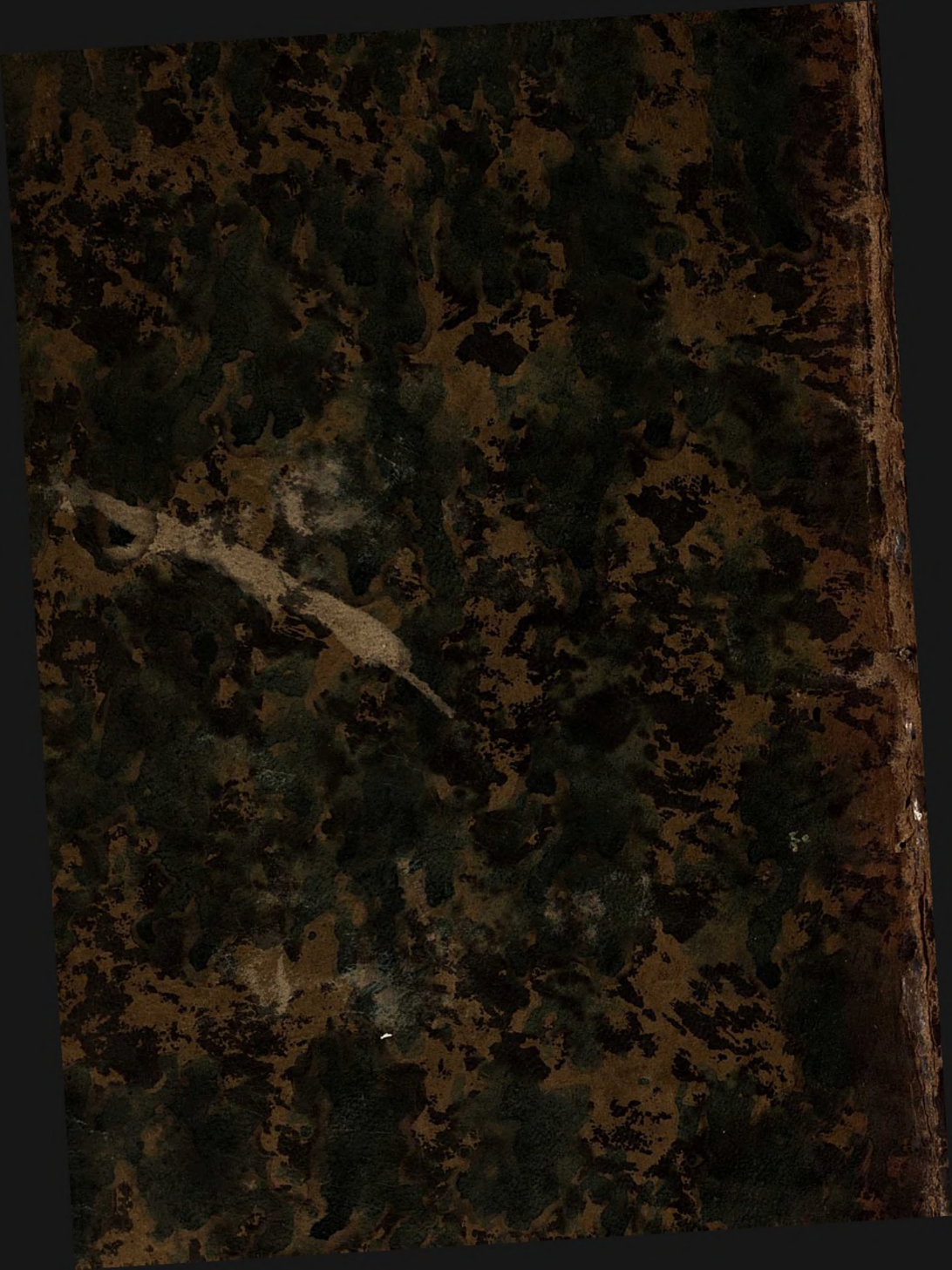
*Veſtido.* Muitos diſfarçam as miſerias da ſua neceſſidade com o ſuperficial adorno do traje. 62. As gallas dos veſtidos ſem cabedaes, ſam accidentes ſem ſubſtancia. 64. Os que gaſtam a ſua fazenda na pompa dos veſtidos, comparados com a polvora. 65. Muitos tiram â boca, o que dam ao luxo. 66. Excello do luxo nos veſtidos. H.

*Vicio.* A todas as idades, & eſtados eſtá annexo algum vicio particular. 59.

*Vida.* Porque razam, Deus humanado nam quiz huma morte acelerada, nem huma vida eterna. 11. A vida humana eſtá ſugeita á morte natural, & á morte moral. 121. Extravagantes cautelas de alguns para a conſervaçam da vida. 276. Eſta vida he huma Comedia. 278. Tem os homens a vida como depoſito, & nam como juro. 281. Para diſpôr dos bens da vida, nam ha tempo mais intempeſtivo, que a hora da morte. 282. O primeiro dia do mundo nos faz conhecer, que ninguem ſe póde aſſegurar hum ſó dia de vida. 299. Quem foi o primeiro, que deu ao homem eſperanças de huma vida dilatada. 300.

*Virtude.* Mais realça a virtude no tempo, em que mais domína o vicio. 50. He a virtude tam digna de eſtimaçam, que os ſeus

meſmos inimigos a veneram. 74.
*Vontade.* Vontade humana comparada com huma Princeza cega. 40. Eſta Princeza cega ha de ſer guiada por tres Damas. 42. He preciſo que ſaiba o entendimento, primeiro que a vontade determine. 46. As inconſtancias da noſſa vontade, ſam effeitos da noſſa ignorancia. 47. Póde a vontade peccar, querendo o que Deus quer. 58.

# LAVS DEO.

LAVS DEO